



PRINCE
D. JOZE PRINCIPE
DO BRAZIL.

AVENTURAS
DE
TELEMACO,

TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ,

*A que se ajuntão algumas Notas Mytho-
logicas, e Allegoricas para intelligen-
cia do Poema.*

DEDICADAS
AO SERENISSIMO
PRINCIPE DO BRASIL;

POR
JOAQUIM JOSEPH CAETANO
PEREIRA E SOUSA,

Advogado da Casa da Supplicação;

TOMO I.



L I S B O A

Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LXXXVIII.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre
o Exame e Censura dos Livros.*

FOi taxado este livro a quatrocentos e oitenta reis em papel. Meia 7 de Agosto de 1788.

Com tres Rubricas;



Serrenimus Rossi deliv. Sculp. Roma

SERENISSIMO SENHOR.



*Uma Obra destinada a
formar hum Rei perfeito, deve ser dedi-
cada a hum Principe Successor do Reino.
Este*

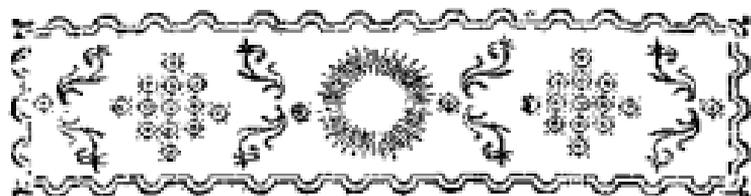
Este Poema Epico he hum chefe de obra da Moral mais pura , e da mais segura Politica. Entre os differentes caracteres , que nelle se descrevem , naõ ha algum , que naõ inspire o horror do vicio , ou o amor da virtude. Neste Livro achará V. ALTEZA as excellentes Maximas de reinar , com que foi instruida a sua feliz Educaçaõ. E pela sua liçaõ se confirmará nos sentimentos de humanidade , e de justiça , que illustraõ a sua grande Alma. Venturosa a nossa Naçaõ , que tem justa razãõ de esperar em V. ALTEZA hum verdadeiro Telemaco.

De VOSSA ALTEZA

O mais obediente vassallo, e humilde Criado.

Joaquim Joseph Cassiano Pereira e Souza.

A V E N .



AVENTURAS DE TELEMACO.

LIVRO I.


SAUDOSA Calypso (1) não podia
 Do retiro de Ulysses (2) consolar-se.
 Conternada tomava por desgraça
 Ser immortal. O seu ameno canto
 Não resoava já na sua gruta.

Tom. I.

A

Não

(1) Calypso, Deosa do segredo, filha de Atlas, e de Thetis. Era Rainha da Ilha Ogigia, onde recolheu a Ulysses depois do seu naufragio.

(2) Ulysses filho de Laerte e Anticleia, era Rei de Itaca. Tiveo por esposa Penelope, filha de Icaro, da qual nasceu Telemaco.

Não se atreviaõ a fallar-lhe as Ninfas ,
 Que lhe faziaõ corte. Paileava
 Humas vezes sózinha sobre a relva ,
 Com a qual matizava a sua Ilha
 Perpetua primavera. Porém estes
 Bellos lugares , longe de abrandarem
 A sua saudade , lhe avivavaõ
 A lembrança de Ulyffes , que tivera
 Tantas vezes alli junto a seu lado.
 Outras vezes immovel se esquecia
 Junto ás margens do mar , que ella regava
 Com suas ternas lagrimas , voltada
 Continuamente para o sitio , aonde
 O navio de Ulyffes a seus olhos
 Fendendo as crefpas ondas se escondera.
 Mas de repente divisoa destroços
 De hum navio que tinha naufragado ;
 Bancos despedaçados , sobre a arêia
 Aqui alli dispersos remos , logo (cia.
 Hum leme , hum masto , e a boiante enxar-
 Depois dois homens descubrio ao longe ;
 Anciaõ hum delles, outro, inda que moço,
 A Ulyffes parecido ; porque tinha
 Com a sua doçura e gravidade
 O seu andar e gesto magestoso.
 A Deosa conhecco , que era Telemaco ,
 Filho daquelle heróe ; porém vencendo
 Os Deoses aos mortaes na intelligencia ,
 Ella :

Ella não pôde descobrir quem fosse
 Este homem veneravel , que o seguia.
 Porque os Deoses maiores aos menores
 Occultaõ o que querem ; e Minerva (3)
 De Mentor (4) na figura disfarçada ,
 Não queria a Calypso descobrir-se.
 Mas Calypso estimava este naufragio,
 Que á sua Ilha o filho conduzira
 De Ulysses , a seu Pai taõ similhante.
 Sahindo-lhe ao encontro , e affectando
 Não saber quem elle era , assim lhe disse :
 Quem sois , q' ousais entrar na minha Ilha ?
 Estrangeiros , sabeí que em meus dominios
 Não entra algum mortal sem ser punido.
 Com estas expressões ameaçadoras
 Disfarçava a alegria de seu peito ,
 Que reluzia a seu pezar no rosto.
 Quem quer que sois , Telemaco responde ,
 Ou Deosa ou mortal , inda que ao ver-vos
 Ninguem vos negará o ser divino ;
 Podéis ser infentivel á desgraça

A ii

De

(3) Minerva , Deosa das Artes e Sciencias. He a mesma Pallas , que os Poetas fingem nascida do cerebro de Jupiter.

(4) Mentor era hum amigo de Homero , a quem este para eternizar o seu nome collocou na Odyssa. O Author do Telemaco finge que Mentor era a mesma Minerva disfarçada na figura deste ancião.

De hum filho grato , q̃ a seu Pai buscando
 A' discreção dos ventos e das ondas ,
 Vio quebrar nessa Costa o seu navio ?
 Quem he pois vosso Pai ? lhe torna a Deosa.
 Chama-se Ulysses , responde Telemaco :
 He hum dos Reis , q̃ destruíraõ Troia (5)
 Depois de hũ cerco de dez annos. Na Asia ,
 E na Grecia foi celebre o seu nome
 Por sua valentia nos combates ,
 E por sua prudencia nos conselhos.
 Agora errante na extensaõ dos mares ,
 Corre todas as Syrtes mais terriveis.
 Foge diante delle a sua patria.
 Penelope sua esposa , e eu seu filho
 Naõ esperamos mais tornar a vello.
 Eu o busco por entre os mefinos riscos :
 E elle talvez do mar jaz sepultado
 Nos profundos abyssos. Ah ! piedade
 Tende de nossos males ; e se acaso
 Vós , ó Deosa , sabeis o que os destinos.
 Fizeraõ por salvallo , ou por perdello ,
 Dizei-o a Telemaco seu filho.
 Admirada Calypso , e enternecida
 De ver n'huma taõ tenra mocidade

Tanta

(5) Troia Cidade populosa da Asia Menor nas
 Costas do mar Egéo , hoje Archipelago.

Tanta belleza e discriçaõ , (6) seus olhos
Naõ fartava de vèllo ; e no silencio
Se conservava : mas em fim lhe disse :
Telemaco , depois os varios casos
De Ulysses vos direi , porque he comprida
A sua historia. Agora das passadas
Lidas he tempo que tomeis descanso :
Vinde á minha pousada , onde benigno
Agasalho tereis ; como meu filho.
Meu consolo sereis neste retiro ;
E eu prometto fazer vossa fortuna :
Assim saibais aproveitarvos della.
A Deosa caminhava , acompanhada
De huma turba de Ninfas ; mas o côlo
Elevava sobre ellas , como hum grande
Carvalho eleva os seus frondosos ramos
Acima dos arbustos , que o rodeiaõ.
Telemaco seguindo-a se assombrava
Do resplendor da sua formosura ,
Da preciosa purpura das roupas

Lar-

(6) Esta discriçaõ encerra hum breve elogio das boas qualidades do Duque de Borgonha : o qual na mais tenra mocidade mostrava já tanta sabedoria , e prudencia , que se esperava viesse a ser algum dia hum Príncipe completo. Chamava-se Luiz como o Rei seu Avô ; e foi Delfim de França depois da morte do Príncipe. Nasceu em 6 de Agosto de 1682. e morreu em 12 de Fevereiro de 1711 , aos 29 annos de idade.

Largas e roçagantes , dos cabellos
Atrás atados negligentemente ,
Mas com graça , do fogo que sahia
De seus olhos gentís , e da doçura
Que temperava a natural viveza.
Mentor c'os olhos baixos , e guardando
Hum modesto silencio , hia após elle.
Chegão á porta da miúgoza gruta ,
Onde se via em rústica apparencia
Tudo que póde ser encanto aos olhos.
Naõ havia nem marmore , nem prata ,
Nem ouro , nem columnas , nem estatuas :
Porém era na rocha aberta a gruta
Em abobadas cheias de conchinhas.
Estava alcatifada de parreiras
Tenras , que pelos lados estendião
Os seus rasteiros ramos igualmente.
Neste lugar os Zefiros suaves
Conservavaõ do Sol contra os ardores
Deliciosa frescura. Com mormurio
Agradavel correndo claras fontes
Em prados semeados de amarantho ,
E de violetas , em diversos sitios
Fortuavaõ lagos de agua pura e clara ,
Como o cristal. De mil nascentes flores
Estava matizada a verde relva ,
Que rodeava a gruta. Alli havia
Huma floresta de arvores copadas ,
Cujos.

Cujos pomos são de ouro , e que renovaõ
 Todas as estações a flor , que espalha
 Hum suave perfume. Esta floresta
 Parecia coroar os bellos campos ;
 E formava huma noite aos claros raios
 Do Sol impenetravel. Não se ouviaõ
 Alli senaõ das aves os gorgeios ,
 Ou o rumor de hum rio , que corria
 Precipitado de escarpada rocha
 Em grossos borbotões de branca espuma ;
 E que fugia atravessando o prado.
 Da Deosa a gruta estava no recosto
 De hum outeiro. Dalli o mar ao longe
 Se divisava ; ás vezes claro e unido
 Como o cristal , ás vezes loucamente
 Contra os rochedos agastado , aonde
 Se quebrava bramindo , e levantando
 As suas ondas como erguidos montes.
 A' quem huma ribeira ilhetas varias
 Formava , orladas de floridos teixos ,
 E de altos chõpos , q̃ entre as nuvens densas
 As soberbas cabeças occultavaõ.
 Os canaes , que as formavaõ , pareciaõ
 Brincar no fresco prado. Alguns as agoas
 Com rapidez rolavaõ , outros tinhaõ
 Huma corrente mansa e adormecida.
 Outros por longas voltas defendavaõ ,
 Tornando á sua fonte ; naõ querendo
 Aban-

Abandonar estas felizes margens.
Divisava-se ao longe altas colinas,
E montanhas erguidas té ás nuvens,
Cuja rustica forma hum horizonte
Agradavel aos olhos figurava.
Cubriaõ as vizinhas ferranias
Pampanos-verdes em festões pendentes.
As uvas mais lustrosas do que a purpura
Naõ podiaõ nas folhas occultar-se,
E as vides para o chaõ vergar faziaõ.
As arvores fructiferas no campo
Formavaõ hum pomar gracioso e vasto.
Tendo mostrado a Deoa todas estas
Bellezas naturacs, disse a Telemaco:
Agora descançai: vossos vestidos
Estão molhados: de os mudar he tempo.
Vós me vereis depois para contar-vos
Casos, que haõ de mover o vosso peito.
No mesmo tempo lhe ordenou que entrasse
Com Mentor no lugar mais retirado
De huma grua vizinha áquella, aonde
Assistia Calypso. As Ninfas tinhaõ
Feito neste lugar hum grande fogo
Com páos de cedro, que suave cheiro
Espalhavaõ por hum e outro lado.
Tambem tinhaõ deixado alli vestidos
Para os seus novos hospedes. Telemaco
Quando vio que lhe tinhaõ destinado

Humna

Huma tunica , feita de lã fina ,
 Mais alva do que a neve , juntamente
 Com hum manto de purpura , bordado
 De fino ouro , concebo o gosto (vá
 Que he natural n'hum moço, quando obser-
 Tanta magnificencia. Então lhe disse
 Mentor com hum tom grave. Mas q̃ he isto
 Telemaco ? São estas as idéas ,
 Que o forte coração occupar devem
 Do filho de hum heróe ? Ah ! cuidai antes
 Em sustentar de vosso Pai a fama ,
 E rebater os males que vos cercaõ.
 Hum moço , a quem agrada ataviar-se
 Como mulher , não he digno da gloria ,
 Nem da sabedoria. Só se deve
 A gloria áquelle coração , que soffre
 Os trabalhos , e aos pés piza os prazeres.
 Telemaco responde suspirando : (7)
 Fazei-me antes morrer , eternos Numes ,
 Do que eu consenti , que o deleite torpe ,
 E o appetite occupem a minha alma.
 Não , não ; eu não ferei já mais vencido
 Dos

(7) Tudo o que diz aqui Telemaco , he proprio do caracter do Duque de Borgonha. Este Principe mostrava huma severidade tão austera , que o Rei seu Avô o temia , e se occultava delle , quando queria fazer alguma despesa para facisfazer ao luxo , ou ao appetite.

Dos attractivos de huma vida molle
E affeminada. Mas dizei-me , donde
Nos veio esta ventura de encontrarmos
Esta bella mortal , ou esta Deosa
Que nos enche de bens ? Temei , replica
Mentor , q̃ esses seus bens se tornem males :
Temei suas doçuras enganosas
Mais que os cachopos que o navio abriraõ.
Saõ mais funestos q̃ o naufragio e a morte
Os prazeres , que encontraõ a virtude.
Naõ deis credito logo aos seus discursos.
A mocidade he muito vaidosa ,
E por isso de si tudo confia.
Ella creê poder tudo , inda que fragil ,
E naõ ter nada que acautele. Em tudo
Se confia ligeira , e fem ter dantes
Tomado precauçaõ. Vós de Calypso
Naõ escuteis as vozes lisongeiras ,
Que calaõ pelo peito , qual serpente
Rompe por entre as flores. Temei este
Escondido veneno. De vós mesmo
Desconfiai , tomando os meus conselhos.
Depois tornáraõ junto de Calypso ,
Que já os esperava. As bellas Ninfas
Ennastrados de flores os cabellos ,
E de alvissimas roupas adornadas ,
Serviraõ logo simplesces manjares ,
Mas exquisitos pelo gosto e affeio

Naõ.

Não havia na meza outras viandas
Mais que as aves , que tinhaõ apanhado
Nos laços , ou as feras , que ferido
Tinhaõ na caça com agudas frechas.
Corria hum vinho mais que o nectar doce
De altos vasos de prata em taças de ouro .
Coroadas de flores. Quantos fructos
Promette a primavera , e o fresco outono .
Espalha sobre a terra ; e alli viciaõ
Em asscados cestos. Entãõ quatro
Formosas Ninfas a cantar começaõ.
Cantáraõ os combates dos Gigantes
Contra os Deoses celestes. Depois disto
Os amores de Jove e de Semele ,
De Bacco o nascimento , e a conducta
De Silenõ seu guarda , e de Atalanta
A carreira , na qual o moço Hypomenes
A vencera em razaõ dos pomos de ouro
No jardim das Hesperides colhidos.
Em fim de Troia foi cantada a guerra ,
D'Ulysses os combates , e a prudencia
Exaltaraõ aos Ceos. Das bellas Ninfas
A primeira por nome Leucotoe
Junton as vozes da sonora lyra
Das mais ao doce canto. Ouvindo o nome
De seu Pai , a Telemaco saltaraõ
Sobre as fâces as lagrimas , que davaõ
A' sua gentileza hum novo lustre.

Calypso reparou que lhe impedia
A tristeza o comer. A's suas Ninfas
Fez hum sinal ; e logo dos Centauros
Os combates cantaraõ c'os Lapithas ,
E de O:feu a descida ao negro Averno
Para livrar Eurydice. Acabado
O banquete, a hum lado retirando
A Telemaco, a Deosa assim lhe disse :
Filho do grande Ulysses , vós bem vedes.
Como benigna vos acolho. Eu tenho
Hum ser divino ; e os mortaes naõ podem
Na minha Ilha entrar sem ser punidos
Do seu arrojo. Contra as minhas iras
Naõ podia abrigarvos o naufragio ,
Se logo que vos vi , naõ vos amasse.
Ulysses , vosso Pai , teve esta dita ;
Porém della naõ soube aproveitar-se.
Retive-o nesta Ilha. Pendeo d'elle
N'hum estado immortal viver comigo.
Mas a cega paixãõ de ir ver a patria ,
A miseravel patria , estas vantagens
Fez qu'elle desprezasse. Vós bem vedes
Tudo o que elle perdeo aqui por Itaca
Onde naõ tornará. Abandonou-me
Porque quiz : mas partindo , fui vingada
Por huma tempestade. O seu navio
Foi ludibrio dos ventos muito tempo :
Depois foi entre as ondas submergido.

Apro-

Aproveitai-vos de taõ triste exemplo.
 Depois do seu naufragio , vós naõ tendes
 Mais que esperar , nem já tornar a vello ,
 Nem já tambem reinar na Ilha de Itaca.
 Consolai-vos aqui de o ter perdido ;
 Pois achais huma Deosa que se inclina
 A fazer-vos feliz , e vos entrega
 Com sua maõ hum Reino. A Deosa a estas
 Palavras ajuntou largos discursos
 Por mostrar quanto Ulysses tinha sido
 Junto della feliz. Ella lhe conta
 As suas aventuras na caverna
 De Polyfemo , Cyclope , e de Antiphates ,
 O Rei dos Lestrigões ; e naõ lhe esquecem
 Os casos da península de Circe ,
 Filha do Sol ; e os perigos , que correrá
 Entre Scylla , e Caribdis. (8) Representa
 A ultima tormenta , que Neptuno
 Lhe excitara ao partir da sua Ilha.
 Quiz fazer-lhe entender , que elle morrera
 Neste naufragio , e supprimio por isso
 Ter aportado á Ilha dos Feaces (9).
 Telemaco porém , que no principio
 Se abandonara incautamente ao gosto

De

(8) Scylla , e Caribdis são duas rochas , que seão á entrada do estreito de Sicilia.

(9) A Ilha dos Feaces he Corcyra , ou Corfu , chamada antigamente Scheria.

De ser taõ bem tratado de Calypso ,
Conhecendo-lhe agora o artificio ,
E os prudentes conselhos que lhe dera
Mentor ; assim responde em breves termos :
O' Deosa , desculpai a minha magoa.
Só affligirme he quanto posso agora.
Pôde fer que depois tenha mais força
Para me aproveitar desta fortuna ,
Que me offerceis. Deixai-me a triste morte
Lamentar de meu Pai. Vós sabeis tanto
Como eu , quanto he credor de ser chorado.
Naõ se atreueo a instar-lhe mais Calypso :
Antes fingio na magoa acompanhallo ,
E enternecer-se por seu pai Ulysses.
Mas para conhecer melhor os meios
De lhe attrahir o coração , pedio-lhe
Que lhe contasse como naufragara ,
E porque casos veio á sua Ilha.
Fora , diz elle , das desgraças minhas
A narraçãõ comprida. Naõ , a Deosa
Lhe replica , eu naõ posso de sabellas
Os desejos conter ; contai-mas logo.
Instou por muito tempo. Em fim naõ pôde
Elle mais escusar-se ; e assim começa :
Eu parti de Itaca a pedir noticias
De meu Pai aos mais Reis, que tinhaõ vindo
Do longo sitio da soberba Troia.
Assombrou o meu subito retiro

Os amantes de minha Mãe Penelope ,
A quem o encubri , sua perfidia
Conhecendo. Nestor (10) é eu vi em Pilos,
E Menelao (11) de quem fui em Esparta
Recebido com mostras de amizade ,
Não souberão dizerme se era vivo
Meu Pai. Cansado de viver na duvida ,
E na incerteza , resolvi buscá-lo
Na Ilha de Sicilia , aonde ouvira
Que o haviaõ lançado os rijos ventos ;
Mas o sabio Mentor , que está presente ,
Se oppoz ao meu projecto temerario.
Representou-me de hũa parte os Cyclopes ,
Gigantes monstruosos , que devoraõ
Os homens ; d'outra parte dos Troianos
A armada , que cruzava aquelles mares.
Estes Troianos , me dizia elle ,
Estão irados contra os Gregos todos ;
E do filho de Ulysses haõ de o sangue
Com gosto derramar. Tornai a Itaca ,
Continuava entãõ ; talvez que Ulysses,
Que os Deoses amaõ tanto , ahi se ache
Tãõ cedo como vós. Mas se o destino
Tem

(10) Nestor filho de Neleo , e Chlorida , hum dos Reis alliados , que forãõ ao cerco de Troia.

(11) Menelao filho de Atreu , e de Érope. Casou com Helena filha de Jupiter , e Leda , cujo roubo foi causa da guerra de Troia.

Tem resolvido a sua perda ; se elle
Nãõ tem de tornar mais á sua patria ;
Compete-vos ao menos ir vingallo ,
Livrar a vossa Mãi , aos vossos povos
Diçtar prudentes leis , e a toda a Grecia
Mostrar em vós hum Rei de reinar digno ,
Como Uiyffes o foi. Este conselho
Era saudavel ; porém eu nãõ tive
Docilidade de abraçallo. Ouvia
Só a minha paixãõ. Amou-me tanto
Mentor , que me seguiu n'huma viagem
Que emprendi temerario , desprezando
Seu sabio parecer. Porém os Deoses
Quizerãõ que eu entãõ obrasse hum erro ,
Que devia servir de corregirme
Da minha presumpçaõ. Em quanto estava
Telemaco fallando , olhava attenta
Para Mentor Calypso , que admirada
Lhe achava alguma coisa de divino ;
Mas nãõ desenvolveia os seus confusos
Pensamentos. Ficou de temor cheia ;
Mas porque nãõ notassem no seu rosto
A sua turbaçaõ , fallou desta arte :
Continuai , satisfazei a minha
Curiosidade. Proseguiu Telemaco :
Tivemos muito tempo hum favoravel
Vento para Sicilia ; mas a negra
Tempestade depois aos nossos olhos

Rou-

Acobou o Ceo ; e fomos envolvidos
N'uma noite profunda. Divisámos
A claração dos relampagos expostas
D'outras embarcações ao mesmo p'riço ;
E conhecemos logo ser a armada
Do valeroso Eneas. Ella era
Temível para nós como os rochedos :
Estrão comprehendí, mas muito tarde ;
O que não meditei attentamente
Feio ardor da imprudente mocidade.
Mentor mostrou-se neste p'riço extremo
Não só firme e intrepido , mas inda
Alegre muito mais que o seu costume.
Eile nos animava. Em mim sentia
Huma força invencível inspirada
Por seu exemplo. Dava as ordens todas
Mentor ; pois ao Piloto o frio susto
As vozes embargava. Eu lhe dizia :
Meu amado Mentor , por qual motivo
Recusei abraçar vossos conselhos ?
Fui eu tão infeliz , que confiasse
Só em mim mesmo n'uma idade , aonde
Não ha meditação para o futuro ,
Falta a moderação para o presente ,
Nem existe a memoria do passado ?
Oh ! se nós escaparmos desta horrivel
E feia tempestade , de mim mesmo
Sempre desconfiarei , como se fosse

Meu maior inimigo ; e desde agora
 Minha guia ferá vossos dictames.
 Mentor me respondeo com hum sorriso :
 Não he agora tempo de exprobrar-vos
 O erro que fizestes ; pois me sobra
 Que o conheçais , e que de exemplo sirva
 Para mais reportar vossos defejos ;
 Porém passado o susto , talvez logo
 A presumpção virá. Agora importa
 Cobrar animo. Em quanto se acha longe
 O perigo , he necessario acutelallo ,
 E temello ; mas quando está presente,
 Não resta mais , que desprezallo. Sede
 Digno filho de Ulysses. Mostrai sempre
 Hum coração maior do que as desgraças
 Que vos assombrao. A doçura e esforço
 De Mentor me encantarao. Admirado
 Ainda mais fiquei , presenciando
 Com que destreza nos livrou da armada
 Dos inimigos. No momento quando
 O Ceo principiou a esclarecer-se ,
 E os inimigos vendo-nos de perto
 Não deixariao de reconhecer-nos ;
 Observou que hum dos seus navios era
 Aos nossos semelhante , que atormenta
 Tinha apartado. A poppa era enfeitada
 De coroas de flores. Apressou-se
 A por na nossa poppa de outras flores

Milhantes coroas , e bandeiras
 Das mesmas cores que as dos inimigos.
 E ordenou a todos os remeiros ,
 Que ao longo de seus bancos se escondessem
 Por não serem assim reconhecidos
 Dos Troianos , de cuja frota em meio
 Deste modo passámos. Levantáraõ ,
 Quando nos viraõ , gritos de alegria ,
 Fazendo recobrar os companheiros ,
 Que julgavaõ perdidos. Obrigou-nos
 Das ondas a violencia muito tempo
 Acompanhallos , mas por fim ficámos
 Hum pouco atrás ; e em quantõ impetuosos
 Os ventos os levaraõ para Africa ,
 Nos á força dos remos abordámos
 Na Costa de Sicilia. Mas não menos
 Nes era ella funesta , do que a frota
 Que fugir nos fazia. Alli achámos
 Outros Troianos inimigos nossos.
 Alli tinha seu reino o velho Acestes (12)
 Que viera de Troia. Sobre a praia
 Apenas aportámos , quando todos
 Os habitantes creraõ , que outros povos
 De mesma Ilha feriaõ destinados
 Ao fim de os soprezar , ou estrangeiros ,

B ii

Que

(12) Acestes Rei da Sicilia , era filho de Criniso de Sicilia , e de Egesta Dama Troiana.

Que lhes vinhaõ tomar as suas terras.
 Correm ás armas , queimaõ o navio
 No primeiro furor ; todos os nossos
 Assassinaõ depois. Só exceptuaõ
 A mim , e a Mentor ; e nos conduzem
 A' presença do Rei , para inquirir-nos
 Quaes tinhaõ sido os nossos pensamentos
 E de que parte vinhamos. Entrámos
 Nas ruas da Cidade sobre as costas
 Os braços maniatados. Retardaraõ
 A nossa morte só para servirmos ,
 De espectáculo alegre ao cruel povo ,
 Quando soubesse que eramos da Grecia.
 Presentados em fim fomos a Acestes ,
 Que na maõ empunhando hñ cetro de ouro
 Julgava os povos , e se apercebia
 A hum grande sacrificio. Elle pergunta
 Com hum modo severo a nossa patria ,
 E da nossa viagem o motivo.
 Apreffou-se Mentor a responder-lhe ,
 E lhe disse : Viemos lá da costa
 Da grande Hesperia , e naõ he distante
 Dalli a nossa patria ; naõ querendo
 Dizer que eramos Gregos. Mas Acestes
 Sem escutarnos mais , e suspeitando
 Sermos alguns piratas , passou ordem
 Para servirmos como vís escravos
 Aos maiores dos gados , que pasciaõ

Nas.

Nas visinhas campinas. Parecco-me
 Tal condiçãõ mais dura do que a morte ;
E exclamei deste modo : O' Rei , fazei-nos
 Antes morrer ; mas taõ indignamente
 Naõ nos trateis. Sabei , que sou Telemaco
 Filho do grande Ulysses , Rei de Itaca.
 Balco a meu Pai errante sobre os mares.
 Já que naõ posso achallo , nem á patria
 Tornar , nem evitar o captiveiro ,
 Tirai-me a triste a vida , que naõ posso
 Já sopportar. Apenas estas vozes
 Proferi , alterado grita o povo ,
 Que morra o filho do cruento Ulysses ,
 Por cujos artificios destruida
 Fora a famosa Troia. O' Telemaco ,
 Me diz Acestes , recusar naõ posso
 O vosso sangue aos Manes dos Troianos ;
 Que vosso Pai precipitou nas ondas
 Do medonho Cocyto. Vós , e aquelle
 Que vos conduz , acabareis a vida.
 Da turba hũ velho ao Rei propoz o sermos
 Immolados no tumulo de Anchifes. (14)
 Agradavel será , disse , o seu sangue
 A' sombra deste Heróe. O mesmo Eneas
 Ten-

(14) Anchifes era Pai de Eneas : e com elle
 salvou das ruinas de Troia. Foi sepultado em
 Illia no monte Eryce por Eneas , e Acestes.

Tendo noticia deste sacrificio ,
 Satisfeito será de ver o quanto
 Vos deve o que elle mais prezou no mundo.
 Todo o povo applaudo este discurso ;
 E não cuidáraõ mais que de immolar-nos.
 Já tinhamos diante a fria urna
 D'Anchises ; já se tinhaõ erigido
 Duas aras , aonde o sacro fogo
 Ardia ; estava á nossa vista o ferro ,
 Que devia ferir-nos ; já nos tinhaõ
 Corcado de flores. Não podia
 Piedade alguma a vida defender-nos.
 Miantos a morrer : quando em socego
 Mentor pedindo a Acestes ser ouvido , (to
 Lhe disse : O' Rei , pois não te abráda o pei-
 A triste sorte deste moço Principe ,
 Que já mais esgrimio contra os Troianos
 As suas armas , mova-te o teu proprio
 Interesse. A sciencia dos presagios
 E das tengões dos inviolaveis Numes
 Me faz presente , que antes de tres dias
 Assaltados fereis por povos barbaros ,
 Que viráõ , qual torrente impetuosa ,
 Do cume das montanhas a Cidade
 Inundar , e o paiz cubrir de citragos.
 Procurai prevenillos ; ponde os povos
 Seguros sobre as armas ; hum momento
 Não tardeis em meter dentro dos muros

Os ricos gados , que trazeis nos campos.
E for acaso falso o vaticinio ,
Livres fereis de nós dentro em tres dias :
Mas se for verdadeiro , entaõ vos lembre
Que naõ deveis tirar a vida áqueelles ,
A quem os mais a devem. Fica Accites
Fóra de si , ouvindo estas palavras ,
Que dizia Mentor com inteirca
Taõ grande , qual naõ vira em algõ homem
Estrangeiro : eu conheço , lhe diz elle ,
Que os Numes naõ vos dando da fortuna
Os dons , vos deraõ divina sciencia ,
Mais estimavel do que os bens terrenos.
Mandou suspender logo o sacrificio ;
E diligente as necessarias ordens
Expedio para o fim de prevenir-se
O assalto que esperava. Em toda a parte
Se viaõ as mulheres affustadas ,
Os velhos encurvados , os meninos
Com o pranto nos olhos , vir fugindo
Para a Cidade. De tropel corriaõ
As manadas de vacas mugidoras ,
E de ovelhas balantes , que deixando
Suas vastas pastagens , naõ achavaõ
Onde abrigar-se. De confusas vozes ,
Que se empeçavaõ sem se perceberem ,
Se ouvia em toda a parte hum rumor vago.
No tumulto tomavaõ por amigos

Inda

Inda os desconhecidos , e corriaõ
 Sem saber para onde. Da Cidade
 Os principaes suppondo-se mais sábios
 Creraõ ser de Mentor o vaticinio
 Huma impostura por salvar a vida.
 Mas no fim do terceiro dia , em quanto
 Os occupavaõ estes pensamentos ,
 Se vio na quêda dos visinhos montes
 Hum turbilhão de escuro pó ; e logo
 Se descobrio de barbaros armados
 Innumeravel tropa. Eraõ de Himeria (14)
 Povos salvagens , e as Nações que habitãõ
 Sobre os montes Nebrodes , e no cume
 Do Agragas , onde reina triste inverno ,
 Que os Zefiros já mais adeçar podem.
 Todos quantos haviaõ desprezado
 A profcçia de Mentor , perderãõ
 Seus rebanhos e escravos. O Rei disse
 A Mentor : Eu me esqueço que sois Gregos.
 Os nossos inimigos se tornaraõ
 Nossos fiéis amigos. Pelos Deoses
 Vós fostes enviados a salvar-nos.
 Espero que o valor de vossos braços
 Seja igual á prudencia dos conselhos.
 Apressai-vos por tanto a soccorrer-nos.
 Mentor mostra em seus olhos huma audacia
Que

(14) A Cidade de Himeria era na Sicilia ao Poente do rio desse nome.

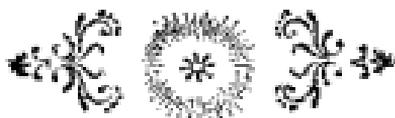
Que espanta os mais ferozes combatentes.
De escudo, capacete, espada, e lança
Se arma, e dispoem de Acestes os Soldados.
Marcha na sua frente; e em boa ordem
Arança denodado aos inimigos.
Ainda que brioso, o Rei não pôde
Por sua muita idade acompanhallo,
Senão de longe. Eu de mais perto o sigo;
Mas não pude igualar o seu esforço.
O seu escudo no cruel combate
Se parecia á immortal Egide. (15)
De fileira em fileira vóa a morte,
Por onde descahião os seus golpes.
Qual Leão de Numidia, a quem a fome
Cruel devora, entrando n'hum rebanho
De ovelhas pusillanimes degolla,
Nada no sangue, e os rusticos pastores,
Longe de as soccorrer, tímidos fogem,
Por se esconder ao seu furor cruento;
Estes barbaros povos que esperavaõ
Soprezar a Cidade, foraõ antes
Elles mesmos soprezos e desfeitos.
Os vassallos de Acestes animados
De Mentor pelo exemplo, e pelas vozes,
Tiveraõ hum vigor, de que elles mesmos
Não

(15) A Egide era o escudo de Jupiter. Deu-o a Pallas, que poz nelle a cabeça de Medusa, cuja vista convertia os homens em pedras.

Não se criaõ capazes. Eu o filho
 Do Rei dos inimigos com meu braço
 E lança derribei. Elle feria
 Da minha idade, mas do que eu mais alto;
 Porque este povo vinha de huma raça
 De gigantes, que tem a mesma origem
 Que os Cyclopes. Olhava com desprezo
 Hum inimigo ao seu pensar taõ fraco:
 Mas eu sem cobrar medo á sua força
 Prodigiosa, e ao seu ar salvagem
 Contra o seu peito arremessei a lança,
 Que lhe fez vomitar a feroz alma
 Envolta em negro, e fumegante sangue.
 Elle quando cahio, hia a esmagar-me.
 Retinio o fragor das suas armas
 Té ás montanhas. Fiz de seus despojos
 Preza; e com elles fui buscar Acestes.
 Tendo desordenado os inimigos,
 Mentor os derrotou indo no alcance
 Dos que fugiaõ pelo bosque espesso.
 Este successo inesperado trouxe
 A Mentor fama, e creditos de hum homem
 Querido, e inspirado pelos Deoses.
 Acestes grato ao nosso beneficio
 Nos advertio que estavamos em p'riço
 Se os navios de Eneas a Sicilia
 Tornassem. Deu-nos hum para voltarmos
 A' nossa patria. Ricos donativos

Nos

Nos fez ; mas apressou-nos a partida
Para nos atalhar os infortunios ,
Que previa prudente. Não quiz dar-nos
Fleto , nem remeiros do seu Reino ,
Por não aventurallos , se aportassem
Sobre as costas da Grecia ; porém deu-nos
Mercadores Fenicios , que commercio
Tendo com todas as Nações do Mundo ,
Navegavaõ seguros ; e estes mesmos
Reconduzir deviaõ o navio ,
Depois de nos haverem posto em Itaca.
Mas os Deoses , que zombaõ dos projectos
Dos homens , nos guardavaõ novos p'rigos.





L I V R O II.

PEla sua altivez tinhaõ os Tyrios
 Irritado Sefostris Rei do Egypto ,
 Que havia conquistado muitos Reinos.
 Fizeraõ-se orgulhosos estes povos
 Por seu grande commercio , e pela força
 De Tyro , sita sobre o mar. Negaraõ
 A Sefostris o imposto costumado ;
 E a seu Irnaõ , que quiz assassinallo
 Em meio de hum festim , mandaraõ tropas:
 Sefostris resolveo para abatellos
 Perturbar sobre os mares seu commercio.
 Por toda a parte andavaõ seus navios
 A' caça dos Fenicios. Nós apenas
 Os montes de Sicilia atrás deixámos ,
 Encontrámos de Egypcios huma frota.
 O porto , e a Cidade pareciaõ
 Fugir-nos , e entre as nuvens esconder-se.
 Vimos logo os navios dos Egypcios
 Chegar-se , figurando huma boiante
 Cidade. Assim que os viraõ , retirar-se
 Quizeraõ os Fenicios ; mas naõ era
 Já tempo. Eraõ melhores suas vélas ,
 Eraõ mais os remeiros , e benigno

Lhes

Lhes era o vento. Abordaõ; e nos levaõ
Prisioneiros de guerra para o Egypto.
Camei de balde, que eramos da Grecia,
E naõ Fenicios; porẽm mal me ouviraõ.
Elles nos reputaraõ por escravos,
Em que negociavaõ os Fenicios,
E naõ cuidaraõ mais que do interesse
De huma tal preza. Já do mar as agoas
Viamos branquejar pela mistura
Das aguagens do Nilo, e a longa costa
Do Egypto baixa como o mar. Chegámos
Depois á Ilha Faros, que he visinha
A' Cidade de Nò. Dalli o Nilo
Montámos até Memfis. Se da nossa
Escravidãõ a dor naõ nos fizesse
Insensiveis a todos os prazeres,
Seriaõ encantados nossos olhos
De ver esta do Egypto fertil terra,
Qual hum jardim ameno retalhado
De infinitos canaes. Nas duas margens
Se avistavaõ Cidades populosas,
Casas de campo em deleitosos sitios,
Terras todos os annos sem descanso
De fructos renovadas, prados cheios
De gados, lavradores opprimidos
Com o pezo dos fructos, que tirava
A terra voluntaria do seu seio,
Pastores, que faziaõ nos contornos

Soar o doce som das suas frautas.
 Feliz, (1) disse Mentor, aquelle povo,
 A quem rege hum Rei sabio; porque vive
 Na abundancia feliz, e ama aquelle
 A quem deve o seu bem. Assim Telemaco
 Deveis reinar, e dos vassallos vossos
 A alegria fazer, se ainda os Numes
 Vos fizerem gozar o Reino de Itaca.
 Amai os vossos povos como filhos,
 Comprazei-vos em ser amado delles,
 E fazei que elles nunca sentir possaõ
 Nem paz, nem alegria, sem lembrar-se
 Que de hum bom Rei recebem estes ricos
 Presentes. Esses Reis, que mais naõ cuidaõ
 Que em fazer-se temer de seus vassallos,
 Saõ dos humanos hum cruel açoite.
 Sim saõ temidos, como elles querem;
 Mas saõ aborrecidos, e do povo
 Tem mais que recear, do que este delles.
 Eu respondi: Ah! de reinar as maximas,
 Caro Mentor, agora naõ tratemos.
 Acabou para nós Itaca, e nunca
 Veremos mais a patria, nem Penelope.
 E quando o mesmo Ulysses glorioso
 Ao seu reino tornasse, naõ teria

O

(1) Aquí começa a instrucção dada ao Duque de Borgonha sobre o modo de reinar, por opposição ao que seguia Luiz XIV. seu Avó.

Prazer de me ver , nem eu o gosto
 Terei de obedecer-lhe , para delle
 Aprender a mandar. Mentor , morramos ;
 Não podemos ter outros pensamentos :
 Morramos ; já q̃ os Deoses ter não querem
 De nós piedade. Em quanto assim fallava ,
 Me cortavaõ as vozes meus profundos
 Saúpiros. Mas Mentor temendo os males
 Antes que acontecessem , não sabia
 Temellos , quando vinhaõ. Filho indigno
 Do grande Ulysses , exclamava elle ,
 Vós deixais-vos vencer de huma desgraça ?
 Sabei que haveis de ver inda alguma dia
 A Itaca , e Penelope ; e na sua
 Primeira gloria aquelle , que vós nunca
 Conhecestes ; Ulysses invencivel ,
 A quem fortuna contrastar não pôde ,
 E que em suas desgraças ; q̃ inda excedem
 As vossas , vos ensina a ser constante.
 Oh se soubesse nos remotos climas
 Para onde o arrojou a tempestade ,
 O grande Ulysses , que imitar seu filho
 Não sabe o seu valor , e soffrimento !
 De opprobrio o encheria esta noticia ;
 E lhe seria muito mais pezada ,
 Que as desgraças que soffre. Elle fazia ,
 Que eu notasse a alegria , e abundancia ,
 Espalhada de Egypto nas campinas ,

Aon-

Aonde se contavaõ vinte e duas
 Mil Cidades, e nellas admirava
 A policia, a justiça exercitada
 A favor dos humildes contra os ricos,
 A boa educaçãõ dos tenros filhos,
 Que alli se costumavaõ ao trabalho,
 E soffrimento, a cultivar as artes,
 Aos sacros ritos, e ao temor dos Numes.
 Naõ se cansava de admirar taõ bella
 Ordem. Feliz, (2) me repetia elle,
 O povo, a quem hum sabio Rei governa;
 E mais feliz o Rei, que a tantos povos
 Dá a felicidade, e acha a sua
 Em a propria virtude! Elle tem prezos
 Os homens pelo amor, laço mais forte
 Cem vezes que o do medo. Naõ sómente
 Lhe obedecem, mas amaõ-no; e bem longe
 De quererem que morra; tomem antes
 Per-

(2) Como o Delfin Pai do Duque de Borgonha foi educado segundo os principios do Bispo de Meaux totalmente diversos destes, o Author do Telemaco recorre a Allegoria para naõ parecer impugnar as maximas do seu Collega, que naõ deixou de resentir-se desta tacita reprehensãõ. Isto se conheceo na differença, que houve entre os dois Prelados a respeito do livro *Maximas des Saints*, em que o Arcebispo de Cambrai se distinguio tanto pela sua moderaçãõ, como o Bispo de Meaux pela dureza do seu zelo.

Pardello, e até darãõ por elle as vidas.
 Eu ponderando o que Mentor dizia,
 Sentia renascer no fundo d'alma
 Meu valor, á medida que este sabio
 Amigo me fallava. Apnas fomos
 Transportados a Memfis, mandou logo
 Da Cidade o Regente presentar-nos
 A Sciostris, seu Rei, o qual queria
 Examinar as coisas por si mesmo,
 E estava contra os Tyrios agastado.
 Subimos pois ainda acima o Nilo
 Té á famosa Thebas de com portas,
 Onde do grande Rei era a morada.
 Pareceo-nos que tinha esta Cidade
 Hum extensãõ immensa. Acha-se Thebas
 Mais povoada do que as mais florentes
 Povoações da Grecia. Alli se observa
 A perfeita policia pelo afeito
 Das ruas, pela expediçãõ das agoas,
 Peios commodos banhos, pelo ensino
 Das artes, pelo publico socego.
 As praças sãõ ornadas de obeliscos,
 E de fontes; os templos sãõ de marmore,
 De architectura simples, mas soberba.
 O Palacio do Rei he em si mesmo
 Hum vasta Cidade. Naõ se viaõ
 Alli mais, que de marmores columnas,
 Obeliscos, e colossaes estatuas,

E móveis de maciça prata , e ouro.
 Aquelles que nos tinhaõ captivado ,
 Ao Rei contaõ , que fomos n'hum navio
 De Fenicios achados. Elle ouvia
 Em cada dia , a reguladas horas ,
 Os vassallos , que tinhaõ que dizer-lhe
 Alguns avisos , ou fazer-lhe queixas.
 Ninguem defattendia; (3) e naõ julgava
 Ser Rei fenaõ para fazer ditosos
 Seus vassallos , que amava como a filhos.
 Recebia benigno os estrangeiros ,
 E gostava de ouvillos , affestando
 Que aprenderia sempre alguma coisa
 Proveitosa , informando-se dos usos ,
 E dos costumes das Nações remotas.
 Esta curiosidade deu motivos
 Para irmos ante o Rei , o qual sentado
 N'hum throno de marfim hã cetro de ouro
 Empunhava. Era velho , mas affavel
 E magestoso. Pim cada dia o povo
 Julgava com prudencia. Tendo o dia
 Gastado em regular dos seus Estados
 Os negocios , fazendo igual justiça ;
 Se divertia á noite ouvindo os homens

Sa-

(3) Este tratado de Sciostris he o de Philippe IV. Rei de Hespanha , Principe estimado por sua prudencia , e sabedoria , ainda que naõ foi sempre feliz nos seus projectos.

Sabios , e conversando com pessoas
Honradas que escolhia. Unicamente
Em toda a sua vida reprehensivel
Lhe foi o ter com fasto triumphado
Dos Reis , que avassallara ; e confiar-se
Demasiadamente a hum seu vassallo.
Meus poucos annos , minha acerba magoa
O enterneceraõ. Inquirio-me o nome ,
E a patria. A divinal sabedoria
Parecia fallar na sua boca.
Assim lhe respondi : O fatal cerco
Sabeis , ó grande Rei , que opprimio Troia
Dez annos , e a ruina da Cidade ,
Que custou tanto sangue a toda a Grecia.
Hum dos Reis principaes , que a destruireaõ ,
Foi Ulysses meu Pai , que sobre os mares
Errante recobrar naõ pode a Ilha
De Itaca , seu Reino. Eu o procuro ;
E huma desgraça semelhante á sua
Fez que eu fosse dos vossos prisioneiro.
Ah ! tornaine a meu Pai , e á minha patria :
Assim os Deoses para os vossos filhos
Se dignem conservar-vos , e fazer-lhes
Que sirvaõ a alegria de viverem
Junto de taõ bom Pai. Continuava
O Rei a olhar-me com maviosos olhos :
Mas quiz certificar-se , se eu fallava
Verdade , e remetteo-me a hũ seu Ministro ;

Que devia informar-se dos que haviaõ
 O navio tomado , se nós eramos
 Na realidade Gregos , ou Fenicios.
 Se saõ Fenicios , disse o Rei , dobradas
 Penas teraõ , por serem inimigos ,
 E pelo vil embuste. Se saõ Gregos ,
 Quero que sejaõ com favor tratados ,
 E se transportem para a sua patria
 Nos meus navios ; porq̃ eu preço a Grecia.
 O Egypto lhe deu leis ; e lei de Alcides
 As fadigas. Té nós chegou a gloria
 De Achilles. Eu admiro o que se conta
 Da prudencia de Ulysses desgraçado ;
 E gosto de valer á opprimida
 Virtude.(4) Elle Ministro , a que nós fomos
 Pelo Rei remettidos , tinha a alma
 Taõ artificiosa , e corrompida ,
 Quanto sincera , e generosa a tinha
 O Rei. Elle chamava-se Metosis.
 Inquirio-nos a fim de sobreparar-nos.
 Respondia Mentor com mais acerto.
 Com receio , e aversaõ entrou a vello ;
 Porq̃ os maõs contra os bons se agastaõ sem-
 Elle nos separou. Desde este tempo (pre.
 Naõ

(4) Por este Ministro se deve entender o Duque de Lerma , a quem Filippe IV. deu demasiada authoridade.

Não soube de Mentor. De hum raio o golpe
Foi para mim o seu apartamento.
Fazendo-nos perguntas separadas,
Presumia que nós coisas diversas
Diríamos. Penlava com promessas
Lisongeiras vencer-me, e obrigar-me
A que dissesse o que Mentor calava.
Sua tenção não era com lisura
A verdade saber. Só pretendia
Algum pretexto achar, para a Sesostris
E dizer que nós eramos Fenícios,
E conseguir ficarmos seus escravos.
Com effeito a pezar da fingeleza
De nossos corações, e da prudencia
Do Rei, descobrio meio de enganallo.
A quanto estão expostos os Monarcas!
Lá os mais sabios escusar não podem
Ser enganados. Homens ardilosos,
Intereçados os rodeião sempre.
Os bons, que ser não sabem lisongeiros;
Se retrahem, e esperão ser buscados:
Mas buscallos os Principes não sabem.
Pelo contrario os máos são atrevidos;
Usaõ desimular, tecer enganos;
Buscaõ os meios de se insinuarem;
Estão promptos a tudo, inda que seja
Contra o credito, ou contra a consciencia;
Por servir os desejos dos Reinantes.

Que

(5) Que infeliz he o Rei, que serve de alvô
 A's cabalas dos mãos ! Esta perdido
 Se não rebate a adulação , amando
 Quem lhe falla a verdade francamente.
 Taes na minha desgraça eraõ as minhas
 Reflexões , repassando na memoria
 Tudo quanto a Mentor d'antes ouvira.
 Em fim Metosis enviou-me aos montes
 Do deserto de Oasis , com destino
 De lhe guardar alli seus muitos gados
 Com os outros escravos. Neste ponto
 A Telemaco a Deola interrompendo ,
 Lhe disse : E neste caso que fizestes
 Vós , que em Sicilia havieis preferido
 A morte á escravidão ? Elle responde :
 Hia a minha desgraça em crescimento ;
 Nem me restava o triste lenitivo
 De escolher entre a escravidão , e a morte.
 Cumpria ser escravo , e da desgraça
 Todo o rigor tragar. Não me restava

Já

(1) O que se deve admirar nesta obra não he tanto a excellencia do Poema pela sua composição , como o fundo de honra , de probidade , e de valor , que se reconhece no seu Author , em se atrever a compolla no emprego em que estava , e no meio de huma Corte a mais lisonjeira. Não podia condemnar directamente a conducta do Rei instruido a seu neto , e foi muito empreender fazello indirectamente.

Já esperança , nem fallar podia
Em liberdade mais. Mentor me disse
Depois , que a huns Ethiopes vendido ,
Os tinha acompanhado á Ethiopia.
Quanto a mim , eu cheguei ao pavoroso
Deserto. Não se viaõ mais que ardentes
Areias nas charnecas , e huma neve
Que já mais se derrete , e que no cume
Das serras forma hum aturado inverno.
Apenas entre as brenhas pobres pastos
Se encontraõ para os gados. Das montanhas
Em meio estaõ abertos fundos valles ,
Onde apenas do Sol chegaõ as luzes.
Neste paiz não vi mais companhia ,
Que a de alguns guardadores taõ agrestes
Como o mesmo terreno. Alli passava
As noites a chorar meus infortunios ,
E os dias a guardar na Serra o gado ,
Para assim me livrar das brutaes iras
Do escravo maioral ; porque esperando
Obter a liberdade , costumava
Accusar sempre os mais , fazendo alarde
Ao senhor , do seu zelo , e do cuidado
Pelos seus interesses. Tinha o nome
De Butis este escravo. Eu me sentia
Desfallecer. Hum dia que de magoa
Se enchia o coração , deixei o gado
Sem pastor , e lancei-me sobre a relva

Jun-

Junto de huma caverna , onde esperava
A morte , não soffrendo já meus males.
De repente senti tremer o monte :
Do seu cume os pinheiros , e os carvalhos
Pareciaõ descer. Os rijos ventos
Reprezavaõ o folgo , e da caverna
Veio huma forte voz , que assim me disse :
Filho do grande Ulysses , he preciso
Que pelo soffrimento sejais grande ,
Como elle foi. Os Principes , que sempre
T'em sido venturosos , não são dignos
De o serem. Contamina-os a moleza ;
Aliena-os a altivez. Oh que ditoso
Vós fereis , se vencerdes as desgraças ,
E souberdes guardallas na lembrança !
A Itaca vercis , e a vossa gloria
Remontará aos astros. Porém quando
Dominardes os outros , recordai-vos
Que fostes pobre , e fraco ; e que soffrestes
Como elles. Fazei gosto em consolallos ;
Amái vossos vassallos ; a lisonja
Detestai ; e sabei que fereis grande ,
Se fordes reportado , e se puderdes
Semetter animoso as paixões proprias.
Estas divinas expressões me entraraõ
Até o fundo d'alma : ahi fizeraõ
Nascer nova alegria , e novos brios.
Ea não senti aquelle horror molesto ,
Que

Que os cabellos eriça , e que nas veias
 O sangue gela , quando os altos Nomes
 Se communicã aos mortaes. Tranquillo
 Me ergui , e adorei , ajoelhando
 Com as mãos levantadas a Minerva ,
 A quem pensei dever este presagio.
 Achei-me de repente hum novo homem.
 Pela lábedoria era illustrado
 O meu espirito ; huma doce força
 Sentia em mim para as paixões fogosas
 Reprimir , e entrear da mocidade
 Os impetos. Eu fiz-me amar de todos
 Os guardadores do deserto agreste.
 A minha paciencia , meu delvélo ,
 Meu trato docil aplacar puêraõ
 O rigoroso Butis , que o governo
 Tinha dos mais escravos , e ao principio
 Queria perseguir-me. Busquei livros ,
 Cujã liçã me descontasse o triste
 Dissabor do deserto , e da molesta
 Escravidã. Por falta de doutrina ,
 Que a minha alma nutrisse , e confortasse ,
 A tristeza reinava dentro della.
 Felizes , eu dizia , os que aborrecem
 Os deleites violentos , satisfeitos
 Com a doçura de innocente vida !
 Felizes os que fazem das doutrinas
 Divertimento , e gostã de illustrar-se

Por

Por meio da sciencia! A qualquer parte
 Que a fortuna inimiga os arremelle,
 Levaõ sempre consigo com que possuã
 Entreter-se; e o delgosto que persegue
 Os mais, inda no meio dos delcites,
 O ignoraõ aquelles, que se occupaõ
 Pela liçaõ. Felizes os que gostaõ
 De lêr, e não estaõ como eu privados
 Dos livros! Mas em quanto estas idéas
 Me occupavaõ a mente, por hum bosque
 Fechado me embrenhei, onde ao encontro
 Hum velho me sahio, o qual hum livro
 Na maõ trazia. Tinha a larga testa
 Calva, e enrugada hũ pouco; tinha a barba
 Branca, e peadente para o peito; o talhe
 Comprido e grave; a tez fresca e corada.
 Já mais vi anciaõ taõ venerando.
 Tinha por nome Termosiris. Era
 Sacerdote de Apollo, a quem servia
 Em hum marmoreo templo, q̃ de Egypto
 Os Reis ao Deos haviaõ consagrado.
 Constava o livro que trazia, de huma (ses.
 Collecçaõ de hymnos em louvor dos Deo-
 Fallou-me como amigo. Nós travamos
 Logo conversaçãõ. Elle contava
 O passado taõ bem, que parecia
 Estar se vendo. Estaõ porém concisos,
 E não enfaltiaõ os seus contos.

Antevia o futuro pela sua
Grande sabedoria, que lhe dava
Conhecimento pleno dos humanos,
E das tenções de que elles são capazes.
Tendo tanta prudencia, elle era alegre
E prazenteiro. Em fim a adolescencia
Mais jovial não mostra tanto agrado,
Como elle tinha na avançada idade.
Amava a gente moça, que era docil,
E tinha inclinação para a virtude.
Amou-me desde logo ternamente;
E me proveo de livros que podessem
Divertir-me. Chamava-me seu filho.
Eu lhe dizia repetidas vezes:
Meu Pai, os Deoses que me separaraõ
De Mentor, outro arrimo apiedados
De mim em vós me deraõ. Similhante
A Orfeu (6), ou a Lino; (7) era dos Deoses
Sem duvida inspirado. Repetia-me
Os versõs que compunha, e os dos melhores
Poetas, pelas Musas protegidos,
Me dava a lêr. Quando elle revestido
De suas vestes alvas, e compridas,

Nas

(6) Orfeu era filho de Apollo, e de Calliope, uma das Musas. Foi eminente em tocar a lyra.

(7) Lino era tambem filho de Apollo, e Terpiscote. Excedeo a Orfeu na sciencia da musica, pois lhe deu lições.

Nas mãos tomava a sua eburnea lyra ,
 Os urfós , os leões , e os bravos tigres
 Corriaõ a affagallo , e a lambar-lhe
 Os pés. Sahiaõ da floresta os Satyros
 Para dançar em roda : pareciaõ
 Abalarem-se as arvores ; e as pedras
 Attrahidas do canto forcejavaõ
 Por se lançar do cume das montanhas.
 Cantava fõ dos Deoses a grandeza ,
 Dos herócs a virtude , e a prudencia
 Dos homens , q̃ o prazer põspoem á gloria.
 Elle por muitas vezes me dizia ,
 Que me animasse ; porque nunca haviaõ
 Abandonar os Numes nem a Ulysses ,
 Nem a seu filho. Em fim persuadio-me
 Que eu devia ensinar aos mais Pastores ,
 De Apollo (8) a exemplo, a cultivar as Mu-
 Apollo, cntaõ contava , contra Jove (faz.
 Agastado , porque elle com seus raios
 Escurecia os dias mais serenos ,
 Quiz vingar-se nos Cyclopes , que os raios
 Lhe forjavaõ. Co'as suas colubrinas
 Settas os traspassou. Logo o Etna ardente
 Cessou de vomitar as grossas chammas.
 Naõ se ouviaõ os golpes dos terriveis

In-

(8) Apollo era filho de Jupiter , e Latona. Era o Deus da Poesia , e da Medicina.

Egentes malhos , que ferindo as rijas
Egornas atroavaõ as profundas
Terreas cavernas , e do mar furioso
Os abyssos. Dos Cyclopes o ferro ,
E o bronze naõ pulidos começavaõ
A carcomer-se. Sahe da ardente forja
Furioso Vulcano ; (9) inda que coxo
Sobe apressado ao cristallino Olympo ;
E chega de suor banhada a testa ,
E o corpo cheio de poeira negra
A' Assembleia dos Deoses , onde amargas
Queixas tira do peito. O grande Jove (10)
Contra Apollo agastado o arremessa
Do Ceo , e o precipita sobre a terra.
O seu carro fazia por si mesmo
Sem elle o giro costumado , e os dias
E as noites dava aos *homens* , alternando
As estações. Já despojado Apollo
De todos os seus raios , obrigado
Se vio a ser pastor , do Rei Admeto (11)
Os rebanhos guardando. Elle tocava
A sua frauta , e os outros guardadores

Vi-

(9) Vulcano Deus do fogo , e dos metais , era filho de Jupiter , e de Juno.

(10) Jove , ou Jupiter era filho de Saturno e Rhea. Os Pagãos o tinham pelo maior dos Deuses.

(11) Admeto era filho de Pheres , e Rei de uma parte de Thessalia.

Vinhaõ á fresca sombra dos oruceiros
Na borda de huma fonte crySTALLINA
Ouvir suas canções. Té cite tempo
Elles passavaõ huma vida bruta ,
E selvatica. Apenas os seus gados
Sabiaõ conduzir , e tosquiaõ ,
Mugir , quejar o leite. T'odo o campo
Era hum ermo horroroso. Porém logo
O Deos mostrou as artes , que suave
Podem fazer a vida dos Pastores.
Cantava as flores de que a Primavera
Se coroa , os perfumes que derrama
E a verdura , que brota de seus passos
Depois cantava as noites deleitosas
Do Estio , quando os Zefiros refrescaõ
Os mortaes , e o rocio a secca terra
Confola. Misturava nas cantigas
Os aureos pomos, com que Ourono as lidas
Do agricultor compenã , e o socego
Do Inverno , em cujo tempo a mocidade
Alegre dança em roda da fogueira.
Em fim pintava as verdenegras mattas .
Que cobrem as montanhas , e os cavados
Valles , onde os ribeiros por mil voltas
Brincaõ em meio dos risinhos prados.
Aos pastores assim fez ver qual fosse
A doçura da vida camponeza.
Elles se viraõ com as suas frutras .

Mais :

Mais felizes que os Reis ; e se acolhiaõ
A's suas choças em tropel os puros
Prazeres, que fugiaõ dos palacios.
Os risos , e os jogos com as graças
Seguiaõ os pastores innocentes.
Eraõ dias de festa os dias todos.
Ouviaõ-se chilrando os passarinhos ,
Os Zefiros soprando brandamente ,
E meneando as ramas do arvoredõ ,
O mormurio da linfa debruçada
Na fraga dos rochedos , e as cantigas
Que inspiravaõ as Musas aos Pastores
Junto de Apollo. O Deos lhes ensinava
A ganharem o premio na carreira ,
A vararem os Gamos , e os Veados
Com suas frechas. Té os mesmos Deoses
Com inveja ficaraõ dos Pastores.
Creaõ ser esta vida mais suave ,
Que toda a sua gloria ; e revocaraõ
O Deos Apollo para o sacro Olympo.
De exemplo , filho meu , vos sirva a historia.
Confrontai vosso citado c'o de Apollo.
Esse esteril terreno arroteando ,
Fazei que inda florea o ermo agreste.
Enfinaí aos Pastores a belleza
Da harmonia , adoçai-lhes os ferozes
Corações , e mostrai-lhes a estimavel
Virtude , porque saibaõ quanto he grato

Gozar na solidão os innocentes
Prazeres , destes simples Pastores
Inseparaveis. Virá filho hum dia ,
Que cercado de lidas , e cuidados ,
Que acompanhaõ o Throno , pela vida
Pastoril suspireis. Tendo acabado
De fallar , l'ermosiris huma frauta
Me deu taõ sonoroza , que nas fragas
Das visinhas montanhas repetindo
O seu som , attrahio os pegureiros
Logo em redor de mim de toda a parte.
Dava ella á minha voz huma harmonia
Divina. Eu me sentia transportado
Quando cantava as apraziveis galas
Com que attavia a natureza os campos.
Dias inteiros , e das frescas noites
Grande parte a cantar juntos passámos
Naõ curando do gado , ou das cabanas.
Estavaõ os Pastores enlevados
E immoveis ao redor de mim , em quanto
Eu lhes dava lições. Estes desertos
Haviaõ já perdido o ser agreste.
Tudo alli era ameno , e divertido.
A policia dos seus habitadores
Ter abrandado a terra parecia.
Ajuntavaõ-se todos varias vezes
Para offerecer as oblações no templo
De Apollo. Alli vinhaõ os Pastores

De

De louro ornados em louvor do Nume :
 Alli vinhaõ tambem formar corças
 As Pastoras de flores coroadas
 E trazendo á cabeça em alvos cestos
 Os dons sagrados. Findo o sacrificio ;
 Hum rustico banquete se ordenava.
 Eraõ as mais mimosas iguarias
 O leite das ovelhas , e das cabras
 Ordenhadas por nós , e as frescas frutas
 Da nossa maõ colhidas , como as uvas
 Os figos , e as tamaras. A relva
 Era os nossos assentos , e as frondosas
 Arvores nos faziaõ huma sombra
 Muito mais aprazivel , que os estuques
 Dourados dos palacios dos Augustos.
 O que me abonou mais com os Pastores
 Foi , que hum leaõ famélico rompendo
 Por entre o meu rebanho começava
 Huma horrivel carnage. Eu tinha apenas
 Na maõ o meu cajado ; mas lancei-me
 A elle denodado. Encrespa as jubas
 A féra entaõ , desembainha as garras ,
 E os dentes , abre as fauces sequiosas ,
 E inflamadas. Seus olhos pareciaõ
 Cheios de sangue , e fogo , e com a larga
 Cauda facode as concavas ilhargas.
 Desafio-o. A pequena cota de armas ,
 Que cingia ao costume dos Pastores

Do Egypto , lhe impedio despedaçar-me.
 Tres vezes o abati , outras tres vezes
 Se ergueo. Elle lançava taes rugidos ,
 Que estremeceraõ em redor os montes.
 Suffoquei-o por fim entre meus braços :
 E os Pastores que foraõ testemunhas
 Da victoria , quizeraõ que da pelle
 Deste animal terrivel me cubrisse.
 O rumor desta açcaõ , e da pasmosa
 Mudança dos Pastores , pelo Egypto
 Se diffundio. Chegou ré aos ouvidos
 De Sefostris , o qual foi informado
 Que hum dos captivos , que tomado haviaõ
 Por Fenicias , trouxera a idade de ouro
 A'quelles ermos quasi inhabitaveis.
 Desejou verme , porque amava as Mulas ;
 E tudo o que instruir podia os homens
 Seu grande coraçãõ arrebatava.
 Elle me vio , e me escutou com gosto.
 Soube enraõ que Metosis o enganara
 Por avareza ; e a prizaõ perpetua
 O condemnou , tirando-lhe as riquezas ,
 Que injustamente possuia. Oh quanto
 He infeliz o homem , que aos mais homens
 He superior ! Não pôde muitas vezes
 Ver a verdade com seus proprios olhos (12)

R6-

(12) O Author contemplou aqui além do Duque de Lerma , Ministro de Felippe IV. Rei de

Rodeiaõ no pessoas que lhe impedem
 O vella ; porque nisso se interessaõ.
 Cada hum debaixo de apparente zelo
 Sua ambiçaõ encobre. Elles pretextaõ
 Amar o Rei , mas amaõ as riquezas
 Que lhes dá. Elles amaõ-no taõ pouco ;
 Que para o fim de obter a sua graça
 Usaõ de vis lisonjas , e de enganos.
 Desde entaõ com amor me tratou sempre
 Sefostris. Decrerou o remetterme
 A Itaca com tropas , e navios
 A livrar dos cançados pertendentes
 A l'enelope. Estava prompta a frota
 E iõ do embarque se tratava. Eu meõmo
 Admirava os caprichos da fortuna ,
 Que de repente exalta os abatidos :
 Fazia-me esperar esta experiencia ,
 Que Ulysses algum dia tornaria
 Ao seu Reino depois de largas lidas.
 Tambem pensava , que talvez pudesse
 Tornar a ver Mentor , posto que fosse
 Conduzido aos paizes mais remotos
 De Ethiofia. Mas em quanto retardava

D ã

A

Espanha , ao Marquez de Louvois , que naõ dei-
 xa chegar alguem junto do Rei ; e naõ conce-
 de audiencia senaõ depois de se ter ajustado com
 elle o que se havia de dizer ao Rei. Era duro ,
 severo , implacavel , e vendia caro as mercês , que
 seia obter.

A partida por ter noticias d'elle ,
 Sciostris que era de avançada idade ,
 Falleceo de repente , e a sua morte
 Me trouxe novos damnos. Todo o Egypto
 Ficou inconsolavel desta perda.
 Cada familia considerou perdido
 Seu pai , seu protector , e seu amigo.
 Os velhos levantando as mãos pezadas
 Para o Ceo, exclamavaõ : Nunca o Egypto
 Teve algum Rei taõ bom, nem terá outro.
 Vós Deoses , ou deiveis aos humanos
 Naõ o mostrar , ou naõ levalllo nunca.
 Porque sobrevivemos depois de elle ?
 Os mais moços diziaõ : Findou toda
 A esperanza do Egypto. Que felizes
 Foraõ nossos maiores , que viveraõ
 Em taõ feliz reinado ! Nós o vimos ;
 Mas foi para sentir a sua perda.
 Por elle os seus domesticos choraraõ
 De dia , e noite. Os povos mais remotos
 Concorreraõ em chafma consternados
 A assistir ás exequias , que duraraõ
 Quarenta dias. Ver por despedida
 Todos queraõ o seu corpo , todos
 Conservar sua imagem. Desejavaõ
 Alguns com elle entrar na sepultura
 O que aggravou porêm a dor intensa
 Da sua perda foi, que naõ havia

Em

Em Bóchoris seu filho humanidade
C'os estrangeiros, nem para as sciencias
Curiosidade, nem dos homens justos
Estimação, nem inda amor da gloria.
De seu Pai a grandeza concorrera
Para o fazer indigno do reinado.
Tinha sido criado em ocio torpe,
E em fereza brutal. Avaliava
Em nada os homens, crendo que eraõ feitos
Para elle só, e que eraõ de diversa
Natureza. Sómente as paixões proprias
Satisfazer tratava, dissipando
Os thesouros immensos, que ajuntara
Com desvelo seu Pai, os fracos povos
Aterrar, e tirar dos infelizes
O sangue, aproveitarie dos conselhos
Lisongeiros dos moços sem accordo
Que o cercavaõ, em quanto com desprezo
Arredava de si os velhos sabios,
Que tiveraõ do Pai a confiança. (pro
Era hum monstro, e naõ Rei. Todo o Egy-
Gemia; e inda que o nome de Sesostris
Aos Egypticos taõ grato, lhes fazia
Tolerar a conducta indigna, e fêra
De seu filho, este filho á sua perda
Corria; e hum Rei do throno taõ indigno
Naõ podia reinar por muito tempo.
Desanimei de inda tornar a Itaca.

Encerrado fiquei em humna torre
Sobre a praia visinha de Peluzo , (13)
Donde havia fazer-se o nosso embarque
Se vivesse Sefostris. Teve manhas
Para livrar-se da prisão Metofis ,
E junto do Rei novo insinuar-se.
Elle me fez prender naquella torre
Por vingar-se de mim , que tinha sido
A origem do seu mal. Passava os dias
E as noites na tristeza mais profunda.
Tudo o que Termofiris me predisse ,
E o mais que ouvira na caverna hum sonho
Me parecia. Estava submergido
Na mais amarga dor. Olhava as ondas ,
Que se vinhão quebrar impetuosas
Na torre , aonde estava prisioneiro ;
E entretinha-me ás vezes vendo á força
Da tormenta os navios agitados
Irem quasi a quebrar-se sobre a rocha
Aonde estava edificada a torre ,
E em vez de os lamentar , eu invejava
A sorte destes tristes naufragantes.
Brevemente , dizia eu a mim mesmo ,
Aos trabalhos da vida poráó termo ,
Ou ledos tornaráó a ver a patria.

Mas

(13) Peluzo Cidade antiga do Egypto confiante com a Arabia.

Mas ah! eu nada d'isto esperar posso.
Em quanto assim a vida consumia
Em lamentos inuteis, vi ao longe
Como hum bosque de mastos de navios.
Estava o mar cuberto de enfunadas
Velas, e as creştas ondas se alastravaõ
De espumas ao bater de immensos remos.
Soava em toda a parte huma confusa
Gritaria. Na praia divisava
Huma porçaõ de Egypcios assustados
Correndo ás armas, outra parte d'elles
Querendo incorporar-se com a armada
Que se via aportar. Conheci logo
Que eraõ estes navios estrangeiros,
Huns da ilha de Chypre, outros Fenícios;
Porque as minhas óelgraças me fizeraõ
Ter da navegaçaõ vaita noticia.
Pareceraõ-me em bandos divididos
Os Egypcios, e entãõ cri facilmente
Que as violencias do insensato Bóchoris
Haviaõ revoltado os seus vassallos,
E entre elles accendido civil guerra.
Eu fui espectador de hum porriado
Mortifero combate desde a torre.
Os Egypcios, que tinhaõ convocado
Em seu socorro as tropas estrangeiras,
Depois de dar favor ao desembarque,
Atacaraõ o resto dos Egypcios,

Em

Em cuja frente vinha o Rei. Eu via
Este Rei animando os seus vassallos
Com seu exemplo, semelhante a Marte:
Vôa a cruenta morte em redor d'elle.
De negro espelho, e fumegante sangue
Rociadas as rodas de seu carro
Sobre montões de corpos semivivos
Mal podiaó rodar. Ainda moço,
Esbelto, vigoroso, e de hum altivo
E feroz parecer, ao Rei nos olhos
O furor, e a raiva sintillavaó.
Qual formoso ginete sem governo
O seu valor aos p'rigos o arrastava
Sem que a prudencia lhe abrandasse as iras:
Naó sabia emendar os seus defeitos,
Nem dar a tempo as necessarias ordens,
Nem antever os males imminentes,
Nem poupar os soldados de que havia
A maior precisaó. Naó lhe faltava
O talento; igualava o seu esforço
A sua intelligencia, mas naó tinha
Aprendido na escola da desgraça.
Aduladores vis damnado haviaó
O seu bom natural. Allucinado
O tinhaó o poder, e a fortuna.
Cuidava que devia ceder tudo
A seus loucos desejos. Accendia
A menor resistencia a sua cólera.

Nada

Nada entãõ discorria : de si mesmo
Parecia estar fóra. O furioso
Orgulho o transformava em feroz monstro.
Sua recta razaõ , sua bondade
Natural lhe fugiaõ n'hum instante.
Seus feis confidentes precisados
Se viaõ a deixallo. Só prezava
Quem as suas paixões lisongeasse.
Tomava sempre os ultimos partidos
Contra os seus verdadeiros interesses ;
E era o seu proceder disparatado
Aborrecido das pessoas de honra.
Seu valor o foyteve largo tempo
Contra a turba das tropas inimigas ;
Mas em fim soçobrou. Perder a vida
Eu o vi. De hum Fenicio a lança aguda
O peito lhe passou. Das mãos as redeas
Se lhe soltaraõ. Desde o carro a terra
Cahio aos pés dos rispidos cavallos.
Hum soldado a cabeça lhe decepa ,
E a mostra , levantando-a nos cabellos
Como em triumpho as tropas vencedoras.
Já mais me passará da fantazia
A cabeça do Rei nadando em sangue ,
Extincta a luz dos macerados olhos ,
A boca meia aberta parecendo
Querer inda acabar as conteçedas
Palayras , o ar soberbo ameaçante

Que

Que não póde gastar a mesma morte.
Em toda a minha vida figurado
Será ante os meus olhos ; e se os Numes
Fizerem que inda eu reine , depois deste
Exemplo tão funesto na lembrança
Gravatei , que não he de reinar digno ,
Nem he feliz hum Rei , senão em quanto
Seu poder a razão tiver sujeito.
Que infeliz he hum homem destinado
Para ser do bem publico instrumento ,
Em ser elle o senhor de tantos homens
Para os fazer a todos desgraçados !





L I V R O III.

DE Telemaco ouvia as sabias vozes
 Admirada Calypso, e a tinha absorta
 A candidez com que contava os erros,
 Que comettia, ou sem conselho, ou sendo
 Indocil a Mentor. Reconhecia
 Huma nobreza, e huma grandeza rara
 Naquelle moço Principe, que os proprios
 Seus erros accusando, parecia
 Ter com elles lucrado ser mais sabio,
 Prudente, e comedido. Meu amado
 Telemaco, lhe disse entã a Deosa,
Continuai. Desejo impaciente
 Saber como do Egypto vos salvastes,
 E onde achastes Mentor, cujo retiro
 Vos causou com razaõ tantos cuidados.
 Telemaco tornou ao seu discurso:
 Os Egyptios fieis, e virtuosos
 Tendo hum debil partido, e vendo morto
 O seu Rei, a ceder se resolverã.
 Acclamaraõ Rei novo, cujo nome
 He Termutis. As Cyprias, e Fenicias
 Tropas se retiraraõ, novos pactos
 De alliança formando c'o Rei novo.

Tor-

Tornou-lhes os Fenicios prisioneiros ,
 E eu no numero destes fui contado.
 Tiraraõ-me da torre , e com os outros
 Me embarquei. Eis no fundo da minha alma
 Começa a reluzir nova esperança.
 Hum vento favoravel já inchava
 As nossas velas , já do mar abriaõ
 Os remeiros as ondas espumantes.
 Estava o mar cuberto de navios.
 Os marinheiros gritos de alegria
 Levantavaõ. De nós fugiaõ longe (tes
 De Egypto as costas. Pouco a pouco os mões-
 E as terras abatter-se pareciaõ.
 Entravamos a ver só Cco , e agoas ,
 Em quanto o Sol nascente das quietas
 Ondas erguia os sintillantes raios.
 Elle dourava o cume das montanhas ,
 Que mal se descubriaõ no horizonte ;
 E o Cco pintado de hum azul escuro
 Promettia huma prospera viagem.
 Ainda que me haviaõ remettido
 Como Fenicio , dos Fenicios era
 Desconhecido. Perguntou-me a patria ,
 E o meu nome Narbal , que commandava
 O navio ; e me disse : Em que Cidade
 De Fenicia nascestes ? Eu Fenicio
 Naõ sou , lhe disse , porém n'hum navio
 Da Fenicia no mar me captivataõ

Os Egypcios. Captivo muito tempo
 Servi como Fenicio , e neste nome
 Obtive finalmente a liberdade.
 E de qual paiz sois ? Narbal replica.
 Em resposta lhe torno : Eu sou Telemaco ;
 Filho de Ulysses , Rei da Ilha de Itaca.
 Meu Pai se fez famoso entre os Monarcas ,
 Que sitiaraõ Troia. Mas os Numes
 Naõ lhe contentem , que elle torne a patria.
 Eu o tenho buscado em muitas terras.
 Como a elle a fortuna me persegue ;
 E em mim vedes hum triste , que suspira
 Pela dita de ir ver os patrios Lares ,
 E de encontrar seu Pai. Narbal me olhava
 Admirado , e mostrando que em mim via
 Hum naõ sei que daquelles dons felizes
 Do Ceo , os quaes naõ saõ communs aos ho-
 Era Narbal naturalmente ingenuo (mens.
 E generoso. Eu lhe devi piedade ;
 E c'hum segurança pelos Numes
 Inspirada , me disse : Devo crer-vos.
 Virtude , e singeleza em vosso rosto
 Reluzem. Sei que os Deuses vos estimaõ ,
 E querem que eu vos ame como a filho.
 Darvos-hei hum conselho ; mas vos peço
 Hum exacto segredo em recompensa.
 Naõ receeis , lhe disse , que me custe
 Calar o que de mim for confiado.

Cof-

Costumci-me a guardar o meu segredo ;
E a não revelar segredo alheio.
Porque meio , me disse , em poucos annos
Huma tal qualidade conseguistes
Da mais sãbia conducta o fundamento ,
Sem a qual os talentos valem pouco ?
Quando Ulysses , lhe disse , para o cerco
De Troia se ausentou , tomou-me ao colo
Segundo me contaraõ , e beijando
Meu rosto ternamente entre seus braços
Proferio estas vozes : Oh meu filho !
Não possa cu ver-te mais , e de teus dias
A tisoura da Parca o fio corte
Ainda mal urdido , como talha
O segador co' a foice as tenras flores
Que começãõ a abrir-se , e aos meus olhos
E de tua Mãi triste os meus contrarios
Te despedacem , se hasde em algum tempo
Desprezar a virtude. Eu vos entrego ,
Amigos , o meu filho ; a sua infancia
Educai ; do veneno da lisonja
O salvai ; ensinai-lhe de vencer-se
A mançira. Assemelhe-se ao arbufo ,
Que se dobra ao principio quando he tenro ;
Para crescer direito. Mais que tudo
Tende cuidado em que elle seja recto ,
Benéfico , sincero , e que hum segredo
Saiba guardar. Aquelle que a mentira

He

He capaz de dizer , de ser contado
No numero dos homens não he digno ;
E o que calar não sabe , não merece
Governar. Eu refiro estas palavras ,
Porque mas repetiaõ muitas vezes ,
E calaraõ no fundo de meu peito.
Repetia-as tambem eu a mim mesmo.
De meu Pai os amigos desde logo
Me exercitaraõ a guardar segredo.
Eu era inda menino ; e confiavaõ
Já de mim os desgostos , que sentiaõ
De verem minha Mãi exposta a tantos
Temerarios , que tinhaõ de esposalla
Pertençaõs. Era pois eu já tratado
Como hum homem de grande confidencia
E madureza ; de negocios graves
Me davaõ parte ; e quanto se acordava
Para desvanecer os pertendentes ,
Me confiavaõ. Eu me comprazia
Em fazerem de mim taõ grande conta.
Julgava-me por isto hum homem feito ;
E já mais abusei da confiança ,
Nem palavra foltei , donde pudesse
Do segredo rever a menor parte.
Em vaõ os pertendentes procuravaõ
Obrigar-me a fallar , persuadidos
De que hum menino tendo ouvido , ou visto
Coisas interessantes , não pudesse

Con-

Conter-se ; mas já eu então sabia
 Responder sem mentir , e sem dizer-lhes
 O que occultar convinha. Então me disse
 Narbal : Vós , ó Telemaco , bem vedes
 Quaes são as forças da Nação Fenicia.
 As Nações commercâs todas respeitão
 Suas grossas armadas. Seu commercio
 Té (1) ás Columnas de Hercules se estende.
 Elle lhe dá riquezas superiores
 A's de todos os povos mais florentes.
 Sesostris , que por mar não poderia
 Domalios , subjugou-os com trabalho
 Por terra com as tropas vencedoras
 Que todo o Oriente conquistaraõ.
 Impoz-nos hum tributo que pagámos
 Por pouco tempo. Ricos , poderosos
 Os Fenicios , soffrer o duro jugo
 Não podião tranquilllos. Recobrámos
 A nossa liberdade ; e a Sesostris
 A morte prohibio , que rematasse
 A guerra contra nós. Sua prudencia
 Nós temiamos mais , que as suas forças ;
 Pois

(1) As columnas de Hercules são os montes
 de Calpe , e Abyla no estreito de Gibraltar , onde
 o Oceano entra no mar Mediterraneo , e onde
 Hercules limitou as suas viagens. Chamão-se
 assim , porque parecem de longe duas columnas aos
 olhos dos navegantes.

Pois passando o Imperio para o filho,
 Homem desfazido, concluímos
 Que não tínhamos já que temer d'elle.
 Com effeito os Fenícios revoltados,
 Em vez de nos buscarem com as armas
 Para outra vez nos sujeitarem, foram
 Buscar nosso soccorro, para serem
 Livres daquelle Rei feroz, e impio;
 E nós fomos os seus libertadores.
 Que gloria daqui vem á opulencia,
 E liberdade da Nação Fenicia!
 Somos com tudo escravos quando os outros
 Nós mesmos libertamos. O Telemaco,
 Temei cahir nas mãos desoladoras
 Do nosso Rei Pygmaleão, manchadas
 No sangue do infeliz Sicheu, consorte
 De (2) Dido sua irmã, que respirando
 Dura vingança, se salvou de Tyro
 Com muitas náos. Seguiu-a a maior parte
 Dos que amavaõ virtude, e liberdade,
 E foi fundar nas Costas Africanas
 A soberba cidade de (3) Carthago.

Tom. I.

E

Em

(2) Dido era filha de Belo Rei de Tyro, e Sidonia. Pygmaleão fez morrer seu marido Sicheu, para apossar-se das suas riquezas.

(3) Esta Cidade edificada na Costa de Africa defronte de Roma, de quem era rival, foi destruída por Scipião Africano.

Em Tyro he crime o ter riquezas grandes.
 Faz ao Rei a avareza suspeitoſo ,
 Cruel , desconfiado. Elle persegue
 Os ricos , teme os pobres. Ter virtude
 He crime inda maior ; porque imagina
 Pygmaleaõ que os bons ſoffrer naõ podem
 As ſuas injustiças , e vilezas.
 A virtude o condemna. Elle ſe accende ,
 E ſe agasta contra ella. Tudo o abala ,
 Alvorota , e confome. Até tem medo
 Da ſua propria ſombra. Dia , e noite
 Naõ dorme. Os Deoſes para confundillo
 Lhe amontoaõ riquezas , das quaes elle
 Naõ ouſa aproveitar-ſe. O que procura
 A fim de ſer feliz , lhe eſtorva o ſê-lo.
 Chora tudo o que dá , e teme ſempre
 Perder. Para ganhar ſe martyriza.
 Quasi nunca apparece. Está no fundo
 Do Paço , trille , fó , e consumido.
 Os ſeus meſmos amigos naõ ſe atrevem
 A buſcallo , temendo ſer ſuspeitos.
 Cerca o Palacio huma terrivel guarda
 Com as eſpadas nuas , com as lanças
 Levantadas. O ſitio , onde ſe encerra ,
 Tem trinta ſalas , que ſe communicaõ ;
 Cada huma das quaes tem ferreas portas
 Com ſeis groſſos ferrolhos. (4) Naõ ſe ſabe

Em

(4) Esta paſſagem allude a Cromwel , declarar

Em qual das salas dorme ; e asseveraõ
Que nunca dorme duas successivas
Noites na mesma sala , com receio
De que o matem alli. Nunca desfructa
Doces divertimentos , nem se goza
Da amizade , prazer inda mais doce.
Se lhe aconselhaõ que a alegria busque ;
Sente que ella lhe foge , e que repugna
A entrada de seu peito. Hum fogo rude
Respiraõ os seus olhos encovados ,
Que de hum a outro lado andaõ errantes,
Dá tino do menor rumor , e todo
Estremecce. Anda pállido , desfeito.
Estaõ negros desvélos retratados
No seu pezado rosto. Bille emmudece ,
Suspira , e fennidísimos gemidos
Do coração arranca. Nunca pode
Disfarçar os remorsos , que lhe roem

E ii

As

do Protector de Inglaterra depois da morte de Carlos I. Este tyranno , que cubria com hum bello nome todas as suas violências , era , como Pygmalieõ , inquieto , cruel , desconfiado. Tendido de todos , tenia tambem a todos. Tinha no seu Palacio de Whitehal muitas camaras , nas quaes dormia alternadamente. Morreo porém de sua morte natural no mez de Setembro de 1658 , depois de ter governado muito tempo em Inglaterra , tendo o titulo de Protector , com mais authoridade , que a tivesse o titulo de Rei.

As miseras entranhas. Os manjares
 Mais saborosos e enjoão. Longe
 De serem os seus filhos tua esperança,
 Lhe são objectos de terror; porque elle
 Os tem feito inimigos arriscados.
 Não teve em sua vida hum só instante
 De segurança; e se conserva á força
 De derramar o sangue áquelles todos
 Que elle teme. Inlenfado, não comprehêde,
 Que a mesma crueldade, em que confia,
 Lhe ha de ainda causar infante morte!
 Algum dos seus domesticos, como elle
 Desconfiado, livrará o mundo
 Deste monstro. Mas eu que temo os Nomes,
 Ao Rei, que elles me deraõ, ferei sempre
 Fiel. Quereci antes, que me mande
 Matar, do que tirar-lhe a vida, e ainda
 Deixar de defender-lha a todo o custo.
 Quanto a vós, ó Telemaco, guardai-vos
 De lhe dizer, que filho sois de Ulysses.
 Na esperança de que este vos resgate
 Por huma grande somma, quando torne
 A Itaca, em prizaõ vos reteria.
 Quando a Tyro chegámos, o conselho
 De Narbal abraçei, reconhecendo
 Que era verdade o que elle me contara.
 Não podia assáz crer como hum Monarca
 Fosse taõ miseravel. Assombrou-me

Tão estranho espectáculo. Comigo
Reflectia : Eis hum homem , que sómente
Procura ser feliz. Cuidou que o meio
Seriaõ as riquezas , e o governo
Absoluto. Possue o que queria.
Com tudo essas riquezas , essa mesma
Authoridade , o fazem desgraçado.
Se elle fora Pastor , qual fui ha pouco ,
Fora feliz como eu ; desfructaria
Dos campos os prazeres innocentes ,
E gozaria delles sem remorsos ;
Naõ temeria o ferro , ou o veneno ;
Amando os homens , elles o amariaõ.
Naõ teria as riquezas , que lhe fervem
Tão pouco , como a areia , pois naõ ousa
Bullir-lhes ; mas da terra os doces fructos
Desfructaria francamente , e todas
As precisões ao longe fugiriaõ.
Parece fazer tudo o que deseja
Este homem, mas naõ faz ; faz o que querem
Suas brutas paixões , arrebatado
Sem cessar da avareza , das suspeiças,
E do medo. Parece ser dos ontros
O senhor ; mas nem tem em si dominio ,
Pois tem tantos senhores , e verdugos ,
Quantos saõ seus desejos inquietos.
Eu de Pygmalcaõ assim fallava
Sem o ter visto , pois niuguem o via.

Só com temor se olhava para as altas
 Torres cercadas de perpetuas guardas
 Dia , e noite , aonde elle se encerrava
 Como em huma prizaõ com seus thesouros,
 Este invisivel Rei eu confrontava
 Com Sesostris taõ docil , taõ tratavel ,
 Taõ curioso em ver os estrangeiros ,
 Taõ attento a ouvir o povo todo ,
 E a descubrir nos coraçoõs humanos
 A verdade , que aos Reis tanto se esconde,
 Sesostris naõ temia ; elle naõ tinha
 Que temer. Aos vassallos , como a filhos
 Se mostrava. Mas este tudo teme ,
 Tudo tem que temer. Anda arriscado
 Este máo Rei a huma funesta morte
 No seu mesmo palacio inaccessivel ,
 E em meio dos seus guardas. Ao contrario
 Tinha o bom Rei Sesostris segurança
 Entre as turbas do povo , qual em meio
 Da familia que o cerca , hum Pai benigno.
 Mandou Pygmalieaõ da Ilha de Cypre
 As tropas despedir , que tinhaõ vindo
 Em soccorro das suas , por motivo
 Da alliança que havia entre os dois povos.
 Narbal se aproveitou da conjunctura
 Para dar-me a esperada liberdade ,
 Fazendo que eu passasse na revista
 Por soldado de Cypre , pois das coisas

Mais

Mais ligeiras o Rei desconfiava.

Os Principes que são inapplicados,
 É faceis, cahem no erro de entregar-lhe
 Com cega confiança a corrompidos,
 Simulados validos; porém deste
 Era o defeito recear de todos,
 Ainda os mais honrados. Não sabia
 Discernir d'entre os homens os sinceros,
 E inteiros, que não obraõ com rebuço;
 Nem com homens de bem já mais lidara,
 Pois estes não procuraõ Reis perversos.
 Havia tambem visto desde o tempo,
 Em que subio de seus avós ao throno,
 Nos homens, que lhe tinhaõ assistido,
 Tanta simulação, tanta perfidia,
 E taõ enormes vícios, disfarçados
 Na apparencia de candidas virtudes,
 Que todos os mortaes avaliava
 Sem excepção alguma por fingidos.

Sup-

(5) Não se pôde pintar melhor o que fez Luiz XIV. o qual querendo ter a gloria de fazer tudo, não deixava de entregar-se cegamente a seus Ministros, que erãõ os que faziaõ tudo debaixo da sua authoridade: satisfazendo-se elle com certas exterioridades. Fer-se serviu bem pelos seus Ministros; mas elles o fizeram infiel nos seus tratados, e impellido-lhe que todos os bens de seus vassallos lhe pertenciaõ, julgava usar com moderação do seu direito, quando ás vezes lhos tirava.

Suppunha não haver em toda a terra
 Verdadeira virtude , e os homens todos
 Com pouca differença iguaes julgava.
 Se achava hum homem falso, e corrompido,
 Não buscava outro algum , porque entendia
 Não seria melhor. Eraõ peiores
 No seu pensar os bons , que os convencidos
 Malfeteiros , suppondo-os na maldade
 Iguaes , mas inda mais atraçoados.
 Confundido entre os Cyprios do tyranno
 Pygmaleaõ fugi á penetrante
 Desconfiança. Mas Narbaí temia
 Que eu fosse descoberto. Hum tal engano
 A vida custaria a mim , e a elle.
 Era incrível a sua impaciencia
 Pela nossa partida. Mas o vento
 Contrario demorou-nos inda em Tyro.
 Com tudo utilizei nesta demora
 Instruir-me nos usos dos Fenicios.
 Entre as outras Nações taõ affamados.
 Eu admirava o vantajoso assento
 Desta grande Cidade , posta em meio
 Do mar em huma Ilha. Era a visinha
 Costa deliciosa pela summa
 Fertilidade , fructos exquisitos
 Que produz , grande numero de Villas,
 E Cidades, que quasi humas se alcançaõ
 A's patras , e brandura do seu clima ;
Pois

Pois a abrigaõ os montes dos ardentes
Ventos do Meio dia , e he refrescada
Pelo vento do Norte , que do lado
Do mar lhe sopra. Este paiz nas faldas
Do Libano se estende , cujo cume
Fende as nuvens , e vai tocar nos astros.
Alastra-lhe a cabeça eterno gelo.
De alcantiladas rochas , que o rodeiaõ ,
Correm nevados rios. Vê-se em baixo
Vasta floresta de encorpados cedros ,
Que parecem taõ velhos como a terra
Onde foraõ plantados , e levantaõ
Até ás nuvens seus espessos ramos.
A falda deste monte está vestida
De pastos abundantes. Alli vagaõ
Os touros mugidores , as balantes
Ovelhas com os tenros cordeirinhos ,
Que saltaõ sobre a relva. Mil ribeiros
Diversos alli correm , repartindo
Por toda a parte a transparente linfa.
Abaixo das pastagens vê-se o fundo
Do grande monte que hum jardim parece.
Alli reinaõ Outono , e Primavera
Produzindo ora flores , ora fructos.
Nem do Susã o empéstado sopro
Que secca , e queima tudo , nem o fero
Nordeste desbotar oufaõ as vivas
Cores , que adornaõ o jardim. Visinha
Desta

Deſta formoſa Coſta ſe levanta
No mar a Ilha, aonde eſtá fundada
A Cidade de Tyro, que parece
Sobre as agoas boiando ſer Rainha
Dos mares. Nella abordaſ do Univerſo
As Nações mercantis, e ſão ſeus melinos
Habitantes os mais acreditados
Mercadores. Quem entra na Cidade,
Cuida ao principio que ella não pertence
A huma ſó Nação, mas que he de todas
As Nações, e o centro do commercio.
Ella mete no mar dois grandes molhes
Em forma de dois braços, que abarcando
Hum vaſto ſurgidouro, não conſentem
Que os ventos alli entrem. Neſte porto
Se diviſa huma como denſa brenha
De maſtos de navios, que ſão tantos
Que apenas deixaõ ver do mar cavado
Que os ſuſtenta as eſpadoas. Ao commercio
Se dá os Cidadãos. Não os deſgoſtaõ
Suas grandes riquezas do trabalho
Para augmentallas. Vê-ſe em toda a parte
Alli de Egypto o linho fino. Vê-ſe
A purpura de Tyro duas vezes
Tinta com luſtro portentoso, e raro:
Eſta ſegunda côr por ſer tão viva
Não pôde o tempo deſbotalla, e della
Se cria nas finas lãs que ſe realçaõ

Com

Com ricas bordaduras de ouro, e prata.
 Os Fenicios conservaõ seu commercio
 Com todas as Nações té ao estreito
 De (6) Gades, e inda entraraõ pelo vasto
 Oceano, que cerca toda a terra,
 Largas navegações no mar vermelho
 Também tem feito, e abriará o caminho
 Para as Ilhas incognitas trazendo
 Dalli ouro, perfumes, e diversos
 Animacs n'outra parte nunca vistos.
 Eu não podia fâciar meus olhos
 De ver esta soberba perspectiva
 Da Cidade onde todos trabalhavaõ.
 Não se viaõ alli como na Grecia
 Huns homens ociosos, noveleiros,
 Que as novidades vaõ saber ás praças,
 Ou ver os estrangeiros que no porto
 Abordaõ. Andaõ todos occupados:
 Huns descarregaõ os navios, outros
 Conduzem as fazendas, ou as vendem:
 Outros tiraõ as contas do que devem
 Os seus correspondentes. (7) As mulheres
 Ou

(6) Gades, hoje Cadix, he huma pequena Ilha da Hespanha Betica, vizinha do Continente de frente do porto Minster, 19 legoas distante de Tyro. Foi edificada pelos Tyrios, e he huma das suas mais antigas Colonias.

(7) Esta descripção da Cidade de Tyro he huma

Ou fião lãs , ou fazem os dibuxos
 De bordadura , ou dobaõ ricas sedas.
 Porque modo os Fenicios se tem feito ,
 Perguntei a Narbal , assim senhores
 Do commercio da terra , e enriquecido
 A' custa dos mais povos ? Vós o vedes ,
 Me respondeo. De Tyro accommodado
 He o sitio ao commercio. A nossa patria
 Foi da navegaçaõ sabia inventora.
 Os Tyrios , se nos crermos o que conta
 A mais remota antiguidade , foraõ
 Os primeiros que o mar feroz domaraõ
 Antes de Typhis , e dos (8) Argonautas
 Taõ celebres na Grecia. Ninguem antes
 Tinha ousado entregar-se em fragil lenho
 Ao arbitrio das ondas , e ás tormentas.
 Elles do mar sondaraõ os abyssos ,
 E taõ longe da terra praticaraõ ,
 Examinando os astros , as doutrinas
 Que apreenderaõ de Asirios , e de Egypcios.
 Elles em fim uniraõ tantos povos
 Que separava o mar. Saõ os de Tyro

Tra-

natural pintura de Amsterdaõ. O Author queria por isto excitar a emulaçaõ dos Francezes.

(8) Os Argonautas eraõ os herões da Grecia , que foraõ a Colchos com Jason para o roubo do Velocino. O seu navio tinha sido construido em Thesalia pelas mãos de Pallas , Typhis era o Piloto , e o navio se chamava Argos.

Trabalhadores , habeis , affeados ,
 Soffridos , economicos , e parcós .
 Tem exacta policia , e são unidos
 Mutuamente . Já mais houve algum povo ,
 Como elle , tão fiel , constante , exacto ,
 Seguro , e commodo ás Nações estranhas .
 Eis porq' os Lyrios tem do mar o imperio ,
 E fazem que em seu porto assim floreaça
Hum tão util commercio . Se lavrassem
 Entre este povo a divisaõ , e inveja ;
 (9) Se começasse a entorpeceillo o ocio
 E os deleites ; se os nobres o trabalho ,
 E a economia olhassem com desprezo ;
 (10) Se não honrassem na Cidade as artes ;
 Se não guardassem fé aos estrangeiros ;
 Se alterassem as leis , pouco que fosse ,
 De seu commercio franco ; (11) se parassem
 Suas

(9) O luxo tinha começado a arruinar a França , aonde as rendas dos Grandes apenas chegavaõ para as despesas dos seus trastes , e da sua equipagem .

(10) Como as taxas se fizeraõ pessôas , e arbitrias em França , impondo-se ás meimas obras de industria , se desprezavaõ as artes , e os artifices não cuidavaõ em aperfeiçoar-se , julgando remir-se por isso das contribuições com que os carregavaõ .

(11) A proseripção dos Reformados de França deu lugar ao estabelecimento de grande quantidade de manufacturas fóra do Reino , e muitas Cidades sahirão por isso hum prejuizo irreparavel .

Suas manufacturas ; finalmente
Se deixassem de dar os grandes passos
De que precisa a perfeição das suas
Mercadorias , vos verieis logo
Cahir este poder que vos admira.
Mostrai-me , então lhe disse, os verdadeiros
Meios para assentar hum tal commercio
Em Itaca algum dia. O que estes fazem ,
Fazei , me tornou elle. Dai seguro ,
E affavei agasalho aos estrangeiros :
Procurai , que elles achem segurança ,
Commodidade , e liberdade inteira
Em vossos portos : Rispida soberba ,
Ou fardida avareza em vosso peito
Nunca tenhaõ entrada. O verdadeiro
Meio de lucrar muito he contentar-se
Com moderado lucro ; e quando he tempo,
Saber perder. Fazei que os estrangeiros
Vos amem. Relevai-lhes seus defeitos :
Temei vos aborrecção por attivo.
Guardai constante as regras do commercio,
Reduzindo-as a simpleses , e faceis ,
Accostumai os povos a cutuprillas.
Puni severamente a fraude , e a mesma
Negligencia , ou o fasto vaidoso
Nos homens de negocio , que arruinãõ
O commercio , arruinando os q̃ o manejaõ.
Naõ intenteis trazer com violencia

Aos vossos interesses o commercio.
He mais conveniente que o Monarca
Nelle não se intrometa , e a seus vassallos ,
Já que tem o trabalho , deixe os lucros
Por não defanimarem. Mais vantagens
Tirareis das riquezas , que no reino
Devem entrar por hum commercio livre.
He o commercio como certas fontes :
Se lhes querem mudar sua corrente ,
Seccaõ de todo. O commodo , e proveito
Saõ quem attrahe os povos estrangeiros.
Se lhes fizerdes menos proveitoso ,
Ou menos commodo o commercio , logo
Se retiraõ , nem tornaõ ; que os mais povos
Os convidãõ prudentes , e os costumaõ
A passarem sem vós. Desde algum tempo
Tem a gloria de Tyro deslustrado.
Ah querido Telemaco ! Se a visseis
Antes deste reinado , ficariis
Muito maravilhado. Agora vedes
Apenas tristes restos de grandeza ,
Que ameaçaõ ruina. Infeliz Tyro
Em que mãos tu cahiste ! Este mar d'antes
Te trazia de todos os mais povos
Copiosos tributos. Todos teme
Pygmaleaõ , nacionaes , e estranhos ;
E em vez de franquear os nossos portos ,
Segundo era costume , as Nações todas ,
Ain-

Ainda as mais remotas , fãber manda
Quantos navios entraõ , e da gente
Que nelles vem os nomes , do commercio
Qual a indole seja , qual o preço
Das fazendas , e o tempo da demora.
Obra ainda peor. Aos mercadores
Sopreza por ardís , e lhes confisca
Suas mercadorias. Inquieta
Os que fuppõem entrê elles fer mais ricos ;
E com varios pretextos capciosos
Impõem novos tributos. Elle mefmo
Quer entrar no commercio. Os estrangeiros
Pouco a pouco se esquecem do caminho
Conhecido de Tyro ; e se não muda
O Rei esta conducta , bem depressa
Se tranporta de nós para outros povos
Nosso antigo poder , e nossa gloria.
Perguntei a Narbal porque maneira
Tanto em forças maritimas crefceterãõ
Os Tyrios ; pois não quiz ignorar nada
Do que conduz a governar hum Reino.
Respondeo-me : Nós fomos das florestas
Do Libano senhores. As madeiras
Para as náos construir dalli tiramos ,
E por isso se poupaõ. Só se cortaõ
Para as urgencias publicas. Gozamos
A vantagem de termos os mais deftros
Officiaes. Istei-lhe : E porque modo

Os

Os haveis conseguido ? Pouco a pouco ,
Respondeo , se apuraraõ sem ir fora
Aprender. Huma vez que se premeiaõ
Aquelles que nas artes se distinguem ,
Logo da perfeiçaõ chegaõ ao auge ;
Pois a ellas se applicaõ os sujeitos ,
Que tem maior talento , e agudeza ,
Animados de grandes recompensas.
Aqui se dá estimaçãõ áquelles ,
Que se distinguem nas sciencias uteis
Para a navegaçaõ. He attendido
O que he habil gcometra , ou astronomo.
Premeia-se o Piloto , que vantagem
Leva aos mais. Hum insigne carpinteiro
Naõ se despreza. Pagaõ-lhe ao contrario
A grande preço : he bem trataõdo ; e ainda
Hum bom reinheiro tem seguro premio
Com proporçaõ igual ao seu trabalho.
Saõ bem mantidos. Quando estaõ doentes
Os trataõ com desvélo ; tem cuidado
Na sua ausencia da mulher , e filhos ;
E se náufragos morrem , desta perda
Resarcem a familia desfolada.
Aos que tem já servido hum certo tempo
Licenciaõ ; e tem quantos desejaõ
Por este modo. O pai instrue os filhos
N'hum officio taõ util. Desde a infancia
Os costuma a bater os duros remos ,

Puxar as cordas , e a affrontar os mares.
Assim sem violencia se conduzem
Os homens pelos premios vantajosos ,
E pela boa ordem. Nada vale
A authoridade só. Dos inferiores
Não basta a submissão. Convém ganhar-lhes
Os corações , e dar-lhes esperanças
Do lucro , e haá de haver da sua industria.
Depois Narbal mostrou-me os estaleiros ,
Arsenaes , e officinas necessarias
A' construcção das náos. Eu as menores
Coisas lhe perguntei com miudeza ,
E escrevia depois tudo o que ouvia ;
Porque não me escapassem coisas uteis.
Mas Narbal , que me amava , e que temia
O Rei , impaciente o meu embarque
Anhelava , temendo que os espias
Me descubrissem ; pois giravaõ sempre
Noite , e dia a Cidade. Mas o vento
A' sahida se oppunha. E quando hum dia
Visitámos o porto , praticando
Com alguns Mercadores , divisámos
Hum Ministro do Rei , que a Narbal disse
Da parte do tyranno ; que elle soube
De hum Capitaõ da frota , que de Egypto
Trouxera hum estrangeiro , o qual passava
Pcr Cyprio ; que mandava se prendesse ,
E se soubesse ao certo a sua patria ,

E que por elle de Narbal a vida
 Seria responsavel. Retirado
 Estava eu hum pouco , examinando
 De mais perto as medidas, que os de Tyrô
 Na construcção guardavaõ de hum navio
 Quasi novo ; o qual era pela exacta
 Proporção o navio mais ligeiro
 Que se vira no porto , e me informava
 Com o mestre que havia as regras dado:
 Narbal lhe respondeo com sobrefalto ,
 E cheio de temor : Eu vou em busca
 Desse estrangeiro natural de Cypre.
 Apenas o perdeo Narbal de vista ,
 Quando correo a mim para avisar-me
 Do risco em que eu estava. Meu querido
 Telemaco , me disse , eu o tinha
 Previsto : Agora nos perdemos ambos.
 Pygmaleaõ a quem de dia , e noite
 A suspeita atormenta , desconfia
 Que não sejais de Cypre. Tem mandado
 Que vos prendaõ, e a morte me commina ,
 Se eu não vos entregar. Mas que faremos ?
 O' Deoses , inspirai-nos huma industria ,
 Para de tanto risco nos salvarmos.
 Telemaco , he preciso que eu vos leve
 A' presença do Rei. Vós que sois Cyprio
 Insisti , filho de hum estatuario
 De Venus ; e eu direi ter conhecido

A vosso Pai. Talvez o Rei consinta
 Que vos vades , e nada mais indague.
 Não descubro outro meio de salvarvos ,
 E salvarme. Tornei-lhe : Ah ! deixai antes
 Morrer hum desgraçado , que o destino
 Pertende arruinar. Constancia tenho
 Para morrer : E he muito o que vos devo
 Para envolvervos na desgraça minha.
 Não posso resolver-me a huma mentira.
 Não sou Cyprio , e q' o sou não direi nunca.
 A minha singeleza vêm os Numes.
 Compete a elles abrigarme a vida ;
 (12) Nem eu por tão vil preço a quero salva.
 Narbal me replicou : Esta mentira
 He innocente : os Deoses condemnalla
 Não podem. Ella a nada prejudica ,
 E salva duas vidas innocentes.
 Engana o Rei para impedir-lhe hum crime.
 Vós o amor da virtude , e o receio
 De os Numes offender estremais muito.
 Basta , lhe respondi , o ser mentira ,
 Para digna não ser de homem que falla

Em

(12) Esta moral he admiravel , e opposta á dos Jesuitas , que o Author quer combater neste lugar. Como o Rei foi educado com as maximas da segundá , o Author mostra por isso ao seu discipulo , que não se deve regular pelos principios , nem pelo exemplo de seu Avô.

Em presença dos Deoses, e que devo
Tudo sacrificar pela verdade.

O q' offende a verdade, offende os Numes,
E a si; pois falla contra a consciencia.

Deixai de me propor o que he indigno
De mim, e vós. Se os Deoses tem piedade
Do nosso estado, saberaõ livrarnos:

E se elles haõ por bem que nós morramos,
Nós morrendo seremos agradaveis

Victimas da verdade. Deixaremos
Exemplo aos homens, para preferirem
Pura virtude á dilatada vida.

Por infeliz a minha he já extensa.
Por vós só a minha alma se entristece,

Meu querido Narbal, pois taõ funesta
A amizade vos foi de hum estrangeiro.

Nesta disputa porfiámos ambos
Por largo tempo. Mas por fim sentimos

A nós chegar hum homem, que corria
Sem poder respirar de fatigado.

Era hum Ministro que Astarbè mandara
A fim de nos fallar. (13) Era esta dama

Bella,

(13) Este retrato he o da Marquesa de Montelpau, que Luis XIV. roubou a seu marido. Era formosa, engracada, influante, mas ambiciosa, vingativa, e capaz dos maiores excessos. O Rei deixou por esta a Rainha sua esposa. Ella menos unida a pessoa do Rei, que ao esplendor da sua coroa,

Bella , como huma Deosa. Aos da figura
 Juntava os dotes d'alma. Era engraçada ,
 Lifongeiva , e sagaz. Debaixo destas
 Graças encantadoras tinha huma alma
 Féra , e maligna , e disfarçar sabia
 Com profundo artificio as corrompidas
 Intenções. Teve arte para o peito
 Do Rei senhorear pela belleza ,
 Pelos talentos , pela voz suave ,
 E pelos sons armoniços da lyra.
 O Rei levado desta paixão cega
 Abandonou a Tosa sua esposa.
 Só cuidava em manter as paixões loucas
 Da orgulhosa Astarbé, Menos funesta
 Não era esta afeição , que a sua infame
 Avareza. Mas tendo paixão tanta
 Por ella o Rei , ella o prezava em pouco,
 E inda o aborrecia. Recitava
 Com tudo os verdadeiros sentimentos ,
 E mostrava viver só para elle ,
 Inda que não podia soportallo.
 Havia em Tyro hum Lycio , cujo nome
 Era Malachon : Tinha pouca idade ,
 E semblante gentil , mas era brando ,
 Affeminado , dado aos passatempos.

Gaf.

enchou toda a Corte de perturbação , quando o Monarca a quiz deixar por Mademoiselle de Fontange.

Gastava a vida em conservar mimoso
Seu bello rosto , pentear os louros
Cabellos debruçados sobre os hombros ,
Compor airofamente as ondeantes
Dobras do seu vestido , perfumar-se
E os amores cantar ao som da lyra.
Por Astarbé foi visto. Amou-o logo
Com grande extremo. Mas o seu affecto
Baldou , porque elle tinha n'outra dama
Empregado o amor , e receava
Do Rei os crueis zelos. Resentida
Astarbé , se entregou ás suas iras :
Desesperada imaginou o meio
De fazello paifar pelo estrangeiro
Que o Rei buscava , e se dizia vindo
Com Narbal. Persuadio-lhe que era elle,
E corrompeo a quantos poderiaõ
Defenganallo. Como não amava
O Rei os virtuosos , nem sabia
Discernillos , sómente o rodeavaõ
Homens interessados, lisongeiros,
Promptos a executar as suas ordens
Injustas , sanguinarias. Esta gente
Temia de Astarbé a authoridade ,
E concorria para urdir enganos
Ao Rei pelo receio de agastarem
Esta altriva mulher , que possuia
A sua confiança. Assim Malachon,

Polo

Posto que conhecido por Creteuse
 Na Cidade , passou pelo estrangeiro
 Que viera de Egypto , e em fim foi prezo.
 Astarbé , receando que ao Tyranno
 Indo Narbal fallar , lhe descubrisse
 Sua impostura , lhe enviou com pressa
 Aquele Official , que assim lhe falla :
 Astarbé vos prohibe que ao Monarca
 Descubrais o estrangeiro. Ella vos pede
 O segredo ; e fará que satisfeito
 Fique de vós o Rei. Mas apressai vos
 A fazer embarcar esse estrangeiro ,
 Que trouxestes de Egypto com os Cyprios,
 Porque mais na Cidade não o vejaõ.
 Narbal contente de evitar desta arte
 O seu damno , e o meu , guardar silencio
 Protestou : e o Ministro satisfeito
 A Astarbé da mensagem foi dar conta.
 Eu , e Narbal ficámos admirando
 Dos Numes a bondade em premiarem
 Nossa sinceridade , e o seu cuidado
 Taõ vigilante em defender aquelles ,
 Que seguindo a virtude se aventuraõ.
 Viamos com horror o Rei entregue
 A cubiça , e appetite. O que se esfinera
 Tanto em não ser dos outros enganado ,
 Diziamos entãõ , merece sê-lo ;
 E quasi sempre o he. Dos virtuosos

Def-

Desconfia , e se entrega aos mãos. Ignora
Elle só a verdade. Eis o Rei feito
De huma torpe mulher o riso , e jogo.
E permittem os Deoses a mentira
Dos mãos , para abrigar os virtuosos ,
Que á mentira antepoem perder a vida.
Começou a mudar entãõ o vento ,
Sendo já favoravel aos navios
De Cypre. Já os Deoses se declaraõ
Por nós , disse Narbal. Caro Telemaco ,
Elles vos querem pôr em segurança.
Desta terra cruel fugi depressa.
Feliz eu , se pudesse acompanharvos
A's mais remotas regiões da terra ,
Para viver , para morrer convosco :
Mas hum cruel destino a esta patria
Desgraçada me prende. He necessario
Soffrer com ella , e ter a sepultura
Entre as suas ruinas. Mas que importa !
Persistaõ sempre a candida verdade ,
E o amor da justiça no meu peito.
Peço aos Numes eternos vos conduzaõ
Em toda a vossa vida , e vos concedaõ
O mais sublime bem , que he a virtude.
Voltai a Itaca , animai Penelope ,
E defendei-a deães temerarios.
Possaõ os vossos olhos ver Ulysses ,
E os vossos braços apertallo. Elle ache
Hum

Hum filho , que nos meritos o iguala.
Porém lembraivos entre as vossas ditas
De Narbal infeliz , e amai-o sempre.
Tendo elle assim fallado , eu o batiava ,
Sem poder responder-lhe , com meu pranto.
Os profundos suspiros me opprimiaõ
As vozes na garganta , e em silencio
Nos davamos abraços. Conduzio-me
Ao navio ; tornou á praia ; e quando
O navio sahio , nunca deixámos
De nos acompanharmos com os olhos ,
Até onde alcançar podia a vista.





L I V R O IV.

CAlypso que até-li abforta , e immovel
 De Telemaco ouvia os varios casos ,
 O interrompeo para tomar descanso.
 He tempo , disse , que gozeis do somno
 A doçura depois de tantas lidas.
 Nada aqui receeis ; pois está tudo
 Em favor vosso : dai-vos aos prazeres ,
 Gozai a paz , e os outros dons dos Numes
 De que fereis sobradamente rico
 Apenas a manhã a fresca Aurora
 Com seus purpureos dedos as douradas
 Portas desferrolhar do roxo Oriente ,
 E os cavallos do Sol d'entre as amargas
 Ondas furgindo as chammas matutinas
 Esparzirem , fazendo retirar-se
 As estrellas do Ceo , enlaçaremos ,
 O' Telemaco , o fio á vossa historia.
 Não teve vosso Pai prudencia tanta ,
 Nem animo tão forte. O bravo (1) Achilles,
 Que

(1) Achilles filho de Peleu , Rei de Thessalia ,
 e de Thetis , filha de Neten , foi morto por Paris ,
 irmão de Heitor , no Templo de Apollo , quando
 despojava a Polixena filha de Priamo.

Que venceo a Heitor, (2) Theseu valente
 Voltando dos Infernos, ou (3) Alcides
 Que as terras expurgou de tantos monstros,
 Nunca mostraraõ tanta valentia,
 E virtude. Eu desejo que profundo
 Doce somno vos faça curta a noite.
 Mas para mim quanto será comprida!
 Quanto me tardará tornar a vovos
 Ouvirvos, e rogarvos que isto mesmo
 Que fei, me conteis, e perguntarvos
 O que saber me falta! Ide, e o sabio
 Mentor, que os Deoses vos restituiraõ:
 Entrai naquella retirada gruta
 Onde tudo ao descanso vos convida.
 Morfêo derrame sobre os vossos olhos
 Adormecidos suas doces graças;
 Calle nos vossos membros fatigados
 Hum divino vapor, e os leves sonhos
 Vos mande, que os objectos mais risinhos
 Arrastando os sentidos vos enleiem,
 Em torno voltejando; e que affugentem
 Tudo o que possa cedo despertarvos.

A

(2) Theseu filho de Egeu, Rei de Athenas, deiteo aos Infernos para roubar Proserpina: mas foi prezo por ordem de Plutaõ, até que Hercules o veio livrar.

(3) Alcides he Hercules filho de Jupiter, e Alcmena, mulher de Amphytiaõ.

A mesma Deosa conduzio Telemaco
 Para a gruta , da sua separada.
 Não era ella nem menos aprazivel ,
 Nem menos rustica. Huma clara fonte
 Corria a hum lado com murmurio brando ;
 Que o somno convidava. Alli as Ninfas
 Tinhaõ formado duas molles camas
 De verdura , e estendido duas grandes
 Pelles , para Mentor de feroz urso ,
 E de bravo leão para Telemaco.
 Disse a este Mentor , antes que o somno
 Os olhos lhe prendesse : Allucinou-vos
 De contar vossa historia o vaõ deleite.
 Ficou absorta a Deosa ; e os grandes p'rigos
 De que valor , e industria vos salvaraõ ,
 Inflammando seu peito enternecido ,
 Armaraõ para vós o captiveiro
 Mais arriscado. Inda esperais agora ,
 Que vos deixe sahir da sua Ilha ?
 O amor da gloria vã fallar sem tino
 Vos fez : Calypso havia promettido
 Varias coizas contarvos , e de Ulysses
 Os casos referirvos , e achou meio
 De fallar muito *sem dizervos nada* ;
 Fazendo-vos dizer-lhe o que queria
 Saber de vós. Taes são os artíficios
 Da mulher namorada , e lisongeira.
 Quando screis , Telemaco , prudente
Para

Para nunca fallardes por vaidade ;
E faberdes calar vossas vantagens ,
Quando dizellas não convém ? Os outros
Vossa prudencia admirarão n'huma idade ,
Na qual a sua falta he desculpavel ;
Mas eu não vos desculpo. Eu só conheço
A vossa alma , e o muito que vos amo ,
Me obriga a reprehender vossos defeitos.
Que diferente inda sois do sabio Ulysses !
E podia , Telemaco responde ,
A Calypso negar de meus successos
A narraçãõ ? Ah não ! Mentor replica.
Vós devieis fazello ; mas calando
O que podesse enternecer seu peito.
Sobrava referir-lhe que vos visteis
Humas vezes errante , outras cativo
Em Sicilia , e no Egypto. Mas agora
O que farei , continuou Telemaco
Com tom docil , e brando ? Não he tempo ;
Disse Mentor , de lhe occultar o resto
Das vossas aventuras. Ella sabe
Quanto basta ; e aquillo que inda ignora
Disfarçar não podeis. Vossa reserva
Só servirá de mais estimulalla.
Rematai á manhã quanto os celestes
Nomes tem feito em beneficio vosso ;
E aprendei outra vez a reportarvos
Quando devais fallar em vosso abono.

Telemaco abraçou benignamente
 Hum conselho tão bom ; e adormeceraõ.
 Apenas lançou Febo sobre a terra
 Os seus primeiros raios , quando ouvindo
 Mentor a voz da Deosa , que chamava
Dentro do bosque espesso as suas Ninfas ;
 Despertou a Telemaco , e lhe disse :
 He tempo de vencer o somno. Vamos :
 A Calypso tornai. *Desconfiando*
 Porém de suas vozes lisongeiros ,
 Nunca lhe descubrais o vosso peito.
 O veneno temeí de seus louvores.
 Hontem engrandecco-vos mais que o sabio
 Ulysses vosso Pai , que o invencivel
 Achilles , que Theseu tão valeroso ,
 E Hercules immortal. (4) *Naõ conhecestes*
Quanto excessivos foraõ taes louvores ?
 Crêstes acaso o que ella de vós disse ?

Ella

(4) Por este modo insinuava o Author ao Duque de Borgonha a evitar a falsa gloria , a que seu Avô se havia abandonado. Como os seus adulaadores lhe persuadiaõ , que elle era mais do que homem , assentava que naõ havia quem lhe fosse comparado. Por isto consentio , que se lhe desse o Sol por emblema do seu poder , e se lhe attribuisse a immortalidade , como se fez na Inscripção da Praça das victorias em Pariz. A esta Praça , que estava edificada no tempo da composiçãõ della obra , se faz aqui allusão.

Ella mesma de tal se não persuade.
 Não vos louvou senão porque vos julga
 Fraco , e tão vaõ , que possaõ illudirvos
 Tão torpes elogios. Depois foraõ
 Ao lugar onde a Deosa os esperava.
 Com hum sorriso brando ella os recebe ;
 Na apparencia de candida alegria ,
 Encubriendo o temor , e sobressalto ,
 Que o peito lhe opprimiaõ , antevendo
 Que por Mentor Telemaco guiado ,
 Tambem lhe escaparia , como Ulysses.
 Não tardeis , meu Telemaco , lhe disse
 Calypso , em completar os meus desejos.
 Fingio-me toda a noite a fantasia
 Vervos deixar as costas de Fenicia ,
 E em Cypre procurar novo destino.
 Dizei-me pois qual foi esta viagem ,
 E não se perca mais hum só momento.
 Assentaraõ-se entãõ na fresca relva
 Matizada de rosas , e violetas ,
 A' sombra de altas arvores copadas.
 A Telemaco a Deosa ternas vistas
 A miudo lançava , mas com ira
 Notando que Mentor o mais pequeno
 Movimento espreitava de seus olhos.
 As Ninfas em silencio o escutavaõ ,
 Huma especie de circulo formando
 Para o ver , e ouvir. Todas seus olhos

Tinhaõ fobre elle immoveis. Abaixando
Os feus , e reluzindo no feu rofto
Hum engraçado pejo , elle profegue:
De hum vento favoravel o fuave
Sopro encurvando as vélas do navio ,
A noftos olhos efcondeo Fenicia.
Como eu nada fabia dos costumes
Dos Cyprios , com quem hia , refolvi-me
A calar ; mas em tudo reparando ,
E guardando os dictames do decoro ,
Para poder ganhar-lhes as vontades.
No meu silencio hum fomno doce , e grave
Me prendeo , e enleou os meus sentidos.
Eu sentia huma paz , huma profunda
Alegria , que o peito inebriava.
De repente cuidei , que via a Venus
Rafgando as denfas nuvens no feu carro ,
Por duas niveas pombas conduzido.
Tinha Venus belleza que afombrava :
Ella tinha a brilhante formofara ,
A tenra mocidade , e as meigas graças ,
Que fe lhe viraõ no fahir da eipuma
Do Oceano , e que a Jove namoraraõ.
Rápido vôo a poz junto a meu lado ;
E tocando em meu hombro a maõ mimofa,
Repetindo o meu nome , affim me diffe :
Entras , ó moço Grego , em meu Imperio.
Naquelle Ilha feliz brotaõ meus paños

Jogo, e rizo, e prazeres brincadores.
Se queinares incenso em meus altares
Te engolfarei n'hum rio de deleites.
A's doces esperanças abre o peito,
E resistir não queiras ao mandado
Da mais sublime Deosa, que procura
Fazer-te venturoso. Ao mesmo tempo
Vi Cupido batendo as curtas azas
Em torno á tuá formosa revoando.
Tinha o seu rosto cheio de ternura,
De graças infantís, e de lindeza,
Hum não sei que nos scintillantes olhos,
Que me assustava. Elle me olhava, e ria;
Mas o seu rizo era protervo, iniquo,
E zombador. Então tirou da sua
Dourada aljava a mais aguda setta,
E comprimindo o arco, hia a ferir-me.
Mas de repente appareceo Minerva,
Que me abrigou com a segura Egide.
No rosto desta Deosa não havia
Huma belleza molle, huma affectada
Languidez, que eu notava no semblante
E figura de Venus. Ao contrario
Tinha belleza simples, sem alinho,
E modesta. Era nella tudo grave,
Nobre, e cheio de força, e magestade.
A frecha de Cupido despontada
Sobre a Egide cahio sem força em terra.

Indignado Cupido amargamente
Suspirou por se ver assim vencido.
Longe daqui , clamou entãõ Minerva ,
Temerario rapaz. Tu já mais vences
Senãõ aquelles peitos apoucados ,
Que amaõ mais os prazeres vergonhosos,
Do que a prudencia , a gloria , e a virtude.
Agaltado o Amor destas palavras ,
Fugio , e Venus remontou ao Olympo.
Por muito tempo eu vi o carro , e as pombas
N'humã nuvem subtil de azul , e ouro ;
Depois se confundio. Eu para a terra
Voltando os olhos , naõ vi já Minerva.
Parecco-me que estava transportado
A hum jardim deleitoso ; quaes se pintaõ
Os Elysiõs. Aqui os meus laudosos
Olhos viraõ Mentor , que me dizia :
Dessa terra infeliz , dessa empéstada
Ilha fugi , aonde só respira
O deleite. A virtude mais robusta
Alli deve tremer , e só se salva
Fugindo. Apenas eu o vi , lançar-me
Quiz a seus braços ; mas senti que immovcis
Tinha os pés , que os joelhos te abatiasõ ,
E as minhas mãos , que unillo procuravaõ
A mim , cingiasõ incorporea sombra ,
Que sempre me escapava. Nesta lida
Acordei , conhecendo que este sonho

Myfterioso era hum divino aviso.
 Senti-me cheio de animo robusto.
 Contra os prazeres, de desconfiança
 Contra mim, deestando a torpe vida
 Dos Cyprios; e o q̄ mais cortou meu peito
 Foi crer eu, que Mentor perdera a vida,
 E que habitava além do (5) Estygio lago
 A morada feliz das almas justas.
 Esta lembrança fez banhar meu rosto
 Em torrentes de lagrimas amargas.
 Perguntaraõ-me entãõ porque chorava.
 Respondi: Estas lagrimas são proprias
 N'hum triste peregrino, que anda errante
 Sem esperanças de avistar a patria.
 Em tanto os Cyprios, que hiaõ no navio,
 A huma louca alegria se entregavaõ.
 Os remeiros fugindo do trabalho
 Dormiaõ sobre os remos. O Piloto
 Coroadõ de flores fozepando
 Grande taça de vinho, e cigotava
 Abandonando o leme. Os outros todos
 Pelo furor de Bacco transportados,
 Cantavaõ versos em louvor de Venus,
 E Cupido, que horror causar deviaõ

A

A quem ama a virtude. Mas em quanto
 Dos perigos do mar se não lembravaõ,
 A feia repentina tempestade
 Inquietou o Ceo, e os surdos mares.
 Os rijos ventos as prizões quebrando,
 Bramiaõ furiosos contra as vélas:
 As verdenebras ondas agoitavaõ
 Do navio o costado, que gemia
 Ao seu embate. A's vezes sobre os hombros
 Subiamos das vagas empoladas;
 Outras o mar saltarnos parecia
 Debaixo do navio, e nos abyssos
 Precipitarnos. Viamos de perto
 Os rochedos, aonde hiaõ quebrar-se
 Com horrivel fragor as bravas ondas.
 Entãõ comprehendí pela experiencia
 O que a Mentor ouvira tantas vezes;
 Que os homens frouxos, dados aos delectes,
 Desfallecem nos p'rigos. Os de Cypre
 Desalentados lagrimas choravaõ,
 Como fracas mulheres. Não se ouvia
 Senãõ tristes gemidos, vãos remorsos
 Das delicias da vida, inuteis votos
 De sacrificios aos celestes Numes,
 Se chegassẽ ao porto. Ninguem tinha
 Bastante acôrdo, para dar as ordens
 Das manobras, ou para executallas.
 Eu entendi dever salvar as vidas

Del-

(5) A Estyge he huma fonte ao pé do monte Nonactis, cujas agoas são venenosas. Os Poetas fingem que he hum rio, ou lagoa do Inferno.

Delles , salvando a minha. Tomo o leme ,
 Porque via o Piloto qual (6) Baccante
 Fóra de estado de saber o p'riço
 Que o navio corria ; animo os frouxos
 Marinheiros , e mando-lhes que amainem
 As véias. Com vigor entãõ remaraõ ;
 E a través dos rochedos escapámos
 Bebendo a fria morte. Este successo
 Hum sonho pareceo aos Cyprios todos ,
 Que a vida me deviaõ , e me olhavaõ
 Ailõbrades. Em (7) Cypre em fim surgimos
 No mez da primavera consagrado
 A' Deosa Venus. A estaçaõ , diziaõ
 Os Cyprios , quadra á Deosa. Ella parece
 Que anima a natureza , e que os prazeres
 Faz brotar como as flores. Aportando
 Senti logo hum ar brandu , que fazia
 Os corpos pusillanimes , e frouxos ;
 E ao mesmo tempo me influa hum genio
 Alegre , e jovial. Notei que os campos
 Naturalmente férteis , e viçosos ,
 Estavaõ quasi incultos. Tanto eraõ
 Inimigos os seus habitantes
 Do trabalho. Entãõ vi de toda a parte
 Mu-

(6) As Baccantes eraõ mulheres , que sacrificavaõ a Baco.

(7) Cypre era Ithia do Mediterraneo , muito fértil , e aprazivel.

Mulheres com vaidade ataviadas ,
 Que entoando de Venus os louvores
 Hiaõ prostituir-se no seu Templo.
 A formosura , as graças , a alegria ,
 E o prazer reluziaõ nos seus rostos ;
 Mas eraõ estas graças affectadas.
 Naõ guardavaõ a nobre singeleza ,
 O amavel recato , que o realce
 He maior da belleza. Os requebrados
 Gestos , as artes de compor os rostos ,
 Os vaidosos vestidos , vaõs enfeites ,
 O seu lascivo olhar , que parecia
 Querer dos homens attrahir as vistas ,
 A sua emulaçaõ para arearem
 Grandes paixões , em fim tudo o que eu via
 Neste sexo , era vil , e desprezivel.
 (3) O empenho de quererem agradarme
 Mas fazia odiosas. Fui da Deosa
 Ao Templo conduzido. Ella tem muitos
 Em toda a Ilha ; pois lhe rendem cultos
 Em Cythera , em Paphos , e em Idalia.
 Com tudo conduziraõ-me a Cythera.
 He o Templo de marmore luzente ;

E

(3) Esta pintura das mulheres de Cypre era o retrato natural das Damas da Corte de França na mocidade do Rei , e até o tempo de Madama de Maintenon , que fez tomar a toda a Corte a máscara de devoçaõ.

E he hum perfeito peristylio. A altura ,
 E a grossura das limpidas columnas
 Fazem magestosissimo o edificio.
 Acima da architrave , e aureo frizo
 Pendem ricos frontões em cada face
 Onde em baixo relevo se divisaõ
 Os successos da Deosa mais notaveis.
 Vê-se á porta do Templo immenso povo ,
 Nem do lugar sagrado no recinto
 As victimas se immolaõ , nem se queima
 Como nos outros Templos a gordura
 Das vacas , e dos touros , ou seu sangue
 Se derrama nas aras , mas sòmente
 Se apresentaõ as rezes , que se offrecem ;
 E não se offrece alguma , que não seja
 Nova , branca , sem mancha , e sem defeito.
 He enfeitada de purpureas fitas
 Bordadas de ouro fino. Entaõ lhe douraõ
 A cornigera frente , e com capellas
 A corçaõ logo de cheirosas flores.
 Depois de terem sido presentadas
 Diante dos altares , as remetem
 A hum remoto lugar , onde as degollaõ ,
 E servem aos festins das Sacerdotes
 Da Deosa. Toda a sorte de licores
 Perfumados , e vinhos mais suaves
 Do que o nectar , tambem alli se offerta.
 Os Sacerdotes andaõ revestidos

De

De largas brancas roupas com douradas
 Cintas , as quaes guarnecem borlas de ouro.
 Ardem de noite , e dia ante os altares
 Exquisitos aromas do Oriente ,
 E formaõ densas nuvens , que remontaõ
 Até o Ceo. Os vasos destinados
 Ao sacrificio saõ de fino ouro.
 De verde myrto cerca o Templo em roda
 Sagrado bosque. *Sõ á gente moça*
 De ambos os sexos , de belleza rara,
 He permittido apresentar aos Vates
 As victimas , e o fogo dos altares
 Accender : mas a torpe impudicicia
 Hum Templo taõ magnifico deshoura.
 Tive horror ao principio do que via ;
 Mas insensivelmente começava
 A acostumar-me. Já naõ tinha ao vicio
 Horror ; as companhias me infundiaõ
 Naõ sei que inclinaçaõ para a desordem :
 Mofavaõ da innocencia : (9) o meu recato ,
 E

(9) O Rei na sua adolescencia era muito serio e comedido. Naõ se affastava de coiza das Sobrinhas do Cardeal Mazarino , e a pesar da sua familiaridade , elle as incommodava nos seus divertimentos. Mas depresso amavaõ rodear á sua innocencia , e o fez cabir nellas mais facilmente a má educaçaõ , que havia tido. Contra hum semelhante perigo adverte aqui o Author ao seu discipulo , fazendo-lhe sentir os riscos a que a sua mocidade estava exposta.

E o meu pejo a este povo deshonesto
Eraó motivo para escarnecerem.
Nada lhes esquecco para avivarem
Minhas paixões. Armarão-me ciladas
Para excitarme o gosto dos prazeres.
Eu me sentia ir desanimando.
A boa educação, que havia tido,
Já me não alentava; já as minhas
Boas resoluções desfalleciaó.
Em fim meu coração não tinha forças
Para o mal rebater, que me atacava
Em redor. A' virtude hum ruim pejo
Cobrava já. Eu era como hum homem,
Que anda nadando em rápida, e profunda
Ribeira. No principio fende as bravas
Ondas, monta a corrente impetuosa:
Porém se são as bordas escarpadas,
Se já não póde descansar na praia,
Pouco a pouco enfraquece, e o desamparaó
As forças que lhe restaó; exauridos
Seus membros entorpecem; finalmente
Elle he pela corrente arrebatado.
Começavaó assim estes meus olhos
A deslumbrar-se: eu via ir afrouxando
Meu coração; cobrar já não podia
Nem a minha razão, nem das virtudes
De meu Pai a lembrança. O mesmo sonho,
Em que o sabio Mentor se me singira

Já aos Campos Elyfios transportado ,
Mais cobarde o meu animo fazia.
Hum desfallecimento brando interno
Se apollava de mim. Já eu provava
Lilongeiro veneno , que correndo
De veia em veia , a ultima medulla
Penetrava de todos os meus ossos.
Exhalava com tudo inda suspiros
Profundos , e vertia amargas lagrimas.
Rugia ás vezes qual Leão raivoso.
Mocidade infeliz ! Eu proferia :
Com quanta crueldade sacros Numes
Deixais que os homens vivaõ huma idade ,
Que não he mais q̃ hum tempo de loucuras ,
Hum accesso cruel de ardente febre !
Porque não estou eu de cãs cuberto ,
Curvado , e já vilinho á sepultura ,
Como Laerte , meu Avó ? A morte
Me fora mais suave , que o infame
Abatimento em que me vejo. Apenas
Acabei de fallar , a minha magoa
Se adoçava. O meu peito inebriado
De huma cega paixão longe arrojava
Todo o pudor. Vivia submergido
De peizados remorsos n'hum abyfmo.
Nesta perturbação andava errante
Pelo bosque sagrado , qual da frecha
Do dextro caçador ferida a cerva ,

Corre

Corre a través da verdeneira mata
Por mitigar a dor; porém a chaga
Nas entranhas aberta a segue sempre,
E o ferro matador comigo leva.
Assim corria eu para esquecerme
De mim mesmo, mas nada divertia
A dor, que o coração me atormentava.
Neste momento divisei ao longe
Por entre as fendas do arvoredo espesso
A sombra de Mentor; mas tinha o rosto
Macilento, e tão triste, e carregado,
Que suspendeo o meu contentamento.
Sois vós, querido amigo, sois a minha
Esperança suave? Sois vós mesmo,
Ou enganosa imagem, que os meus olhos
Vem iludir? Será a vossa sombra
Condoída talvez de meus desastres?
Não sois daquellas almas venturosas
Que da sua virtude o premio gozão,
E que os Deuses sustentão com o puro
Deleite em paz eterna nos Elyfios?
Fallai, Mentor. Viveis acaso ainda?
Serei eu tão feliz, que vos possua,
Ou sois a sombra só do meu amigo?
Dizendo estas palavras, eu corria
Para elle sem rino, e tão ansioso
Que o alento perdia. Elle em silencio
Sem mover hum só passo me esperava.
Vós;

Vós , ó Numes , sabeis qual alvoroço
Eu senti , apertando-o nos meus braços.
Não ; não he sombra vã , fingida imagem :
Eu lhe pego , eu abraço o meu amado
Mentor : desta maneira eu exclamava.
O seu rosto banhei de huma torrente
De lagrimas. Fiquei então suspenso
Entre seus braços , sem poder fallar-lhe.
Elle me olhava afflicto , e compassivo.
Finalmente lhe digo : Ah ! donde vindes ?
Quantos riscos corri na vossa ausencia !
E que faria eu sem vós agora ?
Mas sem me responder a taes perguntas ;
Fugi , me disse com hum tom terrivel ;
Fugi , e apressai vossa fugida.
Esta terra infeliz em vez de fructos
Produz veneno ; este ar que se respira
Está inficionado ; os homens fallaõ
Para communicar mortal peçonha ,
De que foraõ tocados. O appetite
Infame , o maior mal que trouxe ao mundo
Pandora , d'alma os brios amortece ,
Nem soffre da virtude os claros lumes.
Fugi : Porque tardais ? e na fugida
Não olheis para traz ; toda a lembrança
Suffocai desta Ilha abominavel.
Disse ; e logo senti como huma densa
Nuvem ante meus olhos dissipar-se ,

É dar-me a ver a pura claridade,
 Renascia em meu peito huma suave
 Alegria, que os brios me alentava.
 Era bem differente esta da outra
 Molle, e licenciosa, que os sentidos
 Me havia envenenado. Era a primeira
 Cheia de embriaguez, e desatinos,
 Entremetida de paixões furiosas,
 E picantes remorsos, e he esta
 Constante, e racionavel, e tem parte
 De feliz, e divina. Sempre he pura
 E igual; e nada pôde destrui-la.
 Quanto mais se exprimenta, he mais suave;
 Sem inquietação a alma arrebatada.
 Eu então derramei gostosas lagrimas;
 E nada era mais doce que este pranto.
 Felizes, eu dizia, aquelles homens
 A quem mostra a virtude as suas luzes.
 Quem he que pôde vê-la, que a não ame?
 Ou que a ame, e não seja venturoso?
 Mentor me disse: He força que vos deixe:
 Parto já; nem me he licito o deter-me.
 Eu instei-lhe: Aonde ides? A que terra
 De acompanharvos deixarei? Ah! crede,
 Que não me escapareis. Eu morrer quero
 Em vosso seguimento. Estas palavras
 Dizendo, o estreitava entre meus braços
 Com toda a minha força. Em vão, diz elle,
 Ef-

Esperais demorarme. O cruel Metofis
Me vendeo a huns Etiopes, ou Arabes.
Estes indo por causa de commercio
A Damasco na Syria, desfazerse
De mim quizeraõ, crendo tirariaõ
De hum chamado Hazael cabedal grande,
Porque buscava algum escravo Grego
Para saber dos Gregos os costumes,
E aprender suas artes. Com effeito
Hazael me comprou por grosso preço.
O que eu lhe contei dos Gregos ritos
O obrigou a passar de Creta á Ilha
Para estudar as sábias leis de (10) Minos.
No meio da viagem rijos ventos
Fizeraõ, que arribassemos em Cypre.
Em quanto espera hum vento favoravel
Veio ao Templo tender devotos cultos.
Vêde-o que sahe. Os ventos já nos chamaõ;
E já começaõ a enfunarse as vélas.
Adeos, caro Telemaco. Hum escravo
Temente aos Numes deve fielmente
Seguir a seu senhor. Que eu seja livre,
Os Deoses não permittem. Elles sabem
Que se não fosse d'outrem, fora voffo.
Adeos:

(10) Minos era filho de Jupiter, e de Europa, filha de Agenor, Rei de Fenicia. Era Rei de Candia; e porque foi muy recto, fingiraõ que Plutaõ o chamara para ser Juiz nos Infernos.

Adeus : tende presentes os trabalhos
De Ulyſſes , de Penelope os deſgoiſtos.
 Nunca vos eſqueçais dos juſtos Nomes.
 O' Deoſts protectores da innocencia !
 Em que terra deixar devo a Telemaco !
 Não ; não , lhe diſſe eu , Mentor amado ,
 Eu não vos deixarei : morrerai antes
 Que vos veja partir ſem ir convosco.
 He o voſſo ſenhor inexoravel ?
 Bebeo acaſo em ſua infancia o leite
 D'alguma Hircana tigre ? De meus braços
 Queretá arrancarvos ? Dé-me a morte ,
 Ou deixe que vos ſiga. Vós a fuga
 Me aconselhais , e me tolheis ſeguir-vos ?
 Vou ſallar a Hazael. Talvez piedade
 Tenha das minhas lagrimas ſinceras ,
 E de meus tearos annos. Pois elle ama
 A ſciencia do juſto , e vem tão longe
 Procuralla , não póde ter huma alma
 Feroz , e ao brando rogo inacceſſivel.
 Ante os ſeus pés me proſtrarei. Meus braços
 Dobrarei a prender os ſeus joelhos ;
 E não o largarei , ſem que permitta
 Que vos ſiga. Mentor , ſerei eſcravo
 Convosco. A minha triſte liberdade
 Lhe ofertarei. Se elle a rejeita , a vida,
 A triſte vida cortarei de hum golpe.
 Neſte tempo Hazael a Mentor chama.

Eu

Eu me arrojo a seus pés. Elle admirado
Ficou vendo hum estranho em tal postura.
Que pertendeis, me diz? Respondo: a vida.
Naõ poderei viver, se me negardes (cravo.
Que acompanhe a Mentor, que he vosso es-
Eu sou filio de Ulysses, o mais sabio
Dos Reis da Grecia, que assolarãõ Troia;
Taõ celebre na Asia. Naõ refiro
Meu nascimento por fazer alarde
De nobreza, mas só para inspirarvos
Nos infortunios meus terna piedade.
Em busca de meu Pai todos os mares
Corri, tendo na minha companhia
Mentor, q̃ de meu Pai fez sempre as vezes.
Fortuna mo roubou para remate
De meus males, fazendo-o vosso escravo.
Permitti-me que o seja eu tambem vosso.
Pois amais a justiça, e ides a Creta
De Minos aprender a leis austéras,
Abtandai vosso peito a meus suspiros,
E ás copiosas lagrimas, que verto.
Vêdes de hum Rei o filio, que vos pode
A escravidãõ como ultimo remedio.
Já n'outra occasiãõ ao cativoiro
A morte preferi; mas as primeiras
Minhas desgraças erãõ dos revêzes
Da fortuna cruel enfaios leves.
Agora temo naõ entrar na conta

Dos escravos. O' Deuses ! os meus males
 Prefenciai. O' Hazael ! lembrai-vos
 Do grande Minos , que inda deve hum dia
 Julgar-nos de Plutaõ no reino escuro.
 Humas vistas affaveis , e serenas
 Me lançava Hazael. A mão benigna
 Me estendo ; levantou-me ; e assim me fallá :
 O valor , e a prudencia sei de Ulysses.
 Quanta gloria alcançou em toda a Grecia
 Mentor me tem contado muitas vezes ,
 É a fama diligente o grande nome
 Levou aos povos todes do Oriente.
 Filho de Ulysses , vinde , acompanhai-nos.
 De terno Pai vos servirei , em quanto
 Não recobrais a quem vos deu a vida.
 Inda quando de vosso Pai a gloria ,
 Os infortunios d'elle , e os mesmos vossos
 Me não enternecessem , a amizade
 Que conservo a Mentor , me empenharia
 A ter de vós cuidado. He sim verdade
 Que o comprei como escravo , mas o preço
 Como amigo fiel. O tenue preço
 Que despendi , me grangeou o amigo ,
 Que tenho mais amavel , e precioso.
 Nelle a sabedoria achei ; e devo
 A seus doutos conselhos todo o affecto ,
 Que á virtude consagro. Já por livre
 Aqui o dou. Vós o fereis não menos ,
De

De ambos os corações sómente quero.
N'hum instante passei da mais acerba
Pena , que podem sopportar os homens ;
Ao mais vivo prazer. Via-me salvo
De hum p'riço horrivel. A' prezada patria
Me approximava. Tinha fáceis meios
De tornar para ella. Já gozava
Doce consolação na companhia
De hum homem , q̃ me amava unicamente
Pelo amor excessivo da virtude.
Em fim achava tudo , recobrando
A Mentor , para não me apartar d'elle.
Hazael se encaminha para a praia :
Nós o seguimos. Embarcamos logo.
Fendem alegres as quietas ondas
Os remeiros. Hum Zefiro suave
Brinca nas nossas vélas , que animando
Todo o navio , hum leve movimento
Lhe davaõ. Logo Cypre aos nossos olhos
Se escondeo. Hazael impaciente
De conhecer meus proprios sentimentos ;
Me perguntou , qual era o meu juizo
Sobre os costumes Cyprios. Eu expuz-lhe
Ingenuamente os riscos , a que esteve
Exposta a minha tenra mocidade ,
E o combate que dentro de mim mesma
Soffri. Moveo-o o meu horror ao vicio ;
E disse : O' Venus eu conheço o imperio

Vosso , e o fatal poder do Deos Cupido:
 Já incensos queimei nas vossas aras :
 Mas permitti , que eu abomine a infame
 Torpeza dos indignos moradores
 Desta Ilha fatal , e a impudicicia
 Brutal , com que celebraõ vossas festas.
 Depois Mentor , e Hazael fallaraõ
 Sobre aquella Potencia incomprehensivel ,
 Que formou ceo , e terra ; sobre aquella
 Luz infinita , que se communica
 A todos , sem com tudo dividir-se ;
 Sobre aquella Verdade soberana ,
 Que a todos os espiritos illustra ,
 Como o Sol allumia os corpos todos.
 Quem nunca vio aquella luz taõ pura ,
 Profeguiãõ entãõ , he como o cego
 De nascimento ; passa a vida em trevas
 Profundas , como os pòvos a quem nega.
 O Sol a luz n'hum anno muitos mezes.
 Sabio presume ser , e he insensato ;
 Cuida que tudo vê , e naõ vê nada ;
 E morre sem ter visto coisa alguma.
 Ao muito só distingue debeis sombras ,
 Falsos clarões , fantasmas mentirozos ,
 E larvas vãs. Saõ desta classe os homens ,
 Aquem fragil deleite dos sentidos ,
 E as imagens fantasticas arrallaõ.
 Só verdadeiros homens saõ no mundo
Aquel-

Aquelles que consultão , amaão , seguem
 Esta eterna Razaõ , que nos inspira
 Quando pensamos bem , e nos reprehende
 Quando pensamos mal. Nós lhe devemos
 Naõ menos a razaõ , que a propria vida.
 He como hũ grande mar de immensas luzes,
 E saõ nossos espiritos , quaes tenues
 Regatos , que dalli sabem , e tornaõ
 Depois , para engolfar-se em seus abyssos.
 Naõ pude perceber bem o sentido
 Deste discurso ; porũm nelle achava
 Hum naõ sei que de puro , e de sublime:
 Meu coraçãõ com elle se inflamava.
 Em todas as palavras a verdade
 Me parecia reluzir. Passaraõ
 A fallar ambos sobre a antiga origem
 Dos Deoses , dos Herões , e dos Poetas.
 Do diluvio fatal , da idade de ouro ,
 E dos antigos casos dos humanos ,
 Do (11) Lethes vagaroso , aonde as almas
 Se submergem , das penas destinadas
 Eternamente aos impios no profundo
 Golfo do (12) Tartaro , e da paz ditosa ;
 Que

(11) O rio Lethes he assim chamado de huma palavra Grega que significa *esquecimento*; pois fingem , que as suas agoas tiraõ a memoria do passado.

(12) O Tartaro he hum lugar nos Infernos , aonde os mões saõ atormentados.

Que possuem os Justos nos Elyfios
 Sem temor de a perderem. Discorriaõ
 Assim Mentor, e Hazael. Mas logo
 Vimos Delfins cubertos de huma eicama,
 Que parecia ser de azul, e ouro,
 Os quaes brincando, as ondas levantavaõ
 Com alva espuma. Vinhaõ apõs elles
 Os Tritões imitando o som das trompas
 Cõs buzios retorcidos. Rodeavaõ
 O carro de (13) Amphitrite, conduzido
 Por cavallos marinhos, mas taõ alvos
 Que a neve escureciaõ, e rasgando
 O falso mar, deixavaõ muito ao longe
 Na sua esteira dilatados sulcos.
 Tinhaõ os grandes olhos inflammados,
 E as rubicundas bocas fumegavaõ.
 Era da Deosa o carro huma só concha
 De pastoso feitio. Era mais alva,
 E mais lustrosa, que o marfim. As rodas
 Eraõ de sino ouro; e pareciaõ
 Voar na superficie das quietas
 Ondas. De Ninfas huma linda tropa
 Coroadas de flores, em cardume
 Atraz do carro hia cortando as agoas.
 Os seus bellos cabellos pelos hombros
 Estavaõ esparzidos, e ondeavaõ

A'

(13) Amphitrite filha de Oceano, e de Doris, mulher de Neptuno, he a Deosa do mar.

A' discrição dos ventos. Tinha a Deosa
 Na mão o Cetro de ouro , com que as ondas
 Regia , e com a outra segurava
 No seu colo o pequeno Deos Palemo ,
 Que dos seus lacteos peitos lhe pendia.
 Tinha hum rosto sereno , e magestoso ,
 Que affugentava os ventos desábridos ,
 E as negras tempestades. Conduziaõ
 Os Tritões os cavallos , sustentando
 Nas mãos douradas redcas. Sobre o carro
 Tremolava no ar purpureo toldo
 Meirinhado e' o sopro de huma turba
 De Zefiros pequenos , que impellillo
 Com seus halitos brandos forcejavaõ.
 No alto apparecia o feio (14) Eolo
 Inquieto , apressado. O rosto triste ,
 E carregado , a voz ameaçadora ,
 As espessas pependentes sobrancelhas ,
 E os negros olhos cheios de hum escuro
 E súltero fogo , os Aquilões ferozes
 Enfreaõ , e as nuvens repelliaõ.
 As immensas baléas , e os marinhos
 Monstros fazendo nas odiondas ventas
 Fluxo , e refluxo das amargas ondas ,
 Sabiaõ apressados das profundas
 Humidas grutas , para ver a Deosa.

L I -

(14) Eolo era filho de Júpiter, e de Aeeles filha de Hippotas Troiano. Os Poetas o fizeram Deos dos ventos.



L I V R O V.

D E pois deste espectáculo brilhante
 As montanhas de (1) Creta descubri-
 Que mal se distinguiaõ das espessas (mos,
 Nuvens do Ceo, e das verdeas ondas.
 Dalli a pouco vimos o alto cume
 Do monte Ida, da Ilha as mais montanhas.
 Superior, qual na rustica deveza
 Já idoso veado ergue os ramos
 Esgalhos sobre as pávidas cabeças
 Dos cornigeros cervos, que o rodciãõ.
 Hia-mos vendo mais distinctamente
 As Costas desta Ilha, que a figura
 Fazia de hum soberbo amphitatro.
 Tanto era de Cypre a terra inculta,
 E desprezada, quanto era a de Creta
 Fertil, e ornada de copiosos fructos
 Por industria de seus habitadores.
 Por toda a parte via-mos Aldeias
 Bem assentadas, Villas que hombrecavaõ
 Com Cidades soberbas. Naõ havia

Cam-

(1) Creta hoje Candia Ilha do mar Mediter-
 raneo.

Campo que não mostrasse a mão impressa
Do destro agricultor. Do curvo arado
Viao-se em toda a parte fundos sulcos.
Os cardos , os espinhos, e as mais plantas,
Que inutilmente occupão o terreno ,
Erao neste paiz desconhecidas.
Via-mos com prazer cavados valles ,
Onde mugiaõ sobre as férteis vargeas
As manadas de vacas ; os cordeiros
Pascendo no declive da montanha ;
Os vastos campos de huma loura espiga
Cubertos , ricos dons da fertil Ceres :
Em fim montes de pampanos ornados ,
E cachos já corados prometendo
Aos vendimeiros os suaves mimos
De Bacco , que os cuidados adormenta
Dos humanos. Mentor entao nos disse ,
Que havia estado n'outro tempo em Creta.
Esta Ilha admirada entre os mais povos ,
E celebre por suas cem cidades ,
Mantem , dizia elle , sem trabalho
Os seus innumeraveis habitantes.
Nunca se cança a terra providente
De tirar de seu seio inexhaurivel
Ricos dons para os seus cultivadores.
Tantos mais homens ha , tanto mais gozaõ
Da abundancia , se saõ industriosos ,
Naõ podem huns dos outros ter inveja ,

A terra boa mãi produz seus fructos
A' proporção do numero dos filhos ,
Que merecem seus dons pelo trabalho.
A ambição , a avareza dos humanos
São a unica fonte dos seus males :
Querem os homens tudo , e a desmedida
Cubica os faz por isso desgraçados.
Se elles viver quizessem simplesmente
Satisfeitos de terem soccorrido
As precisões da vida , em toda a parte
Se veria a alegria , e abundancia ,
A união , e paz. O grande Minos ,
O melhor , e mais sabio dos Monarcas ,
Assim o entendeo. Tudo o que virtues
De passmozo na ilha , he doce fructo
Das suas leis. A educaçãõ que aos filhos
Manda dar , os faz fortes , e sadios.
São costumados a huma vida austera ,
Frugal , laboriosa. Aqui assentaõ
Que o delcize amollece , e tira as forças
Do corpo , e d'alma. Os unicos prazeres
Que propoem , são o uso da virtude
Incontrastavel , e o amor da gloria.
Valor não consideraõ os Creteses
Em desprezar a morte na batalha ,
Mas em calcar aos pés os avultados
Cabedaes , e appetites vergonhosos.
Tres vicios se castigaõ , que impunidos
São

São entre as mais Nações ; o fingimento ,
A ingratitude , e avariza. Em Creta
Não se conhece o luxo , ou a perguiza.
Não precisaõ de leis para conter-se.
Todos trabalhaõ , mas neshum procura
Enriquecer ; e cada hum se julga
Pago do seu trabalho com a vida
Tranquilla , e socegada ; porque goza
Em paz , e abundancia o necessario
Para manter-se. Aqui não se consentem
Moveis soberbos , nem custosas roupas ;
Não banquetes esplendidos , nem tetos
Dourados : os vestidos são de fina
Lã de lustrosa cor , inda que lizos ,
E não bordados : são as mezas sóbrias ;
Bebe-se pouco vinho ; o pão , as fructas ,
Que as arvores offrecem voluntarias ,
E dos gados o leite , a maior parte
Fazem das iguarias. As viandas
Comem sem mais guisados. As melhores
Rezes conservaõ de seus pingues gados ,
Para com ellas cultivar os campos.
São alleadas , commodas , alegres
As casas ; mas sem fastio ; e inda q as regras
Da architectura saibaõ , as empregãõ
Só nos Templos sagrados , não ousando
Os homens habitar casas , que igualemente
A's dos Deoses. Os bens, q elles mais prezaõ,
São

Saó a força , o valor , e a faude ,
 A paz , e união entre as familias ,
 A liberdade nacional , do ocio
 O horror , o desprezo do superfluo ;
 A abundancia das coizas necessarias ,
 O habito ao trabalho , da virtude
 A emulação , a submissão ás justas
 Leis , e o respeito dos supremos Numes.
 Perguntei-lhe qual era a authoridade
 Do Rei ; e respondeo-me: (2) Sobre o povo
 Póde tudo ; mas podem sobre elle
 As leis. Elle só tem poder supremo
 Para obrar bem , mas tem as mãos ligadas
 Para obrar mal. As sábias leis do Estado
 Lhe confião os povos , que governa ,
 Qual precioso deposito ; com tanto
 Que elle ha de ser o pai de seus vassallos.
 Estas querem , q' hã homem com prudencia,
 E madureza , felicite os outros ;
 E naõ que tantos homens infelizes
 Em cativoiro infame lifongecem
 A soberba , e vaidade de hum só homem.
 Naõ deve hum Rei ser superior aos povos ,
 Se-

(2) Naõ se póde indicar melhor a authoridade absoluta de Luiz XIV. que podia tudo sobre os seus povos , pelo abuso que fazia do seu poder , dobrando as leis á sua vontade , segundo os tempos , e as circumstancias.

Senão no que convém , para das duras
 Obrigações o pezo alliviar-lhes ,
 Ou inprimir-lhes o respeito áquelle ,
 Que sustenta das leis a authoridade.
 Antes compete ao Rei o ser mais sóbrio ,
 E inimigo do ocio vergonhoso ,
 Mais isento do fasto , e da soberba
 Do que os outros. Não deve mais riquezas,
 Ou mais prazeres ter , sim mais prudencia,
 Virtude , e gloria. Deve ser na guerra
 O defensor da patria , e do seu povo
 Na paz hum juiz recto , para a todos
 Fazer prudentes , hons , e venturosos.
 (3) Para si não o fazem Rei os Numes ,
 Mas para ser o homem do seu povo.
 O povo he quem deve todo o tempo ,
 Todos os seus affectos , e cuidados.
 Só de reinar he digno , se esquecido
 De si ao bem commum se sacrifica.
 Minos quiz que seus filhos succedessem ;
 Mas com a condição , que reinariaõ
 Segundo aquellas maximas saudaveis.
 (4) Mais que a sua familia amou seu povo.

F'o-

(3) Luiz XIV. referia tudo a si mesmo , e á sua gloria. Este era o motivo de todas as suas declarações de guerra.

(4) O Rei amava muito mais a sua familia , que o seu povo ; pois sempre sacrificou este para engrandecer a sua casa.

Foraõ os seus dictames , que fizeraõ
 A Creta taõ feliz , e poderosa.
 Sua prudencia amorteceo a gloria
 Delles Conquistadores , que se empenhaõ
 Em fazerem servir os seus vassallos
 Só á sua grandeza , ou mais depreisa
 A' sua vaidade. Finalmente
 Pela sua justiça se fez digno
 De ser no Averno o julgador dos mortos.
 Acabava Mentor este discurso ,
 Quando á Ilha abordámos. O famoso
 Labyrintho avistámos , chefe d'obra
 Do engenhoso (§) Dedalo , o qual era
 Imitação do grande Labyrintho
 Que viramos no Egypto. O edificio
 Curioso algum tempo contemplámos ;
 Mas vimos logo numeroso povo
 Na praia , o qual a hum sitio ao mar visinho
 Corria. Perguntámos do concurso
 Qual o motivo fosse ; e hum dos Cretenses,
 Nausicrates chamado , assim nos disse :
 Sabei que Idomeneu , neto de Minos ,
 E filho de Deucalion , ao cerco
 De Troia foi com os mais Reis da Grecia.
 Desmantelada esta Cidade , ao vento

As

(§) Dedalo filho de Mincio , e pai de Icaro , era hum famoso artista.

As vélas deu para tornar a Creta :
Mas sobreveio horrenda tempestade.
O Piloto , e os expertos marinheiros
Creraõ ser o naufragio inevitavel.
Cada hum tinha a morte ante seus olhos.
Viaõ abertos horridos abyssimos
Para sorvellos. Sua triste sorte
Todos choravaõ ; já naõ esperando
O descanso gozar das nuas lombas ,
Que vaõ atravessar o Elygio lago
Depois de huma piedosa sepultura.
Idomencu , erguendo as mãos , e os olhos
Para o ceo , invocou assim Neptuno :
O' poderoso Deos ! o Rei exclama ,
Tu que o governo tens dos vastos mares ,
Digna-te de escutar hum desgraçado.
Se contra a furia dos soberbos ventos ,
Me tornas salvo a Creta , eu te prometto
A primeira cabeça , que a meus olhos
Se offereça , immolar em teus altars.
Seu filho impaciente co' a saudade
Do Pai , se adiantou para abraçallo.
Infeliz ! naõ sabendo que corria
A' sua perdição. O Pai já salvo
Da tempestade , ao porto desejado
Chegava , e agradecia ao Deos das agoas
Ter ouvido os seus votos. Mas depressa
Conhecco que lhe haviaõ ser funestos.

Da

Da desgraça interior presentimento
 Lhe motivava do indiscreto voto
 Excessivo pezar. Elle temia
 Chegar aos seus, tornar a ver aquelles,
 Q' mais no mundo amava. Mas (6) Nemesis,
 Deosa inflexivel, que em punir os homens
 Se emprega, e maiormente os Reis altivos,
 O conduzia com a mão funesta,
 E invisivel. Já chega; apenas oufa
 Os olhos levantar, e vê seu filho.
 Recúa horrorizado, e com a vista
 Buscava, mas em vão, outra cabeça
 Menos d'elle querida, que pudesse
 De victima servir-lhe. Em tanto o filho
 A seus braços se lança; e fica aborço,
 Observando que o Pai não corresponde
 A' intima ternura de seu peito.
 Elle vê a seu Pai banhado em pranto.
 De que nasce, lhe diz, esta tristeza,
 Meu Pai? Depois de ausencia tão comprida
 Não vos contenta ver o vosso Reino,
 É a alegria fazer de vosso filho?
 Que vos fiz eu? Porque voltaes o rosto
 Por me não verdes? De afflicção cortado,
 O Pai nada responde. Mas profundos
 Sus-

(6) Nemesis filha de Jupiter, e da Necessidade, presidia ao castigo dos delictos.

Suspiros arrancando , em fim exclama :
Qual promessa te fiz , ó Deos Neptuno ?
Porque preço me salvas do naufragio ?
Torna-me ás ondas, torna-me aos rochedos
Onde feito em pedaços eu devia
Perder a triste vida ; mas consente
Viver meu filho. O' Deos sanguinolento !
Em meu sangue te ceva , e o delle poupa.
Isto dizendo , arranca a nua espada
Para o peito ferir : mas os que estavaõ
Visinhos o estorvaraõ. Logo o velho
Sofronimo , interprete dos Numes ,
Lhe assegurou que sem matar seu filho
Sua promessa ao Deos cumprir podia.
Foi imprudente , disse , o vosso voto :
Naõ pertendem os Numes ser honrados
Com crueldades. Naõ junteis á causa
Da promessa o delicto de cumprilla
Contra as sagradas leis da natureza.
Offerecei a Neptuno cem novilhos
Mais alvos do que a neve , cujo sangue
Inunde o altar de flores coroado ,
Onde incenso fumegue em henna sua.
Idomeneu ouvia este discurso
Com a cabeça baixa. Estava acceso
O furor nos seus olhos. O semblante
Desfigurado , e pálido mudava
De côr a cada instante. Estremecer-lhe

Se viaõ os seus membros. Mas seu filho
Lhe dizia : Meu Pai , aqui me tendes :
Naõ recusa morrer o voffo filho
Para appacar Neptuno. A sua ira
Naõ exciteis. Eu morrerei contente ;
Pois minha morte vos falyou a vida.
Desfarragai o golpe. Hum filho indigno
Naõ achareis em mim , que morrer tema.
Idomeneu entaõ desfaccordado ,
E qual de infernaes furias perseguido ,
Naõ reparando os que com elle estavaõ ,
Embebe a espada no innocente peito
Do filho , e arranca o fumeigante ferro ,
Para o cravar em si ; mas o embaraçaõ.
O filho cahe envolto no seu fangue :
Da morte as fombros cerraõ os seus olhos,
Despega-os para ver a luz do dia ;
Mas apenas a vê , naõ a fopporta.
Qual no meio do campo o tenro lirio ,
Que talhou na raiz do arado o ferro ,
Murcha , e naõ se fultem. Inda de todo
Naõ perdeo a candura , nem o lustre ,
Que encanta os olhos ; mas porque lhe falta
Da terra o fucco , o fen vigor se extingue.
Assim do Rei o desgraçado filho ,
Como huma nova , e tenra flor , cortado
Foi cruelmente em seus primeiros annos.
O Pai no auge da dôr ficou sem tino :
Naõ

Não sabe aonde está , nem o que obra ,
Nem o que deve obrar. Para a Cidade
Vacillante caminha , perguntando
Por seu filho. Porém o povo todo
Pela morte do filho enternecido ,
E horrorizado com a acção tyranna
Do Pai , clama que os Numes vingadores
O entregaraõ ás Furias. Deu-lhe armas
O furor ; arremete a páos , e a pedras ;
Sopra a cruel discordia nos seus peitos
Hum veneno mortifero. Os Cretenfes
Se esquecem da prudencia , que amaõ tanto.
Não reconhecem já do grande Minos
O neto. Outro remedio não encontraõ
De Idomeneu os mais fieis amigos
Senão reconduzillo para a armada ,
È ir-se entregar á discricião das ondas:
Idomeneu tornado ao seu acôrdo ,
Lhes agradece haverem-no arrancado
Da terra , que regara com o sangue
De seu filho , e aonde não podia
Mais habitar. Os ventos os conduzem
Para as partes de Hesperia , onde fundaraõ
No paiz de (7) Salento hum novo reino.

I ii

En-

(7) O paiz dos Salentinos he hoje a parte meridional da terra de Otranto , junto ao mar Jonio no Reino de Napoles.

Entretanto os Cretenses resolverão
 Elegger novo Rei , que mantivesse
 Em todo o seu vigor as leis antigas.
 Eis aqui as medidas , que tomaraõ
 Para esta eleição. Das cem Cidades
 Os Chefes principaes aqui vieraõ ;
 Começaraõ fazendo sacrificios.
 Tem dos Reinos visinhos convocado
 Todos os sábios , para examínarem
 O mérito daquelles , que pertendem
 A Coroa. Jogos publicos traçaraõ ,
 Onde haõ de combater os pertendentes ;
 Porque se intenta dar por premio o Reino
 A quem for vencedor nos exercicios
 Corporaes , e do espirito. Hum Monarca
 Querem robusto , e deitro ; e que a sua alma
 Se adorne de prudencia , e de virtude.
 Todos os estrangeiros igualmente
 Aqui se admittem. Tendo-nos contado
 Esta pasmosa historia , Nausicrates
 Nos disse : Vinde pois ; entrai na nossa
 Asemblya ; e' os outros pertendentes
 Combatercis ; e se os celestes Numes
 A hum de vós destinarem a victoria ,
 Em Creta reinará. Fomos com elle ,
 Mas sem desejos de vencer , sómente
 Curiosos de ver coisa taõ rara.
 A pouco espaço vimos huma especie

De

De vastissimo cerco , rodado
De espesso bosque. O meio se cubria
De ruiva areia , e preparado estava
Para o combate. Hum grande Amphiteatro
De frescas leivas o cercava em roda ,
No qual estava innumeravel povo.
Fomos pelos Cretenses recebidos
Com distincção ; pois elles saõ os povos ;
Que exercem a hospedagè com mais culto ,
E mais nobreza. Deraõ-nos assentos ;
E para combater nos convidaraõ.
Escusou-se Mentor co' a sua idade ,
E Hazael com a falta de faude.
A minha mocidade , e as minhas forças
Toda a honesta escusa me tiravaõ.
Lancei para Mentor com tudo os olhos ,
Para nelles notar seus pensamentos ;
E percebi que elle levava em gosto
Que eu no cõbate entraisse. A urbana offerta
Acceitei. Despojei-me dos vestidos.
Fizeraõ derramar sobre meus hombros
Oleo brando, e lustroso ; e entre os Athletas
Me misturei. Souu em toda a parte
Logo hum surdo rumor , que eu era o filho
de Ulysses , alli vindo para o premio
Dos jogos alcançar. Muitos Cretenses ,
Que em Itaca estiveraõ , conhecer-me
Aflaveraraõ. O primeiro jogo

Foi

Foi o da lucta. Hum Rodio , que de idade
Contava sete lustros , vencimento
Levou aos mais , que oufaraõ competir-lhe.
Estava no vigor da mocidade :
Eraõ grossos , nervosos os seus braços :
Ao menor movimento , que faziaõ ,
Se podiaõ contar todos os musculos.
Era forte , e ligeiro ao mesmo tempo.
Naõ me julgava digno de vencer-me ;
E condoido de meus tenros annos
Queria retirar-se ; mas eu mesmo
Me apresentei a elle. De improviso
Nos abraçamos , e estreitamos tanto
Que nos faltava o alento. Peito a peito ,
Pé contra pé , os nervos estendidos ,
E os braços enlaçados , quizes serpentes
Estavamos , tentando erguer da terra
Cada hum seu rival. Elle humas vezes
Queria por hum lado derrubar-me ,
Outras curvar-me do contrario lado.
Em quanto me buscava deste modo ,
Empuchei-o com força taõ violenta ,
Que a cintura dobrando , sobre a areia
Cahio , arrebatando-me comfigo.
Ficar-me superior tentou debalde.
Debaixo do meu corpo o tive immovel.
Todo o povo clamou entaõ : Victoria
Pelo filho de Ulysses. Eu o Rodio

Con-

Confundido ajudei a levantar-se.
 Foi do (8) cêsto o combate mais difficil.
 De hum opulento Cidadão de Samos
 O filho grande credito adquirira
 Nesta especie de jogo. Os outros todos
 Lhe cederaõ. Só eu tentei vencello.
 Na cabeça, e no estomago ao principio
 Me deu forçosos golpes, que fizeraõ
 Que eu vomitasse sangue, e se espalhasse
 Sobre meus olhos huma nevoa densa.
 Eu vacillei; elle apertava, e quasi
 O alento perdi; mas novo esforço
 Me introduzio Mentor, que me gritava:
 Filho de Ulysses, ah! deixais vencer-vos?
 Torno a cobrar as forças exauridas;
 Evitei muitos golpes, que podiaõ (golpe
 Prostrar-me: e quando o Samio hum falso
 Me atirou estendendo em vaõ o braço,
 O foprezei com o corpo assim curvado.
 Já recuava, quando ergui o cêsto
 Para cahir sobre elle com mais força.
 Quiz fugir: mas perdido o equilibrio;
 Por terra resvalou. Cahio apenas
 Quando para se erguer a mão lhe estendo:
 Elle mesmo se ergueo, porém envolto
Em

(8) Era propriamente o jogo da esgrima. Os Athletas cubriaõ as mãos de humas grossas correas de couro; e a isto chamavaõ cêsto.

Em fangue , e pó. Confuso , e affrontado
Ficou : não se atreveo tornar ao jogo.
Começou a carreira das carroças ,
Que a forte repartio. A que me coube ,
Era a mais inferior na ligeireza
Das rodas , e no esforço dos cavallos.
Partimos : Huma nuvem de poeira
Se alçou cubrindo o Ceo. Eu ao principio
Todos os mais deixei passar diante.
Crastor hum moço natural de Esparta
Deixava atrás de si todos os outros.
Hum Cretense por nome Policletes
O seguia de perto. Mas Hipónaco,
De Idomeneu parente , que aspirava
Succeder-lhe , largando a seus cavallos ,
Que fuzegavaõ de fuor , as redeas ,
Hia todo encurvado sobre as clinas,
Que no ar ondeavaõ , e das rodas
Era tão apressado o movimento ,
Que immoveis pareciaõ como as azas
D'aguia voraz , que fende os mansos arcs.
Pouco a pouco com tudo os meus cavallos
Se animaraõ tomando mais alento :
Deixei atrás de mim todos aquelles ,
Que com tão grande ardor tinhaõ partido.
Hyponaco apressando com mais força
Os cavallos , cahio-lhe o mais robusto ;
E a seu senhor tirou co' a sua quéda

De reinar a esperança. Policletes
Muito inclinado sobre os seus cavallos
Nãõ pôde segurar-se em hum balanço.
Cahio. Das mãos as redcas lhe escaparaõ ;
E fõi feliz em evitar a morte.
Crantor , vendo com olhos indignados ,
Que eu hia perto , redobrou o esforço.
Ora invocava os Deoses , prometendo
Ricos dons , se venceffe ; ora fallava
Aos seus cavallos para dar-lhes brio.
Temia que eu passasse entre elle , e a méta.
Vendo que os meus cavallos bem regidos
Se adiantavaõ , já outro regresso
Nãõ lhe restando mais do que a passagem
Cortar-me , aventureo-se enfurecido
A fazer em pedaços na baliza
A carroça ; e quebrou-se com effeito.
Eu só tratei de dar ligeira volta ,
Por me nãõ envolver no seu estrago ;
E no fim da carreira em hum instante
Me vi. Clama outra vez o povo todo :
Victoria pelo filho do famoso
Ulysses. Este he quem os sacros Numes
Para Rei nos destinaõ. Conduzidos
Fomos pelos mais nobres , e mais sábios
Cretenses a hum antigo sacro bosque ,
Separado dos olhos dos profanos
Mortacs , aonde os velhos , aquem Minos
Conf-

Constituiu juizes do seu povo ,
E das leis defensores , se ajuntaraõ.
Todos quantos haviaõ combatido
Nos jogos , alli foraõ convocados ;
E nenhum outro. Entaõ os sabios velhos
O livro abriãõ , em que as leis de Minos
Se haviaõ collegido. Eu de respeito ,
E de vergonha me cubri , chegando
Junto destes Anciãos , a quem a idade
Fazia respeitaveis , sem tirar-lhes
Do espirito o vigor. Elles estavaõ
Em ordem assentados , mas immoveis
Em seus lugares c'os cabellos brancos
A maior parte , e o resto delles calvos.
Em seus graves semblantes reluzia
Huma prudencia alegre , e focgada.
Naõ se empenhavaõ em fallar. Diziaõ
Só o que haviaõ dantes meditado.
Quando eraõ de discordes pareceres ,
Eraõ taõ modestados , sustentando
Os seus votos , que todos de hum acordo
Pareciaõ. A longa experiencia
Do passado , e o habito ao trabalho
Lhes davaõ para tudo grandes luzes.
O que mais apurava o seu discurso ,
Era do seu espirito o focgo.
Livres de paixões loucas , e caprichos
Da mocidade , já os conduzia

A prudencia ; e o fructo da virtude ,
Que possuiaõ , era as paixões proprias
Já domarem taõ bem , que experimentavaõ
O prazer doce , e nobre de eicutarem
Sem violencia a razãõ , que n'alma falla.
Respeitei-os abfôrto , appetecendo
Que podesse encurtarfe a minha vida ,
Para chegar de salto a huma velhice
Taõ estimavel. Eu considerava ,
Que era muito infeliz a mocidade
Em ser imperuosa , e estar taõ longe
Desta virtude docil , e illustrada.
O principal dos Anciãos o livro
Abre das leis de Minos. Era hum grande
Volume ; e se guardava em cofre de ouro ,
De suaves aromas perfumado.
Todos os Anciãos com hum profundo
Respeito o beijaõ ; pois se persuadem
De que depois dos Numes , donde manaõ
As boas leis , nada ha para os humanos
Mais sagrado , que as leis , que se destinaõ
A fazellos prudentes , e felizes.
Elles , que em suas mãos as leis sustentãõ
Para os povos reger , devem com tudo
Por ellas ser regidos. Reinar deve
O Rei , e naõ o homem. Destes sabios
Tal o discurso era. Logo aquelle,
Que presidia , três questões propondo ,
Nos

Nos faz saber que haviaõ deccidir-se
 Pelas fraudaveis maximas de Minos.
 Foi a primeira : Qual dos homens todos
 Era o mais livre. Iluns delles responderaõ
 Que era hum Rei, que tivesse sobre o povo
 Hum imperio absoluto , e subjugasse
 Seus inimigos : Outros sustentavaõ
 Que era hum homem taõ rico , que podesse
 Contentar seus desejos sem limite :
 Outros disseraõ , que era o que do jugo
 Do matrimonio isento , viajasse
 A regiões diversas toda a vida ,
 Sem sujeitar-se ás leis : Outros julgaraõ
 Que era hũ barbaro em meio de seus bosques
 Caçando as feras para seu sustento
 Sem precisões da vida , e sem policia.
 Insistiraõ alguns em que era hum homem
 Ha pouco resgatado ; pois sahindo
 Dos ferros conhecia mais que es outros
 Da liberdade o preço. Finalmente
 Outros creraõ que fosse o que morria,
 Pois de tudo o livrava a morte , e todos
 Os homens juntos já poder naõ tinhaõ
 Sobre elle. Coube-me o fallar , e logo
 Respondi , porque nunca me esquecerá
 O que Mentor me disse tantas vezes :
 O mais livre de todos he aquelle
 Que o pôde ser no mesmo cativeiro

Em

Em qualquer regiaõ que errante habite,
Em qualquer condiçaõ que o lance a terte;
He livre aquelle que só teme os Numes,
E despido de sustos, e desejos,
Aos Deoses, e á razaõ sujito vive.
Os Anciãos se olharaõ e hum sorrizo,
E ficaraõ absortos, conhecendo
Que esta minha resposta confrontava
Com a de Minos. Logo propozeraõ
Outra questãõ formada nestes termos:
Quem he mais infeliz entre os humanos?
Dizia cada hum o que pensava.
Hum dizia: he hum homem sem saúde,
Sem honra, e bens. Outros porém diziaõ:
He aquelle homem, que não tem amigos.
Sustentaraõ alguns, que era quem tinha
Filhos ingratos, e do pai indignos.
Veio hum sabio de Lesbos, que assim disse:
He o mais infeliz quem pensa sê-lo
Porque depende menos a desgraça
Dos males, que se soffrem, que da mesma
Impaciencia de os soffrer. A turba
Applaudio o discurso, persuadida
Que elle nesta questãõ levava o premio.
Perguntaraõ porém meu pensamento.
Eu respondi, sêgundo as sãbias maximas
De Mentor: (9) Mais que todos desgraçado

(9) Isto, é o que se segue he huma pintura do reinado de Luiz XIV.

He o Rei , que só poem sua ventura
 Em fazer desgraçados os mais homens.
 Fa-lo a sua cegueira duas vezes
 Desgraçado ; pois como não conhece
 Sua desgraça , não lhe dá remedio.
 Receja conhecella. Da verdade
 A luz brilhante penetrar não póde
 A turba dos vassallos lisongeiros
 Para se lhe mostrar. Tyrannizado
 Pelas paixões , ignora os seus deveres.
 De fazer bem não sente o prazer puro ,
 Nem da bella virtude os atractivos :
 He infeliz , e he digno de que o seja.
 Cresce a sua desgraça cada dia :
 Corre á sua ruína ; e se preparaõ
 Os sacros Numes para confundillo
 Com eternos castigos. A assemblea
 Confessou que eu vencera o sabio Lesbio ;
 E os velhos declararaõ , que acertara
 C'o espirito das leis do grande Minos.
 Por terceira questãõ nos perguntaraõ :
 Qual era de dois Reis o mais glorioso ,
 Se hum Rei conquistador , e nas batalhas
 Invencivel , se hum Rei sem experiencia
 Das armas , mas capaz para os seus povos
 Em paz reger ? Seguio a maior parte ,
 Que hum Rei conquistador a primazia
 Devia ter. Diziaõ : de que serve

Hum

Hum Rei, que em paz governa sabiamente,
 Se quando vem a guerra, elle não sabe
 Defender o paiz? Os inimigos
 O vencerão, mettendo em cativo
 O seu povo. Ao contrario outros diziaõ:
 Que hum pacifico Rei era mais digno;
 Porque temendo a guerra, a evitaria
 Com desvêlo. Em fim outros sustentavaõ,
 Que he Rei guerreiro á gloria do seu povo
 Unindo a sua propria, aos seus vassallos
 O dominio dária do Universo;
 Porém hum Rei pacifico os teria
 Em vergonhosa frouxidaõ. Meu voto
 Me pediraõ; e disse desta sorte:
 Aquelle Rei, que só governar sabe
 Ou na paz, ou na guerra, não he digno
 De cingir na cabeça o diadema.
 Elle he hum Semi-Rei. Mas comparando
 Hum Rei, que sabe só a arte da guerra,
 Com outro, que das armas não sabendo,
 Sustentar pôde a guerra necessaria
 Com os guerreiros seus, este prefiro.
 (10) Hum Rei ás armas dado, q os vassallos
 Traz sempre em guerra, para os seus domi-
 Estender, e ganhar altiva fama, (nios
 O povo perderia. De que serve

Aos

(10) Outro retrato de Luiz XIV.

Aos vassallos, que o Rei subjogue as outras
Nações, lê em tanto vivem infelizes?
As gueras dilatadas são origem
De desordens. Os mesmos vencedores
Se desmandaõ no meio das revoltas.
Quanto á Grecia custou destruir Troia!
Sem os seus Reis esteve por dez annos.
Quãdo tudo arde em guerra, as bellas artes,
A agricultura, as leis logo desmaiãõ.
Inda os melhores Príncipes, em quanto
Sustentaõ guerra, vem-lê precisados
A fazer o maior dos males todos,
Que he soffrer a licença da milicia,
E servir-se dos mesmos malfeitores,
Que devera punir. A valentia
Nas desordens da guerra se premeia.
Já mais teve algum povo Rei guerreiro,
Que por sua ambição não padecesse.
Hum Rei conquistador, allucinado
De gloria vã, açoitã os vencedores,
Como os mesmos vencidos. Hum Monarca
Falto das qualidades necessarias
Para a paz, não fará que os seus vassallos
Gozem dos doces fructos, que promette
A guerra felizmente terminada.
He como hum lavrador, que defendesse
O seu campo, e usurpasse o do vizinho,
Mas não lhe dêsse o necessario amanho,
Para

Para delle colher fertil feara.
Parece hum tal Monarca ser nascido
Para aſolar , para perder o Mundo ;
E naõ para fazer feliz ſeu povo.
Pelo contrario o Rei , que a paz ſó ama ;
Para grandes conquiſtas naõ he proprio ;
Iſto he ; naõ nasceu para o ſocego
Perturbar do ſeu povo , pertendendo
Subjugar as Nações , que por juſtiça
Lhe naõ eſtaõ ſujeiras ; mas ſe he habil
Para reger em paz , tem as virtudes
Preciſas para pôr em ſegurança
Os ſeus vaſſallos contra os inimigos.
Dirci o modo : He moderado , e juſto ;
Amigo dos viſinhos. Contra elles
Nada emprende , que poſſa a fé jurada
Contrariar. He fiel nas alianças.
Seus Alliados o amaõ , o respeitaõ ;
E tem nelle huma inteira confiança.
Se algum viſinho he inquieto , ativo ;
Ambicioſo , os comarcaõs , que o temem ;
Naõ tem do Rei pacifico ciume ;
Mas o convocaõ antes á defenſa.
Por ſua boa fé , ſua prudencia ,
E ſua probidade he eſcolhido
Por todos os Eſtados , que o rodeiaõ ,
Para o arbitro ſer da paz , da guerra.

(11) Em quanto dos vizinhos he o odio
 O Rei conquistador , e está exposto
 A's revoltas dos mais , tem este a gloria
 De ser pai , e tutor dos povos todos.
 Taes são suas vantagens c'os estranhos.
 As internas ainda são mais solidas.
 Pois he capaz para reger os povos
 Em paz , he necessario , que as leis sábias
 Faça observar. Corta a molleza , o fausto ,
 E as artes que fomentaõ torpes vicios ;
 (12) Faz florecer as outras , que são uteis
 A's verdadeiras precisões da vida ;
 Applicã á agricultura os seus vassallos ,
 E com isto a abundancia lhes confegue
 Das coisas necessarias. Este povo
 Laborioso , simples nos costumes ,
 E a com pouco manter-se costumado ,
 Tira da propria terra a subsistencia ,

E

(11) O reinado de Luiz XIV. he huma prova continua d'este verdade. Todas as ligas dos outros Príncipes de Europa só tiveram por fim o moderar o teu poder.

(12) As artes , e a agricultura foram tão desprezadas em França depois que a guerra fez nascer a necessidade dos impostos , e alisamentos violentos , que os campos se achavam desertos , e de tres arruicões que morrião em Pariz , hum achava a vida no Hospital.

E cresce em numero : he fádio , forte ,
E não o entorpece o appetite ;
Exercita a virtude , não se prende
Aos recreios da vida perguiçosa
Dada aos deleites , e despreza a morte
Por conservar illeza a liberdade
No governo de hum Rei , q̃ com prudencia
Pelas leis da razaõ conduz seu povo.
Hum Rei conquistador ataque embora
Este povo. Talvez elle o não ache
Acostumado a se acampar em tropas ,
Ou a formar hum corpo de batalha ,
Ou a aſſeſtar as maquinas usadas
Nos ſiédios das Praças inimigas ;
Mas elle o achará inconquistavel
Por seu numero immenſo , pelo eſforço ;
Pelo costume de ſoffrer os damnos ,
Por seu vigor no meio dos combates ,
E por huma virtude que as deſgraças
Não podem abater. Se finalmente
Este Rei não eſtá experimentado
Em reger por ſi meſmo as ſuas tropas ;
As fará commandar por habeis Chefes ,
De quem ſe ſirva ſem perder hum ponto
Da ſua authoridade. Os Alliados
Soccorros lhe darão. Os ſeus vaſſallos
Querirão morrer antes que ao dominio
Paſſar d'hum Rei violento , e rigoroso.

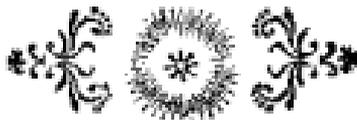
Combateráõ por elle os mesmos Numes.
 Vedê como cite Rei uteis soccorros
 Terá no meio dos maiores p'rigos.
 Concluo pois, q̃ hum Rei q̃ ignora a guerra,
 Naõ se pôde chamar o Rei perfeito,
 Porque naõ enche hum de seus maiores
 Deveres, que he domar seus inimigos.
 Accrescento porém, que he muitas vezes
 Preferivel aquelle Rei guerreiro,
 Que em paz naõ sabe governar, e he proprio
 Só para a guerra. Vi que da Assembleia
 Naõ agradava a muitos o meu voto; (dos
 (13) Por quanto os mais dos homens illudi-
 Co' estrondo das victorias, e conquistas,
 O preferem a tudo o que he tranquillo,
 Sólido, e simples, qual a sã policia,
 E a paz dos povos. Mas differaõ todos
 Os Anciãos, q̃ o meu voto era o de Minos.
 Entaõ o Chefe delles assim falla:
 Está cumprido o Oraculo de Apollo
 Sabido em toda a Ilha. Consultado
 Havia Minos os celestes Numes,
 Por saber até quando reinaria
 A sua descendencia, governando

Se-

(13) Isto foi o que allucinou a Luiz XIV, que naõ fazia conta com o mais; com tanto que sustentasse o nome de Grande pelo esplendor das tuas victorias.

Segundo as leis por elle promulgadas.

O Deos lhe respondeo : Tua familia
Cessar de reinar , quando na Ilha
Entrar hum estrangeiro , que observancia
Dar s tuas leis. Nós reccmos
Que viesse hum estranho subjugar-nos ;
Porém de Idomeneu o infortunio ,
E do filho de Ulysses a sciencia ,
Que melhor  algum outro as leis de Minos
Entende , nos descobrem o sentido
Do Oraculo. Coroemos pois aquelle ,
Que para Rei os fados nos destinaõ.





L I V R O VI.

OS Anciãos sabiraõ do recinto (delles
 Do sacro botque. Conduzio-me hum
 Ao povo impaciente pela espera ,
 E annunciou-lhes que eu levara o premio.
 Apenas se cailou , logo disperso
 Se ouvio na multidãõ rouco susurro.
 Todos lançaõ vozes de alegria.
 As curvas praias , e os vizinhos montes
 Repetiraõ os eccos destas vozes :
 Reine em Creta Telemaco, de Minos
 Imitador. Eu me detive hum pouco ,
 E fiz depois final para me ouvirem.
 Mentor em tanto em baixa voz me disse :
 Renunciais a patria ? Do governo
 A ambiçaõ vos riscou do pensamento
 Penelope infeliz , que vos espera
 Como ultimo regresso , e o grande Ulysses
 Que tornar-vos os Numes resolviaõ ?
 Calaraõ estas vozes no meu peito ,
 E me esforçaraõ contra o vaõ desejo
 De reinar. O Congresso amotinado
 Guardou em fim silencio ; e tive modo
 Para fallar d'esta arte : Naõ sou digno ,

O illustres Cretenses , de reger-vos.
O Oraculo só diz , que a descendencia
De Minos deixará de ter o Sceptro ,
Quando na Ilha entrar hum estrangeiro ;
Porém não diz que elle ha de governar-vos.
Eu quero persuadir-me ser aquelle ,
De quem falla o Oraculo. Cumprido
Já tenho o vaticinio. Vim a Creta ;
Descubri o segredo verdadeiro
Das leis do grande Minos ; e desejo
Que a minha intelligencia fazer possa ,
Que ellas reinem co' Rei que nomeardes :
Quanto a mim , eu prefiro a minha patria
A' pequena Ilha de Itaca , de Creta
A's cem Cidades , á riqueza , e gloria
Deste famoso reino. Permitti-me
Que eu siga o meu destino. Se nos jogos
Combati , nunca foi minha esperança
Reinar aqui ; mas sim o merecervos
Piedade , e estimação , para que os meios
Me desseis de tornar á cara patria.
Antes elejo obedecer a Ulysses ,
E consolar Penelope , que a todos
Os povos do Universo ter sujeitos.
O' Cretenses , vós vedes da minha alma
Patente o interior. Devo deixarvos :
Mas a morte sómente porá termo
A' minha gratidão. Sim , eu vos amo ;

E

E será também minha a vossa gloria.
Apenas acabei , hum rumor fundo
Se ergueo , qual o das ondas q̃ se embatem
Na brava tempestade. Alguns diziaõ:
Será elle algum Deos em fôrma humana ?
Alguns asseguraõ conhecerme ,
E que n'outros paizes me encontraraõ.
Outros clamavaõ , que a aceitar a Coroa
Deviaõ obrigarme. Em fim pedi-lhes ,
Que me ouvissem : e todos se calaraõ
Para dar-me attençãõ ; pois não sabiaõ
Se aceitava o que d'antes rejeitara.
Mas eu lhes disse: Permitti , Cretenfes ,
Que vos declare tudo quanto sinto.
Sois o mais sabio povo do Universo ;
Mas requer a prudencia huma cautella ,
Em que não attentais. A vossa escolha
Não deveria recahir naquelle ,
Que sobre as vossas leis melhor discorra ,
Mas que as pratique com maior acerto.
Inda moço , inexperto , e de violentos
Affectos combatido , eu estou antes
No estado de instruir-me , obedecendo ,
Que de pegar nas redeas do governo.
Não busqueis para Rei quem prevaleça
Nos exercicios corporaes aos outros ,
Mas quem saiba vencer as paixões proprias.
Buscai quem tenha as vossas leis gravadas
No

No fando d' alma , que por toda a vida
As tenha praticado. A escolha fação
As heroicas accões , não as palavras.
Os Velhos affombrados do discurso ,
Vendo que redobrãvão os applausos
Do povo , me disserão : Pois os Deoses
Nos tirão a eiperança de reinardes
Entre nós ; pelo menos ajudai-nos
A fazer justa escolha de hum Monarca ,
Que dé vigor ás leis. Sabeis acaso
Quem com tal madureza reinar possa ?
Sim , hum homem conheço , disse eu logo ,
A quem devo o q̃ em mim louvastes tanto.
Sua sabedoria , e não a minha
Foi quem em mim fallou. Estas respostas ,
Que acabais de me ouvir , elle as inspira.
Toda a Assembleia então volveo os olhos
A Mentor , a quem eu lhes presentava.
Contei-lhes os desvêlos que tivera
Na minha tenra infancia , os graves p'rigos
De que me fez livrar , e os infortunios ,
Que me opprimiaõ quando me apartava
De seus doutos conselhos. Reparado
Em Mentor até-li ninguem havia
Por causa dos modestos seus vestidos ,
Seu gesto serio , seu silencio assiduo ,
Seu modo indifferente , e recatado ;
Mas quando a contemplallo se applicarão ;

Virão no seu semblante huma firmeza,
 E elevação paſmoſa. Elles notaraõ
 O volver de ſeus olhos ſcintillantes,
 E o vigor com que obrava as acções todas.
 Fizeraõ-lhe perguntas. Confundidos
 Daſ diſcretas reſpoſtas, resolveraõ
 Acclamallo ſeu Rei. Elle o recuſa
 Sem alterar-ſe. Expoz que preferia
 Ao eſplendor da Coroa os attractivos
 De huma vida privada; que os melhores
 Monarcas ſaõ com tudo deſgraçados,
 Pois deixaõ de fazer o bem que querem,
 Fazendo entãõ o mal que não deſejaõ
 Pelo engano dos vís adulaõres. (1)
 Diſſe mais, que ſe he máo o ſer cícravo;
 Não he melhor ſer Rei; pois he o reino
 Hum cruel cativoeiro diſfargado.
 Depende muito hum Rei, dizia elle,
 Dos outros, para ſer obedecido.
 Venturoſo quem pôde diſpenſar-ſe
 De governar os mais! Deve-ſe á patria
 Da amavel liberdade o ſacrifício,

Quan-

(1) Entre os muitos infortunios, que eſcurece-
 raõ o reinado de Luiz XIV. a maior parte ſe deve
 imputar aos enganos dos liſongeiros, a que eſte
 Rei elleve mais expoſto, que nenhum outro, ha-
 vendo ſubido tão moço ao throno, e havendo tido
 tão má educaçãõ.

Quando ella nos confia a authoridade.
Os Cretenfes entãõ lhe perguntaraõ ,
Sem tornarem em si do seu espanto ,
Quem eleger deviaõ ? Respondeo-lhes :
Hum homem elegei , que vos conheça ,
Pois vos ha de reger , e que receie
O governar. Aquelle que deseja
O governo alcançar , naõ o conhece :
E como cumprirá os seus deveres
Quem os ignora ? Elle só busca o reino
Pelo seu bem. Deveis fazer escolha
De quem o acceite só por bem do povo.
N'huma pasmosa suspensãõ ficaraõ
Os Cretenfes ao ver dois estrangeiros
Recusar huma Coroa procurada
Por tantos outros. Conhecer quizerãõ
Com quem haviaõ vindo. Nausicrates ,
Que os tinha conduzido desde o porto
Até o cerco , aonde celebraraõ
Os jogos festivaes , entãõ lhes mostra
Hazacl , com quem ambos desde Cypre
Viemos. Foi maior o seu espanto
Sabendo que Mentor já fora escravo
De Hazacl , e que este da sciencia ,
E virtude do escravo arrebatado ,
O fez seu conselheiro , e seu amigo ;
Que posto em liberdade elle era o mesmo ,
A quem se vira recusar ham reino ,

E que Hazael viera de Damasco
 Na Syria para as leis saber de Minos.
 Tanto o amor da sciencia o inflammava:
 Os Anciãos a Hazael disserão:
 Não ousamos rogar-vos, que o governo
 Aceiteis, pois já todos conhecemos
 Que a Mentor imitais nos sentimentos.
 Desprezais muito os homens para o cargo
 Tournades de o reger. Vós das riquezas,
 E do esplendor do Reino muito isento
 Viveis em fim, para o comprar agora
 Pelas pensões unidas ao governo
 Dos homens. Hazael assim responde:
 Não cuideis, ó Cretenses, que desprezo
 Os homens. Eu conheço quam glorioso
 He trabalhar para os fazer felizes,
 E bons; porém he cheio esse trabalho
 De cuidados, de riscos, e desgostos.
 O brilhante, que o cerca, he apparente:
 Só pôde allucinar as almas fracas.
 A vida he curta, e a grandeza excita
 Mais as paixões, que contentar não pôde.
 De tão longe não vim pertender estes
 Bens apparentes, que o veneno escondem;
 Mas sómente aprender a desprezallos.
 A huma vida tranquilla, e retirada
 Só procuro voltar, porque alimento
 A sciencia meu peito, e a doce esperança;
 Que

Que a virtude nos dá de melhor vida
Depois desta terrena , me console
Nos miseros descontos da velhice.
Se alguma coisa eu desejava , o throno
Não tora , mas sómente a companhia.
Inseparavel destes dois amigos.
Os Cretenzes em fim a Mentor clamaõ :
Dizei-nos , ó mais sabio , e virtuoso
Dos mortaes , quem devemos por Monarca
Escolher. Nós já mais permitiremos
Que partais , sem dizer-nos qual escolha
Fazer devemos. Elle lhes responde :
Eu dos espectadores vi na turba
Hum homem , que mostrava indifferença
Para tudo. Elle he velho , mas robusto.
Perguntei o seu nome , e alli me deraõ
Em resposta chamar-se (2) Aristodemo.
Ouvi que lhe disseraõ que seus filhos
Entraraõ nos combates ; e alvoroço

Por

(2) Este retrato de Aristodemo he o do Duque de Navailles , cujo genio inflexivel , como elle mesmo diz nas suas Memorias , nunca pôde accommodar-se ás complacencias , que são precisas para agradar aos superiores. A sua virtude sincera , e inimiga de lisonja incommodava ao Rei nos seus amores : e por isso elle , e Madama de Navailles receberam ordem para demittirem os seus cargos , e se retirarem da Corte. Elle se retirou para as suas terras de Poitou , e Angoumois.

Por isso não mostrou. Disse q̃ a hum delles
 Não desejava os p'rigos do governo ,
 E que prezava muito a sua patria
 Para levar a bem reinar o outro.
 Compreendi , que este bom pai amava
 Com amor racionavel hum dos filhos
 Por ter virtude , e não lisongeava
 Do outro os feios vicios. O desejo
 De saber se augmentou ; e perguntando
 Qual a conduçta fosse deste velho ,
 Hum vosso Cidadão assim me disse :
 As armas professou por muito tempo :
 Honraõ seu corpo ainda as cicatrizes ;
 Mas sua austerã , e candidã virtude
 O fez de Idomeneu aborrecido.
 Por isto o Rei não quiz servir-se delle
 Na conquista de Troia. Elle tenia
 Hum homem que lhe dèsse sãos conselhos,
 Que seguir não podia , e até cioso
 Da gloria que obteria nos combates ,
 Esqueceo seus serviços , e deixou-o
 Pobre , e ao riso da plebe vil exposto ,
 Que só riquezas vãs estima , e préza.
 Mas da sua pobreza satisfeito ,
 Vive contente n'hum lugar remoto
 Da Ilha , onde cultiva as suas terras
 Com suas proprias mãos. Hã de seus filhos
 O ajuda. Elles se amaõ ternamente.

Com

Com a vida frugal no seu trabalho
São felizes ; pois vivem na abundancia
Das coisas necessarias para a vida.
Reparte o sabio velho pelos pobres
Do lugar o que resta do sustento
Delle , e deste seu filho. Mas os moços
Faz trabalhar , e os instrue , e exhorta.
Compõem as differenças dos vizinhos ;
Em fim he pai de todas as familias.
Sua desgraça foi ter outro filho ,
Que já mais abraçar quiz seus conselhos.
O pai tendo-o soffrido muito tempo
Com intenção de corregir seus vicios ,
Por fim o expulsou : abandonou-o
A huma louca ambição , aos vís prazeres.
Isto , ó sabios Cretenses , me contaraõ.
Pertence-vos saber se he verdadeira
A narraçãõ. Se o for , se por acaso
Este Anciaõ he tal qual mo pintaraõ ,
Que serve fazer jogos , e experiencias ?
Porque haveis convocado os estrangeiros ,
Se tendes entre vós quem vos conhece ,
E quem vós conheceis ; quem sabe a guerra ;
Quem deu de seu valer seguras provas
Naõ só na guerra contra agudos dardos ,
Porém contra a pobreza rigorosa ;
Quem despreza riquezas grangeadas

Com

Com artes vís ; quem o trabalho préza ;
Quem sabe quanto he util a cultura
Das terras ; quem destroe o fasto , e o ocio ;
Quem levar-se não deixa do amor cego
De seus filhos ; quem préza a sã virtude
D'hum , e condemna d'outro o torpe vicio ;
Em fim hum homem que he já pai do povo?
Este he quem deve ser vosso Monarca ,
Se desejas , que reinem as leis sábias
De Minos. Todo o povo então exclama :
Aristodemo he tal qual se descreve.
Elle deve reinar. Foi entre a turba
Dos Anciãos por ordem procurado.
Estava com a plebe confundido.
Apparecco tranquillo. Que era eleito
Rei , lhe disserão. Elle assim responde :
Eu só accitarei do Reino o cargo
Com estas condições ; que o regio Sceptro
Depor me será licito passado
Dois annos , se vos não fizer melhores ,
Ou negarles ás leis a obediencia ;
Que livre me será da vida simples
E frugal fazer uso ; e que os meus filhos
Não teráõ algum cargo no governo ,
Sendo tratados pela minha morte
Sem distincção como do povo o resto.
Apenas acabou , ao ar mil gritos

Se erguerão de alegria. Por-lhe o Chefe
 Dos Anciãos na testa o (3) Diadema.
 Celebrarão-se a Jove, e aos grandes Numes
 Sacrificios. Depois Aristodemo
 Donativos nos fez, não com soberba
 Magnificencia usada dos Monarcas,
 Mas sim com huma nobre singeleza.
 Entregou a Hazael as leis de Minos
 Por elle mesmo escritas. Deu-lhe a historia
 De Creta desde o tempo de Saturno,
 E desde a idade de ouro. Elle ao navio
 Fez logo conduzir mimosos fructos
 Dos que em Creta se prézaõ, e na Syria
 Se não conhecem: todo o necessario
 Soccorro lhe offereceo. Como a partida
 Apressava-mos, fez-nos de robustos
 Remeiros, e soldados valerosos
 Esquipar hum navio, affás provido
 De vestidos, e frescos mantimentos.
 Então se ergueo hum vento favoravel
 Para Itaca; mas como era contrario
 A Hazael, o deixámos inda em Creta.
 Vic-nos desaferrar. Elle abraçou-nos,
 Tom. I. I. Como

(1) O Diadema era huma faixa, ou especie de pequeno barrete, que ligava a cabeça com huma ataduta de linho muito alva, que os Reis, principalmente os do Oriente, trazião como distincção da sua grandeza.

Como amigos que nunca mais veria.
Finalmente nos disse : Os grandes Numes
São justos : elles vêm nollia amizade
Em virtude fundada , e algum dia
A unir-nos tornarão lá nesses campos
Affortunados , onde os justos gozão
Eterna paz. Alli as nossas almas
Se unirão para mais não separar-se.
Oh se podessem minhas frias cinzas
Sepultar-se co' as vossas ! Estas vozes
Proferindo , lançava de seus olhos
Lagrimas fardolas ; e os suspiros
Lhe tolhião a falla. Nós não menos
Choravamos do que elle. Conduzio-nos
Ao navio. Mas quanto a Aristodemo
Elle nos diz : Por vós subi ao throno ;
Os p'rigos recordai , em que estou posto ;
Encómendai-me aos Deoses, q me inspirem
Verdadeira prudencia , e que eu exceda
Tanto em moderação aos outros homens ,
Quanto os excedo no poder que tenho.
Eu lhes peço vos guiem felizmente
A' vossa cara patria. O grande Ulysses
Lá encontréis reinando em paz ditosa
Com a sua Penelope. Ham navio,
Telemaco , vos dou , de bons remeiros ,
E de guerreira escolta guarnecido ;
Porque possais vencer a insolencia

Dos

Dos vossos inimigos. Vós, ó sabio
 Mentor, não careceis de coisa alguma.
 Vossa sabedoria não me deixa
 Que desejar-vos. Ide em paz : felizes
 Hum com outro vivei. De Aristodemo
 Sempre vos recordai : e se algum dia
 Precisarem os Itacos de Creta ,
 Fazei conta comigo até da vida
 Os ultimos alentos. Abraçou-nos ;
 E em quanto as expressões lhe agradecemos ,
 Nos custava conter o terno pranto.
 O vento inchava as vélas , promettendo
 Feliz viagem. O soberbo Ida
 Se figurava já pequeno outeiro.
 As arenosas praias se escondião.
 Já do (4) Peloponneso as nuas costas
 Caminhar parecia sobre as agoas
 Para vir procurar-nos. De repente
 A negra tempestade o Ceo enluta ,
 E atianha as ondas dos cavados mares.
 Troca-se o dia em noite , e a feia morte
 Se nos mostra diante. Vós , Nepruno ,
 Co' trisulco tridente as manhas agoas
 Inquietastes do ceruleo Imperio.
 Vem para vingar-se do desprezo

L ii

Com.

(4) O Peloponneso, hoje Moréa, he a parte meridional da Grecia.

Com q̄ a tratámos no seu mesmo Templo
 De Cythera , buscou o Deos das agoas.
 Sentida lhe fallou c'os bellos olhos
 De lagrimas banhados. Pelo menos
 Mentor perito nas divinas coizas
 Assim mo assegurou. Ella pois disse :
 Soffrereis , ó Neptuno , que estes impios
 Zombem do meu poder sem ser punidos ,
 Do meu poder q̄ os mesmos Deoses temem ?
 Estes mortaes ousaraõ temerarios
 Culpar o que se faz na minha Ilha ,
 Jaõtando huma prudencia incontrastavel.
 Elles traraõ o amor como loucura.
 Naõ vos lembrais de que no vosso Imperio
 Eu tive origem ? Pois que vos demora ?
 Sepultai nos abyssinos destes mares
 Dois homens , que me saõ insupportaveis.
 Acabou de fallar. Entaõ Neptuno
 As ondas levantou até aos astros.
 Venus se rio julgando inevitavel
 Noisso naufragio. Pállido o Piloto
 Clanou , que naõ havia resistencia
 Aos rijos ventos , que nos arrojavaõ
 Com força contra inhospitos rochedos.
 Hum turbilhaõ de vento quebra o mastro :
 Hum momento depois fente-se o fundo
 Abriu-se do navio , dos cachopos
 Nas pontas. Pelas fendas entra a agoa.

Sub-

Submerge-se. Os remeiros tristes gritos
Erguem ao Ceo. Eu a Mentor abraço,
E lhe digo : He chegada em fim a morte :
Importa com esforço recebella.

Ah ! de p'rigos taõ grandes nos livraraõ
Os Numes para agora perecermos.

Sim , morramos , Mentor : por lenitivo
Só me resta poder morrer convosco.

Mentor me respondeo : O verdadeiro
Valor encontra sempre algum regresso.

Naõ he bastante estar determinado

A receber traquillamente a morte :

Requer-se que se tente sem temella

Os meios de evitalla. A hum destes bancos

Nos peguemos ; e em quanto a turba toda

Dos tímidos mortaes desácordados

Chora perder a vida , sem os meios

Buscar de conservalla , naõ percamos

Hum só momento por salvar a nossa.

Apenas isto diz , toma hum machado ,

Acaba de cortar o roto masto ,

Que pendurado para o mar fazia

O navio pendente ; ao mar o arroja ,

E sobre elle se lança ás furiosas

Ondas. Entaõ me chama por meu nome ,

E me esforça a seguillo. Qual pujante

Arvore combatida pelos ventos

Conjurados , immovel nas profundas

Raizes

Raizes se sustenta , sem que faça
Mais que agitar-lhe as folhas a tormenta ;
Assim Mentor não só firme , e animoso ,
Mas brando , e socegado parecia
Os ventos dominar , e os bravos mares.
Segui-o. Mas quem não o seguiria ,
Sendo por suas vezes animado ?
Sobre o boiante mastro navegámos.
Foi hum grande soccorro , que sentados
Podémos ir ; pois sendo necessario
Sem descanso nadar , as nossas forças
Cedo se extinguiriaõ. Muitas vezes
A força da tormenta nos voltava
Este grosso madeiro , e no profundo
Pégo nos engolfava. Agua salgada
Bebiamos entãõ , que nos corria
Da boca , do nariz , e dos ouvidos.
Eramos precisados a lutar nos
Para o mastro montar co' as rijas ondas :
Outras vezes huma onda encapelada ,
Qual alto monte , sobre nós passava.
Entãõ nos seguravamos , temendo
Que no violento abalo se escapasse
O mastro , nossa unica esperança.
Em quanto nesta trabalhosa lida
Estavamos , Mentor taõ socegado ,
Como alli está sobre a florída relva ,
Dizia : Imaginais que a vossa vida

O Telemaco , esteja abandonada
Aos ventos , ou ás ondas ? Podem ellas
Sem permissão dos Numes submergir-vos ?
Não , não. Os altos Numes regem tudo.
Estes deveis temer , e não as ondas.
Ainda que estiveis sepultado
No fundo dos abyssos , bem podia
Dalli a mão de Jupiter tirar-vos :
E se estiveis no celeste Olympo
Pizando a vossos pés brilhantes astros ,
De lá podia Jupiter ás chammas
Precipitarvos do Tártareo lago.
Ouvia , e admirava estes discursos
Que me davaõ allivio ; mas não tinha
Para lhe responder livre o acordo.
Passámos toda a noite regelados
De frio ; e meio mortos , sem sabermos
Onde nos arrojava a tempestade.
Entraraõ a acalmar por fim os ventos :
Mugia o mar soberbo , semelhante
A huma pessoa , que por muito tempo
Agastada , depois conserva hum resto
De alteração , cansada de enfadar-se.
Surdamente rosnava , e já as ondas
Eraõ quaes sulcos em arado campo.
A Aurora veio abrir ao Sol as portas
Do Ceo , annunciando hum bello dia.
Estava todo em chammas o horizonte ;

E as estrellas por muito tempo occultas
 Tornaraõ a mostrar-se, mas fugiraõ
 A' chegada de Febo. Descubrimos
 Ao longe a terra. Junto della o vento
 Nos conduzio. Senti entaõ no peito
 Renascer a esperanza, mas naõ vimos
 Algum dos companheiros. Talvez elles
 Desanimados, foraõ co' navio
 Submergidos na força da tormenta.
 Já visinhos á terra, nos lançavaõ
As ondas contra as pontas dos rochedos,
 Onde hiamos a ser despedaçados,
 Se Mentor, que o madeiro governava,
 Qual experto Piloto o melhor leme,
 Naõ lhe voltasse a ponta contra a terra.
 Os horriveis cachopos evitaõ
 Deste modo, e tocamos huma costa
 Branda, e unida, para a qual nadando
 Sem custo algum tomamos pé na praia.
 Aqui foi que nos visteis, gentil Deosa,
 Que habitais esta Ilha, e vos dignastes
 Dar ás nossas desgraças doce abrigo.





L I V R O VII.

TElemaco findou o seu discurso : (veis,
 E as Ninfas, q' o ouviraõ como immo-
 Fixos sobre elle os olhos , admiradas
 Olhando-se entre si , quem saõ , diziaõ ,
 Estes mortaes dos Deoses taõ prezados ?
 Quando se ouviraõ taõ pastnosos casos ?
 Já de Ulysses o filho ao Pai excede
 Em prudencia , e valor. Que galhardia !
 Que gesto ! que brandura ! que modestia !
 E que excellencia ! que grandeza d'alma !
 Se acaso naõ soubessemos ser filho
 De hum mortal , o teriamos por (1) Baccho,
 Ou por (2) Mercurio , ou pelo grande
 (3) Apollo.
 E quem será Mentor, q' humilde , e simples ,
 E de mediana condiçaõ parece ;
 Mas se o vemos de perto , reluz nelle
 Hum certo naõ sei quê , mais do q' humano ?
 Es-

(1) Baccho era filho de Jupiter , e Semele , fi-
 lha de Cadmo Rei de Thebas.

(2) Mercurio era filho de Jupiter , e Maia ,
 filha de Atlante.

(3) Apollo era filho de Jupiter , e Latona.

Escutava Calypso este discurso
Com huma inquietação, que não podia
Já encubrir. Seus desvelados olhos
De instante a instante sem cessar vagavaõ
De Mentor a Telemaco, e deste
A Mentor. Húmas vezes pertendia
Recontasse Télemaco a pasmosa
Longa serie das suas aventuras.
De repente depois se interrompia.
Levantando-se em sim rapidamente,
E de murtas a hum bosque conduzindo
A Telemaco fô, todos os meios
Usou de saber d'elle, se era alguma
Divindade Mentor em fôrma humana.
Não podia Telemaco dizer-lho;
Pois em razão da sua pouca idade,
Não se lhe havia descoberto a Deosa
Não confiava allás do seu segredo,
Para lhe revelar os seus projectos.
Tambem ella queria nos maiores
Riscos experimentallo; pois sabendo
Que tinha sempre ao lado a sábia Deosa,
Em hum soccorro tal descansaria,
E affrontaria sem pavor os casos
Mais artificados. Tinha pois Minerva
Por Mentor; e baldou todas as traças
Calypso de saber o que queria.

Em tanto as Ninfas todas congregadas

Em.

Em redor de Mentor , o questionavaõ.
 Huma delle indagava as circumfancias
 Da viagem que fez á Ethiopia :
 Outra saber queria o que elle vira
 Em Damasco : outra em fim lhe perguntava
 Se a Ulyffes conhecera antes do cerco
 De Troia. Respondia com brandura
 Mentor a todas ; e eraõ suas vozes
 Ingenuas , e engraçadas. Mas Calypfo
 Voltando com Telemaco a converfia
 Interrompeo ; e em quanto as Ninfas foraõ
 Colher flores , cantando brandos verfos
 Por divertir Telemaco ; apartando
 A Mentor , obrigallo procurava
 A fallar. Mais fuave fobre os olhos
 Carregados , e fobre os laços membros
 Do mortal fatigado o vapor brando
 Não corre de Morfêo , como da Deofa
 As lifongciras vozes fe infinuaõ
 No peito de Mentor para encantallo ;
 Porém hum não fei qué lhe rebatia
 Os feus esforços , e os tornava inuteis.
 Qual rochedo efarpado , que o feu cume
 Entre as nuvens efconde , e que das iras
 Dos ventos zomba ; affim Mentor immovel
 Nos feus fábios projectos , consentia
 Ser de Calypfo inflado. Algumas vezes
 Lhe fazia efperar o confundillo

Com

Com as suas perguntas , e a verdade
Arrancar-lhe do fundo do seu peito.
Mas no mesmo momento , em que cuidava
Contentar seus desejos , desfazer-se
Via de hum golpe as suas esperanças.
O que alcançar pensava, lhe fugia
Rapidamente : huma resposta curta
De Mentor a engolfava novamente
No vasto mar das incertezas suas.
Assim passava o tempo ora com brandas
Lisonjas a Telemaco affagando ,
Ora buscando meios de affastallo
De Mentor , de quem já nada esperava
Saber. Das suas Ninfas se valia
Para lançar no peito de Telemaco
Chammas de amor : mas huma Divindade
Mais poderosa veio em seu soccorro
Para obter o triumpho. Resentida
Ainda a Deosa Venus do desprezo ,
Que Mentor , e Telemaco fizeram
Do culto , q' os mortaes lhe daõ em Cypre ;
Estava inconsolavel , vendo que estes
Temerarios mortaes ao mar , e aos ventos
Haviaõ escapado , na tormenta
Por Neptuno excitada. Fez a Jove
Amargas queixas ; mas o Pai dos Deoses
Com hum brando sorriso não querendo
Dizer-lhe que Minerva na figura

De

De Mentor a Telemaco salvara ,
 Lhe permittio o procurar vingança
 Deites dois homés. Deixa entã o Olympo ,
 Esquecem-lhe os perfumes , q̃ lhe queimaõ
 Nos altares de Paos , de Cythera ,
 E de Idalia. Voando no seu carro
 Pelas pombas tirado , o filho chama.
 Macerado da dor o seu mimoso
 Semblante ornado de risongas graças ,
 Assim lhe falla : Tu naõ vês , meu filho ;
 Estes mortaes , que impávidos desprezaõ
 O teu , e meu imperio ? Dar-nos culto
 Quem quererá jágora ? Vai ; dispara
 Duras frechas contra estes insensiveis
 Dois corações. Desce comigo á Ilha:
 Fallarei a Calypso. Disse ; e logo
 Talhando os ares em dourada nuvem ,
 Se apresenta a Calypso , que na borda
 De huma fonte da gruta affás distante
 Estava retirada. Infeliz Deosa !
 Assim começa : Desprezou-te o ingrato
 Ulysses , e seu filho mais tyranno
 Similhante desprezo te prepara.
 Mas aqui vem Amor para vingar-te.
 Vê que to deixo aqui. Figue entre as tuas
 Ninfas , qual algum dia o infante Bacco
 Foi educado pelas bellas (4) Ninfas

Da

(4) As Ninfas da Ilha Naxos no mar Egæu , hu-

Da Ilha Nexos. Como qualquer outro
 Menino, ha de Telemaco tratallo :
 Delle não ha de ter desconfiança :
 Com tudo o seu poder sentirá cedo.
 Assim diz ; e remonta-se á dourada
 Nuvem , donde sahira , de ambrosia
 Deixando hum brando cheiro, com q̃ os bos-
 De Calypso ficaraõ perfumados. (que
 Fica Amor entre os braços de Calypso ,
 Que , posto que divina , sente a chamma
 Lavrar logo em seu peito. Deu-o á Ninfa
 Que estava junto della , e se chamava
 Eucaris. Quantas vezes de o ter feito
 Se arrependeo depois ! Nada ao principio
 Parecia mais meigo , mais amavel ,
 Mais innocente , mais de graças cheio ,
 Que o menino Cupido. Quem o via
 Lisongeiro , engraçado , e rindo sempre ,
 Só podia esperar meigos prazeres ;
 Mas se ás suas caricias se entregava ,
 Hum veneno cruel sentia logo.
 Maligno , enganador , só atagava
 Para fazer traições. Elle não ria

Senão

na das Cicladas , em recompensa do desvelo que
 tiveraõ em educar a Eascho , foraõ transportadas
 ao ceo , e mudadas em estrellas , que se chamaõ
 Iliadas.

Senaõ dos crueis damnos , que causava ,
 Ou que causar queria. Mas chegar-se
 Naõ ouõava a Mentor. Seu modo austero
 O assustava. Sabia que nenhuma
 Das suas settas deste ignoto o peito
 Ferir podia. Porém logo as Ninfas
 O ardor sentiraõ , que o Rapaz travessio
 Accendia. Com tudo disfarçavaõ
 Com desvélo apparente a funda chaga ,
 Que nos seus corações se envenenava.
 Telemaco observando este Menino
 Que brincava co' as Ninfas , saltado
 Foi das suas meiguices , e belleza ;
 Abraça-o ; já o toma em seus joelhos ,
 Já em seus braços. Em si mesmo sente
 Nova perturbaçãõ , cujo motivo
 Achar naõ pode. Quanto mais procura
 Brincar com innocencia , mais se inquieta ;
 E se exhaure de forças. Que differentes ,
 Diz entãõ a Mentor , saõ estas Ninfas
 Das mulheres de Cypre , cuja torpe
 Immodestia afeava a formosura !
 Estas bellezas immortaes respiraõ
 Certa moderaçãõ , certa candura ,
 Que encantaõ. (5) Assim diz ; e logo córa,
 Sem

(5) Assim fallava o Rei para justificar o seu amor a Mademoiselle de la Valiere. Arrebatou-o

Sem saber o motivo. Não podia
 Abster-se de fallar ; porém apenas
 Começava , o discurso interrompia.
 As suas expressões eraõ escuras ,
 Soltas , e algumas vezes sem sentido.
 Mentor lhe respondeo: De Cypre os p'rigos
 Eraõ nenhuns , com estes comparados ,
 De que não tendes o menor receio.
 Faz o vicio grosseiro horror , e pejo :
 A impudencia brutal excita o odio :
 A modesta belleza he mais perigosa.
 Amando-a , crê-se amar só a virtude ,
 E quasi sem sentillo , nos levamos
 Dos falsos attractivos de huma cega
 Paixaõ , que finalmente se conhece ,
 Quando já não he tempo de atalhalla.
 Destas Ninfas fugi , que taõ discretas
 Se vos figuraõ só para enganarvos.
 Os p'rigos evitaí da mocidade ;
 Mas inda mais que tudo , recatai-vos
 Do travesso Rapaz desconhecido.
 Elle he Amor tyranno , que por Venus
 Sua mãi conduzido , vem sómente
 Para tomar vingança do desprezo ,
 Que em Cythera fizestes de seus cultos.

Elle

muito mais a sua modestia , do que a sua formosura : e pensando amar só a virtude , se entregou aos maiores extremos do vicio.

Elle ferio o coração da Deosa ,
Que vos ama em extremo, e as Ninfas todas
Que a servem, abrazou. Estais vós mesmo
Abrazado também de amor no fogo,
E mal ó conheceis. Algumas vezes
Telemaco a Mentor interrompia
Desta arte : E porque causa nesta Ilha
Não ficamos ? Ulysses já não vive :
Estará entre as ondas submergido.
E Penelope , vendo que tardamos,
Não poderia resistir a tantos
Peritendentes. Talvez a obrigaria
A tomar seu Pai Icaro outro esposo.
Voltarei eu a Itaca , onde a veja
N'outros laços , quebrando a fé jurada
A meu Pai ? Já os Itacos de Ulysses
Se esquecerão. Se a Itaca voltamos ,
Vamos buscar inevitavel morte ;
Pois da infeliz Penelope os amantes
As entradas dos portos nos tomaraõ
Por segurar melhor a nossa perda.
Mentor lhe respondeo : Eis o effeito
De humna cega paixão. Com subtileza
Procuramos razões , que a patrocinãõ ;
E fazimos temendo ver as outras ,
Que a condemnãõ. Nós somos engenhosos
Em enganar-nos , os crucis remorços
Sufocando. Esqueceo-vos quãto os Deoses

Obraraõ para a patria vos tornarem ?
 Dizei , como escapastes da Sicilia ?
 Os males , que no Egipto padecestes ,
 Naõ se tornaraõ de repente em ditas ?
 Qual incognita maõ dos fataes riscos ,
 Que em Tyro a vossa vida ameaçaraõ ,
 Vos salvou ? E depois destes prodigios ,
 Naõ podcis antever o que o destino
 Ainda vos prepara ? Mas que digo !
 Vós naõ o mereceis. Em fim eu parto ;
 E saberei salvar-me desta Ilha.
 E vós , indigno filho de hum Rei sabio ,
 E generoso , aqui passai a vida
 Apoucada , e sem honra entre mulheres
 Contra a vontade dos celestes Numes.
 O que indigno de si o grande Ulysses
 Julgou , fazei-o vós. Estas palavras
 De desprezo feriraõ a Telemaco
 No fundo da sua alma. Elle sentia
 Seu peito enternecer-se c'os discursos
 De Mentor. Sua magoa misturava
 Com o pejo. Temia deste sabio
 Amigo as justas iras , e a partida.
 Mas a paixãõ violenta , que brotava
 Em seu peito , e que mal a conhecia
 Elle meõmo , o tornava hum novo homem.
 Ah Mentor ! com as lagrimas nos olhos
 Telemaco dizia : Pois taõ pouco

Este

Este ier immortal , que offrece a Deosa ,
 Avaliais ? Eu avalio em nada ,
 Lhe replicou Mentor , o que á virtude ;
 E á vontade dos Deoses he contrario .

A virtude vos chama para a Patria
 Para verdes Ulysses , e Penelope ,
 E vos prohibe a huma paixãõ louca
 Abandonarvos . Os celestes Numes ,
 Que de taõ grandes p'rigos vos salvarãõ ,
 Para vos prepararem huma gloria
 Similhante á de Ulysses , vos ordenãõ
 Que deixeis esta Ilha . Amor sómente ,
 Este infame tyranno , ha de prendervos ?
 Telemaco infeliz ! E que vos serve
 Huma vida immortal sem liberdade ,
 Sem virtude , e sem gloria ? Huma tal vida
 Viria a ser ainda mais mesquinha ,
 Porque naõ acabava . A raes discursos
 Telemaco sómente respondia
 Com suspiros . A's vezes desejava
 Que Mentor por violencia o arrancasse
 Desta Ilha fatal ; mas outras vezes
 De Mentor a parrida lhe tardava ,
 Para naõ ter diante dos seus olhos
 Este amigo severo , que a fraqueza
 Lhe exprobrava . Em seu peito todos estes
 Contrarios pensamentos combatiaõ ;
 Mas nenhum persistia muito tempo :

Bem como o mar, que de contrarios ventos
 Costuma ser o jogo. Ora jazia
 Lançado sobre a praia; ora n'hum bosque
 Sombrio se embrenhava, amargas lagrimas
 Vertendo, e arrancando agudos gritos,
 Quaes os rugidos d'hum leão raivoso.
 Emmagreceo: abrazadora chamma
 Inflammava seus olhos encovados.
 Desfigurado, pálido, abarido
 Não parecia o mesmo que era d'antes.
 A sua gentileza, sua graça,
 Sua nobre altivez ao longe delle
 Se haviaõ retirado. Percia,
 Qual tenra flor na madrugada aberta
 Que espalha pelo campo o brando cheiro;
 E pouco a pouco suas vivas cores
 Junto á noite desbotaõ, murcha, e secca,
 E a formosa cabeça, que não pôde
 Mais sustentar, inclina. Assim de Ulysses
 O filho já tocava a sepultura.
 Vio Mentor que Telemaco a violencia
 Da paizaõ rebater já não podia,
 E huma traça ideou para livrallo
 Do triste precipicio. Elle observava
 Que a Telemaco amava com excesso
 Calypso, e que Telemaco não menos
 Amava a Ninfa Eucaris; pois usa
 O malevolo Amor, para os humanos

Atormentar, fazer que não amemos
 Aquelles que nos amão. De Calypso
 Quiz Mentor avivar o voraz lume
 Dos zelos. Conduzir a huma caçada
 A Telemaco havia destinado
 Eucaris ; e Mentor disse a Calypso :
 Huma nova paixão tenho observado
 Pela caça em Telemaco , qual d'antes
 Já mais nelle notei. Dos mais prazeres
Por este se desgozta. Só estima
 Os bosques , e as montanhas mais incultas.
 Fostes , ó Deosa , vós , que lhe inspirastes
 Esta grande paixão ? Estas palavras
 Ouvindo a Deosa , o mais cruel desgosto
 Sentia ; e não podendo mais conter-se ,
 Assim lhe respondeo : Esse Telemaco ,
 Que em Cypre desprezar foubes os delcites,
 Não póde resistir á mediana
 Belieza d'huma Ninfa que me serve. (6)
 Como ousará de acções maravilhosas
Jactar-se aquelle , cujo fragil peito
 Enfraquece vilmente o appetite ,
 E que sómente mostra haver nascido

Para

(6) Affix fallava a Duquesa de Orleans Henriqueta de Inglaterra que amava o Rei, quando vio que *eile se inclinava a Mademoiselle de la Valiere*, huma das suas Damas, cuja belleza era mediocre. Formava semelhantes queixas ao Conde de Guiche, e a Mademoiselle de Montalet, seus confidentes.

Para passar escura vida em meio
 De mulheres? Mentor notou com gosto,
 Quanto o ciúme alvorojava o peito
 De Calypso. Não disse mais, temendo
 Fazer-se suspeito; mas o rosto
 Mostrava triste, e pezaroso. (7) A Deosa
 Então lhe descobrio os seus degoistos;
 E renovava sem cessar as queixas.

Apuou seu furor esta caçada,
 Que Mentor lhe advertira. Soube a Deosa
 Que Telemaco havia procurado
 Retirar-se da turba das mais Ninfas
 Para fallar a Eucaris. Traçava
 Já segunda caçada, em que antevia
 Que elle faria o mesmo. Os seus designios
 Quiz prevenir, dizendo que á caçada
 Também queria ir; mas não podendo
 Já moderar o seu resentimento,
 Enfadada lhe diz: Foi para isto
 O moço temerario, que arrojado
 Da tormenta vieste á minha Ilha
 Escapando ao naufragio merecido
 Que te excitou Neptuno, e á vingança
 Dos Deoses immortaes? A' minha Ilha
 De-

(7) Hum presente, que o Rei fez á sua Dama de hum colar de pedras, e de hum par de brincos de diamantes de grande preço acabou de pôr em furor a Madama.

Defesa a todos os mortacs vieſte
Só para desprezares meu Imperio ,
E o terno amor que te mostrei de balde ?
O Divindades do ceſte Olympo
E da Eſtyge ! eſcutai as triftes vozes
De huma Ninfa infeliz , que vos invoca.
Naó tardeis em vingar-me , confundindo
Eſte indigno mortal , perfido , ingrato.
Pois és mais que teu pai , cruel , e injusto ;
Soffras trabalhos mais cruéis , mais longos
Inda que os ſeus : Já mais vejas a Patria ,
Eſſa Itaca pobre , e miſeravel ,
Que ouſaſte preferir ſem pejo a vida
immortal. Praza ao Ceo , que antes acabes
Entre as vagas do mar , vendo-a de longe ;
E que feito ludibrio das cruentas
Ondas , o teu vil corpo , finalmente
Ariemeſſado ſeja á ſua praia ,
Sem esperar piedoſa ſepultura.
Os vorazes abutres a meus olhos
O devorem ; e o veja eſſa a quem amas.
Ha de eſtalar-lhe o coração no peito ;
E a ſua dor fará minha alegria.
Fallando aſſim , tinha Calypſo os olhos
Sanguineros , e inflammados ; naó fixava
Nos objectos a viſta ; hum ar ſombrio ,
E feroz ſe lhe via ; as ſuas faces
Lhe tremiaó. Eſtavaó ſalpicadas

De

De nodos negras lividas. Mudava
De côr a cada instante. Em todo o rosto
A pallidez mortal se derramava.
Já lhe não rebentavaõ, como dantes,
Lagrimas copiosas; porque a raiva,
E o furor a nascente lhe estancaraõ.
Apenas lhe cahiaõ sobre as faces
Algumas. Tinha a voz tremula, e rouca.
Observava em silencio todas estas
Perturbações Mentor: mas a Telemaco
Nada dizer queria. Elle o tratava,
Qual doente incuravel, que abandonãõ
Os Medicos. Sómente compassivo
De vez em vez os olhos lhe lançava.
Conhecia Telemaco o seu erro,
Pelo qual era indigno da amizade
De Mentor. Não oulva erguer os olhos,
Reccando encontrar os deste amigo,
Cujos silencio o condemnava. A's vezes
Queria ir abraçallo, e protestar-lhe
Que estava arrependido do seu erro;
Porém ora o continha o ruim pejo,
Ora hum certo temor de adiantarse
A mais do que devia para aos perigos
Esquivar-se: porque lhe pareciaõ
Suaves, e a vencer a paixãõ louca
Não se determinava. Os sacros Nomes
Do Olympo congregados em profundo
Si-

Silencio , tinhaõ fixos os seus olhos
 Na Ilha de Calypso , para verem
 Se era Amor , ou Minerva quem vencia. (8)
 Amor brincando com as bellas Ninfas
 Atcava o seu fogo em toda a Ilha.
 Minerva do ciume , inseparavel
 De amor , se aproveitava. O Pai dos Deoses
 Quiz ser espectador deste combate ,
 E persistir neutral. Em tanto a Niasa
 Eucaris , receando lhe escapasse
 Telemaco , empregava mil cautellas
 Para o reter nos laços. (9) Já vestida
 Qual Diana , outra vez se preparava
 A huma nova caçada. Amor , e Venus
 Lhe haviaõ inspirado novas graças.
 A sua formosura neste dia
 Assombrava a belleza de Calypso ,
 A qual vêdo-a de perto , e ao mesmo tempo
 Olhando-se a huma fonte crystallina ,

Se

(8) A Corte de França estava em alteraçãõ. Os mais sabios Conselheiros do Rei estavaõ attentos a ver quem venceria ; se a paixão d'elle Monarca , se os prudentes conselhos da Rainha sua Mãi. Mas guardavaõ todos silencio , porque lhes não era já permitido fallar.

(9) O Rei amava muito a caça , sonda conduzia as Damas , gostando de as ver vestidas de Amazonas. Mademoiselle de la Valiere brilhava muito com esse traje.

Se envergonhou de si ; e occultar-se
 Foi no interior da gruta , assim dizendo:
 Que me val dividir os do's amantes
 Declarando-me socia da caçada ?
 Se-lo-hei ? A victoria irei ceder-lhe.
 (10) Farei que com a minha formosura
 A sua se realce ? He bem provavel
 Que vendo-me Telemaco , se agrada
 Mais que de mim da sua amada Eucaris.
 Desgraçada que fiz ! Não vou , nem elles
 Irão. Vou atalhallo ; vou eu mesma
 Procurar a Mentor ; rogar-lhe afflicta
 Que a Telemaco leve , que o conduza
 A Itaca. Que digo ! Se Telemaco
 Partir , qual ha de ser o meu destino ?
 Onde estou ? Que te resta cruel Venus !
 Tu me enganaste : hum pérfido presente
 Me fizeste. Rapaz pernicioso ,
 Empellido Cupido , franquecite
 Meu coração na lisongeira esperança
 De viver venturosa com Telemaco ;
 Mas tu introduziste na minha alma
 Só a raiva , e furor. As minhas Ninfas
 Contra mim se rebellaõ. Só me serve
 A divindade de fazer eterna

A

(10) Isto he o que dizia Madama , quando soube que as visitas do Rei eraõ hum pretexto para ver a Mademoiselle de la Valiere.

A minha desventura. Ah! se eu pudesse
Morrer, para acabarem minhas magoas!
Pois não posso morrer; justo he que morras
Telemaco. Verás como eu me vingo
Da tua ingratidão. A tua Ninfa
O verá. Cravarei eu mesmo a frecha
Em teu misero peito. Ah! eu me perco.
Desgraçada Calypso! que pretendes?
Matar hum innocente, que tu mesma
Lançaste neste abyssmo de desgraças!
Eu fui quem appliquei a cruel facha
Ao innocente peito de Telemaco.
Que innocencia he a sua! que virtude!
Que horror aos vicios! e q heroicos brios
Contra infames prazeres! E convinha
Damnar-lhe o coração? Se me deixasse...
Mas ah! não he forçoso que me deixe,
Ou o veja tyranno desprezar-me,
Para a minha rival entãó vivendo!
Não; não. Eu mereci quanto padego.
Parte, Telemaco, atravessa os mares;
E Calypso miserrima aqui fique,
Sopportar não podendo a trille vida,
Nem a morte encontrar, inconsolavel,
Cheja de raiva, e pejo, com a tua
Eucaris orgulhosa. Assim fallava
Dentro da sua gruta. De repente
Sahio desatinada, e assim exclama:

Que

Que fazeis , ó Mentor ? Assim Telemaco
Defendeis contra o vicio vergonhoso
A que se entrega ? Vós dormis , em quanto
O Amor vigia contra vós ? Não posso
Já por mais tempo sopportar a indigna
Indifferença que mostrais tranquillo.
Vereis o filho do famoso Ulysses
Deslustrar a seu Pai , e descuidar-se
De seu alto destino ? Confiada
Foi a mim , ou a vós da sua infancia
A boa educação ? Eu busco os meios
De curar o seu peito ; e vós de nada
Tratareis ? No lugar mais retirado
Destu espessura ha encorpados chopos ,
Para armar hum navio accomodados.
Alli o sabio Ulysses fez aquelle
Em que daqui partio. N'hum caverna
Profunda haveis de achar os instrumentos
Precisos , para as peças de hum navio
Talhar , e unir. Apenas isto disse ,
Se arrependeo. Porém hum só momento
Não quiz perder Mentor. Foi á caverna ,
Achou os instrumentos , poz por terra
Os chopos , e hum navio n'hum só dia
Formou capaz para cruzar os mares ;
Porque o poder , e industria de Minerva
De tempo dilatado não precisaó ,
Para obras acabar inda maiores.

Ficou a Deosa n'hum cruel tormento
 De espirito. Humas vezes pertendia
 Saber se de Mentor se adiantava
 O trabalho ; outras vezes não podia
 Resolver-se a deixar esta caçada ,
 Onde Eucaris inteira liberdade
 Teria com Telemaco. O ciúme
 Não lhe dava lugar a que de vista
 Perdesse os dois amantes. Seu fim era
 Dirigir a caçada áquelle sitio ,
 Onde sabia que Mentor estava
 Construindo o navio. Do machado
 Ouvindo o rijo som , estremecia
 A cada golpe ; mas ao mesmo tempo
 Temia que com isto distrahida ,
 Lhe escapasse algú gesto , ou mover d'olhos
 De Telemaco á Ninfa. Então com modo
 Zombador a Telemaco dizia
 Eucaris : (11) E não tendes vós receio
 Que vos ralle Mentor , por terdes vindo
 Sem elle á caça ? Oh quanto vós sois digno
 De compaixão ! pois inda estais sujeito

A

(11) Mademoiselle Mancini assim exprobrava ao Rei a oppressão , em que o tinhao a Rainha , e o Cardeal. Não sois vós lenhor , dizia ella ? porque não usais da vossa authoridade ? Ella só pedia ser tirada da tutela de seu Tio ; mas desejava que o Rei fizesse o mesmo.

A tão severo conductor. Não pôde
 Dobrar alguém a sua austeridade.
 Declara-se inimigo dos prazeres ;
 Não soffre que gozeis de algum , e taxa
 Inda as vossas acções mais innocentes.
 Vós lhe podieis ser subordinado ,
 Quando ereis incapaz de conduzirvos ;
 Mas tendo-vos mostrado tão prudente ,
 Não he decente que deixeis regervos
 Como qualquer rapaz. Estas palavras
 Ditas com artificio , penetraraõ
 O peito de Telemaco ; e fizeraõ
 Que elle contra Mentor se encheffe de ira ;
 Sacudir o seu jugo appetecendo. (12)
 Temia vê-lo ; e nada respondia
 A Encaris. Tal era o seu enleio.
 Acabada a caçada quasi noite ,
 Voltaraõ ambos igualmente inquietos
 Por hum lado do bosque mais visinho
 Ao sitio , onde Mentor em todo o dia
 Esteve trabalhando. Concluido
 O navio Calypso viu de longe.
 Cubriraõ-se os seus olhos de repente.
 D'humas espessas sombras , semelhantes

A's

(12) Pintura natural das disposições do Rei para com o Cardeal , quando amava a sobrinha deste. Observavaõ-no em tudo , e até nas suas acções mais innocentes.

A's da morte. Seus tremulos joelhos
 Fraquejavaõ. Intenso suor frio
 Corria pelos membros do seu corpo.
 Foi obrigada a encostar-se ás Ninfas,
 Que de perto a seguiaõ. Pertendendo
 Eucaris dar-lhe a maõ para firmar-se,
 Lãçou-lhe, (13) repulfando-a, torvas vistas.
 Telemaco, que vio este navio,
 E naõ vio a Mentor; porque já findo
 O trabalho, se havia retirado,
 Perguntou a Calypso de quem era
 O baixel, e a que fim se destinava?
 Naõ lhe pôde ella dar prompta resposta;
 Porém em fim lhe disse: Construillo
 Mandeí para que nelle se retire
 Mentor, e vos naõ sirva mais de estorvo
 Hum amigo severo, que a ventura
 Vos atalha imprudente, e vos inveja
 O serdes immortal. Mentor me deixa!
 Estou perdido, exclama entãõ Telemaco.
 Se me deixa Mentor, só vós, ó Eucaris,
 Me restais. (14) Estas vozes no delirio
 Da-

(13) Madama usou o mesmo com Mademoiselle la Valiere, a quem deu tantos desgostos, que foi obrigada a retirar-se ao Convento de Chaillot, donde a tirou o Rei para lhe dar huma casa.

(14) Quando o Rei se viu no extremo de perder la Valiere, exclamou diante das Damas, que estavaõ presentes: Dai-ma, e tomai quanto possuo.

Da paixão lhe escaparaõ ; porém logo
 Compreheo o mal que havia feito
 Em dizellas : não teve liberdade
 De reflectir no que ellas exprimiaõ.
 Todas as Ninfas n'hum silencio triste
 Ficaraõ. Porém Eucaris os olhos
 Afrontada abaixando, se escondia
 Apõs as mais , querendo não ser vista ;
 E ao mesmo tempo que em seu rosto o pejo
 Reuzia , a alegria lhe banhava
 Seu coraçãõ. Telemaco a si mesmo
 Não sabia entender-se ; nem podia
 Capacitar-se allã de ter fallado
 Com tanta indifferença. O que fizera ,
 Lhe parecia hum sonho , que o enchia
 De susto , e sobresalto. Furiosa
 Calypso , qual leoa a quem roubaraõ
 Os tenros filhos , atravessa os bosques
 Sem vereda seguir , ou saber onde
 Se encaminhava. Chega em fim á boca
 Da gruta , onde Mentor já esperava.
 Estrangeiros , lhes disse , sahi logo
 Da minha ilha , aonde temerarios
 Viestes perturbar o meu socego.
 Longe , longe de mim moço indiffereto ;
 E tu , velho imprudente , se o não levas
 Promptamente daqui , qual seja a ira
 De huma Deosa verás. Tornar a vello
Não.

Não quero , nem consinto que das minhas
 Ninfas alguma o trate , ou volte os olhos
 Mais para elle. Assim constante o juro
 Pelas ondas da Estyge ; juramento
 Que faz tremer as mesmas Divindades.
 Porém sabe , ó Telemaco , que ainda
 Te esperaõ novos males. Sim , ingrato ;
 Sahirás desta Ilha a ser objecto
 De outras desgraças. Eu serei vingada.
 Suspirarás ainda por Calypso ;
 Porém em vão. Neptuno , a quem de Ulysses
 A offensa não esquece , sendo instado
 Por Venus , que indiscretos desprezastes
 Em Cypro , outras tormentas te prepara.
 Sim verás a teu Pai , que vive ainda ;
 Porém sem conhecello ; nem com elle
 Na patria te unirás , antes de seres
 Da fortuna cruel ludibrio , e jogo.
 Vai ; eu invoco as grandes Potestades
 Celestes , q me vinguem. Praza aos Numes
 Que no meio dos mares procellosos ,
 Pendurado das pontas de hum rochedo ,
 E affombrado dos raios , inda invoques
 Em vão Calypso , a quem o teu supplicio
 Encherá de prazer. Disse ; mas logo
 O perturbado espirito aplacando ,
 Quiz abraçar resoluções contrarias.
 Amor fez renascer dentro em seu peito

Vivos deſejos de reter Telemaco.
Viva embora , dizia ella comſigo :
Fique aqui ; porque em fim talvez conhea
Tudo o que em ſeu favor obrado tenho.
Eucaris dar-lhe , como eu , não póde
Natureza immortal. Cega Calypſo !
Voltou-ſe contra ti teu juramento.
Já ficaiſte obrigada ; e as negras ondas
Da Eſtyge , pelas quaes juraiſte incauta ,
Não te permittem a mais leve eſperança.
Não entendia alguém eſtes diſcurſos ;
Mas no ſeu roſto eſtavaõ retratadas
As Furiás ; e exhalar do negro Averno
O empéſtado veneno parecia.
Telemaco de horror foi ſalteado ;
E a Deoſa percebeo o ſeu enleio ;
Pois que póde eſconder-ſe a Amor zeloso ?
O horror de Telemaco os tranſportes
Augmentou de Calypſo. Qual Baccante ,
Que atroa o ar c'os ſeus horrendos huiuos ,
E que faz retumbar as empinadas
Serras da I'hracia , atravellando os bolques
Com hum dardo na mão , corre ; convoca
Todas as ſuas Ninſas ; e ameaça
Ferir as que ſeguilla recuſaſſem.
Correrãõ em tropel , das ameaças
Intimidadas. Eucaris a ſegue
Tambem , com ternas lagrimas nos olhos

A Telemaco olhando , mas de longe ,
 E não ousando mais fallar-lhe. A Deosa
 Vendo-a perto de si , bramia de ira ,
 (15) E em vez de mitigalla com a sua
 Submissão , mais a accende , porque observa
 Que lhe realça a dor a formosura. (16)
 Fica só com Mentor neste momento
 Telemaco. Elle abraça os seus joelhos ;
 Pois não tinha valor para abraçallo
 De outro modo , né para por-lhe os olhos ;
 Verte hum rio de lagrimas amargas.
 Quer fallar ; mas pegada na garganta
 Lhe-fica a voz ; e faltão-lhe as palavras.
 Já não sabe o que faz , nem o que deve
 Fazer , nem o que quer. Em fim exclama:
 Meu verdadeiro pai , Mentor , salvai-me
 De tantos infortunios. Eu não posso

N ii

Aban-

(15) Quanta mais submissão la Valiere mostrava a Madama , mais ella Princesa a aborrecia , e desprezava. Foi preciso ao Rei usár da sua authoridade , para a fazer conservar na sua companhia ; até que lhe deu casa , e equipagem propria.

(16) La Valiere tinha hum certo ar de brandura , que a afflictão fazia mais insinuante. Não sendo formosa , tinha todos os seus gestos agradaveis ; e nada fez tanta impressã no coração sensivel do Rei , como vella hum dia banhada em lagrimas queixar-se da aspereza , com que Madama a tratava.

Abandonarvos , nem tambem seguirvos.
Salvaimo de mim mesmo, ou daime a morte.
Mentor o abraça , e o conforta , e anima :
Enfina-o a soffrer os seus tormentos ,
Sem a sua paixãõ lifongear-lhe.
Filho do sabio Ulyffes , lhe diz elle ,
A quem os Deoses tanto tem prezado ,
E prézaõ , se soffreis taõ crucis males ,
Do seu amor he hum seguro effeito.
Aquelle que naõ sente quanto he fragil ,
E das suas paixões a força ignora ,
Naõ he ainda sabio ; pois naõ sabe
Conhecer-se , e temer-se de si mesmo.
Os Numes pela maõ vos conduziraõ
Até a boca horrivel dos abyffinos
Para mostrar-vos quanto saõ profundos ,
Sem vos deixar precipitar. Agora
Conhecei o que naõ conhecereis
Sem a propria experiencia ; pois de balde
Vos fallariaõ de traicões , e enganos
De Amor , que só por fazer mal affaga ;
E que debaixo de apparente agrado
Esconde a mais terrivel amargura.
Quando aqui veio ornado de attractivos ,
Entre os risos , as graças , e os deleites ,
De voffo peito as chaves lhe entregastes ;
E vos roubou o coraçãõ. Vós mesmo
Em o deixar roubar deleite achastes.

Pro-

Procuraveis pretextos apparentes
Para ignorar do coração a chaga.
Buscaveis enganarme , e a vós mesmo
Lifongearvos : não temeis nada.
Eis da temeridade o triste effeito.
Pedis agora a morte , e vos parece
O unico refugio que vos resta.
A Deosa sem fôcego se assemelha
A huma Furia infernal. Eucarís arde
Em hum incendio muito mais tyranno ,
Que da morte as acerbas agonias.
Todas as Ninfas de ciúme cheias
Querem despedaçar-se humas ás outras.
Vede quaes são de amor atraídoado ,
Quando se finge affavel , os effeitos.
Recobrai vossos brios abatidos :
Vede em que gráo os Numes vos estimaõ ;
Pois inda vos franqueaõ hum caminho
Para fugindo a Amor tornar á Patria :
Vede a mesma Calypso , que obrigada
Se vê a consentir vossa partida.
Tendes navio prompto. *Que tardamos*
Em deixar esta Ilha , onde a virtude
Não se acolhe ? Dizendo estas palavras ,
Caminha para a praia , conduzindo
Pela mão a Telemaco , que o segue
Com repugancia , atrás voltando os olhos.

(17) A Eucaris, que se hia retirando,
 Contempla. Não podendo ver seu rosto,
 Olha os bellos cabellos entrançados,
 Os ligeiros vestidos, que ondavao,
 E o gesto magestoso. Elle suspira
 Por beijar os vestigios de seus passos;
 E depois de a perder em fim de vista,
 Applicava o ouvido, imaginando
 Que a sua voz soava; e bem que ausente
 A estava vendo, e ante os saudosos olhos
 A tinha vivamente debuxada.
 Fallar-lhe imaginava, não sabendo
 Onde estava. Inquieto não podia
 Attender a Mentor; porém tornando
 A si, como desperto de hum lethargo
 Assim diz a Mentor: Determinado
 A seguirves estou; porém deixai-me
 De Eucaris despedir, porque mais facil
 Me seria acabar, do que deixalla
 Com tal ingratitude. Ah! permiti-me
 Que a veja huma só vez, para dizer-lhe
 Eterno adeos. Quero dizer-lhe ao menos:
 O' estimavel Ninfa, os cruezis Nupes,
 Que

(17) Quando Mancini casando com o Condestavel se retirou da Corte, o Rei a vio partir com tanta dade. Esta descripção he huma pintura natural do que então lhe aconteceu.

Que a minha dita , e o meu prazer invejaõ,
 Me obrigaõ a partir ; porẽm primeiro
 Me acabarãõ a inconsolavel vida ,
 Que me esqueça de vós. Meu pai piedoso ,
 Ou concedei-me este pequeno allivio ,
 Que he tão justo ; ou-me dai aqui a morte.
 Eu já ficar não quero nesta Ilha ;
 Nem quero dar entrada a Amor tyranno.
 Ainda amor não ha neste meu peito ;
 Mas amizade , e gratidaõ devida
 A Eucaris formosa. Nada peço
 Mais que dizer-lhe adeos ; e logo parto
 Sem demora convosco. Que piedade
 Tenho de vós ! Mentor entãõ responde.
 (18) He já vossa paixãõ tão furiosa
 Q' nem vós mesmo a percebeis. Vós credes,
 Que livre estais , e me pedis a morte !
 Dizeis que não estais de amor vencido
 E separarvos não podeis da Ninfa
 A quem amais. Não vedes outra coisa ;
 Só a ella attendeis. Sois cego , e surdo
 A tudo o mais. Aquelle a quem a febre
Faz

(18) As Cartas do Cardeal Nazarino ao Rei erãõ cheias de semelhantes advertencias. O Rei não sentia o seu estado : encubria a si mesmo a sua paixãõ debaixo das cores da amizade mais pura ; e só sentio toda a sua forza, quando lhe foi necessario separar-se do objecto della.

Faz delirante , eítá clamando a todos
 Que não eítá doente. Ah cego moço !
 Tendes tenção de abandonar Penelope ,
 Que vos eítpera , e voffo Pai Ulyffes ,
 Que tornareis a ver na Ilha de Itaca
 Onde reinar deveis ? O alto deítino ,
 E a gloria desprezais , que promettido
 Vos tem os fãcros Numes nos prodigios ,
 Que tem obrado em beneficio voffo ?
 (19) Renunciais a todas eítas ditas
 Para viver com Eucaris fem gloria ,
 E dizeis que o amor vos não fujeita ?
 Pois quem vos inquieta ? Porque cauza
 Pedis a morte ? Porque cauza á Deofa
 Fallastes fem acorto , e transportado ?
 Não vos accuio de má fé , mas choro
 Voffa cegueira. O Ceos ! fugi , Telemaco ,
 Fugi , que só fe vence Amor fugindo.
 He valor o temer eíte inimigo ,
 E fugir fem pensar , e fem dar tempo
 De voltar levemente atrás os olhos.
 (20) Não podem eítuquer-vos os deívêlos,
 Que

(19) O Cardeal affim fallava ao Rei , vendo-o difpoffo a renunciar todas as vantagens do feo caítamento com a Infante , e a fãctificar a Mancini a fua gloria , e a fua Coroa.

(20) A quem lê ifto , parece lêr as Cartas do Cardeal Mazarino ao Rei acerca da paixãõ , que

Que me custou a vossa tenra infancia,
 E os grandes riscos de q̃ os meus prudentes
 Conselhos vos salvarão. O que digo
 Acreditai; ou permiti vos deixe.
 Se conhecessis quanto me magôa
 Vervos correr tão cedo ao precipicio;
 Ou se soubessis quanto padecido
 Tenho, antes que a fallarvos me atrevesse,
 A mãe que vos gerou no vosso parto
 Não passou, como eu, tão crucis tranças.
 Callei-me, devorci a minha pena,
 Prendi no coração os meus gemidos
 Por ver se a mim tornaveis. Ah meu filho!
 Meu filho amado! consolai meu peito,
 Tornai-me o q̃ eu mais preço do q̃ as minhas
 Entranhas. Sim tornaime o meu Telemaco,
 Que perdi, e tornaivos a vós mesmo.
 Se ao amor a prudencia predomina
 Em vós; sim, ó Telemaco, entãõ vivo,
 E vivo venturoso. Mas se acaso
 Vos arrebatã amor contra a prudencia,
 Mentor não vive mais. Assim fallando
 Para o mar o caminho proseguia,
 E Telemaco posto que não tinha

Va-

mostrava por sua sobrinha; especialmente aquella,
 em que ameaça abandonallo, e retirar-se à Italia, se
 não rompesse a correspondencia, que o delustrava.

Valor para seguillo voluntario ,
 Não fazia com tudo resistencia ,
 E por Mentor deixava conduzir-se.
 Minerva sempre occulta na figura
 De Mentor o abrigava com a Égide
 Sem elle o perceber , e decantando
 Certo divino lume em redor d'elle ,
 Lhe fazia sentir hum novo esforço ,
 Que elle já mais sentira nesta Ilha.
 Chegão em fim a hum lugar remoto ,
 Onde a margem do mar era escarpada :
 Era hum rochedo sempre combatido
 Das espumantes ondas. Dalli olhaõ ,
 Para ver se o navio construido
 Pelo sábio Mentor ainda estava
 No mesmo sitio. Porém logo viraõ
 Hum funesto espectáculo. Sentindo
 Amor no fundo d'alma , que este Velho
 Incognito não só fosse a seus tiros
 Invulneravei , mas até roubasse
 Telemaco a seu jugo , cheio de ira
 Chorando foi buscar a afflicta Deosa ,
 A qual vagava nos sombrios bosques.
 Não pôde ella conter os seus suspiros ;
 E sentio rebentarem-lhe de novo
 As feridas , que tinha no seu peito.
 Amor entaõ lhe disse : Vós sois Deosa ,

E

E consentis , que este mortal tão fraco
Prezo na vossa Ilha affim vos vença ?
Porque o deixais sahir ? Ella responde :
Ah infeliz Amor ! eu já não quero
Ouvir os teus conselhos tão nocivos.
Tu me tiraste de huma paz profunda,
É doce , para n'hum horrendo abyssuo
Lançarme de desgraças. Já remedio
Não ha. Jurei pela lagoa Estygia
Deixar partir Telemaco. Inda o mesmo
Pai dos Deoses quebrar não oufaria
Tão grande juramento. Sim, Telemaco
Sahe desta Ilha ; e tu pernicioso
Amor sahe igualmente , pois me causas
Inda mais damno q̃ elle. Entãas lagrimas
Exugando-lhe Amor , deu hum sorriso
Maligno , e zombador. Grande embaraço
He esse ! lhe diz elle. Eu desta empreza
Me incumbo. O indiscreto juramento
Observai. De Telemaco á partida
Não vos opponhais vós. Eu , e as Ninfas
Pelas ondas da Estyge não jurámos.
Eu lhes inspirarei , que queimem logo
Esse navio , que Mentor com pressa
Construio ; e vereis que torno inutil
A sua diligencia , com que tanto
De temor vos enchestes. Kille mesmo
Confuso se verá ; pois nenhum meio

De

De levar a Telemaco lhe fica.
 Com estas expressões adadoras
 Fez nascer a esperança, e alegria
 No coração da Deusa. Qual nas margens
 De hum ribeiro do Zefiro a frescura
 Alenta o manso gado descabido,
 E devorado pelo ardor do Estio;
 Tal de Amor o discurso adoçar soube
 De Calypso o furor. O seu semblante
 Ficou tranquillo. Os seus turbados olhos
 Se serenaraõ. Os cruéis delvélos,
 Que o peito cruelmente lhe roiaõ,
 Longe della fugiraõ por hum pouco.
 Parou; forrio-se; e o brincador Cupido
 Amimou. Infeliz! naõ antevendo
 Que este aifago lhe armava novas penas.
 Contento Amor de havella persuadido,
 Correo a persuadir tambem as Ninfas,
 Que dispersas vagavaõ nas montanhas;
 Qual rebanho de timidas ovelhas,
 Que fugindo dos lobos esfaimados,
 Longe do seu pastor se derramaraõ.
 Convocou-as Amor; e assim lhes disse:
 Telemaco inda está em poder vosso:
 Ide queimar depressa esse navio,
 Que Mentor temerario tem formado
 Para se retirarem. Logo as Ninfas
 Accendem fachas; correm para a praia;
Bra-

Bramão todas ; daõ buivos , e os cabellos
Estirados sacodem , quacs Baccantes.
Lavraõ as chamas , e o navio abrazaõ
Feito de seccos lenhos , e crenado
De viscosã rezina. D'entre o fumo
Surgem linguas de fogo até ás nuvens.
Telemaco , e Mentor testemunharaõ
Do alto do rochedo. Entaõ ouvindo
Das Ninfas os clamores , a Telemaco
Salteou a alegria ; pois naõ tinha
Inda o seu coraçã convalecido :
E Mentor prevenido conhecia
Que era a sua paixã como o incendio
Mal extincto, que sahe de tempo em tempo
Das cinzas , e levanta inda faiscas.
Nas antigas prizões eif-me enleado ,
Diz Telemaco entaõ : já nos naõ resta
Esperança de sabirmos desta lha.
Em sim Mentor o via na passada
Fraqueza recahir , e naõ convinha
Hum momento perder. Divisa ao longe
Hum navio parado no mar largo ,
Naõ se atrevendo aproximar-se á lha ;
Pois nenhum dos Pilotos ignorava
Que ella era aos mortaes inaccessivel.
Resoluto Mentor arremettendo
A Telemaco entaõ na dura borda

De

De hum rochedo sentado , sobre as agoas
O despeñou lançando-se após elle.
Telemaco atustado com a quéda ,
Bebeo agua amargosa , e muito tempo
Foi ludibrio das ondas ; mas tornado
A si , e vendo que Mentor lhe dava
A mão para ajudallo , o seu empenho
Só era o affastar-se desta Ilha.
As Ninfas que julgavaõ tellos prezos ,
Ergueraõ furiosos alaridos ,
Vendo que não podiaõ mais a fuga
Impedir-lhes. A Deosa inconsolavel
Se recolheo á gruta , que atroava
Com seus tristes gemidos. Amor , vendo
Convertido o triumpho em vergonhoso
Destroço , as leves azas sacudindo
Fendeo os ares , e voou aos bosques
Da fresca Idalia , aonde o esperava
Venus cruel. O filho mais tyranno
Que a mãe , se consolou , rindo com ella
Dos males que causara. Mas Telemaco ,
A' proporção que se affastava da Ilha ,
Sentia renascer o seu esforço ,
E o seu amor á solida virtude.
Agora sei , dizia , o que ignorava
D'antes, Mentor, por falta de experiencia :
Só fugindo se vence o torpe vicio.

O meu Pai ! quanto amor aos Deoses devo,
Pois vossa protecção me concederaõ.
Eu mereci perdella ; e a mim mesmo
Ficar abandonado. Já os mares ,
Os ventos , e as tormentas não me affustaõ ;
Affustaõ-me sómente as paixões proprias.
Amor , tyranno Amor , mais perigoso
Es tu só , do que todos os naufragios.





L I V R O V I I I .

O Baixel ancorado era hum Fenicio
 Navio , que ao (1) Epyro navegava,
 Estes Fenicios n'outro tempo haviaõ
 A Telemaco visto na viagem
 De Egypto , mas no meio do mar bravo
 Naõ se lembravaõ de tornar a vello.
 Mentor citando proximo ao navio ,
 Esforçon sua voz para o ouvirem ,
 Levantando a cabeça acima da agoa.
 Fenicios , assim disse , taõ piedosos
 Para todos os povos , a dois homens ,
 Que só em vós confiaõ , dai a vida.
 Se respeitais os Numes , nesse vosso
 Navio recolheinos : seguiremos
 Vossa derrota. O Capitão responde
 Desta arte: Com prazer vos accitamos.
 Naõ ignoramos quanto obrar-se deve
 A favor de estrangeiros , que parecem
 Ser da desgraya misero despojo.
 Entraraõ. Muito tempo como immoveis
Esti-

(1) Epyro , hoje Albania , he huma das Provincias da Turquia Europea.

Estiveraõ , cansados naõ podendo
 Respirar ; porque haviaõ grande espaço
 Nadado , forcejando contra as ondas.
 Pouco a pouco o alento recobrarãõ.
 Alli lhes deraõ logo outros vestidos ,
 Porque estavaõ os seus muito pezados
 Com a agua , que ensoparaõ , e corria
 Por toda a parte. Quando em fim puderaõ
 Fallar , ansiosos todos os Fenicios
 Os cercavaõ , querendo saber delles
 As suas aventuras. Porque modo ,
 O Capitaõ lhes disse , nesta Ilha
 Donde fahis , entrastes ? Huma Deosa
 Cruel nella domina , a qual naõ soffre
 Que ahi se aporte. De medonhas rochas
 Sua costa he cercada , onde se quebraõ
 As ondas loucamente , e se naõ póde
 Na Ilha entrar sem risco de naufragio.
 Mentor lhe respondeo : Nós com effeito
 Por causa do naufragio nella entramos.
 Nós somos Gregos ; nossa patria he Itaca ,
 Visinha do Epyro. Naõ querendo
 A Itaca arribar , posto que fica
 No caminho , he bastante que no Epyro
 Nos deixeis. Ahi temos bons amigos ,
 Que se encarreguem de nos pórem prompta
 Ligeira embarcaçaõ , em que façamos
 A pequena viagem que nos resta.

Confessaremos ter por vós obtido
 Tornar a ver quem mais q' tudo amamos.
 Assim Mentor fallou. Porém Telemaco
 Emmudecia; porque os muitos erros,
 Em que cahio na Ilha de Calypso,
 A prudencia lhe haviaõ apurado.
 De si desconfiava; e conhecia
 Quanto lhe relevava accommodar-se
 De Mentor aos conselhos. Se o seu voto
 Naõ tinha occasiã de perguntar-lhe,
 Com os olhos sabia confutallo,
 Para lhe penetrar seus pensamentos.
 O Capitaõ Fenicio reparando
 Em Telemaco attento, havello visto
 Lhe parecia. Tinha humas especies
 Confusas. Perdoai-me, lhe diz elle,
 A pergunta: Lembrais-vos se me visteis,
 Como se me figura por mais vezes
 Haver-vos encontrado? Vosso rosto
 Estranho me naõ he; e naõ pequena
 Impressã me fez logo. Porém onde
 Vos vi, naõ me recordo. Talvez vossa
 Memoria suppra a minha. Desta sorte
 Telemaco responde: O mesmo effeito
 Senti; mas naõ me occorre se no Egypto,
 Ou em Tyro vos vi. A estas vozes
 O Fenicio, qual homem que desperta
 Do somno na manhã, e pouco a pouco

Re-

Recorda o esquivo foinho que fugira,
 Desta sorte exclamou: Vós sois Telemaco,
 Com quem teve Narbal boa amizade,
 Voltando do Egypto. Muitas vezes
 Elle de seu Irmãõ vos fallaria:
 Pois esse sou. Finda de Egypto a guerra,
 Com elle vos deixei; porque cumpria
 Que eu a través dos mares demandasse
 (2) A Bética, e de Alcides as columnas:
 E como a ver-vos naõ tornei tégora
 Me foi difficuloso o conhecer-vos.
 Agora sei quem sois, lhe diz Telemaco.
 Sois Adoã, a quem naquelle tempo
 Apenas avistei; mas vos conheço
 Pelo que vosso Irmãõ de vós me disse.
 Quanto me alegre de encontrar noticias
 De hum amigo a quem sempre prezei tanto!
 Vive Narbal em Tyro? Soffre acafo
 Máo trato do cruel, do suspeitoso
 Pygmalẽã? Assim o interrompe
 Adoã. Persuadi-vos, ó Telemaco,
 De que a sorte benigna vos confia
 A quem terá por vós todo o deivêlo.
 Antes que a Epyro me recolha, em Itaca
 Vos deixarei. Nem menos amizade

O li

Te-

(1) A Bética era huma parte de Hespanha, que comprehendia as Provincias, hoje chamadas Andaluzia, e Granada.

Vos terei que Narbal. Assim fallando ,
 Notou que já soprava o brando vento
 Que esperava. Mandou erguer as ancoras ,
 As vélas desfaldar , e os mansos mares
 Fender c'os duros remos. Logo á parte
 A Mentor , e a Telemaco chamando ,
 A este disse: Eu vou satisfazer-vos
 Os desejos. Os Deoses que são justos
 Já livraraõ a terra desse monstro.
 Pygmalcaõ não vive. Pois de todos
 Desconfiava , tambem todos delle
 'Tinhaõ desconfiança. Os bons estavaõ
 Com gemer satisfeitos ; e fugiaõ
 A' sua crueldade , sem ousarem
 Offendello : porém os máos vassallos
 Só davaõ por seguras suas vidas
 Co' a morte do tyranno. Nenhum Tyrio
 Deixava de arriscar-se a ser da sua
 Desconfiança objecto. Os mesmos guardas
 Eraõ os mais expostos ; porque estando
 Da sua vida entregues , se temia
 Mais delles que dos outros ; e a mais leve
 Desconfiança lhes custava a morte.
 Quanto mais procurava a segurança ,
 Menos lhe era possível conseguilla.
 A soberba Astarbé foi a primeira ,
 Que resolveo a morte do Tyranno.
 Amava ternamente hum moço Tyrio ,
Por

Por nome Joazar , gentil , e rico.
Tendo desígnio de elevallo ao throno ,
Fez crer ao Rei , que Nazael seu filho
Primogenito havia conspirado
Contra seu pai pelo desejo ardente
De reinar. Achou falsas testemunhas ,
Que o depozeraõ. Condemnou á morte
A seu filho innocente o pai tyranno.
Balazar , que era o segundo filho ,
Foi enviado a Samos , com pretexto
De instruir-se nas artes , e costumes
Da Grecia. Mas a causa verdadeira
Foi que Astarbé ao Rei persuadira ,
Que convinha arredallo , porque unir-se
Podia aos descontentes. Mas apenas
Partio , os que a galera governavaõ ,
Por Astarbé peitados , n'humas noite
Voluntario naufragio procuraraõ.
Salvaraõ-se n'huns barcos estrangeiros ;
Que os esperavaõ , no profundo pégo
O Principe lançando. Eraõ em tanto
Já os amores de Astarbé sabidos
De todos. Só o Rei os ignorava ,
Que não amava a outro imaginando.
Este Monarca o mais desconfiado ,
Fazia confidencia de humas torpe
Mulher ; pois lhe cerrava amor os olhos.
A avareza porém lhe deu pretextos

Para

Para matar aquelle , a quem amava
 Astarbé. Só tratava de usurpar-lhe
 Os cabedaes. Em quanto elle era o alvo
 Da avareza , do amor , e das suspeitas ;
 Maquinava Astarbé tirar-lhe a vida.
 Temeo que descubrisse os seus infames
 Amores. Além d'isto conhecia
 Que para ser com Joazar tyranno ,
 Bastava-lhe a avareza. Perder tempo
 Não quiz. Ella sabia que no sangue
 Do Rei manchar as mãos não duvidavaõ
 Os Nobres. Via urdir-se cada dia
 Novas conjurações. Mas não oulva
 Confiar-se de alguem , ser descuberta
 Reccando. Elegeo por mais seguro
 Envenenar o Rei , que só com ella
 Comua as mais das vezes. N'hum remoto
 Lugar de seu palacio se encerrava ,
 Por disfarçar melhor suas suspeitas ,
 E *per viño não ser ; pois elle mesmo*
 A comida aprestava. (3) Dos regalos
 Da mesa não gozava , só comendo
 O que guizar sabia. Não usava
 Das viandas cozidas com temperos,

Nem

(3) O desconfiado Cromwel tomava todas as precauções possíveis para evitar o veneno que temia : e não só a sua industria em peculiar ésta desconfiança , que a fez passar por frugalidade.

Nem de pão, leite, sal, azeite, ou vinho.
Comia só as frutas, que elle mesmo
Colhia em seu jardim, ou os legumes
Que semeava, e que cozia ao fogo;
E só bebia da agoa de huma fonte
Fechada em certo sitio do palacio,
Cuja chave guardava com cuidado.
Pozto que de Astarbé se confiasse,
Precatava-se della. Que comesse,
E bebesse antes delle, lhe ordenava
Para não ser sem ella envenenado,
E não restar-lhe de viver mais que elle
Esperança. Mas ella prevenio-se
Com hum contraveneno, que huma velha
Lhe deu peor do que ella, e que servia
De mensageira infame em seus amores.
Portou-se deste modo: Começava
A comer; quando aquella mesma velha
Repentino rumor fez a huma porta.
O Rei temendo sempre o assassinio,
Se inquieta, e corre á porta. A velha astuta
Se retira. Enlcado o Rei, não sabe
Que pense: mas não ousa abrir a porta.
Astarbé o focca, e com lisongjas
Lhe insta que coma. Havia já na taça
O veneno deitado. O Rei primeiro
A fez beber, como era seu costume.
Bebe Astarbé no antidoto fiada;

O Rei bebe tambem ; mas pouco tempo
Depois cahie n'hum lethargo. Persuadida
Astarbé de que o Rei a mataria
Pela menor suspeita , raíga os fatos ,
Os cabellos arranca , e lamentaveis
Clamores ergue aos Ceos. Ella abraçando
O Rei agonizante , que em seus braços
Sustentava , com lagrimas amargas
Faccis nesta mulher , lhe banha o rosto.
Mas vendo o Rei co' as forças exauridas ,
E luctando entre acerbos agonias ;
Reccando que as forças recobrasse ,
E a fizesse morrer junto com elle ;
Das fingidas caricias , das mais ternas
Demonstrações de amor ao mais horrivel
Furor se transportou. Sobre o seu corpo
Lançando-se , o soffoca. Então lhe arranca
Do dedo o anel Real , e da cabeça
O diadema. A Joazar que entrava ,
Deu huma , e outra coisa , imaginando
Que os da sua facção approvariaõ
Sua infame paixão , e o seu amante
Acclamariaõ Rei. Mas seus sequazes
Eraõ de animo baixo , e mercenarios ;
E não lhe tinhaõ afeição sincera.
Faltava-lhes valor ; e os inimigos
Que Astarbé grangeara , receavão
Ainda mais que tudo a crueldade

Desta

Deſta mulher ſoberba, e recatada:
Pot ſegurança propria cada hum delles
Lhe deſejava a morte. Em tanto ſe enche
De tumultos horriveis o palacio:
Naõ ſe ouvem mais q̃ gritos, q̃ annunciaõ
Do Rei a morte. Huns páraõ aſuſtados;
Outros correm ás armas: todos penſaõ
As conſequecias, e o ſucceſſo eſtimaõ.
A fama o fez voar de boca em boca
Da Cidade nas ruas; e hum ſõ homem
Naõ houve, que do Rei choraffe a morte.
Ella foi o reſgate, e o lenitivo
De todo o povo. No terrivel tranſe
Sentio Narbal, como vaſſallo honrado,
A morte do ſeu Rei, que ſe entregara
A ſi meſmo, imprudente conſiando
Na enganofa Aſtarbé, e que eſcolhera
Ser antes hum tyranno monſtruoſo,
Que cumprir os deveres de Monarca,
O qual deve ſer pai de ſeus vaſſallos.
Cuidou no bem do Kſtado, congregando
Zeloſos Cidadãos, para ſe opporem
A's traças de Aſtarbé, cujo governo
Seria mais cruel que o que acabava.
Bem ſabia Narbal, que naõ morrera
Baleazar nas ondas aſſogado,
Mas e' o favor da noite ſe ſalvara
Nadando; e huns Mercadores condõſdos

O haviaõ recolhido ao seu navio.
 Não queria porém tornar á patria
 Temendo o assassínio. Do Monarca
 Temia menos o cruel ciúme
 Que de Astarbé as traças. (4) Pelas margens
 Da Syria, onde o navio o conduzira,
 Viveo errante, e occulto. Guardar gado
 Lhe foi preciso por manter a vida.
 Fez saber a Narbal o seu estado,
 Pensando que podia o seu segredo,
 E vida confiar a hum sujeito
 De provada virtude. Perseguido
 Do pai, Narbal não odiava o filho;
 Antes seus interesses vigiava.
 Cuidou principalmente que aos deveres
 De filho não faltasse, e da desgraça
 A soffrer os revêzes com paciencia
 O aconselhava. Baleazar havia
 Avisado a Narbal, que sendo tempo
 De voltar para Tyro hum anel de ouro,
 Para servir de aviso, lhe mandasse.
 (5) Não julgava Narbal ser opportuna

A

(4) Baleazar figura aqui a Carlos II. Rei de Inglaterra, que depois da morte de seu pai, e da batalha de Worchlester, que perdeu contra Cromwel, se refugiou em França depois de ter vagado muito tempo pelas costas maritimas, disfarçando-se para não ser conhecido.

(5) O General Monck esperou a morte de Cromy

A sua vinda em quanto o Rei vivia ;
 Pois de ambos arriscava assim as vidas.
 Tanto era difficil ás pesquisas
 Do Tyranno escapar. Mas quando teve
 Digno fim de seus crimes , com presteza
 Mandou a Baleazar o anel de ouro.
 O Principe partio ; chegou a tempo
 Em que estava a Cidade toda em sustos ,
 Na incerteza de quem succederia
 No Reino. Facilmente foi dos Grandes ,
 E do povo depois ; reconhecido.
 Era amado de todos em respeito
 Naõ do defuncto Rei , mas de si mesmo ;
 Pois era moderado , e os seus desastres
 Davaõ-lhe certo lustre , que fazia
 Realçar suas bellas qualidades ,
 E movia o amor do povo todo.
 (6) Congregou da Nação Narbal os Chefes.
 Os Velhos , que formavaõ o conselho ,
 E os Sacerdotes da poderosa Deosa
 Da Fenicia , concordes saudaraõ

Rei

wel para executar o que meditava havia muito tempo em favor de Carlos II. Entaõ vendo-se senhor das forças do Estado , mandou avisar este Principe , que se achava em Ereda. O resto da historia corresponde perfeitamente ao que aconteceu voltando a Londres.

(6) O restabelecimento de Carlos II. se fez tambem por huma deliberação livre do Parlamento.

Rei a Baleazar. Foi proclamado
 Pelos Atratos ; e com mil festivas
 Acclamações lhe respondeo o povo.
 Ouvio-as Astarbé lá desde o centro
 Do palacio Real , onde co' infame
 Jozar se encerrou. Dos mãos vassallos ;
 Que a serviraõ , foi logo abandonada.
 Os mãos se temem sempre , e desconfiaõ
 Huns dos outros ; nem gostaõ de q' medrem:
 Os homens estragados bem conhecem
 Quanto abusar-se pôde do governo ,
 E até onde chegar pôde a violencia.
 Antes soffrem os bons. Nestes ao menos
 Indulgencia , e brandura achar esperaõ.
 Só a Astarbé restaraõ alguns complices
 De seus maiores crimes , que o supplicio
 Esperavaõ. As portas de palacio
 Se arrombaraõ , e aquelles criminosos
 Resistir naõ ousaraõ , só tratando
 De fugir. Astarbé tentou salvar-se
 Nos trages de humna escrava. Foi com tudo
 Reconhecida , e preza. Custou muito
 Conter o povo irado. Pelas ruas
 A arrastavaõ. Narbal pôde tiralla
 Das mãos da plebe. Entraõ ella implorando
 Fallar ao novo Rei , se esperancava
 De o commover co' a sua formosura ,
 E fazer-lhe esperar o saber della

Importantes segredos. Escusar-se
Não pôde o Rei de ouvilla: Co' a belleza
Misturou ao principio huma brandura,
E modestia, capazes de abrandarem
Os mais irados peitos. Espalhando
Meigos, insinuantes elogios,
Ao novo Rei representou o quanto
Pygmalesão a amara. As suas cinzas
Obtestando, pedio-lhe se apiedasse.
Os Deoses invocava, como se ella
Os adorasse. Rios copiosos
De lagrimas soltava, c'os joelhos
Do Principe abraçada; porém logo
Tudo empregou para tornar suspeitos,
E odiosos ao Rei seus bons vassallos.
A Narbal imputou, que fora complice
N'huma conspiração contra o Rei morto
Para acclamar-se Rei, em prejuizo
De Balcazar; e accrescentou que tinha
Tenção de envenenallo. Outras calumnias
Teceo. Ella esperava que as suspeitas
Do pai no coração do filho achasse.
Porém Balcazar já não podendo
Soffrer nesta mulher tanta maldade;
A interrompeo chamando logo os guardas.
Foi preza, e cõmetteo-se aos mais prudentes
Anciãos huma devassã de seus crimes. (tos
Soube-se com horror, que envenenara,
E

E que affogara o Rei. A sua vida
 Apareceo, qual ferie vergonhosa
 De monstrosos crimes. Já citava
 Proxima a padecer a dura pena
 Destinada a vingar os grandes crimes
 Na Fenicia; qual era, ser queimada
 A fogo lento. Mas assim que soube
 Que já lhe não restava esperança alguma,
 Se converteo em Furia, que láhira
 Do negro Averno. Então tragou veneno,
 Que para se matar trazia sempre,
 No caso que a soffrer longos tormentos
 Obrigalla quizessem. Os seus guardas
 Virão que ella soffria dor violenta.
 Quizerão acudir-lhe; porém ella
 Já mais quiz responder-lhes, e acenava
 Que delles não queria lenitivo.
 Ponderaraõ-lhe o quanto os justos Nomes
 Offendera; mas longe de mostrar-se
 Confusa, e arrependida de seus erros,
 Com desprezo, e altivez ao Ceo olhava,
 Parecendo insultar as Divindades.
 No moribundo rosto retratadas
 Estavaõ a funesta impiedade,
 E o insano furor. Já se não viaõ
 Restos da formosura, que fizera
 A tantos infelizes. Já citavaõ
 Suas graças extincas. Revirava

Com

Com ar feroz os macerados olhos.
 Convulsivo tremor disformemente
 Lhe abria a boca. O rosto repuxado
 E retorcido gestos espantosos
 Fazia. Derramava-se em seu corpo
 Lívida pallidez, e mortal frio.
 Tornar a si ás vezes parecia,
 Mas só para lançar tristes arrancos.
 Finalmente expirou, deixando a todos
 Horrorizados. Os seus ímpios Manes
 Sem duvida desceraõ aos sombrios
 Lugares, onde lançaõ as (7) Danaides
 Água perpetuamente em rotos vasos;
 E (8) Ixion revira eternamente a roda;
 Onde (9) Tantaló ardendo em cruel sede,
 Che-

(7) As Danaides erãõ cincoenta filhas de Danao Rei de Argos, casadas com outros tantos filhos de Egypto, seus primos. N'huma mesma noite mataraõ seus maridos, excepto Hyperminestra qua salvou a Lincéo. Finge a Fábula, que foram precipitadas no *Lufecuo*, donde padecem a pena de estar incessantemente enchendo de agua vasos, que tem o fundo roto.

(8) Ixion filho de Plegias Rei de Thessalia, querendo gozar de Juno, abraçou huma nuvem, que Jupiter formata para o enganar, da qual nasceraõ os Centauros. Foi depois lançado no Inferno, donde sigenem que está de continuo voltando huma roda.

(9) Tantaló filho de Jupiter, e da Ninfa Flo-

Chegar não pôde ás fugitivas aguas ;
 Onde (10) Sizio roda inutilmente
 O volúvel penedo , que dos hombros
 Lhe recae sem ceifar ; e onde (11) Tício
 Sentirá sempre devorar-lhe o abutre
 As renascentes miseras entranhas.
 Livre já Haleazar daquelle monstro ,
 Fez em louvor dos Numes successivos
 Sacrificios. (12) Com methodo diverso
 Do que Pygmaleão , o seu reinado
 Começou. O commercio , que affrouxara ,
 Animou. Os negocios de mais pezo
 Con-

ra , tendo preparado hum banquete aos Deoses , quiz experimentar a divindade delles : e para isto lhes deu em hum prato seu filho Pelops , que fizera em pedaços. Jupiter reconhecendo o seu crime , o matou com hum raió , e o lançou no Inferno , aonde padecer fome , e sede eterno.

(10) Sizio filho de Eolo ladrão da Atica morto por Thezeu. Finge a Fabula , que elle no Inferno leva hum grande penedo ao cume de hum monte , donde torna a cahir sem ceifar.

(11) Tício filho de Jupiter , e Klara , tendo querido forçar a Latona , foi morto por Apollo a tiro de frechas , e lançado no Inferno ; aonde hum abutre lhe roe o coração , que incessantemente lhe renasce.

(12) Tudo o que se segue convém a Carlos II. que instruído por suas proprias desgraças , e pelas de seu pai , aprendera a usar de moderação.

Consulta com Narbal. Não he com tudo
 Por elle governado. Por si mesmo
 As coisas examina ; ouve os diversos
 Votos , e segue o que mais bem lhe agrada.
 He amado dos povos. Possuindo
 Seus corações , possuiue mais thesouros ,
 Que já mais pela sórdida avarieza
 Ajuntara seu Pai. Não ha familia ,
 Que todos os seus bens lhe não entregue ;
 Se delles precisar. O que lhes deixa
 He mais seu do que se elle lho tirasse.
 Não busca segurança á sua vida.
 Elle em redor de si tem sempre a guarda
 Mais segura , qual he , o amor dos povos ;
 Todos temem perdello ; e a sua vida
 Por conservar a delle arriscar querem.
 Vive feliz ; e o he tambem seu povo.
 Elle evita a oppressão dos seus vassallos ; -
 E estes julgão ser pouco o que possuem
 Para lhe dar. Ferozes , e insolentes
 Não são com abundancia ; antes são dados
 Ao trabalho , e constantes em guardarem
 Com toda a exactidão as leis antigas.
 Remonta-se a Fenicia a maior auge
 De grandeza , e de gloria ; e tanta dita
 Deve ao seu moço Rei. Narbal governa
 Debaixo do seu mando. Se elle agora ,
 Telemaco , vos visse , com que gosto

De dons vos encheria ! A' vossa patria
 Vos mandaria com luzida pompa.
 Eu sou feliz em completar seus votos ;
 E ir fobre o throno do famoso Ulysses
 O filho collocar , para que reine
 Taõ sabiamente , como reina em Tyro
 Balcazar. Tendo Adoaõ fallado ,
 Telemaco affombrado com a historia,
 Que acabava de ouvir , e mais ainda
 Co' as mostras de amizade , que lhe dava
 Na sua desventura , ternamente
 O abraçou. Por Adoaõ instado
 Porque casos na Ilha de Calypso
 Entrara , lhe refere a retirada
 De Tyro , o que passou depois em Cypre ,
 O encôtro com Mentor , e em Creta os jogos
 Para a eleição do Rei depois da fuga
 De Idomeneu , a colera de Venus ,
 O seu naufragio , e o bom acolhimento
 De Calypso , o ciuime desta Deosa
 Contra Eucaris , em fim como o Fenicio
 Navio dividando , o arrojava
 Mentor consigo ao mar. Finda a conversa,
 Adoaõ fez servir hum grandioso
 Banquete , e por dar mostras de alegria,
 Quantos divertimentos permittira
 A occasiaõ juntou. Em quanto os moços
 Fenicios d'alvas vestes adornados

Com

Com grinaldas de flores a comida
 Serviaõ , se queimavaõ os mais raros
 Perfumes do Oriente. Os tocadores
 De frauta os longos bancos dos remeiros
 Cubriaõ. Pelas vozes de Architoas ,
 E pelos brandos sons da sua lyra ,
 Dignos de ser ouvidos nos banquetes
 Dos Deoses , e affombrar o mesmo Apollo,
 Eraõ de espaço a espaço interrompidos.
 Os Tritões , as Nereidas , e as Deidades ,
 A que manda Neptuno , e os mesmos monf-
 Marinhos desferiando das profundas (tros
 Humidas grutas , vinhaõ em cardume
 Em torno do navio da harmonia
 Arrebatados. Humã linda Tropa
 De moços da Fenicia , que de fino
 Linho trajavaõ , branco como a neve ;
 Ao principio dançaraõ á maneira
 Do seu paiz ; depois ao modo Egypcio ,
 E em fim ao Grego. Retumbar faziaõ
 Curvas trompas ao longe as surdas-aguas
 Com alternados sons de espaço a espaço.
 O silencio da noite , a calma intensa
 Do mar , o claraõ tremulo da Lua
 Reflectindo nas ondas , e o escuro
 Azul do Ceo de estrelas recamado ,
 Faziaõ mais ameno este espectaculo.
 Telemaco dorado de hum flexivel

P ii

E

E sensitivo natural , gozava
 Destes divertimentos , não ousando
 Abandonar-se a elles ; pois soubera
 Com pejo seu na Ilha de Calypso
 Quanto he própita a inflamar-se a mocidade:
 Temia inda os prazeres innocentes.
 Todos lhe erã suspeitos , e no rosto
 De Mentor estudava o que devia
 Delles pensar. Mentor se recreava
 De o ver neste embaraço , não mostrando
 Observalio. Moveo-o em fim a sua
 Moderação , e disse-lhe , sorrindo :
 Conheço o temor vosso : elle he louvavel ;
 Mas vós o apurais muito. Ninguem pôde
 Mais do que eu desejar-vos os prazeres ;
 Mas não aquelles que as paixões despertaõ ,
 Ou que os humanos peitos amollecem.
 Eu vos desejo divertições suaves ,
 Que a razão vos não tirem , nem vos tornem
 Em brava fêra. Cumpre-vos por ora
 Das passadas fadigas refazer-vos ;
 E comprazei com Adoã , gozando
 Dós prazeres , que attento vos offrece.
 Diverti-vos , Telemaco. A prudencia
 Nada em si tem de austera , ou affectada.
 Ella dá os prazeres verdadeiros ;
 Ella sómente affazonallos sabe ,
 Para os fazer seguros , e duraveis.

Une

Une os jogos , e os rifos aos negocios
Mais graves , e fífudos , e o trabalho
O recreio difpoem , com que defcança.
Naõ se envergonha de mostrar-fe alegre
A virtude. Dizendo eftas palavras ,
Mentor toma huma lyra , e com deftreza
Taõ grande toca , que deixou a fua
Architoas cahir de inveja , e raiva.
Seus olhos fe inflammaraõ. Perturbado
Perdeo do rofto a côr. Todos veriaõ
Seu pejo , e fua dor , fe arrebatados
Naõ os tiveffe de Mentor a lyra.
Respirar naõ oufavaõ , receando
Perturbar o filencio , e perder parte
Do feu divino canto. Elles temiaõ
Que depreffa acabaffe. Affeminados
Requebros de Mentor a voz naõ tinha.
Era flexivel , forte , e arrebatava
Té nas menores coifas. Ao principio
Os louvores cantou do Pai dos Deofes ;
E dos homens , que abala o Univerfo
Chum fõ aceno. Defcreveo Minerva
Parto da fua mente , que he a Deofa
Da fciençia , que o Deos dentro em fi gera,
E de quem mana para os homens doceis
Instruir. Taõ armonico , e devoto
Era o feu canto , que fe criaõ todos
Ao mais alto do Olympto transportados

Em

Em presença de Jove , cujas vistas
 Ferem mais do que o raio. Depois disto
 Cantou a triste forte de (13) Narciso ,
 Que da sua belleza namorado ,
 Foi convertido em flor do mesmo nome
 Junto da clara fonte , onde se via.
 A morte em fim cãtou do bello (14) Adonis,
 A quem hum javali despedaçara ,
 E a quem rejuvitar não pôde Venus ,
 Baldando os seus lamentos. Não podiaõ
 Os circumstantes suspender o pranto ;
 Mas em chorar assim prazer achavaõ.
 Attonitos se achavaõ os Fenicios ,
 E assombrados diziaõ huns aos outros :
 He Orfêo que co' a lyra as bravas feras
 Assim domava , e os troncos , e os rochedos
 Apõs si attrahia. Assim o (15) Cerbero
 Encantou , e assim de Ixion , e das filhas
 De Danao suspendeo as duras penas ,
 E abandonou a Plutaõ inexoravel

Para

(13) Narciso era hum moço lindo , filho de Cefiro , e de Leroipe , o qual desprezou Echo , e as outras Ninfas que o amavaõ.

(14) Adonis era filho de Cinto , Rei de Cypro , e de Myrtha. Foi muito amado de Venus , que o converteo em anemona encarnada depois de morto.

(15) Cerbero Caõ de tres cabeças , que os Portuguezes punhaõ como guarda do Inferno.

Para tirar do Orco a bella Euridice.
 Não; exclamava outro: he o grande Lino,
 Filho de Apollo: e outro em fim dizia:
 Não; he Apollo mesmo. Até Telemaco
 Ficou suspenso, porque não sabia
 Que Mentor tão insigne era na lyra,
 E no canto. Architoas, que tivera
 Lugar de disfarçar o seu ciúme,
 Começou a louvallo; porém logo
 Córrou, sem terminar o seu discurso.
 Mentor, que o seu encio percebera,
 Figurando querer interrompello,
 Proseguio, e lhe deu os merecidos
 Louvores. Architoas consolar-se
 Não pôde; porque vio que o excedia
 Mais ainda Mentor pela modestia,
 Que pela melodia. Então Telemaco
 Diz a Adoão: Recordo-me de ouvirvos,
 Que viagem á Betica fizestes,
 Depois que do Egypto ambos partimos.
 Deste paiz se contaõ taes portentos,
 Que mal se podem crer. Desenganai-me
 Se he verdade. Com gosto, lhe responde
 Adoão, vos descrevo este famoso
 Paiz, digno de ser-vos conhecido,
 E que inda excede a fama. Corre o Betis
 Por hum fertil paiz, cujo ar he sempre
 Sereno, e temperado; toma o nome
 Deste.

Deste rio , que vai no mar lançar-se
 Lá muito perto das Columnas de Hercules,
 É do lugar aonde o mar furioso
 Os seus diques rompendo , n'outro tempo
 Da grande Africa Tharhis desmembrara.
 (16) Conserva este paiz da idade de ouro
 As delicias. O inverno he temperado.
 Os seros Aquilões nunca alli sopraõ.
 Os ardores do Estio os frescos Zefiros
 Suavizaõ. Parece o anno todo
 Hum hymenêo do Outono , e Primavera ,
 Q'as mãos se daõ. Os valles , e as campinas
 Em cada anno produzem duas meſtes.
 De louro , de jâminis , e de viçofos
 É floridos arbuſtos as estradas
 Se bordaõ. Dos rebanhos , q' as montanhas
 Cobrem , as finas lãs das Nações todas
 Saõ buscadas. Em minas de ouro , e prata
 Abunda este paiz ; mas seus ſinceros
 Felizes habitantes naõ as contaõ
 Entre os seus cabedaes , e só estimaõ
 Os que nas precisões aos homens ſervem.
 Quando a commerciar com estes povos
 Principiámos , vimos que do ouro ,
 E prata uſavaõ como nós do ferro

Para

(16) Tudo isto se entende de Hespanha , da qual se achãõ semelhantes descripções nos Authores antigos.

Para as relhas do arado. Não fazendo
Commercio exterior , não precisavaõ
Da moeda. Saõ todos lavradores ,
Ou pastores , e raros os artifices.
Só admittem as artes , que conduzem
Para acudir ás precisões da vida.
Fiaõ lá as mulheres , de que tecem
Finos pannos alvissimos. Amassaõ ,
E guizaõ a comida. Este trabalho
Lhes he facil ; pois he o costumado
Sustento do paiz o leite , a fruta ,
E raras vezes carne. Dos carneiros
O couro empregaõ para o seu ligeiro
Calçado , e dos maridos , e dos filhos.
Fazem cabanas de encerradas pelles ,
Ou de cortiças de arvores. Preparaõ ,
E lavaõ os vestidos da familia.
Cuidaõ em ter as casas arrumadas ,
E com extremo asseio. Os vestidos
Saõ faccis de fazer. Como he taõ brandõ
O clima , leves pannos sem feitiõ
Em largas pregas o seu corpo cingem
Em redor , e lhes daõ aquella forma
Que lhes parece. Os homens outras artes
Além da agricultura , e do cuidado
Dos rebanhos , não sabem , mais q̃ o ferro
E os páos talhar , e para os instrumentos
Da lavoura fõmente o ferro applicaõ.

Não

Não lhes he necessaria a architectura.
 Não edificaõ casas. Nimio apêgo
 A' terra julgaõ o formar morada ,
 Que dure mais que nós. Dizem que basta
 Das injurias do ar buscar abrigo.
 As mais artes dos Gregos , dos Egypcios ,
 E das Nações polidas taõ prezadas ,
 Detestaõ como inventos da vaidade.
 Se ouvem fallar de povos , que possuem
 A arte de erguer soberbos edificios ,
 Talhar custosos moveis de ouro , e prata ;
 Tecer sedas bordadas de preciosas
 Pedras , formar perfumes exquisitos ,
 Guizar em fim manjares delicados ,
 E fazer instrumentos , que arrebatem
 Pela sua harmonia ; assim respondem :
 Quanto saõ desgraçados esses povos ,
 Por empregarem o trabalho , e industria
 Em corromper-se a si. Este superfluo
 Debilita , atormenta o que o possui.
 Tenta os que não o tem , para o obterem
 Por meios de violencia , e de injustiça.
 Saõ por ventura mais que nós robustos ?
 Vivem mais annos ? De maior soccego
 Ou liberdade gozaõ ? Teráõ antes
 Ciúmes huus dos outros. Vil , e negra
 Inveja ha de estragar-lhes as entranhas.
 Da ambição , do temor , e da avareza

Haõ

Haõ de ser agitados , incapazes
Dos simples prazeres ; pois escravos
Das falsas precisões , sua ventura
Fazem depender dellas. Este povo ,
Profegua Adoaõ , assim se explica ,
Da simples natureza as lições doutas
Tirando. Faz-lhe horror nossa politica ;
Com tudo a sua he grande nessa mesma
Amavel singeleza. Todos vivem
Em commun. As familias tem seu Chefe ,
Que he verdadeiro Rei. O pai seus filhos
Fazendo açãõ ruim castigar podem ;
Mas ouve os pareceres da familia :
Saõ raros taes castigos. A innocencia ,
Sujeiçãõ , boa fé , e horror ao vicio
Alli moraõ. (17) Astréa , de quem contaõ
Que para o Ceo da terra remontara ,
Entre aquelles mortaes occulta existe.
Naõ ha juiz entre elles. Sua propria
Consciencia os julga. Os bens saõ cõmuns
Das arvores os fructos , os legumes (todos.
Do terreno , e o leite dos rebanhos
Saõ em tanta abundancia , que entre povos
Taõ parcos naõ precisaõ repartir-se.
Cada familia errante de hum a outro
Lugar as tendas muda , quando os frutos
Se

(17) Astréa era filha de Jupiter , e Thémis.

Se conformem , e acabaõ as pastagens.
 Naõ pleiteaõ assim huns contra os outros ;
 Mas com amor fraterno se amaõ todos.
 Saõ livres , saõ iguaes. Naõ se conhece
 Entre elles distincçaõ , mais q̃ a dos velhos ,
 Ou a daquelles moços virtuosos ,
 Quee hombraõ com os velhos consumados
 Em virtudes. Paizes taõ queridos
 Dos Deoses nunca ouviraõ da violencia ,
 Do perjurio , dos pleitos , ou da guerra
 As pestiferas vozes. Sangue humano
 Já mais tingio a terra. Dos cordeiros
 Só o sangue se verte. Elles se espantaõ ,
 Se lhes contaõ batalhas sanguinosas ,
 Ou rápidas conquistas , e destroços
 Dos Imperios. Pois q̃ ? naõ saõ os homens
 Allás mortaes , exclamaõ , sem se darem
 Acelerada morte ? he curta a vida ;
 E a reputaõ sobeja ? Elles nasceraõ
 Para despedagarem huns aos outros ,
 E serem mutuamente desgraçados ?
 Estes povos da Betica naõ podem
 Perceber , porque causaõ saõ louvados
 Os Reis conquistadores. Assim dizem :
 (18) Ao que se póde sujeitar hum sabio

(18) Estas palavras , e tudo o que se segue corres-
 ponde á usurpaçã de Cromwel , que com o titulo
 de Protector teve tanto tempo os Ingleses em escrã
 vidaõ.

He reger docil povo, que lhe roga
Que lhes seja seu Pai, e seu Monarca :
Mas contrangidos governar os povos
He tornar-se infeliz por ter a falsa
Honra de os ter escravos. Hum flagello
He o conquistador, que á terra mandaõ
Na sua ira os Deoses, para os Reinos
Destruir, e espalhar por toda a parte
O susto, o pranto, a raiva, e os homens li-
Tornar escravos. Venturoso o povo, (vres
Que sendo livre, reduzir os outros
Nãõ quer á escravidãõ. Esses famosos
Conquistadores, que com tanta gloria
Descrevem, saõ quacs rios trashordados,
Que mostraõ magestade, mas estragaõ
Ferreis campinas, que regar deviaõ.
Telcmaco allombrado da pintura,
Que Adoãõ lhe fazia, varias coizas
Lhe inquirio. Bebem vinho? lhe pergunta:
Nãõ o fabricaõ, Adoãõ responde :
Nãõ porque falte a uva, antes se cria
A melhor, mas a comem como fruta :
Temem o vinho, e o julgaõ hum veneno ;
Que os homens enfurecc ; e pelo menos
Os priva de razaõ, quando os nãõ mata.
As forças, e a saude os homens podem
Conservar sem o vinho ; mas com elle
Poem a risco a saude, e os bons costumes.

É porque leis (Telemaco prosegue)
 Se fege o matrimonio entre effes povos ?
 He vedado , llic torna o l'yrio , a hum homê
 Ter mais de huma mulher ; e em quãto vive
 Não a póde deixar. He ponto de honra
 Ser fiel ás mulheres , assim como
 Estas a seus maridos. Não ha povo
 Mais honesto. As mulheres são formosas ,
 E modestas. Parecem em dois corpos
 Ter marido , e mulher huma só alma.
 Os negocios externos o marido
 Regúla , e dós domesticos se incumbê
 A mulher. Elia mostra ser nascida
 Só para o contentar. A confiança
 Lhe grangeia. Inda mais que a formosura
 O namora a virtude. Os seus costumes
 Frugaes , e puros lhes daõ largã vida ,
 E os livraõ de doenças. Ha não poucos
 Velhos que contaõ vinte e quatro lustros ,
 Joviaes , e robustos. Resta agora ,
 Telemaco lhe diz , saber o modo
 Porque evitaõ a guerra c'os vizinhos.
 Adoã lhe responde : Dos mais povos
 Por huma parte o mar , por outra as altas
 Montanhas o separaõ. (19) Além disto
 Os

(19) Esta he propriamente a situação de Inglaterra,
 cujos Reis tem sido muitas vezes os arbitros ,
 dos outros Príncipes da Europa.

Os povos confiantes os respeitãõ
Pela sua virtude , e até os buscaõ
Para arbitros dos pleitos que não podem
Entre si terminar , depositando
Nas suas mãos as terras , e as Cidades ,
Que disputaõ. Não temem a violencia ,
Porque não a conhecem. Da-lhes riso
Ouvir que os Reis não podem as fronteiras
Regular dos Estados. E receiaõ ,
Dizem entãõ , que falte a terra aos homens ?
He sempre mais do que elles lavrar possaõ.
Em quanto houver no Mundo terras ermas ,
Largariamos estas , que occupamos
Se as quizeisse usurpar algum vizinho.
Elles não tem soberba , nem desejos
De crescer em dominios ; e por isso
Seus vizinhos não tem que temer delles ;
Nem podem esperar que elles os temaõ.
Assim vivem tranquillos. O discurso
Acabou Adoaõ ; contando o modo
Porque os Fenicios com aquelles povos
Commerciaraõ. A través das ondas
Vendo-nos vir de taõ remotas terras ,
Se assombraraõ. Deixaraõ-nos na Ilha
De Gades levantar huma Cidade.
Delles affavelmente recebidos
Fomos , e repartiraõ do que tinhaõ
Comnosco , sem quererem recompensa.

Do

Do seu paiz nos deraõ o superfluo ;
 E sem difficuldade as suas minas ,
 Por lhes serem superfluas , nos largaraõ.
 Naõ profundeis , diziaõ , tanto a terra ;
 Basta que a cultiveis ; bens verdadeiros
 Vos dará produzindo doces frutos ,
 Que valem muito mais q̃ o ouro , e prata,
 Que sã para comprar os alimentos
 Necessarios á vida os homens buscaõ.
 De navegar quizemos ensinar-lhes
 A arte , e á Fenicia conduzir os moços
 Do seu paiz ; mas elles naõ quizeraõ.
 Aprenderiaõ , nos diziaõ elles ,
 A precisar de todas estas coizas ,
 Que vos saõ necessarias. Para obtellas
 Poriaõ ruins meios ; qual aquelle ,
 Que sendo agil de pernas , costumasse
 Ser levado por outrem. Elles julgaõ ,
 Que he a navegaçaõ arte nociva.
 Se tem no seu paiz o necessario ,
 Que vaõ buscar ás Regiões estranhas ?
 Naõ lhes basta o que basta á natureza ?
 Merccem o naufragio ; pois procuraõ
 A crua morte em meio das tormentas.
 Telemaco a Adoaõ ouvia absorto ;
 E se alegrava de que houvesse hum povo ;
 Que da recta razaõ fazendo uso ,
 Fosse sabio , e feliz. Oh quanto , exclama ,
Di-

Differem seus costumes da vaidade ,
 E da ambição dos povos , que se julgaõ
 Mais sabios ! De tal sorte corrompidos
 Estamos , que nos custa acreditarmos
 Ser esta fingeleza verdadeira.
 Olhamos os costumes destes povos ,
 Qual huma bella fabula ; e elles devem
 Ter os nossos por sonho monstruoso.





L I V R O IX.

EM quanto desta sorte se entretinhaõ
 Adoaõ, e Telemaco, do somno
 Descuidados, sem terem reflectido,
 Que a noite estava em meio do caminho,
 Contraria enganadora Divindade
 Os afastava de Itaca, debalde
 Pelo Piloto Athamas buscada.
 Sofrer o Deos Neptuno naõ podia,
 Bem que fosse aos Fenicios favoravel,
 Que escapasse Telemaco á tormenta,
 Que ás inhospitas Syrtes o arrojara.
 Estava ainda Venus resentida,
 Por ver que o moço Grego triumphara
 Vencendo Amor, e todos seus encantos.
 No transporte da dor, deixa a Cythera,
 Paphos, e Idalia, e os fervorosos cultos;
 Que na Ilha de Cypre lhe tributaõ.
 Habitar naõ podia estes lugares,
 Onde se desprezava o seu Imperio.
 Sobe ao celeste Olympo, aonde os Deoses
 Estaõ de Jove rodeando o throno.
 Dalli vem a seus pés girar os astros:
 Vem o globo da Lua, que parece

Tenue

Tenuê monte de lodo ; e os immensos
Mares se lhes figurão gotas de agoa ,
Que parte deste lodo tem desfeito.
Os mais extensos Reinos se assemelhaõ
A huma pouca de arcia , que do lodo
A superficie cobre. Os grandes povos ,
E os mais grossos exercitos parecem
Formigas , que disputaõ mutuamente
Hum ramo de erva posto sobre o monte
De lodo. Os Numes zombaõ dos negocios
Mais sizados , que os homens alvorotaõ ,
E os avaliaõ brinco de meninos.
Aquellas coizas , a que os homens chamaõ
Gloria , poder , grandeza , alta politica ,
Parecem ás supremas Divindades
Só miséria , e fraqueza. Nesta estancia
Taõ elevada deste nosso Mundo ,
Assentou Jove o seu immovel throno.
Os seus olhos penetraõ os abyssos ,
E divisaõ os ultimos arcanos
Dos corações. O seu olhar sereno
Comunica o socego , e alegria
A todo o Universo. Porém quando
Sacode irado os nitidos cabellos ,
Abala o Coo , e a terra. Os mesmos Deoses
Assombrados c'os raios rutilantes ,
Que o cercaõ , com temor a elle chegaõ.
Neste tempo se haviaõ congregado

Qui

Todas

Todas as Divindades. Entrou Venus
 Com as Graças que brotaõ de seu seio.
 Sua veste ondeante mais lustrosa
 Era que as cores , com que a bella Iris
 Se adorna em meio das espessas nuvens ,
 Quando promette aos tímidos humanos
 O termo da tormenta , e anuncia
 A proxima bonança. Os seus vestidos
 Trazia prezos c'o famoso cinto ,
 Onde as (1) Graças se mostraõ. Os cabellos
 Da Deosa estavaõ sem alinho arados
 Com huma fita de ouro. Aos Deoses todos
 Arrebatou a sua formosura ,
 Como se a vissem pela vez primeira.
 Os seus olhos ficaraõ deslumbrados ,
 Bem como os dos humanos, quando Phebo
 Depois da larga noite os illumina.
 Olhavaõ-se entre si , mas suas vistas
 Recahiaõ em Venus. Advertiraõ
 Com tudo , que da Deosa os lindos olhos
 Se banhavaõ em pranto , e que no rosto
 Dava sensiveis mostras de amargura.
 Para o throno de Jove caminhava
 Venus com passos brandos , e ligeiros ,
 Qual o rápido vôo de alguma ave ,
Quan-

(1) Venus gerou as tres Graças , que ordinariamente a acompanhavaõ : o que suscitou nos Poetas a idéa deste mysticissimo cinto.

Quando fende dos ares largo espaço.
 Olha-a o Pai dos Deuses com agrado ;
 Sorri-se brandamente ; e entre seus braços
 Levantando-se a aperta. Minha cara
 Filha , lhe diz : Qual he a vossa magoa ?
 Já mais podem deixar de enternecerme
 Essas lagrimas vossas. Descubrime
 O coração. Sabeis quanto eu vos amo ,
 E que he só meu delejo comprazer-vos.
 Venus lhe respondeo com voz maviosa ,
 Interrompida de suspiros tristes :
 O' grande Pai dos Deuses , e dos homens ;
 Vós que tudo sabeis , podeis acaso
 Ignorar minha magoa ? Inda Minerva
 Não está satisfeita da ruina
 De Troia , e da vingança contra Páris ;
 (2) Que preferio minha belleza á sua.
 Nas terras , e nos mares ella ampara
 O moço filho do cruento Ulysses ,
 Destruidor de Troia , e o acompanha.

Tal-

(2) Tendo a Discórdia deitado hum pomo de ouro no meio da companhia , que assistia ás bodas de Peleu , e Thetis , e devendo esse pomo , segundo a inscripção que trazia , ser adjudicado á mais formosa , pleitearaó Juno , Venus , e Pallas ; e elegeraó a Páris para juiz da demanda. Este encantado pelas graças de Venus sentencioo a seu favor , o que accendeu contra elle o odio das outras duas Deusas.

Talvez por essa causa não a vemos
 Aqui no seu lugar c'os outros Numes.
 Ella é Ilha de Cypre o temerario
 Moço guiou para ultrajar meus cultos.
 Desprezou meu poder. Nos meus altares
 Se gloriou de não queimar incenso.
 Mostrou horror ás festas , que se fazem
 Em honra minha , a todos os delectes
 Cerrando o duro peito. Já debalde
 Contra elle irritou o mar , e os ventos
 Para o punir a rogos meus Neptuno.
 Telemaco arrojado de hum naufragio
 Horrivel contra a Ilha de Calypso ,
 Triúfou de Amor , q' eu tinha alli mandado
 Sómente a fim de lhe abrandar o peito.
 Nem da Deosa a belleza , nem as graças
 Das suas Ninfas , nem as inflamadas
 Settas de Amor as artes de Minerva
 Puderão destruir. Ella da Ilha
 O arrancou. Eis-me agora envergonhada ;
 Pois hum debil rapaz de mim triumpho.
 Jove lhe respondeo por consolalla :
 Assim he , minha filha , que Minerva
 Protege o moço Grego contra os tiros
 De Amor , e que huma gloria lhe prepara
 De nenhum dos humanos merecida.
 Magôo-me de que elle desprezasse
 Voilcs altares. Porém eu não posso

Vio-

Violentallo a seguir o vosso imperio.
Por amor vosso só consinto , que ande
Pelos mares , e terras inda errante
Longe da cara patria exposto aos riscos.
Mas não permite o Fado , que elle morra ,
Ou que a sua virtude degenerere
Com os vossos prazeres lisongeiros.
Contentai-vos, ó filia , pois a tantos
Heróes , e tantos immortaes sujeitos
Tendes ao vosso imperio. Assim acaba
Olhando para Venus c'hum sorriso
Cheio de graça , e magestade. Os olhos
Scintillarsã com luz bem similhante
A' do acceso relampago. Na face
A beijou com ternura. Todo o Olympo
Rescendeo hum perfume de ambrosia.
Foi festivel á Deosa este carinho
Do Pai dos Deosês ; e no seu semblante
A pesar do seu pranto , e do desgosto ,
Reluzio a alegria. O transparente
Véo abaixou para encubrir as faces
Córadas pelo enleio , em que ficara.
Applaudio o Congresso as graves vozes
De Jove. E Venus , sem perder de tempo
Hum só momento, foi buscar Nepruno ,
Para com elle consultar os meios
Da vingança. Contou-lhe o que passara
Cõ Jove. Entãõ lhe disse o Deos das aguas:

A

A tenção immutavel dos Destinos
 Eu já sabia. E pois nas bravas ondas
 Submergir não podemos a Telemaco ,
 De o fazer pelo menos desgraçado
 Não poupemos os meios. Eu não posso
 Consentir o naufragio do Fenicio
 Navio , onde Telemaco navega.
 Os Fenicios estimo. He o meu povo.
 Nenhuma outra Nação tanto cultiva
 O imperio das aguas. Do commercio
 He por elles o mar estreito vinculo
 Entre todos os povos do Universo.
 Honraõ com repetidos sacrificios
 Meus altares. São sábios , verdadeiros ,
 Laboriosos. Paz , e abundancia
 Por toda a parte espalhaõ. Não , ó Deosa ,
 Não soffrerei , que algum de seus navios
 Naufrague. Mas farci que o rumo perca
 O Piloto , e que de Iraca se affaste.
 Venus desta promessa satisfeita ,
 Se rio malignamente , e no seu carro
 Partio voando para os deleitosos
 Prados de Idália , aonde as tenras Graças
 Os jogos , e os risos , a alegria
 De a ver manifestando , em redor della
 Dançaraõ sobre as flores , que perfumaõ
 Este bello retiro. Enviou logo
 Neptuno hum fallaz Nume semelhante

Aos

Aos fontos ; inda que estes só enganaõ
Dormindo , e aquelle dos q̃ estaõ despertos
Os sentidos illude. O malfazejo
Nume cercado de huma *innumeravel*
Cohorte de mentiras , que voltejaõ
Em torno delle , derramou hum brando
Subtil limo nos olhos do Piloto ;
Que o curso das estrellas vê da Lua
Aos frouxos resplandores , e de Itaca
A Costa. Já divisa as escarpadas
Rochas visinhas. Mas desde este tempo
Naõ viraõ mais seus olhos a verdade.
Hum falso Ceo , huma fingida terra
Figuraõ-se a seus olhos. As estrellas
Parecem ter mudado de carreira ,
E ter retrocedido. Todo o Olympo
Parece que se move por leis novas.
A mesma terra está tambem mudada.
Huma Itaca falsa se apresenta
Ao Piloto , e em tanto a verdadeira
Se affasta delle. Quanto mais caminha
A falsa imagem , mais ella recúa ,
E lhe foge , sem que elle co' a fugida
Atine. Ora escutar se lhe figura
Já o rumor do porto , ora se apresta
Para abordar de noite occultamente
Segundo a ordem que lhe haviaõ dado
N'uma pequena Ilha , que está perto

Da

Da grande , para a vinda de Telemaco
 Encubrir de Penelope aos amantes
 Contra elle conjurados. Dos cachopos
 Que bordaõ esta Costa , se resguarda.
 Ouve o mugir horrifono das vagas ,
 Que alli se quebraõ. De repente adverte
 Que inda lhe fica a terra assás distante ;
 E nesta longitude era a seus olhos ,
 Quaes as pequenas nuvens , que apparecem
 Ao par do Sol ás vezes no horizonte.
 Isto tornou a Athamas confuso.
 A impressãõ da enganosa Divindade
 Lhe causava hum enleio , como nunca
 Experimentara. A's vezes duvidava
 Se era illusaõ. Porém Neptuno ordena
 Ao vento do Oriente , que a não guie (to
 De(3)Hesperia ás Costas. Cõ tal força o vé-
 l. he obedece , que chega em breve tempo
 A não á praia assignada. A aurora
 O dia annunciava , e as estrellas ,
 Que do Sol temem os dourados raios ,
 E saõ emulas suas , no Oceano
 Hiãõ já esconder suas sombrias
 Luzes , quando o Piloto assim exclama :
 Mais duvidar naõ posso. Já chegamos

Em

(3) Aqui Hesperia he a Italia , assim chama-
 da dos Gregos em taaõ de lhes ficar da parte do
 Ponente.

Em fim á Ilha de Itaca. Alegrai-vos,
Telemaco, pois dentro de huma hora
Vereis Penelope, e no Regio Throno
Sentado Ulysses vosso Pai. Telemaco,
Que nos braços do somno estava prezo,
Desperta, e se ergue, sóbe á tolda, abraça
O Piloto c'os olhos mal despertos.
A vista firma na fronteira costa;
Porém de Itaca as praias desconhece,
E suspira. Onde estamos? lhe diz elle.
Esta não he a minha amada patria:
Athamas, enganais-vos, e estas costas,
Que do vosso paiz são tão remotas,
Não conheceis. Mas Athamas replica:
Não, não posso enganarme, desta Ilha
As costas observando. Muitas vezes
Eu tenho estado furto na bahia.
Conheço até os minimos rochedos.
Não tenho mais impressas na memoria
De Tyro as praias. Vede esta montanha,
Que sobresahe. Reconhecei aquelle
Rochedo, que se empina na figura
De huma torre. Escutai agora as vagas
Rebentar nessas rochas, que parecem
Ameaçar o mar co' a sua quéda.
Não reparais no Templo de Minerva,
Que as densas nuvês rompe? Ilis o castello,
E o palacio de Ulysses. Enganais-vos,
O

O' Athamas , lhe torna estaõ Telemaco;
 Só diviso huma costa alta , e unida.
 Sim vejo huma Cidade ; porém Itaca
 Não he. O' Numes immortaes, dos homens
 Assim escarneceis ! Isto dizendo ,
 Se mudaõ de repente os olhos de Athamas:
 Destroe-se o encanto : vê a praia
 Qual era , e reconhece o seu engano.
 Conheço , diz , que huma fallaz Deidade
 Me allucinou. Imaginei ver Itaca ,
 E tinha ante os meus olhos sua imagem ,
 Que se desfaz agora como hum sonho.
 Eu vejo outra Cidade. E he Salento ,
 Que Idomeneu de Creta fugitivo
 Veio fundar na Hesperia. Já diviso
 Os incompletos muros: vejo o porto
 Inda não bastecido. Em quanto as obras
 Da Cidade nascente assim notava ,
 Lamentava Telemaco os seus males.
 Estaõ co' as vélas concavas entravaõ
 Na Enseada , onde proximos ao porto
 Se abrigaraõ. Mentor , que de Neptuno
 A vingança , e de Venus o artificio
 Não ignorava , ria-se do engano
 Do Piloto ; e a Telemaco assim disse:
 Quer Jupiter tentar-vos , não perder-vos ;
 E se vos tenta , he só pata o caminho
 Da gloria vos abrir. Vós dos trabalhos
De

De Hercules vos lembrai , e a vossos olhos
Tende os de vosso Pai sempre presentes.
Quem não sabe soffrer , huma alma grande
Não tem. Cançar importa co' a paciencia,
E valor a fortuna rigorosa,
Que poem o seu deleite em perseguirvos.
As mais cruéis desgraças de Neptuno
São menos perigosas que os favores
Lisongeiros da Deusa, que na Ilha
Vos retinha. Que mais nos demoramos?
Entremos neste porto. Hum povo amigo
Temos aqui. Estamos entre os Gregos.
Idomeneu da sorte perseguido
Ha de ter compaixão dos infelizes.
Logo entraráo no porto de Salento ,
Onde a Fenicia Não foi recebida
Sem embarço ; pois c'os povos todos
Paz , e commercio tinhao os Fenicios.
Absorto vio Telemaco a Cidade ,
Que se erguia , qual huma ceira planta ,
Que tendo sido pelo brando orvalho
Nutrida , sente os raios matutinos
Do Sol, que a aformosia : cresce , e abre
Os seus tenros botões , e as folhas verdes
Estende : brotao as cheirosas flores
Com mil cores não vistas : Cada instante
Se vê apparecer hum novo lustre.
Assim esta Cidade florescia

Sobre

Sobre a margem do mar. Ella em grandezza
Cada dia avultava , e aos navegantes
De architectura novos ornamentos
Que se erguiaõ ao Ceo, mostrava ao longe;
Na Costa retiniaõ dos artifices
Os gritos, e as pancadas dos martellos.
Os guindastes as pedras suspendiaõ
No ar. Apenas allomava a aurora ,
Convocavaõ os Chefes ao trabalho
O povo. O mesmo Rei as ordens dava
Por toda a parte. Com preiteza incrível
Fazia adiantar todas as obras.
Apenas aportou a Náo Fenicia ,
A Mentor , e a Telemaco sinceras
Mostras deraõ de affecto os Salentinos.
Logo ao Rei avisaraõ que chegado
Era o filho de Ulysses. Elle exclama :
Que ? O filho de Ulysses , do querido
Amigo , do heróe sábio , por quem Troia
Foi arrazada ? Venha : pois desejo ,
Que elle conheça quanto prézo a Ulysses.
Foi Telemaco ao Rei apresentado.
Dizendo-lhe o seu nome , elle lhe pede
Hospedagem. O Rei com rosto alegre ,
E risonho , responde : Ainda quando
Quem sois me naõ houvessem dito d'antes ;
Vos conhecera. Eis Ulysses mesmo ;
Eis os seus olhos scintillando fogo ;

E o seu olhar seguro. Eis o seu gesto
Com aílomos de frio, e recatado,
O qual tanta viveza, e tantas graças
Encobre. Reconheço o seu sorriso
Delicado, o ar simples, e as palavras
Insinuantes, brandas, e singelas,
Que persuadiaõ antes de haver tempo
De recear-se dellas. Sim, o filho
Sois do meu caro Ulysses; *sois ainda*
O meu filho. Mas ah! por qual successo
Taõ longe aqui vistes? Foi acaso
Procurar vosso Pai? Eu não sei deão.
Tem-nos a forte perseguido a ambos.
Elle não póde recobrar a patria:
Eu na patria encontrei do Ceo as iras.
Em quanto Idomeneu assim fallava,
Não apartava de Mentor os olhos,
Porq̃ não lhe era estranho o seu semblante;
Mas occorrer-lhe o nome não podia.
Respondeo com as lagrimas nos olhos
Telemaco: O' Rei, as minhas magoas
Benigno desculpai; pois encubriilas
Não posso, quando devo só mostrarvos
Gratidaõ, e alegria. A saudade,
Que mostrais por Ulysses, faz que eu sinta
Mais sua falta. Ha tempos que debalde
O busco sobre os mares. Pensei vello
Em Creta, aonde o vosso ruim fado

Sou-

Soube. Mal eu cuidava , que viesse
A Hesperia, onde fundais hum novo Reino;
Mas a fortuna , que dos homens zomba ,
E que errante por todos os paizes
Me conduz longe de Iiaca , lançou-me
A estas Costas. É de quantos damnos
Me tem causado , he este o menos grave.
Se ella da amada patria me desterra ,
Me dá a conhecer hum generoso
Monarca. Idomeneu a estas vozes
O abraçou , e havendo-o conduzido
A palacio , lhe diz : Quem he pois este
Prudente Ancião , que a vosso lado vejo ?
Parece-me que o vi em outro tempo.
Este he Mentor , lhe respondeo Telemaco,
Hum amigo de Ulysses , que da minha
Infancia se incumbio. Dizer não pôde
Alguem quanto lhe devo. Entraõ caminha
Idomeneu ; a sua mão estende
A Mentor , e lhe diz : Nós já nos vimos
Outra vez. Recordais-vos da viagem
Que fizestes a Creta , e dos conselhos
Prudentes que me destes ? Nesse tempo
O ardor da mocidade , e os vãos prazeres
Me arrebatavaõ. Precisava ainda
De que as minhas desgraças me instruissem.
Quizesse o Ceo vos crêsse , ó sabio Velho ,
Mas noto com assombro , que mudança
Sen-

Senfível não tem feito em vós os annos.
Conservais a frescura do semblante ,
A mesma robustez , o mesmo talhe ,
Só os cabellos tem embranquecido
Hum pouco mais. O' grande Rei ! responde
Mentor , se eu fora adulator , dissera ,
Que inda reluz em vós da mocidade
A flor , que então brilhava em voſſo roſto .
Antes do cerco da loberba Troia .
Mas antes quererei deſagradaivos
Que offender a verdade , e eſſes prudentes
Diſcurſos que vos ouço , me convencem
De que não eſtimais a vil liſonja ;
E a lizura com voſco não ſe arriſca .
Vós eſtais tão mudado , que eu teria
Grande difficuldade em conhecervos .
A cauſa he clara : padeciſtes muito
Nos voſſos infortunios ; mas lucrastes
Em ſoffrer , porque tendes grangeado
O ſer mais ſabio. As rugas do ſemblante
Deſconſolar não devem , quando o peito
Se exercita , e ſe firma na virtude .
Além diſto os Reis ſempre ſe attenuaõ
Mais que o reſto dos homens. Da Fortuna
Nos revêzes do eſpirito as fadigas ,
E os trabalhos do corpo os envelhecem
Antes de tempo. E quando ſaõ felizes ,
As vãs delicias de huma vida molle.

Muito mais os estragão , que da guerra
As lidas. Não ha coisa tão nociva
Como o prazer sem regra. E he por isto
Que os Monarcas tem sempre dissabores ,
E fazem que a velhice se antecipe.
A vida sóbria , de paixão isenta ,
Frugal , laboriosa , huma robusta
Mocidade nos membros do homem sabio
Conserua , a qual sem isto veloz foge
Sobre as azas do tempo. Ouvira ainda
Idomeneu tão sólidos discursos ,
Se não fora chamado a hum sacrificio ,
Que devia fazer-se ao grande Jove.
Telemaco , e Mentor o acompanharaõ
Rodeados de povo , que á porfia
Os olhavaõ attentos. Huns aos outros
Diziaõ: Estes homens bem diferentes
Saõ entre si. Deicobre-se no moço
Agradavel viveza em seu semblante ,
E no seu corpo as graças lhe reluzem
Da belleza , e da tenra mocidade :
Mas nada tem de frouxa , e affeminada
A sua gentileza. Dos seus annos
Na tenra flor parece vigoroso ,
Robusto , e endurecido no trabalho.
Não tem o outro , posto que mais velho ,
Perdido as suas forças. Ao principio
Mostra o seu parecer menos activo ,

E menos gracioso o seu semblante.
 Mas vendo-se de perto, entãõ se observa,
 Na sua singeleza huma prudenciã,
 Huma virtude, e huma nobreza rara.
 Quando descem os Deosês sobre a terra
 Para communicar-se c'os humanos,
 Tomãõ figuras taes de viandantes,
 E peregrinos. Chegãõ já ao Templo,
 Que Idomeneu de Jove descendente
 Ornara com grandeza. De columnas
 De jaspeado marmore o cercavaõ
 Duas ordens em roda. Fraõ de prata
 Os capiteis. De marmore luzente
 Era formado o Templo com relevos;
 Que a Jove figuraraõ transformado
 Em fúivo touro, que a formosa (4) Europa
 Roubada para Creta conduzia
 Por entre as ondas. Ellas pareciaõ
 A Jove respeitar ainda em forma
 Estranha. Mais alê m do grande Minos
 Se via o nascimento, e a puericia;
 Logo adiante em avançada idade
 Dando saudaveis leis a toda a Ilha.
 Diversos casõs do Troiano cerco,
 Aõnde Idomeneu de hum grande Chefe

R ii

A

(4) Europa era filha de Agenor, Rei de Phenicia, e irmã de Cadmo. Foi roubada por Júpiter transformado em touro.

A fama conseguido , notou Telemaco:
 Entre os combates a seu Pai buscava ,
 E o conheceo, os rispídos cavallos
 De Rheso morto ás mãos de (5) Diomedes
 Tomando ; logo a Ajax Telamonio ,
 Entre os Cabos do Exercito , de Achilles
 As armas disputando ; em fim descendo
 Do cavallo fatal , para o Troiano
 Sangue espalhar. Enternecidas lagrimas
 De seus olhos correrão. Do semblante
 Perdeo a côr. O Rei que percebera
 Seu sobressalto , posto que encubrillo
 Procurasse , Telemaco , lhe disse :
 Ter pejo não deveis de vos mostrardes
 Comovido da gloria , e das desgraças
 De vosso Pai. O povo se ajuntava
 Nos espaçollos pórticos , formados
 Por duas grandes ordens de columnas ,
 Que rodeaõ o templo. Alli dois coros
 Da turba juvenil de ambos os sexos
 Cantavaõ hymnos em louvor do Nume ,
 Que tem nas mãos o fulminante raio.
 Eraõ de bellos rostos , e os compridos
 Cabellos sobre as costas ondeavaõ.
 Velliaõ brancas vestes. Nas cabeças

Cin-

(5) Diomedes sustentava os seus cavallos com a carne dos estrangeiros. Hercules vencendo-o o expoz a guillemes malinos cavallos , que o devoraraõ.

Cingiaõ coroas de purpureas rofas.
O Rei fazia a Jove huma hecatombe
Para lhe ser propicio em huma guerra ;
Que declarou contra os vizinhos povos.
Das viçtimas o sangue fumegava ,
E se lançava em taças de ouro , e prata.
Mas o velho Teofanes , prezado
Dos Deoses , e do Templo sacerdote ,
Tendo cuberto co' a purpurea veste
A cabeça , durante o sacrificio ,
Consultando da viçtima as entranhas
Ainda palpitantes , e sentado
Na tripode sagrada assim exclama :
O' Deoses ! quem saõ estes estrangeiros ;
Que envia o Ceo ? Sem elles nos seria
Funesta a guerra , e cahiria envolta
Em a sua ruina esta Cidade ,
Antes de se elevar sobre os seus muros.
Eu vejo hum moço heroe , q' he conduzido
Pela Sabedoria. Naõ he licito
A huma boca mortal dizer mais coifas.
Assim fallando , furiosas vistas
Lançava. Chamejavaõ-lhe seus olhos.
Mostrava divisar outros objectos.
Seu rosto se inflammava ; seus cabellos
Se eriçavaõ ; a boca lhe escumava ;
Estendidos , e immoveis tinha os braços ;
Sua turbada voz era mais forte

Que

Que a voz humana ; não podia o folgo
 Tomar, nem já conter dentro em si mesmo
 O esp'rito divinal, que o agitava.
 Feliz Idomeneu em fim exclama,
 Que vejo ! que desgraças evitadas !
 Que paz no interior ! que guerras fóra !
 Telemaco, já vencem teus trabalhos
 Os de teu Pai. O inimigo altivo
 Geme no pó debaixo do teu ferro.
 Portas de bronze, inacessiveis muros
 Se prostraõ a teus pés. O' grande Deosa !
 Seu Pai . . . ó joven. Tu verás ainda . . .
 Aqui se extingue a voz na sua boca,
 E fica a seu pezar em hum silencio
 Cheio de assombro. Ao povo gela o susto ;
 E Idomeneu tremendo não se atreve
 Instar-lhe, que conclua. Até Telemaco
 Confuso mal podia o que escutava
 Perceber. Cria apenas ter ouvido
 As altas predições. Mentor sómente
 Não se espantou do divinal espirito.
 Vedes, disse elle a Idomeneu, quaes sejaõ
 Dos Numes as tenções. Tereis victoria
 Contra qualquer Nação que combaterdes ;
 E deveréis do vosso amigo ao filho
 A ventura das armas. Sem ciume
 Gozaj do que vos daõ por elle os Deoses.
 Recobrar não podendo o seu acordo,

Em

Em vaõ buscava Idomeneu as vozes ,
 Tinha immovel a lingua. Mas Telemaco
 Mais prõpio a Mentor disse : Tanta gloria
 Quanta se me promette , naõ me abala.
 Mas que querem dizer estas palavras :
 Tu ainda verás ? He por ventura
 Meu Pai , ou só a patria ? Ah ! porq̃ causa
 Naõ acabou ? Mais enleado que antes
 Fiquei. Ah caro Pai , terei de ver-vos ?
 Será certo ? Mas eu me lifongeio.
 Oraculo cruel , tu te divertes
 Em zombar do infeliz. Só me bastava
 Huma palavra mais , e era eu ditoso.
 Mentor lhe diz : Dos Deoses os projectos
 Respeitai , naõ querendo os seus arcanos
 Descubrir. O Ceo pune os temerarios.
 Os Deoses bons , e sabios aos humanos
 Cobrem de espesso véo o seu destino.
 He util antever o que depende
 De nós para obrar bem , e menos util
 Nos naõ he ignorar o que dos nossos
 Cuidados naõ depende , e o que os sagrados
 Numes de nos destinãõ. Estas vozes
 Contiverãõ Telemaco. Tornado
 O Rei a si , a Jove deu louvores
 De enviar ao seu Reino o moço Grego ,
 E o prudente Mentor , para o triumpho
 Lhe dar de seus contrarios. Hum convite
 Ma-

Magnifico seguiu o sacrificio ;
 Depois do qual o Rei assim lhe disse :
 Confesso que inda de reinar a arte
 Ignorava , voltando para Creta
 Finda a Troiana guerra. (6) Os infortunios
 Sabeis que me vedaraõ que eu reinasse
 Naquelle grande Ilha onde estivestes.
 Serei affás feliz , se da fortuna
 Os revézes puderem instruir-me ,
 E reportar-me. Atravessei os mares ,
 Qual banido que foge da vingança
 Dos Deoses , e dos homens. A passada
 Grandeza só servia de tornar-me
 Mais vergonhoso o meu fatal despenho.
 Aqui vim acoutar os meus (7) Penates
 Nesta deserta esteril Costa , aonde
 Só encontrei de cardos , e de espinhos
 Terras cobertas , matas taõ antigas
 Como a terra , rochedos onde as feras
 Tinhaõ abrigo. Dci-me por contente

De

(6) As desgraças que privaraõ Jacob II. de Reino de Inglaterra , são affás conhecidas. Se já mais algum Rei foi hum exemplo terrivel para os outros Reis , foi sem duvida este , que pelo abuso que fez da sua authoridade , mereceo ser della despojado para ir bulcar asilo nos paizes estrangeiros.

(7) Os Penates , ou Lares eraõ humas pequenas figuras postas em diversos lugares das casas , que os fãõs honravaõ como seus protectores.

De possuir com poucos companheiros,
 Que quizeraõ seguir-me em meus desastres,
 Esta terra silvestre, e fazer della
 A minha nova patria, naõ podendo
 Esperar o ver mais a feliz Ilha,
 Onde os Deoses quizeraõ que eu nascesse
 Para reinar. Dizia eu a mim mesmo:
 Que mudança, que exemplo temeroso
 Naõ dou aos Reis? Bom fora me mostrasse
 A todos os que reinaõ sobre a terra
 Para instruillos com o meu exemplo.
 Elles cuidaõ que nada temer devem,
 Por serem superiores aos mais homens.
 A sua elevaçãõ lhes faz com tudo
 Ter muito que temer. Meus inimigos
 Me temiaõ: amavaõ-me os vassallos.
 Regia huma Naçaõ forte, e guerreira.
 Tinha levado a fama aos mais remotos
 Paizes o meu nome. Governava
 Em huma Ilha fertil, delectosa.
 Cem Cidades pagavaõ-me tributos
 Annuaes. Os seus povos respeitavaõ
 Em mim o sangue do supremo Jove
 No seu paiz nascido, e me prezavaõ
 Como neto de Minos, que os fizera
 Por suas leis poderosos, e felizes.
 Que me faltava mais, que com prudencia

Lograr a minha dita? (8) O meu orgulho
 E o dar faceis ouvidos á lisunja
 Derrubaráo meu throno. Desta sorte
 Cahiráo os mais Reis , que se entregarem
 A seus proprios desejos , e aos conselhos
 Dos lisongeiros. O semblante alegre,
 E cheio de esperanças affectava
 Para aos meus companheiros dar esforço:
 Fabriquemos de novo , lhes dizia ,
 Esta Cidade , que das nossas perdas
 Nos console. As Nações circumvisinhas
 Com seu exemplo á empreza nos incitaõ.
 Tarento he novo Reino por Falante
 C'os seus Lacedemonios construido.
 Huma grande Cidade, a que dá nome
 De Perilia , edifica nesta Costa
 Pilotetes. He outra semelhante
 Colonia Metraponto. E nós faremos
 Menos do que estes povos estrangeiros ,
 Errantes como nós? Não he a Sorte
 A nós mais rigorosa. Procurava

Desta

(8) A soberba , e a lisunja obrigaraõ Jacob II. a destruir as leis de Inglaterra para estabelecer o poder arbitrario , que Luiz XIV. exercia impunemente em França. Achou opposições a este projecto ; e os esforços que fez para as destruir , o derrubaraõ do throno que deixou vago pela sua fugida.

Deſta forte adoçar as ſuas lidas ;
Porém no fundo d'alma a dor acerba
Encubria. Encontrava lenitivo ,
Quando vinhaõ da noite as negras ſombras
Tirar-me a luz do dia para o triſte
Deſtino meu chorar em liberdade.
Soltavaſe dos olhos rios d'agua ;
Nem me era conhecido o brando ſomno.
A ſeguente manhã a nova lida
Me tornava. He por iſto que taõ velho ,
Mentor , vos pareci. Em fim poz termo
O Rei á narraçaõ de ſeus trabalhos ,
A Mentor , e a Telemaco pedindo
Soccorro para a guerra declarada
Contra os vilinhos povos. Finda a guerra
Vos tornarei a Itaca , dizia ;
E em tanto mandarei ás mais remotas
Terras , de Ulyſſes procurar noticias.
Onde quer que o lançaſſem as tormentas,
Ou de inimiga Divindade as iras ,
Dahi o tirarei. Quejraõ os Numes
Que viva ainda. Vós nos mais velozes
Navios , que já mais ſe construirãõ
Em Creta , ireis. Saõ feitos de madeira
Cortada no Ida , que he de Jove a patria.
Nãõ perecem nas ondas. Os rochedos
E os ventos os respeitaõ : té Neptuno
No auge das ſuas iras nãõ ſe atreve

A sublevar contra elles suas ondas.
 A passagem he facil. Sem trabalho
 Haveis tornar a Itaca. O Fenicio
 Navio despedi. Tratai sómente
 De obter a gloria de firmar meu Reino
 Para reparo dos antigos males.
 Telemaco será por este preço
 Reputado de Ulysses digno filho ;
 E inda quando os destinos desabridos
 O mandassem descer ao Reino escuro ;
 Toda a Grecia assombrada hã novo Ulysses
 Julgara ver em vós. A estas vozes
 A Idomeneu Telemaco interrompe.
 O Fenicio navio se despeça.
 Porque tardamos em tomar as armas
 Para atacar os vossos inimigos ?
 Elles se tornão nossos. Se em Sicilia ;
 Por Acastes Troiano combatendo ,
 Ficamos vencedores , não seremos
 Dos Numes para obtermos a victoria
 Favorecidos , quando pelejamos
 Por hum dos heróes Gregos , que arrasaraõ
 De Priamo a Cidade ? O vaticinio
 Que acabamos de ouvir , no-lo assegura



L I V R O X.

MEntor com brandos , e ferenos olhos
 Observando Telemaco inflamado
 Do nobre ardor de combater, lhe disse :
 Filho de Ulysses , quanto folgo ver-vos
 Taõ ancioso de gloria ! Mas lembrai-vos
 Que essa que vosso Pai ganhou no cerco
 De Troia , resultou de que entre os Gregos
 Se conduzio o mais modesto , e sabio.
 O bravo Achilles , inda que invencivel ,
 E invulneravel , inda que seguro
 De levar o terror , e a fria morte
 A qualquer parte aonde combatesse ,
 Debalde pertendeo conquistar Troia ;
 Antes cahio diante de seus muros ,
 E o vencedor de Heitor foi preza sua.
 Mas vosso Pai , cujo valor guiava
 A prudencia , levou o ferro , e fogo
 Ao meio dos Troianos , e a seu braço
 A ruina se deve deusas altas
 Soberbas fortalezas , que dez annos
 A toda a Grecia unida ameaçaraõ.
 Assim como Minerva excede a Marte ,
 Assim o valor pródigo , e discreto

Vale

Vale mais , que o feroz , e arrebatado.
 Instrair-nos convém das circumstancias
 Desta guerra , que deve sustentar-se.
 Eu não me esculo aos p'rigos ; porém penso ;
 Idomeneu , que vós deveis primeiro
 Explicar-nos se a vossa guerra he justa ,
 Contra quem a fazeis , e em fim que forças
 Tendes para esperar feliz successo. (1)
 Idomeneu responde : Quando a esta
 Costa chegámos , nella hum povo rude
 Achámos , que vagava pelos bosques ;
 Sendo seu mantimento a caça , e os frutos
 Das arvores. São estes os (2) Mandurios.
 Assustados de ver nossos navios ,
 E nossas armas , nos incultos bosques
 Se embrenharão , aonde curiosos
 De verem o paiz , e perseguirem
 A caça , fúgitivos , e dispersos
 Os forão encontrar nossos soldados.
 Então os Chefes delles lhes disserão :
 Nós largámos do mar as freixas margens
 Para

(1) Destas tres circumstancias a primeira foi sempre desprezada de Luiz XIV. que se embarçou menos com a justiça das guerras , que emprendia , que com o desejo de satisfazer a sua ambição , e elevar a sua gloria.

(2) Os Mandurios erão povos da Apulia no Reino de Napoles.

Para v6-las ceder ; e só nos restaõ
 Estas montanhas , quasi inaccessiveis.
 He justo nos deixeis aqui ao menos
 Em paz , e liberdade. Pois errantes ,
 Dispersos , e mais fracos vos achamos :
 Que nos outros , podiamos matar-vos
 A todos , e esconder vossa desgraça
 Aos vossos companheiros. Não queremos
 As nossas mãos porém manchar no sangue
 De huns homens, como nós. Ide , e lembrai-
 De que a vida deveis a elles nossos (vos
 Humanos sentimentos. Este povo ,
 A quem chamais salvagem , e grosseiro ,
 Vos dê de humano, e generoso o exêplo (3)
 Os nossos pelos barbaros desta arte
 Despedidos , voltaraõ para o campo.
 Contando o que lhes tinha succedido ;
 Se alteraraõ os mais , envergonhados
 De que a vida devessem huns Crentes
 A huma tropa de homens fugitivos ,
 Que mais do que homens pareciaõ urfos.
 Sahiraõ a caçar em maior numero ,
 E atacaraõ os barbaros. A briga
 Foi porfiada. D'huma , e d'outra parte

Se

(3) He ordenaçoõ aos Francezes tratar de grosseiros , e barbaros os que não são da sua Naçoõ : e com tudo tem recebido dos seus visinhos semelhantes liçoõs de moderaçoõ , e generosidade.

Se despediaõ tiros , qual no campo
 Cahe o granizo em negra tempestade.
 Os barbaros se viraõ precipitados
 A retirar-se aos escarpados montes ;
 E os nosos naõ oufaraõ investillos.
 Pouco tempo depois me deputaraõ
 Estes povos a dois de seus mais sabios
 Anciãos , que vieraõ a pedir-me
 A paz , e me trouxeraõ donativos.
 Foraõ de mortas feras duas pelles ,
 E frutas do paiz. Estes presentes
 Entregando , fallaraõ-me desta arte:
 'Temos, ó Rei, n'humas mãos a espada, (4)
 E n'outra de oliveira hum verde ramo.
 Com effeito assim era. Faze escolha
 Ou da guerra, ou da paz. Nós desejanos
 A paz. Por amor della vos cedemos
 Sem vergonha , do mar as brandas margens,
 Onde o Sol fertiliza os vastos campos ,
 E faz nascer os frutos laborosos ;
 Mas a paz he mais doce que estes frutos.
Por

(4) Esta falla contém huma viva pintura da ambição de Luiz XIV. que pelo motivo de huma falla gloria empredeu muitas vezes guerras injustas , que lhe causaraõ as mais terriveis desgraças. Nem as sciencias de que elle se dizia protector , nem a policia de que se jactava no seu reinado poderãõ preservallo desse furor , que o conduzia a destruir as terras de seus vizinhos.

Por ella procurámos as montanhas
Cheias de neve, e gelo, onde nem flores
Se vêm da Primavera, nem do Outono
Os preciosos frutos. Detestamos
Essa brutalidade, que romando
Os bellos nomes de ambição, e gloria;
Vai as provincias assolar sem tino,
E derramar o sangue dos humanos,
Que são todos irmãos. Se a ti te abala
Esta louca ambição, não te invejamos;
Lustimamos te antes; e aos supremos
Numes pedimos te preservem della.
Se as sciencias, q os Gregos tanto prezaõ;
E a policia de que elles se gloriaõ,
Não lhes inspiraõ mais que esta injustiça
Abominavel, nós por mais felizes
Nos cremos em não ter essas vantagens.
Somos barbares sim; mas somos justos,
Humanos, e fideis. Vil interesse
Não nos domina. Somos costumados
A manter-nos do pouco, e ao desprezo
Da vá delicadeza, que de muito
Faz precifar. Amamos a saude,
A parcimonia, a liberdade, as forças
Corporaes, e do espirito, a virtude,
Dos Numes o temor, dos pais o affecto,
A amizade fiel, a singeleza,
Nos bens moderação, no mal constancia,

O valor de dizer sempre a verdade,
E o horror da lisonja. Estes os povos,
Que agora te offerecemos por vizinhos,
E amigos. Mas são os Numes indignados.
Te fizerem tão cego que rejeites,
A paz, tu saberás, iada que tarde,
Que os que a paz appetecem, são na guerra
Mais temiveis. Em quanto assim fallavaõ,
Eu faltar-me de olha-los não podia.
Tinhaõ comprida, e sem alinhio a barba;
Os cabellos mais curtos, porém brancos;
Grossas as sobrançellas, scintillantes
Os olhos; hum olhar seguro, e firme;
Graves, e authorizadas as palavras;
E gesto ingenuo, e simples. Sobre as costas
Tinhaõ prezas as pelles, que vestiaõ;
E descubriaõ braços mais nervosos,
E musculos mais fortes, que os dos nossos
Athletas. Respondi aos Enviados,
Que desejava a paz, e regulámos
Algumas condições, por testemunhas
Da nossa boa fé tomando os Numes.
Os Velhos enviei com donativos
Para os seus. Mas os Deoses que do Reino
De meus antecessores me expulsaraõ,
Não estavaõ ainda satisfeitos
De perseguir-me. Os nossos caçadores,
Que da paz ajustada não sabiaõ

Nesse

Nesse dia dos barbaros , que os Velhos
 Acompanhavaõ , huma grande tropa
 Encontrando ao sahirem da Cidade ,
 Avançaraõ-se a elles furiosos ;
 Mata-raõ huma parte , e pelos matos
 Deraõ alcance ao resto. Eis novamente
 Accesa a guerra. Os barbaros affentaõ ,
 Que não devem mais crer nossas promessas
 Nem nossos juramentos. (5) Para terem
 Mais forças contra nós , a seu soccorro
 Convocaraõ os Locrios , os de Apulia ,
 Os Brusios , Crotoniates , Lucanos
 De Nerito , e Brindisi. Os de Lucania
 Vem com seus carros , e de agudas foices
 Armados. Os de Apulia vem cubertos
 De pelles de animaes , que tem matado
 Com suas proprias mãos ; nodosas clavas
 Trazem de ferreas pontas guarnecidas ;
 Seu talhe he de gigantes , e taõ fortes
 São seus corpos á força de penosos
 Exercicios , que o ve-los causa espanto.
 São os (6) Locrios da Grecia descendentes ;

S ii

Mais

(5) Quantas vezes os Alliados de França experimentaraõ , que não deviaõ confiar nas suas promessas , nem nos seus juramentos. Muitas vezes ella violou os tratados mais solennaes quasi no mesmo tempo em que se concluiãõ.

(6) Os Locrios eraõ hums povos da Phocia , que occupavaõ os dois lados do Parnaso.

Mais humanos que os outros ; porém unem
 A' disciplina exacta dã milicia
 Grega o vigor de barbaros , e a vida
 Laboriosa ; e assim são invenciveis.
 Trazem escudos leves , e tecidos
 De vimes , que depois cobrem com pelles:
 E usão de espadas longas. São os (7) Bruslios
 Ligeiros na carreira , como as corças,
 E cervos. Com os pés nas terras plantas
 Parecem não tocar : apenas deixão
 Vestigios de seus passos sobre a areia.
 De improvizo accommettem as contrarias
 Esquadras , e depois desaparecem
 Com igual rapidéz. Os de (8) Crotona
 Em atirar a frêcha são mui destros.
 Qualquer Grego talvez não poderia
 Hum arco manear dos que elles usão
 Por costume ; e se em fim nos nossos jogos
 Entrassem , tinham sempre certo o premio.
 Molhaõ as suas settas em o fumo
 De venenoas hervas , que das margens

Se

(7) Os Bruslios erão huns povos da Italia , habitantes de huma Península da Calabria ulterior , que fôrma o Golfo hoje chamado de Gioi á luz do Meiro.

(8) Crotona , ou Cortona he huma Cidade de Toscana situada no Florentino entre o Lago de Perugia , e a Cidade de Arezzo.

Se dizem vir do Averno, e o seu veneno
He mortal. Os de (9) Nerito, e (10) Brindisi
E de (11) Mesapia tem sômente as forças
Corporaes, e hum valor sem disciplina.
São horriveis os gritos, que levantaõ
A' vista do inimigo. Elles se servem
'Taõ bem da fanda, que huma nuvem densa
Formaõ de pedras com que o ar se tolda:
Mas combatem sem ordem. Eis, ó sabio
Mentor, quanto saber appetecieis.
Conhecereis por isto ao certo a origem
Desta guerra, e quizes saõ nossos contrarios:
Depois desta noticia, impaciente
De combater, Telemaco julgava
Mais já naõ lhe restar, que tomar armas:
Mas Mentor o suspende; e assim falla
A Idomeneu: E donde vem que os Locrios
Oriundos da Grecia contra os Gregos
Aos barbaros se unem? Porque causa
Floreecem, evitando a crua guerra,
Nesta costa de mar tantas Colonias?
Dizeis, Idomeneu, que inda cançados

De

(9) Nerito, hoje Nardo, he huma pequena Cidade do Reino de Napoles na terra de Otranto.

(10) Brindes, ou Brindisi, fica tambem na terra de Otranto, e tem o melhor porto da Italia.

(11) Messapia he huma parte da Apulia, a que corresponde hoje a terra de Otranto.

De perseguirvos não estáo os Numes.
 Mas eu diria, quẽ inda de instruirvos
 Não acabaraõ. Com desgraças tantas,
 Que soffrestes, não tendes apreendido
 O que convém para evitar a guerra.
 Quanto da boa fé me haveis contado
 Desses barbaros, basta a persuadirme
 Que podieis em paz viver com elles.
 Soberba, e altivez causaõ com tudo
 As mais cruentas guerras. (12) Dar devicis
 Reciprocos refens. Seria facil
 Enviar-lhes alguns de vossos Chefes,
 Que os seus Embaixadores conduzißem
 Com segurança. Renovada a guerra,
 Devicis socegallos, persuadindo-os
 Que quem os atacou inda ignorava
 A jurada alliança. Offerecer-lhes
 Cumpria as seguranças que pedißem,
 E graves penas comminar áquelles
 Vassallos, que o tratado quebrantassẽ.
 Porém depois de começada a guerra
 O que tem succedido? Respondeo-lhe
 Idomeneu: Julguei, que era desflouro
 Procurarmos os barbaros, que em tanto
 Ajuntaraõ com pressa quantos homens

Eraõ

(12) A altivez de Leir XIV. foi origem de perigosas guerras. Elle quiz dominar a todos; e todos se ligaraõ contra elle.

Eraõ capazes de tomar as armas
 Implorando o soccorro dos vizinhos
 Povos , a quem suspeitos , e odiosos
 Nos fizeraõ. Partido mais seguro
 Me pareceo tomar logo alguns passos ,
 Que estavaõ nas montanhas mal guardados.
 Sem trabalho os tomámos ; e com isso
 Derrotar elles barbaros he facil.
 Nesses postos mandei fabricar torres , (13)
 Donde podem os nossos com seus tiros
 Affoberbar as inimigas tropas ,
 Que quizerem entrar nas nossas terras
 Descendo das montanhas. Nós as suas
 Podemos invadir , e devastallas
 Quando nos agradar. Por este modo
 Com forças deliquaes combateremos
 Com esta turba de silvestres povos ,
 Que nos rodeaõ. Nem a paz já agora
 Entre nós , e estes povos será facil.
 Nós largar não podemos , sem expor-nos.
 A's suas invasões , aquelles fortes ,
 E elles os temem como cidadellas ,

Que.

(13) As Fortalezas que Luiz XIV. levantou sobre as fronteiras dos seus vizinhos , excitaraõ o seu ciuume. Elle quiz subjugallos , e pôr-se em estado de entrar no seu paiz para opprimillos , e os excitou por isto a fazer muitas vezes penosas invasões nas suas proprias terras.

Que para os reduzir ao cativoiro
 Quizemos empregar. Mentor responde
 A Idomenen: Vós sois hum Rei prudente,
 E quereis que a veruade se descubra
 Sem rebuço. Não sois como elles fracos,
 Que se afluatã de a ver, e *naõ tem brios*
 Para emendar-se, a sua authoridade
 Empregando sómente em sustentarem
 Os erros que commettem. Sabei que esse
 Barbaro povo exemplos de virtude
 Vos deu, pedindo a paz. Era fraqueza?
 Faltauaõ-lhe valor, e expedientes?
 Vós conheceis que não: pois he guerreiro,
 E de tantos vizinhos respeitaveis
 Auxiliado. Porque não seguistes
 Sua moderaçã? Hum pejo indigno,
 E huma triste vaidade este infortunio
 Vos causaraõ. Temestes mais alitivo
 Tornar o inimigo, e *naõ temestes*
 Fazello poderoso, coacervando
 Co' vosso proceder alitivo, e injusto
 A tantos povos contra vós. As torres
 De q' assim blazonais, de mais não servem
 Que pôr em precisaõ vossos vizinhos
 De morrer, ou matar-vos por salvar-se,
 E evitar o imminente cativoiro.
 Por segurança voisa as crigistes,
 E por ellas estais exposto aos p'rigos.

He

He d'hum Estado o mais seguro forte
 A boa fé, moderaçã, justiça,
 E a segurança dos vizinhos povos
 De lhes não usurparem suas terras.
 As mais fortes muralhas cahir podem
 Por muitos accidentes imprevistos.
 A fortuna na guerra he inconstante,
 E cheia de caprichos; mas dos vossos
 Vizinhos a amizade, e a confiança,
 Tendo a vossa prudencia conhecido,
 Fariaõ não soffrer o vosso Estado
 Nunca a derrota, e quasi nunca o ataque;
 Se algum vizinho injusto o atacasse,
 Na sua subsistencia, interessados
 Todos os mais as armas tomariaõ
 Para sua defenfa. Destes povos,
 Que achãõ seus verdadeiros interesses
 Em sustentar os vossos, o socorro
 Muito mais poderoso vos faria,
 Que essas torres, que nada remediaõ
 Os vossos males. Se evitãsseis logo
 De todos os vizinhos o ciuime,
 Floreceria em paz esta nascente
 Cidade, e das Nações da grande Hesperia
 Vós arbriro serieis. Mas agora
 Só resta examinar como o passado
 Se póde reparar para o futuro.
 Vós começastes a dizer, que havia

Va-

Varias Colonias Gregas nesta Costa:
 Devem estar dispostos estes povos
 A soccorrer-vos. Elles não se esquecem
 Do grande nome do incorrupto Minos
 Filho de Jove, nem das vossas lidas
 No longo litio da soberba Troia,
 Onde vos distinguistes tantas vezes
 Pela causa commua a toda a Grecia
 Entre os Principes Gregos. A alliança
 Porque não procurais destas Colonias?
 Ellas, responde o Rei, se resolverão
 A ficarem neutraes. Não porque deixem
 De querer soccorrerme. Mas o grande
 Nome, que teve sempre esta Cidade
 Desde o seu nascimento, os amedrenta.
 Os Gregos, assim como os outros povos,
 Temem que sobre a sua liberdade
 Attentemos. Persuadem-se que tendo
 Das montanhas os barbaros vencido,
 A ambição levaremos mais ao longe.
 (14) Tudo conspira cõtra nós, e os mesmos
 Que não nos fazem guerra descuberta,
 Nos querem abatidos; nem nos deixa

Al-

(14) Elláqui o estado em que se achou muitas vezes Liza XIV. pela desconfiança em que poz todos os seus vizinhos. Aquelles mesmos, que lho não fixerão guerra descuberta, desejaraõ a sua decadencia, temendo o seu poder.

Alliados a inveja. Triste extremo ,
Lhe diz Menor. A' força de quererdes
Pareçer poderoso , o poder vosso
Arruinais ; e em quanto sois objecto
De temor , e averiaõ exteriormente
Aos Comarcaõs , vos exauris de forças
No interior em sustentat tal guerra.
O' muitas vezes infeliz Monarca ,
A quem sua desgraça inda naõ póde
Dar completa instrucçaõ ! Novos defastres
Precisos vos serãõ para aprenderdes
A prever as desgraças , que ameaçaõ
Os maiores Monarcas. Ah , deixai-me
Dispon as coisas , e contai somente
Quaes das Cidades Gregas a alliança
Vos negaõ. He Tarento (15), lhe responde
Idomeneu , a principal. Falante
A fundou ha tres annos. Em Laconia (16)
Ajuntou grande numero de moços
Filhos dessas mulheres , que esquecidas
Dos maridos ausentes no Troiano
Cercos , quando voltaraõ de aplacallos
Trataraõ , os seus erros abjurando

A

(15) Tarento Cidade dos Salentinos na Provincia Messapia , hoje Cidade Arcebisopal da terra de Ottauro.

(16) A Laconia era humna Provincia do Peloponneso , que hoje se chama Tracônia na Morcia.

A numerosa prole , que nascera
 Fóra do matrimonio , e que ignorava
 Seus pais , vivia com soltura estranha :
 As leis severamente a reprimirão.
 Unirão-se a Falante , Cabo árdido ,
 Ambicioso , intrepido , que soube
 Ganhar seus corações com artificios :
 Surgirão nesta Costa , onde fundarãõ
 Outra Lacedemonia com o nome
 De Tarento. Tambem nestes contornos
 Filoteles , (17) que teve gloria tanta
 Em o cerco de Troia , onde as Herculeas
 Fréchas levara , edificou os muros
 De Perilia , (18) sim menos poderosa ,
 Porém mais bem regida que Tarento.
 Em fim está naõ longe Metaponto , (19)
 Que aqui fundou Nestor com os seus Pylios.
 Pois o sabio Nestor (20) tendes na Helperia,
 Men-

(17) Filoteles amigo , e companheiro de Hercules , a quem elle obrigou com juramento , que a ninguum descobrisse o lugar da sua sepultura , presenteando-o com as suas flechas molhadas no sangue da Hydra.

(18) Perilia hoje Petilbiano na Toscana.

(19) Metaponto no Golfo de Tarento.

(20) Nestor filho de Nereu Rei de Pylos na Moréa , muito celebre pela sua prudencia , e eloquencia , e pela sua longa idade , que se diz ter chegado a 300 annos.

Mentor exclama entãõ , e naõ pudestes
 Aos vossos interesses attrahillo ?
 Nestor , que tantas vezes a seu lado
 Vos vira combater contra os Troianos ,
 E de quem a amizade possueis ?
 Perdi-a , disse o Rei , por artificio
 Destes povos , que nada tem de barbaros
 Senãõ o nome. Elles tiveraõ arte
 Para o capacitar , que eu aspirava
 Ser Tyranno da Hesperia. Entãõ lhe disse
 Mentor : Ser-nos-ha facil dissuadillo.
 Telemaco a Nestor tratou em Pylos ,
 Antes de vir fundar esta Colonia ,
 E antes de emprendermos noõs grandes
 Navegações para buscar Ulysses.
 Elle nem deste heróe ha de esquecer-se ,
 Nem dos signacs de affecto , que mostrara
 A seu filho Telemaco. O que importa
 He dissipar o seu receio. A guerra
 Se accendeo das suspeitas , que causastes
 Aos vizinhos ; (21) e á força de extinguiilas
 Ha de pôr termo : eu me encarrego disso.
 Idomeneu , quando isto ouvio , abraça
 A Mentor ; enternece-se ; naõ pôde
 Fallar ; em fim profere estas palavras :
Sa-

(21) Isto , e o que antecede deve entender-se da guerra dos Paizes Baixos em 1667 , e de Hollanda. em 1672.

Sabio Velho, dos Deoses enviado
 Para os meus erros reparar, confesso
 Que me houvera agastado contra outro
 Que fallasse com tanta liberdade ;
 E que só vós podiais obrigarme
 A pedir paz. Estava resoluto
 A morrer, ou vencer meus inimigos :
 Mas devo antes seguir vossos conselhos ,
 Que esta minha paixão. Feliz Telemaco ,
 Não podeis com tal guia despenhar-vos
 Como eu. Sabio Mentor , ordenai tudo
 A divina sciencia em vós se encerra ;
 Nem a mesma Minerva dar podia
 Mais saudaveis conselhos. Quanto tenho
 He vosso ; promettei , dai , e disponde.
 Eu tudo approvarei quanto fizerdes.
 Em quanto assim fallavaõ , de repente
 Se ouviu hum arruido de carroças ,
 Nitridos de cavallos , vozes de homens ,
 Que levantavaõ temerosos huiuos ;
 E os espantosos eccos das trombetas ,
 Que o ar enchiaõ de guerreiro estrondo.
 Logo exclamaraõ : Eis os inimigos ,
 Que rodearaõ tanto por fugirem
 Dos guarnecidos passos , e a Saíento
 Vem sitiar. Os velhos , e mulheres
 Conternados diziaõ : Ah ! deixámos
 A nossa amada patria , a fertil Creta ,

Por

Por seguir a través de vastos mares
A hum Rei infeliz, e huma Cidade
Fundar, que a negras cinzas reduzida
Ha de ser, como Troia. Das muralhas
Se viaõ reluzir no vasto Campo
Os elmos, as couraças, e os escudos
Das inimigas tropas, deslumbrando
Os olhos. Pareciaõ as espelhas
Lanças qual fertil messe, que prepara
Nas campanhas do Enna na Sicilia
Pelo calmoso Estio a loura Ceres,
Ao lavrador recompensando as lidas.
Dos aparelhos bellicos armados
Se avistavaõ os carros. Era facil
Distinguir as Nações belligerantes.
Assomou-se Mentor a huma alta torre
Para melhor descortinar o Campo.
Telemaco, e o Rei de perto o seguem.
Chegou, e vio de hum lado a Filoteris;
D'outro o sabio Nestor, e mais seu filho
Pisistrato. A Nestor a veneravel
Velhice decorava. Entaõ olhando
Mentor a Idomeneu, assim lhe disse:
Cuidaveis que Nestor, e Filoteris
A negar-vos soccorro se estreitavaõ?
Vede-os tomando contra vós as armas:
E se me não engano, aquellas tropas
Que se movem com pausa, e disciplina,
Sab

São de Lacedemonios , commandados
Por Falante. Contrarios vos são touos.
Não ha neste Paiz algum visinho ,
Que não se convertente em inimigo
Sem o quererdes. Assim falla , e desce
Apreñado da torre , e se encaminha
Da Cidade a huma porta , que ficava
No lado , aonde as tropas se avançavaõ.
Mandou-a abrir , e Idomeneu abito
Da magestade com que ordena as coisas ;
Não ouia perguntar-lhe o seu designio.
Mentor acena , que ninguém o siga.
Marcha ao encontro das contrarias hostes
Assombradas de ver que se apresente
Hum homem só. Elle de longe mostra
Hum ramo de oliveira , distinctivo
Da paz ; e quando chega mais ao perto ,
Pede aos Chefes do Exercito se ajuntem ,
E juntos assim falla : O' generosos
Varões , Cabos dos povos que florecem
Na rica Hesperia , sei que só o empenho
Da commun liberdade aqui vos trouxe.
O vosso zelo louvo : permiti-me
Com tudo vos proponha hum meio facil
De conservar a liberdade , e a gloria
Dos vossos povos , sem q' o sangue humano
Se derrame. O' Nestor , a quem diviõ
Neste congresso , vós sabeis que a guerra
He

He funesta inda áquelles , q' a emprendem
 Com justiça , dos Deoses protegidos.
 A guerra he o maior dos males todos ,
 Com q' os Numes opprimem os humanos:
 Jámais esquecereis os crueis males ,
 Que os Gregos por dez annos padeceraõ
 Ante Troia infeliz. Que differenças
 Entre os Chefes ! que tranços da fortuna !
 Que mortandade dos soldados Gregos (des
 Por mãos de Heitor ! Q' estragos nas Cida-
 Mais populosas motivou a guerra
 Na longa ausencia de seus Reis ! Voltando
 Huns fizeraõ em Cáfarõ (22) naufragio ;
 Outros acharaõ defaistrada morte
 No cõllo das esposas. Sacros Deoses ,
 A vossa ira foi que armou os Gregos
 A^a famosa facçaõ. Povos de Hesperia ,
 Eu rogo aos Numes naõ vos dem victõria
 Taõ funesta. He verdade que está Troia
 A cinzas reduzida. Mas seria
 Mais vantajoso á Grecia , que estivesse
 Em toda a sua gloria ; e desfrutasse
 O indigno Páris com a bella Helena
 Seus infames amores. Filotetes
 Tanto tempo infeliz , e abandonado
 Tom. I. T Em

(22) Cáfarõ he o Cabo mais Occidental da Ilha de Negroçõto , hoje Cabo Figueira , ou del Oro.

Em Lemnos, (23) não temeis iguaes desgra-
 Em guerra semelhante? Sei, q' os povos (ças
 De Laconia tambem experimentarão
 Desordens motivadas pela ausencia
 De seus Principes, Cabos, e Soldados,
 Que forão contra 'Troia. O' povos Gregos
 Que vistes a Hesperia, que outra coila
 Vos obrigou a isso, que humna serie
 Dos infortunios da Troiana guerra?
 Acabou de fallar; e se encaminha
 Aos Pylios. Mas Nestor, que o reconhece,
 Se adianta tambem a faudallo.
 O' Mentor, lhe diz elle, torno a vervos
 Cõ prazer. Muitos annos ha q' em Phócis (24)
 Vos vi a vez primeira. Quinze annos
 Tinheis entãõ; mas antevì eu logo
 Que serieis tão sábio, como fostes
 Depois. Mas porque casòs conduzido
 Fostes a estas terras? E que meios
 Tendes para acabardes esta guerra?
 Idomeneu nos obrigou a ella.
 Nós desejamos paz: tem interesse

Qual-

(23) Lemnos. Ilha do mar Egéo hoje Stali-
 mena.

(24) A Phocida, ou Phocis era hum paiz da
 Achaia na Grecia. Hoje he humna parte da Livy-
 dia, e Stramulipa, ou da Achaia moderna depen-
 dente da Turquia na Europa.

Qualquer de nós de a desejar. Mas delle
 Esperar segurança não podemos.
 Quebrou a fé jurada aos seus vizinhos
 Mais proximos. A paz não o seria
 Com elle : serviria de cortar-nos
 Esta liga , nosso unico regresso.
 Mostrou aos outros povos seu projecto
 Ambicioso de os fazer escravos ;
 E não nos reservou outro algum meio
 De defender a nossa liberdade ,
 Que este de arruinar seu novo Reino.
 Sua má fé reduz-nos ao extremo
 De o fazermos morrer , ou sujeitar-nos
 A' servidão. Se achais expediente
 Para fiar-nos delle , e estar seguros
 De huma duravel paz , todos os povos
 Que presentes estão , as suas armas
 Largarão voluntarios , confessando
 Contentes que em sciencia alta vantagem
 Nos levais. Assim disse ; e lhe responde
 Mentor : Sabeis que Ulysses a Telemaco
 Seu filho me entregou. Elle mancebo
 Impaciente de saber noticias
 De seu Pai , navegou primeiro a Pylos ,
 Aonde o recebestes e'os deivélos
 Que elle podia de hum fiel amigo
 De Ulysses esperar. A vósso filho
 Por conductor lhe destes. Sobre os mares

Elle empredeco depois longas derrotas :
 Vio Sicilia , o Egypto , Cypre , e Creta.
 Os ventos , ou os Nuncios o lançaraõ
 Nesta Costa , voltar querendo á patria.
 Nós opportunamente aqui chegámos
 Para poupar o horror da crua guerra.
 Não he Idomeneu , he sim o filho
 De Ulysses , sou eu mesmo os q̃ abonamos
 Quanto aqui se ajustar. Assim fallavaõ.
 Idomeneu , Telemaco , e os Cretenfes
 Armados o observavaõ das ameias
 Dos muros de Saiento , reparando
 Se bem , ou mal feriaõ recebidos
 De Mentor os discursos. Desejavaõ
 Ouvir dos dois Varões as sábias vozes.
 Havia sido sempre reputado
 Nestor pelo mais douto , e mais facundo
 Dos Reis da Grecia. No Troiano assédio
 Elle só moderava a ardente furia
 De Achilles ; a soberba de Agaménon (25)
 De Telamonio Ajax (26) a fereza ,
 E valor furioso de Diomedes.
 A doce persuasão , como torrente

De

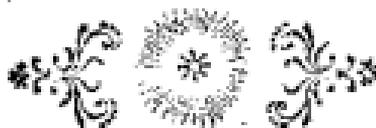
(25) Agamemnon Rei de Micena foi eleito General do Exercito Grego no cerco de Troia.

(26) Ajax filho de Oileo Rei dos Locrios , violou Cassandra no templo de Pallas depois da tomada de Troia , e foi punido com hum raio.

De fivo mel , dos labios seus corria.
Todos estes heróes para o ouvirem
Se calavaõ. Só elle aquietava
A discordia feroz no Grego Campo.
Da gelada velhice os crueis damnos
A sentir começava ; mas ainda
Eraõ de força , e de doçura cheias
As suas vozes. Recontava os casos
Passados , para dar á mocidade
Da sua experiencia lições doutas.
Fallava de vagar ; porém com graça.
Este Velho admirado em toda a Grecia ;
Toda a sua eloquencia , e magestade
Pareceo ter perdido no momento
Em que viraõ Mentor. Sua velhice
Tornou-se murcha , e fria junto á deste ;
Era quem os annos respeitar a força ,
E vigor pareciaõ. As palavras ,
Inda que graves , e singelas , tinhaõ
Força de persuadir , e authoridade ;
Que ao outro já faltava. O que dizia
Era sólido , breve , e concludente.
Naõ repetia : e só o necessario
Para o negocio decidir propunha.
Se de huma coisa só por muitas vezes
Relevava fallar para inculcalla ,
Ou para persuadir , de novas frases
E naturaes comparações usava.

Hum

Hum certo não sei que tinha igualmente
De prazenteiro , e jovial , querendo
A's precisões dos outros ajustar-se ,
E insinuar-lhes sólidas verdades.
Forão estes dois homens venerandos
Espectaculo grato a tantos povos
Unidos. Mas em quanto os Alliados
De Salento inimigos , se empenhavaõ
A aproximar-se para os ver de perto ,
E para ouvir os seus discursos sábios ;
Idomeneu , e os seus ávidas vistas
Lançavaõ , desejosos de entenderem
Suas acções , e o ar de seus semblantes.





L I V R O X I .

E Ntretanto Telemaco impaciente
 Atraveſſando a multidão que o cerca ,
 Caminha á porta , pela qual ſáhira
 Mentor ; e ábrilla manda com imperio.
 Idomeneu cuidando que a ſeu lado
 O tinha , o vê entãõ correr ao Campo ,
 E chegar a Neſtor. Reconheceo-o
Este ; e correo , mas com pezados paſſos ,
 A recebello. Lança-fe ao ſeu collo
 Telemaco , e cerrado ſem fallar-lhe
 O tem entre ſeus braços. Finalmente
 Exclama : Ah caro Pai ! e quanto temo
 Affim chamar-vos. A cruel deſgraça
 De não achar a quem me deu a vida ,
 E a bondade que em vós confitei ſempre ,
 A que me ſirva de tão terno nome
 Liberdade me daõ. E torno a vervos
Querido Pai ! Affim a ver tornaſſe
 A Ulyſſes. Se pudeſſe alguma coiza
 Da ſua grande perda conſolarme ,
 Fora o achar em vós a outro Ulyſſes.
 Conter não pôde o pranto a eſtas vozes
 Neſtor ; e vendo as faces de Telemaco

Com

Com portentosa graça rociadas
De lagrimas, sentio enternecer-se.
A belleza, doçura, e nobre brio
Do incognito mancebo atravessando
Sem precauçaõ as tropas inimigas
Aos Alliados todos enlearaõ.
Será, diziã, por ventura filho
Deste Ancião que ha pouco fallar veio
A Nestor? Certamente: porque em ambas
As idades da vida as mais oppostas
Brilha a mesma prudencia. Ella florece
Apenas n'humã, e já produz na outra
Com abundancia sazoados frutos.
Satisfeito Mentor, vendo a ternura,
Com que Nestor Telemaco acolhia,
Quiz da feliz occasiã valer-se.
Aqui, sabio Nestor (assim começa)
Vendes o filho do famoso Ulysses,
Tãõ caro a toda a Grecia, e a vós mesmo.
Como em refens, e por pehor o entrego.
Elle he o mais precioso, que as promettas
De Idomeneu podia garantir-vos.
Eu não consentiria se seguisse
A' ruina do Pai do filho a perda.
A mísera Penelope icria
Justa razaõ de me exprobrar, que a vida
De seu filho immolara de hum Monarca
A' funesta ambiçaõ. Pois voluntario

Este

Este penhor offercer-se veio ,
E os Deoses immortaes da paz amigos
Vo-lo enviaõ ; ó povos congregados
De Nações taõ diversas , a propovos
Começo as condições de huma paz sólida
E duravel. De paz ouvido o nome,
De fileira em fileira hum rumor vago
Se escutou. As Nações bramiaõ de ira ,
Cuidando que perdiaõ todo o tempo
Que o combate esperado se espaçava.
Criaõ fer todo o fim destes discursos
Esfriar seu furor , ou desviar-lhes
A sua preza. Porém mais que todos
Tolerar os Mandurios naõ podiaõ ,
Que Idomenen de novo os enganasse.
Interromper Mentor por muitas vezes
Quizeraõ , pois temiaõ que com sabios
Discursos desunisse os Alliados.
A suspeitar dos Gregos começavaõ.
Mentor o percebeo , e augmentar-lhes
Quiz a desconfiança , e a discordia
No espirito lançar daquelles povos.
Confesso , assim dizia , que os Mandurios
Tem razão de queixar-se , e de pedirem
Reparaçãõ dos damnos que soffireraõ ;
Mas tambem naõ he justo , que suspeitos
Aos povos do paiz sejaõ os Gregos ,
Que formaraõ aqui novas Colonias.

De-

Devem pelo contrario ser unidos
 Entre si ; e o bom trato dos mais puros
 Grangear. Convém serem moderados
 Sem invadir as terras dos vizinhos.
 Bem sei que Idomeneu teve a desgraça
 De suspeito vos ser : porém he fácil
 Extinguir os receios. Abonamos
 A boa fé do Rei eu , e Telemaco.
 Como em refens em vossa mão ficamos
 Até se effectuar o promettido.
 O que vos agastou foi , ó Mandurios ,
 Ver que as Tropas Cretenses por surpresa
 Se apoderaraõ das montanhas vossas ,
 Por ter facil entrada no terreno
 Onde vos retrahistes. Esses passos
 De bastiões , e tropas guarnecidos
 A verdadeira causa desta guerra
 Saõ ; ou se ha outra em boa paz dizci-mos
 Dos Mandurios entãõ sahe fóra o Cabo ,
 E desta sorte diz : Que naõ obrámos
 Para evitar a guerra ? Testemunhas
 Os Nubes nos serãõ , que só deixámos
 A paz , quando de nós já sem regresso
 A paz se retirou , (1) pela inquietta

Am-

(1) Tal foi sempre a expressãõ dos Holles-
 dozes a respeito dos Francezes. Elles queriaõ tellos
 por amigos , mas naõ por vizinhos. A ambiçãõ
 inquietta de Luiz XIV. lhes fez temer a sua visi-

Ambição dos Cretenſes , que impoſſível
 Nos fez acreditar ſeus juramentos.
 Inſenſata Nação , que nos forçaſtes
 A' cruel preciſão de procurarmos
 Na tua perda a ſegurança noſſa !
 Em quanto conſervarem eſſes poſtos ,
 Creremos ſempre , q' uſurpar-nos querem
 As noſſas terras. Se elles ſó tratassem
 De viverem em paz c'os ſeus viſinhos ,
 Contentar-se-hiaõ do que nós ſem custo
 Lhes cedemos. Mas vós , ó ſabio Velho ,
 Inda o naõ conheceis. Nós por deſgraça
 Já temos aprendido a conhecello.
 Ceſſai pois , ó Varaõ do Ceo querido ,
 De retardar-nos huma guerra juſta
 E neceſſaria , ſem a qual naõ póde
 Mais conſeguir a Heſperia paz ſegura :
 Nação cruel , enganadora , ingrata ,
 Que os Deoſes agastados nos mandaraõ
 Para nos caſtigar. Porém , ó Deoſes ,
 Havendo-nos punido , menos juſtos
 Naõ ſereis contra os noſſos inimigos.
 Tambem os punireis. A eſtas vozes
 Se alterou o Congreſſo. Pareciaõ
 Ir pelos corações Marte , e Bellona

De

nção : e ſó ſe deraõ por ſeguros , quando ſe le-
 vantou huma forte barreira entre eſte Príncipe ,
 e elles.

De fleira em fleira dos combates
 Accendendo o furor , que forcejava
 Mentor por apagar. Porém desta arte
 Elle torna a dizer : Se eu só promeſſas
 Tiveſſe que fazer-vos , rejeitallas
 Poderieis : porém coifas presentes ,
 E certas vos offerço. Se a Telemaco
 E a mim ter em refens vos não contenta ;
 Vos farei dar a doze dos mais nobres ,
 E mais ricos Cretenſes ; mas he juſto
 Que tambem deis refens da voſſa parte :
 Por quanto Idomeneu ſim appetee
 A paz , mas ſem pavor , e ſem vileza.
 He , como foi em vós , eſte deſejo
 Nacido de prudencia , e não de medo
 Na preſença dos p'rigos , com que a guerra
 Os homens ameaça. Está diſpoſto
 A vencer , ou morrer ; porém quer antes
 Que brilhante victoria , paz ſegura.
 Não teme ſer vencido : ſó reccia
 Ser injuſto ; e não julga ſer deſhonra
 Os erros reparar. A paz offerce
 Com as armas na mão. Não quer altivo
 Impor as condições ; (2) pois paz forçada
 Não

(2) Luiz XIV. fez o contrario na paz de Nimega , que não extinguiu os ciúmes ; e reſentimentos das Potencias contratantes , as quaes ſe levantaraõ depois com mais força que dantes.

Naõ préza : quer que fiquem satisfeitas
Mutuamente as Nações belligerantes ;
Que findem o rancor , receio , e zelos.
Em fim té sentimentos , quaes vós mesmos
Lhe desejais. Só falta persuadir-vos ;
O que naõ he difficil , se escutarme
Quizerdes com espirito tranquillo.
Escutai fim , ó povos valerosos ,
E vós prudentes Cabos , o que offreço
De Idomeneu no nome. Naõ he justo
Entrar elle nas terras dos vizinhos ;
Mas tambem naõ he justo que estes entrem
Nas suas. Naõ duvida , que elles postos
Que elle fortificou com altas torres ,
Sejaõ de neutras tropas guarnecidos.
Vós Filotetes , vós Nestor sois Gregos :
Mas nesta occasiaõ vos declarastes
A Idomeneu contrarios , e suspicitos
Deixais de ser por isto. Só vos move ;
O publico interesse do socego ,
E liberdade das Nações de Hesperia.
Vós desses passios , desta guerra origem ;
Os guardas sede. Menos interesse
Naõ tendes de impedir , que destruida
Seja Salento semelhante á vossa
Colonia , que atalhar que dos vizinhos
Povos Idomeneu usurpe as terras.
Guardai entre huns e outros o equilibrio.
Em

Em lugar de invadir com ferro , e fogo
 Nação , que amar deveis , tomai a gloria
De serdes seu juiz , e mediãneiro (3).
 Vós estas condições tereis por boas ,
 Se por Idomeneu forem cumpridas.
 Mas vou satisfazer vosso receio.
 Por mutua segurança os refens tendes
 De que já vos fallei , até que os postos
 Pleiteados na vossa mão se ponhaõ.
 Quando de Hesperia toda o salvamento ,
 O bem de Idomeneu , e o da recente
 Salento em vossas mãos estiver posto ,
 Darvos-heis por contentes ? De quem pôde
 Haver desconfiança ? De vós mesmos ?
 Vós naõ ousais de Idomeneu fiar-vos ;
 E elle de vós se fia. Taõ sincero
 He o seu coração. Sim , elle fia
 De vós a paz , a vida , e liberdade
 De todo o povo seu , e de si mesmo.
 Se de sincera paz tendes desejos ,
 Ella se vos presenta , e os vãos pretextos
 De a recusar vos tira ? Finalmente
 Naõ penseis , que he o medo quem obriga

Fa-

(3) Assim o Rei de Inglaterra , e os Estados
 Gerais das Provincias Unidas foram mediãneiros
 da paz de Aix-la-Chapelle , que o Rei fez em
 1668 quasi por necessidade. Mas o tratado de me-
 diação se voltou depressa em prejuizo dos últi-
 mos Mediãneiros.

Fazer Idomencu estas offertas (4):

A prudencia, e justiça he que o empenhaõ

Para hum partido tal; e naõ llic importa

Que a virtude toméis por cobardia.

Fez erros ao principio, e tem por gloria

Confessallos, quando isto vos offrece.

He fraqueza, e vaidade, he ignorancia

Grossieira dos seus proprios interesses

Com força, e altivez visiveis erros

Pertender occultar. O que confessa

Seus erros, e se offrece a reparallos,

Nisto faz ver que tem chegado ao auge

De mais naõ commetellos. Sua justa

Conduçta o inimigo temer deve.

Com cuidado evitaí que elle vos ponha

Na femrazaõ. Se á paz, e á justiça

Que vos buscaõ, fugís, estas virtudes

Se vingaráõ. Idomeneu, que deve

Temer achar os Numes agastados,

Fará, que contra vós depois se voltem.

Telemaco, e eu tambem combateremos

Pela causa que he justa. Attesto aos Deoses

Do ethereo Ceo, e do profundo Averno

As justas condições, que vos commetto.

Ten-

(4) Eisaqui como fallava Luiz XIV. Elle cobrava sempre com espectosos pretextos de moderação, e justiça a necessidade em que estava de fazer a paz.

Tendo fallado assim , Mentor o braço
Ergue para mostrar a tantos povos
O ramo de oliveira , que na dextra
Tinha em final de paz. Entaõ ficaraõ,
Vendo-o de perto , os Cabos affombrados
Do fogo divinal , que nos seus olhos
Brilhava. Apparecia no seu rosto
Authoridade tal , que entre os humanos
Jámais se vio. A sua voz suave
É forte os corações arrebatava ,
Quaes mágicas palavras no silencio
Da noite a lua paraõ , e as estrellas ;
O bravo mar serenaõ , refreando
As procellas , e os ventos ; e suspendem
De grandes rios rápidas correntes.
Mentor entre estes povos indignados
Estava , como Bacco , quando os tigres
O rodeavaõ para os pés lamber-lhe ,
Pelo poder da sua voz sonora
Attranidos. Entaõ em todo o Exercito
Houve hum alto silencio de repente.
Os Capitães se olhavaõ huns aos outros ,
Naõ podendo fazer-lhe resistencia ,
Nem comprehender quem era. Toda a tropa
Immovel tinha nelle os olhos fitos.
Naõ ousavaõ fallar-lhe , recendo
Que se elle proseguisse , percebello
Naõ podessem. Ainda que mais nada

Ha-

Havia que accrescer aos seus discursos ,
 Gostavaõ , que fallasse inda mais tempo.
 Nos corações gravado o que lhe ouviraõ
 Lhes ficou. Mas passado largo espaço
 De silencio , se ergueo hum rumor vago :
 Não eraõ vozes de quem brama irado ;
 Mas hum murmurio brando , e favoravel.
 Em seus semblantes reluzia hum certo
 Ar tranquillo , e affavel. Os Mandurios
 Taõ irados sentiaõ suas armas
 Das mãos cahir-lhes. O feroz Falante
 C'os seus Lacedemonios espantados
 Ficaraõ de sentir suas entranhas
 Enternecidas. Pela paz ditosa ,
 Que lhes fora indicada , suspiravaõ
 Os outros. Filorettes , que as desgraças
 Tornaraõ mais sensível , não podia
 As lagrimas conter. O sobressalto
 Em que ficou Nestor ouvindo o sabio
 Discurso de Mentor , no peito as vozes
 Lhe embargava. Abraçou-o com ternura ,
 E o povo todo a hũ tempo como a hũ certo
 Sinal exclama : Paz. O' sabio Velho ,
 De nossas mãos nos arrancais as armas.
 Nestor pouco depois quiz hum discurso
 Começar : mas as tropas impacientes ,
 Temendo que elle obstaculos quizesse
 Lembrar , de Paz o nome repetiraõ.

Contentou-se Nestor , vendo atalhado
 O seu discurso , com dizer : O' sábio
 Mentor , vede o que pôde de hum honrado
 Homem o dito. Se a virtude fallá ,
 Ou a sabedoria , as paixões todas
 Se ferenaõ. O nosso agastamento
 Tornou-se em amizade , e paz sincera.
 Ao mesmo tempo os Cabos estenderaõ
 As mãos para final de que convinhaõ.
 Mentor correo á porta de Salento
 Para a mandar abrir , e que sahisse
 Dizer a Idomeneu , pois já não tinha
 Que reccar. Nestor em tanto abraça
 Telemaco , dizendo : Amavel filho
 Do mais sábio dos Gregos , o Ceo queira
 Seja's tão sábio , e mais feliz do que elle.
 Seu destino ignorais. Ah ! a lembrança
 De vosso Pai valco para extinguir-nos
 As iras. Té Falante inexoravel ,
 Inda que nunca havia visto a Ulysses ,
 Não deixou de abalar-se co'as desgraças
 Suas , e de seu filho parecido
 Tanto a seu Pai. Instavaõ a Telemaco
 Contra-se os seus successos : mas chugaraõ
 Mentor , e Idomeneu acompanhados
 Dos mancebos Cretenses. Atcar-se
 De Idomeneu á vista (5) os Alliados

Sen-

(5) Quando Luiz XIV. apparecia diante dos

Sentiráõ seu rancor : mas as palavras
 De Mentor apagaraõ este fogo
 Proximo a rebentar. Porque tardamos ,
 Disse elle , em concluir esta alliança ,
 De que serãõ os Numes testemunhas
 E defensores ? Elles contra o impio ,
 Que a quizer quebrantar, tomem vingança.
 Caiãõ sobre a cabeça do perjuro ,
 Que aos pés calcar da Paz os sacros foros ,
 Da guerra os males , longe de opprimirem
 A multidãõ dos innocentes povos.
 Dos homens , e dos Deoses derestado ,
 Já mais goze dos frutos da perfidia.
 Do Averno as furias , e as mais medonhas
 Figuras , venhaõ excitar-lhe a raiva.
 Sem esperar piedosa sepultura
 Caia morto , e seu corpo seja preza
 De cães , e de milhafres ; e do negro
 Tartaro nos abyssos mais profundos.
 Seja mais cruelmente atormentado
 Do que Ixion Tantaló, e de Danao as filhas:
 Antes seja esta paz tão inconcussa ,
 Qual a rocha de Athlante (6) que sustenta

U ii

O

Cidades fronteiras , ou tomava posse de alguma
 nova conquista , os povos não podião vello sem
 terror. Mas o que os Franceses attribuiãõ á admi-
 ração , era antes effeito da indignação dos es-
 tranheiros.

(6) Athlante Rei da Mauritania , grande Af-

O Ceo. Os povos todos a respeitem ;
 E os vindouros se logrem de seus frutos.
 Com amor , e respeito ouçaõ-se os nomes
 Dos que jurarem esta paz , na boca
 Dos nossos netos. Pois he paz fundada
 Em verdade , e justiça , das mais todas
 Seja o modelo entre as Nações da terra ;
 E os povos , que felizes ser quizerem
 Por meio de alianças , os de Hesperia
 Procurem imitar. À estas vozes
 Idomeneu , e os outros Reis juraraõ
 A paz , co'as condições estipuladas.
 Deraõ doze refens de ambas as partes.
 Entre os de Idomeneu quiz ser contado
 Telemaco : Mentor foi excluido.
 Quizerãõ , que ficasse acompanhando
 Idomeneu , para a conducta sua ,
 E a dos Cretenfes regular , em quanto
 Se dava execuçaõ ao promettido.
 Entre a Cidade , e o Campo se immolaraõ
 Cem vacas brancas , e cem alvos touros
 Co' a frente ornada de festões de flores.
 Nas vizinhas montanhas refecavaõ
 Das victimas , que ao golpe do cutello
 Sagrado succumbiaõ , os horriceis

Ber-

trologo , que a fabula mudou em huma rocha
 fergada até ás nuvens , e que em seus hombros
 sustentava o Firmamento.

Berros. Corria o fumegante sangue.
 Nas libações (7) hum exquisito vinho
 Se vertia. Os *Haruspices* (8) das rzes
 As entranhas ainda palpitantes
 Consultavaõ , em quanto sobre as aras
 Os Flamines queimavaõ o votivo
 Incenso , que formando espessa nuvem ,
 De seu bom cheiro os campos perfumava:
 Os soldados porém dos dois partidos ,
 Deixando de se olhar como inimigos ,
 Contavaõ huns aos outros seus successos!
 Já das duras fadigas descansavaõ ,
 E as dôçuras da paz gostavaõ d'antes.
 Muítos , que Idomeneu acompanharaõ ,
 De Troia ao cerco , os de Nestor q haviaõ
 Com elles combatido , conheceraõ.
 Com ternura abraçados mutuamente
 Contaõ o que lhes tinha acontecido ,
 Expugnada a soberba fortaleza ,
 Que até-li fora ornato da Asia toda.
 Ora deitados sobre a verde grama ,
 Ora croados de mimofas flores ,
 Bebiaõ juntos generoso vinho ,

Que

(7) As Libações erã effuções de vinho , ou outro licor , feitas em honra das fallas Divindades.

(8) *Haruspices* erã huns advinhadores , que interpretavaõ os prodigios , e prediziaõ os successos futuros pelas entranhas das victimas.

Que vinha da Cidade em grandes taças
Para solemnizarem taõ bom dia.

Mentor exclama entaõ : O Reis , ó Cabos
Congregados , jágora com diversos
Nomes , debaixo de diversos Chefes
Hum só povo fareis. Os justos Nomes
Amadores dos homens que formaraõ ,
Assim querem que seja eterno o laço
Da perfeita uniaõ , que elles ter devem.
Nem o genero humano he mais que huma
Família derramada pela face
De toda a terra. Saõ os povos todos
Irmãos , e como taes amar-se devem.
Desgraçados os impios , que procuraõ
De seus irmãos no sangue q̃ he seu proprio
Huma guerra cruel. He necessaria
A guerra as vezes : porém he deshonra
Dos mortaes , que ella seja inevitavel
Em certos casos. Naõ digais , ó Cabos ,
Que deve desejar-se para a gloria
Conseguir ; porque a gloria verdadeira
Fóra da humanidade se naõ acha.
Quem a prefere aos sentimentos desta ,
He monstro de soberba , e naõ hum homem ;
Naõ chegará senaõ á gloria falsa ;
Por quanto a verdadeira só se encontra
Na bondade , e prudencia. Com lifonjas
Contentará sua vaidade louca ;

Mas

Mas dirá em segredo , se a verdade
Lisamente fallar , que tanto menos
A gloria mereceo , quanto he injusto
O desejo de a ter. Porque taõ pouco
Os homens estimou , e o sangue humano
Por vaidade brutal prodigou tanto ,
Tambem naõ devem estimallo os homens;
Feliz aquelle Rei que ama o seu povo ,
E he delle amado ; que nos seus vizinhos
Confia , e lhes merece a confiança ;
Que longe de fazer-lhes cruel guerra
Lhes evita discordias intestinas ;
E que faz invejar ás estrangeiras
Nações todas a dita dos vassallos ,
Que o té por seu Monarca. Congregai-vos ,
Vós que regeis de Hesperia as mais famosas
Cidades , aos triennios , para a nova
Alliança firmar , deliberando
Sobre interesses publicos. Em quanto
A sãim fordes unidos , paz , e gloria ,
E abundancia tereis entre vós outros :
Sereis para os estranhos invenciveis.
Só a discordia , que sabio do Averno
Para opprimir os homens , turbar póde
A fortuna , que os Deoses vos destinaõ.
Nestor lhes respondeo : Pois aceitamos
Taõ facilmente a paz , vedes o quanto
Estamos longe de querer a guerra

Por

Por gloria vã , ou por cubiça injusta
 De avultarmos com perda dos vizinhos.
 Mas que pôde fazer-se acontecendo
 Ter por vizinho hum Principe violento ,
 Que outra lei não conhece que o seu proprio
 Interese , e escapar não deixa alguma
 Idonea occasião , para os alheios
 Estados invadir ? (9) Eu não alludo
 Aqui a Idomeneu. (10) Delle não tenho
 Esta idéa. He Adrasto , (11) Rei dos Dau-
 Quem devemos temer, porq̃ despreza (nios,
 Os Deoses , e imagina que nascidos

Só-

(9) A fé dos Tratados não segurava os Príncipes vizinhos de Luiz XIV. contra as suas violencias. O nimio desejo , que elle tinha de engrandecer-se , lhez fazia temer , durante a paz , os projectos , que formava para renovar a guerra.

(10) Muitas coisas que aqui se dizem de Idomeneu , quadraõ perfeitamente a Luiz XIV; mas com tudo elle não he a figura desse ultimo Rei. Adrasto he o emblema verdadeiro desse Monarca pela conformidade das suas inclinações. Luiz XIV. que julgava os homens nascidos para servirem á sua gloria , não queria senão escravos , e adula-
 dores : pretendendo honras divinas , e consentindo expressões orgulhosas. Elle seria , como Adra-
 to , hum Rei perfeito , se a justiça , e boa fé regulassem a sua conducta.

(11) Adrasto era Rei de Argos , e dos Da-
 nões povos da Apulia.

Sómente os homens são para servirem
A sua gloria. Elle não quer vassallos
Para ser Rei, e Pai; mas quer escravos
E adoradores. Manda que lhe prestem
Honras divinas. Até aqui a cega
Fortuna o ajudou em seus desígnios.
O bloqueio apressámos de Salento,
Para nos desfazermos do mais fraco
De nossos inimigos, que fazia
De novo assento nesta fértil Costa,
E voltarmos depois as duras armas
Contra aquelle inimigo poderoso,
Que já tomou aos Aliados nossos
Muitas Cidades. Já os de Crotona
Duas vezes desfez. Dos meios todos
Para faltar sua ambição se serve.
Com cile astucia, e força vale o mesmo,
Com tanto que asoberbe os inimigos.
Juntou grandes thesouros. Suas tropas
São guerreiras, e bem disciplinadas;
E expertos os seus Cabos. Bem servido.
He dos vassallos; porque sabe os premios
E as penas repartir. O seu esforço
O das tropas anima. Elle seria
Perfeito Rei, se a boa fé seguisse,
E prezasse a justiça; mas nem tanto
Os sacros Nomes, nem da consciencia
Os remorsos. Em nada a boa fama

Ava-

Avalia , e a julga hum vaõ fantasma ,
 Capaz fó de prender animos fracos.
 Conta fó por hum bem real , e sólido
 A vantagem de ter riquezas grandes ,
 Ser temido , e pizar aos pés os homeng.
 Cedo appareceráõ nas noílas terras
 As suas tropas. Se de tantos povos
 A uniaõ naõ nos poem em bom estado
 De resistir-lhe , nos será tirada
 Da liberdade a esperança. He interesse
 De Idomeneu tambem oppor-se a este
 Viñho , que naõ soffre que alguem viva
 Na sua viñhança em liberdade.
 Se nós formos vencidos , ameaça
 A Salento defgraça semelhante.
 Apreſſemo-nos pois a prevenilla
 Todos juntos. Em quanto assim fallava
 Nestor , se encaminhavaõ á Cidade :
 Por quanto Idomeneu tinha rogado (ſeu
 Aos Reis , e aos Cabos principaes , q̃ entraſ-
 Para nella pouſar aquella noite.





L I V R O XII.

AS Tropas alliadas se acampavaõ ;
 E o campo marizavaõ as diversas
 Cores dos ricos pavilhões , aonde
 Esperavaõ o somno fatigados
 Os Hesperios. Entaõ os Reis entraraõ
 Co' a sua comitiva na Cidade.
 Assombrou-os o ver os sumptuosos
 Edificios em breve tempo erguidos ,
 E que (1) á nova Cidade naõ servisse
 De algum estorvo taõ prolixa guerra.
 Louvaraõ a prudencia , e vigilancia
 De Idomeneu , que hum Reino taõ notavel
 Fundara. Os Alliados reflectiraõ ,
 Que feita a paz , em forças cresceriaõ ,
 Se elle entrasse na liga contra os Daunios.
 Consultaraõ o Rei , que naõ podendo
 Con-

(1) Ainda que Idomeneu naõ seja o emblema
 de Luiz XIV. em todos os respeitos , e que aqui se
 diz naõ deixa de respeitar ao Monarca Francez. Nun-
 ca a guerra lhe impedia o satisfazer a sua paixãõ pe-
 los edificios , e jardins , cujas enormes despesas jun-
 tas ás que a guerra fazia necessãrias , esgotaraõ de
 fozgas o Reino , e o reduziraõ a estado deploravel.

Contradizer proposição tão justa ,
 Lhes prometteo soccorro. Porém vendo
 Menor , que as suas forças tão robustas
 Não eraõ , como aos outros pareciaõ ;
 Porque não ignorava o que convinha
 Para fazer hum Reino florecente ;
 Retirando-o de parte , assim lhe disse :
 Sabeis que os meus desvêlos não tem sido
 Inuteis. Já Salento da desgraça
 Que a assombrava , citá salva. Só depende
 De vós , que a sua gloria se remonte
 Ao Ceo , e que igualeis vosso avô Minos ;
 Governando como elle o vosso povo.
 Continûo a fallarvos livremente ,
 Pois o quereis , e abominais as baixas
 Lisongjas. Quando da grandeza vossa
 Estes Reis se assombravaõ , eu notava
 O vosso proceder tão temerario.
 Madou de côr Idomeneu a cita
 Palavra. Alvorotaraõ-se os seus olhos :
 Córou : Pouco faltou que interrompesse
 Mentor , para mostrar-lhe o seu desgosto.
 Mentor com tom modesto , e respeitoso ,
 Porém livre , e sem susto : Esta palavra
 Vos alterou , lhe disse : Qualquer outro
 Mal faria em dizella ; pois se deve
 O respeito , e resguardo aos Reis , ainda
 Quando saõ advertidos. A verdade
Nua ;

Não , e sem ser vestida de acres termos
Basta a estimulallos : porém penso
Que podieis soffrer que eu vos fallasse
Sem rebuço , mostrando os vossos erros.
He só o meu designio costumavros
A conhecer as coizas por seus nomes ,
E a mostrarvos q quando os mais vos deré
Conselhos não teráõ constancia tanta
Para dizervos tudo quanto pensaõ.
Se dezejais não serdes enganado ,
Deveis comprehender mais do q ouvirdes
A quem vos diga coizas que desgoitem.
Quanto necessitais adoçar quero
Minhas palavras ; mas notai quam util
Vos será hum sujeito que vos falle
Sem occulta tenção , sem interesse ,
Bem q em segredo huma aspera linguagem ;
Nenhum outro ousará assim fallar-vos.
Nem vereis a verdade descuberta ,
Mas adornada de affectados trajés.
Então do seu primeiro movimento
Tornado Idomencu , do seu melindre
Se envergonhou. Notai o quanto pôde
O costume de ser lisongeado ,
Lhe disse : A salvação deste nascente
Reino vos devo ; e em fim não ha verdade
Que feliz me não julgue por ouvilla
Da vossa boca. Mas piedade tende

De

De hum Rei pela lisonja envenenado, (2)
 Que nem entre as desgraças achar pôde
 Homens tão generosos, que dizer-lhe
 A verdade quizessem. Ninguem me ama
 Tanto, que á custa de me dar desgosto
 Sem reboço a verdade me descubra.
 Fallando assim, a Idomeneu dos olhos
 As lagrimas corriaõ. Ternamente
 Mentor o abraçou; e assim lhe disse:
 Estou com magoa minha precisado
 A dizer coisas acres. Porém devo
 Enganarvos, deixando de dizervos
 A verdade? Se fostes enganado,
 Vós o quizestes ser, porque os sinceros
 Conselheiros temeis. Ecolhestes
 Homens rectos, e proprios a se opporem
 Contra as vossas paixões? Os lisonjeiros
 Arredastes de vós? Não: não fizestes
 O que fazem aquelles, que a verdade
 Estimãõ, e crecem com elle.
 Venci com tudo se valor bastante
 Tendes para á verdade que vos culpa
 Vos humilhardeis. Eu havia dito
 Que o que vos grangeou tantos louvores

Só

(2) Luiz XIV. tinha isto de commum com Idomeneu. Envenenado desde a infancia pela lisonja, não pôde ainda nas suas desgraças achar homens tão generosos, que lhe descobrissem a verdade.

Só mercede censura. Ao mesmo tempo,
 Que tantos inimigos affombravaõ
 De fóra o vosso Reino mal seguro,
 Trataveis dentro da Cidade nova
 Só de erguerdes soberbos edificios.
 Foi o que vos custou tantas vigílias,
 Como já confessastes. Exhaustes
 Tantos thesouros, (3) sem o vosso povo
 Augmentardes, (4) ou desta fertil Costa
 Cul-

(3) A Povoação, e a Agricultura são o fundamento das verdadeiras forças de hum Estado. Quanto mais braços ha em hum Paiz, tanto elle he mais poderoso. São as bases da povoação a liberdade, a segurança, a facilidade de subsistir. Os meios proprios de promover a povoação são: 1. Indegar, e calcular o numero, e estado actual dos habitantes. 2. Augmentar esse mesmo numero. 3. Attrahir os estrangeiros. 4. Apartar os obstaculos, que se oppoem á propagação, como a libertinagem, e a cubriaguez. 5. Prevenir a carestia dos viveres.

(4) Hum dos primeiros cuidados da Policia deve ser o da Agricultura. Ella faz a verdadeira riqueza do Paiz. Os meios proprios de a promover são: 1. Instruir os Agricultores. 2. Fazer produzir novas plantas, proprias da qualidade das terras. 3. Augmentar o producto das que já estão cultivadas. 4. Fazer conservar as suas produções. 5. Facilitar a exportação dos generos produzidos. 6. Remover os obstaculos, por exemplo, as aguas estagnadas, e a grande quantidade de maros. 7. Formar Sociedades economicas. Estabelecer em hum Paiz artes, e com-

Cultivardes os campos. Não convinha
 Olhar estes dois pontos como firmes
 Bases do poder vosso ; ter vassallos
 Muitos , e bons , e terras cultivadas
 Para os manter ? Agora dilatada
 Paz vos convinha , que do vosso povo
 Amparasse o augmento ; nem devicis
 Cuidar senão em fabricar as terras ,
 E promulgar leis sábias. Mas a louca
 Ambição vos arrasta até á borda
 Do precipicio. A' força de quererdes
 Parecer poderoso , procuraveis
 Destruir a grandeza verdadeira ,
 A qual consiste em reparar os erros.
 Fazei parar as magestosas obras :
 Renunciai ao fasto , que á Cidade
 A ruina trará. Deixai , que em branda
 Paz respirem os povos. Applicai-vos
 A dar-lhes a abundancia, e os (5) conforcios
1. hes

inercio antes de aperfeiçoar a agricultura , he come-
 çar a obra por onde deve acabar.

(5) Duas pessoas de diferentes sexos , que pô-
 dem facilmente prover a sua subsistencia , e a de seus
 filhos , não hesitão em casar-se. Os meios de pro-
 mover os conforcios , são : 1. Dotar as donzellas.
 2. Dar premios , e privilegios aos casados , privando
 destas vantagens os solteiros. 3. Proibir as desperas
 dos matrimonios. 4. Prover a educação , e subsis-
 tencia dos filhos pobres.

Lhes facilite. Vós sois Rei em quanto
 Tendes vassallos que reger ; e o vosso
 Poder pela extensão de muitas terras
 Não se deve medir , mas pelo numero
 Dos homens que as habitão. Hum pequeno
 Reino senhoreai ; porém cubri-o
 De muita gente bem disciplinada
 E forte ; grangeai-lhe o seu affecto ;
 Sereis muito mais forte , glorioso ,
 E feliz , que elles vãos conquistadores.
 Mas , tornal domencu , como hei de haverme
 Com estes Reis ? As minhas poucas forças
 Confessarei ? He certo que a cultura
 Das terras, e o (6) commercio , q̄ tão facil
 Tom. I. X Nesta

(6) O commercio he huma commutação reciproca do superfluo pelo necessario ; ou de humas fazendas , e generos por outros ; ou pelo dinheiro , que representa o seu valor. Elle he interior , ou exterior. O exterior consiste , ou em fazer entrar no Paiz generos da primeira necessidade em troca do dinheiro ; ou em comprar generos de huma Nação para os vender a outra ; ou em vender ás outras Nações os generos do proprio Paiz. O commercio mais vantajoso, e seguro , he o do terceiro genero. O interior se funda no maior consumo das produções , e generos de hum districto a respeito do outro ; e na differença destas produções segundo as Provincias. Para ter a balança do commercio favoravel he necessario : 1. Diminir a importação , restringindo-a aos generos de primeira necessidade. 2. Augmen-

Nesta risonha Costa me seria ,
 Desprezei. Só cuidavá em fundar huma
 Magnifica Cidade. No congresso
 De tantos Reis convém que me aniquille
 Mostrando-me impudente? Se isto hé justo,
 Sem hesitar , caro Mentor , o faço ,
 Ainda que me custe ; pois que deve ,
 Como aprendi de vós , hum Rei perfeito
 Ser todo do seu povo , preferindo
 A' propria fama o bem de seus vassallos.
 Réplicou-lhe Mentor : Esse dictame
 Hé bem proprio de hũ pai de seus vassallos.
 Dessa bondade , e não da vã grandeza
 Da recente magnifica Cidade ,
 Hé que eu infiro ser o vosso peito
 De hum verdadeiro Rei. A vossa honra
 Resguardar vos convém por interesse
 Do mesmo vosso Reino. Em fim deixai-me.
 Farei que aquelles Reis se persuadaõ
De

tar a nossa espartaçã. Nada he tão essencial ao
 commercio como o bom credito de hum Estado.
 Os principaes meios de facilitar o commercio sãõ :
 1. Cultivar a industria dos habitantes 2. Promo-
 ver as artes , e a agricultura. 3. Adaptar a nave-
 gaçã. 4. Estabelecer os mercados publicos. 5. Di-
 minuir os impostos respectivamente ás artes , e
 manufacturas. 6. Punir severamente as quebras do-
 losas. 7. Fazer expedir com brevidade as causas ,
 e negocios mercantis.

De que estais empenhado ao Reino de Itaca
Restituir Ulysses, se for vivo,

Ou ao menos seu filho, e dos amantes

Peneiope livrar á força de armas.

Verão que pede tropas numerosas

Esta facção, ficando satisfeitos

Q' hñ pequeno soccorro contra os Daunios

Lhe deis. Idomeneu a estas vozes

Pareceo como hum homem, que de grave

Pezo alliviaõ. Vós salvais, exclama,

O' Caro amigo, assim a minha honra,

Como o credito deste novo Estado,

Cuja fraqueza a todos meus vizinhos

Encubris. Mas que mostras de verdade

Tem o dizer que quero enviar tropas

A' Ilha de Itaca a favor de Ulysses,

Ou de seu filho ao menos, quando o proprio

Telemaco empenhado está na guerra

Dos Daunios? Socegai, Mentor replica;

Que o que eu disser será sempre a verdade.

Os navios por causa de commercio

Por vós de Epiro ás Costas enviados,

Terão dois fins. He hum os estrangeiros

Mercadores chamar ao vosso Reino,

Donde os grandes tributos os affastão;

Outro de Ulysses indagar noticias.

Se for vivo, não ha de estar mui longe

Destes mares, que de Itaca separão

A Grecia ; pois affirmas , que foi visto
 Entre os Feaces. Quando não se espere
 Tornar a-vello , serviráo ao menos
 A seu filho , espalhando assim em Itaca,
 Como em todos os Reinos convizinhos ,
 Grande respeito ao nome de Telemaco ,
 Que já , como a seu Pai , teráo por morto.
 Ficarão assombrados de Penelope
 Os amantes , sabendo que se apresta
 Para voltar á Patria c'os soccorros
 De hum poderoso Rei. Assim os Itacos
 Não se rebellaráo ; e consolada
 Recusará Penelope outro esposo.
 Servireis a Telemaco d'esta arte ,
 Em tanto que elle faz as voilas vezes
 C'os Hesperios na guerra cõtra os Daunios.
 Interrompendo-o , Idomeneu exclama :
 Feliz o Rei a quem conselhos sabios
 Sustentaõ ! Hum fiel , e sabio amigo
 Vale mais a hum Rei , que muitas tropas
 Vencedoras. Mas duas , e tres vezes
 Feliz o Rei , que sabe fazer uso
 Dos conselhos prudentes , conhecendo
 Sua felicidade ; pois affastaõ
 A' vezes de seu lado os virtuosos
 E sabios , de quem temem a virtude ,
 Para ouvir lisongeiros , não temendo
 Sua traiçaõ ! Eu mesmo neste erro

Cabi :

Cahi : e contarei quantas desgraças
Tenho soffrido por hum falso amigo ,
O qual minhas paixões lifongcava ,
Eſperando de mim o meſmo ás ſuas.
Foi facil a Mentor aos Alliados
Perſuadir , que Idomenen devia
Promover os negocios de Telemaco ,
Em quanto eſte com elles combatelle.
Ficaraõ ſatisfeitos com levarem
Telemaco , e mais com Cretenſes moços ;
Que Idomeneu lhe deu por companhia ,
E que tirou da principal nobreza
Que trouxera de Creta. Que os mandaffe
Mentor lhe aconselhou , aſſim dizendo :
Durante a paz convém tomar cuidado
De augmentar as familias ; mas no ocio
Naõ deve entorpecer a Naçaõ toda ,
A ſciencia da guerra naõ ſabendo.
Para iſto he preciso ás eſtrangeiras
Guerras mandar a mocidade nobre.
Suſtentar eſta póde em todo o povo
A emulaçaõ da gloria , o amor das armas ,
O deſprezo das bellicas fadigas ,
E até da morte , em ſim , da meſma arte
Militar a ſciencia. Os Alliados
Partiraõ de Salento , ſatisfeitos
De Idomeneu , e da prudencia rara
De Mentor aſſombrados. A alegria

Os occupava por levar comfigo
Telemaco ; mas este não podia
Conter o sentimento ao feparar-fe
Do feu amigo. Em quanto a defpedida
Os Reis faziaõ , entre fi jurando
A Idomeneu huma alliança eterna ;
Aperando Mentor entre feus braços ,
E banhando com lagrimas feu rofto ;
Eu , dizia Telemaco , infenfivel
Ao gofto de ir buscar a fama , e gloria ,
Só finto a dor do noftro appartamento.
Parece-me que torno ao tempo infaufto ,
Em q os Egypcios d'entre os voflos braços
Me arrancaraõ , fem dar-me algũa esperanza
De vos tornar a ver. Affim responde
Mentor por consolallo : He bem diversa
Efta feparaçãõ. He voluntaria ;
E ferá curta. Ides ganhar victoria.
Deveis amar-me com menor ternura
E com maior esforço. Costunai-vos
A eftar fem mim, pois não me tereis fempre.
Deve inspirar-vos mais do que a prefença
De Mentor , a prudencia , e a virtude
O que deveis fazer. Affim dizendo ,
He Mentor na figura occulta a Deofa
O cubrio com a Égide , dentro delle
Derramando hum espirito prudente ,
E intrepido valor com a fuave

Mo-

Moderação , taõ raramente unidos.
 Affrontai , lhe dizia , os grandes p'rigos ,
 Quando vos convier. (7) Mais se deshonra
 Hum Rei fugindo aos riscos dos combates,
 Que em deixar de ir á guerra. D'hũ Reinan-
 Aos outros o valor ficar naõ deve (te
 Duvidoso. Se ao povo he necessario
 O conservar a vida do seu Chefe ,
 Mais he ainda , que do seu esforço
 Se naõ duvide ; pois dos outros todos
 Deve o modello ser , e o seu exemplo
 He que deve animar todas ás tropas.
 Naõ vos affustem riscos. Morrei antes
 Nos combates , que deis suspeita alguma
 Contra o voſso valor. Os lisongeiros ,
 Que se empenharem mais em *estorvar-vos*
 O affrontar quando convém os perigos ,
 (8) Os primeiros feraõ que occultamente
 Aos

(7) Luiz XIV. foi muitas vezes á guerra , mas evitava sempre cuidadosamente os perigos dos combates. Naõ se dividiu pouco do seu valor no sitio de Rauchau em 1676 , aonde sendo inevitavel a batalha com o Príncipe de Orange , o Marechal de Chomberg , que vio esmorecer o Rei no Conselho de guerra , deſistiu deſſamente os votos , que se inclinavaõ ao combate.

(8) Mo se disse muitas vezes na Corté , aonde os melhores Príncipes murmuravaõ do Rei , que passava os dias em luto com Madama de Maintenon , a quem chamavaõ a sua velha , em quan-

Aos mais publiquem que valor não tendes,
 Vendo condescender tão facilmente
 A seus rogos. Mas sem utilidade
 Os pr'igos não sigais. Só he virtude
 O valor, se a prudencia o acompaña.
 Sem isto, elle he da vida hum insensato
 Desprezo, e ardor brutal. O arrebatado
 Valor não he seguro. O que a si mesmo
 Se não possuiue, he mais hum temerario,
 Que valeroso. Estar desacordado
 Para vencer o medo lhe he preciso;
 Pois vencello não pode em seu estado
 Natural. Deste modo se não foge,
 Pelo menos vacilla, e a liberdade
 Do seu animo perde, a qual seria
 Precisa para dar a tempo as ordens,
 Abater os contrarios, e ser util
 A' patria, aproveitando as conjuncturas.
 Se elle tem o esforço de hum Soldado,
 De hum General a discriminação lhe falta.
 Iuda os mesmos soldados temerario
 Valor não devem ter. Perturbariaõ
 A disciplina regular das tropas,
 E dando hã máo exemplo, a grandes riscos

As

to os seus Generaes expunhaõ as vidas nas fronteiras abertas de todos os lados às invasões dos inimigos.

As exhorta. Aquelles, que preferem
 Sua louca ambição á segurança
 Publica, não merecem recompensa,
 Mas castigo. Fugi, amado filho,
 De procurar impaciente a gloria.
 O verdadeiro meio de alcançalla
 He esperar a occasião tranquillo.
 Tanto mais respeitosa he a virtude (ta
 Quanto he mais simples, mais modesta, e isẽ-
 De fasto. Quanto mais de expor-se aos riscos
 A precisão augmenta, crescer devem
 Da prevençãõ, e de valor os novos
 Expedientes. Evitai a inveja
 Dos outros, nem tenhais de acções alheias
 Ciúmes. O que for de louvor digno
 Lhes louvai, mas dizei alegremente
 O bem, e occultando o mal, lembrai-vos
 Delle com sentimento. Concorrendo
 C'os velhos Capitães, que experiencia
 Tem mais que vós, ouvi-os respeitoso;
 Consultai-os; pedi aos mais expertos
 Vos queirãõ instruir; nem tenhais pejo
 De attribuir o effeito ás lições suas.
 Em fim não escuteis jámais discursos
 Que excitar o ciúme, ou as suspeitas
 Dos outros Capitães por fim tiverem:
 Fallai-lhes com candura, e confiança.
 E se á fé da amizade vos faltarem,

As

As portas lhes abri do vosso peito ;
 E dai-lhes os motivos. Se capazes
 Forem de avaliar como merece
 Esta pobre conducta , huma alta idéa
 Concebráõ de vós , e tereis delles
 Toda a satisfação ; e se o não forem ,
 Tudo o que delles esperar-se pôde
 Sabereis por vós mesmo : acautellavos
 Podeis para o futuro , em quanto a guerra
 Dura ; e nada tereis que reprehender-vos.
 Nunca digais a certos lisongeiros ,
 Que a zizania semeaõ , os motivos
 De queixa que tiverdes contra os Chefes
 Do Exercito. Em Salento (*profeguis*
 Mentor) a Idomeneu fico ajudando
 Nas lidas de fazer feliz seu povo
 Para emendar as faltas commetidas
 Na fundação do seu nascente Reino.
 Entaõ deixar Telemaco não pôde
 De mostrar o desprezo da conducta
 De Idomeneu. Porém com tom severo
 Lhe replica Mentor : Vós admirais-vos
 De que os homens, que são mais estimaveis,
 Não deixaõ de ser homens , e alguns restos
 Mostraõ ainda da fraqueza humana
 Entre innumeros enganos , e embaraços
 Annexos ao governo ? (9) Com idéas

De

(9) Não se pôde desprever melhor a educação

De facto , e de soberba foi criado
 Idomeneu. Mas qual sagaz filosofo
 Pudera defender-se da lisonja
 Posto no lugar d'elle ? Dominar-se
 Deixou dos seus validos : mas Reis sabios,
 Por mais cautellas que usem , muitas vezes
 Saõ enganados. Escusar não pôde
 Ministros hum Monarca, em qué desceance,
 E de quem se confie. Elle conhece
 Muito menos que os outros os sujeitos
 Que o cercaõ ; pois se affectaõ , e procuraõ
 Enganallo. Ah Telemaco ! assim mesmo
 O has de experimentar. Não : nos humanos
 Não se encontra o talento , ou a virtude ,
 Que se busca , e por mais que se examinem,
 Sépre é ganaõ. (10) Té todos seus caprichos :
 Persuasão , e emenda não recebem :
 Nem saõ taes , quacs o publico os precisa.
 Quanto he maior o povo , mais Ministros
 Se requerem , a fim de que executem
 O que fazer os mesmos Reis não podem.
 Por ém quãtos mais saõ , mais cresce o risco.
 Aquel-

de Luiz XIV. que se deixou prevenir muito pelos
 seus Ministros , e que não pôda defender-se dos seus
 laços por ter sido posto nas suas mãos em huma ten-
 ra infancia.

(10) Isto respeita a Monsieur Louvois , e Non-
 sieur Colbert , que não se uniaõ nunca , e cuja ap-
 posição fez muitos prejuizos ao Rei , e ao Estado.

Aquelle mesmo que hoje sem piedade
 Critica os Reis , talvez governaria
 A' manhã peor que elles. A privada
 Condição , se hum mediocre talento
 O segue , encobre os naturaes defeitos ;
 E realça as brilhantes qualidades.
 Ella faz parecer o homem digno
 Dos empregos , que ainda não occupa.
 A grandeza os defeitos manifesta ,
 E os talentos expõem á rude prova.
 He como certas lentes , que os objectos
 Augmentaõ. Nos empregos elevados
 Tem as menores co'isas consequencias
 Graves , e as leves faltas são seguidas
 De violentos abalos. Hum só homem
 Todos os mais a hũ mesmo tépo observaõ;
 E com todo o rigor o sentençaõ ,
 Sem ter do seu estado , experiencia.
 Hum Rei inda q' bom , com tudo he homẽ.
 Seu talento , e virtude tem limites.
 He sujeito a paixões : está cercado
 De homens interessados , lisongeiros :
 Não encontra os soccorros , que procura:
 Em descuidos resvala cada dia
 Pelas suas paixões , e as dos Ministros.
 Se repara hum defeito , cahie em outro :
 Tal he a condição dos virtuosos ,
 E illustrados Monarcas. Os mais longos

E melhores reinados são mui curtos
 Para emendar o mal involuntario
 Commettido ao principio. Traz consigo
 O Reino estas miserias. A potencia
 Humana curva a tão enorme pezo.
 Compaixão , e desculpa os Reis crecem ;
 Basta estar incumbidos do governo
 De tantos homens , de quem são immensas
 As precisões , e que trabalho tanto
 Causão para regellos , como devem.
 Fallando ingenuamente , he lastimavel
 A sorte dos humanos , que ser devem
 Regidos por hum Rei , homem como elles.
 Devião ser regidos pelos Deuses.
 Mas não são menos dignos de piedade
 Os Reis , por serem homens imperfeitos ;
 E fracos , que a seu cargo tem a turba
 Innumeravel de homens corrompidos ,
 E enganadores. Replicou Telemaco :
 Idomeneu perdeu por culpa sua (fos
 O Reino avito em Creta ; (11) e sem os vos-
 Conselhos perderia o de Salento.
 Confesso , diz Mentor , que foraõ grandes
 Seus erros. Mas buscai em toda a Grecia
 Nos paizes mais bem illuminados

Hum

(11) Assim Jacob II. perdeu o Reino por sua culpa , querendo mudar a constituição do Estado , do qual elle devia proteger , e observar as leis.

Hum Rei, que não os tenha commettido
 Indefculpaveis. Tem os grandes homens
 No seu temperamento, e no carácter
 Do seu genio defeitos, que os impellam;
 E são mais dignos de louvor aquelles,
 Que conhecendo os erros tem o esforço
 De reparallos. Pensais vós que Ulysses,
 O grande Ulysses vosso Pai, modelo
 Dos Reis da Grecia, seja de fraquezas,
 E defeitos isento? Se Minerva
 Não o houvera guiado passo a passo,
 Quantas vezes teria succumbido
 Aos perigos, e embaragos, com q̃ zomba
 Delle a instavel fortuna? Quantas vezes
 O tem Minerva encaminhado á gloria
 Pela escabrosa estrada da virtude?
 Não espercis, vendo-o reinar em Itaca
 Com tanta gloria, achallo sem defeitos.
 A pesar delles he da Grecia, da Asia,
 E das Ilhas maritimas o passino.
 Mil outras qualidades relevantes
 Os fazem esquecer. Serreis ditoso
 Em poder imitallo. Costumai-vos
 A esperar sempre dos maiores homens
 Só quanto cabe nas humanas forças.
 Entrega-se a inexperta mocidade
 A' critica mordente, que a desgoستا
 De todos os modelos, que precisa

Seguir , e a faz indocil , e incuravel.
 Não só amor , respeito , e obediencia
 Deveis a voffo Pai , bem que não feja
 Consummado ; e tambem alto conceito
 Deveis a Idomencu , bem que alguns erros
 Se lhe notem : (12) pois he naturalmente
 Sincero , jufto , liberal , benefico.
 Seu valor he perfeito. Elle detesta
 A fraude que conhece , e livre segue
 Do coração os juftos movimentos.
 Todos os feus talentos exteriores
 Proporcionados são ao feo emprego.
 A fingelza com que os feos defeitos
 Reconhece , a brandura , e paciencia
 Com que consente que eu lhe diga as coifas
 Mais duras , feo valor contra fi mefmo
 Para emendar em publico os feus erros ,
 E desprezar a critica mordente
 Dos homens, fazem ver huma alma grande.
 A ventura , ou conselho falvar podem
 De alguns defeitos medianos genios ;
 Mas a virtude não vulgar só póde
 Obrigar hum Monarca tanto tempo
 Por vis adulaadores seduzido

A

(12) Parece por esta qualidade , que Idomeneu
 não he em tudo o emblema de Luiz XIV. Convinha
 miffurar affim os caracteres para os disfarçar mais
 aos olhos da Corte.

A reparar seus erros. Mais glorioso
 He que não ter cahido o levantar-se
 Desta maneira. Idomeneu as faltas
 Commetto, que costumão os Monarcas :
 Porém quanto elle faz para emendar-se,
 Não faz outro algum Rei. Eu não podia
 Fartar-me de admirallo nos momentos
 Em que o contradizia. Vós, Telemaco,
 Admirai-o tambem. Este conselho
 Mais á vossa instrucção, q̃ aos seus louvores
 Se dirige. Mentor neste discurso
 Fez-lhe entender o quanto era arriscado
 Criticar com rigor os outros homens,
 E, maiormente aquelles, que envolvidos
 Estaõ nos embarços do governo.
 Depois accrescentou : Adeos : he tempo
 De partirdes. Aqui, caro Telemaco,
 Vos espero. Lembrai-vos que não podem
 Temer os homens os q̃ aos Deosõs honraõ.
 Haveis de achar-vos em extremos p'rigos :
 Mas nunca ha de Minerva abandonar-vos.
 Estaõ sentir Telemaco a presença
 Desta Deosa pensou. Conheceria
 Que era a mesma que assim o animava,
 Se a idéa de Mentor não lhe avivasse
 A Deosa, assim dizendo : Recordai-vos,
 Meu filho, dos desvélos, com que a vossa
 Mocidade eduquei para fazervos,

Qual

Qual vosso Pai , prudente , e valeroso.
 Nada façais , que digno ser não possa
 De seus grandes exemplos , e das maximas
 Que inspirarvos tentei. O Sol se erguia ,
 E das montanhas já dourava o cume ,
 Quando os Reis para unir-se ás suas tropas
 Sahião de Salento. Commandadas
 Pelos Chefes em marcha se pozeraõ.
 Das crebas lanças os agudos ferros
 Encubriaõ o Campo. Dos escudos
 O resplendor os olhos deslumbrava ;
 E huma nuvem de pó até as nuvens
 Se erguia. Idomeneu acompanhava
 Com Mentor os mais Reis , que da Cidade
 Se afastavaõ. Em fim se despediraõ
 Depois de mutuas mostras de sincera
 Amizade ; nem mais os Alliados
 Da fé de Idomeneu desconfiaraõ ,
 Conhecendo a candura de seu peito.
 D'antes o avaliavaõ , não qual era ,
 Mas só pelos injustos lisonheiros
 Conselhos que seguia. Quando as tropas
 Se haviaõ retirado , aos bairros todos
 Da recente Cidade conduzido
 Foi pelo Rei Mentor. Este lhe disse :
 Allistemos o povo que no Campo
 E na Cidade existe. Examinemos
 Quanto as terras produzem , e saibamos

Se do superfluo póde util commercio
 Fazer-se c'os estranhos. Os navios
 Fez numerar ; quaes portos demandavaõ ,
 Que generos levavaõ , ou traziaõ ,
 As despezas , os lucros , e os contratos
 Do commercio , e se exacto cumprimento
 Se lhes dava , observou. Quiz que pudidas
 Fossem as quebras , que inda sendo isentas
 De má fé, temerarias ser costumãõ ;
 E deu regras a fim de se atalharem.
 Crecu Ministros , que tomaessem contas
 Dos effeitos , dos lucros , das despezas ,
 E das negociações. Não se podia
 Arriscar o alheio , e só do proprio
 A metade. Os negocios , que pediaõ
 Maiores forças , eraõ promovidos
 Por Companhias , que policia exacta
 Observavaõ. No resto era o commercio
 A todos franco. Longe de opprimillo
 Com tributos , áquelles que traziaõ
 A Salento de alguma Nação nova
 O commercio , offereciaõ recompensas.
 Assim de toda a parte concorreraõ
 Os povos. O commercio (13) da Cidade
 Era qual a torrente caudalosa

Dos

(13) Tudo isto se entende da Cidade de Amsterdaõ , digna de servir de modelo a todas as outras pela liberdade do commercio.

Dos mares. Os thesouros nella entravaõ
 Quaes ondas , que vem humas apõs outras.
 Era util o que entrava ; e outras riquezas
 Em seu lugar deixava o que sabia.
 Prefidia no porto a rigorosa
 Justiça em meio de Nações diversas.
 A singeleza , e boa fé chamavaõ
 As estranhas Nações das altas torres.
 Todos os Mercadores , ou viessem
 Das margens do Oriente , onde do seio
 Das ondas se ergue o Sol , ou desse extenso
 Mar, onde o Sol cansado do seu giro
 Vai apagar os luminosos raios ,
 Viviaõ (14) focegados em Salento

Y II

Como

(14) A tranquillidade interior de hum Estado resulta da conformidade das acções dos Cidadãos com as boas leis. Mas pouco importa serem justas , ou severas as leis , se ellas se não executãõ. Quanto maiores são as Cidades , tanto mais precisaõ de hum exaucta policia. Os meios para conseguir esta tranquillidade , são : 1. Estabelecer hum numero sufficiente de Milicia , ou de guardas destinados sómente para correrem de noite as praças , e ruas da Cidade. 2. Banir toda a ociosidade. 3. Averiguar ás portas da Cidade a qualidade , e destino das pessoas , que nella entraõ , o fim da sua jornada , e o tempo da sua demora. 4. Obrigar a todos os estalajadeiros a dar em cada noite hum mappa das pessoas , que pouzaram na sua estalagem. 5. Obrigar a cada Cidadão a dar parte dos estrangeiros , ou hospedes

Como na propria patria. (15) As praças to-
Os arsenaes, e as lójas dos artifices (das,
Visitando Mentor, vedou aquellas
Fazendas estrangeiras, que podião
(16) O luxo, e fasto introduzir. As mezas,
Os

que recolhe em sua casa. 6. Fazer todos os annos
hum alistamento geral, e huma visita nas casas da
Cidade, de improvisto, e em tempos indeterminados.
7. Prohibir que algum estrangeiro se estabeleça em
qualquer lugar sem permissoa expressa dos Magistra-
dos da Policia. 8. Crear tropas, que no resto do paiz
visitem as fronteiras, as estradas, e os bosques.
9. Prohibir casas em sitios ermos, e distantes da po-
voação. 10. Prevenir, e remediar a mendicidade.
11. Erigir casas de correccão, ou de força, e casas
de trabalho para naquellas recolher os mãos vassal-
los, e nestas acostumar os ociosos ao trabalho sem
alguma nota de infamia, facilitando-lhes o sahirem
depois de certo numero de annos.

(15) Tudo o que se segue he huma admiravel
lizaõ, que serve ao mesmo tempo de critica ao luxo,
que Luiz XIV. introduziu em Paris, e na Corte.
Este Principe sempre amou o fasto, e levou a ma-
gnificencia mais longe, que nenhum de seus Prede-
cessores.

(16) O luxo define-se o uso, ou emprego do
dinheiro em cousas commodas, e agradaveis, e que
naõ são de absoluta necessidade. Muitos condemnão
o luxo, confundindo a causa com o seu effeito, ou
dando-lhe huma definiçãõ inadequada. Pode do luxo
tirar-se huma vantagem em geral, que he a circula-
çãõ do dinheiro. A Policia deve dirigir, e naõ pro-
hibir o luxo. Seria desgraçado o Paiz em que os ricos

Os vestidos, os moveis, a estrutura
Das casas regulou segundo as varias
Condições. Os adornos de ouro, e prata
Banio; e disse ao Rei: Só vosso exemplo
Póde fazer modesto, e parco o povo.
As vossas guardas vos darão bastante
Authoridade. Baste-vos de fina
Purpurea lá vestir-vos. Os Magnates
Da mesma lá se vistão co' a differença
Da côr, e bordadura. As cores sirvão
De distinguir do povo as varias ordens,
Sem precisão de joias, prata, ou ouro.
Essas ordens regule o nascimento.
Preferi a nobreza mais antiga,
E os que exercem os cargos mais honrosos
Se sigão. A virtude a bem do Estado
Se excitará, se as coroas, e as estatuas
Forem dadas sómente aos beneméritos,
Cujas

vivessem todos com parcimonia, e sem luxo, naõ
fazendo mais que as despezas necessarias. Sem des-
truir a differença das condições na sociedade, sem
pôr huma barreira á industria dos habitantes, sem
limitar os meios de adquirir bens reais, naõ se póda
absolutamente condemnar o luxo. Relativamente á
Politica só deve prohibir-se o luxo, prejudicial ao
Estado, como aquelle que sem trazer commodidade
alguma, e sem aproveitar ao Estado arruinasse as
familias, ou naõ excitasse a industria, e trabalho
dos Cidadãos.

Cujas acções principio de nobreza
 Dem aos seus descendentes. Os artifices ,
 Que só servião de manter o fasto ,
 Se applicaráõ ás artes necessarias
 A' cultura , e lavoura. (17) Prohibida
 Será nos trajes a mudança. Indigno
 He de homem destinado á vida seria
 Inventar affectados aravios ,
 E dar ansa ás mulheres a cahirem
 N'hum excesso inda nellas reprehensivel.
 Qual destro jardineiro , que desbasta
 Nas arvores fructiferas os ramos
 Inuteis , assim mesmo procurava
 Mentor cortar o fasto , que os costumes
 Corrompia. A hum nobre , e moderada
 Simplicidade as coizas conduzindo ,
 Regulou a comida. He coisa indigna ,
 Dizia , dos guizados que amortecem
 O espirito , e que perdem a saude ,
 Constituir grandeza. A sobriedade
 Faz saborosa hum iguaria simples.
 Ella dá a saude vigorosa ,
 E os prazeres mais puros , e constantes.

A's

(17) Critica o Author as modas , que se introduzirão em França , principalmente no reinado de Luiz XIV. Não se achão em todo o resto da historia de França tantas mudanças a este respeito , como acontecerão na mocidade do Rei.

A's melhores viandas , mais isentas
 De espezaria , restringi os vossos
 Banquetes. Irritar o appetite
 He huma arte , que os homens envenena.
 O Rei comprehendeo logo o seu erro :
 Passou a reformar as suas mezas ,
 E moldaraõ-se os mais ao seu exemplo.
 Mentor banio (18) a musica affectada ,
 E a Bacchica. Estreitou-a só ás festas
 Nos Templos. (19) Só a estes os ornatos
 De architectura permittio , bem como
 Os pórticos , columnas , e fachadas ,
 E deu modelos para em pouco campo
 Formarem casas commoedas , e alegres
 Para habitar familia numerosa ,
 Ficando expostas a hum ar saudavel ,
 E com distinctos quartos , cujo asseio
 Podesse facilmente conservar-se.
 Estes prospectos sem despeza grande
 Fizeraõ regular , e magestosa
 Da Cidade huma parte ; ao mesmo tempo
 Que

(18) Assim como nenhum Principe teve musica mais excellente que Luiz XIV. : tambem não bouve Corte mais corrompida que a sua. Todos sabem que este Principe não adornecia senão ao som de huma doce fintonia , que estauo na sua antecâmara.

(19) Isto he huma critica da sumptuosidade do Palacio de Versailles , donde o Rei prodigou sommas immensas em vãos ornatos.

Que a outra parte estando construída
 Pelo fasto , e capricho , se mostrava
 Menos commoda , e menos agradavel.
 Foi a nova Cidade edificada
 Em muito pouco tempo ; pois vierão
 Bons Architectos da vizinha Costa
 Da Grecia , e habeis pedreiros convocados
 Foraõ de Epiro , com expresso ajuste,
 Que ultimadas as obras ficariaõ
 O campo povoando , e de Salento
 As terras rotcando. Parecraõ
 A Mentor , que eraõ dignas a pintura ,
 E escultura de serem cultivadas :
 Mas permitto a poucos exercellas.
 (20) Huma Escola fundou aonde Mestres
 De hum apurado gosto presdissem:
 Nas artes , que naõ são de huma absoluta
 Precisaõ , naõ convém mediantos genios
 Occupar. Naõ deixou Mentor com tudo
 De authorizar os grandes edificios
 Destinados ás luctas , á carreira
 De cavallos , carroças , e do cêsto
 Aos combates , e a outros exercicios ,
 Que os corpos tornaõ desiros , e robustos.
 Dos Mercadores expulsiou aquelles,
 Que

(20) Eis aqui hum paralelo glorioso a Luiz XIV.
 Elle estabeleceu, como Idoneneu, Academias de pin-
 tura , e escultura , de que sahiraõ obras consumadas.

Que vendiaõ as sedas matizaças ,
 Bordaduras de preços excessivos ,
 Vasos de ouro , e de prata com figuras
 Diversas , e os licores , e perfumes.
 Quiz que fossem duraveis , e singelos
 As alfaias , e moveis. Desta sorte
 Os Salentinos , que até-li pensavaõ
 Viverem em pobreza , já sentiaõ
 Quantas riquezas lhe eraõ de sobejo.
 Porém eraõ riquezas enganolaõs ,
 Privando-se das quaes eraõ mais ricos.
 Nos Aricnaes as armas , e petrechos
 De guerra examinou. Convém , dizia
 Mentor , sépre estar prompto para a guerra,
 Por não ter a desgraça de fazella.
 Chamou officiaes , que trabalhassen
 No ferro , e aço. Viaõ-se ejevar-se
 Das accezas fornalhas denso fumo ,
 E chammas , quacs os fogos subterraneos ,
 Que do Etna o Volcaõ vomitar costuma.
 Sobre a rija bigorna resoaõ
 Os amiadados golpes do martello ,
 Que nos visinhos montes , e nas praias
 Retiniaõ ao longe. Parecia
 Ver se a Trinacria Ilha onde Vulcano (21)
 Ani-

(21) Vulcano Deos do fogo , e dos metaes era filho de Jupiter , e de Juno. Figuraõ os Poetas , que elle com os Cyclopes forjava os raios a Jupiter.

Animando os Cyclopes truculentos
 Os raios forja para o Pai dos Deoses.
 Com sábia providencia assim se viaõ
 Os aprestos da guerra em paz profunda.
 Mentor, e Idoméneu depois sahirãõ
 Da Cidade. (22) Mentor achando muitas
 Ferteis terras, que estavaõ sem cultura,
 E outras lavradas, mas sómente em parte
 Pela falta de meios, assim disse
 A Idoméneu: Promette a terra frutos;
 Mas faltaõ-lhe habitantes. Os artifices
 Superfluos da Cidade, que os costumes
 Perverteriaõ, estes vastos campos
 Cultivem. Naõ estaõ exercitados
 No trabalho: mas póde dividir-se
 O terreno, e chamar-se em sua ajuda
 Os povos conarcãos, que ao mais pezado
 Trabalho se sujeitem, promettidos
 Premios dos frutos dessas mesmas terras
 Que cultivarem. Podem alguma dia
 Sendo doccis ás leis, do vosso povo
 O numero augmentar. Estes artifices
 Ao campo transferidos, já seus filhos
 Na sujeiçaõ da vida camponeza

Edu-

(22) He esta huma pintura do estado, em que se achava França desde a primeira guerra, em que os afluimentos por violencia tinhaõ despozado o campo de lavradores.

Educação. Ha de excitar o exemplo (ros
De bunsão trabalho os outros. Nos vindou-
Tempos todo o paiz será povoado
De familias robustas , e applicadas
A' cultura das terras. Brevemente
O povo crescerá , facilitados
Os matrimonios ; e este meio he facil.
Os homens são propensos a casar-se ,
E sómente a pobreza os embaraça.
Se não os opprimirdes com tributos ,
Sem custo manterão mulher , e filhos.
A terra nunca ingrata com seus frutos
Sustenta os que a cultivão com desvêlo ,
E só nega seus dons aos que se esquivão
Ao penoso trabalho. Quantos filhos
Mais tem o lavrador , maior riqueza
Possue , se acaso o Rei o não faz pobre ;
Porque o ajudão desde a tenra infancia ,
Guardão os mais pequenos os cordeiros ,
As manadas os outros , e os mais velhos
Trabalhão com seu pai. A mãe apresta
A comida frugal ao seu esposo ,
E a seus queridos filhos , quando voltaõ
Do trabalho do dia fatigados.
Ella as vacas ordenha , donde tira
Rios de leite. Accende grande fogo :
E a familia innocente em roda delle
Canta contente em quanto tarda o somno.

Em fim prepara os queijos , as castanhas ;
 E as mais frutas , tão frescas como estavam
 Nas arvores. Ao som da agreste frauta
 Canta o pastor a nova cantilena ,
 Que nos casões vizinhos aprendera.
 Vem co' a charrua o lavrador ; e marcham
 Encurvada a cerviz os bois cansados
 Com vagaroso passo não curando
 Do agulhão que os pica. Os males todos
 Se terminam co' a noite. As somnolencias ,
 Que por ordem dos Nomes sobre a terra
 Moisés espalha , abafam os sombrios
 Cuidados , encantando a natureza ;
 E dormem sem lembrar-se do trabalho
 Futuro. Homens felizes sem temores ,
 Ambição , artificio ; e a quem basta
 Dar-lhe o Ceo hã bom Rei, q' não perturbe
 Seu prazer innocente ! Mas (23) q' horrivel
 Crueldade não he com vãos projectos
 De fasto , e de ambição dos doces frutos
 Privillos , que por premio do trabalho
 Liberal lhes concede a natureza !
 A natureza que do fertil seio
 Tiraria o sustento necessario
 Para hã numero immenso de homẽs sobrios,
Se

(23) Allude o Author aos grandes tributos , que não deixavam as pessoas do campo com que supprir as suas mais urgentes precisões.

Se de alguns o orgulho , ou a preguiça
 Os outros não pozesse em horrorola
 Pobreza. E que farei (o Rei replica)
 Se depois de espalhar a tantos povos
 Pelos vizinhos campos , negligentes
 Forem em cultivallos ? O contrario ,
 Lhe responde Menor , do que costumão
 Regularmente os Principes avaros
 E inexperios. Carregaõ de tributos
 Os vassallos , que são mais cuidadosos.
 Em avultar seus bens ; por quanto esperão
 Ser destes mais bem pagos , e alliviaõ
 Os que faz miseraveis a preguiça.
 Cortai esta má ordem , que premeia
 O vicio , os bons opprime , e a negligencia
 Funesta ao mesmo Rei, funesta ao Estado
 Introduz. Não só multas , mas castigos
 Mais rigorosos , quando assim convenha ,
 Imponde contra aquelles , que faltarem
 A' cultura das terras ; assim como
 Os Soldados panis , que desamparaõ
 Os seus postos na guerra. Fazei graças ,
 Dai amplos privilegios ás familias ,
 Que se augmentarem ; e vereis quam cedo
 Honrosas se faráõ do campo as lidas.
 Não haõ de desprezar reger o arado
 As mãos victoriosas que salvaraõ
 A patria ; nem será menos glorioso

As herdades lavrar de seus maiores
 N'hum paz innocente , que da guerra
 Nos tumultos havelas defendido
 Com valor. Cobrirá o campo as flores ;
 (24) Ceres se coroará de loura espiga ;
 E debaixo dos pés calcando os cachos
 Pelo declive de escarpados montes
 (25) Baccho fará correr rios de vinho ,
 Mais doce do que o nectar. Fundos valles
 Resoará c'os cantos dos Pastores ,
 Que ao longo das ribeiras suas vozes
 Misturarão c'os sons das suas frautas ,
 Em quanto os gados pascem sobre a relva
 Sem temerem os lobos esfaimados.
 E não sercis , Idomeneu , ditoso
 Sendo de tanta dita o instrumento ,
 E fazendo viver de voffo nome
 A' fombra tantos povos em descanso ?
 Esta gloria não he mais vantajosa
 Que a de affolar a terra , e a toda a parte
 Levar no mesmo feio das victorias
 A inquietação , o horror , o abatimento ,
 A carnagem , a fome , raiva , e fusto ? (26)

Feliz

(24) Ceres a Deosa das lzaras. Ella ensinou aos homens o cultivar a terra.

(25) Baccho filho de Jupiter , e de Semele , filha de Cadmo Rei de Thebas , inventou o uso do vinho , de que os Poetas o ãngem Divindade.

(26) A maior parte das Conquistas de Luiz XIV.

Feliz o Rei dos Deoses taõ amado
 E de taõ grande coraçãõ , que emprenda
 Ser assim as delicias do seu povo ,
 E faça ver aos seculos vindouros
 Taõ formoso espectaculo ! Bem longe
 O mundo de temer as suas armas ,
 Rogaria submisso que o regesse.
 Idomeneu lhe respondeo : Mas quando
 Estiverem os povos na abundancia ,
 E na paz estragados co' as delicias ,
 Contra mim voltaráõ as mesmas forças
 Q' lhes dei. Naõ temais, Mentor lhe torna :
 Isto he só hum pretexto que se allega
 Para lisongear Principes fracos ,
 Que os seus povos opprimem com tributos.
 He facil o remedio. As leis , que damos
 A bem da Agricultura , a sua vida
 Faráõ laboriosa. O necessario
 Só teráõ na abundancia : pois as artes ,
 Que o superfluo fornecem , lhe tiramos.

Sen-

não produziráõ a seus vassallos outros frutos , que
 os males que aqui se descrevem. Como fazia a guerra
 por ambiçãõ , lembrava-se menos de assegurar a sua
 felicidade , que de adquirir á sua falsa gloria. Quan-
 tas mais conquistas fazia , mais opprimia o povo
 para tirar delle com que prover' aos seus novos pro-
 jectos.

Sendo cada familia numerosa ,
Por se haverem tambem facilitado
Os matrimonios , suas poucas terras
Cultivará com indefessas lidas.
O ocio , e luxo he o que faz os povos
Rebeldes , e insolentes. Com fartura
Elles teráõ o paõ das terras proprias
Co suor grangeado do seu rosto.
Para conter o povo , regulai-lhe
Das terras a extensãõ. Cada familia
Só possua o terreno necessario
Para manter a todos os seus membros.
Assim jámais se apossaráõ os nobres
Das terras dos plebeos. Se ellas faltarem
Para o povo que cresce nos vindouros
Tempos , se fundaráõ novas Colonias
Que alarguem o Estado. Naõ abunde
De vinho o Reino vosso. Se plantaráõ
Demasiadas vinhas , arrancai-as.
O vinho he causa dos maiores males.
Daqui vem as doencas , as demandas ,
As ledicões , o ocio , e das familias
As desordeus. O vinho se conserve
Como remedio , ou como hum licor raro
Só para as libações , e sacrificios.
Convém com tudo que vós deis o exemplo.
No mais guardai á risca as leis de Minos

Sobre a boa instrucção da mocidade.

Fundai (27) Escolas publicas , aonde

Dos Numes o temor , o amor da patria ,

E o culto ás leis se aprenda , preferindo

Honra , e fama ao deleite , e á propria vida.

Deveis ter Magistrados, (28) que vigiem

As familias , e espreitem os costumes.

Vigiai vós tambem , que o nome tendes

De Rei , ou de Pastor do vosso povo.

Affim atalhareis grandes defordens.

Mas as que não puderem prevenir-se ,

Puni logo-severo. He de clemencia

Tom. I.

Z

Ef-

(27) As sciencias tem hum grande nexo com o bem commun do Estado. Ellas illuminando os homems lhes adoção necessariamente os costumes. Humna multidão de crimes inundou os Seculos da ignorancia. Devem porém prohibir-se: 1. Os livros , que attacão abertamente a Religião revelada. 2. Os que só são proprios para corromper os costumes. 3. Os que são capazes de perturbar a tranquillidade publica. 4. Aquelles em que se não guarda respeito ao Soberano. 5. Os livros satyricos , que offendem a honra , e credito dos Cidadãos. O meio de facilitar o progresso das sciencias he a creação das Universidades , Academias , e Escolas publicas.

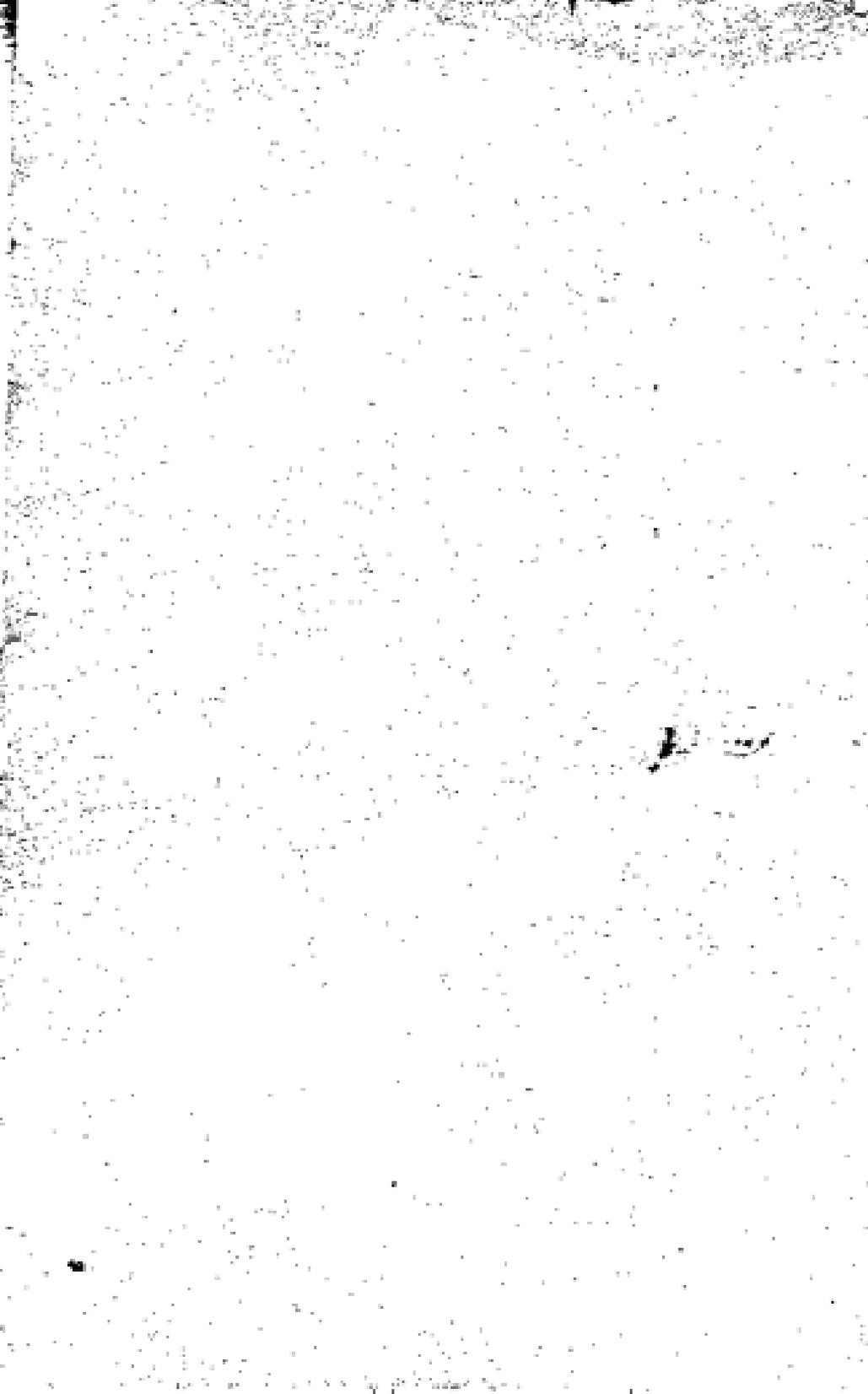
(28) O governo domestico das familias em quanto traz relação ao bem geral do Estado merece as atencões da Policia. Quantos filhos se perdem pela negligencia , e máo exemplo dos pais , e pela sua nimia indulgencia , ou severidade !

Especie dar exemplos de castigo,
 Que a maldade reprezem. Por hum pouco
 De sangue derramado quando he tempo,
 Se poupa muito, e o medo se grangeia,
 Que dispensa o rigor. Porém, (29) q̃ horri-
 Maxima he o fundar a segurança (vel
 Dos povos na oppressão! não instruillos,
 Não dirigillos para a sã virtude;
 Não inspirar amor, só raiva, e odio,
 E pó-los na cruel necessidade
 De ou não respirar livres, ou o jugo
 Tyrannico de cima da cabeça
 Sacudir! Será este acaso o meio
 De governar sem susto? Será este
 O caminho da gloria? Os Reis do Mundo
 Saõ menos poderosos nos paizes,
 Em que he mais absoluto o seu dominio.
 Esbulhaõ; arruinaõ. Os senhores
 Elles saõ só do Estado; mas o Estado
 Se desfalece, e os campos tornaõ-se ermos.
 Desertaõ das Cidades; o commercio
 Affrouxa; e o Rei que só não pôde se-lo,
 E he só grande por meio dos seus povos,
 Se perde. De dinheiros, e vassallos,
 Cuja perda he maior, se esgota o Reino.
 For-

(29) Tudo o que se segue he hum compendio das maximas que Luiz XIV. tomou para regras do seu governo.

Tornaſe os ſeus vaſſallos vís eſcravos :
 Adulaſ ; moſtraſ que o adoraſ ; tremem
 Ao ſeu menor accõ : mas depreſſa
 Vem a revoluçaõ. Durar naõ pôde
 A exceſſiva potencia , que violenta
 Creſcera. Ella naõ tem raiz alguma
 No coraçã dos povos. Tem cançãdo
 Todo o corpo do Eſtado , e reduzido
 A ſuſpirar pela mudança. O ídolo
 Cabe ao primeiro golpe, e aos pés o pizaſ.
 O deſprezo , o rancor , o fuſto , a ira
 Se uſem : e aquelle Rei, que naõ achava
 Na vã proſperidade quem diſſeſſe
 A verdade, naõ acha na deſgraça
 Quem ſe digne eſcuſallo , ou defendello
 Contra os ſeus inimigos. Perſuadido
 Idomeneu deſtes diſcurſos doutos ,
 Repartio os maninhos ; dos íuteis
 Obreiros povoou-os ; e o mais tudo
 Cumprio quanto Mentor dictado havia.
 Só reſervou as terras deſtinadas
 Aos pedreiros , que haviaſ cultivallas ,
 Findos os ſeus trabalhos na Cidade.

F I M D O I . T O M O .



AVENTURAS
DE
TELEMACO,

TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ,

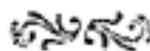
*A que se ajuntão algumas Notas Mytho-
logicas, e Allegoricas para intelligen-
cia do Poema.*

DEDICADAS
AO SERENISSIMO
PRINCIPE DO BRASIL,

POR
JOAQUIM JOSEPH CAETANO
PEREIRA E SOUSA.

Advogado da Casa da Supplicação.

TOMO II.



L I S B O A

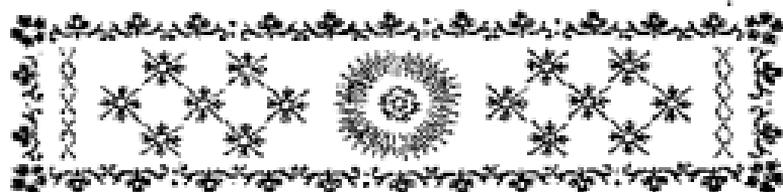
Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre
o Exame e Censura dos Livros.*

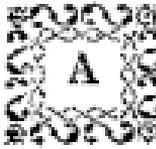
Foi taxado este livro a quatrocentos e oitenta reis em papel. Mesa 9 de Outubro de 1788.

Com tres Rubricas.



AVENTURAS DE TELEMACO.

L I V R O XIII.


A FAMA do governo doce , e brando
 De Idomeneu os povos attrahia
 A viver em Salento; pois buscavaõ
 Em Reino taõ feliz sua fortuna.

Já os campos , que desde longo tempo
 Se cobriaõ de cardos , e de espinhos ,
 Promettem fertilissimas searas ,
 E frutos até-li naõ conhecidos.
 Do arado aos golpes abre o seio a terra ;
 E já prepara cabedaes copiosos ,
 Do lavrador recompensando as lidas.
 Reluz em toda a parte a doce esperança:

Tom. II.

A

Ve-se

Vê-se nos valles , e nas altas serras
 Rebanhos de cordeiros sobre a relva
 Inquietos saltando , e de fecundas
 Vaccas grossas manadas , que atroavaõ
 Com seus mugidos os visinhos montes ,
 E engrossavaõ os campos c'os estrumes.
 Devia-se a Mentor esta abundancia :
 Aconselhou ao Rei , que c'os (1) Peucetes ,
 Povos visinhos , commutasse as coisas
 Superfluas , cujo uso na Cidade
 Vedasse , pelos gados , que faltavaõ
 Aos Salentinos. Na Cidade , e Aldeias
 Em redor , gentis moços abatidos
 Da miseria , casar-se naõ oulavaõ ,
 Recendo augmentar os seus trabalhos.
 Porém vendo os humanos sentimentos
 Do Rei , que ser seu pai se resolvia ,
 Perderaõ o temor da feia fome ,
 E mais flagellos com que o Ceo opprime
 Os mortaes. Naõ se ouviaõ mais que gritos
 De alegria , e cantigas dos Pastores ,
 Com que os seus hymenêos solemnizavaõ.
 O Deos (2) Pan com os Satyros , e Faunos
 Co'

(1) Peucetes eraõ povos visinhos dos Daunios , que habitavaõ aquella parte de Italia , hoje chamada a terra de Bari no Reino de Naples.

(2) Pan era o Deos da Natureza adorado particularmente pelos Pastores.

Co' as Ninfas misturados parecia
Alli dançar ao som da agreste frauta
A' sombra do arvoredo. Tudo estava
Satisfeito : mas era esta alegria
Moderada , e os prazeres só ferviaõ
Para allivio das rusticas fadigas ;
E eraõ por isso simplicies , e puros.
Os velhos assombrados de ver coizas ,
Que nos seus largos annos nunca viraõ ,
Choravaõ de alegria , e de ternura.
Para o Ceo as mãos tremulas erguendo ,
Abençoa , diziaõ , grande Jove ,
O Rei que vos imita , o mais precioso
Dom que nos tendes feito. Foi nascido
Para bem dos mortaes. Retribui-lhe
Todo este bem que d'elle recebemos ;
Nossos vindouros , prole venturosa
Dos consorcios que tanto favorece ,
Até lhe deveraõ seu nascimento.
Será pois com verdade o Pai do povo.
Os moços , e donzellas que casavaõ ,
Entoavaõ alegres doces hymnos
Em louvores daquelle , que era causa
De taõ doce prazer. Estavaõ cheios
Os corações , e as bocas do seu nome.
Tinhaõ por dita o vê-lo : e de o perderem
Todos tinhaõ receio. A sua perda
A ruina seria das familias.

Idomeneu entãõ ingenuamente
 Confessou a Mentor jámais gozara
 Prazer mais doce que o de ser amado ;
 E fazer tanta gentes venturosas.
 Jámais o pude crer , assim dizia.
 Fazia consistir toda a grandeza
 De hum Rei em ser temido. Imaginava
 Que o resto dos mais homens eraõ feitos
 Para elle só : e o que contar ouvia
 Dos Monarcas , que foraõ dos seus povos
 As delicias , e amor , tinha por fabula.
 Mas hoje reconheço esta verdade.
 Eu vos quero contar porque maneira
 Desde os meus tenros annos me estragaraõ
 O coração sobre a Real grandeza.
 Provieraõ daqui meus infortunios.
 (3) Protésilas (assim o Rei começa)
 Que me iguala na idade , foi aquelle
 A quem prezava mais. Seu genio activo ,
 E arrevido a meu gosto se amoldava.
 Prazeres me inspirava despertando
 Minhas paixões. Até me fez suspeito
 (4) Filocles , que eu naõ menos estimava ,
 Era

(3) Protésilas he o Marquez de Louvois , que o Rei admittio ao seu valimento , que concorreo para os seus prazeres , e o lilongeou nas suas paixões , e que depressa lhe fez suspeito o Visconde de Turenna designado aqui por Filocles.

(4) Toda a vida de M. de Turenna foi huma

Era' este hum moço , que temia os Numes ,
 E tinha huma alma nobre , e moderada.
 Naõ tinha por grandeza o augmentar-se ,
 Mas antes o vencer-se , e acções indignas
 Naõ obrar. Livremente os meus defeitos
 Me expunha. Muitas vezes naõ ousava
 Fallar ; mas o silencio , e de seu rosto
 A magoa davaõ mostras que queria
 Reprehêder-me. Ao principio me era grata
 Esta sinceridade : e muitas vezes
 Lhe protestava toda a minha vida
 Ouvillo sem soçobro. Os seus dictames
 Tendiaõ a salvar-me das lisonjas ,
 E a conduzir-me sempre sobre õs passos
 De Minos para ser feliz meu Reino.
 Naõ tinha huma prudencia taõ profunda
 Como vós , ó Mentor ; porém saudaveis
 Eraõ as suas maximas. Agora
 As reconheço. Pouco a pouco pôde
 Protésilas por meio de artificios
 Do candido Filocles desgostar-me.
 Este se contentava com dizer-me
 Sempre a verdade , se eu queria ouvilla.

Só

serie de acções grandes , nobres , e generosas. O
 Rei tinha singular prazer na sua conversação : ou-
 via-o com confiança , e recebia d'elle excellenter
 lições sobre a guerra. Esta confiança excitou o
 çumo de M. de Louvois,

Só buscava o meu bem , não seu augmento.
 Deixava pois prevalecer Protésilas.
 Este homem cheio de ambição , e inveja
 Me persuadia que Filocles tinha
 Genio duro , e altivo ; que severo
 As minhas acções todas censurava ,
 E que nada podia , por vaidoso
 Se julgar (5) superior ás honras todas.
 Accrescentou que descobria aos outros
 Os meus erros co' a mesma liberdade
 Com que mos reprehendia ; que mostrava
 Não estimar-me , pois assim fazia
 Pelo esplendor de huma virtude austera ,
 Deprimindo o meu credito , huma estrada
 Para subir ao Throno. Eu ao principio
 Não cria que Filocles intentasse
 Contra mim rebelar-se. Ha na virtude
 Verdadeira huma certa ingenuidade ,
 Que se não arremeda , e não engana.
 Porém já começava de Filocles
 A cançar-me a constancia de meus erros
 Arguir. Ao contrario de Protésilas
 A complacencia , e industria inexaurivel
 De me traçar divertimentos novos
 Me fazia do outro a austeridade

In-

(5) Mr. de Turenna preferio sempre o seu titulo de Visconde ao de Marechal de França.

Infoffrivel. *Protéfilas com tudo*
 Descontente de que eu não creſſe os crimes,
 Que elle contra Filocles me contava,
 Deixou de fallar delle; e persuadir-me
 Quiz com provas mais fortes q̃ as palavras.
 Aconſelhou-me nomealloy Chefe
 Da armada que devia aos de (6) Carpathia
 Accommetter. Para obrigar-me a iſſo
 Me diſſe: Vós ſabeis que ſer ſuſpeito
 Não devo nos louvores de Filocles.
 (7) Reconheço que tem valor, e genio
 Para a guerra. Ninguem melhor do q̃ elle
 Servir-vos poderá. Eu antepoſho
 O intereſſe do Reino ás differenças
 Particulares. Satisfez-me muito
 Encontrar de Protéfilas no peito
 Rectidão, e equidade; pois lhe havia
 Commettido os negocios mais difficeis.
 Abracei-o de goſto arrebatado,
 E me julguei feliz, pois entregava
 A minha confiança a hum ſujeito
 Superior ás paixões, e ao intereſſe.

Mas

(6) Carpathia, hoje Scarpanto, he huma Ilha do mar Mediterraneo á entrada do Archipelago entre Candia, e Rhodes.

(7) O M. de Louvois não podia negar eſta juſtiça ao merecimento do Viſconde de Turenna, mas ſervio-ſe deſte pretexto para affaillar do Rei hum concorrente, que via ao ſeu lado com inveja.

Mas de quanta piedade hum Rei he digno!
Melhor me conhecia, do que eu mesmo,
Este homem ardiloso. Elle sabia
Que os Reis costumão ser desconfiados,
Por ter experimentado os artificios
Dos homens estragados que os rodeião;
E sem applicação, pois lhes he facil
Terem pessoas que por elles pensem,
Em quanto elles se engolfaõ nos prazeres.
Soube pois que era facil atear-me
A suspeita, e ciume contra hum homem
Que havia de fazer acções notaveis,
E cuja longa ausencia lhe deixava,
Para laços tecer-lhe, o campo livre.
Logo previo Filocles o que havia
Acontecer, e disse-me partindo:
Lembraí-vos que não posso defenderme,
Que haveis sómente ouvir meu inimigo,
E ao mesmo tempo que aventuro a vida
Por servir-vos, me arrisco a ter por premio
A vossa indignação. Vós enganais-vos,
Lhe disse então, Protésilas vos trata
De outra maneira que tratais a elle.
Elle vos louva, e estima, e vos creê digno
Dos maiores empregos. Se fallasse
Contra vós, perderia a minha graça.
Ide: não cuideis mais q̃ em bem servir-me.
Partio; e me deixou em triste estado.

Eu

Eu bem via , *Mentor* , que precisava
De consultar a muitos ; que danoso
Seria á minha fama , e dos negocios
Ao successo fiar-me de hum só homem.
Experimentara que os conselhos sabios
De *Filocles* me haviaõ preservado
De erros graves , aos quaes me encaminhava
A altivez de *Protésilas*. Hum fundo
De probidade , e de saudáveis maximas
Descubria em *Filocles* , que não tinha
Protésilas. Porém tal ascendente
Tinha este sobre mim , que eu lhe cedia.
Fatigava-me o ver-me entre dois homens ,
Que ajustar não podia ; e nesta lida
Escolhi por cobarde alguma coisa
Atriscar dos negocios para livre
Respirar. A mim mesmo o vergonhoso
Motivo do partido que tomava
Queria occultar : porém no fundo
Do coração obrava occultamente ,
E das minhas paixões elle só era
O verdadeiro movel. Assaltando
Filocles (8) os *Carpathios* , houve delles

Vi-

(8) Isto respeita á campanha de 1673 em Alemanha , donde o V. de Turca detrotou a *Montecuculli* , e se apressava a voltar , porque começava a faltar-lhe os viveres. Mas *Louvois* fez marchar o *Marechal de Crequi* com hum destacamen-

Victória ; e os máos officios que temia ,
 Pertendeo atalhar voltando logo.
 Protésilas , que tempo não tivera
 De enganar-me , escreveo-lhe que eu queria
 Que para aproveitar-se da victória ,
 Na Carpathia fizesse desembarque.
 Com effeito mé havia persuadido
 Ser desta Ilha facil a conquista ;
 (9) Porém soube dispor de forte as coisas
 Que a Filocles faltou o necessario
 Para esta empreza , e sujeitou-o a ordens ,
 Que muitos embarços produziraõ.
 De hum Criado por elle corrompido ,
 Que minhas açções todas espiava ,
 Se valeo. Este hum dia occultamente
 Veio avizarme que hum perigoso caso
 Percebera. Filocles (me disse elle)
 Pertende-se valer da vossa frota
 Para Rei em Carpathia proclamarse.
 Seguem o seu partido os Chefes todos.
 Os Soldados comprou com donativos ,

E

to de tropas de Flandes para o reter. O Visconde tendo recebido este reforço , se dispunha a apresentar combate aos Imperiaes , quando foi morto com hum tiro de canhão junto de Altenheim.

(9) Assim usou Louvois com os Generaes que lhe faziaõ sombra : deixava-os faltos de tudo ; e os fez responsaveis pelos máos successos de que elle mesmo era a causa.

E co' a licença em que viver os deixa.
Está soberbo co' a victoria. He esta
Huma carta por elle a hum seu amigo
Escrita, em que o projecto lhe descobre
De proclamar-se Rei. Prova taõ clara
Toda a duvida tira. (10) Eu li a carta :
Pareceo-me do punho de Filocles.
Protésilas havia a sua letra
Contrafeito. Esta carta n'uma estranha
Confusaõ me lançou. Tornava a lê-la,
E naõ podia cré-la de Filocles,
Na perturbada mente revolvendo
As provas que me dera de lealdade.
Mas de que modo resistir podia
A' prova destas letras, que eu pensava
Reconhecer por suas? Vio Timocrates,
 (Este era o nome do criado iniquo)
Que eu já naõ resistia ao artificio;
E entranhando-se mais: Devo, me disse
Hesitando, fazer-vos hum reparo
Nessa carta. Diz elle ao seu amigo,

Que

(10) Isto respeita á desgraça do Duque de Navailles. Atribuirão-lhe a carta que o Marquez de Vardes, e o Conde de Guiche fizeraõ cabir nas mãos da Rainha, a quem descubriraõ a intriga do Rei com Madame de la Valiere. Monsieur de Cambrai mistura muitas vezes os seus caracteres, para desviar para outra parte os olhos da Corte.

Que a Protésilas pôde francamente
 De certa coisa que designa em cifra
 Fallar. Fica pois claro, que Protésilas
 Tem parte nos projectos de Filocles;
 E que se haõ congraçado á vossa custa.
 Sabeis que foi Protésilas o mesmo
 Que o empenhou a ir contra os Carpathics.
 Cessou desde algum tempo de arguillo,
 Como fazia dantes. Ao contrario
 O louva, e o desculpa, e com policia
 Se cortejaõ. Talvez entre si querem
 Dividir a conquista de Carpathia.
 Reflecti que da vossa armada a perda
 Incauto aventurou naquella empreza
 Contra todas as regras da prudencia,
 Por contentar sua ambiçaõ; e a delle
 Favorecera assim, se inda estivessem
 Differentes? He crível que se unissem
 Para subir á summa authoridade,
 E derrubar talvez o vosso throno.
 Fallando assim, me exponho ás suas iras;
 Se lhes deixais ainda a authoridade
 A pezar deste aviso. Mas com tanto
 Que vos diga a verdade, o mais q̃ importa?
 As ultimas palavras de Timócrates
 Fizeraõ-me impressaõ. Capacitei-me
 Da traiçaõ de Filocles; e suspeitas
 Formei contra Protésilas, pensando

Que

Que fosse seu amigo. Não cessava
De dizer-me Timócrates : Se acaso
Esperais , que Filocles de Carpathia
A conquista termine , os seus designios
Não tereis tempo de estorvar. Em quanto
Podeis fazello , assegurai-vos delle.
Tinha horror dos humanos ; não sabia
De quem me confiasse. Descobrimdo
Em Filocles traição , não esperava
Algum homem achar , cuja virtude
Me assegurasse. Resolvi-me logo
Fazer morrer o pérfido. Temia
Protésilas com tudo ; e irresoluto
Receava encontralho criminoso ,
E temia também fiar-me delle.
Na minha inquietação deixar não pude
De lhe dizer , que me era suspeito
Filocles. Affectou que se assombrava :
Representou-me a sua probidade ,
Sua moderação : exaggerou-me
Seus serviços. Em fim fez quanto pôde
Para me persuadir que ambos estavao
De mutua intelligencia. De outra parte
O protervo Timócrates tentava
Mostrar-ma , e obrigar-me a que perdesse
A Filocles. Notai , Mentor amado ,
Quanto são desgraçados os Monarcas ;
Pois se arriscao a serem o ludibrio

Dos

Dos outros homens , inda mesmo quando
 Tremer parecem a seus pés prostrados.
 Pensei obrar acção de alta politica ,
 E desarmar Protésilas , mandando
 Em segredo Timocrates á frota
 Para a Filocles dar infeliz morte.
 Refinava Protésilas o embuste
 Deixando-se enganar. Em fim Timócrates
 Partio , e achou Filocles consternado
 C'o desembarque. Tudo lhe faltava ;
 Pois temendo Protésilas que a carta
 Não fizesse morrer seu inimigo ,
 Quiz ter outro recurso no successo
 Ruim de huma sacção , em que me havia
 Esperançado tanto , e já contava
 C'o a minha indignação contra Filocles.
 (11) Este a difficil guerra sustentava
 Com seu valor , talento , e amor das tropas.
 Todos avaliavaõ temeraria
 E damnosa aos Cretenzes esta empreza ;
 Mas todos procuravaõ sustentalla ,
 Como se do successo dependesse
 A sua vida , e credito ; contentes
 De arriscar-se debaixo do commando

De

(11) M. de Turenne sustentou muitas vezes a guerra em Alemanha, estando fulto de todas as provisões, mais pelo seu valor, e genio, e pelo amor que lhe tinhaõ as tropas, que por algum outro soccorro.

De hum Chefe taõ affavel , e prudente.
Muito se aventurava , pertendendo
Timócrates matar da frota o Chefe
Em meio dos Soldados que o amavaõ :
Mas a ardente ambiçaõ he sempre cega.
Nada achava Timócrates difficil
Por contentar Protésilas , cuidando ,
Morto Filocles , governar com elle.
Naõ soffria Protésilas hum homem
De bem , cuja presença era huma occulta
Exprobraçaõ de seus nefandos crimes ,
E que abrindo-me os olhos poderia
Seus projectos cortar. Ao seu partido
Chamou dois Capitães , q̃ sempre ao lado
De Filocles estavaõ. Prometteo-lhes
Da minha parte recompensas grandes ;
E depois dirigindo-se a Filocles ,
Disse que lhe trouxera occultas ordens ,
Que sómente devia na presença
Destes dois Capitães communicar-lhe.
Fechou-se com Timócrates , e elles
Filocles. Entaõ foi accommettido
C'hum punhal por Timócrates. O golpe
Reſvalou ; e Filocles arrancando
Sem pavor da ferida pouco intensa
O cruento punhal , ſervio-se delle
Contra os tres. Acudiraõ logo ás vozes ;
Arrombaraõ as portas , e salvaraõ

A Filocles das mãos dos assassinos ,
Que sem acordo já , cobardemente
O accommettiaõ. Foraõ prezos logo :
E seriaõ alli despedaçados ,
(Taõ ardente das Tropas era a furia)
Se a ingente multidaõ naõ rebatesse
Filocles. Com brandura de Timócrates
O motivo inquirio de açcaõ taõ negra.
Elle , que acerba morte receava ,
Apreffou-se a mostrar-lhe a ordem regia.
E pois saõ sempre fracos os traidores ,
A vida quiz fálvar , manifestando
A traicaõ de Protésilas. Filocles
Assombrado de ver tanta malicia
Nos homens , hum partido moderado
Tomou ; pois declarando a toda a Frota
Naõ ter culpa Timócrates , mandou-o
Em segurança a Creta. Em Polimene ,
Que para succeder-lhe eu nomeara ,
Renunciou o mando. Depois disto
A's tropas exhortou , que me deviaõ
Fidelidade. Em fim n'huma ligeira
Barca de noite retirou-se a Samos ,
Onde vive tranquillo na pobreza ,
E solidaõ. Exerce a escultura
Para a vida manter. Noticia alguma
Ter naõ quer dos mortaes enganadores ,
E injustos , maiormente dos Monarcas ,
Que

Que tem pelos mais cegos , e infelizes.
 Aqui Mentor o atalha : Muito tempo
 Para a verdade conhecer gastastes ?
 Não ; respondeo-lhe. Pouco a pouco soube
 Os cruezs artificios de Timócrates ,
 E Protésilas. Ambos bem depressa
 Se defunirão , como aos máos succede.
 A tua divisaõ o fundo pego
 Me fez ver , aonde elles me arrojaraõ.
 E não vos resolvestes , lhe replica
 Entraõ Mentor , a desfazer-vos de ambos ?
 Torna-lhe Idomeneu : Vós a fraqueza
 Dos Monarcas sabeis. Estando entregues
 A mortaes , que tem arte de fazer-se
 Necessarios , não podem liberdade
 Esperar. Os que menos elles prezaõ
 São os que mais amimaõ , e premeiaõ.
 (12) Tinha em horror Protésilas : com tudo
 A authoridade toda lhe deixava.
 Que delirio ! De havello conhecido
 Me comprazia ; mas valor não tinha
 De cobrar o poder que lhe largara.
 Achava-o opportuno , prazenteiro ,
 Industrioso para os meus affectos
 Tom. II. B Sem-

(12) O Rei estava por fim desgostoso de Monsieur de Louvois ; e com tudo não tinha força para desfazer-se d'elle , porque se lhe tinha entregue , e era por elle governado.

Sempre lifongear , e fervoroso
 Para os meus interesses. Huma escusa
 Tinha em mim mesmo da fraqueza minha.
 Era que eu ignorava a verdadeira
 Virtude , e cria não a haver no Mundo ;
 Tendo por vão fantasma a probidade.
 Que val , dizia eu , ás mãos de hū homem
 Corrompido fugir , se caio n'outras
 Similhantes ? Voltou em tanto a frota
 Por Polimene commandada. A empreza
 Abandonei da Ilha de Carpathia ;
 Nem Protésilas pôde fingir tanto ,
 Que eu não pudesse ver que se affigira
 De que Filocles se salvasse em Samos.
 Aqui Mentor de novo o interrompe
 Para lhe perguntar , se proseguira
 Depois de acção tão negra de Protésilas
 A confiar-lhe ainda os seus negocios.
 Era inimigo delles , lhe responde ,
 E sem applicação para tirar-me
 Das suas mãos. Devia hum novo homem
 Formar-me , toda a ordem transformando ,
 Que em meu commodo havia regulado ;
 E para o emprender não tive forças.
 Os olhos antes quiz cerrar a tudo ,
 Sómente por não ver seus artificios.
 Consolava-me só a alguns sujeitos
 Meus confidentes fazer ver que a sua

Má

Má fé não ignorava. Desta sorte
 Imaginava ser meio enganado ,
 Pois conhecia o engano. Algumas vezes
 Eu mostrava a Protésilas , que o jugo
 Sopportava violento. O que fazia
 Alguma vez lhe censurava em publico ;
 Indo contra o seu voto. Mas como elle
 A minha inercia , e frouxidão sabia ,
 Não o abalava muito o meu desgosto.
 Tornava novamente ao predominio :
 Valia-se de instancias , e de rogos.
 Quando me via contra elle irado ,
 Redobrava o cuidado em ministrar-me
 Novos divertimentos para effeito
 De enervar o meu animo , ou em graves
 Negocios me envolvia , onde fizesse
 Necessario o seu zelo. Inda que delle
 Me reservasse , me arrastava sempre
 Esta arte de affagar os meus affectos.
 Sabia os meus segredos , de embaraços
 Me tirava , (13) e fazia todo o povo
 Temeroso co' a minha authoritydade.
 Perdello em fim não pude: Elle mantido

B ii

No

(13) Tudo o que precede , e se segue contém o caracter natural de M. de Louvois. Fez-se não necessario ao Rei , e tão formidavel ao Reino , que o Monarca só via pelos seus olhos , e ninguém ouzava chegar-se a elle.

No seu posto , apartava de meu lado
 As pessoas honradas , que podiaõ
 Meu sólido interesse aconselhar-me.
 Fugio dos meus conselhos a verdade ,
 E a liberdade. O erro que prepara
 A quêda aos Reis , me deu prompto castigo
 De haver sacrificado á desmedida
 Ambição de Protésilas Filocles.
 Os que tinhaõ mais zelo pelo Estado ,
 E por minha pessoa , se julgaraõ
 Com taõ funesto exemplo dispensados
 De me enganar. Até eu mesmo
 Temia , que a verdade penetrasse
 A nuvem , e a través dos lisongeiros
 Me apparecesse ; pois naõ tendo forças
 De abraçalla , importuna me seria
 A sua clara luz ; e rigorosos
 Remorsos sentiria , mas debalde.
 Desesperei de entrar em liberdade.
 Naõ queria nem ver taõ vergonhoso
 Estado , nem deixallo ver aos outros.
 Sabeis , caro Mentor , em que vaidade
 E falsa gloria os Principes se criaõ ?
 Naõ querem persuadir-lê de que erraraõ.
 Por cubrir huma falta , a cem se arrojaõ.
 Ser enganados sempre querem antes
 Que confessar haverem-se enganado ,
 E ter trabalho de emendar seu erro.

Tal

Tal o estado de Principes inertes ,
E preguiçosos ; e tal era o meu ,
Quando parti para o Troiano assédio.
Partindo em fim , as redeas do governo
Entreguei a Protésilas. Ativo ,
E cruel as regeo na minha ausencia.
Debaixo do seu jugo todo o Reino
Gemia , mas ninguém se aventurava
A dizer-me a oppressão dos meus vassallos.
Sabiaõ que a verdade eu ver temia ,
E abandonava ás iras de Protésilas
Todos os que emprendessem criminallo.
Mas o mal se fazia mais violento ,
Quanto mais se occultava. Depois disto
Me obrigou a expulsar o valeroso
Merion , que me havia acompanhado
Com tanta gloria no Troiano cerco.
Era-lhe este suspeito, como os outros
Que eu amava , e que davaõ de virtude
Mostras. Daqui nasceraõ meus desastres.
Naõ tanto de meu filho a triste morte ,
Como a vingança dos irados Numes
Contra as minhas fraquezas , e dos povos
O odio que Protésilas causara ,
Rebelou os Cretenfes , que cançados
Do rígado governo , a paciência
Haviaõ exaurido. O horror daquella
Ultima acção só fez que rebentasse

O que nos corações se concentrava.
 Timócrates seguiu-me, quando ao cerco
 Fui de Troia. Dalli occultamente
 Por cartas a Prorésilas de tudo
 Dava conta. Eu sentia o cativoiro,
 Porém desesperava do remedio.
 Quando se revoltarão os Cretenfes,
 Fugirão logo os dois, e me haverião
 Abandonado, se a fugir com elles
 Precifado não fosse. Vede como
 Os homens insolentes na ventura
 São fracos na desgraça; (14) desacordaõ
 Assim que lhes escapa a authoridade;
 E passaõ logo de hum extremo a outro.
 Mentor lhe disse entãõ: Dende procede
Que conhecendo bem estes dois homens,
 Junto de vós os conservais ainda?
 Não me assombro de q' elles vos seguissem
 Pois servião assim seu interesse,
 E vós a generosa acção obráeis
 De acolhellos no vosso novo Reino.
 Mas porque haveis de confiar-vos delles
 Depois de provas tão ruins? Acafo,

Ref-

(14) Tal era o M. de Louvois. Quando o Rei lhe mostrava algum dissabor, estava desesperado; fazia mil baixezas; e teve muitas vezes necessidade do credito de Madame de Maintenon para se restabelecer.

Responde o Rei , vós ignorais que inuteis
 Saõ estas experiencias aos Monarcas
 Frouxos , inapplicados , e que vivem
 Sem reflexaõ ? De tudo descontentes ,
 Nada tem o valor de dirigirem.
 Eraõ ferreas cadeas tantos annos
 De costume , que a elles me prendiaõ.
 Depois q̃ estou aqui , tem-me empenhado
 Nos excessivos gastos , que attenuaõ
 Do Estado as forças todas. Levantaraõ
 Esta guerra , que hiria a destruirme ,
 Se vós não fossis. Cedo provaria
 Em Salento as desgraças que passara
 Em Creta. Porém vós em fim me abristes
 Os olhos , e o esforço me inspirastes
 Para apartar de mim o cativoiro.
 Não fei que em mim obrastes , q̃ me sinto
 Trocado em novo homem. Inquirio-lhe
 Depois Mentor , qual era de Protésilas
 Na mudança das coisas a conducta.
 Responde Idomeneu: (15) Tem-se portado
 Com profundo artificio. Elle ao principio
 Nada omitio que despertar podesse

Em

(15) Louvois era muito artificiozo , e destre para lançar suspeitas no espirito do Rei contra todas as pessoas , que se chegavaõ a elle. Conseguiu em fim assastar a todos , e não chegava alguem ao throno senaõ por sua intervençaõ.

Em meu peito o ciuic. Não fallava
 Contra vós. Porém outros não ceilavaõ
 De me advertirem, que temer devia
 Estes dois estrangeiros. Hum, diziaõ,
 Do enganador Ulysses he o filho ;
 Outro hum homem ignoto, e de profundo
 Espirito. A vagar de Reino em Reino
 Costumados estaõ. Quem sabe se elles
 Sobre este tem formado algum projecto ?
 Estes aventureiros nos informaõ
 Elles mesmos, que tem muitas desordens
 Causado nos paizes que corraõ.
 Este estado he nascente, e mal seguro,
 E ao mais leve motim perder-se pôde.
 Procurava Protésilas mostrar-me
 O risco, e excessõ, que consigo trazem
 Estas reformas, e me acconnetria
 Pelo meu interesse. Se puzerdes,
 Dizia elle, em abundancia os povos,
 Mais não trabalharãõ. Feros, e indóceis
 Estaráõ sempre promptos á revolta.
 (16) A inopia, e oppressãõ os faz humildes,
 E os priva de fazerem resistencia.
 Recobrar pertendia o antigo imperio

Para

(16) Tal foi sempre a maxima dos Ministros
 de França depois de Richilieu: Opprimir o povo
 para não se revoltar. Luiz XIV. se julgou tanto
 mais poderoso, quanto seus vassallos eraõ fracos,
 e miseraveis.

Para arrastar-me , e de fingido zelo
O revestia. Alliviar querendo
O povo , me dizia , a authoridade
Real attenuais , e ao mesmo povo
Nisto causais irreparavel damno ,
Porque convém que esteja submettido ,
Por seu proprio soccego. A tudo isto
Respondi , que no seu dever os povos
Conteria , fazendo-me amar delles ,
Naõ perdendo o vigor do poder Regio ,
Posto que os ajudasse , castigando
Constante os crimes , dando á mocidade
A boa educaçaõ , e ao povo todo
Exacta disciplina , conduzindo-o
A huma vida frugal , laboriosa ,
E simples. Naõ ha meio (proseguia)
De ter sujeito hum povo , sem fazello
Morrer de fome ? Que brutal politica !
Quantos povos se vem humanamente
Tratados , e com tudo aos seus Monarcas
Vivem sujeitos ! A ambiçaõ dos grandes
Quando se naõ contém nos seus deveres ,
Ou ás suas paixões naõ poem limites ;
A negligencia em refrear das outras
Ordens do Estado a indomita licença ;
A multidãõ de grandes , e pequenos ,
Que vivem no ocio , na molleza , e luxo ;
O desprezo que fazem os Soldados

Das

Das obras uteis para a paz ; o odio
 Dos povos maltratados ; a crueldade
 É soberba dos Reis , e a sua inercia ,
 Que os faz inhabeis de prover ao povo ,
 He que faz as revoltas de hum Estado ,
 E naõ o paõ , que em paz comer se deixa
 Ao lavrador com seu suor ganhado.
 Protésilas tomou outro partido
 Contrario vendo em mim constancia tanta.
 Começou a seguir as mesmas maximas ,
 Que destruir naõ pôde. Persuadido
 Achar-se dellas , e abraçallas finge.
 Mostra-se-me obrigado por havello
 Allumiado nisto , e se antecipa
 A tudo o que desejo. He o primeiro
 Em soccorrer os pobres , e declama
 Contra as grãdes despezas. Sim , vós mesmo
 Que vos louva sabeis , e que vos mostra
 Confiança , e se esmera em agradarvos.
 Timócrates começa a defunir-se
 Com Protésilas. Quer independente
 Fazer-se , o que no outro causa zelos :
 E as suas differenças concorretaõ
 Para lhes descobrir sua perfidia.
 Sorrindo-se Mentor assim responde
 A Idomeneu : Vós tendes sido fraco
 Em deixar dominar-vos tantos annos
 Dois pérfidos de quem sabeis as fraudes.
Mal

Mal sabeis , lhe replica o Rei , o quanto
Podem homens sagazes e' hum Rei frouxo ,
E inaplicado que os negocios todos
Lhes entrega. Além disto já vos disse
Que comvolco Protéfilas agora
Nos publicos negocios se conforma.
Então lhe diz Mentor com hum tom grave:
Agora vejo quanto prevalecem
Os máos aos bõs para e' os Reis. Vós mesmo
Sois hum tremendo exemplo. Vós dizeis-me
Que eu vos abri os olhos a respeito
De Protéfilas , e inda estaõ taõ cegos,
Que deixais o governo dos negocios
A hum homem tal que he de viver indigno.
Sabei que os homens máos são incapazes
De obrar bem. Lançaõ mão cõ indifferença
Do bem , e mal , conforme lhes he util
Para a sua ambição. Nada lhes custa
O mal , pois prohibidade em si não sentem ;
Nem os pôde reter algum principio
De virtude. Não menos lhes he facil
Fazerem bem ; pois os conduz a isso
Sua depravação para passarem
Por bons , os outros homens illudindo.
Fallando propriamente , de virtude
Não são capazes , inda quando a ostentaõ ;
E só o são de unirem aos mais vicios
O mais horrivel , qual a hypocrissia.

Em

Em quanto obrastes bem , estará prompto
A seguir-vos Protéfilas , fômente
A fim de conservar a authoridade.
Mas affrouxando logo ha de arrojard-vos
Nos erros , recobrando o genio altivo.
Podeis viver com honra , e com descanso
Em quanto hum homem tal a toda a hora
Vos espreita ; e em quanto o leal Filocles
Indigente , e sem honra vive em Santos ?
Reconheceis , Idomeneu , que homens
Mantofos , e arrevidos os Reis fracos
Arrastão ; porém outra desventura
Tem ainda maior que he esquecer-se
Da virtude , e serviços dos vassallos
Que estão longe. Saõ causa os q os rodeião
De que nenhum faça impressão sobre elles
Só os move o que vem , e o que os adula.
Naõ os move a virtude ; porque longe
De os adular se oppoem aos seus prazeres.
Naõ he pois muito , que ninguem os ame ;
(17) Porque elles amaõ só sua grandeza.

L I

(17) Luiz XIV. naõ foi amado ; porque refaria tudo a si mesmo : e julgou que todos os homens eraõ nascidos para contribuir á sua grandeza ; e aos seus prazeres.



L I V R O XIV.

O Discurso acabou, persuadindo
 Mentor ao Rei exterminar Simócrates
 E Protéfilas para do desterro
 Revocar a Filocles. O embaraço
 Do Rei era temer o genio austero
 Deste vassallo. Sei, dizia elle,
 Que ainda que o estime, a sua vinda
 Me causa algum temor. Desde a mais tenra
 Infancia costumei-me ás complacencias,
 Aos mimos, aos louvores, que em Filocles
 Não espero encontrar. Quando eu obrava
 Coisas que o deígestavaõ, de seu resto
 O ar triste mostrava condemnar-me,
 Estando só comigo, era o seu trato
 Respeitoso, e modesto, mas austero.
 E não vedes (Mentor assim lhe torna)
 Que os Reis pelas lisonjas estragados
 Julgaõ secco, e austero o que he ingenuo,
 E livre? Até suppoem que não ha zêlo
 De seu serviço, que não ha respeito
 A' sua authoridade, quando falta
 Alma fervil, que louve o mais injusto
 Uso do seu poder. Sediciosa

Qual-

Qualquer palavra livre lhes parece.
Ficão taõ delicados , que os irrita,
E offende o que naõ são puras lisonjas.
Demos hum passo mais. Imaginemos
Que he Filocles severo , e defabrido.
Naõ vale mais a sua austeridade
Que as lisonjas de indignos conselheiros ?
Aonde se achão homens sem defeitos ?
Naõ he o menor delles o expor-vos
Livrementemente a verdade ? Mas que digo ?
Naõ he este hum defeito necessario
Para emendar os vossos , da verdade
O desgosto vencendo em que a lisonja
Vos fez cahir ? Necessitais de hum homem ;
Que só diga a verdade , e que vos ame
Mais que vós a vós mesmo , que vos diga
A pezar voſſo o que sentir , e force
As voſſas repugnancias ; e este homem
Necessario só póde ser Filocles.
Lembraí-vos q̃ hum Monarca he venturoſo,
Quando nasce em ſeu Reino hum só vaſſallo
Taõ generoſo. Elle he o mais brilhante
Theſouro de hum Estado ; e o mais horriavel
Caſtigo , que lhe podem dar os Deoſes ,
He perdello , ſe delle ſe naõ ſerve.
Convém dos homens conhecer as faltas
E com tudo empregallos , ſe ſaõ habeis.
Corregi-os ; e nunca cegamente

Ao seu zelo indiscreto vos deis todo;
Mas ouvi-os affavel, e dai honra
A' virtude; mostrai que distinguilla
Sabeis, e não sejais como atégora.
Contentaõ-se os Monarcas estragados
Com desprezar os homens viciados;
E inda se não nelles, e os premeiaõ.
Caprichaõ de outra parte em conhecerem
Os homens virtuosos; mas sómente
Lhe daõ vãos elogios, não ousando
Confiar-lhes empregos, franquear-lhes
Trato familiar, ou premiallos.
Idomeneu exclama a estas vozes,
Que se corria já de tardar tanto
Em livrar da oppressaõ a innocencia,
E em punir os que o tinhaõ illudido.
Não custou a Mentor algum trabalho
O resolver o Rei para o privado
Perder; pois huma vez que suspeitosos
E importunos se fazem a seus amos,
Os Reis cansados delles só procuraõ
Expulsallos. Destroe-se a amizade;
Os serviços se esquecem; e o despenho
Dos privados não custa, mas com tanto
Que os não tornem a vér. Ordenou logo
O Rei a Hegesipo hum dos maiores
Officiaes de sua Real Casa
Em segredo, que tendo elle a Protéfilas,
E

E a Timócrates prezo, os conduzisse
 Com segurança (1) a Samos, revocando
 Do degredo a Filocles. Hegeſipo
 Transportado não pôde de alegria
 As lagrimas conter, e assim exclama:
 Os desejos encheis do voffo povo.
 Estes dois homens as desgraças voffas,
 E dos voffos vaffallos tem caufado.
 Ha vinte annos debaixo do feu jugo
 Os vaffallos honrados gemer fazem,
 E apenas gemer ouſaõ: taõ cruenta
 He ſua tyrannia! Elles opprimem
 Os que ouſaõ até vós chegar, não ſendo
 Por via delles. De traições enormes
 Por elles commettidas, das quaes nunca
 O Rei ouviu fallar, hum grande numero
 Depois lhe descubrio. O que ſabia
 Tambem lhe declarou de huma ſecreta
 Traiçaõ contra Mientor. De quanto ouvira
 Se horrorizou o Rei. Mas Hegeſipo
 Apreſſou-ſe a prender em ſua caſa
 Protéſilas. Não era menos grande,
 Menos cominoda, e alegre do que a Regia.
 Era de mais primor a architectura.
 O valido a adornara com diſpezas

Do

(1) Samos he huma Ilha de Archipelago junto da
 Coſta de Natolia quaſi duas leguas diſtante de Eſeſo.

Do ſangue de infelizes deduzidas:
 Elle entaõ em marmorea vaſta ſala
 Viinha aos banhos ſobre hum brando leito
 De purpura bordada de ouro fino
 Com deſalinho recoſtado eſtava.
 Fingia eſtar cançado, e do trabalho
 Abatido. Seus olhos inculcavaõ
 Hum não ſei que de triſte, de ſombrio,
 E de feroz. Dos principaes do Eſtado
 Sobre alcatifas o cercava a turba,
 Pelo delle os ſeus roſtos modelando.
 Obſervavaõ por iſſo o mais pequeno
 Movimento em ſeus olhos. Mal a boca
 Abria, todos já ſe preparavaõ
 Para approvar o que dizer quizeſſe.
 Algum dos principaes da companhia
 Uando de hyperbolicos louvores
 Lhe contava as acções, q̄ a bem do Eſtado
 Elle meſmo Protéſilas fizera.
 Outro lhe aſſegurava que enganando
 Júpiter ſua mãi lhe dera a vida,
 E que era filho do maior dos Deoſes.
 Hum Poeta lhe veio cantar verſos,
 Em que dizia, que elle pelas Muſas
 Inſtruido igualava o meſmo Apollo
 Na ſciencia. Outro ainda mais ſem pejo
 Lhe chamava o Inventor das boas artes,
 E o Pai do povo a quem feliz fazia;
 Tom. II. C E

E o pintava co' a mão na Cornucopia ;
 Symbolo da abundancia. (2) Recebia
 Com ar desprezador , e distrahido
 Protéfilas tão torpes elogios ,
 Como hum homem que sabe que merece
 Inda maiores , e em deixar louvar-se
 Faz favor. Houve alli hum lisongeiro ,
 Que tomou liberdade de dizer-lhe
 Ao ouvido huma graça respectiva
 De Mentor á policia. Elle sorriu-se ,
 E logo entrou a rir toda a Assembleia ,
 Inda que a maior parte não soubesse
 O que se tinha dito. Tornou elle
 Ao seu ar fero , e ativo. Logo todos
 Entraram no temor , e no silencio.
 Muitos nobres buscavam o momento
 De se voltar para elles a ouvillos.
 Pareciam citar sobressaltados ,
 Quando queriam graças supplicar-lhe.
 A humilhada postura parecia
 Fallar por elles. Tão submissivo estava
 Cada hum como a mão , q' aos Deoses pede
 Prostrada ante os altares a melhora

Do

(2) Tudo o que se segue he huma pintura natural do Marquez de Louvois , da sua conducta com os Grandes , e da submissão dos Correzãos , que elle fazia treinar com seus modos ativos , e extravagantes.

Do unico filho. Todos se mostravam
 Placidos , satisfeitos , e admirados
 De Protéfilas , inda que tivessem
 Dentro do coração raiva implacavel
 Contra elle. Hegeſipo entã entrando ,
 Toma a espada a Protéfilas ; da parte
 Do Rei lhe intima que o conduz a Samos.
 Cahio a estas vozes a arrogancia
 Do valido ; bem como se desprega
 Hum penedo do cume de escarpada
 Montanha. Elle se lança de Hegeſipo
 Aos pés , e treme , chora , balbuceia ,
 E os joelhos abraça áquelle mesmo
 A quem se não dignava huma hora d'antes
 Honrar co' a sua vista. Os que o louvavam
 Vendo-o perdido sem remedio , as suas
 Lisongjas trocam em crueis insultos.
 Não lhe quiz Hegeſipo deixar tempo
 (3) Nem para despedir-se da familia

C ii

Nem

(3) Isto allude á prizaõ de Mr. Fouquet em 1661 , por se fazer suspeito na administração da Fazenda. A descripção da casa de Protéfilas corresponde á de Vaux le Vicomte , em que Mr. Fouquet foi prezo. As despesas immentas que nella fizera , confirmaram as suspeitas do Rei. Foi prezo no tempo em que elle menos o pensava : e não pôde esconder os seus papeis , entre os quaes se achou hum projecto , que foi huma das principaes causas da sua perda.

Nem para alguns papeis levar comfigo.
Tudo foi sequestrado , e conduzido
Ao Rei. No mesmo tempo foi Timócrates
Prezo ; e foi por extremo o seu espanto ;
Pois estando malquisto com Protéfilas ,
Não cria que tivesse a mesma sorte.
Partem em hum navio : avistaõ Samos
Estes dois infelizes. Hegeſipo
Os deixa juntos por maior desgraça.
Aqui se exprobraõ com furor os crimes ;
Que da sua ruina foraõ causa.
A Salento voltar não esperavaõ ,
Estando condemnados a viverem
Ausentes das consortes , e dos filhos ;
Só dos amigos não , porque os não tinhaõ.
Eraõ deixados em ignota terra ,
Onde para viver não tinhaõ meios
Mais q̃ o trabalho seu , quando annos tantos
Vivido tinhaõ em deleite , e pompa.
Duas feras salvagens pareciaõ
A degollar-se promptos hum ao outro.
Perguntou Hegeſipo onde habi tava
Filocles. Responderaõ-lhe , que longe
Da Cidade em hũ monte , onde huma gruta
Lhe servia de casa. Os habitantes
Todos diziaõ bem deste estrangeiro.
Desde que está aqui, nenhuma offensa
A alguem tem feito. A sua paciencia

O seu trabalho , e o seu socego admirão.
Nada tendo , parece estar contente.
Lá que separado dos negocios ,
Sem cabedal , sem mando , vale áquelles
Que o merecem , e para os seus vizinhos
Afastar tem mil modos. He gesipo
A gruta se dirige , e a acha aberta,
E vazia. A pureza de costumes ,
E pobreza a Filocles dispensavaõ
De fechar ao sahir da gruta a porta.
Grossa esteira de junco era o seu leito.
O lume raras vezes accendia ;
Pois no Estio comia as frutas frescas ,
E no Inverno , ou as nozes , ou os figos
Seccos. Risonha fonte , que fazia
De escarpado penedo debruçada
Brando remanço , lhe matava a sede.
Só havia na gruta os instrumentos
Proprios ao exercicio da Escultura ,
E alguns livros , que lia a certas horas ;
Naõ para ornar o espirito , sómente
Para instrucção , e allivio do trabalho ,
E aprender a ser bom. A Escultura
Exercitava por fugir ao ocio ,
E ganhar sua vida , sem dos outros
Necessitar. As obras começadas
Admirou He gesipo. Vio a Jove ,
Cujo rosto tranquillo , e magestoso

O dava a conhecer por Pai dos Deoses ,
 E dos homens. A hum lado estava Marte
 C'hum a fereza rude , e ameaçadora.
 Porém arrebatou-o hum a Minerva ,
 Que as artes animava. Era o seu rosto
 Nobre , e affavel , o gesto denodado ,
 E magestoso. N'hum a acção taõ viva
 Estava , que ir andando parecia.
 Tendo-se deleitado nesta vista
 Hegesipo , sahio da gruta , e ao longe
 Vio Filocles sentado sobre a relva
 Lendo á sombra de hum a arvore copada.
 Encaminha-se a elle , mas Filocles
 O que creia naõ sabe. Naõ he este
 Hegesipo , dizia elle consigo ,
 Com quem tratei por tanto tempo em Creta ?
 Mas porque vem a Ilha taõ remota ?
 Será a sua sombra , que aqui volte
 Das tristes margens da lagoa Estygia ?
 Em quanto nestas duvidas luctava ,
 Tanto se approximou , que o reconhece
 Filocles , e abraçando-o assim lhe disse :
 Sois vós o meu antigo , e caro amigo ?
 Que acaso , que tormenta a esta Costa
 Vos lançou ? Porq' haveis deixado a Creta ?
 Talvez desgraça semelhante á minha
 Vos obrigou a abandonar a patria.
 Hegesipo responde : Naõ me trouxe

A desgraça , mas sim dos justos Deoses
O favor. De Protéfilas lhe conta
Então a dilatada tyrannia ,
As artes de Timócrates , os males
Nos quaes a Idomeneu lançaraõ ambos ;
Deste Rei a desgraça , e a fugida
Para as Costas de Hesperia , de Salento.
A fundação , a vinda de Telemaco ,
E de Mentor , as maximas prudentes
Q' este inspirara ao Rei , dos dois traidores
O despenho , e degredo para Samos ;
E rematou , dizendo que trazia
Ordem de o conduzir para Salento ,
Onde o Rei certo da innocencia sua
Queria confiar-lhe os seus negocios ,
E accumular-lhe premios. Vedes , vedes ;
Lhe replica Filocles , essa gruta ,
Que mais parece habitação de feras
Do que morada humana ? Desfrutado
Tenho alli mesmo desde tenros annos
Mais prazer , e alegria , que de Creta
Nos palacios magnificos. Os homens
Já não me enganaõ , porque não os vejo ;
Nem ouço os seus discursos lisongeiros ,
E envenenados. Delles não careço.
Minhas mãos calejadas c'o trabalho
O preciso alimento me grangeaõ.
Basta-me , como vedes , leve panno

Para

Para cubrir-me. As precisões ignoro.
 Gózo profunda paz, e liberdade
 Suave, de que os livros me dirigem
 A fazer uso bom. Que irei nos homens
 Invejofos, traidores, inconstantes
 Buscar? Não, Hegefipo; esta ventura
 Não me invejeis. Protéfilas, cuidando
 Perderme, se enganou; pois nenhum damno
 Me fez: pelo contrario dos bens todos
 O maior me causou. A liberdade
 Dos negocios do Estado, e da gostosa
 Solidaõ os prazeres innocentes
 Lhe devo. A Idomencu, ó Hegefipo,
 Voltai: ide ajudallo nas misérias
 Da grandeza; e fazei o que querieis
 Que eu fizesse. Esse sabio, por quem elle
 Em fim abriu feus olhos tanto tempo
 A' verdade fechados, a seu lado
 Conserve; que eu depois do meu naufragio
 Deixar não devo o porto, onde a tormenta
 Me lançou felizmente, para expor-me
 De novo á discricião das ondas bravas.
 Quanto são lastimaveis os Monarcas!
 Que compaixão merecem os que o servem!
 Se são máos, quanto os homens tyrannizaõ!
 E quantas penas lhes prepara o Orco!
 Se são bons, q̄ embarços vencer devem!
 Que laços se lhe tecem! quanto soffrem!

Ah!

Ah! deixai-me Hegefipo nesta minha
 Feliz pobreza. Em quanto assim fallava,
 Hegefipo pasmava. Tinha-o visto
 Em Creta magro, languido, abatido.
 Seu genio ardente, e austero o consumia
 No trabalho, sem ira não podendo
 Ver impunido o vicio, e desejando
 Aquella exactidaõ, que se não acha
 Nos negocios. Gastaõ-lhe os empregos
 Entaõ sua saude delicada;
 E o via em Samos gordo, e vigoroso.
 A pezar dos seus annos reluzia
 A flor da mocidade no seu rosto.
 Sua vida frugal, laboriosa,
 E socegada quasi que lhe dava
 Novo temperamento. Entaõ Filocles
 Lhe diz forrindo: De me ver mudado
 Pasmais? A' solidaõ devo a saude
 E robustez. O que eu já mais teria
 Na fortuna maior, os meus contrarios
 Me deraõ. Quereis vós que os verdadeiros
 Bens desampare por seguir os falsos,
 E que recaia nos antigos males?
 Não sejais mais cruel do que Protéfilas.
 Não me invejeis ao menos a ventura
 Que por seu meio tive. Entaõ lhe lembra
 Hegefipo, porém inutilmente,
 O que julgava proprio de abalallo.

E

E fereis insensível , lhe dizia ,
 Ao prazer de tornar a ver a patria ,
 Os parentes , os intimos amigos ,
 Que suspirão por vós , e a quem de gosto
 Enche só a esperança de abraçar-vos ?
 Vós, que os Numes temeis, e o dever vosso
 Amais , servir ao Rei tendes em pouco ,
 E ajudallo a fazer feliz seu Reino ?
 Permittido será seguir a barbara
 Filosofia de antepor-se a tudo ,
 E de amar antes o descanso proprio ,
 Que o publico interesse ? Crerão todos
 Que he agastamento não quererdes
 Tornar a ver o Rei. Sim teve intento
 De offender-vos , mas não vos conhecia.
 Não foi o verdadeiro , o bom , o justo
 Filocles que elle quiz matar , mas outro
 Homem diverso. Agora vos conhece.
 Já vos não tem por outro , e renascer-lhe
 Sente a antiga amizade no seu peito.
 Espera-vos , estende ambos os braços
 Para abraçarvos. Coração tão duro
 Tereis que ao vosso Rei inexoravel .
 Sejais , e aos vossos intimos amigos ?
 Filocles , que ao principio conhecendo
 A Hegesipo se havia enternecido ,
 Ouvindo este discurso , o ar austero
 Agora recobrou. Como o rochedo ,

Cons

Contra o qual em vão luctaõ rijos ventos,
E sonda vão quebrar-se com mugido
As crespas ondas, persistia immovel;
E nem razões nem rogos encontravaõ,
Fezda por onde entrassem no seu peito.
Mas já quando Hegeſipo de vencello
Deſconfiava, havendo entaõ Filocles
A vontade dos Deosês consultado
Felo vôo das aves, e das victimas
Felas entranhas, e outros mais preſagios;
Conheceo, que devia a Hegeſipo
Acompanhar. Entaõ mais não resiste;
E se apressa a partir, não sem saudade
Do deserto onde havia tantos annos
Vivido. Amavel gruta, assim dizia,
E hei de deixar-vos? O suave somno
Alli todas as noites vinha dar-me
Dos trabalhos do dia o lenitivo.
E em meio da pobreza as duras (4) Parcas
Dias de feda, e de ouro me fiavaõ.

En-

(4) Fingem os Poetas que ha tres Parcas Clo-
 te, Lachesis, e Atropos, filhas de Erebo, e da
 Noite, que presidem ao Destino, e á Morte. Clo-
 te he quem guarnece a roca, Lachesis a que fia,
 e Atropos corta o fio: isto he, a primeira presi-
 de ao nascimento, a segunda ao curso da vida,
 e á terceira á morte.

Então a gentil (5) Naiade prostrado
 Adorou, que com suas claras agoas
 O havia faziado tanto tempo,
 E as Ninfas, que habitavaõ as vizinhas
 Montanhas. Echo ouviu os seus lamentos;
 E com voz magoada ás Divindades
 Do Campo os repetio. Depois viciaõ
 Embarcar-se no porto da Cidade.
 Cria Filocles que o infeliz Protésilas
 Cheio de ira, e vergonha fugiria
 De o ver, mas enganava-se; q̃ os homens
 Estragados naõ tem o menor pejo,
 E estaõ promptos a obrarem toda a sorte
 De baixeza. Filocles se occultava
 Modestamente para naõ ser visto
 Deste infeliz, temendo accrescentar-lhe
 A desgraça, mostrando-lhe a ventura
 De hum seu contrario, o qual se remontava
 Sobre a sua ruina. Mas Protésilas
 A Filocles com ancia procurava.
 Intentava movello, e empenhallo
 Para do Rei obter do seu degredo
 O perdão. De Filocles a lifura
 Naõ consentio que assim lho prometteffe.
 Elle sabia bem quanto feria
 Danosa a sua volta. Mas fallou-lhe

Bran-

(5) Naiades Ninfas das fontes, e rios, que os Pagãos honravaõ como Divindades.

Brandamente. Mostrou compadecer-se.
Procurou consolallo : e a que cuidasse
Em aplacar os Deoses pelo meio
De innocentes costumes , e paciencia
Nos males , o exhortou. Como soubera
Que o Rei seus bens injustamente havidos
Confiscara , lhe fez de duas coisas
Promessa , as quaes depois exactamente
Satisfez. Huma foi ter a seu cargo
Sua mulher , e filhos , que ficaraõ
Em penosa pobreza ao odio publico
Expostos ; outra foi mandar-lhe áquella
Ilha remota sommas de dinheiro ,
Com que adoçar pudesse o seu desterro.
Prospero vento em tanto curva as vélas.
Apresta-se Hegecipo a embarcar-se
Com Filocles. Protésilas da praia
Os vê ; e os olhos seus fixos , e immoveis
Acompanhaõ a não , que fende as ondas
E co' vento se affasta. Ainda quando
Naõ pôde vello mais , a sua imagem
Pinta no seu espirito. Inquieto ,
Frenetico , furioso os seus cabellos
Arranca , volve o corpo sobre a areia.
Exprobra aos Deoses seu rigor , e chama
Em vão a seu soccorro a crua morte ,
Que surda ás suas vozes naõ se digna
Da miseria livrallo , e a qual naõ tinha

Valor para se dar elle a si mesmo.
Mas o baixel , dos ventos e Neptuno
Ajudado , aportou cedo em Salento.
Foraõ dar parte ao Rei , que já entrava
No porto. Com Mentor foi a Filocles
Encontrar. Abraçou-o ternamente.
Mostrou summo pezar de perseguillo
Com tanta femrazaõ. Os Salentinos
Longe de parecer-lhes no Monarca
A ingenua confissaõ huma fraqueza ,
A tiveraõ por mostra de alma grande
Que se aça acima dos defeitos proprios,
Confessando-os a fim de reparallos.
Chorava de alegria o povo todo ,
Tornando a ver o Cidadãõ honrado ;
E ouvindo o Rei fallar com tal prudencia
E bondade. Filocles respeitoso ,
E modesto os affagos recebia
Do Rei , e impaciente desejava
A' popular acclamaçaõ furtar-se.
Acompanhou o Rei ao seu palacio.
Filocles , e Mentor tal confiança
Travaraõ logo , naõ se tendo visto ,
Como se ha longo tempo se tratassem
Com amizade. Os Deoses , que negaraõ
Olhos aos mãos por oade distinguillem
Dos mãos os bons , a estes concederaõ
O dom de conhecer-se mutuamente.

Os que amaõ a virtude viver juntos
Nãõ podem sem amar-se. Mas Filocles
Pediõ por graça ao Rei lhe permittissẽ
Na solidãõ viver junto a Salento ,
Como vivera em Samos. Alli hiaõ
Mentor , e Idomeneu a visitallo
Quasi todos os dias. Alli era
Que os meios procuravaõ de dar força
A's leis , e forma sòlida ao governo.
Os dois pontos , que mais se examinaraõ ,
Foraõ a educaçaõ da mocidade ,
E a conduçta na paz. Mentor dizia ,
Que os filhos á Republica pertencem
Mais que aos pais. Elles sãõ do povo filhos :
Sãõ a sua esperança , e as suas forças.
Depois de corrompidos he tardia
A sua emenda. He pouco o excullos
Dos empregos de que elles sãõ indignos.
Importa muito mais o prevenir-se
O mal , que castigar-se. Proseguia :
O Rei , que he pai do povo , he mais ainda
Da mocidade o pai ; porque de toda
A Naçaõ he a flor , e esta prepara
Os frutos. Deve pois as leis de Minos
Observar. Illas mandaõ que se eduquem
Os filhos no desprezo dos trabalhos ,
E da morte ; que a honra se attribua
O fugir das riquezas , e delictes ;

Que

Que se avaliem como infames vicios
 A ingratitude, mentira, cobardia,
 E injustiça; que desde a tenra infancia
 Se lhes ensine a entoar louvores
 Dos Herócs, que fizeram generosas
 Acções a bem da patria, e nos combates
 De intrepido valor fizeram prova;
 Que os encantos da musica lhes fação
 Adoçar seus costumes; e que aprendão
 Ser ternos c'os amigos, na alliança
 Fieis, justos com todos, e inda mesmo
 C'os inimigos mais cruéis; que temão
 Menos a morte, e as penas, que da sua
 Consciencia propria o minimo remorso.
 Se logo destas maximas os filhos
 Se instruirem, calando no seu peito
 Pelo suave canto, haverá poucos,
 Os quaes no amor da gloria, e da virtude
 Não se inflammem. A isto accrescentava
 Mentor, que era de summa utilidade
 Formar Escolas publicas, aonde
 Se adestrassem os moços nos mais fortes
 Corporaes exercicios, para o ocio,
 E a pergaixa evitar, que os bellos genios
 Estragaõ. Pertendia que de jogos
 Diverios, e espectaculos houvesse
 Grande numero, a fim de que animassem
 O povo, maiormente os que robustos

E mais ageis tornar podem os corpos.
 Acrescentava premios, que huma nobre
 Emulação causassem. Mais que tudo
 Porém queria para os bons costumes
 Manter, que cedo os moços se cazassem,
 E que seus pais sem vistas de interesse
 Lhes deixassem a escolha de mulheres
 Agradaveis de genio, e de figura,
 Com que se unissem. Mas ao mesmo tempo
 Filocles, cujo genio era guerreiro,
 Lhe dizia: Que importa assim os moços
 Exercitar, se n'hum paz perenne
 Se deixão enervar, onde não tenhaõ
 Experiencia de bellicas fadigas,
 Nem precisaõ de exercitar as forças?
 Torna-se deste modo a Nação fraca,
 Attenuaõ-se os brios, e as delicias
 Corrompem os costumes. Sem trabalho
 Os vencerão os povos bellicosos;
 E querendo fugir da guerra aos damnos,
 Cairão n'hum terrivel cativoiro.
 Mentor lhe respondeo: Saõ mais horriveis
 Do que pensais da guerra as consequencias.

(6) Ella exhaure o Estado, e o põe em risco

Tom. II.

D

De

(6) Tudo o que se segue he huma relaçaõ dos males, que as guerras quasi continuas do Reynado de Luiz XIV. causaraõ a França, que estava já re-

De cair em ruina , ainda quando
 Su alcançãõ as victorias mais famosas.
 Comece embera com successos faustos.
 Não ha certeza de fiadar sem p'riço
 De soffrer os mais tragicos revézes
 Da fortuna. Por mais que as forças sejaõ
 Superiores , o minimo descuido ,
 Hum panico terror , hum nada basta
 Para das mãos tirar-vos a victoria ,
 E ao inimigo dalla. Inda podendo
 Ter a victoria sempre preza ao Campo ,
 O vencedor destroe-se a si mesmo
 Destruindo o inimigo. Fica o Estado
 Despovoado , e as terras quasi incultas ;
 Perturba-se o commercio ; desfallecem ,
 O que he muito peor , as leis melhores ;
 E estragaõ-se os costumes. Dá-se aos vicios
 A mocidade. Sofre-se a licença
 Das tropas. A justiça , e a policia
 Tudo padece. O Rei que verte o sangue
 Dos vassallos , e causa tantos males
 A fim de grangear pequena gloria ,
 Ou de estender as raiaes do seu Reino ,
 He indigno da gloria que procura ,
 E merece perder quanto possui ;

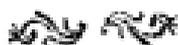
Pois

durida ao estado , que aqui se descreve , quando o
 Author entregou esta obra ao Duque de Bor-
 gonha.

Pois quer tirar o que lhe não pertence.
Mas eis aqui hum meio proveitoso
De exercer da Nação na paz o esforço.
Dos exercicios corporaes tratamos,
E dos premios que podem despertar-lhe
A emulação, as maximas de gloria,
E virtude, nas quaes dos tenros filhos
Se imbuirão as almas desde o berço
Fazendo-lhes cantar acções heroicas.
Accrescentai porém a vida sóbria
E lidada; mas isto não he tudo.
Quando hum povo alliado tiver guerra,
Maude-se alli a flor da mocidade,
E maiormente aquelles, que mostrarem
Mais genio para as armas, e em quem seja
Mais util a experiencia. Deste modo
Conservareis c'os vossos Alliados
Alta reputação. Vossa alliança
Será buscada. Temerão perdella.
Sem ter no Reino guerra, e sem dispendio
Tereis a mocidade exercitada,
E intrepida na guerra. Ainda tendo
Paz, não deixeis de honrar os que tiverem
Talento para as armas; pois o meio
Para afastar a guerra conservando
Paz dilatada he cultivar as armas,
Dar honras aos que forem eminentes
Na arte da guerra, ter quem se exercite

Nos remotos paizes , quem conheça
As forças , disciplina , e as varias formas
De combater dos convizinhos povos ,
E não fazer por ambição a guerra ,
Nem temella por torpe cobardia.
Assim estando prompto para a guerra
Necessaria , se evita quasi sempre.
Quando se accometterem huns aos outros
Os vossos Alliados , vos compete
Ser medianeiro entre elles. Dahi nasce
Huma gloria mais sólida , e segura ,
Que a das conquistas , pois então se adquire
O amor , e estimação dos estrangeiros.
Necessitaõ de vós , e a confiança
Vos faz reinar sobre elles , assim como
Vos faz a authoridade sobre o vossio
Povo reinar. Sereis depositario
Dos seus segredos. Arbitro dos pactos ,
E tratados. Irá a vossa fama
De paiz em paiz aos mais remotos
Povos. Se accommettido injustamente
Fordes de algum vizinho , preparado
Ha de acharvos ; e o que he inda mais forte
Ha de acharvos amado , e soccorrido.
Eis aqui hum reparo mais seguro ,
Que quantos muros cercaõ as Cidades ,
E que as praças mais bem fortalecidas.
Esta sim he a gloria verdadeira :

Porém que poucos Reis sabem buscalla!
Antes d'ella se afastaõ. Elles correm
Em seguimento de huma fallaz sombra,
Deixando atraz a verdadeira honra.
Findou entãõ *Mentor* o seu *discurso*.
Filocles o ouvia com assombro,
E sobre Idomeneu lançando os olhos,
Se comprazia ao ver com que avareza
No fundo de seu peito recolhia
As vozes, que qual rio de sciencia
Da boca deste Velho venerando
Dimanava. Minerva na figura
De *Mentor* em Salento as leis melhores;
E as maximas mais uteis do governo
Alientava, naõ tanto para o Reino
De Idomeneu ser sempre florecente,
Quanto porque *Telemaco* voltando
Observasse hum exemplo taõ sensivel
Do que hum sábio governo fazer póde
Para tornar os povos venturosos,
E a hũ bom Rei grangear perpetua gloria!





L I V R O X V.

Telemaco mostrava o seu esforço
 Entre os p'rigos da guerra. Dos prove-
 Capitães nõ valor, e no conselho (ãos
 Famosos, procurou ganhar o affecto.
 Nestor que o vira em Pylos, e que fora
 Sempre inclinado a Ulysses, como filho
 O estimava, e instrua com diversos
 Exemplos. Os successos mais notaveis
 Dos antigos Heróes lhe referia.
 Deste Velho, que tres idades de homem
 Contava, era a memoria qual de antigos
 Tempos a historia em marmore gravada,
 Filotetes porém não se inclinava
 Ao principio a Telemaco. O antigo
 Odio, que conservava contra Ulysses,
 Do filho o desgostava, nem podia
 Ver sem desgosto quanto o Ceo dispunha
 Em seu favor para igualallo aos Gregos
 Heróes, que os Teucrios muros arrazaraõ,
 Mas em sua a modestia de Telemaco
 Venceo de Filotetes o desgosto.
 Deixar de amar não pôde huma virtude
 Taõ docil. Muitas vezes lhe dizia:

Fiz

Filho (pois não receio assim chamar-te)
 Sabe que eu , e teu Pai fomos contrarios.
 Inda depois que destruímos Troia
 Não aplaquei a ira. E não sem custo
 Te ateci. Por muitas vezes a mim mesmo
 O estranhei: mas em fim quando a virtude
 He branda , e comedida , tudo vence.
 Passou logo a contar-lhe o que seu peito
 Inflammou contra Ulysses. He preciso
 Deduzir de mais longe a minha historia.
 Eu sempre acompanhei o grande Hercules,
 Que a terra desecou de tantos monstros ,
 E diante de quem os Heróes todos
 Eraõ quaes debsis debradiças canas
 Ao pé d'alto carvalho , cu quaes as aves
 A par da aguia. Os seus , e meus desastres
 De huma paixão nasceraõ , que he a causa
 De todas as desgraças mais horriveis.
 Tal he o amor. E Hercules vencendo
 A tantos monstros , esta vergonhosa
 Paixãõ domar não pôde. O cruel Cupido
 Zombava delle. Reflectir sem pejo
 Não podia , que d'antes se esquecerã
 Tanto da sua gloria , que chegara
 A fiar junto (1) d'Omphale , Rainha

De

(1) Omphale Rainha de Lydia , por causa da qual Hercules trocou a clava n'huma roca , e se vestio de donzela.

De Lydia , como o mais affeminado ;
 E o mais vil dos humanos. Tanto o cego
 Amor o arrastou. Elle cem vezes
 Me confissão, que este só passo havia
 Seu valor offuscado , e quasi extinto
 De seus grandes trabalhos toda a gloria.
 Tal he porém dos homens a fraqueza ,
 E inconstancia. Em si tudo só confião ,
 A nada resistindo. O grande Hercules
 Tornou a resvalar de amor nos laços,
 Que detestado havia tantas vezes.
 Amou (2) a Dejanira. Venturoso
 Se elle nesta paixão fosse constante
 A' quella que esposara. Porém logo
 O semblante de (3) Jola , aonde as Graças
 Estavaõ deduxadas , o seu peito
 Arrebatou. Ardia em cruéis zelos
 Dejanira. Lembrou-lhe a fatal tunica
 Dom do Centauro Nesso , que morrendo
 Lha deixou , como meio para o affecto
 De Hercules avivar , se a desprezasse
 Para amar outra dama. Estava cheia

Do

(2) Dejanira filha de Oeneo Rei de Ecolia , por causa da qual Hercules matou o Centauro Nesso com huma flecha entopada no sangue da Hydra Lerneza.

(3) Jola filha de Eurito Rei de Occalia. Negando-a seu pai a Hercules , elle o matou , e lhe tomou a filha.

Do sangue venenoso do Centauro,
 Que fora morto com hervadas frechas
 Tintas no sangue imundo da (4) Lerneá
 Hydra, que abriaõ incuraveis chagas.
 Assim que vestio Hercules a tunica,
 De improvizo sentio hum voraz fogo
 Entrar-lhe na medulla dos seus ossos.
 Ergueo horriveis gritos, que soaraõ
 No monte Oeta, e retinir os valles
 Fizeraõ. Té os mares se alteraraõ;
 As feras mais bravias taõ horriveis
 Bértos nunca arrancaraõ nos combates,
 Mugindo. O infeliz Lycas que enviado
 Por Dejanira a tunica lhe trouxe,
 Oufou approximar-se. Elle lhe pega
 No transporte da dôr, e qual na funda
 A pedra se volta para ao longe
 Deitar-se, assim foi Lycas da montanha
 Arremessado pela maõ pujante
 De Alcides. Foi cahir no mar, aonde
 Convertido em rochedo ainda guarda
 A forma humana, e das iradas ondas
 Combatido, os Pilotos mais expertos
 Já de longe amedrenta. Vendo o caso

De

(4) Hydra Lerneá, teve este nome da lagoa Lerna no territorio de Argos na Achaia. Era humma serpente com sete cabeças, que foi morta por Hercules.

De Lycas affuntei que não devia
 Mais de Hercules farme. Recatei-me
 Nas mais profundas grutas. Eu lhe via
 Desarraigar c'humã mão sem custo
 As alterosas faias , e os carvalhos
 Annosos , que por seculos zombarão
 Dos ventos , e tormentas horrorosas.
 Com outra mão debalde se esforçava
 Para arrancar de si a fatal tunica ,
 Que estava unida á pelle , e incorporada
 Aos membros. A' medida que a rasgava ,
 Iguamente rasgava a pelle , e a carne.
 O solto sangue humedecia a terra ,
 Prevalecendo á dor sua virtude ,
 Clamou em fim : O' caro Filotetes !
 Tu vês os males , que me dão os Deoses :
 Elles fazem justiça. Eu offendi-os ,
 Virolei de Hymenêo a fé devida.
 Tendo domado tantos inimigos ,
 Me deixei arrastar cobardemente
 De estrangeira belleza : porém motto
 Contento , se aplacar do Ceo as iras.
 Mas para onde fugiste , caro amigo ?
 Fez o excessão da dôr , que eu commetteisse
 A Lycas infeliz huma crueldade ,
 Da qual me argão eu mesmo. Não sabia
 Qual veneno me dava , nem as penas
 Que lhe dei , merecia. Porém julgas

Que

Que me esqueça a amizade que te devo
 Para tirar-te a vida? A Filoteres
 Amarei sempre. Elle ha de no seu peito
 Acolher a minha alma, que me foge,
 E guardar minhas cinzas. Caro amigo!
 És a unica esperança que me resta.
 A estas vozes para elle corro:
 Elle me estende os braços, e abraçar-me
 Pertende; porém logo se retira,
 Reccando atearme o cruel fogo,
 Que o consumia. Exclama: Nem ao menos
 Este alivio me he dado. Isto dizendo,
 As arrancadas arvores ajunta,
 E faz dellas no cume da montanha
 Huma fogueira, á qual sóbe tranquillo.
 Do leão de (5) Neméa estende a pelle,
 Q'os seus membros cubria, quando o Mundo
 Correo de hum lado a outro, debellando
 Os monstros, e livrando os infelizes.
 Encostando-se á clava, então me manda
 Accender a fogueira. Não puderaõ
 Minhas tremulas mãos de horror tomadas
 Recusarlhe estes ultimos officios;
 Pois já não era para elle a vida
 Donativo dos Deoses, mas hum pezo

Fu-

(5) Neméa, era hum boique na Achais, eon-
 de Hercules matou hum leão de extraordinaria gran-
 deza, de cuja pelle se cubrio.

Funesto. Reccava , que o excesso
Da sua dôr acerba o transportasse
A obrar coisas indignas da virtude ,
Que aflombrou o Universo. Porém tanto
Que vio lavrar a chamma , ó Filotetes
Eõclama , agora a tua verdadeira
Amizade conheço ; pois que prèzas
O meu credito mais que a minha vida.
Recompensem-te os Numes. Eu te deixo
O que na terra tenho de mais preço ;
Estas frechas crvadas da Lernèa
Hydra no sangue. Sabes que as feridas
Que fazem , não tem cura. Tu por ellas
Invencivel serás , qual fui eu mesmo :
Nenhum mortal a combater contigo
Se atreverá. Recorda-te que morro
A' amizade fiel , e não te esqueças
De quanto te prezei. Porém se as minhas
Desgraças te magoão , hum extremo
Alivio pôdes dar-me. Aqui promette
Não revelar a alguem a minha morte ;
Nem o lugar que occulte as minhas cinzas.
Assim lhe prometti com juramento ,
A fogueira com lagrimas regando.
Em seus olhos brilhou entãõ hum raio
De alegria. Eis de chãmas se ergue hũ rolo
Que subito o rodeia , lhe suffoca
A voz , e quasi o rouba á minha vista.

Com

Com tudo o vejo inda a través das châmas
 Com rosto tão sereno, qual teria
 Coroado de flores, e coberto
 De perfumes em meio dos amigos
 Na alegria de esplendidos banquetes.
Cedo o fogo gastou o que elle tinha
 De terrestre, e mortal, e o que de Alcmena
 Nascendo recebera; mas por ordem
 De Jove conservou a natureza
 Subtil, e immortal, essa celeste
 Chamma, que faz da vida o fundamento,
 A qual do Pai dos Deoses recebera.
 Subio com ella do brilhante Olympo
 A's douradas abobedas, do néctar
 Bebeo, e os Deoses a formosa (6) Hebe
 Lhe deraõ por esposa. He ella a Deosa
 Da mocidade; e o néctar despejava
 Antes de Ganymedes na aurea taça
 De Jove. Eu huma fonte inexaurivel
 De desastres achei naquellas frechas,
 Que elle me deu para elevarme acima
 Dos Heróes. Porque logo os Reis da Grecia
 Emprenderaõ vingar a dura affronta
 De Meneláo contra o infame Páris
 Q' lhe roubara Helena, e o grande imperio
 Des-

(6) Hebe era filha de Juno sem pai. Cahindo hum dia quando dava de bober a Jupiter, este Deus se fez depois servir por Ganymedes.

Desbaratar de Priamo. Predisse
 O Oraculo de Apollo , que esta guerra
 Feliz fim não teria sem as frechas
 D'Hercules. E teu pai , que nos conselhos
 Sempre era o mais experto , e industriofo ,
 Tratou de persuadir-me a ir com elles .
 De Troia ao sitio , e a conduzir comigo
 As frechas que suppunha que eu teria.
 Havia tempos , que Hercules na terra
 Fazrava. Já nenhuma nova empresa
 Se ouvia deste Heróe. Já começavaõ
 A apparecer os monstros , e os tyrannos
 Impunemente. Os Gregos não sabião
 O que julgassem d'elle. Que era morto ,
 Alguns dizião. Outros que á gelada
 (7) Ursa se encaminhara para os Scytas
 Domar. Porém Ulysses defendia
 Que era morto , e tomou a si a empresa
 De obrigarme a dizello. Elle me busca
 N'hum tempo , em q' eu não tinha lenitivo
 Pela perda de Alcides. Não sem custo
 A mim chegou , porq' eu mais ver os homens
 Não queria , nem mais ós vastos ermos
 Deixar do monte (8) Octa , zonde vira
 Mor-

(7) Ursa , he huma Constelacão junto do Polo
 Arctico. Chama-se gelada pela longitude , em que
 está do Sol.

(8) O monte Octa está na Thessalia entre o

Morrer o meu amigo. A sua imagem
Me seguia. Sómente me occupava
Em chorar , vendo aquelles tristes sitios.
Mas da boca de Ulysses a suave
Persuasão manava. Tão afflicto
Se mostrou , como eu. Derramou lagrimas,
Infinuar-se soube no meu peito ,
E grangear a minha confiança.
Enternecer-me fez pelos Reis Gregos ,
Que combatendo por tão justa causa
Não podião sem mim obter victoria.
Mas da morte de Alcides nunca pôde
O segredo arrancarme , que eu jurara
Não declarar. Com tudo persuadido
De que era morto , instou lhe descubrisse
O lugar que escondia as suas cinzas.
Horrorizou-me sim o ser perjuro ,
Descobriado o segredo : porém tive
A frouxidão culpavel , não ousando
Violar o juramento , de illudillo.
Os Deoses me punirão. Eu a terra
Pulsei co' pé no sitio aonde as cinzas
De Alcides recolhi , e depois disto
Fui unirme c'os Reis confederados.
Elles com tanto agrado me acolherão ,
Como se fosse eu mesmo o grande Alcides.

Em

Pacasso , e o Pindo. No celebre pela sepultura
de Hercules.

Em Lemnos quiz depois mostrar aos Gregos
Quanto podia obrar co' as minhas flechas :
E varar huma corça pertendendo
A qual n'hum bosque entrava, por descuido
Deixei cahir sobre o meu pé do arco
A flecha, que me abriu cruel ferida ,
De que inda me refinto. As mesmas dores
Que Alcides padeci. De noite , e dia
Com dolorosos gritos atroava
A Ilha. Hum sangue negro corrompido
Corria da ferida , envenenando
O ar ; e em todo o arraial dos Gregos
Hum fétido espalhava , que podia
Suffocar os mortaes mais vigorosos.
Teve horror de me ver em tal extremo
O exercito , assentando ser castigo ,
Que me haviaõ mandado os justos Numes.
Ulysses , que me havia nesta guerra
Mettido , foi de todos o primeiro
A abandonar-me , posto que o fizesse
Por antepor o bem commum da Grecia ,
E a victória , á decencia , e amizade ,
Celebrar sacrificios naõ podiaõ
No campo. Tanto estava alvorotado
O exercito co' horror da minha chaga
Inficionada , e com os meus clamores.
Porém quando me vi desamparado
A persuasões de Ulysses pelos Gregos ,

Tal

Tal politica tive por horrivel
 Crueldade , e por huma vil perfidia.
 Ah ! estava entãõ cego ; pois naõ via
 Quanto era justo ã os mortaes mais sabios
 Contra mim se voltassem , como os Deoses,
 Que eu agastado havia. Do Troiano
 Allédiõ a maior parte , solitario ,
 Sem esperança , soccorro , ou lenitivo
 Fiquei entregue ás dores mais horriveis ;
 Nesta Ilha deserta , e sem cultura ,
 Onde mais naõ ouvia que os bramidos
 Das ondas , que na rocha se quebravaõ.
 Achei neste deserto huma caverna
 Vazia n'huma ferra , que elevava
 Como duas cabeças té as nuvens ;
 Manava della cristallina fonte.
 Esta cãverna era das feras bravas
 O retiro. Eu estava noite , e dia
 Ao seu furor exposto. Algumas folhas
 Juntei para deitarme. Alli naõ tinha
 De meu mais que hum pequeno ligneo vaso
 Toscamente lavrado , e alguns velidos
 Rotos com que ligava a minha chaga
 Para o sangue vedarlhe , e me serviaõ
 Tambem para alimpalla. Abandonado
 Dos humanos , e á colera dos Numes
 Entregue , eu empregava todo o tempo
 Em varar com as frechas as velozes

Pombas , e as outras aves que voavaõ
 Em roda do rochedo. Se alguma ave
 Marado havia para meu sustento ,
 Hia buscar de rojo a minha preza.
 Assim as minhas mãos de que manterme
 Me grangeavaõ. Quando se ausentaraõ
 Os Gregos , me deixaraõ mantimentos ;
 Porém pouco duraraõ. Accendia
 Com as pedras o lume ; e esta vida
 Bem que penosa , me seria grata
 Longe d'homens ingratos , e fallazes ,
 Se a dor naõ me opprimisse , e naõ tivesse
 Sempre presentes os meus tristes casos.
 Ah ! exclamava eu , tirar da patria
 Hum homem , como o unico que a Grecia
 Vingar podia , e logo abandonallo
 Nesta Ilha deserta , quando o somno
 Lhe prendia os sentidos ! Com effeito
 Se ausentaraõ deixando-me dormindo.
 Conjecturai qual foi o meu enleio
 Ao despertar , e que amargoso pranto
 Derramei , vendo as náos tender as ondas.
 Ah ! por mais que corri todos os lados
 Desta Ilha selvatica , e deserta ,
 Só minha dor achei por companhia.
 Nella naõ ha nem porto , nem commercio:
 Ninguem alli aborda voluntario.
 Só se vem infelizes , que as tormentas

Arrojarão ; nem pôde sociedade
Haver senão por meio de naufragios.
Os mesmos que alli vinhão , não ousavaõ
Conduzir-me consigo , receando
A colera dos Deuses , e dos Gregos.
Por dez annos soffri a dor , e a fome.
Nutria huma ferida , que a mim mesmo
Me devorava. A lisongeira esperança
Estava suffocada no meu peito.
Voltando hum dia de buscar as hervas
Medicinaes para curar a chaga ,
Divisei de repente hum gentil moço
Docil , e grave , e de heroíno aspecto.
Figurou-se-me Achilles. Tanto a elle
Se assemelhava nas feições do rosto ,
No olhar , e na figura. Só a idade
Me fez comprehender não ser o mesmo.
Devi-lhe assombro , e dó. Enterneceo-se
De ver com que vagar , e com que custo
Me arrastava. Os agudos , e sentidos
Gritos , que ressoavaõ pela praia ,
Seu coração moveraõ. Estrangeiro ,
Lhe disse inda de longe , que desgraça
Te trouxe a esta Ilha inhabitada ?
Conheço as Gregas vestes , q' inda prézo.
Quanto me tarda ouvir-te, e nos teus labios
Achar esse idioma que na infancia
Aprendi , e que ha tanto já não fallo

A alguém neste deserto ! Não te affustes
 De ver hum infeliz ; antes piedade
 T'e deva. Apenas disse Neoptolmo ;
 Sou Grego ; exclamei eu : O' voz suave
 Depois de tantos annos de silencio ,
 F. de martyrio ouvida ! Ah meu filho !
 Que deíastre , que horrenda tempestade ,
 Ou por dizer melhor , que brando vento
 Te conduzio aqui , para a meus males
 Pór termo ? Eu sou, me diz , da Ilha de Scy-
 A ella volto.Sou de Achilles filho : (9) ; (9)
 Tudo disse. Palavras taõ fucinas
 Contentar não podiaõ meu deteço ;
 E repliquei-lhe : O' filho de hum amigo
 A quem tanto prezei ! Cara progenie
 (10) De Lycomedes , como aqui viesstes ,
 E, donde ? Respondeo-me , que do sítio
 De Troia. Não entrastes na primeira
 Expediçaõ , lhe disse. Elle me torna :
 E vós entrastes nella ? Persuadido
 Estou , lhe respondi , que nem do nome
 De

(9) Scyro he huma das Ilhas do Archipelago á entrada do golfo de Zeyton 13 legoas de Neoponto para o Norte.

(10) A mãe de Achilles para que elle não fosse ao cerco de Troia o introduzio disfarçado em trajes de donzela na Corte do Rei Lycomedes , donde se namorou de Deidamia , de quem teve a Pyrrho , ou Neoptolmo.

De Filotetes , nem dos seus desastres
Tens noticia. Infeliz ! até me insultas
Os meus perseguidores na desgraça.
A Grecia toda ignora o que eu padego :
A minha dôr se augmenta. Em tal estado
(11) Os Atridas me põe. Pague-lhe os Deoses.
Contei-lhe como os Gregos me deixaraõ :
E elle apenas ouviu as minhas queixas ,
Me expoz as suas. Fallecido Achilles ,
Assim começa. Porém eu o atalho :
He morto Achilles ! Ah ! perdoa , ó filho ,
Se o meu pranto interrompe a tua historia.
Tanto devo a teu pai. Vós consolais-me ,
Quando assim me atalhais , elle me torna.
Quanto me he grato ver por Filotetes
Pranteado meu Pai ! Mas ao discurso
Tornando , continúa : Fallecido
Meu Pai Achilles , foraõ procurar-me
Fenix , e Ulysses. Ambos me expozeraõ ;
Que sem mim não podia rematar-se
A ruina de Troia. Sem trabalho
Me conduziraõ ; pois o sentimento
Da morte de meu Pai , e os meus desejos
De herdar a sua gloria nesta guerra
Famosa , me empenhavaõ a seguiilos.
Che-

(11) Os Atridas eraõ os filhos de Atreu , e saber Agamemnon , e Meneláo.

Chego a (12) Sigen. Rodea-me o exercito:
 Juraõ tornar a ver o grande Achilles.
 Mas ah ! elle morrera ; e eu cuidava ,
 Moço inexperto , que podia tudo
 Prometter-me dos que me elogiavaõ.
 Peço aos Atridas de meu Pai as armas.
Desábridos respondem : Tu o resto
 Terás de quanto a elle pertencia ;
 Mas as armas estaõ já destinadas
 A Ulysses. Eu me affiço , choro, e agasto.
 Mas Ulysses tranquillo me dizia :
 Tu , mancebo , comoico naõ correste
 Os p'rigos deste sitio dilatado.
 Inla naõ mereceste humas taes armas ,
 E fallas naõ shivo ! Despojado
 Sem razaõ por Ulysses , volto á Ilha
 De Scyro , menos delle resentido
 Que dos Atridas. Seja aos Deoses grato
 Quem for seu inimigo. O' Filotetes !
 Tudo digo com isto. Estaõ pergunto
 A Neoptolemo , porque causa de Ajax
 Telamonio o valor naõ impedira
 Esta injustiça. Elle responde : He morto.
 He morto ! exclamei eu : e vive Ulysses ?
Vi-

(12) Sigen, hoje Cabo dos Janizaros na Natolia
 á entrada do Golfo de Gallipoli, fronteiro á pon-
 te da Romania. Abi se vê a aldeia Trojaki, que
 se diz pequena Troia.

Vive, e florece entre as falanges Gregas.
 Perguntei por Antiloco, do sabio
 Nestor filho, e Patroclo taõ querido
 De Achilles. Naõ existem, me diz elle.
 Outra vez exclamei: Ah! e saõ mortos!
 Assim a cruel guerra os bons desbasta,
 E poupa os maõs. Pois vive ainda Ulysses,
 Certamente (13) Tersites tambem vive.
 Louvaremos os Deos que assim obraõ!
 Em quanto contra Ulysses me agastava,
 Prosequio Neoptolmo o seu engano,
 Pronunciando estas sentidas vozes:
 Longe do Grego exercito, onde vale
 Mais o mal do que o bem, viver contente
 Vou na rustica Scyro. Adeos: já parto.
 Dem-vos saude os Numes. Eu lhe digo:
 O' meu filho! eu te peço pelos Manes
 De teu Pai, e por quanto sobre a terra
 Te he grato, me naõ deixes entre os males,
 Que observas. Naõ ignoro que pezado
 Te ferei: porém tu de abandonár-me
 Deves envergonhar-te. No navio
 Me arroja á proa, á poppa, ao cóvõs mesmo
 Onde menos de incommodo te sirva.
 Os grandes corações sabem qual gloria
 Se sente em fazer bem. Ah naõ me deixes
 Neste

(13) Tersites era hum dos mais malfeitos, e mais cobardes do Exercito Grego.

Neste deserto , onde não ha vestigios
 Humanos. Ou me leva á tua patria ,
 Ou á (14) Eubéa , que não fica longe
 Do Oeta , da Trachina , e das margens
 Agradaveis do Sperchio ; e alli me entrega
 A meu Pai. Quanto temo que não viva !
 Pedi-lhe que hum navio me enviasse.
 Ou he morto , ou aquelles que contar-lhe
 Os infortunios meus me prometterão ,
 O não fizeram. Mas a ti recorro ,
 O' meu filho. Recordate-te quam frageis-
 Saõ as coisas humanas. Quem desfructa
 Prosperidade , tem a abusar della ,
 É valha aos infelizes. Tanto o excesso
 Da dôr me fez dizer. É Neoptolemo
 Prometteo conduzir-me. Então exclamo :
 O' dia venturoso ! ó digno filho
 De hum heróe ! Vós , amados companheiros
 Desta viagem , permiti que eu diga
 Eterno adeos a esta triste estância.
 Vede aonde vivi ; julgai o quanto
 Padeço : nenhum outro o soffreria.
 Ensinou-me a fatal necessidade.
 Ella aos homens ensina o que não podem
 De outro modo aprender. Quê não padece ,
 Nada sabe , e o bem , e mal ignora :

Os

(14) Eubéa , Ilha do Archipelago , hoje Negro-
 ponto.

Os homens , e a si mesmo desconhece.
Dizendo assim , peguei no arco , e frechas.
Neoptolemo rogou-me lhe deixasse
Beijar armas tão celebres , sagradas
Ao invencivel Hercules. Tu podes
Tudo , lhe disse. Es tu por quem recobro
A vida , a patria , o caro pai gravado
Ces annos , os amigos , a mim mesmo.
Toca estas armas , e de ser te jacta
O unico entre os Gregos que mereça
Tocallas. Neoptolemo entra na gruta
Para admirar estas divinas armas.
Accommette-me entã a dôr violenta :
Perturbo-me : não sei o que obrar devo ,
E peço logo affacallado ferro
Para cortar o pé. Exclamo : ó Morte
Tãõ desejada ! porque tanto tardas ?
Tu me queima , ó mancebo , como o filho
De Jupiter queimei. O Terra ! ó Terra !
Recebe hum moribundo , que não pôde
Levantar-se. Cahi deste transporte
Segundo o meu costume n'hum profundo
Leithargo. Hum suor frio a alliviar-me
Começou. Sangue negro , e corrompido
Me correo da ferida. Neoptolemo
Podia lançar mão das minhas armas
Facilmente , e partir. Mas era filho
De Achilles ; e nascido não havia

Para

Para enganar. Desperto ; e o seu enleio
 Descubro. Suspirava qual hum homem,
 Que não sabe fingir ; e que procede
 Contra o seu coração. Queres , lhe disse,
 Soptezarme ? Que penhas ? He preciso,
 Responde Neoptolemo , me acompanhes
 De Troia ao cerco. Eu lhe replico logo:
 Que dizes ? Da-me o arco. Tu me entregas.
 Não me arranques a vida. Não responde:
 Olha-me socegoado : nada o move.
 Ribeiras , promontorios desta Ilha ,
 Feras bravas , rochedos escarpados ,
 A vós me queixo ; pois não posso a outrem.
 Costumados estais a meus gemidos.
 E devo ser entregue pelo filho
 De Achilles ! Elle rouba-me o sagrado
 Herculeo arco , e arrastarme intenta ,
 Para de mim triumphar , ao Grego campo.
 Não considera q he triumphar de hum morto,
 De huma imagem vazia , de huma sombra.
 Se elle no meu vigor me accommettesse !
 Agora não faz mais que saltar-me.
 Que farci ? Ah meu filho ! não desdigas
 De teu Pai , de ti mesmo. Não respondes ?
 O rochedos agrestes ! a vós torno.
 Misero , nú , laminto , abandonado ,
 Morrerei nesta cova solitario ,
 O meu arco não tendo com que as feras
Ma-

Matava. Agora podem devorar-me.
 Mas não importa. Ah filho meu ! tu mostras
 Não ser culpavel. Algum máo conselho
 Te conduzio. Torna-me as minhas armas ,
 E vai-te. Neoptolemo proferia
 Co' as lagrimas nos olhos em voz baixa :
 Oh quem antes de Scyro não partira !
 Então eu exclamei: Que he o que vejo ?
 He o pérido Ulysses ? Depois ouço
 A sua voz. E diz-me : Sou Ulysses.
 Confesso , que se visse o reino escuro
 Abrir-se de Plutaõ ante os meus olhos ,
 E visse o negro Tartaro , que os Deoses
 Temem olhar , não fora accommettido
 De horror maior. Segunda vez exclamo:
 O' Lemnos ! eu te chamo a testemunha.
 O' Sol ! tu o estás vendo , e inda o consentes !
 Sem alterar-se Ulysses me responde :
 O que Jupiter manda , cumprir devo.
 Oufas , lhe disse , nomear a Jove ?
 Vê este moço , que não foi nascido
 Para a fraude , e padece , executando
 O que fazer o obrigas. A enganar-vos ,
 Ou a fazer-vos mal , me diz Ulysses ,
 Não vicmos ; mas antes a salvar-vos ,
 Vossa chaga curar , dar-vos a gloria
 Illustre de arrasar de Troia os muros ,
 E á patria conduzir-vos. Sois vós mesmo ,
Não

Não eu, de Filoteles o inimigo.
 Então a vóslo Pai disse o que a raiva
 Inspirar-me podia. Pois neste ermo
 Me deixaste, lhe disse, porque agora
 Me não deixas em paz? Vai tu a gloria
 Dos combates buscar com os Atridas;
 Os prazeres destructa, e a mim me deixa
 Na miseria, e na dor. Porque levar-me
 Pertendes? Já sou nado, sou hum morto.
 Porque não crês agora como creste
 Outr' hora que o partir não me era dado,
 Que os meus gritos, e a chaga inficionada
 Haviaõ perturbar os sacrificios?
 O' Ulysses author dos meus desastres!
 Queiraõ os Deoses . . . porém não me atten-
 Antes exciraõ mais meu inimigo. (dem,
 O' patria que jámais veráõ meus olhos!
 O' Deoses! se entre vós inda ha justiça
 Que de mim se condoa, este perverso
 Puni, puni; e cobrarei saude.
 Em quanto assim fallava, socegado
 Teu Pai com brandos compassivos olhos
 Me olhava, como hum homem q' soporta;
 E perdoa tranquillo a furia louca
 De hum infeliz, a quem fortuna attrahta.
 Parecia qual rocha, que no cume
 De hum monte zomba do furor dos ventos;
 E lhes deixa estancar a sua raiva,

Cor-

Conservando-se immovel. Desta sorte
Em silencio teu Pai as minhas iras
Esgotar esperava ; pois sabia
Que combater dos homens só se devem
As paixões para serem conduzidos
A' razão , quando estando já cançadas
A enfraquecer começaõ. Finalmente
Me diz : Aonde estaõ , ó Filoteles ,
Vossa razão , e esforço ? Este o momento
De usar delles. Se acaso acompanhar-nos
Nãõ quereis para encherdes os designios
De Jove sobre vós , adeos : pois digno
Nãõ sois de ser libertador da Grecia ,
E o vencedor de Troia. Sim : em Lemnos
Ficai desamparado ; que estas armas
Me darãõ essa gloria , que vos era
Destinada. Partamos , Neoptolemo.
He inutil fallar-lhe. De hum só homem
A compaixãõ nãõ deve preferir-se
A' salvaçaõ da Grecia. Qual leoa
Fiquei , a quem roubaraõ seus filhinhos ,
Que as devesas atroa c'os rugidos.
O' cova ! tu serás (assim dizia)
A minha sepultura. O' triste estancia
Da minha cor ! findou o meu sustento ,
E toda a minha esperança. Quem me dera
Hum punhal para'o peito traipassar-me !
O' se as aves , que vivem da rapina ,

Me

Me arrebatassem ! Já co' as minhas frechas
 Não as matarei mais. Arco precioso ,
 Que do filho de Jove as mãos fagraraõ !
 O' caro Alcides , se te resta ainda
 O sentimento , porque não te agastas ?
 Este arco já nas mãos do teu amigo
 Fiel não se acha , mas nas mãos impuras ,
 E enganofas de Ulyffes. Desta cova
 Já não fujais , ó páffaros vorazes ,
 Nem vós , ó feras bravas. Já sem settas
 Estaõ as minhas mãos. Eu já não posso ,
 Infeliz , empecer-vos. Vinde agora
 Despedaçar-me. Ou antes me consumaõ
 Do despiedoso Jupiter os raios.
 Tendo Ulyffes tentado os meios todos
 De persuadir-me , em fim julgou q' o meio
 Melhor era tornar-me as minhas armas.
 A Neoptolemo fez final ; e logo
 Este mas entregou. Estaõ lhe digo :
 Digno filho de Achilles , nisto o mostras :
 Mas deixa-me matar meu inimigo.
 Hia atirar a Ulyffes ; porém logo
 Neoptolemo me atalha , e diz : A ira
 Vos perturba , e prohibe ver a indigna
 Acçaõ , que ides fazer. Inalteravel
 Ulyffes desprezava as minhas frechas
 Como as injurias , que tranquillo ouvira.
 A sua intrepidez , e soffrimento

Abran-

Abrandaraõ meu peito. Cobrei pejo
 De desejar ferir co' as minhas armas
 No calor da paixãõ aquelle mesmo ,
 Que mas fez recobrar. Mas como ainda
 Naõ havia aplacado as minhas iras ,
 Fiquei inconsolavel por devellas
 A hum homem a quem tanto aborrecia.
 Neoptolemo me disse : O grande Vate
 Heleno , filho do soberbo Priamo ,
 Sahindo da Cidade de mandado ,
 E inspiraçaõ dos Numes , o futuro
 Nos descubrio. A desgraçada Troia ,
 Disse , só cahirá sendo atacada
 Por aquelle , q̃ tem as frechas de Hercules,
 Nem elle farará , senãõ diante
 Das muralhas de Troia. De (15) Esculapio
 O curaraõ os filhos. Dividido
 Senti o coraçãõ. De Neoptolemo
 Me moveo a lifura , e singeleza ,
 Com que o meu arco me tornou. Com tudo
 Inda queria naõ ver mais o dia ,
 Se era preciso , que eu cedesse a Ulysses :
 E me tinha suspenso hum ruim pejo.
 C'os Atridas , e Ulysses haõ de ver-me ,
 Dizia assim comigo ? E que conceito
 Farãõ de mim ? Em quanto assim vagava
 Na

(15) Esculapio filho de Apollo , e da Ninfa Coronis , era adorado como Deus da Medicina.

Na incerteza huma voz mais do q̃ humata
Onço ; e divido a Hercules cingido
De luminosos raios n'hum a nuvem
Brilhante. Conheci-o facilmente ,
Grosseiro nas feições , robusto , e simples :
Mas tinha huma grandeza , e magestade ,
Que nunca nelle tanto reluziraõ ,
Quãdo os monstros domava. Assim me disse :
Tu ouves , tu vês Hercules. O Olympo
Deixei para de Jupiter as ordens
Intimar-te. Tu sabes por quaes lidas
Pude ser immortal. Deves c'õo filho
D'Achilles ir para trilhar a estrada
Da gloria , proseguindo os meus vestigios.
Tu fararás , e matarás co' as frechas
A Páris , causador de tantos males.
Desmantelada Troia , preciosos
Despojos mandarás ao monte Oeta
Onde vive teu pai. Destes despojos
Ornarás meu sepulchro , para serem
Hum braço da victoria ás minhas armas
Devida. E tu de Achilles digno filho ,
Eu te declaro agora , que não podes
Vencer sem Filotetes , e não menos
Elle sem ti. Quaes dois leões que buscaõ
A sua preza , ide ambos. A Esculapio
A Troia enviarei , ó Filotetes ,
Para sarar-te. Em fim devoto culto

Dai

Dai á Religiaõ. O resto morre :
Só ella não acaba. Disse : e exclamo :
O' dia venturoso ! Luz suave ,
Que appareces depois de tantos annos !
Obedeço-te : e parto , em saudando
Estes lugares. O' prezada gruta ,
Adeos : adeos ó Driades formosas
Destes humidos prados. Já das vagas
Do mar não ouvirei o rumor surdo.
Adeos praias , aonde tantas vezes
Soffri do ar injurias : promontorios ;
Aonde tantas vezes meus gemidos
O écco repetia . doces fontes ,
Cujas aguas me foraõ taõ amargas.
Adeos terra de Lemnos , felizmente
Partir me deixa ; pois eu vou gonde
Os Deoses , e os amigos me convidãõ.
Partimos ; e de Troia em fim chegãmos
Ao sitio. Macaõn , e Podclirio
Me curaraõ alli pela sciencia
De Esculapio seu pai , ou me pozeraõ
Pelo menos no estado em que me vejo.
Já não padeco : recobrei as forças ;
Bem que coxee hum pouco. Cahio Páris
De hum tiro meu , qual cahe pávido gamo,
Que o caçador varou co' as suas frechas.
Illion se reduzio depressa a cinzas.
O mais vós o sabeis. Tinha com tudo

Certa averfão a Ulyffes , de meus males
Lembrado , e focegar fua virtude
O meu refentimento naõ podia.
Mas feu filho , que a elle fe affemelha ,
E a quem meu coraçãõ amar me obriga
Jã para com feu paì me abrandã o peito.



LIVRO XVI

EM quanto Filotetes recontara
As fuas aventuras , como immovel,
E fufpenfo Telemaco os feus olhos
Tinha fixos fobre elle. As diferentes
Paixões , que haviaõ agitado Alcides ,
Filotetes , Ulyffes , Neoptolemo ,
No candido fẽblante de Telemaco
Segundo agradaçãõ daquella hiftoria
Humas apõs as outras fe pintavaõ.
A's vezes exclamava , interrompendo
A Filotetes fẽm querer , e a's vezes
Ficava tranfportado , meditando
A ferie dos fuffeffos. Quando o enleio
Filotetes pintou do moço filho
De Achilles , que a fingir naõ acertava ;
Telemaco exiftio no mefmo cilado ;
E o teria qualquer por Neoptolemo.
Marchavaõ jã dos alliados povos
As tropas contra Adrafto , Rei dos Dãnnios
Enganador dos homens , e dos Numes
Deprezador. Telemaco embaraços
Achava em fe portar c'huns Reis ciosos
Entre fi. Precifava a nenhum delles

Fazer-se susceitofo , antes amado
 De todos. (1) O seu genio era sincero ,
 Docil , mas não affavel. Não curava
 Do que podia contentar os outros.
 Não amava o dinheiro , e repartillo
 Ignorava. Assim tendo hum peito nobre ,
 E cheio de bondade , não mostrava
 Ser liberal , sensivel ao desvêlo ,
 Que por elle tomavaõ , nem attento
 Em distinguir os méritos. Seguia
 Sem reflexaõ seus gostos. A soberba
 Em que o criara sua mãe Penelope ,
 A pezar de Mentor , lhe desfairava
 Tudo o que nelle havia mais amavel.
 Reputava-se d'outra natureza
 Que o resto dos mais homens , a quem tinha
 Em conta de criados , que lhe haviaõ
 Dado os Numes a fim só de agradar-lhe ,
 Servillo , prevenir os seus desejos ,
 E referir-lhe tudo como a hum Nume.
 A dita de o servirem reputava
 Por alto galardão. Nada impossivel
 Achar haviaõ , quando se tratasse
 De contentallo. Em fim logo irritava

O

(1) Estaqui humna pintura completa do genio do Rei na sua adolescência. As mesmas inquietações da sua menicidade não lhe faziaõ abater coisa alguma da sua altivez , e soberba.

O obstaculo menor seu genio ardente.
Os que o vissem assim o julgariao
Só capaz de prezar a sua gloria ,
E delcrite. Mas esta indifferença
Para os mais , e attençaõ sobre si mesmo
Do continuo transporte lhe provinhaõ ,
Em que as paixões violentas o lançavaõ.
Tinha sido animado desde o berço
Por sua mãi , e dava hum grande exemplo
Das desgraças daquelles , que já nascem
Poderosos. Os golpes da fortuna ,
Que provou desde a tenra mocidade ,
Naõ lhe puderaõ moderar o altivo ,
E impetuoso genio. Desprovido ,
Abandonado , exposto a tantos tranfes
Naõ perclera a altivez , antes crescia
Cada vez mais , bem como a dobradiça
Palma , por mais q a opprimaõ , se levanta.
Fim quanto com Telemaco assistia
Mentor , estes defeitos se occultavaõ ,
E hiaõ de dia em dia declinando ;
Qual fervido gincte , que nas vastas
Campinas corre , e nem as escarpadas
Rochas o atalhaõ , nem os precipicios ,
Nem as correntes : Só a voz conhece ,
E a maõ de hum homem , q domallo pôde.
Cheio de nobre ardor assim Telemaco
Só Mentor o continha. Hum seu aceno
Seus

Seus impetos maiores reportava.
 Logo o comprehendia; e sentimentos
 De virtude abraçava no seu peito.
 De Mentor a prudencia n'hum momento
 Sêreno, e brando lhe torpava o rosto.
 Quando Neptuno as ondas sublevadas
 Co' trizente ameaça, mais depressa
 Não aquieta as negras tempestades.
 Porém ficando só, qual reprezada
 Torrente a antiga força recobrava
 Todas suas paixões. Elle a arrogancia
 De Falante, e dos seus não supportava.
 Esta Colonia, que fundou Falante,
 Se compunha de moços, que nasceraõ
 No tempo que durou de Troia o cerco,
 Faltos de educação. Seu nascimento,
 Que não era legitimo, a condueta
 De suas mãis, e a indômita licença
 Com que foraõ criados, influiãõ
 Hum não sei quê de barbato, e cruento.
 Mais pareciaõ ser de saltadores
 Tropa incivil, que huma Colonia Grega.
 Contradizer Falante procurava
 A Telemaco sempre. Nos congressos
 O atalhava, seus votos desprezando,
 Quaes de moço inexperto, e o criminava
 De fraco, e affeminado. Os seus menores
 Defeitos logo aos Chefes descubria.

Semeava o ciúme , e aos Alliados
 Odiosa fazer a sua altiva
 Condição pertendia. Aprisionando
 Alguns Daunios Telemaco , Falante
 Pertendeo pertencerem-lhe os captivos.
 Allegava que fora quem rompera
 A falange inimiga , e que Telemaco
 Achando os inimigos em derrota ,
 Não teve mais trabalho do que a vida
 Conceder-lhes , e ao Campo conduzillos.
 Defendia Telemaco o contrario ,
 Dizendo que elle fora o que impedindo
 Ser Falante vencido , contra os Daunios
 Alcançara victoria. Concorrerão
 Ambos a defender a sua causa
 Na Assembleia dos Cabos alliados.
 Alterou-se Telemaco , chegando
 A ameaçar Falante , e se os deixassem
 Podião vir ás mãos. No Campo havia
 Hum irmão de Falante affás famoso
 Por seu grande valor , força , e destreza.
 Não combaria (2) Pollux , proferião
 Os Tarentinos , com o duro césto
 Mais denodado , nem mandava Castor
 Hum cavallo melhor. Tinha a figura ,

E

(2) Pollux filho de Jupiter , e Leda repartio a
 immortalidade com Castor ; estando alternativamen-
 te hum anno no Ceo , e outro nos Elyfios.

E valentia de Hercules. As tropas
 Inda o temiaõ mais por atrevido ,
 E brutal , que por forte , e valeroso.
 Este precenciando que Telemaco
 Ameaçara o irmaõ , os prisioneiros
 Foi á pretia buscar , para a Tarento
 Os conduzir, sem esperar os votos
 Da Assembléa. Telemaco que o soube ,
 Sahio bramindo de ira , qual cerdofo
 Javalí , que escumando busca o destro
 Caçador que o ferio. Todos o viaõ
 Pelo campo vagar com torvos olhos
 Em busca do inimigo , o dardo agudo
 Vibrando. Em fim o acha. Entaõ redobra
 O seu furor. Naõ era já o sábio
 Telemaco instruido por Minerva :
 Era hum frenético , hum leaõ furioso.
 A Hippias brada : Espera ó tu , dos homens
 O mais vil : vê , se podes defraudarme
 Dos despojos , que reuho merecido.
 Tu naõ has de a Tarento conduzillos.
 Vai ; e desce da Estyge ás negras margens.
 Disse ; e lhe atira o dardo ; mas com tanto
 Furor, q̃ errando o golpe, o corpo de Hippias
 Naõ tocou. De improviso arranca a espada
 Com guardias de ouro , que lhe deu Laerte
 Em penhor de affeiçãoõ , quando partira
 De Itaca , e que Laerte , quando moço ,
De

De muitos Capitães dos Epirotas
 Tingio no quente sangue n'humã guerra
 Em que foi vencedor. Lançou-se a elle
 Hipias fiado em suas grandes forças
 Para ás mãos tirar-lha. Nas mãos de ambos
 Estalou. Logo travaõ-se de braços :
 Cerraõ hum com o outro , como duas
 Raivosas fêras , que despedaçar-se
 Forcejaõ. Brilha o fogo nos seus olhos.
 Já curvaõ , já se estendem , já se abaixaõ,
 E já se erguem , de sangue sequeiosos.
 Pé a pé , maõ a maõ , ambos luétando
 Parecem hum só corpo. Porém Hipias ,
 Que tinha mais idade , parecia
 Abater a Telemaco , que o tenro
 Corpo não tinha taõ nervoso. O folgo
 Telemaco sentia já cansado :
 Dobravaõ-lhe os joelhos. Este abaixo
 Conhecendo-lhe Hipias , seus esforços
 Dobrou. Alli pereceria o filho
 De Ulysses , e do seu artojo a pena
 Soffreria , se a Deosa , que velava
 Por elle , e que o levava a taes extremos
 Para sua liçaõ , não declarasse
 Por elle o vencimento. Ella o palacio
 Não deixou de Salento ; porém (3) Iris

En-

(3) Iris filha de Thauma , e Elothra , Meusa-
 geira dos Numes. Era a Deosa da chuva.

Enviou. Esta prompta mensageira
Dos Deoses atravessa os vastos ares
Co' as leves azas , após si deixando
De luz longos vestígios , que pintavaõ
Huma nuvem de mil diversas cores.
Naõ descansou senaõ sobre as ribeiras
Do mar , onde o Exercito alliado
Se acampava. De longe vio a luçta ,
E dos dois combatentes os esforços.
Pelo moço Telemaco temendo
Envolta em leve transparente nuvem ,
Que de subtis vapores compozera ,
Chega , quando já Hípias co' a victoria
Contava em suas forças confiado ,
E abriga o moço alumno de Minerva
Co' a Egide que da Deosa recebera.
Telemaco recobra as suas forças
Exhauridas , e quanto mais se alenta ,
Mais defanina Hípias , que se assombra ,
E desfallece , contra si sentindo
Naõ sei qué de divino. Já Telemaco
O investe , e ataca. Abalá-o, naõ lhe deixa
Tempo de segurar-se : em fim o lança
Em terra, e cahe sobre elle. Hã corpulento
Carvalho do monte Ida decepado
A golpes de machado , que no bosque
Em redor retumbaraõ , com ruído
Mais horrivel naõ cahe. A terra geme ;
E

E abalaõ-se os contornos. Com as forças
Juramente em Telemaco a prudencia
Entrara ; e apenas derrubou a Hípias ,
Comprehendeo o erro , que fizera
De atacar o irmão de hum Rei alliado.
Recordou-se com pejo dos conselhos
De Mentor , e correo-se da victória ,
Conhecendo , que havia merecido
Ser vencido. Falante a este tempo
Bramindo de ira a foccorrer cortia
A seu irmão , e com aguda lança
Feriria a Telemaco , se a Hípias ,
A quem no chaõ deitado subjugava ,
Naõ temera ferir. Sem algum custo
Telemaco tirar podia a vida
Ao seu contrario : mas deposta a ira
Cuidava em comedir-se , reparando
Seu erro. Ergue-se, e diz : O' Hípias ! basta
Fazer-vos respeitar meus tenros annos.
Vivei. Admiro a vossa força , e brios.
Protegeraõ-me os Nomes. Naõ tratemos
Senão de pelejarmos mutuamente
Contra os Daunios. Em tanto se levanta
Hípias cuberto de poeira , e sangue ,
E cheio de rancor , e de vergonha.
Tirar Falante naõ oufava a vida
A quem a seu irmão taõ generoso
A acabava de dar. Suspenso estava

E forã de si mesmo. Os Reis alliados
 Correrã a apartalios. De corrido
 Hipias não se atrevia a erguer os olhos.
 Admiravaõ-se todos, que Telemaco
 N'hum idade raõ terra, quando os homens
 Não conseguem ainda as forças todas,
 Poderse prostrar Hipias parecido
 Na grandeza, e nas forças aos gigantes,
 Filhos da terra, que expulsar do Olympo
 Os imortaes tentaraõ. Mas o filho
 De Ulysses longe de gozar do brando
 Prazer do vencimento, retirado
 Na sua tenda, do seu erro o pejo
 Sentindo, não podia sopportar-se
 A si mesmo. A injustiça, e desacerto
 Dos seus imperos via, e na excessiva
 Altivez de seu genio descubria
 Hum não sei qué de vaõ, infame, e fraco.
 Só na moderaçaõ, e na justiça,
 Na modestia, e brandura, he q' a grandeza
 Verdadeira encontrava; mas a emonda
 Não oulava esperar depois de tantas
 Reincidencias. Comsigo contendia:
 E ouviaõ-no rugir como hum furioso
 Leãõ. Para de si tomar castigo,
 Esteve retrahido por dois dias
 Na sua tenda. Tornarei, dizia,
 A ver Mentor? Sou eu filho de Ulysses;

Dos

Dos mortaes o mais sabio, e mais prudente?
 Vim semear discordias entre as tropas,
 E derramar seu sangue, ou o dos Daunios?
 Fui temerario: até errei o tiro.
 Com forças desiguaes expuz me a Hipias,
 E mereci a vergonhosa morte.
 Mas não ferei jámais o temerario
 Insetato Telemaco, que fuge
 Dos conselhos. Sómente com a vida
 Meu pejo findará. Oh se eu pudesse
 Ao menos esperar para o futuro
 Não fazer o que tanto de ter feito
 Me peza! mas talvez antes que acabe
 O dia fazer queira os mesmos erros.
 O' funesta victoria! ó infoffriveis
 Louvores, que me exprobraõ cruelmente
 Minha loucura! Em quanto assim estava
 Só, e sem lenitivo, o procuraraõ
 Nestor, e Filotetes. Estranhar-lhe
 A sua semrazã Nestor queria;
 Mas na sua amargura reparando,
 Trocou em ternas expressões as graves
 Estranhezas. Com este desafio
 Retidos, combater os Reis alliados
 Co' as inimigas tropas não podiaõ,
 Sem com Falante, e Hipias congraçarem
 Telemaco. Em desordem o seu erro
 Havia posto tudo. Elle que via

Tan-

Tantos males presentes , tantos riscos
 Futuros de que fora só a causa ,
 Se abandonava á magoa mais acerba.
 No mais estranho enleio os Reis estavaõ.
 Não ousavaõ mandar marchar as tropas ,
 Temendo que na marcha combatessem
 C'os povos de Tarento os cem Cretenfes
 Retinhaõ-se no Campo não sem custo ,
 E eraõ alli guardados. Filotetes ,
 E Nestor sem cessar hiaõ , e vinhaõ
 Da tenda de Telemaco á do bravo
 Falante , que vingança respirava.
 De Nestor a eloquência , a authoridade
 De Filotetes abrandar seu peito
 Feroz não conseguiaõ , irritado
 Pelos discursos de Hippias cheios de ira.
 Telemaco sim era mais pacifico ;
 Mas a dôr o tornava inconsolavel.
 Em quanto assim estavaõ perturbados
 Os Reis todos , o Campo parecia
 Qual desfolada casa , que perdera
 O seu pai de familias , doce esperança
 Dos filhinhos , e abrigo dos parentes.
 Porém no meio de desordem tanta
 Ouve-se de improviso hum espantoso
 Motim d'armas , carroças , e relinchos
 De possantes cavalloos , vozes de homens ,
 Huns vencedores , respirando sangue ,
 Ou-

Outros ou fugitivos , ou feridos ,
Ou moribundos. De poeira negra
Espessa nuvem cobre o Ceo , e abaffa
O Campo. Denfo fumo se lhe ajunta ,
Que os ares turva , e respirar não deixa.
Ouve-se hum rumor furdo , semelhante
Aos turbilhões de chammas que vomita
Do fundo das entranhas abrazadas
O Etna ardente , quando c'os Cyclopes
Vulcano forja os estridentes raios
Ao Pai dos Deoses. O terror se apossa
Dos corações. Adrasto vigilante ,
Infatigavel , surpredeo as tropas
Alliadas. A marcha com recato
Havia feito. Com trabalho immenso
Alta montanha quasi inaccessible
Rodeando , da qual os Alliados
Os passos occupavaõ , persuadidos
De os ter em segurança , e até pensando
Por elles atacar os inimigos ,
Se chegasse o reforço que esperavaõ.
Adrasto , que o dinheiro manejava
As mãos cheias , sabia dos contrarios
O segredo. Nestor , e Filotetes
Sendo dois Capitães sabios , e expertos ,
Não eraõ nas empresas recatados.
Nestor folgava na avançada idade
De recontar aquillo que podia

Gran-

Grangear-lhe louvor. Fallava menos
Filotetes , mas era arrebatado ;
E quando o irritavaõ descubria
O mesmo , que calar se propozera.
Assim os ardilosos , de seu peito
Achando a chave , lhe tiravaõ delle
Os segredos mais intimos , bem como
De hum vaso precioso , mas fendido
Que esvae de si suavissimos licores.
Os traidores que Adrasto corrompera ,
Zombavaõ da fraqueza destes Chefes.
A Nestor prodigando vãos louvores ,
Lembravaõ-lhes as historias já passadas ,
E de applaudir-lhe as suas providencias
Naõ se cançavaõ. De outro lado armando
Redes ao bravo humor de Filotetes ,
Lhe fallavaõ de encontros , de embaraços ,
Riscos , e contratempos. Inflammado
O seu genio insoffrido em ameaças
Desaffogava. Entaõ sua prudencia
Lhe fugia , e naõ era o mesmo homem.
Telemaco a pezar dos seus defeitos
Tinha a prudencia de guardar segredo.
Costumaraõ-no a isso os seus defaltres ,
E a precisaõ que teve desde a infancia
De occultar-se aos amantes de Penelope.
Guardar sabia , sem dizer mentira ,
O segredo. Naõ tinha o reservado

Myf-

Mysterioso ar , que he ordinario
Na gente recatada. Parecia
Naõ gravallo o segredo ; sempre livre ;
Franco, e ingenuo, bem como o q nos labios
Tem o seu coraçãõ. Porém dizendo
O que naõ tinha consequencia alguma ,
As coizas que podiaõ dar suspeitas
Sem affectar-se para si guardava.
Era o seu coraçãõ inaccessible:
Seus melhores amigos só sabiaõ
O que julgava util descubrir-lhes ;
Para delles tirar doutos conselhos.
Sõ naõ fazia de Mentor reserva :
Sim nos outros amigos se fiava ,
Mas em diversos graõs , segundo tinha
Sua amizade , e acerto experimentado.
Telemaco notava que no campo
Se espalhavaõ os votos do Conselho ;
E avisou a Nestor , e Filoteres ,
Que o saudavel aviso desprezaraõ.
Naõ se dobra a velhice. Os longos usos
A tem como em cadeias sem regresso
Contra os seus erros. Qual o tronco rude
Das arvores annõas se endurece
Pela força dos annos , e naõ pôde
Dobrar-se , desta sorte em certa idade
Ja naõ podem os homens desviar-se
Dos usos , que com elle envelheceraõ ,

E entraraõ na medulla dos seus ossos.
 A's vezes os conhecem , porém tarde.
 Gemem debalde , e a tenra mocidade
 Só he capaz de emenda. Havia hũ(4) Dolope
 No Exercito , ardiloso , e lisongeiro ,
 Eurimaco chamado. Elle sabia
 Accommodar-te aos gostos , e ás vontades
 Dos Principes. Os meios de agradar-lhes
 Inventava. Jámais na sua boca
 Era difficullosa coisa alguma.
 Perguntavaõ seu voto , e respondia
 Sempre o mais grato a qué lhe perguntava ;
 Motejador dos fracos , prazenteiro ,
 Affavel para aquelles que temia ,
 Destro nos elogios delicados
 Para aos homens modestos ser acceito.
 Não lhe custava accommodar-se aos genios.
 Os homens virtuosos , e sinceros ,
 Que são os mesmos sempre , não agradaõ
 Tanto aos Reis , como aquelles q̃ os adulaõ.
 A arte da guerra Eurimaco sabia ,
 E era habil para entrar no ministerio.
 Havia-se aggregado aventureiro
 A Nestor ; e lhe havia grangeado
 A confiança. Tudo o que queria

Do

(4) Os Dolopes erão povos de Thessalia , que Peleo seu Rei enviou ao cerco de Troia debaixo do commando de Phœnix.

Do peito vaõ , sensível aos louvores
 Lhe tirava. Supposto Filotetes
 Delle se não fiasse , a impaciencia
 Obrava neste quanto a confiança
 Em Nestor. Agastallo lhe bastava.
 (5) Havia recebido grandes sommas
 Eurimaco de Adrasto , para todos
 Os projectos contrarios franquear-lhe.
 Tinha este Rei no Exercito algús transfugas,
 Que deviaõ fugir huns apõs outros
 Das alliadas tropas para as suas.
 Eurimaco por elles lhe enviava
 Noticias de negocios importantes.
 Naõ era facil descobrir-se o engano ,
 Pois naõ levavaõ cartas ; e apanhados
 Nada se achava , que fazer podesse
 Eurimaco suspeito. Mas Adrasto
 As emprezas dos Chefes alliados
 Prevenia. Tomava-se em Conselho
 Huma resoluçaõ ; e logo os Daunios
 Sabiaõ prevenilla. Naõ cessava
 O moço Grego de indagar a causa ,
 E excitar em Nestor , e Filotetes
 Desconfianças ; mas estavaõ cegos ,

G ii

E

(5) Luiz XIV. fazia tambem muita despeza com
 espias , de quem era bem servido. Elle as tinha em
 todas as Cortes , e Exercitos ; e sabia por esse meio
 todos os projectos dos inimigos.

E inúteis se tornavaõ seus desvêlos.
 Acordou-se em Conselhò se esperassem
 As numerosas tropas, que deviaõ
 Chegar; e occultamente cem navios
 Para facilitar o seu transporte
 Desde a Costa do mar até o Campo,
 Mandaraõ preparar. Em segurança
 Se julgavaõ; pois tinhaõ com as tropas
 Guardado os passos do visinho montê,
 Que he do Apénino inaccessible Costa.
 Do Galezo (6) nas margens estendidos
 Junto do mar os alliados povos
 Se acampavaõ. Em frutos, e pastagens
 Abundava este campo. Atrás do monte
 Ficava Adrasto, e cria-se a passagem
 Impraticavel. Mas sabendo o estado
 De fraqueza das tropas alliadas,
 E que hum grande soccorro se esperava,
 Em quanto entre Telemaco, e Falante
 O debate durava, a dar a volta
 Adrasto se apressou. De noite, e dia
 Atravessando inhospitos lugares
 Caminhou té á praia. O atrevimento,
 E trabalho assim vencem os maiores

Em

(6) Galezo he hum rio do Reino de Napoles, que nasce perto de Orta na terra de Otranto, cuja corrente depois de ter tornado para o Poente, entra no Golfo de Tarento.

Embaraços ; e nada he impossivel
Aos que sabem ousar , e ser soffridos.
Os que dormem , cuidando que o difficil
He impossivel , ser assoberbados
Assim merecem. Surpredeo Adrasto
Ao assomar do dia os cem navios
Dos Alliados. Apossou-se delles
Sem resistencia ; pois desprevenidos
Estavaõ , e serviraõ para as suas
Tropas levar com diligencia incrivel
Té á fôz do Galezõ , donde as margens
Do rio remontaraõ promptamente.
As sentinellas creeraõ que os navios
Lhes traziaõ as tropas que esperavaõ :
Ergueraõ grandes gritos de alegria.
Adrasto , e os seus Soldados desembarcaõ
Sem ser reconhecidos ; e carregaõ
Os Alliados , que temor naõ tinhaõ
De coisa alguma. Hum Campo todo aberto
Achaõ sem ordem , Capitães , ou armas.
Principiou o ataque pelo lado
Dos Tarentinos onde commandava
Falante. Com vigor taõ grande entraraõ
Os Daunios , que a Laconia mocidade
Desprevenida resistir naõ pôde.
Em quanto buscaõ armas , se embaraçaõ ;
E nesta confusaõ poem fogo ao Campo
Adrasto. Logo a chamma se levanta

Dos

Dos pavilhões ás nuvens. Hum ruido
Faz o fogo , qual tumida corrente
Que alaga hum vasto campo , e leva a rojo
Encorpados carvalhos co' as profundas
Raizes , as searas , os rebanhos ,
Os curraes , e as cabanas. Leva o vento
De tenda em tenda a chamma imperuosa ,
E fica em breve espaço o Campo todo
Qual mara annofa , que abrazou de fogo
Hum fentelha. Vê de perto o risco
Falante , sem poder remedio dar-lhe :
Vê que morrem as tropas neste incendio ,
Se não se apressa a largar o Campo ;
Mas vê tambem quanto temer-se deve
Da fugida a desordem na presença
De hum inimigo vencedor. Ordena
Aos seus que saiaõ inda mal armados :
Mas respirar Adrasto não os deixa.
Destros atiradores com as frechas
De hum lado , e d'outro com roliços seixos
Despedidos das fundas os opprimem.
O mesmo Adrasto de escolhida tropa
Na frente , á luz do acceso fogo acossa
Com a espada na mão os fugitivos.
Co' assacalado ferro os que das chammas
Escapaõ , talha , nada em sangue humano :
Não póde da carnagem faciar-se.
Os tigres , e leões a sua furia

Não

Não igualaõ, os gados, e pastores
Devorando. Succumbem de Falante.
As tropas, e o valor as abandona.
Huma furia infernal com a cabeça
Crespa de serpes a cruenta morte
Conduz, a qual nas veias gela o sangue.
Sem movimento os membros se resfriaõ,
E os tremulos joelhos da fugida
A esperança lhes tiraõ. Mas Falante
A quem a raiva, e pejo conservavaõ
Restos de força, e de vigor, levanta
Ao Ceo as mãos, e os olhos. A seu lado
Cabe Hípias seu irmaõ da fulgurante
Dextra de Adrasto aos golpes. Estendido
Por terra roda na poeira: cotre
Negro fervido sangue, qual regato,
Da profunda ferida, que atravessa
O lado. Para a luz fecha seus olhos;
E pelas rotas veias a cruenta
Alma lhe foge. Envolto no seu sangue
Falante, seu irmaõ, já não podendo
Soccorrello, se vê por huma turba
De inimigos cercado, os quaes forcejaõ
Por derriballo. Vê-se de mil settas
Seu escudo crivado. Está seu corpo
Ferido em muitas partes. As dispersas
Tropas juntar não póde. Os sacros Numes
O vêm, e compaixaõ d'elle não tomaõ.



L I V R O X V I I .

JOve no meio dos celestes Nuncios
 Das alturas do Olympo olhava o estrago
 Dos Alliados. O destino immovel
 Ao mesmo tempo consultava, e via
 A quantos Cabos neste dia a Parca
 Havia de cortar da vida o fio
 Co' a tisoura fatal. Os Deoses todos
 No semblante de Jove procuravaõ
 Descubrir o seu gosto. Mas dos Deoses,
 E dos homens o Pai com voz suave,
 E magestosa, assim lhe diz: Vós vedes
 A qual extremo os alliados povos
 Reduzidos estaõ: vedes Adrasto,
 Que os inimigos seus vence, e derrota:
 Mas he vista fallaz. He curta a gloria,
 E ventura dos máos. Este tyranno
 Pela sua má fê aborrecidõ
 Naõ ha de conseguir cabal victoria.
 Instrue este desastre os Alliados
 A corregir-se, e recatar das suas
 Emprezas o segredo. Aqui Minerva
 Prepara nova gloria ao moço Grego,
 Taõ seu prezado. Jupiter acaba:

E

E os Deoses em silencio continuão
A olhar para o combate. Filotetes,
E Nestor instruidos entãõ foraõ
De que parte do Campo incendiada
Estava; que impellida pelo vento
Lavrava mais e mais a chamma adusta;
Que estavaõ em desordem seus Soldados;
E que Falante sustentar o pezo
Das inimigas tropas naõ podia.
Apenas chegaõ taõ funestas vozes
A seus ouvidos, correm logo às armas.
Os Capitães convocaõ, e daõ ordem
Que dos quartéis sabindo com presteza
Vaõ evitar o incendio. Entãõ Telemaco,
Que estava consternado, e inconsolavel,
A sua magoa esquece, e as armas toma,
Apreciavel dom, que a sãbia Deosa
Disfarçada em Mentor lhe havia feito,
Fingindo, que as havia recebido
De hum Salentino Artifice, e que foraõ
De seu mandado feitas por Vulcano
Nas cavernas do Etna; armas polidas
Qual cristallino espelho, e rutilantes
Como os raios do Sol, onde se viaõ
Altercando entre si Neptuno, e Pallas,
A qual delles a gloria caberia
De honrar com o seu nome huma nascente
Cidade. Alli Nepruno e'o trifulco

Tri-

Tridente tére a terra , que hum fogoso
 Cavallo produzia. Pelos olhos
 Despede fogo , e pela boca espuma.
 A' discrição do vento lhe fluctuaõ
 As clinas. Com vigor , e ligeireza
 Lança as nervosas dobradiças pernas.
 Não anda , porém salta ; e tão ligeiro
 Que não deixaõ vestigios os seus passos.
 Relinchar parecia. De outro lado
 Minerva dava aos novos habitantes
 Hum ramo de oliveira com seu fruto ,
 Cuja arvore plantara a sábia Deosa.
 Representava o ramo a paz suave ,
 E a feliz abundancia , preferiveis
 Aos tumultos da guerra , figurada
 No bruto Neptunino. Este dom simples ,
 Mas util , a victoria deu á Deosa ;
 E honrou-se c'o seu nome a florecente
 Athenas. Alli mesmo conduzia
 Minerva junto a si as bellas artes ,
 Tenros alados genios , que buscavaõ
 O seu abrigo , dos brutaes furores
 Do furibundo Marte amedrentados :
 Quaes ao lado da mãi vaõ acoitar-se
 Balindo os tenros tímidos cordeiros ,
 Vendo o lobo esfaimado , que co' as fauces
 Hiantes , e inflammadas se artemessa
 A devorallos. Confundia a Deosa

Com

Com semblante agastado , e desdenhoso
 Das suas obras co' a excellencia summa
 A temeraria (1) Arachne , que com ella
 Sobre tapeçarias se atrevera
 Disputar perfeições. Attenuados
 Os membros todos desta desditosa
 Se hiaõ desfigurando , e se mudavaõ
 Em aranha. Depois apparecia
 Ista Minerva , que na horrenda guerra
 Dos gigantes servia de conselho
 Ao meimo Jove , e confortava os outros
 Deoses espavoridos. Adiante
 Estava armada com a aguda lança ,
 E com a fulva Egide nas ribeiras
 (2) do Xanto (3) e Simoente , conduzindo
 Ulysses pela mão , animo dando
 A's derrotadas tropas fugitivas ;
 Abatendo os esforços dos mais feros
 Troianos Capitães , e do terrivel
 Heitor ; em fim introduzindo Ulysses
 Na machina fatal , que n'huma noite

De

(1) Arachne filha de Idamon , foi mudada em aranha por Minerva , porque se jactou de que borceva melhor que esta Deosa ; a qual fora inventora desta arte.

(2) Xanto , ou Scamandro he hum rio do antigo Reino de Troia , que se lança no mar Egæo.

(3) Simoente , ou Simois he hum rio do mesmo paiz , que se mistura com o Scamandro.

Devia o imperio arruinar de Priamo.
 Representava n'outro lado o escudo
 Ceres do Etna pelos férteis campos ,
 No centro de Sicilia congregando
 As dispersas Nações , que o seu sustento
 Faziaõ só da caça , ou dos sylvestres
 Frutos , quando das arvores cahiaõ.
 Ella aos rusticos povos ensinava
 As artes de amañlar a dura terra ,
 É o sustento tirar de suas fertcis
 Entranhas. A charrua lhes mostrava ,
 E lhe jungia os bois. Via-se a terra
 Cortada em regos pela reluzente
 Relha ; e depois se viaõ as douradas
 Searas , que cubriaõ as fecundas
 Campinas. Logo o segador co' a foice
 Ceifava os doces frutos , satisfeito
 Do seu trabalho. O ferro destinado
 A tudo destruir , só empregava
 A preparar a paz , e abundancia ,
 E a fazer rebentar meigos prazeres.
 As Ninfas coroadas de boninas
 Dançavaõ juntas n'huma amena vargea
 A' sombra do arvoredõ. A doce frauta
 Tocava Pan. Os semicapros Faunos ,
 E os brincadores Satyros saltavaõ.
 Aparecia Baccho laureado
 D'hera, n'huma das mãos o verde thyrsõ
Sus-

Sustentando , e na outra huma videira
 Enfeitada de parras , e córados
 Cechos. Gentil , mas frouxo tinha o rosto
 Chum naõ fei qué de nobre, e de amoroso,
 Bem como apparecera á desditosa
 (4) Ariadna , que encontrara n'huma ignota
 Praia , desamparada , e submergida
 Na sua magoa. Em fim alli se via
 Immenso povo ; velhos que levavaõ
 Aos templos as primicias de seus frutos ,
 E moços jornaleiros , que voltavaõ
 Do trabalho do dia para as suas
 Esposas , que ao encontro lhes sahiaõ ,
 Pela maõ conduzindo os tenros filhos
 Que amimavaõ. Tambem alli se viaõ
 Os Pastores dançando ao som da avena.
 Tudo inculcava paz , e abundancia ,
 E parecia estar feliz , e alegre.
 Até se viaõ lobos , e cordeiros
 Nos pastos misturados ; e a braveza
 Despido haviaõ os leões , e tigres.
 Hum pequeno Pastor os conduzia
 Unidos , e os regia c'o cajado

Esta

(4) Ariadna filha de Minos , e Pasifae , deusa
 Thetéeu hum fio para se conduzir no labyrintho sem
 se perder ; e fugio com elle , o qual a abando-
 nou na Ilha de Naxos , até que Baccho a vio , e se
 amou dela.

Esta pintura amavel as doçuras
Fazia recordar da idade de ouro.
Telemaco cingido destas armas ,
Em lugar de abraçar o seu escudo ,
Toma a brilhante Egide , que Minerva
Por Iris , que he dos Deoses Mensageira,
Lhe enviara , e que a Deosa subtilmente
Tirando lhe o escudo em lugar d'elle
Lhe deixou. Sahe do Campo neste estado
Para evitar as chammas. Com voz forte
Chama os Cabos do Exercito , alentando
Os Alliados. Brilha nos seus olhos
Huma chamma divina. Elle se mostra
Livre , tranquillo , affavel , applicado
A dar todas as ordens necessarias ,
Como faria hum anciaõ prudente
Attento a regular sua familia ,
E a instruir seus filhos. Prompto , e rápido
Na execuçaõ , bem semelhante ao rio
Impetuoso , que naõ só impelle
Precipitado as espumantes ondas ,
Mas na sua levada traz a rojo
Os baixeis mais pezados , que o carregaaõ.
Filotetes , Nestor , e dos Mandurios ,
E das outras Nações sentem os Chefes
Naõ sei que authoridade em seu semblante,
Que se vem obrigados a ceder-lhe.
Retira-se dos velhos a experiencia :

A prudencia , e conselho falta aos Chefes.
Té o ciuime natural aos homens
Falta nos corações. Todos se calaõ ,
Todos o admiraõ. Para obedecer-lhe
Se dispoem sem reparo como a isso
Ja costumados. Elle a huma colina
Sobe , e dalli observa os inimigos.
Entaõ julga que devem apressar-se
A sorprendellos logo na desotdem
Em que se achavaõ abrazando o Campo
Dos Alliados. Volta com presteza.
Os mais expertos Cabos o acompanhaõ.
Na restaguarda os Daunios accommette,
A tempo que elles as contrarias tropas
Envolvidas no incendio imaginavaõ.
O repentino ataque os desconcerta.
De Telemaco ás mãos cahem, quaes folhas
Que do Outono no fim despem os bosques ,
Quando Aquilo soberbo conduzindo
O inverno , faz gemer os velhos troncos ,
E agita os verdes ramos. Fica a terra
Juncada de Soldados , que derriba
Telemaco. O seu dardo huma ferida
Faz no peito de Ificles , o mais moço
Filho de Adrasto. Ousara contra elle
Combater por salvar do Pai a vida.
Ificles , e Telemaco eraõ ambos
Gentís , destros , forçosos , e valentes ,
Da

Da mesma idade, e de seus pais mimosos;
 Era Ificles qual flor, que abre no campo,
 E que ha de ser talhada pela curva
 Foice. Depois Telemaco derriba
 Euforias dos Lydios, que viciao
 De Etruria, o mais famoso. Co' a fulgente
 Espada em fim Cleomenes traspassa,
 O qual recém casado promettera
 A' esposa, a quem mais ver nao tornaria,
 Levar ricos despojos da batalha.
 Adrasto brama de ira vendo a morte
 De seu filho, e de tantos dos seus Cabos,
 E a victoria escapar-lhe. Mas Falante
 Quasi a seus pés cahido he como a victima,
 Que meia degollada da bipene
 Sagrada escapa, e para longe foge
 Do altar. Mais hum momento era bastante
 Para Adrasto acabar a sua perda.
 Falante no seu sangue, e dos Soldados
 Nadando, os gritos ouve de Telemaco,
 Que a foccorrello corre. Neste ponto
 Lhe foi tornada a vida, e se dissipa
 A nuvem, que cubria já seus olhos.
 Os Daunios vendo este improviso ataque,
 A Falante largarao, pois deviao
 Rebater o inimigo mais poderoso.
 Adrasto era qual tigre, a quem a turba
 Dos Pastores arranca a sua preza,

Que

Que hia já devorar. Busca-o Telemaco
 No conflicto, querendo assim a guerra
 Terminar do implacavel inimigo
 Livrando os Alliados. Porém Jove
 Naõ quiz que elle tivesse huma victoria
 Taõ prompta, e facil. E Minerva mesma
 Queria que soffresse inda maiores
 Trabalhos para estar mais instruido
 Na arte difficil de reger os povos.
 Com esse fim livrou o Pai dos Deoses
 O impio Adrasto. Espessa negra nuvem,
 Que elle formou no ar, salvou os Daunios.
 Horrifono trovao mostrou dos Numes
 A vonrade. As abobadas eternas
 Do alto Olympo quebrar-se pareciao
 Sobre os fracos mortaes. Fendia os ares
 O relampago de hum a outro polo.
 Depois que os fracos olhos deslumbrava
 O clarao penetrante, recabiao
 Da escura noite as pavorosas trevas:
 E a chuva, que cahira em grande copia,
 Servio de separar os dois Exercitos.
 Adrasto aproveitou-se do foccorro
 Dos Deoses, sem que fosse commovido
 Do seu poder; e á mais cruel vingança
 Por esta ingraticadao foi reservado.
 Fez passar suas tropas entre o Campo
 Meio queimado, e hum pantano profundo,

Tom. II.

H

Que

Que ao rio se extendia , com tal arte ,
 E presteza , que nesta retirada (nho.
 Mostrou seu muito acordo , e grande enge-
 Telemaco animava os Alliados
 A seguir-lhe o alcance , mas salvou-se
 Co' abrigo da tormenta , qual ligeira
 Ave do caçador escapa aos laços.
 Cuidaraõ só em recolher-se ao Campo
 Os Alliados , reparando a perda.
 Viraõ entaõ quanto ha mais lastimoso
 Na guerra. Naõ podendo sahir fóra
 Das tendas , os doentes , e feridos
 Pela falta de forças naõ poderaõ
 A's chammas escapar. Meio queimados
 Com voz queixosa , e debil levantavaõ
 Ao Ceo tristes gemidos. De Telemaco
 O coração se enterneceo. Naõ pôde
 As lagrimas conter. Horrorizado ,
 E enternecido os olhos affastava.
 Ver naõ podia sem terror os corpos
 Inda vivos , expostos a huma lenta
 E cruel morte ; quaes sobre os altares
 As victimas queimadas , cujo cheiro
 Se espalha a toda a parte. Ah ! exclamava
 Telemaco : Eis aqui os crueis males
 Que traz a guerra. Quanto o furor cego
 Os mortaes infelizes arrebatã !
 Que poucos dias vivem sobre a terra !

E que grandes desgraças nelles soffrem !
 E inda se haõ de encurtar , precipitando
 A morte que está proxima ! A' tristeza
 De que se cobre a nossa curta vida ,
 Inda se haõ de ajuntar cruéis tormentos !
 Saõ os homens irmãos , e mutuamente
 Se despedaçã , mais que as bravas fêras
 Tyrannos ! Os leões naõ fazem guerra
 Aos leões , nem ao tigre a faz o tigre :
 Só animaes de especie differente
 Atacaõ. Faz o homem com discurso
 O que sem elle os animaes naõ fazem.
 E porque fazem guerras ? No Universo
 Naõ ha terras bastantes que repartaõ ,
 As quaes encher naõ podẽ ? (5) Falsa gloria
 Titulos vãos accendem duras guerras
 Em paizes immensos. Hum só homem
 Que a colera dos Deoses manda ao mundo ,
 De tantos outros á vaidade sua
 Faz brutal sacrificio. He necessario
 Que tudo morra , nadé em sangue humano,
 Arda em vorazes chummas , e o que escape

H ii

Ao

(5) Esta passagem encerra huma trille pintura dos males , de que Luiz XIV. foi causa pelas guerras cruéis que á sua ambição accendeo em toda a Europa. O Author repete muitas vezes a palavra gloria : porque com effeito o Monarca naõ allegava outro motivo nas guerras , que declarou a seus vizinhos.

Ao ferro , e fogo , não escape á fome
 Ainda mais cruenta , para hum homem
 Que escarnece de toda a natureza
 Neste estrago geral achar seu gosto ,
 E a sua gloria ! monstruosa gloria !
 Odio , e desprezo póde haver , que quadre
 A mortaes que assim tanto se esqueceraõ
 Da humanidade ? Não. Longe de serem
 Semideoses , nem homens ser merecem.
 Os seculos , dos quaes elles pertendem
 Ser admirados , devem execrallos.
 O' quanto reflectir deve hum Monarca
 Sobre as guerras q̃ emprende ! Ellas ser devẽ
 Justas ; porém não basta. Ao bem do estado
 Devem ser necessarias. Só se verta
 Do povo o sangue por salvar o povo
 Nas precisões extremas. Os conselhos
 Lisongeiros da gloria , idéas falsas ;
 Os vãos ciumes , a cubiça injusta ,
 Que se orna de pretextos apparentes ;
 Finalmente os empenhos insensiveis
 Arrastaõ quasi sempre os Reis a guerras ,
 Que os tornaõ desgraçados, em que arriscaõ
 Tudo sem precisaõ ; e em que aos vassallos
 Fazem taõ grande mal como aos contrarios.
 Discorria Telemaco desta arte :
 Mas não se contentava deplorando
 Os estragos da guerra : procurava

Ado-

Adoçallos. Entrava nas barracas
 Para os doentes soccorrer ; já dando
 Remedios , e dinheiro ; já com brandas
 Expressões confolando , e aos q̃ elle mesmo
 Visitar não podia , no seu nome
 Mandando outros. Havia entre os Cretenfes
 Que o seguião dois velhos, hum Traumáfilo.
 E Nofófugo outro. No Troiano
 Cerco o primeiro havia acompanhado
 Idomeneu ; e os filhos de Esculapio
 Por Mestres teve entãõ na arte divina
 De sarar as feridas. Nas mais fundas ,
 E envenenadas hum licor cheiroso
 Lançava , o qual a carne corrompida
 Sem a cortar comia , e logo nova
 Carne mais sã criava , e inda mais fresca
 Que a primeira. Nofófugo não tinha
 Jamais os filhos de Esculapio visto ,
 Mas por meio de (6) Merion hum sagrado
 Mysterioso livro , que Esculapio
 Dera a seus filhos , tinha. Elle era amigo
 Dos grandes Numes ; em louvor dos filhos
 (7) De Latona compoz diversos hymnos ;
 E

(6) Merion era o conductor do carro de Idomeneu , e o Chefe da armada naval , que elle conduziu ao cerco de Troia.

(7) Latona filha de Cœus. Teve de Jupiter a Apollo , e Diana na Ilha de Afferia.

E de nevada ovelha o sacrificio
Todos os dias offerencia a Apollo ,
Que muitas vezes o inspirava. Apenas
Via hum doente , logo conhecia
Nos seus olhos , na côr do seu semblante ,
Na proporção do corpo , e em fim no modo
De respirar , a causa da doença.
Ora dava remedios , que fazião
Suar , mostrando no successo delles
Quanto a transpiração facilitada ,
Ou reprimida , a maquina do corpo
Sustenta , ou desconcerta. Ora ás doenças
De fraqueza applicava humas bebidas ,
Que as partes nobres alentando os homens
Remoçava , anodiando-lhes o sangue.
Porém asseverava , que por falta
De virtude , e valor , da Medicina
Tantas vezes os homens precisavaõ.
He vergonha , dizia , para os homens
O ter doenças tantas. Bons costumes
A faude produzem : ao contrario
A intemperança troca os alimentos
A conservar a vida destinados ,
Em venenos mortaes. Os excessivos
Prazeres abbreviaõ mais os dias
Dos mortaes , do que podem os remedios
Prolongallos. Os pobres menos vezes
Tem doenças por falta de alimentos ,

Do

Do que os ricos por tellos de sobejo.
Em lugar de nutrir nos envenenão
Alimentos , que o gosto lisongeaõ ,
E que fazem comer mais que he preciso.
São os remedios verdadeiros males ,
Que a natureza estragaõ , e applicar-se
Devem sómente em precisaõ extrema.
Os remedios mais uteis , e innocentes
São a sobriedade , a temperança
Nos prazeres , do espirito o socego
É exercicio do corpo. Assim se gera
Hum fangue manso , e temperado : e todos
Os humores superfluos se dissipão.
Era o sabio Nosófugo desta arte
Menos por seus remedios admiravel ,
Que pelo bom regime que dictava
Para as doenças prevenir , e inuteis
Os remedios tornar. Estes dois homens
Telemaco enviou para os doentes
Do Exercito curar. Sararaõ muitos
Por seus remedios ; porém mais ainda
Pelo cuidado que tomaraõ delles.
Applicavaõ-se a tellos afeados ,
A afastar-lhes com isto o ar danoso ,
E a fazer-lhes guardar regime exacto
Quando convaleciaõ. Os Soldados
Com taõ grande soccorro commovidos
Davaõ graças aos Deoses de enviar-lhes

Te-

Telemaco. Não he , diziaõ elles ,
 Algum homem , he sim hum Deos benéfico
 Em fórma humana. Ao menos se he hü homẽ
 Menos c'os outros homens se parece ,
 Que c'os Deoses. Existe cá na terra
 Só para fazer bem. He mais amavel
 Por sua mansidaõ , sua bondade ,
 Que pelo seu valor. Oh se elle fosse
 Nosso Rei ! Mas os Deoses o reservaõ
 A povo mais ditoso , que elles prezaõ ,
 E no qual renovar a idade de ouro
 Pertendem. (8) Quando á noite, por cautelia
 Contra os ardis de Adrasto , visitava
 Telemaco os quarteis , estes louvores
 Ouvia sem suspeita de lisonja ,
 Quaes proferem os vis aduladores
 Na face dos Monarcas , entendendo
 Que elles não tem modestia , ou agudeza ,
 E que para alcançar sua privança
 Não ha mais que louvallos sem medida.
 Mas o filho de Ulysses só amava
 A verdade ; e soffrer outros louvores

Não

(8) O Duque de Saboia fez o mesmo muitas vezes. Hia tambem incognito ás casas de café , e lugares publicos de Turim para ouvir o que se dizia d'elle ; com a differença que não ouvia alli sempre os seus louvores. Mas não consta que castigasse jámais alguém por isso.

Não podia , que aquelles que lhe davaõ
Occultos , longe d'elle , e merecidos.
Não lhes era insensível : mas sentia
O prazer doce , e puro , que annexarãõ
Os Deoses á virtude , e que os perversos ,
Pois nunca o exp'rimentaõ , crer não podem.
Telemaco porém não se entregava
Ao prazer : antes logo lhe surgiaõ
Em tropel ao espirito os seus erros.
Não lhe esquecia o seu altivo genio ,
E a sua indifferença para os homens.
De nascer taõ esquivo , e desabrido
Tinha secreto pejo ; e toda a gloria
Referia a Minerva , não pensando
Mercecella. Vós sois , ó grande Deosa ,
Que me dèstes Mentor para instruir-me ,
(Dizia) e corrigir-meus grandes erros.
Vós me dais o accordo para delles
Me aproveitar , de mim desconfiando.
Vos as minhas paixões impetuosas
Acalmais. Vós fazeis em mim , que eu sinto
O prazer de acudir aos infelizes.
Eu seria sem vós aborrecido ,
E até digno de o ser. Sem vós faria
Erros irreparaveis , qual menino
Invalido , que mal da mãi se affasta ,
Cabe ao primeiro passo. Filotetes ,
E Nestor affombraraõ-se de verem

Te-

Telemaco tornar-se tão affavel,
Officioso, attento, e prevenido.
Não conheciaõ nelle o mesmo homem.
Mais que tudo enleou-os o deívêlo,
Que elle tomou do funeral de Hípias.
Foi elle mesmo recolher seu corpo
Enfanguentado do lugar aonde
N'hum montão de cadaveres estava
Encuberto. Verteo piedosas lagrimas
Sobre elle, e disse: O' grande sombra, agora
Sabes quanto estimei teu valor raro.
Tua fereza me irritou; mas vinhaõ
Do ardor da mocidade os teus defeitos:
E eu sei quanto esta idade he desculpavel.
Seriamos ainda amigos ternos.
Porque razaõ, ó Deoses, mo roubastes
Antes que a amar-me o obrigasse? O corpo
Em cheirosos licores fez Telemaco
Depois lavar. Em fim por ordem sua
Se preparou a pyra. Dos machados
Gemendo aos golpes empinados pinhos
Do cume das montanhas vem rodando.
Os carvalhes da terra annosos filhos,
Que ameaçar os astros pareciaõ,
Os altos chopos; os frondosos olmos,
Cujas cabeças estaõ sempre verdes,
E copadas; as faias, ornamento
Dos sacros bosques, cahem nas ribeiras

Do

Do Galezo. Já surge a concertada
Pira, que representa hum edificio
Regular. Já as chammas se descobrem,
E sobe ao Ceo enovelado fumo.
Com passo lento, e lugubre caminhaõ
Os Laconios, voltando ao chaõ os olhos,
E arrastando as insignias militares.
Trazem a dôr pintada nos ferozes
Rostos, que banha copioso pranto.
Logo o velho Ferécido apparece
Menos quebrado com a longa idade,
Que com a dôr de ter sobrevivido
A Hipias, que creara desde a infancia.
Alçava para o Ceo as mãos, e os olhos
Em lagrimas banhados. Desde a morte
De Hipias todo o sustento recusava.
Nem o suave somno jámais pôde
Os seus olhos fechar, ou suspender-lhe
A acerba magoa. Tremulo caminha
Após a turba sem saber sonda.
Da boca não lhe sahe palavra alguma.
Tinha o seu coração todo apertado,
E guardava hum silencio afflicto, e triste.
Porém tanto que vio a pyra accesa
Se enfurece. Hipias! Hipias! (assim grita)
Não te verei jámais; e vivo ainda!
Hipias querido; quanto fui tyranno!
Eu te ensinei a desprezar a morte.

Cui-

Cuidei que as tuas mãos meus tristes olhos
 Cerrassem , e o meu ultimo suspiro
 Recolheesses. O' Deoses ! dilatais-me
 A vida para ver de Hípias a morte !
 Querido filho , que eu criei , e tantos
 Desvélos me custaste , jámais ver-te
 Não posso. Mas verei tua mãe , que afflicta
 Me tornará da tua morte a culpa.
 Verei tua terna esposa magoando
 O peito , e arrancando os seus cabellos :
 E serei disso a causa. O' cara sombra !
 Chama-me ás margens da lagoa Estygia.
 Eu aborreço a luz. Mais ver não quero
 Que a ti ; e vivo só para que faça
 Este ultimo dever ás tuas cinzas.
 Conduzia-se em tanto o corpo de Hípias
 N'hum feretro de prata , de ouro , e purpura
 Ornado. A morte que extinguiu seus dias ,
 Não pôde destruir sua belleza :
 E em seu pálido rosto as brandas graças
 Inda estavaõ pintadas. Fluctuavaõ
 Pelo collo mais branco do que a neve ,
 E nos hombros pendentes , os compridos
 Cabellos negros , mais formosos q̃ (9) Atys
 Os teve , ou Ganymedes ; e que em frias
 Cin-

(9) Atys era hum moço Frygio muito amado de Cybele. Presidia aos sacrificios desta Deosa com a condiçãõ de guardar *castidade*. Mas tendo

Cizas se tornariaõ bem depressa.
 A profunda ferida se lhe via
 Por onde se esvaõ todo o seu sangue ,
 E que o fez de Plutaõ ao Reino escuro
 Deizer. Perto do corpo hia Telemaco
 Triste , e abarido , e lhe lançava flores.
 Quando chegou á pyra , entaõ o filho
 De Ulysses nos estotos , que cubriaõ
 O corpo , ver lavar naõ pôde as chammas
 Sem verter novas lagrimas. E disse :
 Adeos Hippias magnanimo. Naõ ouso
 Meu amigo chamar-te. Honrada sombra
 Que tanta gloria mereceste , applaca
 As iras contra mim. Se eu naõ te amasse ,
 Tua dita invejara. Estás já livre
 Da miseria em que nós inda jazemos.
 Do valor pela estrada gloriosa
 Della sahiste. Ah que feliz eu fora
 Se acabara assim mesmo ! Naõ embargue
 A Elytge o passo á rua sombra; e os campos
 Elyfios se lhe abraõ. O teu nome
 Conserve a fama nos remotos seculos ,
 E em paz descancem tuas frias cinzas.
 Apenas acabou estas palavras
 Interpoladas de suspiros tristes ,

Ar-

quebrado o voto , accendeo-se em colera contra si
 mesmo , e fez-se Eunuco. Cybele o converteo de-
 pois em hum pinheiro.

Arrancou todo o Exercito hum gemido.
 Todos se enterneciaõ de ver Hípias ,
 De quem acções gloriosas se contavaõ :
 E a dôr da sua morte as suas boas
 Qualidades lembrando , desfazia
 Os defeitos que nelle procederaõ
 De impetos juvenis , ou de perversa
 Educaçaõ. Mas eraõ commovidos
 Ainda mais c'os ternos sentimentos
 De Telemaco. He este (assim diziaõ)
 O soberbo , o altivo , o intractavel
 Moço Grego ? Sem duvida Minerva ,
 Que tanto amou seu pai , tambem o ama.
 Ella lhe fez os dons mais preciosos ,
Que os Deoses aos mortaes conceder podem
Dando lhe co' a prudencia huma alma grata
 Sensível á amizade. Já o corpo
 Estava pelas chammas consumido.
 Telemaco banhou com perfumados
 Licores suas cinzas fumegantes.
 Depois as recolheu em urna de ouro
 Coroada de flores , e a Falante
 A levou , que deitado , e de diversas
 Feridas traço passado via abertas
 Do Averno as negras portas. Já Traumáfilo
 E Nólófugo haviaõ da sua arte
 Empregado os soccorros em curallo ,
 Pelo filho de Ulysses enviados.

A alma que forcejava por fugir-lhe
Chamavaõ pouco a pouco. Alentos novos
Recobrava. Huma doce, e penetrante
Força, e hum certo balsamo de vida
De veia em veia até do peito o fundo
Penetrava. Hum calor ameno, e brando
Das mãos geladas da sombria morte
O arrancava. Porém findo o deliquio,
Lhe succedeo a magoa. Entrou a perda
A sentir do irmão, que não pudera
Até entrãõ sentir. Ah! (exclamava)
Porque de me salvar a triste vida
Tomaõ tantos cuidados! Não valia
Mais o morrer, e o meu querido Hípias
Seguir? Junto de mim o vi exangue.
Hípias, querido irmão! já não existes.
Mais não te posso ver, nem abraçar-te.
Já não posso contar-te as minhas magoas,
Nem consolar as tuas. Será sonho?
Ah! eu te vi morrer. Cumpre que eu viva
Para a reus Manes immolar o impio
Adrasto ainda tinto no teu sangue.
Os dois homens divinos procuravaõ
Mitigar sua magoa, receosos
Que dos remedios impedisse o effeito,
Quando vé de repente entrar Telemaco.
Duas paixões contrarias lhe investiraõ
O coração. A dôr da perda de Hípias

Re-

Renovava o antigo agastamento
 Do que entre elle , e Telemaco passára:
 Mas recordava que devia a vida
 A Telemaco , quando semivivo
 Das mãos de Adrasto o libertou ; mas quando
 Vio a dourada urna , aonde vinhaõ
 De seu irmão as preciosas cinzas ,
 Encerradas , conter não pôde o pranto.
 Abraçou a Telemaco ; fallar-lhe
 Não podendo ao principio. Finalmente
 Lhe disse com voz languida , e cortada
 Com soluços : De Ulysses digno filho ,
 Vossa virtude me violenta a amar-vos.
 O resto desta vida quasi extincta
 Vos devo. Porém dadiva mais grata
 Me fazeis. Triste preza dos abutres
 Sem vós de meu irmão seria o corpo.
 Sem vós infelizmente a sua sombra
 Infepulta erraria pelas praias
 Da Eftyge , repellida pelo horrendo
 (10) Caronte. Ah ! e convém q̃ tanto deva
 A quem aborreci ! Deoses supremos ,
 Vós o recompensai ; e de huma vida
 Taõ infeliz livrai-me. E vós Telemaco
Pref-

(10) Caronte filho de Erebo , e da Noite , Barqueiro do Inferno , que passa as almas na sua barca sobre a corrente da Eftyge , e dos mais rios do Inferno.

Preçai-me os mesmos ultimos officios,
Que a meu irmaõ prestastes; porque nada
A vossa gloria falte. A estas vozes
Pelo excesso da dôr ficou prostrado,
E amortecido. Sem ousar fallar-lhe
Lato delle Telemaco esperava
Que recobrasse alento. Em fim tornando
A si deste desmaio, toma a urna,
E banhando-a de lagrimas, exclama:
O cinzas preciosas! cedo as minhas
Se encerrarão cõ vosco. O sôbra de Hípias!
Ao Tartaro te sigo. Vingue a ambos
Telemaco. O seu mal de dia em dia
Se tornava menor pelos desvélos
Dos dois varões que de Esculapio tinhaõ
A sciencia. Telemaco do leito
Nã se apartava, para mais attentos
O fazer. Todo o Exercito admirava
Mais a bondade com que soccorria
Seu maior inimigo, que o esforço
Com que salvara as alliadas tropas.
Era no mesmo tempo infatigavel
Nos trabalhos da guerra. O pouco somno
Amiudados avisos lhe cortavaõ,
Ou dos quarteis a ronda, que fazia
Em horas differentes. Muitas vezes
Voltava á sua tenda, de pó negro,
E de suor coberto. Era a comida

Simples. Vivia qual soldado raso
 Para lhe dar exemplos de paciencia.
 Longe de enfraquecer-se n'humã vida
 Penosa, se tornava mais robusto.
 Começava a perder as tenras graças,
 E a flor brilhante da primeira idade.
 Tinha a côr do semblante mais adusta,
 E os mêmbrõs mais nervosos. (11) Mas a draç-
 De traz do monte de (12) Aulon retirado (to
 Soccorros esperava para ainda
 Atacar novamente os inimigos,
 Pois muito desfalcadas no combate
 Ficaraõ suas tropas: semelhante
 Ao leaõ esfaimado, que ás sombrias
 Brenhas pelos pastores repellido
 Torna, e no seu covil affia os dentes,
 E as garras, esperando favoravel
 Tempo de degollar todos os gados.

LI-

(11) Toda esta pintura do desvêto, que tinha Telemaco pelos Soldados, he hum retrato do Visconde de Turenna, que era chamado o Pai dos Soldados, e que chegou a distribuir-lhes o pão de sua mesa pelos não ver padecer fome.

(12) Aulon, hoje Caulo, he hum monte da Calabria ulterior junto do Cabo de Stilo.



L I V R O XVIII.

TEndo o filho de Ulysses procurado
 Dar ao Campo huma exacta disciplina,
 Arrojou-se a executar a idéa,
 Que havia concebido, e que occultara
 Aos Chefes alliados. Em nocturnos
 Sonhos havia tempos o agitava
 A imagem de seu Pai, que ante seus olhos
 Lhe apparecia, antes que a rissonha
 Aurora affugentasse as inconstantes
 Estrellas com as suas frouxas luzes,
 E abandonasse a terra o brando somno,
 Que acompanhaõ os sonhos volteadores.
 Ele ora imaginava ver a Ulysses
 N'huma Ilha feliz na fresca margem
 De hum rio sobre prados delectosos,
 Na, e cercado de formosas Ninfas,
 Que para se cubrir lhe arremessavaõ
 Finos vestidos; ora n'hum palacio
 De ouro, e marfim coberto as suas vozes
 Ouvia, aonde homens coioados
 De flores com assombro, e alegria
 O escutavaõ. A's vezes de improviso
 Lhe apparecia Ulysses em festivos

Bailes , onde a alegria se mostrava
Entre as delicias ; e huma voz , mais doce
Que a das canoras Musas , entoava
C' huma lyra mais branda que a de Apollo.
Telemaco acordando se affligia
Dos agradaveis sonhos ; e exclamava :
Ah meu Pai ! mais gostosos me seriaõ
Os sonhos mais horriveis. Taes imagens
De bemaventurança me persuadem
Que já descestes á feliz morada
Das almas virtuosas , que premeiaõ
Com eterno descanso os sacros Numes.
Figuraõ-se os Elysiõs a meus olhos.
Que dura pena he já não ter esperança !
Ah caro Pai ! não poderei mais ver-vos !
Não terei em meus braços quem me amava
Tanto , e a qué busco por taõ grãdes riscos !
Não ouvirei fallar aquella boca
Donde a sabedoria dimanava !
Não beijarei aquellas mãos queridas ,
Que tantos inimigos derrotaraõ ,
E que não puniraõ os insensatos
Amantes de Penelope , nem Itaca
Farãõ surgir da mísera ruina !
Nunes contrarios a meu Pai ! mandaíme
Estes sonhos funestos , para a esperança
Do peito me arrancardes , e com ella
A vida. Não , não posso na incerteza

Mais

Mais viver. Mas que digo ? He mais q̃ certo
Que não vive meu Pai. A sua sombra
Lrei buscar no seio dos Infernos.

(1) Thefeu desceu a elles , esse impio ,
Que ultrajar quiz as infernaes Deidades ;
E eu vou pela piedade conduzido.
Hercules a hi foi. Eu não sou Hercules :
Mas ferme-ha glorioso o imitallo.

(2) Orfêo contando as suas aventuras ,
Desse Deos , que se diz inexoravel ,
Moveo o ferreo peito. Obteve d'elle
Tornar á vida Eurydice. Mais digno
Sou que Orfê de piedade. A minha perda
He maior ; pois não póde comparar-se
Huma esposa em belleza igual a tantas
Ao sabio Ulysses , que de toda a Grecia
Tem sido assombro. Vamos. Se he forçoso
Morrer , morra-se embora ; pois mais vale
A morte , que huma vida tão penosa.
Plutaõ , e Proserpina , bem depressa
Eu saberei se sois tão inflexiveis ,

Co-

(1) Thefeu filho de Egêo , Rei de Athenas ,
desceu aos Infernos com Pirithoo para roubar a
Proserpina , e foi preso por ordem de Plutaõ ,
até que Hercules o libertou.

(2) Orfêo desceu aos Infernos para tirar d'elles
sua mulher Eurydice : o que obtivera , se para ella
não olhasse tão depressa contra o preceito de Pro-
serpina.

Como se diz. Ah caro Pai ! de balde
 Tantas terras , e mares por achar-vos
 Corri. Ora vou ver se vos encontro
 Dos mortos entre as lobregas moradas :
 Se me negaõ os Deoses possuir-vos
 Na terra à luz do Sol , talvez me deixem
 Ver no reino da Noite a vossa sombra.
 Proferia Telemaco estas vozes
 Regando o leito com amargas lagrimas.
 De repente se erguia , e procurava
 Com os olhos a luz , unico allivio
 Da pungente afflicçaõ , que lhe causavaõ
 Estes sonhos. Mas ella era huma frecha,
 Que lhe rasgara o peito , a qual comfigo
 Levava a qualquer parte. Desta magoa
 Possuido , empenheo descer ao Orco
 Por hum lugar famoso naõ distante
 Dos arraiaes. Chamavaõ-lhe(3) Acheroncia
 Pela horrivel caverna , que descida
 Dava para as ribeiras do Acheronte ;
 Rio por quem os Deoses jurar tremem.
 Sobre hum rochedo estava situada

A

(3) Acheroncia era huma Cidade da Apulia si-
 tuada sobre hum monte na costa de Italia. Junto
 deste monte está huma caverna aonde o rio Ache-
 ronte se despeha com tanta impetuosidade que
 os Poetas chamaraõ a este lugar a porta do In-
 feteo. Por aqui desceu Hercules , e tirou delle o
 Cerbero.

A Cidade , qual ninho sobre o cume
D'hum a arvore. A' raiz deste rochedo
A caverna se achava. Junto della
Os timidos mortaes não se arrojavaõ
A chegar. Os pastores os seus gados
Arredavaõ dalli. O vapor grosso ,
Que por esta garganta respirava
A Tartarea Lagoa, corrompia
O ar. Neste contorno não nasciaõ
Hervas , ou flores , nem os brandos Zefiros
Sopravaõ. Não se viaõ os recentes
Mimos da Primavera , nem do Outono
Os ricos dons. Languido succo dava
A secca terra a raros , e despídos
Arbustos , e cyprestes agourados :
Negava em torno ainda mesmo ao longe
Ceres aos lavradores as douradas
Searas. Baccho em vaõ lhes promettia
Seus saborosos frutos , pois os cachos
Sem amadurecer logo murchavaõ.
Não deixavaõ as agoas cristallinas
Correr as tristes Naiades. As veias
D'agoa eraõ sempre amargas , e enlodadas.
As aves não cantavaõ nesta terra
Eriçada de abrolhos , e de espinhos ,
Não achavaõ lugar onde abrigar-se.
Hiaõ cantar em ceo mais amoroso
As suas afeições. Só crocitavaõ

Os corvos, e gemião tristes bufos.
A herva era amargoã, e as mansas rezes,
Que a pascião, daquelle prazer ledo,
Que as faz saltar no campo, não gozavaõ.
Fugia a vacca do brioso touro;
E o pastor melancolico da frauta,
E do rabil se não lembrava. Em tanto
De momento em momento resfolgava
Esta caverna hum negro espesso fumo,
Que no meio do dia escura noite
Espalhava no Ceo. Os convisinhos
Povos entãõ fazião sacrificios
Para aplacar as infernaes Deidades,
Que muitas vezes se comprazem, vendo
Os homens na primeira flor da idade
Ser-lhes por meio de infeliz contagio
Immolados. Aqui tentou Telemaco
O caminho buscar da escura Estancia
Do Deos Plutaõ. Minerva, que por elle
Velava sem cessar, e com a Egide
O cubria, tornou-lhe favoravel
Este sombrio Deos. O mesmo Jove
A rogos de Minerva passou ordem
A Mercurio, que desce cada dia
Ao Orco para hum numero de mortos
Entregar a Caronte, que dissesse
Ao Rei das sombras, que deixasse o filho
De Ulysses ter entrada em seu Imperio.

Alta

Alta noite retrahê-se do Campo
Telemaco, e da Lua á claridade
Caminha. Elle invocou a poderosa
Deosa, que sendo o Astro luminoso
Da noite lá no Ceo, e sobre a terra
A pudica Diana, he nos Infernos
A furibunda Hecate. Ouvio a Deosa
Benigna os votos seus; porque era liza
Sua tenção, e lhe guiava os passos
Pia afeição, que hum filho a seu pai deve.
Apenas chegou junto da caverna,
Debaixo de seus pés ouvio bramir-lhe
A terra, e estremecer o vasto imperio
Subterraneo. De raios, e de fogos
Se armou o Ceo, que arremessar á terra
Parecia. De Ulysses sente o filho
Abalar-se-lhe o peito. O corpo todo
Cobre hũ suor gelado: mas o esforço (olhos
Lhe acode logo. Elle ergue as mãos, e os
Ao Ceo; e exclama: Aceito, ó grãdes Numes
Taes presagios, que tenho por felizes;
Coroai vossa obra. Disse: e os passos
Redobrando caminha resolutos.
Logo se dissipou o espesso fumo,
Que aos viventes a entrada da caverna
Fazia ser funesta; e recolheo-se
Por hum pouco o seu bafo pestilento.
Telemaco entra, e só. E qual seria

Outro

Outro mortal , que a tanto se arrojasse ?
 Dois Cretenses , que até certa distancia
 O seguirão , e a quem o seu intento
 Havia confiado , muito longe
 Temerosos , e exangues em hum Templo
 Ficarão , orações fazendo aos Numes ,
 Desconfiando de tornar a vê-lo.
 Mas o filho de Ulysses com a espada
 No punho se entranhava pelas trévas
 Horrendas. Hum claraõ sombrio , e deb
 Divisa entãõ , qual o da noite ; e observa
 Delgadas sombras , que em redor lhe voaõ.
 Açoita-as com a espada. Em fim a vista
 Do rio pantanoso as tristes margens ,
 Cujas agoas lodosas , e dormentes
 Naõ corréin , remoinhaõ. Vê ao longo
 Desta praia huma turba innumeravel
 De mortos inséputos , que debalde
 A Caronte inflexivel se apresentaõ ,
 Deos de eterna velhice , sempre triste ,
 E carregada , mas de esforço cheia.
 Elle os ameaça , empuxa ; e só admitte
 Na barca o moço Grego. Entrava apenas
 Telemaco , quando ouve de huma sombra
 Inconsolavel os gemidos tristes.
 Qual he vossa desgraça , lhe diz elle ?
 Que creis no mundo vós? Responde : Eu era
 Nabofarzan , o Rei da sumptuosa

Babilonia. Do Oriente as Nações todas
 O brado do meu nome espavoria.
 E fiz que os Babylonios me adorassem
 Em hum templo de marmore, onde estava
 Representado n'huma estatua de ouro.
 Acre o meu simulacro os mais preciosos
 Aromas de Ethiopia se queimavaõ
 Noite, e dia. Ninguem contradizer-me
 Oziou, sem ser punido. Cada dia
 Inventavaõ prazeres, para a vida
 Me ter mais deleitosa. Eu entaõ era
 Moço, e robusto. O' Ceos! quantas delicias
 Ainda sobre o throno me esperavaõ!
 Huma mulher, a quem prezava tanto,
 E que naõ me estimava, que eu naõ era
 Deos me mostrou. Envenenou-me; e nada
 Sou agora. Pozeraõ minhas cinzas
 Hontem com pompa em hũa urna de ouro:
 Prantearaõ-me: arrancaraõ os cabellos:
 Affectaraõ querer arremessar-se
 Para morrer, comigo ás lavaredas:
 Ainda vaõ gemer sobre o soberbo
 Mausoléu, onde estaõ as frias cinzas.
 Mas naõ faço laudade. Antes na minha
 Familia causa horror minha memoria;
 E soffro aqui hum tratamento horrível.
 Telemaco alterado com a vista
 Deste objecto, lhe diz: E creis ditoso
 Quan-

Quando o throno tivestes ? A suave
 Paz conheciéis , sem a qual o nosso
 Coração inda em meio das delicias
 Está murcho , e apertado. O Babylonio
 Responde : Não : Jámais conheci isso.
 Aos sábios essa paz gabar ouvia
 Qual sumo bem, sem nunca experimentalla
 Novos desejos , o temor ; a esperança
 Inquietavaõ sem cessar meu peito.
 Eu mesmo procurava arrebatarme
 C'os vaivens das paixões. Tinha cuidado
 Eu mesmo de entreter esta cegueira
 Para a fazer perpetua , pois amargo
 O menor intervallo me seria
 De tranquilla razaõ. Esta sómente
 Foi a paz que gozei , tendo por fabula ,
 E sonho qualquer outra. Em fim não estes
 Os bens que choro. Assim o Babylonio
 Fallava derramando amargo pranto ,
 Qual homem pusillanime , que nunca
 Foi costumado a supportar de g'raças ,
 E a quem amolleceraõ as venturas.
 Tinha junto de si alguns elcravos ,
 A quem mataraõ , para mais solemne
 Fazer seu funeral. Foraõ entregues
 C'o seu Rei a Caronte por Mercurio ,
 Que lhes deu hum poder illimitado
 Sobre este Rei , a quem servido haviaõ

Na

Na terra. Já as sombras dos escravos
 Não temião a sombra do Monarca.
 Elles a tinhaõ preza com cadeias,
 Fazendo-lhe crueis indignidades.
 Hum lhe dizia assim: Eramos homens,
 Como tu. Logo entãõ, ó insensato,
 Porque te crias Deos? Não te lembravas
 Que eras tambem da raça dos mais homens?
 Outro para insultallo lhe dizia:
 Tinhas razaõ por certo em não queres
 Ser tido por hum homem; pois só eras
 Hum inhumano monstro. Finalmente
 Outro acudia: Dize-nos aonde
 Estaõ ora esses teus adulaõdores?
 Nada já podes dar. Tambem não podes
 Fazer mal. Desgraçado! Vês-te escravo
 Dos teus mesmos escravos. A justiça
 Dos Numes lenta vem, mas em fim chega.
 A estas duras vozès contra a terra
 Nabofarzaõ arremessava o rosto,
 Arrançando os cabellos c'hum excesso
 De raiva, e de furor. Porém Caronte
 Aos escravos dizia: Levantai-o
 A seu pezar, puxando-lhe as peçadas
 Correntes. Nem terá sequer o allivio
 De esconder o seu pejo. As sombras todas
 Da Estyge o vejaõ para os sãcros Numes
 Justificarem que taõ longo tempo

Sof.

Soffreraõ que reinasse este tyranno.
 Isto he só hum ensaio, ó Babylonio,
 Dos teus tormentos. Para ser julgado
 Te prepara por Minos inflexivel
 Do Tartaro juiz. Assim fallava
 O terrivel Caronte, quando a barca
 Já poiava nas praias do Tartareo
 Imperio. Correm logo as foubbras todas
 A ver este homem vivo, que apparece
 Entre os mortos na barca. Mas apenas
 Salta em terra Telemaco, ellas fogem,
 Quaes as nocturnas sõbras, q̃ os mais deverão
 Raios do Sol dissipar. O semblante
 Desfrenugando hum pouco, e com os olhos
 Menos irosos do que o seu costume,
 Diz Caronte a Telemaco d'esta arte:
 Mortal ao Numes grato, pois da Noite
 Te he dado entrar no reino inacessivel
 Aos viventes, caminha para onde
 Os destinos te chamaõ. Essa umbrosa
 Via conduz ao funebre palacio
 De Plutaõ, que acharás sobre o seu throno.
 Elle licença te dará de entrares
 Em sitios, cujo arcano descobrir-te
 Me não he permittido. A grandes passos
 Telemaco caminha. Voltejavaõ
 De ambos os lados numerosas foubbras
 Mas do que os grãos de areia, q̃ dos mares

As

As praias cobrem. Vendo este bullicio
 De immensa multidão, foi assaltado
 De certo horror divino, reparando
 No profundo silencio destas vastas
 Paredas. Na cabeça os seus cabellos
 Se eriçãõ avistando o denegrido
 Palacio de Plutaõ inexoravel.
 Enaquejaõ-lhe os joelhos, e lhe falta
 A voz. Com grande custo estas palavras
 Profere em fim: Vós vedes, ó tremenda
 Deidade, o filho do infeliz Ulysses.
 Venho de vós saber se a vosso Imperio
 Deiceo meu Pai, ou se anda ainda errante
 Na terra. Em throno de ebano sentado.
 Estava o Deos, c'o rosto macilento,
 E iroso, os olhos torvos, e encovados,
 Rugada a frente, e o gesto ameaçante.
 Era-lhe taõ odioso ver hum homem
 Vivo, como he pezada a luz aos olhos
 Dos animaes, que sahem só de noite
 Dos seus covis. Mostrava-se a seu lado
 A dura Proserpina, unico objecto
 Que as vistas lhe attrahia, e q̃ o seu peito
 Algum tanto adogava. Tinha a Deosa
 Belleza renascente; mas nas suas
 Graças divinas apontava hum certo
 Não sei quã de feroz do seu esposo.
 Jazia aos pés do throno a macilenta

De-

Devoradora Morte , que affiava
 Sem descansar a foice luzidia.
 Em torno della andavaõ voltejando
 Negros cuidados , e crueis receios ;
 As vinganças vertendo quente sangue
 De feridas cobertas ; os injustos
 Rancores ; a avareza que a si mesma
 Se rõe ; a raiva que se despedaça
 Co'as suas proprias mãos ; a revoltosa
 Ambição ; as traições sanguinolentas ,
 Que dos males , que causaõ , se não lograõ ,
 A inveja que em redor o seu veneno
 mortal vomita , e que se torna em raiva
 Quando vê que não pode fazer damno ;
 A impiedade que cava huma voragem
 Sem fundo , sonde vai precipitar-se ;
 Os medonhos espectros ; os fantasmas
 Que representaõ mortos para os vivos
 Aterrar ; os máos sonhos , as vigílias
 Taõ despiçadas como os sonhos tristes.
 Estas imagens lobregas cercavaõ
 O sãnhudo Plutaõ , e seu palacio
 Enchiaõ. A Telemaco responde
 Com rouca voz que fez mugir o (4) Erebo :
 Mor-

(4) Erebo , Deos dos Infernos , e pai da Noite , gerado do Cãhos , e da escuridade. Muitas vezes o tomaõ os Poetas pelo mesmo Inferno , em cujo sentido he tomado neste lugar.

Mortal a quem os Fados concederaõ
Das sombras violar o sacro atylo ,
Segue tua alta estrella. Naõ te digo
Aonde está teu Pai : Seja-te livre
Semente o procurallo. Pois na terra
Foi Rei , busca d'hum lado o sitio horrendo
Do negro (5) Tartaro , onde saõ punidos
Os Reis perversos , e do outro os Campos
Elysiõs , onde saõ recompensados
Os bons Monarcas. Mas entrar naõ podes
Nos Elysiõs sem ter cruzado o Tartaro.
Vai ; e depressa deixa o meu Imperio.
Estaõ voar Telemaco parece
Por espaços immensos , e vazios.
Tanto já lhe tardava o encontrar-se
Com seu Pai , e afastar-se da presença
Horrivel do tyranno , que amedrenta
Os vivos , e os mortos ! Bem depressa
Divisa a si visinho o negro Tartaro.
Sabia delle hum fumo escuro espesso ,
Cujo empellido cheiro mataria ,
Se entre os viventes se espalhasse. O fumo
Cobria hum rio de inflammadas chammas.
O seu ruido em tudo semelhante
Ao das torrentes mais impetuosas
Quando se lançaõ de empinados ferros ,
 Tom. II. K Fa-

(5) O Tartaro he o lugar donde os maõs saõ tormentados no inferno.

Fazia que ninguem podesse ouvir-se
Nestes lugares tristes. Animado
Por Minerva Telemaco, entra affeito
Neste pégo. Ao principio alli divisa
Grande numero de homens, que viverão
Em baixas condições, e que punidos
Forão por terem com traição, e fraude,
E crueldade, cabedões juntado.
Muitos impios hypocritas avista,
Os quaes honrar os Numes affectando,
Tomaõ este pretexto para a sua
Ambição faciarem, embaindo
Homens credulos. Estes que abusarão
Da virtude, q he o dom maior dos Numes,
São castigados como os mais perversos
Dos humanos. Os filhos que matarão
Seus Pais, e suas mãis; as despiçadas
Esposas, que no sangue dos maridos
Mancharão suas mãos; os vís traidores
Que entregarão a patria quebrantando
Os juramentos, que prestado haviaõ,
Tinhaõ penas mais brandas q os hypocritas.
Assim do negro Averno o resolverão
Com este fundamento os tres Juizes.
Naõ ficam os hypocritas contentes
De ser máos como o resto dos malvados:
Querem parecer bons, e com a sua
Falsa virtude fazem que os mais homens
Naõ

Não creiaõ a virtude verdadeira.
De Deoses , a quem elles escarnecem,
Fazendo-os despreziveis para os homens ,
Dentaõ-se em vingar a sua affronta
Cem todo o seu poder. Vêm-se apõs estes
Outros homens , a quem o vulgo cego
Avalia innocentes , e os persegue
A vingança divina sem piedade.
Sõ estes os ingratos , mentirosos ,
Fitõgeiros , que os vicios adoçaraõ ;
De criticos malignos, que procuraõ
Mascular a mais sólida virtude ;
Em fim os temerarios , que das coisas
Julgãõ sem conhecer a intençaõ dellas ,
E que por isto a fama denegriraõ
De innocentes. Era castigada
Entre as ingratidões , como a mais feia ,
Aõ os homens praticaõ contra os Numes.
Dizia Minos : Tem-se por hum monstro
O que aggrava seus pais , e seus amigos ,
De quem favor recebe ; e entãõ por timbre
Sõ ingratos aos Deoses , a quem devem
A vida , e os bens que della lhes resultaõ !
Não se lhes deve mais o nascimento
Que aos nossos pais, e mãis ? Pois quanto me-
Sõ na terra culpados , e punidos , (nos
Tanto mais nos Infernos sãõ o objecto
De implacavel vingança. Os tres juizes

Hum homem condemnavaõ. Pergütou-
 Telemaco o seu crime. O condemnado
 Sem demora acudio : Naõ tenho crime :
 Jámais fiz mal algum. O meu deleite
 Foi sempre fazer bem. Fui grandioso ,
 Fui justo , liberal , compadecido.
 Que ha que me arguir ? Minos lhe torca
 Naõ te arguimos crime commettido
 Contra os homês. Mas tu menos aos Numes
 Do que aos homens devias ? Em que fundo
 Toda essa justiça , que blasfonas ?
 Os deveres cumpriste para os homens ,
 Que nada saõ. Tu foste virtuoso ;
 Mas á tua virtude refêrias
 Tudo, e a ti mesmo, e naõ aos altos Numes
 Pois da tua virtude ter querias
 O fruto , e resumir-te em ti sómente.
 Tu eras o teu Deos. Porém os Deoses
 Creando para si todas as coifas ,
 Renunciar naõ querem seus direitos.
 Esquecem-te , pois tu os esqueceste :
 E ati mesmo te entregaõ , pois teu propri-
 Ser quizeste , e naõ delles. Vê agora
 Se no teu coraçãõ achas allivio.
 Tu quizeste agradar sómente aos homens.
 Eis-te apartado delles para sempre :
 Eis-te comtigo só , que eras teu idolo.
 Sabe com tudo que naõ ha virtude

Verdadeira , onde falta o amor , e o justo
Reclamo aos Deoses. A virtude falsa
Cu q̃ impozeste muito tempo aos homẽs ,
Fazis de se enganar , vai confundir-se.
Os homens , que só julgaõ das virtudes ,
E vicios por aquillo que os desgosta ,
Oz lhes agrada mais , sempre andaõ cegos
Alim no bem , como no mal. Desmancha
Aqui divina luz os seus juizos
Apparentes. Condemna muitas vezes
O que a elles admira , e justifica
O que censuraõ. Ouve estas palavras
O Filosofo , como se algum raio
O atterrasse. A si proprio naõ podia
Supportar-se. Esta mesma complacencia ;
Que havia tido em contemplar a sua-
Moderaçãõ , valor , e generosas
Lecliuções , se transmutou em raiva.
Olha o seu coraçãõ , como inimigo
Dos Deoses , e acha nisso o seu supplicio.
Vê-se , e naõ cessa de se ver. Conhece
Que eraõ vãos os juizos desses homens ,
A quem quiz contentar nas ações todas.
Sente dentro de si igual revolta ,
Como se pelejassem as entranhias.
Ja naõ se acha o mesmo ; já lhe falta
Do coraçãõ o arrimo. A consciencia ,
Cuja presença tanto o socegava ,

Já se ergue contra elle , e amargamente
Lhe exprobra o erro , e illusão das suas
Virtudes , que por fim , e fundamento
Da divindade o culto não tiverão.
Vê-se inquieto , consternado , e cheio
De vergonha , de raiva , e de remorsos.
Não o perseguem as cruentas Furias ,
Pois lhe basta a si mesmo estar entregue.
Vinga o seu proprio coração os Numes
Ultrajados. Procura os mais sombrios
Lugares , esconder-se aos outros mortos
Querendo , pois de si fugir não póde.
As trévas busca ; não as acha ; e o segue
Hum importuna luz por toda a parte.
Os penetrantes raios da verdade ,
Que em vida não seguio , sabem vingalla.
Tudo quanto elle amou , lhe he odiolo,
Como origem de males sem limite.
Diz consigo: Insensato ! eu enganei-me
Com os Deoses , c'os homens , e comigo.
Nada em fim conheci ; pois o bem summo
E verdadeiro não amei. Meus passios
Forão errados. Era só loucura
Toda a minha prudencia , e só orgulho
Toda a minha virtude. De mim mesmo
Era o idolo em fim. Depois Telemaco
Vio os Reis condemnados pelo abuso
Do seu poder. De hum lado lhes presenta

A vingadora Furia ante seus olhos
Hum espelho , onde viaõ de seus vicios
Toda a deformidade. Naõ podiaõ
Deixar de ver alli sua vaidade
Grosseira , e de ridiculos louvores
Cubiçosa , a esquivança para os homens ,
A quem fazer deviaõ venturosos ,
A tria indiferença que tiveraõ
A virtude , o temor de ouvir as vozes
Da verdade , a afeiçaõ a homens fracos
E inõngeiros , a desconfiança
Intempestiva , o fausto , a incuria , inercia ,
A affectada grandeza na ruina
Dos povos só fundada , a falsa gloria
Comprada com o sangue dos vassallos ,
Em fim a crueldade com que inventaõ
Novas delicias cada dia em meio
Das lagrimas de tantos infelizes.
Elles sem descansar estaõ olhando
Para este espelho. Achaõ-se alli mais feios,
Mais monstruosos que a feroz (6) Chimera
Que na Lycia venceo (7) Belerofonte ,

Ou

(6) Chimera , he hum monte da Lycia , cujo ca-
 beço lança de si lavaredas , e he habitado de leões.
 Na encosta delle pastaõ as cabras , e na falda se
 vãm muitas serpentes. Daqui nasceo a fabula de
 que he hum monstro com cabeça de leão , cor-
 po de cabra , e cauda de dragaõ.

(7) Belerofonte filho de Glauco , Rei de Co-

Ou que a Lernéa Hydra subjugada
 Por Hercules Tyrinthio , ou que o Cerber
 Pelas hiantes fauces vomitando
 Negro empestado sangue , que bem pôde
 Inficionar a raça dos viventes.
 D'outro lado repete com insulto
 Outra Furia os louvores , que lhe deraõ
 Em vida os lisongeiros ; e outro espelho
 Lhes mostra , aonde taes elles se viaõ ,
 Quaes os pintara a sórdida lisonja.
 A opposição destas pinturas ambas
 Era o supplicio da vaidade sua.
 Notava-se porém que os mais perversos
 Eraõ aquelles , a quem dado haviaõ
 Em vida os mais conspicuos elogios ;
 Pois saõ sempre os perversos mais temidos
 Do que os bons , e requerem sem vergonha
 De comprados Poetas , e Oradores
 Baixas lisonjas. Ouvem-se bramindo
 Nestas profundas trevas , onde insultos ,
 E escarneos vem sômente em redor d'elles.
 Tudo

rinthio , foi accusado por Estenobéa de ter que-
 rido forcalla , posto que fosse ella quem o soli-
 citara para o adulterio. Crendo seu marido Preto
 Rei de Argos facilmente esta accusação , en-
 via Bejerofonte a Jobata Rei da Lycia para ex-
 pollo á morte. Este Rei o fez combater contra a
 Chimera , a qual elle venceo montado no Cavallo
 Pegaso.

Tudo os repelle , contradiz , confunde ;
 Quando da vida dos mortaes na terra
 Levavaõ , pertendendo serem feitos
 Para os servir. No Tartaro aos caprichos
 São entregues de escravos , que lhes fazem
 Sentir a escravidão mais rigorosa.
 Elles servem magoados , nem lhes resta
 Esperança de jámais seu cativoiro
 Adoçarem. Debaixo andaõ do açoite
 Destes mesmos escravos , que implacaveis
 Tyrannos são agora qual bigorna
 Debaixo do martello dos Cyclopes ,
 A quem Vulcano a trabalhar apressa
 Do Etna nas fornalhas fumegantes.
 Telemaco alli vio semblantes feios ,
 Tristonhos , macilentos. Huma negra
 Tristeza rõe aquelles criminosos.
 Tem horror de si mesmos , e não podem
 Livrar-se deste horror , como se fosse
 A sua natureza , nem precisaõ
 De castigo maior que as suas culpas.
 Elles as vêm em toda a enormidade ;
 E ellas lhes apparecem como espectros
 Horríveis , que os acoõtaõ. Por livrar-se
 Huma morte procuraõ mais poderosa ,
 Que aquella que do corpo a alma separa.
 No furor em que estaõ , a seu soccorro
 Por huma morte chamaõ , que lhes possa

O sentimento suffocar. Imploraõ
Aos abyfmos profundos , que os fobvertaõ
Para escorder-te aos raios vingadores
Da verdade. Com tudo reservados
Eftaõ para a vingança , que destilla
Sobre elles gota a gota , e nunca fecca.
Efta mefma verdade , que ver temem ,
O feu fupplicio faz ; pois para vê-la
Só olhos tem. Traspaffa-os eíta vifta :
Despedaça-os , arranca-os a fi proprios.
He como o raio , que deixando illefo
O exterior , penetra até o fundo
Das entranhas. Bem como em forja ardente
O metal , affim a alma neste fogo
Devorador fe funde. Naõ lhe deixa
Alguma confiftençia. Até dá vida
Os primeiros principios fe diffolvem ,
E naõ podem morrer. Achar naõ podem
Arrancados de fi algum arrimo ,
Ou defcanço hum instante. Elles fõ vivem
Pela raiva , que tem contra fi mefmos ,
E pela perda das efpereanças todas ,
Que os faz defatinados. Entre os iriftes
Objectos , que faziaõ a Telemaco
Eriçar os cabellos ; vio antigos
Reis da Lydia punidos , porque haviaõ
Preferido os regalos ao trabalho
Dos Reis infeeparavel , para os povos

Felicitarem. Estes Reis seus erros
Impunhaõ huns aos outros. A seu filho
Dizia hum : Que vezes na velhice,
E junto á morte vos lembrei que os males
Que commetti por erro , reparasseis ?
Ah desgraçado Pai ! (dizia o filho)
Vos me perdestes. Foi o vosso exemplo
Que me inspirou o orgulho , o vaõ deleite,
O íauso , a crueldade com os homens.
Como vos vi reinar com tanta inercia ,
De vis adultores rodeado ,
Costumei-me aos prazeres , e á lisonja.
Imaginei que todos os mais homens
A respeito dos Reis eraõ o mesmo
(8) Que os cavallos , e as outras alimarias
A respeito dos homens , e que delles
Sõ se devia fazer caso , em quanto
Servem , e trazem commodo. Entendia
Assim ; pois entendello me fizestes.
Ora por imitar-vos tantos males
Padeço. A raes convicios ajuntavaõ
As maldições mais feias. Pareciaõ
Aanimados de raiva abrazadora ,
Para despedaçar-se mutuamente.

Ao

(8) Desta expressaõ se servio o Cardeal Mazarino para inspirar ao Rei , que naõ poupasse os Francezes. Elle os comparava ás bestas de carga , que caminhaõ mais quando estaõ mais carregadas.

Ao redor destes Reis , quaes os nocturnos
 Mochos , revoaõ as crueis suspeitas ,
 Os vãos pavores , as desconfianças
 Que do furor dos Reis vingaõ os povos ,
 A infaciavel fome das riquezas ,
 A vangloria tyranna , a torpe inercia
 Que dobra sempre os males que se soffrem,
 E dar naõ póde sólidos prazeres.
 Vião-se muitos destes Reis punidos
 Cruelmente , naõ tanto pelos males
 Cauçados , mas por terem desprezado
 O fazer bem. Do povo os crimes todos ,
 Que vem da negligencia de guardarem
 As leis , saõ imputados aos Monarcas ,
 Que só devem reinar , para que reinem
 As leis. Tambem lhes saõ attribuidas
 As defordens , que vem do fausto , e luxo.
 E dos outros excessos , que em violento
 Estado poem os homens , e no p'riego
 De quebrantar as leis para adquirirem
 Cabedal. Mais que todos com crueldade
 Alli eraõ tratados os Monarcas ,
 Que em vez de serem bons , e vigilantes
 Pastores do seu povo , só cuidavaõ
 De assolar o rebanho , como lobos
 Devoradores. Porém mais que tudo
 Se consternou Telemaco observando
 Neste abyssmo de trévas , e desgraças

Mui-

Muitos Reis, que na terra foraõ tidos
Por bons, e haviaõ sido condemnados
Do horrendo Tartaro aos crueis supplicios
Por se deixarem governar de homens
Maos, e ardilosos. Elles padeciaõ
Peios males obrados no seu nome.
A maior parte naõ haviaõ sido
Nem maõs, nem bons. Tal foi a sua inercia.
Naõ verem a verdade naõ temeraõ,
Naõ tiveraõ o gosto da virtude,
Nem de fazerem bem o prazer brando.





L I V R O X I X .

Telemaco sahindo destes sitios
 Sombrios , se sentio desalombado ,
 Como se huma montanha lhe arrancassem
 Do peito. Percebeo por este allivio
 A desgraça daquelles , que alli prezos
 Estaõ sem esperanças de sahirem.
 Espantado de ver quanto alli eraõ
 Mais cruelmente os Reis atormentados
 Do que os outros culpados ; Ah , dizia ,
 Tantos encargos , tantos precipicios ,
 Tantas ciladas , tantos embaraços
 Em conhecer das coisas a verdade ,
 Para nos defendermos contra os outros
 E contra nós ; e em fim tantos tormentos
 Horriveis nos infernos , tendo sido
 Taõ agitados n'huma vida curta !
 He insensato quem reinar pertende.
 Feliz aquelle que se cinge á vida
 Pacifica , e privada , em que a virtude
 Se faz menos difficil. Reflectindo
 D'esta arte , dentro em si se contristava.
 Tremeo : cahio n'huma afflicção q' hã pouco
 Lhe fez sentir daquelles infelizes ,
Que

Que acabava de ver, a dôr acerba.
A' proporçãõ porêm que se affastava
Desta medonha habitaçãõ das trévas,
Da raiva, e do terror, o iêu esforço
Lêe renascia. Respirava; e ao longe
Lê via a amena, e pura luz, que illustra
Dos herôes a morada. Aqui habitãõ
Os bons Reis, que na terra governarãõ.
Nãõ estãõ misturados com o resto
Dos justos. Assim como os Reis perversos
Fadeciãõ no Tartaro supplicios
Muito mais *rigorosos*, que os culpados,
De condiçãõ privada; tambem gozãõ
Os bons Reis nos Elysius huma gloria
Muito maior que o resto dos que amaraõ
A virtude na terra. Entãõ Telemaco
Caminha a estes Reis, os quaes estavaõ
Em bosques odoriferos sentados
Em leivas renascentes, e viçosas.
Mil delgados regatos d'agoa pura
Regavaõ estes sitios apraziveis,
E faziaõ sentir huma frescura
Deliciosa. Hum numero infinito
D'aves canoras refoar faziaõ
Com seu canto suave estas lamedas.
A cada passo as flores rebentavaõ
Da Primavera; e as arvores c'os gratos
Frutos curvavaõ do fecundo Outono.

Nun-

Nunca alli os calores se sentiraõ
 Da (1) Canicula ardente , nem os negros
 Soberbos Aquilões mostrar oufaraõ
 Os rigores do Inverno. Nem a guerra
 Sequiosa de fangue , nem a inveja
 Cruel , que com os dentes venenosos
 Morde , e enroscadas sobre o torpe feio ,
 E ao redor de seus braços traz as ièrpes.
 Nem os ciumes , as desconfianças ,
 Sustos , ou vãos desejos jámais chegaõ
 A esta habitaçaõ da paz serena.
 Alli o dia naõ acaba , e a noite
 Envolta em pardo véo naõ se conhece.
 Rodeia os corpos destes homens justos
 Pura serena luz , que de seus raios
 Os traja : luz que em nada he semelhante
 A esta luz sombria , que illumina
 Dos miseros mortaes os débeis olhos ,
 E que trevas só he. Mais huma gloria
 Celeste he do que luz. Ella penetra
 Mais subtilmente os corpos mais espessos ,
 Do que os raios do Sol o crystal puro.
 Naõ deslumbra jámais , antes conforta
 Os olhos , e naõ sei que segurança
 Ao fundo d'alma traz. Della se nutrem
 Os felizes mortaes ; e sahe , e volta.

Pe-

(1) Canicula he hum Signo celeste , que nasce a 6 de Julho , e faz hum giro de seis semanas.

Mostra-os , incorpora-se com elles ,
Como em nós o alimento se incorpora.
Eles a vêm , a sentem , a respiraõ;
Ella lhes faz nascer huma perenne
Fonte de paz , e de prazeres ledos.
Como os peixes no mar , em hum abyssmo
De delicias se engolfaõ. *Naõ desejaõ*
Coizã alguma. Tem tudo , nada tendo.
Acueta o sabor desta luz pura
A fome de seu peito. Os seus desejos
Estã fartos : a sua claridade
Os sobe acima do que os homens loucos ;
E famintos procuraõ sobre a terra.
Nada sab os prazeres exteriores :
Da sua gloria o cumulo procede
Do interior , e naõ lhes deixa acôrdo
Para o que vem de fóra. Saõ quaes Numes ,
Que de ambrosia , e nectar faciados
Deidenhariaõ nas mais lautas mesas
Dos homens as grosseiras iguarias.
Todos os males para longe fogem
Daite lugar tranquillo. A dôr , a morte ;
A pobreza , a doença , os crueis remorsos ,
Os pezares , os sustos , as esperanças
Tã custosas ás vezes como os sustos ,
As dissensões , o dissabor , e enfado
Jamais entraõ alli. Os altos montes
Da Thracia , cujos cumes enfeitados

De neve , e gelo deíde a antiga origem
Do Mundo as nuvê's fendem , mais depressa
Se arrafariaõ junto das raizes
Entranhadas na terra , que abalar-se
Os corações podessem destes justos.
Sómente se enternecem das desgraças ,
Que opprimem os mortaes em quanto vive
Mas he huma piedade branda , e meiga ,
Que em nada lhes altera a immutavel
Felicidade. Pintaõ-se em seus rostos
Perenne mocidade , eterna dita ,
E gloria divinal. Mas a alegria
Nada tem de faceta , ou de indecente :
He antes branda , senhoril , e nobre:
He hum gosto sublime da verdade ,
E da virtude que os enleva. Existem
Sem cessar n'hum transporte similhante
Ao da mãi , que a ver torna o caro filho ,
Que reputava morto. Mas escapa
Este prazer , e aquelle nunca foge.
Naõ desmaia hum instante; he sempre nova
Elles da embriaguez tem os transportes ;
Porém naõ os desmanchos , e a cegueira.
Contemplaõ juntos o que vêm , e gozaõ.
Elles calcaõ aos pés molles delicias ,
E vãs grandezas. Com prazer recordaõ
Aquelles tristes porém curtos annos ,
Nos quaes para ler bons contra si mesmos ,

E contra a cheia de homens corrompidos
Combaterão. Admirão os soccorros
Des Numes, que por entre immensos riscos
Ao templo da virtude os conduzirão.
Hum certo não sei quê mais do q̃ humano
No coração lhes gira, qual torrente
Da mesma Divindade que com elles
Se compenetra. Vêm que são felizes,
E sabem que o serão perpetuamente.
Cantão dos altos Numes os louvores,
E juntos huma voz, hum pensamento,
Hum coração só formão. Nestas almas
Unidas entre si a mesma dita
Faz hum fluxo, e refluxo. Mais ligeiros
Nhum extasi divino alli se passão
Os seculos, que as horas entre os vivos.
E porém mil, e mil volvidos seculos
Da sua gloria sempre nova, e inteira
Nada desfalecão. Reinaão todos juntos
Não sobre thronos que os mortaes derribaão,
Mas em si mesmos com poder supremo.
Não precisaão fazerem-se temidos
Mandigando o poder de hum povo fraco,
E vil. Elles não cingem vãos diademas,
Cujo esplendor esconde tantos fustos,
E cuidados cruéis. Os mesmos Deoses
Os corcões de louro immarcescivel.
Telemaco buscando nestes bellos

Lugares a seu Pai , taõ transportado
Deita gloria ficou , que desejava
Que já alli se achasse , e se affligia
Do triste extremo de tornar ainda
A' sociedade dos mortacs. Comfigo
Dizia : Aqui se encontra a verdadeira
Vida , pois he a nossa pura morte.
O que mais a Telemaco affombrava ,
Era o ter visto tantos Reis punidos
No Tartaro , e taõ poucos premiados
Nos Elyfios. Pensou entaõ que poucos
Saõ os Reis taõ constantes , e animosos ,
Que ao seu poder resistã , e rejeitem
A lisonja de tantos que os arrastã
Para as suas paixões. Por isso raros
Saõ os bons Reis , e tantos os perversos ;
Que os justos Deoses naõ feriaõ justos ,
Se soffrendo que vivos abuzassem
Do seu poder , naõ os punissem mortos.
Telemaco naõ vendo nesta turba
De Reis seu Pai Ulysses , com os olhos
Buscava ao menos seu avô Laerte.
Mas em quanto o buscava inutilmente ,
Hum velho venerando , e magestofo
Se dirigio a elle. Na velhice
Naõ era semelhante áquelles homens ,
Que dos annos o pezo sobre a terra
Opprime. Só se via que elle fora

Velho antes da morte. Misturava
Co' a gravidade da velhice as graças
Da mocidade. Pois até renascem
Estas graças nos velhos mais caducos
No momento em que entraõ nos Elyfios.
Com pressurofos passos caminhando ,
A Telemaco olhava com agrado ,
Como a pessoa que lhe era grata ;
Telemaco porém o olhava abforto ,
Como a pessoa estranha. Elle lhe disse :
Não conhecer-me te desculpo , ó filho
Querido. (2) Acrifio sou , pai de Laerte.
Eu os meus dias acabei , primeiro
Do que Ulyfles meu neto para o sitio
Fosse de Troia. Eras entãõ menino
Nos braços da tua ama ; porém logo
Eu concebi de ti esperanças grandes.
Não foraõ enganofas ; pois te vejo
Descido de Plutaõ ao reino escuro
Para buscar teu Pai ; e vejo os Numes
Nesta empreza acodir-te. O' feliz filho !
Amen-te os Deofes immortaes , e gloria
Similhante á de Ulyfles te preparem.
E feliz até eu , que torno a ver-te.
Cessa já de buscar nestes lugares
Teu Pai Ulyfles. Elle he vivo ainda ,

E

(2) Acrifio era filho de Jupiter. Por isso o Au-
 thor chama a seu filho o divino Laerte.

E reservado está pelo destino
 Para exaltar a nossa casa em Itaca.
 Até Laerte , bem que attenuado
 Com o pezo dos annos , inda goza
 Da aura vital , e espera que seu filho
 Seus olhos fechar venha. Assim acabaõ
 Os homens , como as flores que se abrem
 Na manhã fresca , e á tarde estaõ já murchas,
 E pizadas aos pés. Assim escoãõ
 As gerações dos homens , como as ondas
 De hum rio caudaloso. Ninguem póde
 Parar o tempo , que apõs si arrasta
 O que immovel parece. Tu , meu filho ,
 Que ora logras taõ fresca mocidade
 Taõ cheia de prazeres , te recorda
 De que essa bella idade segue o exemplo
 Da flor , que logo murcha , apenas abre.
 Tu te acharás , sem o sentir , trocado.
 Essas graças risonhas , effes brandos
 Prazeres que te cercaõ , a saude ,
 A força , e alegria como hum sonho
 Se desfarãõ. Só restará de tudo
 A triste saudade. Finalmente
 A languida velhice dos prazeres
 Inimiga virá rugar-te o rosto , (broso ,
 Curvar-te o corpo , enfraquecer-te os mem-
 Da alegria a nascente no teu peito
 Estancar , desgostar-te do presente ,

Cau-

Causar-te horror sobre o futuro , e a tudo
Insensível tonar-te , excepto ás penas.
Arredado este tempo te parece.
Enganas-te , meu filho , elle se apressa ,
E chega. O que tão rápido caminha
Não está longe : antes o presente
Que foge , he que está longe. No momento
Em que fallamos se aniquilla , e nunca
Outra vez torna. C'o presente , ó filho ,
Nunca contes , e no alpero , e fragoso
Caminho da virtude te sustenta
Co' a vista no futuro. Na pousada
Feliz da paz busca hum lugar por meio
De innocentes costumes , e do affecto
A' justiça. Verás em fim bem cedo
Ulysses recobrar a authoridade
Em Itaca. Nasceste para o Reino
Possuir depois d'elle. Mas , meu filho ;
E quanto he enganosa a regalia !
Vê-se nella de longe só grandeza ,
Explendor , e delicias ; mas de perto
Tudo he cheio de espinhos. Sem desdouro
Póde hum particular passar a vida
Ociosa , e escura : mas hum Rei não póde
Sem desabono preferir á vida
Branda , e pacífica as pensões peniveis
Do governo , pois deve-se elle todo
Aos homens , que governa. Não lhe he dado
Ser

Ser seu. Saõ de infinita consequencia
 Seus menores defeitos , porque causãõ
 A desgraça dos povos , a qual dura
 Por seculos ás vezes. Dos perversos
 Refrear deve a audacia , e á innocencia
 Acudir , dissipando as imposturas.
 Naõ fazer mal naõ basta ; mas importa
 Fazer o bem possivel , de que o Estado
 Necessita. Nem basta que elle faça
 O bem : cumpre tambem vedar os males ,
 Que fariaõ os outros , se naõ fossem
 Atalhados. Receia pois , meu filho ,
 Taõ arriscada condiçaõ : dispoem-te
 Contra ti mesmo , contra as paixõs tuas ,
 E contra os lisongeiros. Proferindo
 Estas vozes Acriho , parecia
 Animado de espirito divino ,
 E mostrava a Telemaco hum semblante
 Compadecido dos acerbos males
 Da Real dignidade inseparaveis.
 Quando por proprio commodo se toma
 He huma tyrannia monstruosa ;
 E quando para encher os seus deveres ,
 E conduzir hum povo innumeravel ,
 Assim conto hum bom pai cõduz seus filhos,
 He huma triste servidaõ , que pede
 De hum herõo o valor , e a paciencia.
 Com tudo os que reinaraõ com sincera

Vir-

Virtude, aqui possuem quanto podem
Os Deoses dar para os fazer felizes.
Em quanto assim fallava, estas palavras
Se entranhavaõ no peito de Telemaco :
Eiculpiaõ-se a hi, como as figuras,
Que o insigne abridor entalha em bronze
Com o destro buril para aos vindouros
As transmittir. Qual d'huma subtil chamma
Se sentia abrazado. Parecia
Naõ sei quê de divino derreter-lhe
O coração no peito. O que elle tinha
Na mais intima parte de si mesmo
O gastava em segredo. Nem conter-se,
Nem sopportar, nem resistir podia
A raõ forte impressaõ. Era hum activo,
E terno sentimento, misturado
C'hum tormento capaz de dar-lhe a morte.
Depois começa a respirar mais livre.
De Acrisio no semblante reconhece
Bastante similhaça com Laerte.
Até julga lembrar-se de ter visto
Em Ulysses seu Pai, quando partira
Para Troia, esta mesma similhaça.
Esta lembrança enterneceo seu peito,
E lhe arrancou dos olhos ternas lagrimas,
Misturadas de gofio. Muitas vezes
Tentou, porê m debalde, huma pessoa
Taõ prezada abraçar. A nua sômbra

Fugia a seus amplexos , como hum sonho
Enganador se esquivava a quem dormindo
Imagina lograllo. Ora procura
Co' a sequiosa boca a fugitiva
Corrente. Ora se agitaõ os seus beiços
Para formar palavras , sem que possa
A lingua entorpecida proferillas.
Estende ao ar as mãos , e nada abarca.
Tal não póde Telemaco a ternura
Saciar. Vê Acrisio , ouve-lhe as vozes ,
Falla-lhe , e não lhe toca. Em fim pergunta
Que homens são os que vê em redor d'elle?
A isto lhe responde o sabio Velho :
De seus seculos foraõ o ornamento ,
As delicias , e a gloria do seu povo.
Nestes côs se resumem os Monarcas
Dignos de o ser , e que a funçaõ dos Deoses
Fielmente cumpriraõ sobre a terra.
Os outros , que tu vês não longe delles
A quem separa huma pequena nuvem ,
Tem muito menor gloria. Inda que foraõ
Herócs , do seu valor nas militares
Facções , a recompensa comparat-se
Não póde á dos Reis justos , e benéficos.
A Thefeu vês entre elles c'o semblante
Melancolico , ainda resentido
De crer n'huma mulher enganadora.
Ainda se entristece da injustiça

De

De pedir a Neptuno a cruel morte
 (3) De Hippolyto seu filho. Venturoso
 Se não fora tão facil de irritar-se.
 Lá vê tambem (4) Achilles encostado
 Sobre a lança por causa da ferida,
 Que recebeo da mão do frouxo Paris
 No calcanhar, e lhe causou a morte,
 Se fora sabio, justo, e reportado,
 Como foi destemido, lhe dariaõ
 Largo reinado os Numes. Mas quizeraõ
 Apiedar-se dos (5) Ftiotas, e Dolopes,
 Aos quaes, morto Pelêo, governaria.
 Entregar não quizeraõ tantos povos
 A' discreção de hum homem tão fogoso,
 Mais facil de irritar-se, do que as ondas
 Do mar tempestuoso. De seus dias
 O debil fio as Parcas encurtaraõ;
 E foi qual flor, que apenas abre, a corta.
 O arado, e cahe antes que finde o dia
 Que a vio nascer. Os Deoses se serviraõ
 Delle, como das cheias, e tormentas,
 Para

(3) Hippolyto filho de Theseu, e Hippolyta foi accusado por Fedra, sua madrastra, de ter querido atentar a sua honra.

(4) Achilles foi mergulhado tres vezes por sua mãe na lagoa Estygia, que o fez invulneravel; excepto no calcanhar por onde o sostinha.

(5) Os Ftiotas, e Dolopes eraõ povos de Thessalia, cujo Rei era Pelêo.

Para punir os crimes dos humanos.
 Fizeraõ que aluiffe os altos muros
 De Troia por vingar de (6) Laomedonte
 O perjuro, e de Páris os injustos
 Amores. Mas depois que do instrumento
 De suas justas iras se ferviraõ,
 Se aplacaraõ, as lagrimas de Thetis
 Negando que mais tempo sobre a terra
 Viveffe o moço heroe, que só servia
 Para inquietar os homens, e as Cidades,
 E Reinos destruir. Naõ vês o outro
 De iracundo semblante? Aquelle he Ajax
 Filho de Telamon, de Achilles primo.
 Naõ ignoras qual foi a sua gloria
 Nos combates. Depois de morto Achilles
 Pertendeo suas armas. Mas oppoz-se
 Ao seu intento Ulysses, e julgaraõ
 A favor deste os Gregos. Entaõ Ajax
 Desesperado se matou. No rosto
 A indignaçã, e raiva lhe reluzem.
 Naõ te chegues a elle. Julgaria
 Que o vinhas insultar no seu desfatre,
 E elle he digno de lastima. Naõ notas
 Como nos olha resentido, e que entra
 Arrebatado nesse umbroso bolque,

Por

(6) Laomedonte filho, e successor de Illo, fundou os muros de Troia ajudado de Apollo, e Neptuno.

Por lhe ser odiosa a nossa vista?
 Vês deste lado Heitor, o qual seria
 Invencivel, se ao mesmo tempo o filho
 De Thetis naõ viesse á luz do Mundo.
 Lá passa Agamemnon, que inda consigo
 Traz as dividas da perfidia horrivel
 De Clytemnestra. Ah filho meu! eu tremo
 Meditando as desgraças da familia
 De Tantaló. As discordias de (7) Thyestes
 E Atreu encheraõ de terror, e sangue
 Esta casa infeliz. Ah quantos crimes
 Traz hum crime consigo! Para a patria
 Agamemnon voltando do Troiano
 Cerco na frente dos mais Reis da Grecia,
 Gozar naõ pôde em paz aquella gloria
 Que alcançou. Tal costuma ser a forte
 Dos Reis conquistadores. Quantos mortos
 Aqui vês, foraõ grandes nas batalhas;
 Porém naõ foraõ justos, nem amaveis.
 Por isso occupaõ nos Elysió Campos
 O segundo lugar. Vê entaõ estes,
 Que amaraõ os seus povos, e os regeraõ
 Com justiça. Elles saõ dos grandes Numes

Os

(7) Atreu, e Thyestes, filhos de Pelope, e Hippodamia. Tinhaõ implacavel odio hum ao outro. Atreu deu a comer a Thyestes seus proprios filhos. E Thyestes valeo-se para a vingança de Egipto, seu filho natural.

Os mimosos. Em quanto ainda cheios
Agamemnon , e Achilles dos duélos,
E combates conſervaõ suas magoas ,
E seus defeitos naturaes ; em quanto
Debalde choraõ a passada vida ,
E se affligem de ser sombras inermes ,
E vãs , eites Reis justos sustentadoõ
De huma divina luz , que os purifica ,
Nada lhes resta para ser felizes.
Olhaõ compadecidos os trabalhos
Dos humanos , e hum jogo de crianças
Reputaõ os negocios mais fizudos ,
Que alteraõ os morraes ambiciosos.
Seus corações faciaõ a verdade ,
E virtude , que em suas puras fontes
Vaõ exhaurir. Já nem de si , nem de outrem
Tem que soffrer. As precisões , os sustos ,
Os desejos , para elles acabaraõ :
Só não póde ter fim a sua gloria.
Olha , meu filho , aquelle Rei annofo ,
Inaco , que fundou o Reino de Argos.
Sua velhice he mansa , e magestosa :
Debaixo de seus pés rebentaõ flores :
O seu andar ligeiro se assemelha
Aos pássaros voando. A eburnea lyra
Sustem nas mãos , e em extasi perenne
Canta dos grandes Numes os prodigios.
Sahe do seu coração , da sua boca

Hum

Ham exquisito odor. A melodia
Da sua voz transportaria os homens,
E os Deoses. Assim foi recompensado
 De ter amado o povo que aggregara
 Deatro de novos muros, e a quem dera
 Sabias leis. Entre as murtas de outro lado
 Vês o Egepcio Cccrópe, que primeiro
 Em Athenas reinou, essa Cidade
 A' sabia Deosa consagrada, e donde
 O seu nome deriva. Elle trazendo
 Do Egypto leis, que foraõ para a Grecia
 Manancial de letras, e costumes,
 Põde adoçar os corações ferozes
 Dos moradores de Attica, e unillos
 Com laços sociaes. Elle foi justo,
 Humano, compassivo. Os seus vassallos
 Deixou em abundancia, e a sua casa
 Em mediano estado. Depois d'elle
 Naõ quiz que governassem os seus filhos,
 Pois do Reino julgava outros mais dignos.
 Devo tambem mostrar-te neste valle
 (8) Erictonio, que o uso da moeda
 Inventou. O seu fim foi o commercio
 Facilitar; porèm previo os damnos
 Desta invençaõ. As naturaes riquezas,
 Que sab as verdadeiras (advertia

A

(8) Erictonio quarto Rei de Athenas, filho da Terra, e Vulcano.

A todos os seus povos) augmentando ;
 A terra cultivai para abundancia
 Terdes de trigo , vinho , azeite , e frutas.
 Tende grossos rebauhos , que do leite
 Vos sustentem , e cuja lã vos cubra.
 Naõ vereis á pobreza entaõ o rosto :
 Antes quantos mais filhos vos nascerem ,
 Tanto sereis mais ricos , se ao trabalho
 Vos costumardes. Naõ se estanca a terra ,
 Antes se faz mais fertil pelo numero
 Daquelles habitantes que a cultivãõ.
 Compensa com largueza o seu trabalho :
 Só he avara , e ingrata para aquelles ,
 Que a desprezaõ. Buscai as verdadeiras
 Riquezas , que dos homens satisfazem
 As precisões. Usai só da moeda
 Quanto for necessario para as guerras
 Inevitaveis sustentardes fóra ,
 E o commercio manterdes das fazendas
 Indispensaveis , que o paiz naõ tenha.
 Proveitoso vos fora que esfriasse
 O commercio a respeito do que o luxo ,
 A vaidade , e o melindre só fomenta.
 Erictonio dizia muitas vezes :
 Temo , ó filhos , fazer-vos hum funesto
 Presente neste invento da moeda.
 Penso que ha de acordar-vos a avareza ,
 A ambiçaõ , e o fasto imperioso ;

Que

Que ha de entreter perniciosas artes ,
 Que os costumes corrompem; e enjoar-vos
 Da singeleza , paz , e segurança
 Do espirito; e que em fim ha de o desprezo
 Trazer da agricultura, que he da vida
 Humana o fundamento , e que he de todos
 Os verdadeiros bens fonte fecunda.
 Minha limpa tenção sabem os Numes
 Quando vos dou esta invenção taõ util
 Em si mesma. Depois quando Erictonio
 Conheceo que o dinheiro corrompia ,
 Como antevira , os povos , a hum deserto
 Monte se retirou cheio de magoa.
 Alli pobre , e arredado dos humanos
 Passou a vida até velhice extrema ,
 Sem querer enredar-se das Cidades
 No governo. Apõs elle vio a Grecia
 Apparecer o grande Triptolemo ,
 A quem ensinou Ceres a maneira
 De cultivar as terras , e cobrillas
 Todos os annos de dourada messe.
 Conheciaõ os homens já o trigo ,
 E a arte de augmentallo semeando ;
 Mas da lavoura a perfeição naõ tinhaõ.
 (9) Triptolemo por Ceres enviado
 Com o arado nas mãos os dons da Deosa
 Tom. II. M Veio

(9) Triptolemo era filho de Celso , Rei de Eleulis.

Veio offerecer aos povos , que podessem
Vencer com brio a natural perguiza ,
Entregando-se ás rústicas fadigas.
Aos Gregos ensinou fender a terra ,
E fazella fecunda , o duro seio
Rasgando. Logo entaõ os encalmados
Indefessos ceifeiros deceparaõ
Co' as foices affiadas as maduras
Espigas, que cubriaõ as campinas.
Até os rudes , e ferozes povos ,
Que vagavaõ dispersos pelos bosques
De Epiro , e Etolia , para sustentar-se
Da Lande , os seus costumes adoçaraõ ,
Sujeitando-se ás leis , quando aprenderaõ
A formar as searas , e a nutrir-se
Do paõ. Fez-lhes em fim sentir o gosto
De dever as riquezas ao trabalho ;
E achar no seu casal quanto he preciso
Para a vida fazer feliz , e alegre.
Esta abundancia simples , e innocente ,
Que á cultura dos campos vive unida ,
Lhes fez lembrar os próvidos conselhos
De Erictonio. Largaraõ as riquezas
Facticias , que o saõ só na fantasia
Dos homens , a quem tentaõ com prazeres
Prigosos , e os desviaõ do trabalho ,
Em que os bens verdadeiros achariaõ ,
E com elles em plena liberdade

Os bons costumes. A entender chegarão
 Que he hum campo fecundo, e cultivado
 Precioso thefouro das familias,
 Que sabem contentar-se com a vida
 Frugal, em que seus pais tambem viverão.
 Venturosos os Gregos, se guardassem
 Taes maximas, tão proprias a fazellos
 Por meio de huma sólida virtude
 Ricos, felizes, livres, e de o serem
 Merecedores! Ah! elles começaõ
 A admirar as fantasticas riquezas:
 Abandonaõ porém as verdadeiras
 Pouco a pouco; e da antiga singeleza
 Degeneraõ. Virá, meu filho, hum dia;
 Em que reines. Entaõ te lembre os homens
 Applicar á cultura, honrar esta arte,
 Consolar os que a ella se applicarem,
 Naõ consentir que vivaõ ociosos,
 Ou exercitem artes, que fomentaõ
 O luxo, e a molleza. Estes dois homens
 Tãõ sabios sobre a terra saõ dos Deoses
 Aqui mimosos. Vê, que tanto excede
 A sua gloria á do valente Achilles,
 E dos outros heróes, que nos combates
 Se distinguiraõ, quanto a Primavera
 He mais jucunda que o gelado Inverno;
 E a luz do Sol mais clara que a da Lua.
 Em quanto assim fallava, elle percebe

Que Telemaco tinha os olhos fixos
 N^o hum bosque de loureiros , que regava
 Hum ribeirão bordado de violetas,
 Lirios , e outras boninas , cujas cores
 Com as de Iris formosa competiaõ ,
 Quãdo ella dos Ceos desce em subtil nuvem
 Para intimar as ordens dos supremos
 Numes a algum mortal. Era Sesostris
 Quem Telemaco via neste sitio.
 Tinha mais magestade alli mil vezes ,
 Que no throno do Egypto. Claros raios
 De pura luz sahiaõ de seus olhos ,
 Que assombravaõ Telemaco. Do nectar
 Parecia estar cheio. Tanto o espirito
 Divino o transportara sobre a fraca
 Razaõ humana , para as suas bellas
 Virtudes premiar. A Acrisio disse
 Telemaco : A Sesostris reconheço ,
 O grande Rei , que ha pouco vi no Egypto.
 He elle , lhe responde entaõ Acrisio :
 E vê no seu exemplo quanto os Numes
 No premio dos bons Reis são grandiosos.
 Sabe porém que toda a sua dita
 He nada , se a comparas com aquella
 Que lhe era destinada , se na grande
 Prosperidade das acções da guerra
 Não se esquecesse das constantes regras
 Da prudência , e justiça. A paixãõ cega
De

De foppear dos Tyrios a insolencia ,
 E altivez , o empenhou a escalar-lhes
 A Cidade. Excitou-lhe esta victoria
 Os defejos de outras. Seduzido
 Pela gloria enganosa das conquistas,
 Subjugou , devastou a toda a Asia.
 Voltando para o Egypto achou do Reino
 Apoderado feu irmão , que havia
 Com injusto governo as leis melhores
 Do paiz revoltado. Assim as grandes
 Conquistas só serviraõ para os povos
 Perturbar. O que o faz inexcusavel
 He que se embriagou co' a propria gloria.
 (10) Fez atar ao feu carro os mais soberbos
 Dos Reis , que avassallara. Elle o feu erro
Reconheceo depois , e envergonhou-se
 De haver sido tyranno. Tal o fruto
 Foi de suas victorias. Vê agora
 O que fazem os Reis conquistadores .
 Contra si mesmos , contra os seus Estados,
 Pertendendo usurpar os dos visinhos.
 Eis o que deslustrou hum Rei taõ justo ,
 E benéfico ; e a gloria diminue,

Que

(10) Reprehende-se aqui a vaidade ridicula de Luiz XIV. que consentio , que prendessem aos pés da sua Estatua na Praça das victorias quatro das principaes Nações da Europa. Este monumento foi erigido em 1686.

Que os Deoses lhe guardavaõ. Naõ vês este
 Cuja ferida resplandece tanto !
 He Diocledes , que foi Rei de Caria.
 A vida deu para salvar seu povo :
 Pois lhe havia o Oraculo predito ,
 Que na Guerra dos Lycios , e dos Carios
 A Naçaõ , cujo Rei perdesse a vida ,
 Seria vencedora. Observa aquelle :
 Foi hum legislador , que tendo dado
 Ao seu povo leis justas , que o tornassem
 Bom , e feliz , lhe fez jurar que nunca
 Alguma destas leis quebrantaria
 Durante a sua ausencia. Desterrou-se
 Elle mesmo da patria , e morreo pobre
 Em estranho paiz , para que o povo
 Por este juramento leis taõ uteis
 Guardasse para sempre. Este que observas ,
 Eunestimo se chama , Rei dos Pilios ,
 De Nestor ascendente. Cruel peste
 A terra devastava , e do Acheronte
 As margens povoavaõ novas sombras.
 Pedio aos Numes que aplacando a ira
 Remisse a sua vida a de milhares
 De innocentes. Os Deoses o ouvirãõ ,
 E aqui lhe daõ o verdadeiro Reino ,
 Do qual saõ os da terra vãs imagens.
 Este Velho de flores laureado
 He o famoso Belo , Rei do Egypto.

Def-

Deixou Anchinóe , filha do Nilo ,
 Que escondendo das agoas a nascente ,
 As terras enriquece pelas suas
 Inundações. Teve este Rei dois filhos ;
 Danao , de quem a historia não ignora ,
 E Egyto que o seu nome deu ao Reino.
 Belo se reputava ser mais rico
 Pela abastança em que trazia o povo ,
 E afeição que lhe tinha os seus vassallos ,
 Que por quantos tributos lhe impozesse
 Estes homens , que julgas que estão mortos ,
 Vivem , meu filho. A vida miseravel ,
 Que se passa na terra , he mera morte.
 Troca-se os nomes. Praza aos justos Deoses
 Fazerem-te tão bom , que esta ditosa
 Inalteravel vida ter mereças.
 Apressa-te a buscar teu Pai. Mas antes
 Que chegues a encontrallo , quanto sangue
 Ha de ver derramar ! Mas quanta gloria
 Terás nos campos da famosa Hesperia !
 Lembrem-te de Mentor os seus conselhos.
 Se os seguires , teu nome será grande
 Na terra até nos seculos vindouros.
 Disse ; e guiou Telemaco á eburnea
 Porta que dá sahida ao tenebroso
 Imperio de Plutaó. Então Telemaco
 O deixa com os olhos lagrimosos
 Sem poder abraçallo. Elle sahindo

Destes

Destes sitios medonhos , para o Campo
Dos Alliados prompto se dirige ,
Depois de associar-se no caminho
C'os dois moços Cretenses , que o seguirão
Té junto da caverna , e que assustados
Não esperavaõ já tornar a vê-lo.





L I V R O XX.

A Juntaraõ-se em tanto os Cabos todos
 Para deliberar se lhes convinha
 Tomar (1) Venusa, huma Cidade forte,
 Que Adrasto aos seus vizinhos os Apulios
 Peucetes usurpara. Elles na liga
 Para pedir satisfacaõ da offensa
 Entraraõ. Mas Adrasto havia posto
 Para os apaziguar como em deposito
 Entre as mãos dos Lucanios a Cidade.
 Sobornara com tudo por dinheiro
 O Commandante, e a Guarniçaõ, por fórma
 Que em Venusa os Lucanios menor que elle
 Authoridade tinhaõ. E os Apulios,
 Que a Guarniçaõ Lucania consentiraõ,
 Ficaraõ illudidos. Demofantes
 Cidadãõ de Venusa aos Alliados
 Havia offerecido occultamente
 De noite huma das portas entregar-lhes
 Da Cidade. A vantagem desta empreza
 Era tanto maior, por quanto Adrasto
 N'hum Castello vizinho de Venusa,
 Que

(1) Venusa, hoje Venosa, he huma pequena Cidade do Reino de Napoles ao Norte de Cirenza.

Que era , tomada esta , indefensável ,
 Todas as munições de guerra , e boca
 Pozera. Já Nestor , e Filotetes
 Haviaõ assentado , que convinha
 Aproveitar occasiãõ taõ boa.
 Da sua authoridade os Chefes todos
 Levados , illudindo-os o interesse
 D'humã empreza taõ facil , applaudiaõ
 Este accordo. Telemaco sómente,
 Quando votar lhe coube , em dissuadillos
 O ultimo empenhou de suas forças.
 Inda que eu naõ ignore (assim dizia)
 Que se alguém merecco ser enganado ,
 He Adralto , que a todos tanto engana ;
 E saiba que a Venusã surprehendo ,
 Só ides recobrar humã Cidade ,
 Que vos pertence , sendo dos Ápulios
 Povos da Liga , e que o fazeis com tanta
 Maior cõr da razaõ , por quanto Adralto ,
 Tendo posto em deposito a Cidade ,
 O Cõmandante , e a guarniçaõ comprando ,
 Nella destina entrar , quando mais util
 Lhe pareça ; e tomada hoje Venusã ,
 A' manhã sereis donos do Castello ,
 Aonde estaõ os béllicos aprestos ,
 Que alli tem de reserva os inimigos ,
 Findando logo taõ horrivel guerra :
 Naõ vaie mais morrer , que por taes meios
Ven-

Vencer, oppondo a fraude a outra fraude?
He bem que tantos Reis confederados
Para de Adrasto castigar as fraudes,
Sejaõ tambem como elle fraudulentos?
Se nos he dado obrarmos como Adrasto,
Elle naõ he culpado; e injustos somos
Em querello punir. A Hesperia inteira,
Que he sustentada por Colonias Gregas,
E por Heróes, que do Troiano cerco
Vieraõ, outras armas ter naõ pôde
Contra os perjurios, e traições de Adrasto,
Mais do q̃ outras traições, e outros perjurios
Naõ jurastes por quanto ha mais sagrado,
Deixardes em deposito Venusa
Aos Lucanios? Dizeis que está comprada
A guarnição com dadivas de Adrasto.
Como o credes, o creio. Mas ainda
A seu soldo se acha. Obedecer-lhes
Inda naõ recusou. Porta-se ao menos
Na apparencia neutral. E nem Adrasto,
Nem os seus inda entraraõ em Venusa.
O Tratado subsiste, nem os Numes
Do juramento vosso se esqueceraõ.
(2) E naõ havemos de guardar palavra
Senaõ até se descobrir pretexto

Plau-

(2) Esta he huma tacita exprobração da conducta de Luiz XIV. que violou tantos Tratados de baixo de pretextos plausiveis.

Plausível de violalla ? Só seremos
 Religiosos , e fieis , em quanto
 Em faltar-mos á fé não temos lucro ?
 Se do Ceo o temor , e da virtude
 O amor vos não movem , pelo menos
 Vossa reputação , vosso interesse
 Vos movaõ. Se mostrais taõ máo exemplo
 Aos homens de faltarem á palavra ,
 Assim violando o juramento vosso
 Para acabar aguerria , quantas guerras
 Não vos excitará esta conducta ?
 (3) Obrigados seráõ vossos visinhos
 A temer de vós tudo , e a detestar-vos.
 E qual , dizei , nos lances mais urgentes
 Se fiará de vós ? Qual segurança
 Dareis , quando quizerdes ser sinceros ,
 E vos importe persuadillo aos outros ?
 Os Tratados solemnes ? Aqui tendes
 Este pizado aos pés. (4) O juramento ?
 Não saberáõ quaõ pouco honrais os Numes,
 Quando tirar vantagens do perjurio
 Esperais ? Não terá mais segurança
 A paz para comvosco , do que a guerra :

E

(1) Pela mesma razão todos os visinhos de Luiz XIV. estiveraõ sempre em desconfiança , e formaraõ ligas poderosas para se defenderem da sua má fé.

(4) Luiz XIV. não era o mais delicado sobre a fé dos Tratados.

E o que vier de vós será tomado
Como guerra, ou fingida, ou declarada.
Sereis pois huns perpetuos inimigos
Dos povos, que tiverem a desgraça
De ser vossos vizinhos. Todos quantos
Negocios pedem honra, probidade,
E confidencia, vos serão vedados.
Nem jámais podcis ter algum regresso
Para as vossas promessas fazer criveis.
Ouvi agora (acrescentou Telemaco)
Outro interesse muito mais urgente,
Que vos deve abalar. Taõ enganosa
Conducta a vossa liga ataca toda
Pelo interior, e vai arruinalla.
O triumpho dará vosso perjurio
A Adrasto. A estas vozes o Congresso
Se altera, e lhe pergunta, como pôde
A mesma acção, que huma victoria certa
A' Liga conferia, arruinalla?
Podereis (lhes responde) confiar-vos
Huns nos outros, rompendo o unico laço
De toda a sociedade, e confiança,
Qual he a boa fé. (5) Tendo por maxima
Que

(5) Esta foi a maxima dos Jesuitas confellores de Luiz XIV. que se podem violar as regras da probidade por hum grande interesse: ou o que he o mesmo, que se pôde faltar á fé aos hereges por interesse da Religião. De que males não he causa esta terrivel maxima?

Que por hum grande lucro atropelar-se
Podem as leis do credito, e da honra.
Qual d'entre vós se fiará em outro,
Se este pudesse achar grandes vantagens
Em faltar á palavra, e enganallo?
Qual de vós do visinho os artificios
Com os seus prevenir não quereria?
Qual a liga será de tantos povos,
Que por votos conformes deliberaõ
Ser licito o visinho descuidado
Surprender, e quebrar a fé jurada?
Que divisaõ, desconfiança, e empenho
Tereis em destruir-vos mutuamente!
Não terá precisaõ de accommetter-vos
Adrasto, pois vós mesmos huns aos outros
Destruireis, justificando a sua
Perfidia. O' Reis magnanimos, e sabios!
Vós que regeis innumeraveis povos
Com tanta experiencia, de hum mancebo
Dignai-vos de attender os sãos conselhos.
Se reduzidos ao fatal extremo,
Em que os homens ás vezes lança a guerra,
Vos visseis, poderiaõ preservar-vos
A vigilancia, o esforço da virtude;
Pois não sabe abater-se huma alma nobre.
Porém da honra, e boa fé, rompida
Huma vez a barreira, irreparavel
Vossa perda seria. A confiança

Ne-

Necessaria ao bom exito das coisas ,
Cobrar naõ poderieis , nem taõ pouco
Reconduzir os homens á virtude.
Que receais ? Para vencer sem fraude
Valor naõ tendes ? Naõ vos sobra a vossa
Virtude junta ás forças destes povos ?
Combatamos ; morramos , se he preciso ;
Mas taõ indignamente naõ vençamos.
Adrasto , o impio Adrasto , he preza nossa ,
Com tanto que imitar nos horrorize
A sua falsa fé , sua vileza.
A doce persuasãõ manou da boca
De Telemaco , e foi até ao centro
Dos corações calando. Houve hũ profundo
Silencio no Congresso. Discorriaõ ,
Naõ a respeito delle , nem das graças
Do seu discurso , porém sobre a força
Da verdade que nelle se sentia.
O assombro se pintava nos seus rostos.
Ouvio-se finalmente hum rumor surdo
Na Assembleia. Hũs olhavaõ para os outros ;
Porém nenhum fallar primeiro ousava.
Esperavaõ que os Chefes começassem ;
E lhes custava o refrear seus votos.
Mas o grave Nestor estas palavras
Pronunciou : De Ulysses digno filho ,
Fizeraõ-vos fallar os sacros Numes ;
E Minerva , que tem por tantas vezes

Vosso

Vosso Pai inspirado , poz no vosso
 Coração hum taõ sabio , e generoso
 Conselho. Naõ vos olho aos poucos annos ;
 Mas no que tendes feito confidero
 A Minerva. Fallais pela virtude ;
 E sem ella saõ perdas verdadeiras
 As maiores vantagens. A vingança ,
 As suspeitas , o horror dos homens justos ,
 E dos Numes as iras se despertão.
 Em poder dos Lucanios a Venusa
 Deixemos pois , sómente procurando
 Vencer Adrasto a forças descobertas.
 Disse : e toda a Assembleia as suas vozes
 Applaudio ; mas em meio dos applausos
 Cada hum affombrado , de Telemaco
 No rosto reparando , reluzir-lhe
 Via a sabedoria de Minerva
 Que o inspirava. Levantou-se logo
 Outra questaõ , na qual elle igual gloria
 Conseguio. Enviara o fementido
 Adrasto ao Campo hum desertor chamado
 Acanto , que do Exercito tomara
 A cargo seu envenenar os Chefes
 Principaes , (6) o qual tinha ordem estreita
 De

(6) No reinado de Luiz XIV. ha muitos exemplos de semelhantes conjurações contra a vida do Rei Guilherme , que era entãõ o terror dos Franceses.

De dar a todo o custo a morte ao filho
De Ulysses, que era já terror dos Daunios.
Telemaco dotado de candura,
Suspeitar não sabendo contra os outros,
Este infeliz, que vira na Sicilia
Ulysses, e que as suas desventuras
Lhe contava, tomando em amizade;
O sustento lhe dava, na desgraça
Consolando-o, pois elle de ter sido
Por Adrasto enganado se queixava.
Mas isto era nutrir, e no seu peito
Aquecer huma vibora, que havia
Abrit-lhe huma ferida venenosa.
Foi outro desertor por nome Arion
Apanhado, que havia sido a Adrasto
Por Acanto enviado a inzeirallo
Da situação do Campo, e que no dia
Seguinte envenenar havia os Chefes
Principaes, e com elles a Telemaco
Em meio de hum banquete. Prezo Arion
Confessou a traição, e suspeitou-se
A sua intelligencia com Acanto,
Porque tratavaõ intima amizade.
Mas com tal arte Acanto disfarçava,
Que não era possível convencello,
Nem da conjuração saber o fundo.
Votaraõ muitos Reis que se devia
Sacrificar Acanto á segurança

Publica ; pois a vida de hum só homem
Vinha a ser nada , quando se tratava
De segurar de tantos Reis as vidas.
Que importa que se mate hum innocente
Para salvar aquelles , que na terra
Representaõ os Deoses ? Que inhumano
Sentimento ! que barbara politica !
Lhes responde Telemaco. Do sangue
Humano sois taõ prodigos ! Pastores
Dos povos deveis ser , e crueis lobos
Vos tornais ! Ou Pastores sois sómente
Para cardar , e degollar o gado ,
Em vez de conduziillo ao doce pasto.
Para vós o accusado he criminoso.
A suspeita merece logo a morte.
Estaõ á discriminaõ dos invejosos
Calumniadores vís os innocentes :
E ao passo que a tyrannica suspeita
Nos vossos corações for avultando ,
Mais victimas teráõ de degollar-se.
Telemaco dizia estas palavras
Com tanta vehemencia , e authoridade ,
Que os corações de todos arrastava ,
E os Authores de arbitrio taõ indigno
Envergonhava. Mas depois as vozes
Abrandando , lhes disse : Eu por tal preço
Minha vida não compro. Seja Acanto
Antes máo , q̃ eu o seja. Antes me arranque

A vida com traição, que injustamente
Eu na duvida o mate. Mas ouvi-me
Vós, que constituídos em Monarcas,
Ou Juizes do povo, que he o mesmo,
Deveis julgar os povos com justiça,
E prudencia. Deixai-me á vossa vista
A Acanto perguntar. Logo começa
A inquirillo a respeito do commercio
Com Arion. Instou-o sobre muitas
circunstancias. Fingia muitas vezes
Qual desertor, que deve ser punido,
A Adrasto remetello, examinando
Se elle o temia, ou não. A voz, e o rosto
De Acanto persistiraõ socegados.
Defestranhar do fundo do seu peito
Deste modo a verdade não podendo,
Em fim lhe disse: Dai-me o anel vosso
Para enviallo a Adrasto. A tal proposta
Perdeo Acanto a côr já perturbado.
Percebendo-o Telemaco, que os olhos
Não arredava d'elle, o anel tomando,
Lhe diz: Por hum Laconio, Politropo
Chamado, o mando a Adrasto, a que simule
Que vai da vossa parte occultamente.
Se a vossa intelligencia com Adrasto
D'esta arte descobrirmos, sem piedade
C'os mais crueis tormentos sereis morto;
E se já confessais o vosso crime,

Tereis delle o perdaõ. Sereis fõmente
 Degradado a huma Ilha , onde em socego
 Da vossa vida passareis o resto.

Confessou logo tudo , e dos mais Cabos
 Telemaco alcançou darem-lhe a vida.

Foi porẽm remettido a huma das Ilhas

(7) Echinades , aonde com descanso

Viveo. Pouco depois hum certo Daunio ,

Dioscoro chamado , homem de escuro

Nascimento , porẽm de genio inquieto ,

E atrevido , de noite veio ao Campo

Dos Alliados offerecer-se a Adrasto

Na sua tenda degoliar. Podia

Fazello ; pois senhor da vida alheia

He aquelle , que em nada prẽza a sua.

Este homem sõ vingança respirava ;

(8) Pois o tyranno Adrasto lhe roubara

Sua mulher , que amava com extremo ,

E que era na belleza igual a Venus.

Tinha elle trato occulto com os guardas ,

Para na Real tenda entrar de noite ;

E a meditada empreza lhe amparavaõ

Al-

(7) As Ilhas Echinades , hoje Coslulares , estãõ na embocadura do rio Acheloo defronte de Acarnadia no Epto.

(8) Allude ao roubo da Marquiza de Montespan , a quem o Author disfarça aqui debaixo de circumstancias differentes para naõ dar a conhecer demasiadamente esse lugar odioso da vida do Rei.

Alguns Capitães Daunios. Mas queria
Que os alliados Reis ao mesmo tempo
Os arraiacs de Adrasto acommetessem
A fim de ter lugar nesta revolta
De se salvar , comsigo conduzindo
Sua mulher. Com tanto que a tirasse ,
E que mataſſe o Rei , não ſe lhe dava
Acabar. Tendo aos Reis aſſim expoſto
Sua tenção Diſcoro , voltados
Todos para Telemaco , eſperavaõ
A ſua decifaõ. Elle responde :
Os Deoſes de traições nos preservarãõ ,
E nos prohibem de ſervir-nos dellas.
Quando em nós não houveſſe eſta virtude ,
Noſſo intereſſe proprio baſtaria
Para traição taõ torpe abominarmos.
Se a authorizarmos com o noſſo exemplo ,
Irritaremos contra nós os Numes :
E deſde entãõ quem eſtarã ſeguro ?
Adraſto poderã fugir ao golpe
Que o ameaça , e contra nós voltarão.
A guerra não terá mais eſte nome :
Pois uſo não teráõ nem a virtude ,
Nem a prudencia. Só traições , perſídias ,
E aſſinatos ſe verãõ. Nós meſmos
As fataes conſequencias ſentiremos
Merecidas de nós , que authorizamos
Dos males o maior. Daqui concluo

Que

Que remetamos o traidor a Adraſto.
 Eu reconheço que elle o não merece.
 Porém toda a Heſperia , e toda a Grecia ,
 Que tem em nós os olhos , o merecem ,
 Para nos eſtimarem. Tal conducta
 Devemos a nós meſmos ; e ás celeftes
 Divindades o horror de huma perfidia.
 Foi o traidor Dioſcoro enviado
 A Adraſto , que tremeo , ſabendo o riſco
 Em que eſteve , e paſſou , dos inimigos
 Sabendo proceder taõ generoſo ;
 Pois a pura virtude os mãos não podem
 Comprehender. Adraſto , que admirava
 A ſeu pezar o meſmo , que entaõ via ,
 Não ouſava louvallo. (9) Eſta acção nobre
 Lhe recordava a vergonhoſa idéa
 Das ſuas crueldades. Procurava
 Da acção dos inimigos a nobreza
 Diminuir , e de mostrar-se ingrato ,
 Pois a vida lhe deraõ , ſe corria.
 Mas os homens malevolos depreſſa
 Ao que póde movellos ſe endurecem.

Ven-

(9) Em todas as guerras que Luiz XIV. teve
 contra os Alliados , vem-se exemplos baſtantes de
 Governadores de Praças corrompidos por dinhei-
 ro ; de tranſugas enviados ao Campo dos inimi-
 gos ; de aſſasſinatos , e veneno : mas não ſe acha
 que os Alliados houveſſem commettido da ſua par-
 te coizaſ ſimilbantes.

Vendo Adraſto crescer de dia em dia
O credito dos povos alliados ,
Julgou ſer neceſſario contra elles
Obrar alguma acção aſſignalada.
Como de executar acção virtuoſa
Era incapaz , ao menos com as armas
Pertendeo alcançar alguma grande
Vantagem ; e apreſſou-ſe a dar batalha.
Tendo chegado o dia do combate ,
Apenas do Oriente ao Sol as portas
Abria a roxa Aurora por caminho
Semeado de roſas , prevenindo
A vigilancia dos mais velhos Cheſes (ços
Cos ſeus deſvélos , d'entre os frouxos bra-
Do ſomno ſe arrancou o moço Grego ,
E poz em movimento os Cabos todos.
Reſplandecia na cabeça o elmo
De tremulos pennachos guarnecido.
O arnez apreſilhado deſlumbra
Dos Soldados os olhos ; e o eſcudo
Lavrado por Vulcano , além da ſua
Belleza natural , tinha da Egide
O esplendor , porque nelle estava occulta.
N'humas das mãos a lança ſopezando ,
Co' a outra os peitos , q' occupar convinha ,
Apontava. Minerva nos ſeus olhos
Poz fogo divinal , e em ſeu ſemblante
Alta mageſtade , que a victoria

Pro-

Promettia. Marchava ; e os Cabos todos
De seus annos , e empregos esquecidos
Por força superior , que os obrigava ,
Sentindo-se arrastados , o seguiaõ.
Em seus peitos naõ entra vil ciuime ;
E tudo cede áquelle a quem Minerva
Com invisivel maõ os passos guia.
Naõ saõ impetuosas , e imprudentes
Suas acções : he antes agradavel ,
Benigno , soffredor , e sempre prompto
A ouvir os outros , e de seus conselhos
Aproveitar-se ; mas ao mesmo tempo
Activo , attento , prõvido. Dispunha
A tempo tudo. Naõ se embaraçava ;
Naõ confundia os mais. Alheias faltas
Relevava. Os descuidos reparando ,
Todos os contratempos prevenia.
Naõ obrigava a coisas impossiveis ,
E inspirava franqueza , e confiança.
Nos termos mais singelos , e mais claros
As ordens dava , e as repetia áquelles ,
Que deviaõ cumprillas. Com seus olhos
Via se tinha sido percebido :
Exigia depois que lho explicassem.
Tendo feito esta prova do bom senso
Dos mensageiros , antes que partissem
Os premiava. Assim todos aquelles ,
A quem os seus designios incumbia ,
Com

Com zelo se empenhavaõ em servillo.
Neõ temiaõ que a elles imputasse
Os maõs successos , porque os erros todos
Só de omittaõ nascidos , desculpava.
Vermelho o horizonte apparecia
Com os primeiros raios matutinos ,
E o mar cheio das chammas do nascente
Dia. Coberta estava toda a Costa
De homens , armas , cavallos , e carroças
Em movimento. Era hum rumor confuso
Semelhante ao das ondas irritadas ,
Quando Neptuno as negras tempestades
Do mar excita no profundo pégo.
Assim entrava Marte c'o ruído
Das armas , e da guerra co' terrivel
Apparato a espalhar a crua raiva
Nos corações. O Campo estava cheio
De crespas lanças , quaes os férteis sulcos
No tempo das searas se povoaoõ
De espigas. Huma nuvem de poeira
Aos olhos dos mortacs o Ceo , e a terra
Pouco a pouco roubava. O horror , carnagê,
A confusaõ , a despiedada morte
Caminhavaõ. Apenas os primeiros
Tiros se despediraõ , levantando
As mãos , e os olhos para o Ceo , exclama
Telemaco : O' supremo Pai dos Deoses ,
E dos homens ! Vós vedes a justiça

Promettia. Marchava ; e os Cabos todos
 De seus annos , e empregos esquecidos
 Por força superior , que os obrigava ,
 Sentindo-se arrastados , o seguiaõ.
 Em seus peitos naõ entra vil ciuime ;
 E tudo cede áquelle a quem Minerva
 Com invisivel maõ os passos guia.
 Naõ saõ impetuosas , e imprudentes
 Suas acções : he antes agradavel ,
 Benigno , soffredor , e sempre prompto
 A ouvir os outros , e de seus conselhos
 Aproveitar-se ; mas ao mesmo tempo
 Activo , attento , prõvido. Dispunha
 A tempo tudo. Naõ se embaraçava ;
 Naõ confundia os mais. Alheias faltas
 Relevava. Os descuidos reparando ,
 Todos os contratempos prevenia.
 Naõ obrigava a coisas impossiveis ,
 E inspirava franqueza , e confiança.
 Nos termos mais singelos , e mais claros
 As ordens dava , e as repetia áquelles ,
 Que deviaõ cumprillas. Com seus olhos
 Via se tinha sido percebido :
 Exigia depois que lho explicassem.
 Tendo feito esta prova do bom senso
 Dos mensageiros , antes que partissem
 Os premiava. Assim todos aquelles ,
 A quem os seus desiguos incumbia ,
Com

Com zelo se empenhavaõ em servillo.
Nõ temiaõ que a elles imputasse
Os máos successos , porque os erros todos
Sõ de omittaõ nascidos , desculpava.
Vermelho o horizonte apparecia
Com os primeiros raios matutinos ,
E o mar cheio das chammas do nascente
Dia. Coberta estava toda a Costa
De homens , armas , cavalloos , e carroças
Em movimento. Era hum rumor confuso
Similhante ao das ondas irritadas ,
Quando Neptuno as negras tempestades
Do mar excita no profundo pégo.
Assim entrava Marte c'o ruido
Das armas , e da guerra co' terrivel
Apparato a espalhar a crua raiva
Nos corações. O Campo estava cheio
De crespas lanças , quaes os férteis sulcos
No tempo das searas se povoãõ
De espigas. Huma nuvem de poeira
Aos olhos dos mortaes o Ceo , e a terra
Pouco a pouco roubava. O horror , carnagẽ,
A confusaõ , a despiedada morte
Caminhavaõ. Apenas os primeiros
Tiros se despediraõ , levantando
As mãos , e os olhos para o Ceo , exclama
Telemaco : O' supremo Pai dos Deoses ,
E dos homens ! Vós vedes a justiça

E a paz , que não tivemos a vergonha
 De procurar. Invitos combatemos.
 Quizeramos poupar o sangue humano.
 He pérfido , sacrilego , cruento
 Este inimigo ; e não lhe temos odio.
 Vede ; e depois a elle , e a nós julgai-nos.
 Se nos cumpre morrer , as nossas vidas
 Estaõ nas vossas mãos. E se o Destino
 Tem decretado libertar a Hesperia ,
 E aterrar o tyranno ; o poder vosso ,
 E o favor de Minerva , vossa filha ,
 Nos daráõ a victoria , e a gloria della
 A vós se deverá. Vós co' a balança
 Na mão regeis a forte dos combates.
 Combatemos por vós ; e pois sois justo ,
 He mais vosso inimigo do que nosso
 Adrasto. Se sair victoriosa
 A vossa causa , antes que finde o dia ,
 As vossas aras banhará o sangue
 De hũa inteira (10) hecatombe. Disse: e logo
 A's cerradas fileiras dos contrarios
 Lança os fogosos rápidos ginetes.
 Encontra entãõ o Locrio Periandro
 Coberto com a pelle do raivoso
 Leão , que tinha morto na Cilicia,
 Quando por ella viajara. Estava ,

Como

(10) Huma hecatombe era hum sacrificio de cem touros.

Como Hercules, armado de huma enorme
Clava. Era na força , e corpulencia
Parecido aos gigantes. Avistando
A Telemaco, em pouco teve a sua
Mocidade , e belleza do seu rosto.
Queres , lhe disse , ó moço affeminado ,
A gloria dos combates disputar-nos ?
Vai buscar a teu Pai por entre as sombras.
Ao dizer isto, ergue a nodosa clava
Pezada , e hirsuta com as ferreas pontas ,
E que parece hum masto de navio.
Qualquer temera o effeito da pancada.
Ameaça á cabeça de Telemaco
O golpe : porém d'elle o moço Grego
Se desvia ; e acommete a Periandro
Co' a rapidez de huma aguia quando fende
Os manlos ares. Cahe a enorme clava ,
De hum carro ao de Telemaco visinho
Despedaçando a roda. C'hum lança
Em tanto a Periandro o moço Grego
A garganta traspassa. O sangue corre
Em grossas espadanas pela larga
Ferida , e a voz lhe tolhe. Não sentindo
A mão desfallecida os seus fogosos
Cavalllos com as redeas fluctuantes
O arrebatado sem rino. Cahe de cima
Do carro em terra ; os olhos se lhe fechaõ ;
E no pallido rosto se lhe pinta

A feia morte. Condoeo-se delle
 Telemaco. Entregou aos seus domesticos
 O corpo , para si sómente a pelle
 Do leão , e a clava reservando
 Em final da victoria. Depois busca
 A Adrasto no conflicto. Mas em tanto
 Precipita no Inferno immensa turba
 De guerreiros ; Hiléo que dois ginetes
 Aos do Sol semelhantes ao seu carro (nas
 Jungira , os quaes de (11) Aufido nas campi-
 Naçerao ; Demoleon que em Sicilia
 Nos combates do césto o grande Erix
 Igualava ; Crantor amigo de Hercules ,
 E seu hospede , quando pela Hesperia
 Passando este de Jove invicto filho
 Nella tirou a vida ao infame (12) Caco ;
 Menecrates na lucta parecido
 A Pollux ; Hipocoon de Salapia ,
 Que em primor , e destreza no manejo
 De hum cavallo com Castor hobreava ;
 Eurimedes na caça tao famoso
 Sempre tinto do sangue de sanhudos
Uffos ,

(11) Aufido, hoje Offanto, he hum rio do Reino de Napoles, que nasce nas montanhas do Apennino.

(12) Caco filho de Vulcano. Fingem os Poetas que tinha tres bocas, de que lançava chammas quando queria.

Ufios , e bravos javalis , por elle
 Despedaçados nos nevosos cumes
 Do frondoso Apenino , o qual contavaõ
 Fora taõ estimado de Diana ,
 Que disparar o arco lhe ensinara
 A Deosa ; Nicoftrate que vencera
 Hum gigante , que fogo vomitava
 Nos rochedos do (13) Gargano ; Eleante
 Que havia desposar a linda Flóe ,
 Filha do rio (14) Liris. Promettida
 Foi por seu pai a quem de alada serpe ,
 Que nascera nas margens deste rio ,
 E que havia tragalla em poucos dias
 Segundo certo oraculo , a salvasse.
 Por excessõ de amor este mancebo
 Se expoz a p'rigo , e foi matar o monstro.
 Assim o conseguiu ; porém naõ pôde
 O fructo possuir desta victoria.
 E em quanto Flóe já impaciente
 Para o doce hymenêo se preparava ,
 Soube que na batalha acompanhara
 Adrasto , e que os seus dias cruelmente
 A Parca lhe cortara. Seus gemidos

O

(13) O monte Gargano he hum monte do Reino de Napoles.

(14) O rio Liris nasce no Abiuzzo ulterior : passa a través da terra de Labor ; e vai lançar-se no golfo de Gajeta.

O bosque , e os montes proximos ao rio ,
Encheraõ. Engolfou seus bellos olhos
Em lagrimas amargas : seus cabellos
Arrancou : esqueceo-se das grinaldas
De flores , que apanhar tinha por uso :
E criminou de injusto o Cco supremo.
Como de noite , e dia naõ cessava
De chorar , apiedadõs de seus males ,
E dos rogos do rio commovidos ,
Os Deos terminaraõ suas magoas.
A' força de verter faudosas lagrimas
Foi de improvizo transformada em fonte ,
Que ao rio caminhando , as suas agoas
Com as delle mistura , agoas de fonte
Porém amargas , e que naõ daõ viço
A's hervas das ribeiras. Naõ se acha
Nestes tristes lugares outra sombra
Que a dos cypresses funebres. Adrasto ,
Sabendo que Telemaco espalhará
Em toda a parte o horror , com grãde pressa
O busca. Elle esperava facilmente
Vencello n'humã idade inda taõ tenra.
Junto de si levava trinta Daunios
De grande força , e naõ vulgar audacia ,
A quem de grandes premios fez promessa ,
Se matar a Telemaco podessem
De qualquer modo no fatal combate.
Se entaõ o encontrassem , certamente

O carro de Telemaco cercando ,
Em quanto Adrasto á frente o combatia ,
Náo lhes fora difficil dar-lhe a morte.
Porém Minerva fez que se espalbassem.
Adrasto cuidou ver , e ouvir Telemaco
N'hum lugar da planicie , retirado
A' raiz de hum outeiro , aonde havia
Multidaõ de guerreiros combatentes.
Corre , vóa , faltar-se quer de sangue.
Mas em vez de Telemaco só acha
Nestor , que inuteis dardos á ventura
Lançava com maõ tremula. Ferillo
No primeiro furor tentou Adrasto.
De Pilios huma tropa que guardava
A Nestor , lho impedio. Entaõ espessa
Nuvem de leitias escurece os ares ,
E cobre os combatentes. Só se ouviaõ
De moribundos lastimosos gritos ,
E das armas daquelles , que cahiaõ ,
Desabrido fragor. A terra geme
Debaixo de hum montaõ de corpos mortos.
Corre de toda a parte o sangue em rios.
Bellona , e Marte co' as horriveis furias
Trajando roupas , que gotejaõ sangue ,
Neste triste espectaculo cevavaõ
Os seus olhos crueis , a raiva infana
Sem cessar renovando nos seus peitos.
Estas crueis Deidades rechaçavaõ

Para

Para longe a piedade generosa ,
 O valor moderado , e a doce , e branda
 Humanidade. Em fim já se não viaõ
 Nesta confusa multidão de homens
 Infestos huns aos outros , mais que mortes,
 Vinganças , raivas , e brutaes furores.
 A mefina fábia Pallas invencivel
 Bramio , e recuou de horror. Em tanto
 Filotetes marchando a passos lentos ,
 E nas mãos segurãdo as frechas de Hercules
 A soccorrer Nestor se encaminhava.
 Adrasto , que não pôde este divino
 Velho alcançar , lançava as suas settas
 Contra muitos dos Pilios , que obrigados
 Se viaõ a morder poeira negra.
 Já entã a seus pés cahido haviaõ
 Eufilas , taõ ligeiro na carreira ,
 Que apenas os vestigios de seus passos
 Imprimia na areia , e atrás deixava
 No seu paiz as rápidas correntes (tifron
 Do(15)Eurotas, e do(16)Alfêo; rambé En-
 Taõ gentil como (17) Hilas , taõ ardido
 Caçador como Hipolyto ; Pterélas ,
 Que

(15) O Eurotas he hum rio da Morécia.

(16) O Alfêo he hum grande rio da Turquia de Europa.

(17) Hilas hum gentil moço filho de Thyodamas , e prezado de Hercules.

Que acompanhou Nestor de Troia ao cerco,
E a quem o mesmo Achilles tanto amara
Por seu valor, e força; Aristogiton,
Que havendo-se banhado do (18) Acheloo
Nas ondas, recebeu d'elle a virtude
De tomar todo o genero de formas.
Era nestas mudanças com effeito
Taõ movel, e taõ prompto, que escapava
A's mãos mais rijas. Porém logo Adraсто
Com hum golpe de lança o fez immovel,
E lhe fugio c'o sangue a feroz alma.
Nestor, que vio cahir ás mãos de Adraсто
Seus mais valentes Capitães, quaes cahem
Louras espigas da aguçada foice
Ao taiho, expoz-se inutilmente ao p'riço.
Sua antiga prudencia o abandonava.
Seguia com os olhos a seu filho
Pisistrato, que entaõ o seu esforço
Mostrava no combate, desviando
O p'riço de seu Pai. Mas o momento
Fatal era chegado, em que devia
Nestor sentir quanto era desgraçado
Em ter vivido muito. Taõ violento
Tiro de lança dirigio a Adraсто
Pisistrato, que o Daunio succumbira
Se naõ o evitara. Mas em quanto

Tom. II.

O

Pi-

(18) Acheloo rio da Acarnania no Epiro.

Pisistrato do golpe falcado
 Abalado retira a aguda lança ,
 C'hum dardo o fere Adrasto nas entranhas.
 De fangue hum rio dellas lhe rebenta.
 Seu rosto se murchou , qual flor mimosa ,
 Que no prado colheo mão de donzella.
 Extincta a luz dos seus errantes olhos ,
 Lhe lia faltando a voz. Alcéo , seu aio ,
 Que junto delle estava , lhe segura
 Ao cahir ; e o conduz dalli aos braços
 De seu pai. Entaõ quiz fallar , e dar-lhe
 De seu amor a derradeira prova ;
 Mas ao abrir a boca , logo expira.
 Em quanto em toda a parte lança horrores,
 E mortes Filotetes , rebatendo
 Os esforços de Adrasto , de seu filho
 Apertava Nestor o corpo exangue
 Em seus braços , enchendo o ar de gritos ,
 E não podendo sustentar o dia.
 Infeliz ! que fui pai (assim exclama)
 E vivi tantos tempos ! Cruéis Fados !
 Porque não me matastes , ou na caça
 (19) do Calidonio javali cerdofo
 Na viagem de (20) Colchos , ou de Troia
Em

(19) Calidonia Cidade antiga da Etolia , hoje Aitu na Livania.

(20) A viagem de Colchos foi a empreza da conquista do Velocino.

Em o primeiro assédio. Então morrera
Com gloria, e sem desgosto. Agora arrasto
Velhice dolorosa, e desprezada.
Só vivo para os males; e só tenho
Para a dor sentimento. Ah caro filho!
Quando perdi a teu irmão Antiloco,
Tinha-te ainda para meu descanso:
Pois te perdi, nada ha que me console.
A esperanza, unico allivio dos pezares,
Dos mortaes he hum bem que já não tenho.
Antiloco, Pisistrato, ó meus filhos!
Parece-me que a ambos perdi hoje.
A morte de hum me rasga a funda chega,
Que no âmago do peito me abriu curro.
Não vos verei. Quem fechará meu olhos?
Quem ha de recolher as minhas cinzas?
Tu, ó caro Pisistrato, morreste
Com honra, como teu irmão. Não posso
Só eu morrer. Dizendo estas palavras,
Se quiz ferir co' a sua mesma lança:
Mas logo o sustiverão, e do filho
Lhe arrancaraõ o corpo. O triste Velho
N'hum desmaio cahio, e foi levado
A' sua tenda, onde recolhendo
Hum tanto as suas forças, ao combate
Quiz tornar: mas invito o retiverão.
Procuravaõ-se Adrasto, e Filotetes:
Os olhos de hum, e outro scintillavaõ

Bem como os de hum leão , ou leopardo ,
 Que nas campinas , que o(21) Caistro rega ,
 Tentaõ despedaçar-se mutuamente.
 As ameaças , o furor guerreiro ,
 É a vingança cruel nos seus ferozes
 Olhos reluzem. Levaõ morte certa
 Por toda a parte os tiros que elles lançaõ.
 Já se vem hum ao outro. Filotetes
 Empunhou huma das terriveis settas ,
 Que nunca em suas mãos erraraõ tiro ,
 É das quaes a ferida era sem cura.
 Marte porém que protegia o fero ,
 É destemido Adrasto, que morresse
 Taõ cedo naõ soffreo , porque queria
 Por elle prolongar o horror da guerra.
 A' justiça dos Deoses reservado
 Estava Adrasto para o sangue humano
 Derramar em castigo de seus crimes.
 Quando hia a *accommettello* , Filotetes
 Com hum bote de lança foi ferido
 Por Amfimaco hum moço de Lucania ,
 Inda mais lindo que (22) Niréo famoso ,
 Que em formosura só cedia a Achilles
 Entre todos os Gregos , que de Troia

Ao

(21) O Caistro , hoje Calais , he hum rio da Natolia na Asia.

(22) Niréo era Rei de Naxos , hoje Niolia , muito gentil , mas por extremo cobarde.

Ao sitio concorreraõ. Recebendo
Filotetes o golpe , a dura frecha
Despedio contra Amfimaco , que o peito
Lhe atravessou. Logo os seus pretos olhos
Amortecidos co' as espessas trevas
Da noite se cubriraõ. Sua boca,
Mais vermelha que as rosas de q' a Aurora
Quando nasce semeia o horizonte,
Lhe desfmaia. Desbotaõ-se-lhe as faces
Co' a feia pallidez ; e de improviso
Seu rosto taõ mimoso , e delicado
Se desfigura. O mesmo Filotetes
Teve delle piedade. Os combatentes
Se condoeraõ todos , quando viraõ
Manchado este mancebo c'o seu sangue ,
E torpes co' a poeira os seus cabellos
Lindos como os de Apollo. Filotetes
Depois de ter a Amfimaco vencido,
Foi do Campo forçado a retirar-se ;
Pois perdia o seu sangue , e as suas forças.
Sua antiga ferida nos esforços
Do combate de novo parecia
Abrir-se , e rezovar as cruéis dores ;
Pois de Esculapio os filhos com a sua
Sciencia divinal nunca puderaõ
Curallo inteiramente. Hia cahindo
Em hum montão de corpos defangrados
Que o rodeiaõ. Archidamas de todos

Os (23) Ebállos, que trouxe para os muros
 Levantar de Petília o mais altivo,
 E deſtro, o tira do combate, a tempo
 Que ſem ſuſto a ſeus pés o aterraria.
 O impio Adraſto, a quem ninguém reſiſte,
 Nem retarda a victoria. Tudo foge,
 Ou cahe ante os ſeus pés. He qual torrente
 Caudaloſa, que as margens trahbordando,
 Co' as vagas procelloſas leva a rojo
 Caſaes, learas, gados, e paſtores.
 Telemaco de longe eſcuta os brados
 Dos vencedores, e dos ſeus olhando
 A derrota (pois quaes tímidos cervos,
 Que pelos caçadores acollados
 Correm vaſtas campinas, brenhas, montes,
 E os mais rápidos rios, ante Adraſto
 Fugiaõ) anciou-ſe; e nos ſeus olhos
 A ira ſeintillando, deixa o ſuſto,
 Em que tão largo eſpaço pelejara
 Com tanto p'riço, e tanta gloria. Corre
 A ſuſpender os ſeus, todo cuberto
 De ſangue dos contrarios, que eſtendera
 Pelo Campo. Adianta-ſe; e arranja
 Hum grito, que de todos foi ouvido.
 Não ſei que de terrivel lhe pozera
 Na voz Minerva, que eſtrugio os montes

Vi-

(23) Ebállos eraõ povos de Italia viſinhos de Tarento.

Viſinhos. Nunca fez na Thracia Marte
 A ſua voz ſoar mais rijamente, (morte
 Quando as furias do Averno, a guerra, e a
 Convoca. Mete o brado de Telemaco
 No coração dos ſeus ferga, e audacia.
 Gelaõ de eſpanto as tropas inimigas.
 De ſogobrar-ſe Adraſto ſe envergonha.
 Huns ſinceros preſagios o amedrentaõ.
 Não o alenta já valor tranquillo,
 Mas o furor. Tres vezes começaraõ
 A dobrar-ſe os ſeus tremulos joelhos.
 Tres vezes reccaou, no que fazia
 Não attentando. A pallidez, e intento
 Suor frio ſeus membros lhe cubriaõ.
 A rouca, e preza voz lhe não deixava
 As palavras ſindar. Cheios de eſcuro
 E ſtammejante fogo pareciaõ
 Os ſeus olhos ſabircin-lhe do roſto.
 Parecia hum Oreſtes avexado
 Pelas Furias com todos os ſeus membros
 Convulſos. Foi entaõ a vez princira
 Que começou a crer que havia Deoſes.
 Entaõ imaginou vê-los irados,
 E ouvir a ſurda voz, que das entranhas
 Do abyſmo ſahe para o chamar ao Tartaro.
 Tudo lhe faz ſentir a maõ celeſte,
 E inviſivel ſuſpenſa ſobre a ſua
 Cabeça, e que ſe enſaia para o golpe

Def-

Descarregar sobre ella. No seu peito
 Amortece a esperanza ; e a affoiteza
 Se lhe dissipa , como a luz do dia
 Desapparece , quando o Sol se engolfa
 Pelo leio das ondas , e se cobre
 Com as sombras da noite a fria terra.
 A derradeira hora se chegava
 Ao impio , a quem os Deoses muito antes
 Tirariaõ da terra , se os humanos
 Naõ merecessem taõ cruel flagello.
 Corre alheio de si para o seu tado
 Inevitavel. O horror , a raiva ,
 O furor , os remorsos rigorosos
 O seguiaõ. Apenas vê Telemaco ,
 Julga ver o Averno todo aberto ,
 E borbotões de chamma , que a tragallo
 Do negro (24) Flegetonte promptes saltaõ.
 Brada: e lhe fica a boca meia aberta ,
 Articular as vozes naõ podendo ;
 Como hã homé q em sonho horrendo, e feio
 Abrindo a boca por fallar se aneia ,
 E lhe falta a palavra que em vaõ busca.
 Chuma tremula maõ precipitada
 Lança contra 'l'elemaco o seu dardo :
 E este intrépido , como protegido
 Dos Deoses , com o seu broquel se ampara.
Pa-

(24) O Flegetonte he hum rio dos Infernos ,
 cujas ondas saõ de fogo.

Parece que a victoria com as azas
Amparando-o, huma coroa lhe sustenta
Já na cabeça. A plácida, e affavel
Valentia lhe brilha nos seus olhos.
Taõ sábio, e comedido era nos p'rigos
Majores, que o teriaõ por Minerva.
Cahc em terra no escudo despontado
De Adrasto o dardo. Entaõ a espada arranca
Apressado; e Telemaco isto vendo,
Arroja o inutil dardo, e arranca a sua.
Quando os viraõ assim combater ambos
De perto, os outros todos em silencio
Depozeraõ as armas para olhallos
Attentos; e o destino dessa guerra
Do seu combate se esperou. As duas
Espadas scintillantes quaes relampagos
Ao despedir o raio muitas vezes
Se cruzaaõ, e sacodem nas pulidas
Armas inuteis golpes. Já se arredaaõ,
Já se torcem, se acurvaõ, se levantaõ
De repente, e se travaõ. A viçosa
Hera, que nasce ao pé de antigo ormeiro
No duro tronco abraços mais cerrados
Naaõ dá com a ramagem entrançada
Té a altura maior, como se estreitaõ
Hum ao outro os ferozes combatentes.
Nada tinha perdido ainda Adrasto
Da sua força natural. Telemaco

Ain-

Ainda conservava toda a sua.
 Adrasto procurou desprevenido
 Colher seu inimigo , e abalallo.
 Do moço Grego tenta em vão a espada
 Tirar. Mas no momento em que a procura,
 Levantando-o Telemaco da terra
 O arroja sobre a areia. Entã da morte
 Mostrou hum vil temor. Este tyranno,
 Que havia sempre desprezado os Numes,
 Teve vergonha de pedir-lhe a vida;
 Mas deixar de mostrar que a desejava
 Não pôde. De Telemaco a picdade
 Excitar pretendeo. Filho de Ulysses,
 Lhe diz , em fim conheço , q̃ os supremos
 Numes , como mereço , me castigãõ.
 Só a desgraça abre aos mortaes os olhos
 Para ver a verdade. Agora a vejo.
 Vejo que me condemna. Mas vos mova
 Hum desgraçado Rei , e vos recorde
 A voffo Pai , que vaga longe de Itaca.
 Telemaco , que o tinha subjogado
 C'os joelhos , e tinha a espada erguida
 Para a garganta lhe cortar , responde :
 Eu só quero a victoria , e a paz dos povos,
 A quem vim soccorrer. O sangue humano
 Derramar não desejo. Em fim , Adrasto ,
 Vivei ; porém vivei para os defeitos
 Reparar , entregando o que usurpastes ,

E tornando o sócego á fertil Costa
 Da grande Hesperia , q̃ por vós manchada
 Foi com tantas traições , e tantas mortes.
 Vivei ; porém trocado em outro homem.
 Sabei que os Deoses immortaes são justos ;
 Que os maos são desgraçados ; q̃ se enganaõ
 A si quando procuraõ na violencia ,
 Na fraude , e na crueldade o bem supremo ;
 Que nada ha tão feliz como a virtude
 Verdadeira , e constante. **A Metrodoro**
 Como refens nos entregai , e a doze
 Dos Chefes principaes do vosso povo.
 Dizendo estas palavras, deixa erguello ,
 E a sua maõ lhe dá, sem ter receio
 Da sua falsa fé. Porém Adrasto
 Hum pequeno punhal , que tinha occulto ,
 Lhe vibra entãõ. Elle era tão agudo ,
 E com tanta destreza foi lançado ,
 Que passaria as armas de Teicimaco ,
 Se não fossem divinas. Neste tempo
 Adrasto atrás de huma arvore se acolhe
 Para o não alcançar o moço Grego ,
 Que entãõ exclama : Daunios , a victoria
 He nossa. Bem o vedes. O tyranno
 A' traição se salvou. A morte teme
 O que nunca temor teve dos Numes ,
 Pois quem os teme nada mais receia.
 Fallando assim aos Daunios se dirige ,

E faz signal aos seus para que cortem
 Ao pérido o caminho. Teme Adrasto
 Ser apanhado : retrocede os passos.
 Com os moços Cretenfes, q' lhe embargaõ
 A passagem , combate. De improvifo
 Telemaco ligeiro , como o raio
 Q' a mão do Pai dos Deofes do alto Olympo
 Lança sobre as cabeças criminofas ,
 O inimigo acomette. Trava delle
 Com mão victoriosa , e o lança em terra ,
 Qual Aquilo indignado acama as tenras
 Vaftas fearas , que as campinas douraõ.
 Já o não ouve , inda que o impio tenta
 Outra vez abusar-lhe da bondade
 Do coração. Em fim lhe embebe a espada ;
 E do Tarraro escuro o precipita
 Nas chammas ; digna pena de seus crimes.



LIVRO XXI.

MOrto apenas Adrasto , os Daunios to-
 E a perda do seu Chefe , se alegraraõ
 Vendo-se livres ; e em signal de pazes
 Estenderaõ as mãos aos Alliados.
 Fugira com vileza Metrodoro ,
 De Adrasto filho , a quem o pai criara
 Nas maximas da fraude , e da injustiça.
 Mas hum escravo complice em seus crimes,
 A quem forrara , a quem de bens encherá,
 E de quem na fugida se fiara ,
 Pelo proprio interesse lhe foi falso.
 A' traição o matou , quando fugia.
 Cortando-lhe a cabeça , a trouxe ao Campo
 Dos Alliados , avultado premio
 Esperando de hum crime que acabava
 A guerra. Mas horror d'esse malvado
 Tiveraõ , e mandaraõ dar-lhe a morte.
 Tendo visto Telemaco a cabeça
 De Metrodoro , Principe adornado
 De formosura , e de indole excellento ,
 Mas estragada pelos vis prazeres ,
 E pelos máos exemplos , não podendo

Conter as ternas lagrimas, exclama
 D'esta arte: Eis o q̃ faz n'hu moço Príncipe
 O veneno da prospera fortuna.
 Quanto mais seus talentos reconhece,
 Mais se affasta das regras da virtude.
 E eu talvez assim fora, se as desgraças,
 Eu que nasci, com o favor dos Numes,
 E instruções de Mentor não me ensinassem
 A comedir-me. Os Danios congregados
 Por condição de paz entã pedirã
 Lhes fosse permitido a hum Monarca
 Do seu povo escolher, o qual pudesse
 Com as suas virtudes o opprobrio
 Acabar, com que havia o impio Adraço
 O throno deslourado. Aos Deoses davaõ
 Graças, porque atterraraõ o tyranno.
 Vinhaõ beijar em chusma de L'elemaco
 A mão, que se enfopara deste monstro
 No sangue, a sua perda reputando
 Por triumpho. Cahio em hum momento
 Assim esta potencia, que na Hesperia
 Ameaçava as outras, e fazia
 Tremer a tantos povos. Similhante
 A certas terras, que partcem linces,
 E immoveis, mas por baixo pouco a pouco
 Se minaõ. Muito tempo se escarnece
 O pequeno trabalho, que lhe ataca
 Os fundamentos. Tudo igual, e unido

Parece. Não se abala : mas depressa
 Tudo se aluc , e abre em hum abyfmo.
 (1) Assim cava a si mesmo o precipicio
 Huma potencia enganadora , e injusta ,
 Supposto que por meio da violencia
 Algum successo prospero adquirisse.
 A fraude , e crueldade pouco a pouco
 Vaõ cavando os mais sólidos principios
 Da Regia Authoridade. Sim a admiraõ ,
 Temem , e tremem té aquelle instante
 Em que finda : mas cabe co' o mesmo pezo ,
 E nada a pôde erguer : pois co' as mãos pro-
 Destruio os esteios verdadeiros (prias
 Da boa fé , e sólida justiça ,
 Que grangeaõ amor , e confiança.
 Do Exercito os Cabos se ajuntaraõ
 Depois para hum Monarca dar aos Daunios ;
 E causava prazer ver os dois Campos
 Confundidos por huma inesperada
 Amizade. Nestor neste concelho
 Não pôde achar-se , porque a acerba magoa
 Junta com a velhice lhe apoucara
 Seu coraçãõ , bem como a chuva abate ,
 E marcha a flor , que na manhã serena
 Era dos verdes campos gloria , e ornato.
 Tor-

(1) Assim as prosperidades de Luiz XIV. em lugar de assegurarem huma verdadeira felicidade ao seu Reino , lhe cavaraõ pouco a pouco o precipicio.

Tornaraõ-se seus olhos duas fontes,
Que seccar não podia. Longe d'elle
Fugia o somno, que adormece as magoas
Mais agudas. A esperanza, que he a vida
Do coraçãõ do homem, a pagada
Neile estava. Era a este infeliz Velho
Todo o sustento amargo. Insopportavel
Lhe era a luz. A sua alma desejava
Deixar o corpo, e na perpetua noite
Engolfar-se do Reino tenebroso
De Plutaõ. Seus amigos lhe fallavaõ
Debalde. Dos desvêlos da amizade
O afflicto coraçãõ se desgostava,
Qual pallido doente se desgosta
Da melhor iguaria. Com gemidos,
E soluços a tudo o que podiaõ
Dizer-lhe de mais terno, respondia.
Ouviaõ-lhe dizer de espaço a espaço:
Pisistrato, meu filho, tu me chamas.
Já te fingo. Suave a minha morte
Me tornarás. O' meu querido filho!
Só desejo tornar ainda a ver-te
Nas ribeiras da Estyge. Horas inteiras
Depois passava sem dizer palavra (olhos
Gemendo, e erguendo ao Ceo as mãos, e os
Arrazados de lagrimas. Em tanto
Os Cabos congregados esperavaõ
Telemaco, que estava junto ao corpo

De Pisistrato , flores no cadaver
Derramando ás mãos cheias , com perfumes
Exquisitos , e lagrimas amargas
Vertendo. O' meu querido companheiro !
(Lhe dizia) Jámais de haver-te visto
Em Pilos , de te haver seguido a Esparta ,
E de achar-te outra vez na grande Hesperia
Perderei a lembrança. Mil desvêlos
Te devo. Mutuamente nos amámos.
Conheci teu valor , que excederia
O dos famosos Capicães. Gloriosa
Morte te deu : porém huma nascente
Virtude igual á de teu Pai nos tira.
Sim , tu serias na madura idade
Em tudo semelhante ao sabio Velho ,
Que he portento da Grecia. Tu já tinhas
A doce insinuaçãõ , quando fallavas ,
A que tudo cedia ; o modo ingenuo
De referir as coizãs ; a prudente
Moderaçãõ , que para os agastados
Animos aplacar serve de encanto ;
E aquella authoridade , que procede
Da prudencia , e da força dos conselhos.
Quando fallavas , todos te attendiaõ.
Prevenidos achar-te desejavaõ
Todos razaõ. Tuas singelas vozes
Os corações banhavaõ , como o orvalho
As verdes hervas. Tantos bens, q̃ ha pouco

Possuímos , nos faltaõ para sempre.
 Pílistrato , a quem tive hontem nos braços,
 Não vive já , nem d'elle mais nos resta
 Que huma triste lembrança. Se tivesses
 Ao menos de Nestor cerrado os olhos ,
 Não seria elle o pai mais desgraçado.
 Telemaco depois destas palavras
 Fez lavar a ferida sangüinosa
 No lado de Pílistrato. Entãõ posto
 Sobre hum purpurco leito co' a cabeça
 Curvada , e tinta com a cõr da morte,
 Se parecia a huma arvore , que havendo
 Cuberto a terra com a freixa sombra ,
 E erguido para o Ceo os tenros ramos ,
 De hum lenhador zo cõrte do machado
 Foi decepada. Co' a raiz não prende ,
 Nem co' a fecunda terra , que em seu seio
 Lhe nãtre as fibras. Marcha , e se desbota
 Sua verdura , e cahe. Já seccoos rojaõ
 Pela poeira os ramos , que encubriaõ
 O Ceo. Já não he mais q' hũ tronco informe
 E de gala despido. Assim Pílistrato ,
 Preza da crua morte , era levado
 Sobre os hombros daquelles , que o deviaõ
 Pôr na pyra fatal. Ao Ceo subia
 A chamma. Já de Pílios huma tropa
 C'õs olhos baixos , e arrazados d'agos ,
 Com as armas voltadas , lentamente

O conduziaõ. Logo ardeo o corpo.
Em aurea urna as cinzas foraõ postas.
Telemaco a conõia , qual thesouro
Precioso a Calimaco , que fora
De Pisistrato aio ; e assim lhe disse :
Estas cinzas guardai , resto precioso
Daquelle a quem amastes. Sim, guardai-as
Para seu pai ; mas naõ lhas deis , em quanto
Elle para as pedir naõ tenha forças
Bastantes. O q̃ aggravava a dor n'hum tempo,
A adoça em outro. Entrou depois Telemaco
No congresso dos Reis confederados ;
E logo cada hum para escutallo
Se calou. Cõrou elle , e naõ podiaõ
Obrigallo a fallar. Elle quizera
Occultar-se. O louvor continuado
Do povo todo lhe augmentava o pejo.
Foi esta a vez primeira que perplexo ,
E pẽturbado o viraõ. Finalmente
Pedia que de lhe darem elogios
Cessassẽm. He verdade que eu os amo ;
Lhes disse , pois mos daõ taõ bons cõtraõtes
Da virtude ; mas temo amallos muito.
Elles estragaõ os mortaes , e os enchem
De si ; e os fazem vaõs , e presumpcosos.
Devem-se merecer ; porẽm fugir-se.
Os melhores louvores se parecem
C'os falsos. Saõ os homens mais perversos

Os tyrannos , e saõ a quem mais louvaõ.
 Porém que vale o ser assim louvado ?
 Os bons louvores saõ os que na ausencia
 Hajais de dar-me , sendo taõ ditoso
 Que os mereça. Se credes que eu bom seja ,
 Deveis crer , que desejo ser modesto :
 E se me amais , naõ me louveis , qual homem
 De louvor desejoso. Naõ responde
 Mais nada aos que a exaltaõ proseguiaõ.
 Com ar indifferente lhes rebate
 Os elogios. Augmentou com tudo
 A admiraçaõ ; pois todos bem sabiaõ
 Qual ternura a Pisistrato mostrara ,
 E o que se desvelou para prestar-lhe
 Os ultimos officios. Todo o Exercito
 Mais ficou commovido a estas mostras
 De bondade , que a todos os prodigios
 De prudencia , e valor. Huns para os outros
 Diziaõ em segredo : He forte , e sabio ;
 He o amigo dos Numes ; e da nossa
 Idade heroe : mas isto naõ excede
 O espanto. Elle he humano , bom amigo ,
 Fiel , e terno , liberal , benéfico.
 He todo para aquelles , que amar deve ;
 E as delicias de todos com quem trata.
 Já deixou a soberba , a indifferença ,
 E fereza. E esta bella qualidade
 Faz que sensiveis ás virtudes suas

Arif-

Arrisquemos por elle as proprias vidas.
 Fintos estes discursos , propozeraõ
 A precisãõ de nomear Monarca
 Aos Daunios. Dos que estavaõ em Concelho
 A maior parte a divisãõ das terras
 Como hum paiz por elles conquistado
 Votaraõ. Offereceraõ a Telemaco
 O territorio de (2) Arpi , que da loura
 Ceres os ricos dons por duas vezes
 Em cada anno produz , os saborosos
 Mimos de Baccho , e os frutos sêpre verdes
 Da oliveira a Minerva consagrados.
 Esta terra fará que vos esqueçaõ
 Itaca pobre , e as rusticas cabanas
 Com os medonhos cerros de (3) Dulichia ,
 E as matas de Zacyntho. He já baldado
 Buscar Ulysses mais , que já nas ondas
 Do Promontorio Cáfare de (4) Nauplio
 Por

(2) Arpi era huma Região da Apulha Daunia , cuja capital se chamava Argiripa.

(3) Dulichia , hoje Diaski , he huma pequena Ilha do mar da Grecia no Golfo de Patra ao Oriente da Ilha de Cefalonia.

(4) Nauplio Rei de Eubéa , indignado contra os Gregos pela injusta morte de seu filho Palamedes , accendeo fogos sobre o monte Calateu , hoje Cabo de Eigueira , para chamar a frota dos Gregos a naufragar nas rochas : mas foi mal succedido , porque Ulysses , e Dionedus tomaraõ outra derrota.

Por vingança , e rancor do Deos Neptuno
 Perceberia , ou vossa mãe Penelope ,
 A quem possuem já os seus amantes ,
 Ou em fim vossa patria , cuja terra
 O Ceo não favorece , como a esta.
 Telemaco em sócego estes discursos
 Ouvia. Mas as rochas de Thessalia ,
 E da Thracia não são mais insensíveis ,
 E surdas dos amantes desgraçados
 A's tristes queixas , do que foi Telemaco
 A taes ofertas. Respondeo : Não movem
 Meu coração deleites , nem riquezas.
 Que importa possuir mais larga terra ,
 E reger maior numero de povos ?
 He maior o estorvo , e a liberdade
 Menor. A vida he cheia de bastantes
 Desgraças para homens os mais sabios ,
 E prudentes , sem dar-lhes o trabalho
 De governar os povos revoltosos ,
 Falsos , indocéis , infieis , iníquos.
 He hum impio , cruel , e dos humanos
 Flagello aquelle , que por seu resprito
 Quer imperar aos homens , só olhando
 Ao seu prazer , authoridade , e gloria.
 O que ao contrario quer reger os povos
 Para proveito delles , e segundo
 As verdadeiras regras , este menos
 He amo que tutor. Dalli só tira

O excessivo trabalho ; e está bem longe
 De extender seus dominios. Similhante
 Ao pastor, que não iraga o seu rebanho,
 Que o defende dos lobos esfaimados
 Expondo a sua vida, que vigia
 A toda a hora a fim de conduzi-lo
 Aos bons pastos, o numero das rezes
 Accrescentar não quer, nem aos vizinhos
 Tirar as suas. Augmentar trabalho
 Isto seria. Ainda que eu não tenha
 Governado (Telemaco accrescenta)
 Instrui-me co' as leis, e com os Sabios,
 Que as declaraõ, de quanto he trabalhoso
 Governar as Cidades, e os Imperios.
 De Itaca estou contente. Inda que seja
 Ilha pequena, e pobre, terei gloria,
 Se com valor, justiça, e piedade
 Nella reinar. Talvez eu cedo reine.
 Os Deuses queiraõ que ao furor das agoas
 Escapando meu Pai té á extrema
 Velhice reine, e eu possa aprender d'elle
 A vencer as paixões para as dos povos
 Conter. Depois prosegue: Ouvi, ó Principes
 Congregados, o que inda mais dizer-vos
 Devo por vosso bem. Se dais aos Daunios
 Hum Rei que seja justo, com justiça
 Os regerá, mostrando quanto importa
 Manter a boa fé, e dos vizinhos

Naõ

Não usurpar os bens , o que ignorarão
 No reinado de Adrasto. Em quanto forem
 Assim regidos por hum Rei prudente ,
 Devendo-vos o Rei , paz , e sossego
 Vos deverão. Bem longe de atacarvos ,
 Mil bens vos rogarão. Vossa feitura
 Será o Rei , e o povo. (5) Se ao contrario
 Entre vós suas terras dividirdes ,
 Vos prognostico já estas desgraças.
 Os Daunos consertados logo a guerra
 Justamente a favor da liberdade
 Renovarão. Combaterão com elles
 Os Deoses inimigos dos tyrannos.
 E se os Deoses se empenhaõ, tarde , ou cedo
 Confundidos sereis. As vossas ditas
 Se desfarão qual fumo. Aos vossos Cabos
 Baitará o conselho , ás vossas tropas
 O valor , e a abundancia ás vossas terras.
 Temerarias serão vossas emprezas.
 Tereis odio á verdade ; e de repente
 Vos perdereis. Dirão de vós : São estes
 Os florecentes povos , que intentavaõ

Dar

(5) Assim o Principe de Condé , e o Visconde de Turenna fallarão ao Rei , que queria ficar com todas as suas conquistas do anno de 1672 , e repartillas com o Rei de Inglaterra. Mas prevalecendo o conselho contrario , depois os Hollandezes combaterão pela sua liberdade ; e as prosperidades de França se desfizerão como o fumo.

Dar leis a toda a terra? E agora fogem
 Diante do inimigo, e são ludibrio
 Das mais Nações, q' com os pés os pizaó!
 Tanto tem feito os Deoses, e o merecem
 Povos crueis, injustos, e soberbos.
 Contra vós animais vossos visinhos.
 A liga, que de Hesperia a liberdade
 Teve por fim contra o tyranno Adrasto,
 Se fará odiosa. Os povos todos
 De haverdes aspirado á tyrannia
 Haó de accusar-vos com razaó. Supponho
 Porém que vencereis assim aos Daunios,
 Como as outras Nações: essa victoria
 Será vossa ruina, desfanindo
 A todos. Pois não he a vossa empreza
 Em justiça fundada, alguma regra
 Não haverá que as pertençaõs contenha.
 Cada hum quererá que a sua parte
 Nessa conquista ao teu poder se molde.
 Nenhum de vós bastante authoridade
 Terá para fazer tranquillamente
 A partilha. Eis aqui origem certa
 De huma guerra, a que nem os vossos netos
 Veráó o fim. (6) Não vale mais ser jullo,
E

(6) Se o Rei tivesse usado de mais moderaçãõ
 com os Hollandezes, quando lhe enviaraõ Embai-
 nadores ao Campo junto de Utrecht, elle não ter-
 ria sido obrigado a abandonar todas as suas conquistas

E moderado , que seguir com tanto
 Risco , e a través de inevitaveis males
 Humã torpe ambição? A paz profunda ,
 Os prazeres suaves , que acompanhaõ
 A abundancia feliz , a gloria annexa
 A' justiça , a amizade c'os vizinhos ,
 Em fim a authoridade , que se adquire
 Sendo arbitro dos povos estrangeiros ,
 São bens mais estimaveis , do que a louca
 Vaidade de fazer grandes conquistas.
 O' Principes ! O Reis ! vede que fallo
 Sem interesse. Ouvi a quem vos ama
 Tanto , que não recceia ao vosso gosto
 Opposição fazer , para a verdade
 Vos descobrir. Em quanto assim fallava
 Telemaco com tanta authoridade ,
 Qual se não tinha visto em algum outro ,
 E os Principes pasmados , e suspensos
 Seus prudentes conselhos admiravaõ ,
 Se espalhou o rumor em todo o Campo
 De que havia aportado hum estrangeiro
 Naquellas Costas c'humã tropa de homens
 Armados , o qual tinha aspecto nobre.
 Este desconhecido parecia
 Heróe , e o seu valor o tinha posto
 Acima das desgraças. Ao principio
 Expulsallo quizerãõ , recceando

A invasaõ. Mas havendo a sua espada
Intrépido arrancado, declarou-lhes
Que se defenderia, se o atacassem;
Mas que elle só a paz, e a hospedagem
Pedia: e logo hum ramo de oliveira
Apresentou com supplicante gesto.
Ouviraõ-no. Pedio ter conduzido
A' presença dos Reis da grande Hesperia.
No Congresso apparece: mas com tanta
Magestade que fez assombro a todos.
Facilmente se creta que era Marte,
Quando nos Thracios Campos suas hostes
Sanguinosas ajunta. Assim começa:
O' Pastores dos povos, congregados
Aqui para dos voilos inimigos
Defenderdes a patria, ou as leis justas
Promoverdes, ouvi hum perseguido
Da fortuna. O Ceo queira que taes damnos
Jámais experimenteis. Eu sou Diomedes
Rei da fatiosa Etholia. Feri Venus
Em o cerco de Troia; e desta Deosa
A vingança por todo o Universo
Me persegue. Neptuno, que á divina
Filha das aguas recusat não pôde
Coisa alguma ao furor das roucas ondas,
E dos horridos ventos, que cem vezes
Tem nas rochas quebrado os meus navios,
Me

Me entregou. De tornar a ver meu Reino,
 Minha familia, e a cara luz da patria
 Me tirou toda a esperança a cruel Deosa.
 Neste ignoto paiz depois de tantos
 Naufragios busco a paz, e hũ brando asylo.
 Se honrais os Deoses, maiormente a Jove,
 Que tem a seu cuidado os estrangeiros;
 Se sois compadecidos; nestes vastos
 Paizes algum canto de huma terra
 Esteril, ermos areas, ou rochas
 Escarpadas, aonde huma Cidade
 C'os meus erga, me dai, a qual da patria
 Seja huma triste imagem. Naõ queremos
 Mais do que algum baldio, que vos seja
 Inutil. Vivremos em estreita
 Amizade convosco. Serãõ nossos
 Os vossos inimigos. Tomaremos
 Os vossos interesses. Só pedimos
 A liberdade de guardar os patrios
 Costumes. Supplicava assim Diomedes:
 E Telemaco tendo os olhos fixos
 Sobre elle, no seu rosto as differentes
 Paixões mostrava. Quando os seus trabalhos
 Começou a contar, elle esperava
 Fosse seu Pai este homem magestoso.
 Apenas declarou que era Diomedes,
 Se fez pallido o rosto de Telemaco,
 Qual tenra flor que os Aquilões soberbos
C'o

C'o pestilente halito murcharaõ.

Depois quando Diomedes se queixava

Das longas iras da cruel Deidade ,

Delle se lastimava , recordando

Iguaes desgraças de seu Pai , e suas.

Lagrimas de ternura , e de alegria

Lhe banhavaõ as faces ; e a Diomedes

De improviso correo para abraçallo.

Eu sou , lhe disse entaõ , filho de Ulysses

Vosso amigo , que naõ vos foi inutil ,

Quando junto com elle ao Thracio Rhezo

Os cavallos tomastes. Sem piedade ,

Bem como a vós, o tem tratado os Numes.

Se do Erebo os Oraculos naõ mentem

Ulysses inda vive. Mas oh magoa !

Naõ vive para mim. Deixei a Itaca

Para buscallo ; e agora ver naõ posso

Nem Itaca , nem elle. Pelas minhas

Desgraças ponderai quanto as alheias

Enternecer-me devem. A vantagem

Que ha em ser infeliz , he ser piedoso

Para os outros. Ainda que estrangeiro

Neste Paiz , ó grande Diomedes ,

Depois de Achilles entre os Gregos todos

O mais invicto , pois na minha infancia ,

A pezar das desgraças que opprimiraõ

A minha patria , fui da vossa gloria

Instruido , bem posso soccorrer-vos.

Os

Os Principes que vedes , são humanos ;
E sabem que não ha valor , virtude ,
Ou gloria sem o amor da humanidade.
A' gloria dos mortaes dá novo lustre
A desgraça. Sem ella dar não podem
Exemplos de paciencia , e de constancia.
Aos corações , que prézaõ a virtude ,
Enternece a virtude attribulada.
Pois os Deoses a nós vos conduzirão
Para vos consolar , he hum presença
Que nos fazem , e fomos venturosos
Em fazer mitigar as vossas magoas.
Em quanto assim fallava , Diomedes
Attonbrado para elle olhava attento ,
E sentia seu peito enternecer-se.
Abraçaraõ-se , como se ligados
Fossem de longo tempo com estreita
Amizade. De Úlysses digno filho ,
(Lhe diz Diomedes) reconheço o agrado
De vosso Pai ; a graça do discurso ,
A força da eloquencia , e o grande acerto
Do seu pensar. Abraça Filotetes
O grande filho de Tideo , e contaõ
Mutuamente seus tragicos successos.
Depois diz Filotetes : Ver o fabio
Nestor desejateis. Perdeo ha pouco
Pisistrato , o mais moço de seus filhos.
Só lhe resta na vida lagrimosa

Eilrada que o conduz á sepultura.
 Vem consolallo. Hum infeliz amigo
 He mais proprio a esse fim q̃ qualquer outro.
 Foraõ á tenda de Nestor, que apenas
 Conhecco Diomedes. Tanto a magoa
 O espirito, e ientidos lhe abatia.
 Dioneddes o acompanha no seu pranto;
 E á sua vista foi ao triste Vello
 Repetiçaõ da dôr. Mas pouco a pouco
 A presença do amigo a mitigava.
 Hum pouco suspendeo as suas penas
 O prazer de contallas, e os successos
 Ouvir de Diomedes. Mas em tanto
 Com Telemaco os Cabos alliados
 Deliberavaõ. Persuadio Telemaco
 Se dêsse o paiz d'Arpi a Diomedes,
 E se escolheffe para Rei dos Daunios
 Hum seu famoso Capitaõ, chamado
 Polidamas, a quem jámais Adrasto
 Quiz empregar, temendo que o successo
 Da victoria, que já se prometia,
 Se attribuisse a elle. Muitas vezes
 O advertira Polidamas, que expunha
 A sua vida, e a salvaçaõ do Estado
 Nesta empreza difficil contra tantas
 Nações confederadas; e quizera
 Obrigallo a portar-se c'os vizinhos
 Mais recto, e comedido. Mas os homens
Que

Que a verdade aborrecem , se desgostão
Dos que tem o esforço de a dizerem.
Zelo , desinteresse , ligeleza
Não os abalaõ. Contra os sãos conselhos
O coração de Adrasto endurecia
Enganosa ventura , que lhe dava
Dos inimigos seus triumpho certo ,
Não os seguindo. A altivez , violencia ,
E má fé a vitória ao seu partido
Chamavaõ , e fugiaõ as desgraças ,
Com que de tanto tempo o ameaçava
Polidamas. Assim zombava Adrasto
Da tímida prudencia , que antevia
Os perigos. Era a Adrasto intoleravel
Polidamas. Por isso o desviava
Dos cargos , e o deixava n'humã pobre
Solidad' perecer. Atribulou-se
Polidamas com esta desventura
Ao principio. Mas logo abrindo os olhos
Acerca da vaidade das fortunas ,
Prudente se tornou á sua culta.
Contentava-o ter sido desgraçado.
Aprendeo a soffrer ; e costumou-se
A viver parcamente , alimentando
Com a verdade o espirito tranquillo ;
A cultivar intrinsecas virtudes ,
Que são mais estimaveis , que as externas ;
E a não necessitar em fim dos homens.

Do

Do Gargano á raiz em hum deserto
 Lhe servia de casa hum cavernoso
 Kochedo. Alli as agoas de hum regato,
 Que descião do monte , faciavaõ
 A sua sede. Davão-lhe sens frutos
 Alguns arbustos. Tinha dois escravos
 Que agricultavaõ hum pequeno campo.
 Trabalhava tambem c'os proprios braços ;
 E a terra com usura o seu trabalho
 Premiava. De nada carecia.
 Naõ só tinha de frutos , e legumes
 Grande copia ; mas inda toda a casta
 De flores odoríferas. Chorava
 Alli o infortunio dos vassallos ,
 Que arrasta á sua perda a insensata
 Ambição de hum Monarca ; e cada dia
 Esperava que os Deoses justiciros ,
 Mas soffredores, o tyranno Adraito
 Punissem. Quanto mais sua fortuna
 Crescia , mais julgava approximar-se
 A inevitavel queda. (7) A imprudencia
 Feliz nos erros , e o poder levado
 Ao despotifimo são os precursores
 Da ruina dos Reis , e dos Imperios.

Tom. II.

Q.

Quan-

(7) Nunca esta maxima se verificou melhor que na pessoa de Luiz XIV. O que parecia segurar para sempre o seu poder , o precipitou de repente por huma estilha revolucão.

Quando soube dos Daunios a derrota,
 E a morte do seu Rei, contentamento
 Não mostrou, nem de havelia anunciado,
 Nem de se ver já livre do Tyranno.
 Só gemeo, receando que ficassem
 Em cativoiro os Daunios. Este o homem,
 A quem para reinar propoz Telemaco.
 Seu valor, e virtude conhecia;
 Pois segundo Mentor lhe aconselhara,
 Tomava informaçã das más, ou boas
 Qualidades dos homens empregados
 Nos cargos mais notaveis. Seu deívêlo
 Era indagar nos homens os talentos,
 Ou as virtudes. Ao principio o Cetro
 A Polidamas dar os Alliados
 Repugnavaõ. Diziaõ: Nós sabemos
 Quanto se faz remivel aos vilinhos
 Hũ Rei dos Daunios, quando préza a guerra.
 Polidamas, pois he taõ bom soldado,
 Nos póde arremessar a grandes p'rigos.
 Telemaco lhes torna: (8) He instruido
 Polidamas na guerra; porém ama

A

(8) He o Principe de Conti, eleito Rei de Polonia em 1697. Luiz XIV. o afastou de todos os cargos, e o deixou viver pobremente na lidaõ, porque não quiz casar com huma filha natural do Rei, e porque disse mal d'este Monarca na viagem que fez á Ungria, não sendo entãõ tenaõ Principe de la Roche-sur-Yon.

A doce paz. Hum homem, que conhece
As desgraças, os riscos, e embarços
Da guerra, he mais capaz para evitalla
Do que outro algum nas armas inexperto.
Já aprendeo a desfructar a vida
Tranquilla; condemnou do impio Adrasto
As emprezas; previo seu fim funesto.
He mais para temer hum Rei cobarde,
E ignorante, que só vê pelos olhos
Do soberbo Valido, ou do Ministro
Lifongeiro, inquieto, e ambicioso,
Que o sabio que por si decide tudo.
Aquelle como cego fará guerra
Sem a querer fazer. Nem segurança
Tereis da sua parte; pois não pôde
Elle mesmo de si estar seguro.
Faltará ás promellas; e no triste
Extremo vos porá, ou de o fazerdes
Perecer, ou de que elle vos derrote.
Não he mais util, mais seguro, e ainda
Justo, e nobre, dos Daunios fielmente
Seguir a confiança, e conceder-lhes
Hum Rei de reinar digno? Este discurso
Persuadio o Congresso. Propozeraõ
Polidamas aos Daunios, que impacientes
A proposta esperavaõ. Quando ouviraõ
Esse nome, exclamaraõ: Conheceremos
Agora a boa fé dos Alliados,

Qii

E

E que fazer pertendem paz eterna ;
Pois nos daõ por Monarca hũ homem justo
E capaz de reger-nos. Esta escolha
Nos mostra huma candura verdadeira.
Nós á face dos Nomes protestamos
Que haõ de retroceder primeiro os rios
Para a sua nascente , que deixemos
De amar Reis taõ benéficos. Os nossos
Ultimos netos deste beneficio
Queira o Ceo que se lembrem , e renovem
De geraçaõ em geraçaõ de Hesperia
Em toda a Costa a paz da idade de ouro.
Depois propoz Telemaco , que dessem
O territorio de Arpi a Diomedes
Para nelle fundar huma Colonia.
Obrigado tereis o novo povo.
Lembraí-vos de que devem mutuamente
Amar-se os homens. He mui vasta a terra
Para elles. Pois ha de haver vizinhos ,
Vale mais que estes sua subsistencia
Vos devaõ. Condocí-vos da desgraça
De hum Rei , q̃ ao seu paiz voltar não póde.
Unindo-se a Polidamas com laços
De justiça , e virtude só duraveis ,
Vos haõ de conservar em paz profunda ,
E vos faráõ temiveis aos vizinhos
Q' a engrandecer-se aspiré. Eis, ó Daunios,
Hum Rei , capaz de erguer a vossa gloria
Até

Até aos Ceos. Dai pois a hã Rei q' he digno
 De soccorro, huma terra a vós inuil.
 Assim vo-lo pedimos. Responderão
 Os Daunios, que negar-lho não podião,
 Pois elle para Rei lhes procurara
 Polidamas. Entrão os Daunios partem
 A buscallo ao deserto, para o Reino
 Lhe entregarem. Mas antes que partissem,
 D'Arpi as ferteis campinas a Diomedes
 Deraõ, para fundar nova Colonia.
 Com isto os Alliados se alegrarão;
 Porque podia esta Colonia Grega
 Soccorrer seu partido, se algum dia
 Os Daunios renovassem as antigas
 Usurpações, a que tão máo exemplo
 Admitto dera. Entrão os Alliados
 Principes são trataraõ de apartar-se.
 Telemaco partio co' a sua Tropa
 Sendo abraçado, em lagrimas desfeito,
 O guerreiro Diomedes, o prudente
 Nestor, e o valeroso Filotetes,
 Herdeiro digno das Herculeas frechas.



L I V R O XXII.

ARdia impaciente o moço Grego
 Por ver Mentor, e se embarcar com elle
 Para Itaca, aonde confiava
 Que seu Pai estivesse. Mas chegando
 A Salento, pasmou de ver os campos
 Vifinhos, que deixara quasi incultos
 E desertos, agora cultivados
 Como jardins amenos, e cubertos
 De expertos lavradores. Logo o teve
 Por obra de Mentor. Depois entrando
 Na Cidade, notou que havia menos
 Artifices das obras de recreio,
 E menos sumptuosos edificios.
 Disto ficou Telemaco sentido;
 Porque naturalmente amava a pompa,
 E policia. Mas outros pensamentos
 A sua alma occuparã, vendo ao longe
 Mentor, e Idomeneu vir encontrallo.
 Sentio seu coração logo inundado
 De alegria, e ternura. Elle temia
 A pezar das vantagens que lograra
 Na guerra contra Adrasto, que estivesse
 Descontente Mentor, e lhe indagava

Pa-

Para elle caminhando nos seus olhos
 Se alguma sua peccaõ lhe estranharia.
 Como a seu filho Iômeneu o abraça.
 Depois elle se arroja transportado
 A Mentor, e com lagrimas o banha.
 Mentor lhe diz: Estou de vós contente.
 Fizestes grandes erros: mas valeraõ
 Para vos conhecerdes, de vós mesmo
 Desconfiando. A's vezes mais proveito
 Dos erros se deduz, que de acções grandes.
 Estas o peito entumecendo, inspiraõ
 Ambição perigosa. Mas os erros
 Fazem entrar o homem em si mesmo,
 E a prudencia lhe tornaõ, que perderaõ
 Nos felizes successos. O que resta
 He louvardes os Numes, naõ querendo
 Que vos louvem os homens. Tendes feito
 Grandes coizas. Porém naõ he verdade
 Que naõ foi por vós mesmo que as fizestes,
 E que viciaõ de huma causa occulta,
 E estranha em vós? Da idade a imprudencia
 Capaz naõ vos faria de estragallas?
 Naõ sentis que Minerva em outro homem
 Vos transformou acima de vós mesmo?
 A Deosa suspendeo voilhos defeitos,
 Como Neptuno, quando as irritadas
 Ondas suspende, e aplaca as tempestades.
 Em quanto Idomeau varias perguntas
Aos

Aos Cretenſes fazia , que da guerra
 Vierão , de Mentôr as ſábias vozes
 Telemaco eſcutava. Com eſpanto
 Depois olhando a huma , e outra parte,
 Lhe dizia : Eſtaqui huma mudança ;
 De que a razão não ſei. Na minha auſencia
 Teve Salento algum ſucceſſo infaulto.
 Já não tem a grandeza que brilhava
 Em tudo. A prata , o ouro , as precioſas
 Pedras já ſe não vem. São já ſingelos
 Os veſtidos. São menos ſumptuoſas
 As caſas. Vaõ as artes affrouxando ;
 E a Cidade tornou-ſe em hum deſerto.
 Sorrindo-ſe Mentor , aſſim reſponde :
 E viſtes vós o campo dos contornos
 Da Cidade ? Sim vi , tornou Telemaco.
 Exerce-ſe a cultura ; e roteadas
 Eſtaõ as terras. Pois qual mais importa ,
 Lhe replica Mentor , huma Cidade
 Soberba em ouro , e prata com os campos
 Deſprezados , e eſtêreis , ou huma fertileis,
 E cultivados campos co' a Cidade
 Mediocre , e modesta em ſeus coſtumes ?
 Huma grande Cidade povoada
 De artiſtes , que as artes exercitaõ
 Proprias para eſtragar os bons coſtumes
 C'os regalos da vida , eſtando em meio
 De hum Reino pobre , e eſteril , ſe aſſemelha

A hum rio monstro de cabeça enorme,
E cujo corpo attenuado, e salto
De substancia não tem com a cabeça
Alguma proporção. Do povo o numero;
E a abundancia dos viveres são formaõ
As verdadeiras forças, e riquezas
De hum Reino. Idomeneu possui agora
Hum povo innumeravel, e indefesso,
Que enche a grãde extensaõ de todo o Reino,
E forma huma Cidade, cujo centro
He Salenio. Nós temos transferido
Para os campos os homens, que sobravaõ
Na Cidade. Attrahimos além d'isto
Para o paiz a muitos estrangeiros.
Quanto se augmentaõ mais, se multiplicaõ
Peio trabalho seu da terra os frutos;
E tal acquisição o Reino augmenta
Mais do que huma conquista. Da Cidade
Só se expullaraõ as superfluas artes,
Que desviaõ os pobres da cultura,
E depravaõ os ricos. He agora
Mais poderoso Idomeneu, que d'antes,
Quando admiraveis a grandeza sua.
O apparente esplendor huma fraqueza,
E miseria cõcondia, que depressa
Teriaõ seu Imperio subvertido.
Maior numero de homens tem agora,
E os sustenta sem custo, pois afeitos

Ao trabalho, eſtaõ promptos á d'ourenſa
 Das terras que cultivaõ. Eſte Eſtado,
 Que julgais decahido, hem depressa
 Será de toda a Heſperia a marayilha.
 Lembrai-vos, ó Telemaco, de duas
 Coiſas pernicioſas no governo,
 A authoridade injuſta no Monarca,
 E o luxo que os coſtumes contamina.
 Quando os Reis ſõ por lei ſua vontade
 Abſoluta conhecem, ſem pôr freio
 A's paixões, podem tudo. Mas á força
 De poder tudo, os alicieſtes cavaõ
 Do ſeu poder. Naõ tem já regra certa
 De governo. A' porſia os liſongeaõ.
 Naõ tem povos, mas tímidos eſcravos,
 Que vaõ diminuindo cada dia.
 Quem lhes dirá verdade? quem limites
 A' corrente porá? Tudo lhe code,
 Fogem os ſábios, e eſcondidos gemem.
 A tumida corrente trasbordada
 Ao curſo natural guiar ſõ pôde
 Algum violento ſubito tumulto.
 Muitas vezes o golpe, que podia
 Contella, a desbarata ſem regresso.
 Nada ameaça tanto a prompta quèda,
 Como huma authoridade ſem limites.
 He ſimilhante ao arco comprimido,
 O qual ſe naõ ſe affrouxa, logo eſtala.

Po-

Porém quem a affrouxallo ha de atrever-ſe?
 Idomeneu eſtava corrompido
 Com eſta authoridade liſongeira.
 Decahira do throno; mas naõ tinha
 Sido deſenganado. Foi preciso
 Que os Deoſes a Salento nos guiaſſem
 Para moſtrar-lhe o cego, e exceſſivo
 Poder, q' aos homens naõ convém; e ainda
 Eſpecies de milagres ſe fizeraõ
 Para os olhos abrir. He o ſegundo
 Quaſi incuravel mal o torpe luxo.
 Aſſim como a exceſſiva authoridade
 Damna os Reis, aſſim elle damna o povo.
 Dizem que pôde ſuſtentar os pobres
 Co' as deſpezas dos ricos, como ſe elles
 Naõ podeſſem ganhar mais utilmente
 A vida, arando a terra, ſem aos ricos
 Amollecem, ſeis torpes appetites
 Refinando. Deſta arte a Naçaõ toda
 Tem as coiſas ſuperfluas por precisas
 A' vida. Brotaõ novas, e inventadas
 Preciſões cada dia, e já naõ pôde
 Paſſar ſem coiſas, que trinta annos antes
 Se ignoravaõ. Nomea-ſe eſte luxo
 Bom goſto, perfeiçaõ das bellas artes,
 Policia da Naçaõ, vicio que chama
 Por outros inúmeros, e que he tido

Por

Por virtude. (1) Elle espalha o seu contagio
 Té a infima plebe. Os mais chegados
 Ao Rei caprichão de hombraer com elle,
 E os pequenos c'os grãdes; pois qual homẽ
 Se faz justiça? Assim o povo todo
 Obra mais do que pôde, já por fasto,
 Já por pejo ruim para a pobreza
 Disfarçarem. Ainda os que por sabios
 Condemnaõ este vicio, o naõ são tanto
 Que se affoitem a ser os que levantem
 A voz, e dem exemplos em contrario.
 A Nação se arruina; as jerarchias
 Se confundem; corrompe as almas puras
 O amor do lucro para as vãs despezas
 Sullenar. Só se trata de ser rico.
 He infamia a pobreza. Sede embora
 Habil, e virtuoso. Os outros homens
 Instrui. Alcançai muitas batalhas.
 Salvai a patria. Os vossos interesses
 Sacrificai. Se dos talentos vossos
 Naõ for realce o fasto, desprezado
 Sereis. Ainda aquelles, que riquezas
 Naõ tem, ostentaõ tellas: pois dispndem
 Como

(1) Tal era o estado de França. Viaõ-se os campos desertos, em quanto Paris estava em magnificencia. Tõta a Nação se arruinou, querendo imitar os Grandes estrugados pelo exemplo do Rei.

Como os que a tem. Ou pedem emprestado,
 Ou enganaõ, e tecem mil indignos
 Artificios. Quem ha de tantos males
 Remediar? Convém o antigo gosto,
 E os estilos mudar de hum povo inteiro,
 E dar-lhe novas leis. Quem pôde tanto
 Emprender, se naõ for hum Rei filosofo,
 Que com o seu exemplo os que blasonaõ
 Do fasto envergonhando, animar saiba
 Os sabios que por sobrios ser desejaõ
 Authorizados. Como quem desperta
 De profundo lethargo, estes discursos
 Escutava Telemaco. A verdade
 Sentia destas vozes, que em seu peito
 Se gravavaõ, qual sobre o lizo marmore
 Hum habil Escultor as feições abre,
 Inspirando-lhe vida, e movimento.
 Em silencio corria com os olhos
 O que via mudado na Cidade.
 Depois disse a Mentor: Vós tendes feito
 De Idomeu hum Principe prudente.
 A elle, e ao povo seu já desconheço.
 O que fizestes he maior que quantas
 Victorias alcançámos. O acaõ
 Tem nos lances da guerra muita parte,
 E a gloria se reparte c'os soldados.
 Mas estas obras sã da vossa mente
 Procedem. Vós sãmente trabalhaes

Contra hum Monarca, e contra o povo todo
 Para emendallo. Saõ da guerra os tranços
 Funestos , e odiosos. Aqui tudo
 He brando, puro , amavel ; e denota
 Authoridade superior ao homem.
 Os que anhelão a gloria , porque a buscaõ
 Em derramar na guerra o sangue humano ,
 E naõ em fazer bem aos outros homens ?
 Mentor mostrou no rosto huma sensivel
 Alegria de ver , que n'humma idade ,
 Em que he taõ natural embriagar-se
 Co' a gloria das conquistas , já naõ tinha
 Aquelle abuso ; e disse-lhe : O que vedes
 He louvavel , e bom : porém melhores
 Coisas inda fazer-se poderiaõ.
 Idomeneu suas paixões modera ,
 Dando-se ao bom regime do seu povo ;
 Inda porém commette grandes faltas ,
 Consequencia infeliz de antigos erros.
 Ainda quando os homens largar querem
 O mal , parece que este os vai seguindo :
 Ficão habitos máos , indole fraca ,
 Erros inveterados , e incuraveis
 Prevenções. Venturosos sã aquelles
 Que naõ se corromperaõ. Obrar podem
 O bem perfeitamente. De vós devem ,
 Mais que de Idomeneu , pedir os Numes ;
 Pois deide os tenros annos conhecestes

A verdade , e jámais fostes entregue
 A's seduções da prospera fortuna.
 Idomeaeu he sabio , intelligente :
 Mas applica-se muito ás miudezas ,
 E não contempla o todo dos negocios
 Para formar desenhos. O ser habil
 Hum Rei q he superior aos outros homens,
 Não consiste em obrar todas as coisas
 Por si mesmo : (2) antes he vaidade indigna
 Esperar conseguillo. Deixar deve
 Os miudos negocios aos Ministros
 De quem se ferve , e basta tomar contas.
 A suprema Real Authoridade
 Consiste em governar os que governaõ ,
 Observallos , provallos , corregillos.
 He baixeza zelar coisas pequenas ,
 Que consomem o tempo , e a liberdade
 Para obrar coisas grandes. Estar livre
 O espirito convém para os projectos
 Fragar. Quando elle se acha attenuado ,
He

(2) Luiz XIV. teve esta vaidade. Quiz persuadir ao Mundo que tudo fazia elle só , ao mesmo tempo que elle trabalhava sobre o plano dos negocios , que lhe preparavaõ Louvois , e Colbert ; por forma que tinha toda a honra do trabalho sem passar pelas incommodos d'elle. Era bom para trabalhar como leguado ; applicado , exacto , infatigavel , capaz de executar bem ; mas pouco apto para pensar bem.

He quaes fêzes do vinho , que não torça ,
 Nem subtiliza tem. (3) Os que governaõ
 Por mindo só olhaõ ao presente ,
 E ao futuro remoto. as tuas villas
 Não extendem. Do dia , em que se achaõ ,
 O negocio os arrasta , e lles acanha
 O espirito. Nem pôde dos negocios
 Formar-se saõ juizo , quando juntos
 Se não combinaõ n'humã certa ordem
 Para ter proporçaõ , e seguimento.
 Faltar a esta regra no governo ,
 He comparar-se ao Músico que fica
 Satisfeito de achar os sons harmonicos ,
 E a unillos , e acordallos não se cança ,
 Para formar a musica suave ,
 E branda. He parecer-se ao Architecto ,
 Que julga fazer tudo quando ajunta
 Grandes columnas , pedras bem lavradas ;
 E á proporçaõ , e ordeu dos ornatos
 Do edificio não olha. Quando a sala
 Forma , não antevê que formar deve
 Correspondente escada. Se trabalha

No

(3) Luiz XIV. metia-se com todas as mindezas ; e nada o determinava senão o presente. Com tanto que lhe dessem dinheiro para as despesas de huma companhia , não se embaraçava com as consequencias della , nem com os meios ruinosos que empregava para elle fazer.

No corpo do edificio , não se lembra
 Do pateo , ou do portal. A sua obra
 He confuso aggregado de humas partes
 Magnificas , das quaes humas não foraõ
 Tallhadas para oãtras. Esta obra
 Longe de lhe dar honra , he monumento
 Para lhe eternizar o seu descredito ;
 Pois faz ver que o artifice não soube
 Pensar taõ amplo , que o geral desenhõ
 Concebeisse. Tal he de hum genio curto ,
 E subalterno a indole. (4) Quem nasce
 Com o genio estreitado às miudezas ,
 Só para executar o que ourem manda
 He proprio. Assentai , caro Telemaco ,
 Que do Reino o governo huma harmonia ,
 Como a Musica , pede , e ajustadas
 Proporções , assim como a Architectura.
 E se quereis que ainda destas Artes
 Tire comparações , vercis patente
 A pequenez daquelles , que governaõ ,
 Por mundo. O que canta certas coizas
 N'hum concerto , não tem senaõ o nome
 De Cantor ; mas quem rege ão concerto

Tom. II.

R

As

(4) Esta he a razão porque Luiz XIV. nada fez jamais por si só Toda a sua felicidade provêto de haver tido bons Ministros. Elle havia nascido com as melhores disposições , mas formó-lhe cuidados pela educação , que he outra natureza.

As partes todas, effe unicamente
 He o Mestre da Musica. Assim mefmo
 O que as columnas lavra, he hum Canteiro,
 E hum Pedreiro o que ergue do palacio
 Hum lado; mas aquelle que desenha
 O edificio, e que tem na sua mente
 Todas as proporções, he o Architecto.
 Assim governaõ menos os que expedem
 Mais coifas: fãõ apenas fubalternos
 Obreiros. O talento verdadeiro
 Para reger o Estado he o que tudo,
 Sem que elle o obre, faz obrar os outros,
 Penfa, inventa. Transporta-fe ao futuro,
 Volta ao passado. Ordena já de longe,
 Dispoem, prepara, sem ceffar fe esforça
 A luctar contra os golpes da fortuna,
 Qual deffro nadador contra a corrente,
 E para naõ deixar nada ao acaso,
 Vela de noite, e dia. Perfuadis vos
 Que hum Pintor, que he infigne, todo o dia
 De continuo trabalhe para as obras
 Expedir? Efta lida, effe trabalho
 Servil da fantazia, o fogo todo
 Extinguiriaõ; nem o feu talento
 Trabalharia. Os impetos, e a ucfma
 Falta de ordem, conforme o gofto, e o genio
 Impellem o Pintor, fãõ proprios da arte.
 Gaita acasõ elle o tempo em moer tintas,

E

E prepara pinceis? Ifto he trabalho
 Dos difcipulos. Elle fe referva
 O idear, e lançar valentes rafgos
 Que nobreza, e paixãõ dem ás figuras.
 Volve na mente dos herões, que pinta,
 As tencões. Para o tempo em que existiraõ
 Se transporta. He precisa tanta prudencia,
 Que o feu enthufiaõmo modifique,
 Para que tudo feja verdadeiro,
 Proporcionado, exacto. Por ventura
 Menos elevaçõs, menor empenho
 De idéas bastará para formar-fe
 Hum grande Rei do q hum Pintor infigne?
 Conclui que de hum Rei confifte o officio
 Em penfar, idear grandes projectos,
 E effcolher homens habeis, que os reduzaõ
 A pratica. Telemaco responde:
 Percebo o que dizeis: porém fe as coifas
 Assim fe dirigirem sem exame
 Particular do Rei, fe enganaria
 Muitas vezes. Mentor antaõ lhe torna:
 O engano he voffo. O q naõ tem principios
 Para os negocios manjar, e ignora
 Difcernir nos vaffallos os talentos,
 Nada obra com tino, e por acaso
 Se naõ engana. Fia-fe dos falfos
 Aduladores, dos feis vaffallos
 Deffconfiando. Mas quem fabe a arte

R ii

De

De governar, e quem conhece os homens,
 Sabe o que nelles busca: e como o alcança,
 Conhece se elles são dos seus projectos
 Instrumentos capazes. E pois deixa
 Os cantados exames, tem mais livre
 O animo para ver de toda a obra
 O vulto de hum só golpe, conhecendo
 Se ao seu fim se encaminha; e se lè engana,
 Não he no essencial. Abandonando
 Baixos ciúmes, que alma vil indicão,
 Sabe que dos negocios de importancia
 Não he possível evitar-se o engano;
 Porque costumão ser enganadores
 Os homens. Mais se perde no indeciso
 Das suspeitas, que n'hum pequeno engano.
 He feliz o que he só nas cousas tennes
 Enganado; pois nunca então as grandes
 Deixaõ de adiantar-se, as quaes merecem
 De hum grande coração só os desvéios.
 Deve-se reprimir severamente
 O engano se apparece; porém deve
 Com o engano contar o que não queira
 Ser enganado. O artifice na sua
 Oficina vê tudo c'os seus olhos,
 E com as suas mãos pôde obrar tudo.
 Não he assim hum Rei n'hum grande Estado.
 Elle só fazer deve o que não pôde
 Nenhum outro fazer de seu mandado:

E

E só lhe sempre decidir as cousas
 Importantes. Os Deoses que vos amaõ,
 Vos destinão reinado em tudo sabio.
 O que vedes he menos para gloria
 De Idomeneu, que para instrucção vossa.
 Estes sabios projectos, que em Salento
 Admirais, são a fombra do que em Itaca
 Algum dia fareis, (5) se com virtudes
 Corresponderdes ao destino vossõ.
 He tempo que trataremos de sabirmos
 Daqui. Idomeneu tem hum navio
 Para o nosso retiro aparelhado.
 Então abriu Telemaco o seu peito
 A Mentor, mas com custo, acerca de huma
 Afeição, que saudades de Salento
 Lhe causava. Talvez (assim lhe falla)
 Me arguireis de que tomo facilmente
 Afeições nos lugares porque passo:
 Mas o meu coração me esfranharia,
 Se de vós reservasse que amo Antiope,
 Filha de Idomeneu. Não, meu querido
 Amigo, não he esta a paixão cega,
 Que me arrastou na Ilha de Calypso.
 Sei quanto foi profunda essa ferida,

Que

(5) Assim fallava Sr. de Fenelon ao seu discipulo destinado para subir ao Throno de seu Avô. Todas estas instrucções, e exemplos só tendião ao fim de o constituirem hum Rei perfeito.

Que me abrião Amor, e as prendeu de Eucali-
 Inda não a nomeio sem fogobro. (ris.
 Não puderaõ riscalla o tempo, e a ausencia.
 Esta prova funesta de mim mesmo
 Me faz desconfiar. Nada com esta
 Se parece a afeiçãõ, que tenho a Antiope.
 Não he amor apaixonado: he gosto,
 Persuasão, apreço. Venturoso
 Seria se com ella a minha vida
 Passasse. Se algum dia os altos Numes
 Me tornarem meu Pai, e me for dado
 Huma esposa escolher, será Antiope.
 O que nella me agrada he o seu silencio,
 A modestia, o retiro, o seu assiduo
 Trabalho, a sua industria no tecido,
 E bordado, o desvêlo do manejo
 Da casa de seu pai desde que he morta
 Sua mã, o desprezo dos enfeites,
 O esquecimento, ou antes a ignorancia
 Da sua formosura. Se lhe manda
 Idomeneu, que guie das Donzellas
 Cretenses as chorças que ellas formão
 Ao som das fructas, á risonha Venus
 Se assemelha, das Graças rodeada.
 Quando a conduz á caça, magestosa,
 E destra no arco pelas crnas brenhas
 Se assemelha a Diana, a quem assistem
 As suas Niñas. Todo o mundo a admira;

E

E só elle ignora. Quando entra
 Pelo templo dos Deoses, os sagrados
 Dons levando nos cestos, ella a mesma
 Divindade parece que o habita.
 Com que respeito a vimos sacrificios
 Offrecer para a colera dos Deoses
 Desviar, se conveio expiar crimes,
 Ou do povo affastar presagio infauso?
 Em siut sentada em torno das Donzellas,
 Meneando na mão dourada agulha,
 Se assemelha a Minerva, que na terra
 Tomou a forma humana, e as boas artes
 Inspira aos homens. Ao trabalho as outras
 Anima, e lhes suaviza c'os encantos
 Da sua voz o enfado, quando canta
 Dos Deoses as historias portentosas.
 Na delicada bordadura excede
 A pintura mais nobre. Venturoso
 Quem em doce hymenêo se unir com ella,
 E não sobreviver á sua perda.
 Tomo, caro Mentor, por testemunhas
 Os Deoses, que a partir estou já prompto.
 Antiope amarei, em quanto eu viva.
 Mas este meu amor hum só momento
 Não ha de retardar minha partida.
 Se outrem devesse possuilla, o resto
 De meus dias passara com desgosto;
 Porém a deixaria. Iada que saiba

Que

Que fazer que eu a perca pôde a paciência ,
 Não lhe quero fallar no meu affecto ,
 Nem tambem a seu pai , porque só devo
 Dizello a vós , até que Ulyffes torne
 Ao throno , e me declare que o consente.
 Daqui vereis , Mentor , quanto differe
 Esta affeição daquella paixão louca ,
 Que me cegou por Eucaris. Responde
 Mentor : Eu reconheço essa differença.
 He Antiope meiga , docil , sábia.
 Não despreza o trabalho ; prevê tudo ;
 Sabe calar , e nas acções , que obra ,
 Não se enleia ; pois faz a tempo as coisas.
 O manejo da casa tem por gloria ,
 De que se adorna mais que da belleza.
 Pello cuide de tudo , e se encarregue
 De emendar , e poupar , coisas que fazem
 Odioso o seu sexo , a toda a casa
 Se faz amavel , pois não se achão nella
 Paixão , teima , ou leveza , como em outras
 Mulheres. Ella faz que a hum. só accno
 A percebão. Receião desgostalla.
 Dá ordens claras , e sómente ordena
 O que pôde cumprir-se. Reprhende
 Com suavidade , e ao mesmo tempo animada.
 Do pai o coração nella descarga ,
 Qual sobre a terra gramma á freixa sombra
 Repousa o viajante quebrantado

Do

Do ardo do Sol. Tendes ração : Antiope
 He hum thesouro digno de buscar-se
 Nas mais remotas terras. A sua alma ,
 Assim como o seu corpo , não se enfeita
 De ornatos vãos. A sua lantazia ,
 Ainda que valente , não se arroja.
 Só falla o necessario. De seus labios
 A doce persuasão , as puras graças
 Dimanaõ. Quando falla , os mais se calaõ ;
 E se envergonha d'isso. Pouco falta
 Que não supprima o que dizer intenta.
 (6) Eu apenas fallar a tenho ouvido.
 Lembrais-vos , ó Telemaco , de hum dia ,
 Que seu pai a chamou ? C' os olhos baixos
 Apareceo de hum grande véo cuberta ;
 E só fallou por moderar a ira
 De Idomeneu , que castigar queria
 Hum dos escravos seus com aspereza.
 Depois lhe diz o que escusar podia
 O infeliz ; e seu mostrar-lhe o excessõ
 Da paixã , de justiça , e de piedade ,

Lho

(6) Todo este retrato convém a Maria Tereza de Austria, Infante de Hespanha destinada para esposa de Luiz XIV. Assim fallou della o Mariscal de Grammont, voltando da sua embaixada; e disse entre outras coisas, que apenas a tinha ouvido fallar. O tempo justicou este caracter. A Rainha era huma Senhora muito boa, e virtuosa.

Lhe inspirou sentimentos. Quando o velho
Nerêo Thetis amima, as irritadas
Ondas com mais doçura não abranda.
Desta maneira Antiope formosa
Sem arrogar a si authoridade,
Nem valer-se da sua formosura,
Do esposo o coração ha de algum dia
Mover, como ora move a eburnea lyra,
Para della tirar ternos accentos.
O vosso amor, Telemaco, he devido.
Os Numes esta esposa vos declinaõ :
Só falta o beneplacito de Ulysses.
Até vos louvo não lhe haverdes dito
Os vossos sentimentos. Se rodeios
Buscasseis de dizer-ihos, rejeitados
Seriaõ; e deixara de estinar-vos.
Ella a ninguem de si fará promessa:
Deixará que seu pai della disponha.
Nem jámais algum homem por esposo
Tomará, que não honre os sacros Numes,
E os seus deveres todos não preencha.
Reparastes, como eu, que se recata
Ainda mais depois da vossa vinda?
Sabe os vossos successos gloriosos
Na guerra, o vosso illustre nascimento;
As vossas aventuras, e o que os Deoses
Vos prendaraõ. Daqui o conduzir-se
Séria, e modesta nasce. Sim, Telemaco;
Para

Para ir a vamos. Nada resta
 Mais, que encontrar a vosso Pai, e pôr-vos
 Em estado de obterdes huma esposa,
 Digna da idade de ouro. Inda que fora
 Huma Pastora do nevado (7) Algido,
Sericis venturoso em possuilla;
 Quanto mais sendo filha de hum Monarca.

(7) Algido, lugar do antigo Lacio entre os montes Tusculo, e Albano.





LIVRO XXIII.

Tendo Idomeneu se retirassem
 Telemaco, e Mentor, traçava meios
 De demorallos. A Mentor pondera,
 Que decidir sem elle não podia
 Huma contenda que entre si movido
 Tinhaõ Heliodoro, e Diófanes,
 Ministros hum de Apollo, outro de Jove
 Conservador, ácerca dos presagios
 Que no vôo das aves, e das victimas
 Nas entranhas se observaõ. Respondeo-lhe
 Mentor: (1) Porque com as sagradas coisas
 Vos meteis? Os Etrurios que conservaõ
 Tradições dos Oraculos antigos,
 E foraõ inspirados para serem
 Interpretes dos Numes, o decidaõ.
 Vós sómente empregai a autoridade
 Para logo abassar essas disputas

Na

(1) Isto confirma o que já se disse, que Idomeneu he figura de Carlos I. e de Jacob II. Rei de Inglaterra. O negocio da Liturgia, e do Bispo de Inglaterra. O negocio da Liturgia, e do Bispo de Inglaterra, de que o primeiro quiz ser arbitro, e as mudanças que o segundo queria introduzir na Religião, e no Governo, foraõ o que os derrubou do throno.

Na sua religião. Não mostreis com tudo
 Parcialidade, ou prevençãõ: sómente
 Tratai de roborar o resolvido.
 Lembrai-vos de que hum Rei deve sujeito
 Ser á Religião, nem lhe foi dado
 Intrrometer-se a legislar sobre ella.
 Vem a Religião dos altos Numes:
 He superior aos Reis. (2) Se se intrromettem
 A'cerca della, em vez de a protegerem
 A fazem ser escrava. Taõ poderosos
 Saõ os Reis, e taõ fracos os mais homens,
 (3) Que tudo ao seu prazer pôde voltar-se.
 Depois queixou-se Idomeneu do enleio,
 Que lhe causava a multidãõ dos pleitos
 Particulares, que a julgar o instavaõ.
 Decidi, diz Mentor, as questões novas,
 Que haõ de estabelecer maximas certas,
 E interpretar as leis. Porém as causas
 Particulares não julgueis; pois todas

Vi-

(2) He o que aconteceu em França. A Religião Reformada foi posta em escravidãõ por hum a autoridade usurpada injustamente, ate que depois foi banida por hum a proseripçãõ ainda mais injusta.

(3) Isto he o que poz Inglaterra em perturbaçãõ, e o que começou a embarçar a França no tempo de M. de Fenelon, assim por occasião do seu livro das maximas dos Santos, como por occasião das cinco Proposições.

Viriaõ em tropel acotimmetter-vos
 Serieis juiz unico do povo.
 T'odos os mais juizes subalternos
 Ficariaõ inuteis. Abafado
 Serieis. Dos negocios.de importancia
 Os pequenos negocios vos fariaõ
 Arredar, sem poder a miudeza
 Destes bem regular. Deixai que os pleitos
 Decidaõ os juizes ordinarios.
 Fazendo só aquillo em que naõ póde
 Outro algum ajudar-vos , os deveres
 Verdadeiros fareis de hum bom Monarca.
 Prosegue Idomeneu : Instaa-me ainda
 Que huns hymenéos conciuu ; pois pessoas
 De distincõ sojar , e que nas guerras
 Me tem acompanhado , e consumido
 Seus bens em mea serviço , obter desejaõ ,
 (4) Como especie de premio, por esposas
 Certas donzellas ricas. Eu podia
 C'humá palavra minha grangear-lhes
 Esta ventura. Sim (Mentor responde)
 Custar-vos-hia só humá palavra ,
 Porém vos sahiria muito cara.

Que-

(4) Allude-se aqui á quantidade de casamen-
 tos obrigados , que o Rei fez contrahir pela sua
 authoridade , ou para recompensar os seus Offi-
 cises , ou para accommodar certas damas, que lhe naõ
 tinham sido casagradado.

Quereis colher a liberdade, e o gozto
 Aos chefes das familias de escolherem
 Os seus genros, e herdeiros? A's familias
 Darieis rigoroso captiveiro.

A vós se imputariaõ as desgraças
 Domesticas do povo. Os casamentos
 Tem espinhos battantes em si mesmos,
 Sem estes dissabores lhes juntar-mos.
 Se quereis premiar fieis vassallos,
 Dai-lhes terras incultas, dai-lhes honras,
 E cargos; que aos serviços correspondaõ,
 E á sua condiçaõ. Dai-lhes dinheiros,
 Poupados sobre as rendas destinadas
 Para as vossas despezas. Porém nunca
 Os serviços pagueis, sacrificando
 Contra o gozto dos pais donzellas ricas.
 Logo desta questaõ passou a outra
 Idomeneu, e disse: Os (5) Sibaritas
 Se queixaõ que usurpámos terras suas;
 (6) E que como maninhos aos estranhos
 A nós unidos, a rotear as demos.
 Ceder-lhes-hei? Se o faço, logo todos

For-

(5) Os Sibaritas eraõ povos da antiga Sibari Cidade da grande Grecia na Italia.

(6) Isto respeita ainda ás concessões feitas em virtude das Camaras de Brisach, e de Metz, mas particularmente a invasão de muitas Praças que o Rei tomou nos Paizes baixos em 1631 em plena paz. Os Hespaubões se queixarão. Quería Luiz

Formarão pertencões. Mentor responde:
 Não he justo crer logo aos Sibaritas
 Na sua propria causa, e menos crer-vos
 Na vossa. Deve hum arbitro eleger-se
 Entre os vizinhos povos, que não seja
 Suspeito. Por exemplo os Siptentinos,
 Que interesse não tem contrario ao vosso.
 Replica Idomeneu: E devo acaso
 Esse arbitro seguir? Não sou Monarca?
 Hum Soberano sujeitar-se deve
 Ao voto de estrangeiros sobre objecto
 De seus proprios dominios? Respondeo-lhe
 Mentor: Pois dissentis, imaginando
 Que tendes bom direito, e os Sibaritas
 Da sua parte não cedem; neste encontro
 De sentimentos deve accommodar-vos
 Hum arbitro escolhido pelas Partes,
 Ou esperar que as armas o decidaõ.
 Não ha meio. Se entratleis n'hum Estado;
 Onde alguns Magistrados não houvesse,
 E as familias se cressem com direito
 De fazer-se justiça contra as outras;
 Choraticeis a forte deste povo,
 E vos faria horror tanta desordem.
 Ora menos horror terião os Nomes

Ao

XIV. tetet Alost, ou possuir Luxemburg. Tomou
 o Rei de Inglaterra por arbitro; e atacou com
 tudo a Luxemburg pouco tempo depois.

Ao Mundo inteiro , universal republica ,
 Se cada huma Nação , que representa
 Huma grande familia , com direito
 De fazer-se justiça em causa propria
 Se julgar ? Se de algum herdado campo
 De seus maiores tem alguém a posse,
 Neella só o mantem a authoridade
 Das leis , ou a sentença dos juizes ,
 Seria asperamente castigado
 Como hum-sedicioso , se quizesse
 Conservar pela força o que lhe dera
 A justiça. (7) Julgais que podem logo
 Os Reis usar de força , sustentando
 As suas pertenções , sem ter tentado
 Os meios de brandura , e humanidade ?
 Não he mais inviolavel , e sagrada
 A justiça aos Monarcas a respeito
 De paizes inteiros , que ás familias
 A respeito de alguns arados campos ?
 Será injusto , e roubador sómente
 Aquelle , que de terra algumas geiras
 Usurpa ; e será justo , e heróe o outro ,

Tom. II.

S

Que

(6) O Rei usou ao principio de violencia para
 sustentar as pertenções da Rainha em 1667 sobre
 os Paizes baixos. Mandou as na verdade declarar em
 Madrid : mas os seus Exercitos foram logo postos
 em campo : e a maior parte das Praças conquista-
 das antes de dar tempo de se porem em effe-
 to de opposição.

Que senhoreia Reinos ? Se ha cegueira ;
 Lisonja , e prevençãõ nos interesses
 Pequenos das familias ; quanto devem
 Estes vicios temer-se de hum Estado
 Nos grandes interesses ? A si proprio
 Quem ha de crer-se ácerca de hum objecto
 Em que para temer ha razões tantas ?
 Quem não reccará ser enganado
 N'hum caso em q' o erro de hum só homem
 Arrasta tão terriveis consequencias ?
 Causa o erro de hum Rei , que se allucina
 Nas suas pertençaõs , estragos , fomes ;
 Corrupçaõ de costumes , perdas , mortes ,
 Cujos effeitos aos remotos seculos
 Se extendem. Hã Monarca, a quem rodciãõ
 Tantos aduladores , temer deve
 Em taes occasiões ser adulado.
 Se elle consente a nomeaçãõ de hum arbitro,
 Que a contenda termine , nisto mostra
 Sua moderaçãõ , sua equidade ,
 E sua boa fé. Elle pública
 As sólidas razões , em que he fundada
 A sua causa. O arbitro escolhido
 He mais hum amigavel medianseiro ,
 Que hum juiz rigoroso. Não se deve
 A' sua decisãõ cega obediencia ;
 Condescendencia sim. Não pronuncia
 Humã sentença , qual juiz supremo.

Elle

Elle propoem sómente , e alguma coisa
 Deve sacrificar-se aos seus conselhos
 Para a paz conservar. Se vem a guerra
 A pezar dos desvêlos de evita-la ,
 Tem nesse caso o Rei por si ao menos
 Da consciencia propria o testemunho ,
 A boa opiniaõ dos Reis vizinhos ,
 E a justa protecção dos sacros Numes.
 Movido Idomenen deste discurso ,
 Conveio na eleiçã dos Sipientinos
 Para arbitros entre elle , e os Sibaritas.
 Vendo o Rei escaparem-lhe assim todos
 Os meios de os reter , tentou prendellos
 Por hum laço mais forte. Reparara
 Que Telemaco amava sua filha
 Anriope , e esperou aprisionallo
 Por meio deste affecto. Muitas vezes
 Elle a manda cantar com este intento
 Nos festins. A seu pai ella obedece ;
 Mas com tanta modestia , e sizudeza ,
 Que mostra bem o desprazer que sente
 Obedecendo. Quiz que ella cantasse
 A victoria alcançada contra os Daunios ;
 E Adrasto ; mas não pode resolvella
 A cantar os louvoros de Telemaco.
 Escusou-se a seu pai , que a violentalla
 Não se afoitou. A sua voz suave ,
 E branda penetrou o terno peito

De Telemaco. Estava transportado,
E Idomeneu que tinha os olhos fixos
Sobre elle , comprazia-se observando
A sua inquietação. Porém Telemaco
Não perceber mostrava os seus designios
Não podia atalhar o enternecer-se
Nestas occasiões. Mas já sobrava
A sua madureza ao sentimento.
Elle não era já aquelle mesmo
Telemaco , a quem huma paixão cega ,
E tyrannica havia captivado
Na Ilha de Calypso. Assim em quanto
Antiope cantava , elle em silencio
Profundo se continha ; mas findando
Logo a conversação , em outro assumpto
Mudava. Vendo o Rei , que não podia
Tambem por este meio o seu projecto
Conseguir , empredeo huma caçada
Com que quiz divertir a sua filha.
Antiope chorou ; e antes quizera
Não ir ; mas de seu pai cumprir devia
O preceito. Ella monta n'hum fogoso
Espumante ginete , parecido
A estes que Castor para os combates
Amansava. Governa-o sem sobro ,
E de hum bando de candidas donzellas
Se acompanha. Parece outra Diana
Nos bosques. Vê-a o Rei , e faciar-se

De a vênção pôde. Seus passados casos
 Lhe esquecerão. Também a vê l'elemaco.
 Mais o move de Antiope a modéllia,
 Do que a sua destreza, e as suas prendas.
 Destros cães affilados acossavaõ
 Hum javali enorme, e furioso,
 Qual o de Calidonia. As duras fedas
 Estavaõ como dardos eriçadas.
 Nadavaõ os seus olhos chammejantes
 Em sangue, e fogo. Os seus medonhos bufos
 Se ouviaõ já de longe, como o surdo
 Rumor dos bravos ventos, quando Eolo
 Amansando as tormentas os recolhe
 A' sua cova. Os longos, e arqueados
 Dentes, qual dura foice dos ceifeiros,
 Decepavaõ das arvores os troncos.
 Os librêos, que a afferrallo se affoitavaõ,
 Eraõ despedaçados. Os mais destros
 Caçadores, que vinhaõ no alcance,
 Tinhaõ receio de chegar-se a elle.
 Antiope ligeira como os ventos,
 Investillo de perto naõ recea.
 Arremessa-lhe hum golpe, e nas espadoas
 O fere. Sangue negro lhe rebenta,
 E o faz mais furioso. Elle se volta
 Contra quem o ferio. Logo o cavallo
 De Antiope a despeito da braveza
 Treme ao vêllo, e recúa. O monstruoso
Bruto

Bruto se lança a elle, semelhante
 A's maquinas pezadas, que as muralhas
 Abalaõ das Cidades. Já vacilla
 O cavallo, e por fim cahe sobre a terra.
 (8) Antiope se vê fóra de estado
 De poder evitar o fatal golpe,
 Que o javali nos dentes lhe prepara.
 Desvelado Telemaco no p'riço
 D'Antiope, delcido do cavallo
 Flavia; e mais ligeiro que o relampago,
 Corre, e se lança entre o cavallo em terra
 Cabido, e o javali que retornava
 Para yingar seu sangue. Elle comprido
 Dardo na mão empunha; e quasi inteiro
 O crava no quadril da horrivel fera,
 Que cahe cheia de raiva. Entaõ Telemaco
 Lhe decepa a cabeça, que amedrenta
 Inda vista de perto, e aos caçadores
 Alfombra. Logo a Antiope a offrece.
 Ella córa; e consulta irresoluta
 Os olhos de seu pai, que já passado
 O susto, se tranporta com o gosto
 De a ver; e lhe annuo a que accitasse
 A dativa. Aceitando-a c'hum sorriso

Ref-

(8) Isto respeito a huma caçada annde Luiz XIV. levou Madama de la Valiere em figura da Amazona, e aonde ella deu huma queda, do que o Rei se affligio muito.

Responde : Inda outra dadiua recebo
 De vós maior ; porque vos devo a vida.
 Apenas disse , receou ter dito
 Demasiado ; e abaixou os olhos.
 Telemaco , que vio o seu enleio ,
 Sómente lhe tornou estas palavras :
 Feliz eu , que huma vida taõ preciosa
 Fiz conservar ; e mais feliz ainda ,
 Se junto a vós sempre viver podesse !
 Sem responder-lhe , Antiope na tropa
 Das donzellas entrou , que a acompanhavaõ ;
 E apressada montou fobre o cavallo.
 Idomeneu teria promettido
 A Telemaco entaõ a sua filha ;
 Porém quiz inflamar mais o seu peito
 Deixando-o na incerteza , imaginando
 Que para assegurar o seu conforcio
 Em Salento ficasse por mais tempo.
 Assim Idomeneu consigo mesmo
 Discorria. Porém os Deoses zombaõ
 Dos falliveis discursos dos humanos.
 O mesmo que a Telemaco devia
 Demorar a partida , mais a apressa.
 O que elle já sentia , lhe causava
 Justa desconfiança de si mesmo.
 Mentor se desvelou em inspirar-lhe
 Hum violento desejo de embarcar-se ,
 Instando com o Rei , que consentisse

A partida. O navio preparado
Estava já. Mentor, que dirigia
Os momentos da vida de Telemaco
Para elevallo á gloria mais sublime
Só em cada paz o demorava
Quanto bastava ao fim de exercitallo
Na virtude, e adquirir-lhe experiencia.
Mentor tinha cuidado do preparo
Do navio depois que na Cidade
Telemaco se achiava. Porém tinha
Desgosto o Rei de vello preparado:
Cahio n'hum a cruel melancolia,
Vendo que seus dois hospedes, que tanto
O haviaõ soccorrido, o abandonavaõ.
Rechava-se nos sitios mais occultos
Do seu palacio. Alli defassogava,
Arrancando gemidos, e vertendo
Lagrimas copiosas. Do sustento
Se esquecia; nem já o brando somno
Seus pungentes cuidados mitigava.
Consumido de dôr, desfigurado,
Qual corpulento chopo assombra a terra
Com seus espessos ramos, cujo tronco
Hum verme entra a roer nos delicados
Canacs por onde corre o nutritivo
Humido succo. Esta arvore que os rijos
Soberbos Aquilões nunca abalaraõ
Em seu seio fecundo, e que o machado
Do

Do campo lavrador respeitou sempre ,
 Desfallece , e não pôde descobrir-se
 A causa de seu mal. Murcha , e se decipe
 Das folhas que até li a enfeitavaõ.
 Só mostra hum tronco informe de fendida
 Cortiça revoltido , e esgalhos seccos.
 Tal na sua afflictção se atiemelhava
 Idomeneu. De magoa possuido ,
 Não ousava Telemaco fallar-lhe.
 Assustava-o o dia da partida ,
 E buscava pretextos de alongalla.
 Elle nesta incerteza ficaria ,
 Se não fosse Mentor. Este lhe disse:
 Alegro-me de vovos taõ mudado.
 Nalcestes desabrido , e o vosso peito
 O commodo , e interesse só moviaõ.
 Mas já estais humano , e das desgraças
 A ser compadecido vos ensina
 A experiencia. Sem esta qualidade
 Não na bondade , ou solida virtude ,
 Nem aptidão para reger os homens.
 Mas não convém adiantalla muito ,
 Ou vir cahir n'humã amfãde baixa.
 A Idomeneu pedira voluntario
 Vos deixasse partir , e vos poupara
 Desta cruel conversaçãõ o enleio.
 Mas consentir não posso que dominem
 Em vosso coraçãõ o ruim pejo ,

Ou

Ou o fraco temor. A costumai-vos
 A acompanhar huma amizade terna,
 É grata; do valor, e da constancia.
 Deve evitar-se o consternar os homens
 Sem causa: *mas devemos affligir-nos*
 Com elles, se escuzar-se a dor não pode;
 É mitigar quanto ser possa o golpe,
 Que evitar-se não pôde totalmenteo.
 Pois para procurar o lenitivo,
 (Lhe responde Telemaco) eu quizera
 Que antes Idomeneu nossa partida
 De vós soubesse. Então Mentor replica:
 Enganis-vos Telemaco. Nascestes,
 Como os filhos dos Reis; os quacs criados
 Entre purpuras querem que *a seu modo*
 Se faça tudo, e a natureza inteira
 Obedeça ao seu gosto; mas esforço
 Não tem de resistir de rosto a rosto:
 Não porque com os homens se embaracem,
 Ou por bondade temão affligillos;
 Mas por cómodo proprio; pois não querem
 Ver em roda de si *semblantes tristes*,
 É descontentes. Elles das humanas
 Misérias, e afflicções não fazem caso;
 Com tanto que as não vejaõ. E se as ouvem,
 Huma tal discurso os importuna, e afflige.
 Para lhes agradecer convém dizer-lhes,
 Que todos vivem bem; e em quanto andaõ
Nos

Nos seus divertimentos engolfados,
 Nem ver, nem ouvir querem coisa alguma,
 Que na sua alegria os interrompa.
 Se convém reprehender, ou dar castigo,
 De enganar, ou rebater injustas
 Paixões, ou perruções de hum importuno,
 Daõ commissão a outros de o fazerem,
 Antes do que fallarem elles mesmos
 Com affavel confiança. Deixariaõ
 Arrancarem-lhe as graças mais iniquas;
 Perderiaõ os mais interessantes
 Negocios, antes do que expor-se ao risco
 De os votos encontrar dos seus validos.
 A frouxidão, que nelles se descobre,
 Affeita os mais a aproveitar-se della.
 Insistia, importunaõ, e perseguem;
 E perseguindo alcançaõ. Ao principio
 Os adulaõ, e incensaõ, para entrarem
 Em graça. Mas se obtem a confiança,
 E exercem junto d'elles grandes cargos,
 Os dobraõ, e subjugaõ. Elles gemem.
 Querem ás vezes sacudir o jugo,
 Mas toda a vida o soffrem. (9) Tem cuidado
 De parecer não serem governados;

Mas

(9) Tal foi a conduda de Luiz XIV. Elle não queria que se dissesse que seus ministros o governavaõ: e ninguém foi em tempo algum mais governado que elle.

Mas o saõ , e de o fer deixar naõ podem.
 Saõ semelhantes ás delgadas cepas ,
 Que naõ tendo por si alguma arrimo ,
 Rojaõ á roda do nodoso tronco.
 Consentir-vos , Telemaco , naõ devo
 Hum defeito , que ao homem faz inepto
 Para o governo. Vós que por ternura
 Naõ supportais do Rei a despedida,
 Naõ haveis de sentir os seus desgostos
 Sabindo de Salento. A sua magoa
 Naõ vos move. O que assim vos embaraça
 He a sua presença. Ide vós mesmo
 Fallar a Idomeneu ; e desde agora
 Sede terno , e constante ao mesmo tempo.
 Mostrai-lhe o sentimento de deixallo ;
 Mas tambem lhe mostrai determinado ,
 Que he precisa a partida. Naõ oulava
 Resistir-lhe Telemaco , nem tinha
 Valor de obedecer-lhe. Envergonhado
 Do seu temor , com tudo naõ podia
 Vencello. Ora hesitava , ora alguns passos
 Dava , e voltava logo , ponderando
 Motivos a Mentor de demorar-se.
 Mas só a vista de Mentor as vozes
 Lhe embargava , e sens frivolas pretextos
 Desfazia. É sois vós (Mentor sorrindo
 Dizia) o grande vencedor dos Daunios ?
 Sois o libertador de Hesperia , e o filho
Do

Do sabão Ulyffes , que ha de depois delle
 Reinár , e fer o oraculo da Grecia ?
 Elle dizer a Idomeneu não oufa
 Que a ida á Patria differir não póde
 Para ver a feu Pai. O' Povos de Itaca !
 Vós fereis infelizes , se tiverdes
 Hum Rei em quem domina o ruim pejo ,
 E que por frouxo nas menores coifas ,
 Seus grandes intereffes facrifica.
 Ponderai , ó Telemaco , a differença ,
 Que existe do valor entre os combates
 Ao valor nos negocios. Vós de Adraffto
 Não remetteis as armas , e a tristeza
 Temeis de Idomeneu ! Defacredita
 Esta fraqueza os Principes que obraraõ
 As maiores proezas. Tendo fido
 Herões na guerra , mostraõ-se cobardes
 Nas vulgares ações , que outros fustentaõ
 Com efforço. Telemaco fentindo
 A força da verdade nestas vozes ,
 E deffas reprehenfões eftimulado ,
 Partio arrebatado , fem ouvir-se
 A fi proprio. Porém avifta o fitio ,
 Aonde eftá o Rei , c'os olhos baixos ,
 Abatidos , quebrados de tristeza ;
 E logo fe temeraõ hum ao outro.
 Não oufavaõ olhar-se , e fe entendiaõ
 Sem fallar. Hum temia que fallaffe

O outro. Ambos chorarão : mas *excesso*
 Da dôr a Idomeneu fallar obriga.
 De que serve , diz elle , que se busque
 A virtude , se allita a quem a preza
 Recompensa ? Depois que me mostraraõ
 Toda a minha fraqueza , me abandonãõ.
 Eu vou a recahir sobre as desgraças.
 Ninguém me falle já de hum bom governo.
 Não posso reinar bem. Esteu dos homens
 Enfastiado. Oade ides , ó Telemaco ?
 Vosso pai não existe. Inutilmente
 O andais buscando. Itaca he já preza
 Dos vossos inimigos. Se tornardes
 A' Patria , vos darãõ tyrannica morte.
 Hum delles vossa Mãe tem esposado.
 Ficai comigo aqui : Serreis meu genro ,
 E meu herdeiro. Regereis Salento
 Depois de mim. *Em quanto eu tiver vida* ,
 Vos darei hum poder illimitado ,
 E terreis toda a minha confiança.
 Mas se a tão grandes dons sois insensivel ,
 A Meator me deixai , em quem eu tenho
 Todo o regresso meu. Dai-me rescoita.
 Fallai : não me cerreis o vosso peito.
 Condoei-vos de mim , que dos humanos
 Sou o mais infeliz. Ficais calado ?
 Ah ! já sei que me fãõ crueis os Names.

Q' em Cyta, onde matei meu proprio filho.
Commovido Telémaco responde :
Não sou meu. O destino á minha patria
Me convida. E Mentor, que tem dos Numes
A sciencia, me ordena no seu nome
Que parta. Que outra coisa fazer posso ?
Renunciarei ao Pai, á Mãe, á Patria,
Que me deve mais cara ser do que elles ?
Pois nasci para Rei, não me foi dado
Ter huma vida branda, e socegada,
Nem seguir o meu gosto. O vosso Reino
He mais vasto, opulento, e poderoso,
Que o de meu Pai. Mas preferir me compre
O que os Numes celestes me destinão
Ao que benigno me offertaes. Ditoso
Eu seria, se a Antiope me unisse
Doce hymenêo, ainda sem esperanza
De reinar. Mas convém para ser digno
Della, que eu vá onde o dever me chama ;
E que seja meu Pai quem vo-la-peça
Por mim. Não promettestes enviar-me
A Itaca ? Não fez esta promessa,
Que eu por vós combatesse contra Adrasto ?
Tempo he que eu cuide em reparar os males
Domesticos. Os Numes me entregarão
A Mentor, e igualmente a mim o deus,
Para fazer que eu cumpra o meu destino.
E quereis que depois de perder tudo,
Tam-

Tambem perca a Mentor? Já me não resta
 Pai, Mãe, Patria, outro bê, outro refugio
 Senão este homem virtuoso, e sabio,
 Que foi de Jove o dom mais precioso.
 Julgai se eu posso dispensar-me d'elle,
 Ou consentir que me abandone. A vida
 Tirai-me antes, ó Rei: a vida he nada:
 Não me tireis Mentor. Em quanto falla
 Telemaco deff'arte, maior força
 Tomava a sua voz, e a duvidosa
 Timidez lhe fugia. Responder-lhe
 Não sabe o Rei, e concordar não pôde
 No que o filho de Ulysses lhe proponha.
 Não podendo fallar, busca co' a vista,
 E com gestos movello a piedade.
 Faz-se então ver Mentor, q' assim lhe falla:
 Não vos entristegais. Sim, vos deixamos.
 Mas a sabedoria, que preside
 Ao conselho dos Deoses, em vós fica.
 Considerai que sois assáz ditoso
 Em Jove nos haver aqui mandado
 A salvar-vos o Reino, e a desviar-vos
 Dos vossos graves erros. Fielmente
 Filocles, que vos foi restituído,
 Vos servirá. Dos Numes o respeito,
 O gosto da virtude, o amor dos povos,

E

E a compaixão dos pobres, de seu peito
 Jámais se arredará. Ouvi-o, e d'elle
 Vos servi confiado, e sem ciúme.
 O prefitimo maior que dar-vos pôde,
 He dizervos sincero, e sem disfarce
 Vossas imperfeições. Nisto consiste
 O valor mais invicto de hum Monarca;
 Buscar fideis amigos, que lhe mostrem
 Os seus erros. Tendo esta fortaleza,
 Falta vos não fará a nossa ausencia,
 E vivereis feliz. Mas se a lisonja,
 Que a fardo se introduz como a serpente,
 Até ao vosso peito, achar caminho
 Para excitar em vós desconfiança
 Dos ingenuos conselhos, arruinado
 Ficais então. Não vos deixeis de magoa
 Possuir. Esforçai-vos a seguirdes
 A virtude. A Filocles disse, quanto
 Deve obrar para o vosso lenitivo,
 Sem abusar jámais da confiança.
 Os Deoses vo-lo derao, assim como
 Me derao a Telemaco. Animoso
 Cada hum seguir deve o seu destino:
 A magoa he já inutil. Se algum dia
 Tiverdes precisão do meu socorro,
 Depois que eu a seu Pai, e á sua Patria
 Restituir Telemaco, inda a ver-vos

Tom. II.

T

Tor-

Tornarei. Que outra coisa poderia
 Dar-me prazer mais grato ? Naõ desejo
 Authoridade, ou bens alguns na terra :
 Só desejo ajudar os que procuraõ
 A justiça, e virtude. A confiança,
 E amizade sincera, que vos devo,
 Jámais esquecerei. A estas vozes
 Se vio Idomeneu logo mudado.
 Seu coração sentia já tranquillo ;
 Como Neptuno c'o Tridente aplaca
 As indignadas ondas, e as mais negras
 Tempestades. Restava-lhe sómente
 Hum brando, e socegado sentimento,
 Que mais era fãndade, e huma suave
 Sensação, que dõr viva. Começaraõ
 Entãõ a renascer-lhe internamente
 O valor, a virtude, a confiança,
 E a placida esperança do soccorro
 Dos Numes. He preciso (assim exclama)
 Meu querido Mentor, que perca tudo,
 E que naõ defanime ! Pois ao menos
 Vos lembre Idomeneu, quando chegardes
 A Itaca, onde as ditas vos esperaõ.
 Lembrai-vos que Salento he obra vossa,
 E que nella deixais hum Rei infaulto,
 Que só confia em vós. Sim, digno filho
 De Ulysses, já naõ quero demorar-vos,
Nem

Nem quero oppor-me aos Numes, q̃ taõ grã-
 Thezouro me mostraraõ. Tambem ide, (de
 Mentor, dos homens todos o mais sabio,
 Se acaso a humanidade fazer pôde
 O que em vós vi, e se não fois alguma
 Divindade encuberta para os homens
 Fracos, e rudes instruir. O filho
 De Ulysses conduzi, mais venturoso
 Em ter-vos, q̃ em haver vencido a Adrasto.
 Ide ambos. Já não couo mais fallar-vos.
 Perdoai meus suspiros. Ide; e sede
 Felizes. A lembrança só me resta
 De vos ter possuido. O' bellos dias,
 Dias felizes, dias cujo preço
 Mal conheci, com rapidez volvidos!
 Já não tornareis mais ante meus olhos.
 Mentor se aproveitou deste momento
 Para a partida. Elle abraçou Filocles,
 Que sem poder fallar em terno pranto
 O banhava. Telemaco queria
 Para das mãos de Idomeneu tirar-se,
 Tomar as de Mentor. No meio de ambos
 Idomeneu ao perto os acompanha.
 Oihava-os, e gemia. Começava
 Interpoladas vozes, não podendo
 Acaballas. Em tanto sobre a praia
 Dos marinheiros os confusos gritos

Se ouvem. Puxaõ as cordas , e desfraldaõ
 As vélas. Sopra hum vento favoravel.
 Telemaco , e Mentor *enternecidos*
 Se despedem do Rei , que nos seus braços
 Longo tempo os aperta , e com os olhos
 Quanto mais longe póde , os vai seguindo.



LIVRO XXIV.

JA' o vento dá bojo ás brancas vélas ;
 Erguem-se as ferreas ancoras ; a terra
 Fugir parece ; e o Piloto *experto*
 Avista ao longe as ferras de (1) Leucate ,
 Cujó cume se esconde entre novellos
 De enregelada neve , e os altos montes
 (2) Acroceraunios , que a soberba frente
 Arrostaõ com o Ceo , que tantas vczes
 Com seus accessos raios a escalara.
 Em quanto navegavaõ disse o filho
 De Ulysses a Mentor : Agora creio ,
 Que do governo as regras explicadas
 Por vós percebo , as quaes me pareciaõ
 Como hu sonho ao principio. Pouco a pouco
 Ellas se me abrem n'alma , onde aclarcem,
 Quaes na fresca manhã se vêm sombrios
 Os objectos aos frouxos resplandores
 Da Aurora , porém logo se affiguraõ

Sur-

(1) Leucate , Praça de Languedoc , cercada por
 huma parte de huma rocha inacessivel.

(2) Os montes Acroceraunios são hums mon-
 tes altissimos de Epito , hoje chamados montes da
 Cbtinera.

Surgir de hum cáhos , quando a luz q̄ cresce
 Insensível os mostra , e lhes dá formas ,
 E cores por assim dizer. Bem certo
 Estou , que do governo o mobil todo
 Consiste em discernir os diferentes
 Caracteres do espirito , e escolhellos ,
 E applicallos segundo os seus talentos.
 Só me resta saber como se podem
 Os homens conhecer. Assim responde
 Mentor entãõ : Preciso he estudallos
 Para se conhecerem. Convém vellos ,
 E tratallos. Os Reis conversar devem
 Com seus vassallos ; dar-lhes a franqueza
 De fallar ; consultallos ; e em pequenos
 Cargos provallos , residindo delles .
 Depois , para saber se são capazes
 De mais altas funções. Como pudestes
 Entender dos cavallos ? Foi á força
 De vellos , observando com peſsoas
 Habeis , que perfeições , que vicios tinhaõ.
 Assim fallai tambem das mãs , e boas
 Qualidades dos homens com os sábios ,
 E virtuosos , que por longo tempo
 Lhes tenhaõ estudado os caracteres.
 Aprendereis sem custo o que elles sejaõ ,
 E o que delles he licito esperar-se.
 Quem vos pôde ensinar a conhecerdes
 Os bons , e maos Poetas ? Foi a assidua

Lei-

Leitura , e reflexãõ com gente douta ,
 E que tinha o bom gosto da poezia.
 Como alcançastes discernir com gosto
 Sobre a musica ? Foi porque fizestes
 Observaçãõ exacta dos bons Musicos.
 Como se pôde entãõ reger os homens
 Sem conheceillos ? Como conhecer-se
 Sem com elles viver ? Importa vellos
 Naõ em publico , aonde só se dizem
 Coisas indifferentes , ou competas ;
 Mas em particular , para os arcanos
 Penetrar de seus peitos , e arrancar-lhes
 Seus segredos reconditos ; de hum lado ,
 E d'outro tentar ; em fim sondallos
 Para descortinar as suas maximas .
 Cumpre para julgarmos bem os homens ,
 Começar por saber o que elles devem
 Ser , e o que seja o verdadeiro , e sólido
 Merecimento ; porque só desta arte
 Se pôde discernir quem o possui.
 Falla-se muitas vezes de virtude
 E meritos ; com tudo naõ se sabe
 Que coisa sejaõ. Para a maior parte
 Dos homens são huns nomes espeziosos ;
 Huns termos vagos , que elles se gloriaõ
 Proferir. Convém ter principios certos
 De razãõ , de justiça , e de virtude ,
 Para bem conhecer os bons , e os justos.

De-

Devem saber-se as maximas de hum sabio ;
E prudente governo , para os homens
Que as sabem , conhecer , e os q se affastão
Dellas por huma falsa subtileza.
Importa ter para medir os corpos
Huma fixa medida ; e assim mesmo
Para julgar espiritos , importa
Ter huns principios certos ; e constantes
A que os nossos juizos se reduzaõ.
Precisa-se saber qual seja o alvo
Dá vida humana , e qual o fim que deve
Propor-se o que governa os outros homens.
He este fim essencial , e unico,
Naõ pertender jámais a authoridade ,
Nem a grandeza para si. Buscaglia
Com ambiçaõ satisfazer só póde
Hum orgulho tyrannico. A fadigas
Infinitas convém sacrificar-se
Quem procura fazer os outros homens
Bons , e felizes. De outra sorte obrando ,
Andará toda a vida pelo tino ,
E conforme o acaso , qual navio
Que cruza o vasto mar , sem ter Piloto
Que as estrellas consulte , ou que conheça
Os bravos mares , e as funestas Costas ,
O qual por força ha de correr naufragio.
Succede muitas vezes que os Monarcas ,
Porque naõ comprehendem o que seja

A sólida virtude , não conhecem
 O que elles devem procurar nos homens.
 Encontraõ na virtude verdadeira
 Certo defabrimento. Da-lhe mostras
 De austeridade , e independente. Não os azeda,
 E atemoriza. Voltaõ-se á lisonja.
Nutridos no seu scio não acertão
 Co' a bella fingeleza , ou co' a virtude.
 Vaõ caminhando após hum vaõ fantasma
 De falsa gloria , o qual os torna indignos
 Da gloria verdadeira , e se costumão
 A crer bem cedo que não ha virtude
 Sobre a terra ; por quanto os bons conhecem
 Os máos ; estes porém dos bons não sabem,
 Nem podê crer q os haja. Hús taes Monarcas
 De todos os vassallos desconfiãõ.
 Elles se fechaõ sobre si , se encerraõ ,
 E são ciosos nas menores coisas.
 Temem os homens ; delles são temidos.
 Fogem da clara luz , e não se affoitaõ
 A mostrar-se quaes são. Elles não querem
 Ser por máos conhecidos : mas não deixaõ
 De o ser ; pois dos vassallos a maligna
 Curiosidade lhes penetra tudo.
Só elles são os que ninguém conhecem.
 Interfereira gente, que os rodeia ,
 Se satisfaz de os ver inacessiveis.

(3) A hū Rei a quē os homens nunca chegaõ,
 Nunca chega a verdade. Com infames
 Mexericos o credeaõ. Envenenaõ,
 E affastaõ quem lhe póde abrir os olhos.
 Desta classē hum Monarca passa a vida
 Em grandeza selvatica, e bravía.
 Elles sēr enganados recendo,
 Sempre o saõ, sem poderem evitallo;
 E o merecem ser. Aquelles homens,
 Que naõ fallaõ senaõ a pouca gente,
 Se empenhaõ a tomar-lhe os ieus defeitos.
 Ainda os bons tem prevenções erradas.
 Demais, estaõ á discriçaõ dos torpes
 Mexeriqueiros, que saõ gente baixa,
 Maligna, que se nutre de venenos,
 E que envenena as coisas innocentes,
 E as pequenas avulta. He-lhes mais facil
 O inventar o mal, que naõ fazello.
 Em fim a curiosidade, e vãs suspeitas
 Escarnecem d'hū Rei frouxo, e (4) sombrio,

(3) Luiz XIV. communicava-se muito pouco. Era serio ainda mesmo no particular: o que embarçava aos Cortezões o tomarem qualquer liberdade na sua presença.

(4) O Rei era muito desconfiado; o que fazia que poucas pessoas se chegassem a elle. Nunca teve validos, mas deixava-se prevenir facilmente. Era superstitioso; e abusavaõ muitas vezes da sua credulidade.

O seu proprio interesse promovendo.
 Os homens conhecei , caro Telemaco :
 Fazei que fallem huns á cerca de outros.
 Provai-os pouco a pouco ; e a nenhum delles
 Vos entregueis. Aproveitai as vossas
 Experiencias. Se fordes enganado
 Alguma vez em os juizos vossos ,
 Cozhei dahi o não julgar com pressa
 Nem bem , nem mal. Os mãos são ardilosos
 Para os bons surprender e os seus disfarces.
 Vossos passados erros vos instruaõ.
 Se encontrardes talentos , e viriudes
 N'hum sujeito , deveis servir-vos d'elle.
 Afoitamente. Os virtuosos querem
 Que a sua probidade se conheça :
 Prêzaõ estimaçaõ , e confiança ,
 Mais que os thesouros. Procurai com tudo
 Não estragallos , hum poder sem termo
 Pondo nas suas mãos. Algum seria
 Virtuoso , e o não he , porque seu Amo
 Lhe deu demasiada authoridade ,
 E riquezas. (5) Aquelle , a quem os Deoses
 Amaõ

(5) O Rei não teve amigos. Tinha muita altivez , e reserva. Não teve senão topos lisongeiros , que o envenenavaõ com o seu incentivo desde a infancia. Tanto era sensível ao amor , tão pouco o era á amizade , que nasce da communicaçaõ , e confiança.

Amão tanto que em todo o Reino encontraõ
Ou dois , ou tres amigos verdadeiros
De constante prudencia , e probidade ,
Póde por estes melmos achar outros ,
Que a elles se assemelhem , para serem
Empregados nos cargos inferiores.
Pelos bons, em quem elle se confia ,
Conhece o que por si nos mais vassallos
Naõ póde discernir. Aqui lhe disse
Telemaco : E convém inda os perversos
Occupar , se saõ habeis como ouvido
Tenho já tantas vezes ? He preciso ,
Disse Mentor , talvez servir-nos delles.
Quando grassa a desordem n'hum Estado ,
He facil encontrar homens injustos,
Arduosos , que tem a authoridade
Adquirido , e os officios de importancia
Occupãõ , que tirarlhes naõ podem.
Talvez a confiança tem de certas
Pessoas poderosas , com quem deve
Resguardo haver , e até com elles mesmos ;
Porque podem fazer huma revolta.
Convém servir-nos delles algum tempo ;
Mas com as vistas de os fazer inuteis.
Nunca lhes deis porém a verdadeira
Intima confiança ; porque podem
Della fazer abuso , e a pezar vosso
Estreitar-vos por causa do segredo ,

Duro

Duro grilhaõ , difficil de quebrar-se
 Mais que as ferreas correntes. Occupai-os
 Em coizas leves. Pelas suas proprias
 Paixões os obrigai a ser convosco
 Ficis : mas retirai-os dos conselhos
 Secretos. T'ende sempre algum agente
 Com que os moldeis pela vontade vossa.
 (6) Jámais lhe confieis do peito as chaves.
 Se estiver em locego o vosso Estado ,
 E regulado for por homens rectos ,
 E sabios , já os mãos se inutilizaõ.
 Mas inda os tratai bem ; pois naõ he justo
 Para e'os mesmos mãos o ser ingrato.
 Tornallos bons devemos cuidar antes
 Por meio do bom trato. He necessario
 Soffrer-lhes os defeitos , que perdoa
 A humanidade. Levantar-se póde
 Com tudo a authoridade pouco a pouco ;
 Acautelando os males , que fariaõ ,
 Se franqueza tivessem. Finalmente
 Máo he que o bem seja por mãos obrado :
 E posto que isto seja inevitavel

Mui-

(6) Isto he o que Luiz XIV soube muito bem praticar , menos na verdade por prudencia , que por habito de dissimulagaõ. Elle era impenetravel , e como fallava sempre laconicamente , naõ se podia saber o que elle pensava. Naõ se declarava ainda mesmo com as suas Damas , e teve a gloria de naõ ser dellas possuido.

Muitas vezes , com tudo conducentes
 Meios se devem pôr para evitar-se.
 Hum sabio Rei , que aspira á sã justiça,
 E boa ordem , com o tempo alucança
 Escusar homens máos , e enganadores ,
 E achar em seu lugar habeis , e hontados.
 Não basta achar n'úí Reino bons vañallos :
 Convém inda formar a outros novos.
 Isso he muito difficil , lhe responde
 Telemaco. Ao contrario : antes he facil ,
 Lhe diz Mentor. A elevaçã dos homens
 Habeis , e virtuosos move , e anima
 Os mais , que tem espirito , e talentos.
 Quantos em ocio escuro desfallecem ,
 Que homens grandes seriaõ , se a esperança
 Do premio a trabalhar os animasse !
 E quantos a miséria tenta ao crime ,
 Por não podrem conseguir as honras
 Por meios de virtude ! Se ajuntardes
 A' virtude , e talento honras , e premios ,
 Muitos se faraõ habeis por si mesmos.
 E quantos fareis vós , se dos pequenos
 Os erguerdes por grãos aos grandes cargos?
 Provaraes seus talentos , seu espirito ,
 E da sua virtude a fingeleza.
 Os que a mais altos cargos remontardes
 Teraõ sido creados nos mais baixos
 Aos vossos olhos. Toda a vossa vida

Os seguireis de grão em grão , e delles
 Juizo não fareis pelo que dizem ,
 Mas por suas acções continuadas.
 Em quanto discorrião , avistaraõ
 Hum navio (7) Feace , que arribava
 A huma Ilha deserta , e de medonhos
 Cachopos rodeada. Ao mesmo tempo
 Os ventos se calaraõ. Parecia
 O folgo reprezar o mesmo Zefiro ;
 E ficou todo o mar como hum espelho.
 Abatidas as vélas , não podião
 O navio mover. Eraõ baldados
 Dos caçados remeiros os esforços.
 Foi-lhes preciso o abordar á Ilha ,
 Que era mais hum recife , que huma terra
 Capaz de ser de humanos habitada.
 Nem se pôde afferrar alli sem risco
 Em outro tempo menos bonançoso.
 Pelo vento os Feaces esperando ,
 Não pareciaõ menos infelizes ,
 Que os Salentinos para proseguirem
 A viagem, Telemaco dirige
 A elles pelas margens escarpadas
 Seus passos aprestados , e ao primeiro
 Que encontra , inquire se nos Regios Paços
 De

(7) Feace , isto he Corcira hoje Corfu , Ilha de mar Jonio nas Costas do Epito.

De (8) Alcindo veria acaso Ulysses.
 Não era elle Feace, mas ignoto
 Estrangeiro, de gesto magestoso,
 Porém triste, e abatido; e parecia
 Pensativo, por forma que ao principio
 Não ouviu de Telemaco a pergunta.
 Mas depois lhe responde: Sim: Ulysses
 Foi de Alcindo nos Paços recebido,
 Como lugar onde se teme a Jove,
 E onde a pia hospedagem se exercita;
 Mas já partio para tornar a Itaca
 Sua Patria, se os Deoses lhe permittem,
 Que possa laudar os seus Penates.
 Apenas tristemente estas palavras
 Proferio, se embrenhou n'hum pequena
 Densa mata no cume de hum rochedo,
 Donde insofrido para o mar olhava,
 Dos outros homens evitando a vista.
 Nelles os olhos Telemaco fixava
 E vello o enternecia. Respondeo-me,
 (Disse a Mentor Telemaco) este Ignoto,
 Como hum homem q' apenas ouve as coisas
 Que se lhe dizem, e amargura grande
 Encerra em si. (9) Lastimo os desgraçados
 De-

(8) Alcindo era Rei dos Feaces, que hospedou a Ulysses depois do seu naufragio.

(9) Tão pouco se condoto Luiz XIV. dos desgraçados, porque era costumado a prosperidades;

Depois que o sou. Não sei porque motivo
 Meu coração neste homem se interessa.
 Fui delle leccamente recebido.
 Apenas se dignou de responder-me.
 Mas não posso deixar de desejar-lhe
 Fim a seus males. Respondeo sorrindo
 Mentor: Eis de que servem as desgraças.
 Fazem os Reis as afficções alheias
 Sensíveis, moderados. Quando gostaõ
 Só o doce veneno da ventura,
 Se tem por deoses: (10) querê q' se alhanem
 Para os satisfazer os altos montes.
 Em nada os outros homens avalião.
 Querem zombar da natureza inteira.
 Quando de soffrimentos fallar ouvem,
 Não sabem o que saõ, e os tem por sonhos.
 Do bem ao mal nunca a distancia virão.
 O infortunio somente dar-lhes póde
 A humanidade, e o coração de pedra
 Trocar-lhe em peito humano. Nas desgraças
 Conhecem que saõ homens, e que devem
 Tom. II. U Os

tanto o Duque de Borgonha seu neto era compadecido, e cheio de sensibilidade para os miseraveis.

(10) Isto he o que fez Luiz XIV. Fez cortar hum monte para conduzir agua a Versalhes. Nada achou impossivel para contentar a sua sumptuosidade; e zombou da natureza inteira para fazer de Versalhes hum habitação deliciosa.

Os outros resguardar, que fãõ como elles:
Se hum Ignoto vos faz compaixãõ tanta,
Porque anda como vós errante, e vago,
Quanta mais compaixãõ deveis ao povo
De Itaca, quando o virdes algum dia
Consternado? Esse povo, que os sagrados
Nomes vos confiarãõ, qual rebanho
Se confia ao pastor, talvez que seja
Pela vossa ambiçaõ, fasto, e imprudencia
Infeliz, pois o povo só padece
Pelos erros do Rei, que deveria
Velar a fim de que elle não padeça.
Em quanto assim fallava, na tristeza
Se engolfava Telemaco. Responde
Em fim com alvoroço: Se isso he certo,
He affãõ infeliz d'hum Rei a sorte.
Daquelles mefmos, que reger parece,
He escravo. He mais feito para elles,
Que para os governar. Dos seus vassallos
Todas as precisões toma a seu cargo.
He o homem em fim de todo o povo,
E de cada individuo. Accommodar-se
Deve ás fuas fraquezas, emendallos
Como pai a seus filhos, e fazellos
Sabios, e venturosos. Não he sua
A Authoridade: he a das leis; e deve
Obedecer-lhes para dar exemplo.
Fallando ingenuamente só se pôde

Cha-

Chamar seu defensor. He elle o homem
Menos livre , e tranquillo do seu Reino.
He hum escravo que á saude publica
A sua liberdade , e o seu repouso
Sacrifica. He verdade , lhe responde
Mentor : Hum Rei só o he para do povo
Cuidar como hum pastor do seu rebanho,
Ou hum pai de seus filhos. Mas , Telemaco,
Entendeis que he desgraça a tantas gentes
Fazer bem ? Elle emenda com castigos ;
Anima os bons com premios. Representa
Os Deoses , á virtude conduzindo
Todo o genero humano. E não tem gloria
Em dar vigor ás leis ? He gloria falsa
Alçar-se acima dellas. Desgraçado
Ha de ser o máo Rei , pois na vaidade ,
E nas paixões socego achar não pôde.
Mas se he bom , he feliz : pois gostar deve
O prazer puro , e sólido , á virtude
Consagrando o trabalho , e premio eterno
Esperando dos Numes. Agitado
Telemaco de interna aguda magoa ,
Parecia não ter comprehendido
Estas maximas ; posto que gravadas
As tinha ; e muitas vezes as dictara
Aos outros. Negro humor lhe suggeria
Contra os seus verdadeiros sentimentos
Contraditorio espirito. Dos homens

Oppunha a ingratiçãõ. Tomar trabalho
 Para fazer amar-nos de quem nunca
 Talvez nos amará, e beneficios
 Fazer a quem os volta em nosso damno.
 Mentor lhe respondeo placidamente :
 Co' a ingratiçãõ dos homens inda mesmo
 Quando se lhes faz bem, contar devemos ;
 Menos por amor delles que dos Numes ,
 Que afluem o ordenaõ. Devem ser servidos.
 O bem , que se lhes faz , nunca se perde.
 Delle se lembraõ em lugar dos homens
 Os Deoses. Além disto se he ingrata
 A multidaõ , ha sempre virtuosos ,
 A quem vossa virtude abalar pôde.
 A mesma multidaõ varia , e mudavel
 Naõ deixa de fazer á verdadeira
 Virtude cedo , ou tarde certa especie
 De justiça. Quereis em fim dos homens
 Prohibir a ingratiçãõ ? Para fazellos
 Poderosos , felizes , e temidos
 Naõ trabalheis sómente. Esta abundancia ,
 Esta gloria , e delicias os corrompem.
 Serãõ, sendo peiores , mais ingratos.
 Hum funesto presente isso seria.
 Applicai-vos a erguer os decahidos
 Coitumes , a inspirar-lhes serem justos ,
 Fieis , humanos , dóceis , e sinceros ,
 E tementes aos Numes. Desta sorte

Tor-

'Fornados bons não haõ de ser ingratos.
 O verdadeiro bem , que he a virtude ,
 Lhes dais ; e se esta he sólida , ha de unillos
 Sempre a que lha inspirou. Os verdadeiros
 Bens quando assim lhe dais , para vós mesmo
 Fazeis bem. Nem devemos admirar-nos
 Se os homéms são ingratos para os Principes ,
 Que só lhes inspiraraõ injustiças ,
 A ambição sem limites , a inveja
 Para c'os seus vizinhos , a crueldade ,
 A altivez , a má fé. Nem delles deve
 Mais esperar o Principe , que aquillo
 Que lhes dictara. Se porém lidasse
 Para tornallos bons c'o seu exemplo ,
 E com o seu poder , recolheria
 Do seu trabalho os frutos na virtude
 Delles ; ou pelo menos na amizade
 Dos Deoses acharia o lenitivo
 De todos os descontentos. Acabado
 O discurso , Telemaco aos Feaces ,
 Cujó navio na arenosa praia
 Ancorado se achava , se dirige
 Apressado. A hum Velho , donde vinhaõ ,
 Pergunta , e para onde navegavaõ ;
 E se tinhaõ acaso visto a Ulysses.
 O Velho lhe responde : Nós da Ilha
 Dos Feaces viemos : Para o Epiro
 Navegamos por causa do negocio.

Esseve Ulysses sim na nossa patria ;
 Mas já della partio. Quem he , lhe disse
 Telemaco , aquelle homem pensativo ,
 Que procura os lugares solitarios ,
 Em quanto espera que o navio parta ?
 He , lhe tornou o Velho , hum estrangeiro
 Incognito : mas dizem que se chama
 Cleómenes, e tem por patria a (11) Frygia.
 A sua mãe o Oraculo predisse ,
 Que elle seria Rei , se não ficasse
 Na patria , e se ficasse , cruel peste
 Opprimiria os Frygios. Foi apenas (ros
 Nascido, quando entregue a huns marinhei-
 Por seus pais foi a (12) Lesbos conduzido.
 Alli foi educado occultamente
 Dos seus á custa ; pois no seu retiro
 Interessavaõ tanto. Bem depressa
 Cresceo ; fez-se robusto , e agradável ;
 E do corpo nas forças muito destro.
 Applicou-se com gosto , e genio ás artes ,
 E sciencias. Porém nenhuma terra
 Pode soffrillo. A prediçaõ se soube.
 Era logo aonde hia , conhecido.
 Todos os Reis temiaõ lhes roubasse

O

(11) Frygia Provincia da Asia menor.

(12) Lesbos, hoje Mitileos, he numa Ilha do Archipelago duas legoas distante da Costa de Natolia entre Smirna, e o Estreito de Gallipoli.

O Sceptro. Assim errante desde a infancia
 Não pode achar guarida em parte alguma.
 Tem chegado a paizes mui remotos
 Do seu. Porém mal chega a huma Cidade,
 Logo o seu nascimento se descobre,
 E a sua prediçaõ. Por mais que busque
 Meios de se occultar, e escura vida
 Escolha, a seu pezar dizem que brilha
 Seu genio para as letras, para a guerra,
 E para os mais negocios de hum Estado:
 Sempre se offerece açcaõ não esperada,
 Que o empenha, e descobre os seus talentos.
 Os seus meritos são sua desgraça.
 He seu destino ser em toda a parte
 Amado, mas de todos os paizes
 Repellido. Já contra meia idade,
 E inda não pôde achar alguma Costa
 Da Asia, ou da Grecia, aonde com socego
 O deixassem viver. Elle não mostra
 Ambição, nem querer buscar fortuna.
 Se não lhe houvesse o sceptro prometido
 O Oraculo, seria venturoso.
 Não tem esperanças de tornar á patria,
 Pois lagrimas, e luctos levaria
 A todas as familias. Não deixa
 O Imperio, pelo qual padece tanto.
 Porém a seu pezar corre após elle,
 Que parece fugir-lhe, e escarnucello

Té

Té á velhice. Triste donativo
Dos Deoses, q̃ perturba os seus mais bellos
Dias, e lhe procura acerbas penas
N'humã idade, em que o homem exaustido
De forças só precisa de descanso.
Diz que á Thracia caminha, procurando
Algun povo sem lei, a quem congregue,
E governe algum tempo. Depois disto
Completo o vaticinio, temor d'elle.
Mais não teráó nos Reinos florecentes.
Tem entãó destinado retirar-se
A huma Villa de Cária onde se applique
A' cultura das terras, que elle préza
Com paixãó. He prudente, e moderado.
Teme os Deoses; conhece bem os homens;
E sem os estimar, viver com elles
Sabe em paz. Isto dizem deste Ignoto
Estrangeiro. Telemaco entretanto
No mar, que a agitar-se começava,
Fixava a vista. Erguia o vento as ondas,
Que se vinhaó quebrar sobre os rochedos
Bráqucando-os com a espuma. Neste tempo,
Affim lhe disse o Velho, partir devo.
Meus companheiros esperar não podem.
Dizendo estas palavras, corre á praia,
E se embarca. Na praia se escutava
Não mais do que a confusa vozeria,
Que arrancava o ardor dos marinheiros.

O Ignoto, a quem Telemaco fallara,
 Vagado havia na Ilha, dos rochedos
 Subindo aos cumes, e dalli medindo
 Com profunda tristeza o immenso espaço
 Dos mares. Não cessava de observallo
 Telemaco, e sentia commover-se
 Seu coração por este desgraçado,
 Que destinado para coisas grandes
 Era triste ludibrio da fortuna
 Longe da sua patria. Então consigo
 Dizia: Ao menos eu a ver a patria
 Tornarei, mas a este he prohibido
 Tornar a ver a Frygia. Mitigava
 A pena de Telemaco este exemplo.
 De desgraças maiores do que as suas.
 Vendo em fim o Ignoto o seu navio
 Prompto a partir, desceo das escarpadas
 Serras com tanta pressa, e ligeireza,
 Qual nos bosques da Lycia para os cervos,
 E javalis varar co' as suas frechas,
 Dados aos ventos os cabellos louros,
 Corre Apollo a través dos precipicios.
 Já entra no navio, que surcando
 O falso mar, deixa apòs si a terra.
 Interno sentimento abala o peito
 De Telemaco então. Lagrimas ternas,
 Sem saber a razão, vertem seus olhos;
 E nada lhe he mais doce que este pranto.

Ob-

Observa ao mesmo tempo os Salentinos
 Marinheiros deitados sobre a grama
 Altamente dormindo descansados.
 Tinha-se insinuado nos seus membros
 Brando somno, e da noite em pleno dia
 Humidas dormideiras espargira
 Minerva nos seus olhos. Admirado
 Telemaco os olhava; mas com tudo
 Se demorou a ver por entre as ondas
 Ir desaparecendo dos Feaces
 O navio, do qual só alvejarem
 Vê nas vagas azuis as solras vélas.
 Interna commoção lhe tinha os olhos
 Fixos sobre o navio, nem as vozes
 Attende de Mentor; mas se transporta,
 Quaes (13) Menades co'a mão no verde thir-
 Retipir fazem com horrendos huivos (so
 As ribeiras do (14) Ebro, ou as montanhas
 Do (15) Rhodope, ou do Ismaro. Finalméte
 Desta especie de encanto a si tornando,
 Lhe cahe de novo o pranto de seus olhos.
 Então Mentor lhe diz: Caro Telemaco,
 De

(13) As Menades, ou Bacchantes eraõ Sacerdotizas de Baccho.

(14) O Ebro he hum rio da Thracia chamado hoje Mariza.

(15) O Rhodope, e Ismaro saõ tambem dois montes da Thracia.

De assim chorardes não me affombro. A cau-
Vós a ignorais ; porém Mentor a sabe. (já
Em vós está fallando a natureza.

Ella he quem enternece o vosso peito.

O Incognito por quem moçoão tão viva

Sentis, he o grande Ulysses. Quanto o velho

Feace vos contou, he ficção pura ,

Para o fim de encubrir a sua vinda

A Itaca, onde vai. Está ao porto

Já visinho. Já torna a ver os sitios

Por elle tanto tempo desejados.

Sem conhecello o virão vossos olhos ,

Como vos disse o Oraculo : mas cedo

O tornareis a ver , e conhecidos

Hum do outro fereis ; pois fóra de Itaca

Não podião os Numes permittillo.

Não foi menos que o vosso commovido

Seu coração. Mas n'hum lugar exposto

A's traições , e aos insultos , não devia

Descubrir-se. He dos homens o mais sabio

Ulysses vosso Pai. He hum profundo

Poço o seu coração , donde o segredo

Não se póde esgotar. Ama a verdade ,

Mas só quando he preciso , a manifesta.

O sello da prudencia tem cerrados

Seus labios a palavras escusadas.

Quanto o enterneceo a vossa vista !

E quanto lhe cuitou não descobrir-se !

Isto

Isto o tornava triste , e abatido.
 Telemaco inquieto , e perturbado ,
 Reprezar não podia de seu pranto
 A corrente , e os soliaços lhe embargarão
 Por muito tempo o responder. Exclama
 Em fim : Caro Mentor , eu percebia
 Naquelle Ignoto hum não sei quê , q̃ todo
 Meu interior movia a seu respeito.
 Mas porque me encubristes que era Ulysses
 Antes de elle partir ? Porque o deixastes
 Partir sem lhe fallar ? Cruel mysterio !
 E deverei ser sempre desgraçado ?
 Querem trazer-me os Deoses inquieto ,
 Qual sequisoso Tantaló , a quem foga
 D'entre os ávidos beijos a enganosa
 Lympha ! Ulysses , Ulysses para sempre
 Me fugistes. Talvez nas emboscadas
 Cahireis , que os amantes de Penelope
 Me amavaõ. Se o seguisse , morreria
 Com elle ao menos. Se cruel tormenta ,
 (Pois tudo da Fortuna temer devo)
 Vos não lançar contra escabrosas rochas ,
 Quanto receio que chegueis a Itaca
 Com sorte tão fatal , como a Myccnas (tes
 (16) Agamemnon ! Mentor vós me invejai-
 Minha ventura. Agora o abraçaria.

Esta-

(16) Agamemnon Rei de Myccnas voltando da guerra de Troia carregado de despojos foi mor-

Estaria com elle já no porto
 De Itaca, e contra os nossos inimigos
 Ambos combateríamos. Responde
 Sorrindo-se Mentor: Vede, ó querido
 Telemaco, de que arte são os homens.
 Estais inconsolavel porque a Ulysses
 Vistes sem conhece-lo; e quanto ha pouco
 Dáeis pela certeza de ser vivo!
 Esta certeza, que devia encher-vos
 De alegria, vos deixa em amargura.
 O coração enfermo dos humanos
 Tem em nada o que dantes desejava,
 Huma vez que o possui; e he engenhoso
 Em se affligir pelo que não possui.
 Para exercer o vosso soffrimento
 Vos tem assim suspenso os altos Numes.
 Este tempo julgais como perdido;
 E elle he da vossa vida o mais proficuo,
 Porque vos exercita na virtude,
 Que mais convém ao Rei. He necessario
 Ser soffredor, para poder dos outros,
 E de si ser senhor. A impaciencia,
 Que parece huma força, e vigor d'alma,
 Não he senão fraqueza, e huma falta
 De força, para as penas em silencio

Sof-

to em sua casa por Egisto ajudado de Clytemnestra
 sua mulher, que lhe offendera a honra na sua au-
 sencia.

Soffrer. O homem , que esperar não pôde,
He como aquelle , que guardar não sabe
O silencio. A constancia falta em ambos ,
Como o que corre em rápida carroça ,
E não tem mão tão forte que segure ,
Quando convém , os fêrvidos giuetes ,
Que não obedecendo ao duro freio
Se precipitaõ , e consigo arrastaõ
O homem debil , e na horrivel queda
O despedaçãõ. Tal o impaciente
Por desejos ferozes , e indomaveis,
He arrojado n'hum profundo abyímo
De desgraças ; e quanto mais he grande
Sen poder , tanto a sua impaciencia
Lhe vem a ser fanetta. Nada espera.
De fondar não tem tempo coisa alguma.
Para se contentar tudo atropella.
Para apanhar não fazonados frutos
Os troncos quebra. Despedaça as portas
Só por não esperar que se lhe abraõ.
Quer ceifar na estaçaõ , em que semeia
O lavrador sifudo. Quanto á pressa
Faz , e fóra de tempo , sabe mal feito ,
Nem pôde durar mais que os seus voluveis
Desejos. Estes são os insensatos
Projectos de quem crê que pôde tudo ,
E que do seu poder fazendo abuso ,
Se entrega a seus desejos insoltridos.

Que-

Quere[m] de vós os Deoses a paciencia,
 E em vossa vida errante sempre aos olhos
 Vos mostraõ bens, que fogem como o leve
 Sonho, que ao despertar se desvanece,
 Para vos ensinar, que as mesmas coisas,
 Que julgamos seguras, n'hum instante
 Nos escapaõ. De Ulysses as mais sábias
 Lições naõ vos darãõ tanto proveito,
 Quanto sua longa ausencia, e as crueis penas
 Que tendes padecido em busca sua.
 Quiz dar depois Mentor á paciencia
 De Telemaco a ultima, e mais forte
 Prova. Quando acordar os marinheiros
 Hia para apressar sua partida,
 Entãõ Mentor o atalha, e a que na praia
 Faça a Minerva hum grande sacrificio
 O empenha. Dois altares se levantaõ
 De fresca relva; fuma o incenso, e mana
 Das victimas o sangue. Ao Ceo arroja
 O moço Grego ais ternos. Reconhece
 A poderosa protecção da Deosa.
 Depois do sacrificio a Mentor segue
 Pelas veredas de sombria mata.
 De improvisõ percebe converter-se
 O semblante do amigo em nova forma.
 As rugas se lhe alizaõ, assim como
 Se desfazem as sombras, quando a Aurora
 C'os

C'os seus purpureos dedos do Oriente
 Abre as portas , e doura o horizonte.
 Os seus austeros , encovados olhos
 Tomaõ azul celeste , onde se accende
 Huma divina chamma. A sua barba
 Ruça , e desalinhada se lhe teme.
 Feições nobres , e altivas misturadas
 De suavidade , e graças se descobrem
 Aos olhos de Telemaco assombrado.
 Elle divisa feminino rosto
 Com huma tez mais liza do que a terra
 Flor ao romper do Sol de novo aberta.
 Co' as alvas affucenas se misturaõ
 Purpureas rosas. Mocidade eterna
 Florece no seu rosto magestoso.
 Ambrosia odorifera se espalha
 Nos encadeados cabellos. Os vestidos
 Rutilaõ com as cores com que pinta
 Quando nasce as abobadas fombrias
 Do Ceo o claro Sol , e as nuvens doura.
 Não toca com os pés a terra dura.
 Abalança-se ao ar , qual veloz ave
 Que o fende com as azas. Huma lança
 Brilhante tem nas mãos , que fazer pôde
 As Cidades tremer , e as mais guerreiras
 Nações. O mesmo Marte assoberbara.
 A sua voz he branda , e moderada ,

Mas

Mas forte, insinuante. As suas vozes
 Saõ quacs dardos de fogo, que penetraõ
 De Telemaco o peito, e que lhe fazem
 Sentir naõ sei que dor deliciosa.
 Sobre o elmo apparece (17) o triste pássaro
 De Athenas. No seu peito brilha a Egide.
 Com taes signaes Telemaco conhece
 A Minerva; e lhe diz: O' grande Deosa!
 Vós vos dignastes dirigir o filho
 De Ulysses por amor do Pai. Queria
 Dizer mais: mas pegada na garganta
 Lhe fica a voz. Debalde forcejavaõ
 Os labios exprimir os pensamentos,
 Que, qual grossa corrente, lhe sahiaõ
 Do fundo de seu peito. A divindade
 Presente o opprimia, como hum homem
 Pelo sonho abafado, que naõ póde
 Respirar, e naõ forma voz alguma
 Pela cruel agitaçaõ dos labios.
 Minerva em fim profere estas palavras:
 Pela ultima vez, filho de Ulysses,
 Ouvi-me. A algum mortal com o desvicio
 Que a vós, nunca instrui. Eu conduzi-vos
 Pela maõ por naufragios espantosos,

Tom. II. X In-

(17) O pássaro de Athenas he o Mocho, consagrado a Minerva.

Incognitos paizes , sanguinolâs
Guerras , e quantos grandes infortunios
O humano coração apurar podem.
Mostrei-vos com sensiveis experiencias
As verdadeiras , e as erradas maximas
De reinar. Vossos erros menos uteis
Vos não foram que as vossas desventuras.
Pois quem sabe reinar sem ter soffrido ?
De tristes infortunios , como Ulysses ,
O mar , e a terra enchestes. Estais apto
Para já lhe seguirdes os seus passos.
Curta , e facil passagem só vos resta
Daqui a Itaca , onde agora chega.
Por elle combatei. Obedecei-lhe ,
Como o mais inferior de seus vassallos.
Servi de exemplo aos outros. Para esposa
Vos ha de dar Antiope. Com ella
Sereis feliz ; porque buscastes menos
A graça , e formosura que a virtude.
Quando reinardes , ponde a vossa gloria
Em fazer renovar a idade de ouro.
Ouvi a todos ; confiai em poucos ;
Nem muito confieis inda em vós mesmo.
Enganar-vos temei , mas não aos outros
Dar a saber que fostes enganado.
O povo amai. Fazei que elle vos ame.
Quando falta o amor , he necessario

O temor. Porém delle ufai invito.
Considerai de longe as conſeſquencias.
E ſabei que confiſte o verdadeiro
Valor em deſcubrir os riſcos todos,
E deſprezallos, ſendo inevitaveis.
O que vê todos, e os que pôde evita
Sem abalar-ſe, os outros affrontando,
O magnanimo, e ſabio eſſe he ſómente.
Da profuſão, do faſto, e dos deleites
Fugi. Amai a bella ſingeleza.
Sejaõ voſſas virtudes, e acções boas
Os ornatos do corpo, e a Real Guarda
Que vos ſiga, e defenda. E todo o mundo
De vós a honra verdadeira aprenda.
Que os Reis não reinaõ para gloria propria
Mas para bem ſómente dos ſeus povos,
Vos lembre. Os bens que fazem, ſe dilataõ
Aos mais remotos ſeculos; e os males
De geraçãõ em geraçãõ ſe augmentaõ.
Hum reinado ruim faz a ruina
De ſeculos. Guardai-vos contra o voſſo
Meſmo genio; pois he hum inimigo,
Que anda ſempre com voſco até á morte.
Entrará nos mais intimos conſelhos,
E vos fará traizãõ, ſe acaſo o ouvirdes.

O genio faz perder as importantes
Occasiões. Motiva de meninos
Vãos appetites , e aversões contrarias
Aos grandes interesses. Faz os grandes
Negocios decidir com razões fracas.
Escurece os talentos. Desanima.
Faz o homem desigual , vil , inflexivel.
Tende temor dos Numes , ó Telemaco ,
Que he o thesouro maior do peito humano.
Vem com elle a prudencia , paz , justiça ,
Alegria , prazeres verdadeiros ,
Liberdade , abundancia , e gloria pura.
Telemaco , eu vos deixo ; porém nunca
Ha de a sabedoria abandonar-vos ;
Com tanto que entendais que vós sem ella
Nada podeis. De que andeis só he tempo.
Separei-me de vós assim no Egypto ,
Como em Salento , a fim de costumar-vos
A passardes sem mim , como se usa
C'os meninos , quem se tira o leite ,
Para lhes dar mais sólido alimento.
Apenas acabou este discurso ,
A Deosa sóbe aos ares , e se cobre
De huma nuvem azul bordada de ouro ;
Na qual desaparece. Suspirando
Aborto , e fóra de si mesmo , em terra
Telemaco se prostra , as mãos erguendo

Ao Ceo. Foi despertar os companheiros.
Deu-se pressa a partir : e finalmente
A Itaca chegando , reconhece
Seu Pai em casa do fiel (18) Eumenes.

(18) Eumenes era o maioral dos gados de Ulysses , que governava os mais pastores , em cuja casa foi pousar Ulysses , quando chegou a Itaca.

F I M D O I I . T O M O .

